

Giacomo Patrocínio Figueredo

**Introdução ao perfil metafuncional do português
brasileiro: contribuições para os estudos multilíngues**

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais

2011

Giacomo Patrocínio Figueredo

Introdução ao perfil metafuncional do português brasileiro: contribuições para os estudos multilíngues

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguística Aplicada

Linha de Pesquisa H – Estudos da Tradução

Orientadora: Professora Doutora Adriana
Silvina Pagano

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais

2011

AGRADECIMENTOS

Esta tese é o esforço coletivo de pesquisa e estudo de inúmeros pesquisadores, professores, colegas de trabalho e amigos tantos que não serei capaz de me referir a todos com a devida dedicação. Portanto, vou restringir meus mais sinceros agradecimentos àqueles que mais diretamente contribuíram para que este trabalho pudesse ser construído.

Em primeiro lugar, agradeço imensamente à professora Adriana Pagano, pela orientação, pela parceria de tantos anos e coautoria neste trabalho. Sem o seu suporte para meu amadurecimento acadêmico e o respeito pelo meu livre pensar, a caminhada certamente teria sido infinitamente mais árdua.

Agradeço aos colegas do LETRA, pela cooperação que permitiu a este trabalho ganhar corpo; em especial ao Leo, companheiro de estudo e viagem, e à Kícila, pelo ótimo diálogo na pesquisa.

Muito obrigado à CAPES, pelo apoio financeiro a esta pesquisa e ao CNPq, pelo apoio financeiro durante o estágio no exterior.

Muito agradeço aos professores Kazuhiro Teruya e Christian Matthiessen pela orientação do estágio no exterior.

Agradeço aos professores e colegas da University of New South Wales e da PolyU, pelo acolhimento e auxílio fundamental na pesquisa.

Aos professores Célia Magalhães, Fabio Alves e Beatriz Decat, por terem contribuído para o amadurecimento das ideias apresentadas nesta pesquisa.

Aos professores Pedro Henrique Praxedes Filho, Maria Lúcia Vasconcellos, Leila Barbara e Paulo Henrique Caetano, pela leitura criteriosa e contribuições para o aperfeiçoamento deste trabalho.

Um obrigado especial é dedicado aos amigos David e Patrícia, por pacientemente dividirem o tempo do lazer com a pesquisa e por contribuírem com uma escuta atenta.

E agradeço, principalmente e de modo especial, à minha querida Cristina, por abraçar este projeto com dedicação, paciência e companheirismo.

Think grammatically.

M.A.K. Halliday

RESUMO

Tendo como objeto de estudo a língua e a produção linguística, esta tese se localiza na interface entre os estudos descritivos da tradução orientados para o produto (cf. Toury, 1995) e a descrição linguística de base sistêmico-funcional (cf. Halliday, 2002). Mais especificamente, esta tese se afilia aos estudos da tradução de base linguística e à descrição sistêmico-funcional, fazendo, assim, parte das abordagens sistêmicas da tradução. Buscando soluções para algumas necessidades apontadas pelos estudos sistêmico-funcionais aplicados ao português brasileiro como um todo e, em específico, pelas abordagens sistêmicas da tradução (cf. Pagano e Vasconcellos, 2005), esta tese tem por objetivo contribuir oferecendo uma descrição sistêmico-funcional do português brasileiro, de orientação tipológica, de forma que possa se constituir como recurso para a análise deste sistema linguístico, em especial no ambiente multilíngue.

Neste sentido, a motivação principal desta tese foi evidenciar, a partir da constituição comum destes dois campos do saber, formas de como a pesquisa em tradução pode fornecer subsídios para a descrição linguística, assim como a descrição linguística pode contribuir para a análise da tradução. Por conseguinte, esta tese promoveu a identificação e propôs uma descrição sistêmico-funcional dos sistemas de TEMA, MODO e TRANSITIVIDADE (limitando-se às orações mentais) do português brasileiro.

Para conduzir a descrição do perfil metafuncional do português brasileiro, foi compilado um *córpus* com base na tipologia da língua no contexto de cultura (cf. Matthiessen *et al.*, 2008), com um total de um milhão de palavras, distribuídas em oito subcópulas relativos a cada um dos processos sócio-semióticos envolvidos no contexto de cultura. Em seguida, os elementos na ordem da oração foram anotados segundo as suas funções. Embora articuladas,

por se tratarem de três descrições distintas (TEMA, MODO e TRANSITIVIDADE), foram necessários passos específicos para cada uma das descrições.

O **TEMA** foi abordado de duas maneiras complementares (cf.: Martin, 1992, p. 434): (i) a partir da constituição oracional; e (ii) a partir do discurso. O objetivo principal foi interpretá-lo: 1) “de cima”, a partir do conceito semântico de ‘texto’, nos padrões de tessitura estrutural em relação ao registro, e “de baixo”, a partir dos grupos que operam como Tema na ordem da oração, bem como sua relação com o sistema de INFORMAÇÃO. 2) Sob uma perspectiva “ao redor”, mostrar o Tema como função habilitadora (*enabling function*) para os significados experienciais e interpessoais, “simbolizando-os” como mensagem. 3) Voltando a partir do estrato semântico, novamente “de cima”, apresentar uma interpretação relacionada à organização temática e ao método de desenvolvimento.

O **MODO** foi primeiramente abordado “de cima”, entendendo como este realiza as FUNÇÕES DISCURSIVAS. O Modo Indicativo realiza as declarações e as perguntas, ao passo que o Modo Imperativo realiza os comandos. Abordando-se “ao redor”, foi possível entender que o elemento chave para as escolhas do MODO em português brasileiro – e por conseguinte para a troca de significados – é o Negociador. Na abordagem “de baixo”, os elementos da ordem do grupo, além das estruturas, que realizam o Negociador em português brasileiro foram identificados. Por fim, voltando ao discurso, as funções interpessoais foram analisadas à luz desta descrição em termos da interação, mostrando como a troca é realizada no contexto brasileiro.

O **TIPO DE PROCESSO: MENTAL** foi interpretado a partir da gramática mental, que realiza a oração como as figuras de sentir. Semanticamente, as figuras de sentir constroem a experiência como processamento consciente (cf. Halliday & Matthiessen, 1999). As figuras de sentir são realizadas gramaticalmente pelas orações mentais e, em português brasileiro, o principal sistema experiencial na ordem da oração é o TIPO DE PROCESSO: MENTAL. As

funções transitivas que tomam parte nas orações mentais: Experienciador, Processo Mental e Fenômeno (incluindo Hiperfenômeno) foram examinadas “de cima”, revelando os significados semânticos que são realizados por estas funções. Abordando “de baixo”, cada uma destas funções foi caracterizada em relação aos elementos que operam na ordem da oração como estas funções. Em seguida, foi necessário dar um passo na delicadeza, focando nas orações mentais “ao redor”, identificando os padrões distintos entre os subtipos de orações mentais – cognitiva, desiderativa, emotiva e perceptiva.

A partir desta descrição, foi possível, segundo o objetivo da tese, contribuir na relação entre os estudos da tradução e os estudos linguísticos de base sistêmico-funcional, tanto para o contraste tipológico, do ponto de vista da linguística, quanto das análises de tradução, do ponto de vista das abordagens sistêmicas. Como resultado mais importante, o fato de a descrição desta tese ter orientação tipológica, permitiu compreender a produção linguística dentro do ambiente multilíngue, tornando tanto os estudos descritivos quanto os estudos da tradução formas complementares do estudo do contato entre línguas.

Palavras-chave: descrição sistêmico-funcional do português brasileiro, abordagens sistêmicas da tradução, estudos multilíngues.

ABSTRACT

This thesis explores language and language production from two complementary viewpoints: product-oriented translation studies (Toury, 1995) and systemic-functional theory (Matthiessen & Halliday, 2009). As a general aim, this thesis offers resources for systemic-functional research involving Brazilian Portuguese, in particular systemic approaches to translation (Pagano & Vasconcellos, 2005). More specifically, this thesis aims at presenting a systemic-functional description of Brazilian Portuguese grammar in a typological perspective (including the systems of THEME, MOOD and a partial description of TRANSITIVITY) as a means to contribute for analyses involving Brazilian Portuguese, especially in multilingual environments.

Based on the typology of language in the context of culture (cf. Matthiessen *et al.*, 2008) which groups text types in eight socio-semiotic processes, a 1-million-word corpus was collected (125,000 words per process). Elements at clause rank were annotated according to their textual, interpersonal or experiential function. Although the descriptions of THEME, MOOD and TRANSITIVITY are related by the same theoretical guiding principles, specific steps for each individual description were taken.

THEME was explored from two complementary perspectives (Martin, 1992), (i) from clause and (ii) from discourse. This complementarity enabled the description to interpret THEME: “from above”, based on the semantic concept of ‘text’, as a function of structural texture in relation to register; “from roundabout”, describing Theme as an enabling function for experiential and interpersonal meanings, “symbolizing” them as message; “from below”, understanding group elements operating as Theme at clause rank, as well as its relations to the system of INFORMATION.

MOOD was firstly approached “from above” as a means to understand how it realizes SPEECH FUNCTIONS. In Brazilian Portuguese, Indicative Mood realizes statements and questions, and Imperative Mood realizes commands. “From roundabout”, Negotiator – the crucial element for realizing different MOOD choices, thus for negotiation – was described. “From below” group rank elements and structural configurations realizing the Negotiator were identified. After the trinocular understanding of MOOD, it was possible to move back to discourse and explore interpersonal functions in relation to exchange in Brazilian contexts.

PROCESS TYPE: MENTAL was interpreted as the realization of figures of sensing. Semantically, figures of sensing construe our experience of conscious processing (Halliday & Matthiessen, 1999), which, in turn, are realized by mental clauses within grammar. Experiential functions in mental clauses (Senser, Mental Process and [hyper]Phenomenon) were analyzed and described “from above”, as the realization of mental change; and “from below”, characterizing them in terms of their realization at lower ranks. A further step in delicacy was taken to analyze mental clauses “from roundabout” and distinct patterns of subtypes (both in terms of their construal of mental figures and their realization by lower ranks) were identified and described.

Based on this description, guided by typological principles, it was possible to move on to a more specific aim of this thesis – shed light on the complementarity between product-oriented translation studies and systemic-functional theory. This enabled the view of language (Brazilian Portuguese) production within multilingual environments, placing both descriptive and translation analyses as complementarities in the study of language contact.

Key-words: systemic-functional description of Brazilian Portuguese; systemic approaches to translation; multilingual studies.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

INTRODUÇÃO

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| FIGURA 1 – Relações entre a língua e a teoria..... | 27 |
| FIGURA 2 – Localização desta tese nos estudos da tradução segundo o mapa de Holmes... | 29 |
| FIGURA 3 – Localização da descrição da tese na matriz de função-ordem do português brasileiro..... | 30 |

CAPÍTULO 1

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------|----|
| FIGURA 1.1 – Estratificação..... | 36 |
| FIGURA 1.2 – Áreas de Estudo da Linguagem: Interorganismo e Intra-organismo..... | 39 |
| FIGURA 1.3 – A linguagem como Elemento Essencial da Personalidade..... | 40 |
| FIGURA 1.4 – Relações entre Conhecimento, Linguagem e Experiência..... | 41 |
| FIGURA 1.5 – Círculo Virtuoso entre Teoria, Descrição e Aplicação..... | 45 |
| FIGURA 1.6 – Estudos da Tradução e Estudos Contrastivos..... | 54 |
| FIGURA 1.7 – O Processo de Tradução..... | 56 |
| FIGURA 1.8 – Contínuo da Instanciação e os Campos de Estudo..... | 62 |

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------|----|
| QUADRO 1.1 – Paradigmas da Teoria Sistêmico-funcional de Produção da Linguagem..... | 35 |
|-------------------------------------------------------------------------------------|----|

CAPÍTULO 2

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| FIGURA 2.1 – O ciclo hidrológico, exemplo de sistemas físicos..... | 67 |
| FIGURA 2.2 – Um primeiro esboço para os sistemas físicos do ciclo hidrológico..... | 68 |
| FIGURA 2.3 – Exemplo de sistemas biológicos..... | 69 |
| FIGURA 2.4 – Exemplo de sistema social: divisão social do trabalho de caça da alcateia...69 | |
| FIGURA 2.5 – Exemplo de sistema semiótico: formas de coleta de alimentos do chimpanzé..... | 70 |
| FIGURA 2.6 – Ordens de sistemas..... | 71 |
| FIGURA 2.7 – Organização biestratal..... | 74 |
| FIGURA 2.8 – Estratificação do conteúdo..... | 75 |
| FIGURA 2.9 – Estratificação e realização..... | 76 |
| FIGURA 2.10 – Perspectiva trinocular sobre a gramática..... | 77 |
| FIGURA 2.11 – Dimensão metafuncional do sistema linguístico..... | 79 |
| FIGURA 2.12 – Dimensão instancial do sistema linguístico..... | 80 |
| FIGURA 2.13 – Sistema hipotético..... | 82 |
| FIGURA 2.14 – O sistema de QUANTIFICAÇÃO em português brasileiro..... | 83 |
| FIGURA 2.15 – Lugar da pesquisa na matriz de estratificação-instanciação..... | 89 |
| FIGURA 2.16 – Janela de buscas do <i>Concord</i> | 95 |
| FIGURA 2.17 – Lista de concordâncias produzida pela ferramenta <i>Concord</i> | 96 |
| FIGURA 2.18 – Anotação no UAMTools..... | 97 |
| FIGURA 2.19 – Extração de segmentos UAMSearchTools..... | 98 |
| FIGURA 2.20 – Extração quantitativa UAMStatisticsTools..... | 99 |
| FIGURA 2.21 – Análise metafuncional de segmentos textuais pelo SysFan..... | 100 |
| FIGURA 2.22 – Anotação e construção de redes de sistemas através do SysFan..... | 101 |
| FIGURA 2.23 – Redes de sistemas com o cálculo de probabilidade de seleções..... | 102 |

| | |
|------------------------------------------------------------------------------|----|
| QUADRO 2.1 – As dimensões da linguagem e seus princípios de organização..... | 74 |
|------------------------------------------------------------------------------|----|

| | |
|------------------------------------------------|----|
| QUADRO 2.2- Língua no contexto de cultura..... | 91 |
|------------------------------------------------|----|

| | |
|------------------------------------------|----|
| QUADRO 2.3 – Metodologia de análise..... | 94 |
|------------------------------------------|----|

CAPÍTULO 3

| | |
|------------------------------------------------------------------------------|-----|
| FIGURA 3.1 – Tema: Semiotização de recursos ideacionais e interpessoais..... | 105 |
| FIGURA 3.2 – Modelo descritivo do TEMA..... | 106 |
| FIGURA 3.3 – Tessitura no texto 3.1..... | 111 |
| FIGURA 3.4 – Organização temática e de informação no texto 3.2..... | 113 |
| FIGURA 3.5 – Ondas de informação no texto 3.1..... | 116 |
| FIGURA 3.6 – Proeminência temática e de informação no texto 3.3..... | 119 |
| FIGURA 3.7 – Tema diminuendo..... | 126 |
| FIGURA 3.8 – Pulso de informação..... | 127 |
| FIGURA 3.9 – Interseção entre TEMA e INFORMAÇÃO..... | 128 |
| FIGURA 3.10 – ORIENTAÇÃO MODAL em declarativas..... | 133 |
| FIGURA 3.11 – Responsabilidade modal e ponto de partida no texto 3.4..... | 134 |
| FIGURA 3.12 – ORIENTAÇÃO TRANSITIVA..... | 136 |
| FIGURA 3.13 – Elementos ideacionais disponíveis para a SELEÇÃO DE TEMA..... | 138 |
| FIGURA 3.14 – TEMA TEXTUAL..... | 140 |
| FIGURA 3.15 – TEMA INTERPESSOAL..... | 141 |
| FIGURA 3.16 – Sistemas básicos do Tema Ideacional..... | 143 |
| FIGURA 3.17 – Cosseleção entre ORIENTAÇÕES e SELEÇÃO TEMÁTICA..... | 144 |
| FIGURA 3.18 – TEMA DEFAULT..... | 146 |
| FIGURA 3.19 – TEMA ELEMENTAL..... | 150 |
| FIGURA 3.20 – TEMA ÂNGULO..... | 151 |
| FIGURA 3.21 – SELEÇÃO PROEMINENTE..... | 154 |
| FIGURA 3.22 – Contínuo de marcação..... | 160 |
| FIGURA 3.23 – Tema Intensivo..... | 164 |
| FIGURA 3.24 – O sistema de TEMA..... | 170 |
| | |
| QUADRO 3.1 -Metafunções e sua relação com o mundo..... | 104 |
| QUADRO 3.2 – Temas textual, interpessoal e ideacional..... | 122 |
| QUADRO 3.3 – Extensão do Tema..... | 124 |
| QUADRO 3.4 – Movimentos tônicos básicos em português brasileiro..... | 129 |
| QUADRO 3.5 – Confluência entre Tema e Foco da informação..... | 132 |
| QUADRO 3.6 – ORIENTAÇÃO MODAL..... | 132 |
| QUADRO 3.7 – Direcionalidade em português brasileiro..... | 135 |
| QUADRO 3.8 – Exemplos de Temas Textuais..... | 140 |
| QUADRO 3.9 – Exemplos de Temas Interpessoais..... | 141 |
| QUADRO 3.10 – Exemplos de Temas Default..... | 145 |
| QUADRO 3.11 – Exemplos de Temas Equativos..... | 147 |
| QUADRO 3.12 – Exemplos de Tema Elemental..... | 150 |
| QUADRO 3.13 – Exemplos de Tema Ângulo..... | 151 |
| QUADRO 3.14 – Fase discursiva e Tema no Texto 3.9..... | 153 |
| QUADRO 3.15 – Tema interpretado a partir do Tema no Texto 3.9..... | 153 |
| QUADRO 3.16 – Papel Transitivo Nuclear..... | 165 |
| QUADRO 3.17 – Tema: Extensão e Tema: Elaboração..... | 166 |
| QUADRO 3.18 – Agnação e Circunstâncias de Expansão..... | 166 |
| QUADRO 3.19 – Tema Assunto..... | 168 |
| QUADRO 3.20 – Tema Predicado..... | 169 |

CAPÍTULO 4

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| FIGURA 4.1 – Realização das FUNÇÕES DISCURSIVAS..... | 179 |
| FIGURA 4.2 – Pronome do caso reto como Sujeito..... | 182 |
| FIGURA 4.3 – Concordância entre Finito e Sujeito..... | 183 |
| FIGURA 4.4 – Falta de concordância morfológica entre Finito e Sujeito..... | 183 |
| FIGURA 4.5 – Sujeito Responsável e Não-responsável..... | 187 |
| FIGURA 4.6 – Sujeito Não-recuperável..... | 190 |
| FIGURA 4.7 – “Falante Polido”..... | 193 |
| FIGURA 4.8 – A rede do sistema de SUJEITABILIDADE..... | 194 |
| FIGURA 4.9 – Sujeito e Tema em relação à negociação..... | 199 |
| FIGURA 4.10 – Mudança de Participante na oração projetada..... | 200 |
| FIGURA 4.11 – Inserção de um segundo Evento no grupo verbal..... | 201 |
| FIGURA 4.12 – Organização do grupo nominal: “do centro para a periferia”..... | 202 |
| FIGURA 4.13 – Organização do grupo verbal: “da periferia para o centro”..... | 202 |
| FIGURA 4.14 – Finito e DÊIXIS..... | 204 |
| FIGURA 4.15 – A rede do sistema de DÊIXIS..... | 205 |
| FIGURA 4.16 – Pergunta-Finito..... | 206 |
| FIGURA 4.17 – O Finito (juntamente com o Sujeito) como argumento respondente das perguntas polares..... | 206 |
| FIGURA 4.18 – Resposta verbal ao comando..... | 210 |
| FIGURA 4.19 – Imperativo neutro..... | 211 |
| FIGURA 4.20 – Imperativo singularizado..... | 213 |
| FIGURA 4.21 – Imperativo negociado..... | 213 |
| FIGURA 4.22. MODO imperativo e o sistema de FORÇA..... | 215 |
| FIGURA 4.23. Rede do sistema de MODO IMPERATIVO..... | 216 |
| FIGURA 4.24 – Dispersão dos recursos interpessoais..... | 218 |
| FIGURA 4.25 – Continuidade e complementaridade dos sistemas interpessoais..... | 219 |
| FIGURA 4.26 – Contínuo MODO-AVALIAÇÃO MODAL..... | 220 |
| FIGURA 4.27 – Modo realizado por partículas..... | 224 |
| FIGURA 4.28 – O sistema de VALIDAÇÃO..... | 234 |
| FIGURA 4.29 – Rede geral do sistema de MODO..... | 240 |
| FIGURA 4.30 – O Negociador no diálogo (texto 4.11)..... | 244 |
| FIGURA 4.31 – O Negociador no diálogo (texto 4.12)..... | 246 |
| FIGURA 4.32 – O Negociador no diálogo (texto 4.13)..... | 249 |
| QUADRO 4.1- FUNÇÕES DISCURSIVAS iniciais..... | 175 |
| QUADRO 4.2 – Realização congruente das FUNÇÕES DISCURSIVAS (orações maiores)..... | 177 |
| QUADRO 4.3 – Exemplos de realizações típicas de argumentos respondentes às FUNÇÕES DISCURSIVAS..... | 178 |
| QUADRO 4.4 – Funções interpessoais da oração em algumas línguas..... | 180 |
| QUADRO 4.5 – Pronomes segundo o caso..... | 182 |
| QUADRO 4.6 – A identificação do Sujeito “de baixo”..... | 184 |
| QUADRO 4.7 – Estrutura do verbo finito..... | 203 |
| QUADRO 4.8 – Morfologia do modo verbal imperativo para os verbos regulares..... | 208 |
| QUADRO 4.9 – Partículas Modais..... | 222 |
| QUADRO 4.10 – Partículas Modais e Perguntas-Finito..... | 236 |

CAPÍTULO 5

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| FIGURA 5.1 – Localização dos processos mentais na dimensão da estratificação..... | 251 |
| FIGURA 5.2 – Realização das orações mentais no texto 5.1..... | 253 |
| FIGURA 5.3 – Tipos de Ente simples..... | 254 |
| FIGURA 5.4 – Realizações do desdobramento temporal..... | 260 |
| FIGURA 5.5 – Direcionalidades emanente e impingente..... | 266 |
| FIGURA 5.6 – O sistema de DIRECIONALIDADE..... | 269 |
| FIGURA 5.7 – Fenômeno: criado pela consciência e estímulo à consciência..... | 271 |
| FIGURA 5.8 – O sistema de FENOMENALIZAÇÃO..... | 277 |
| FIGURA 5.9 – Macrofenomenalização..... | 278 |
| FIGURA 5.10 – Processos Mentais Inferior e Superior..... | 288 |
| FIGURA 5.11 – Processos Mentais Inferior e Superior..... | 289 |
| FIGURA 5.12 – Sistemas da oração mental..... | 303 |
| | |
| QUADRO 5.1 – Características do Experienciador..... | 257 |
| QUADRO 5.2 – Processos Mentais do texto 5.3..... | 263 |
| QUADRO 5.3 – Processos Mentais do texto 5.4..... | 264 |
| QUADRO 5.4 – Bidirecionalidade: achar / parecer..... | 267 |
| QUADRO 5.5 – Bidirecionalidade: repudiar / enojar..... | 267 |
| QUADRO 5.6 – Bidirecionalidade: lembrar / ocorrer..... | 268 |
| QUADRO 5.7 – Bidirecionalidade: gostar / agradar..... | 268 |
| QUADRO 5.8 – Características do Processo..... | 269 |
| QUADRO 5.9 – Tipos de Fenômeno..... | 272 |
| QUADRO 5.10 – Processos Mentais e Assunto..... | 274 |
| QUADRO 5.11 – Orações mudadas de ordem realizando o Macrofenômeno..... | 279 |
| QUADRO 5.12 – Configurações intercambiáveis de Macrofenômeno..... | 281 |
| QUADRO 5.13 – Funções mentais na ordem da oração..... | 285 |
| QUADRO 5.14 – Exemplos de funções mentais na ordem da oração..... | 290 |
| QUADRO 5.15 – Processo Cognitivo e o desdobramento no ‘agora’..... | 291 |
| QUADRO 5.16 – Desdobramento temporal, localização temporal e subtipos de Processo Mental..... | 293 |
| QUADRO 5.17 – Exemplos de Processos Emotivos: emanente e impingente..... | 293 |
| QUADRO 5.18 – Exemplos contrastivos de Fenômeno criado e pré-existente..... | 294 |
| QUADRO 5.19 – Subtipos de Cognitivo e tipos de Fenômeno..... | 295 |
| QUADRO 5.20 – Natureza do Fenômeno e Subtipos de Processo Mental..... | 296 |
| QUADRO 5.21 – Hiperfenomenalização e Subtipos de Processo Mental..... | 296 |
| QUADRO 5.22 – Ideias projetadas – orações não-finitas e finitas..... | 299 |
| QUADRO 5.23 – Verbos que operam como Processo Mental..... | 301 |
| QUADRO 5.24 – Principais características dos subtipos de Processos Mentais..... | 302 |

CAPÍTULO 6

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| FIGURA 6.1 – Tema interpessoal..... | 306 |
| FIGURA 6.2 – Instanciação e eixo paradigmático..... | 325 |
| FIGURA 6.3 – Equivalência semântica, agnação gramatical e similaridade fonológica no texto ‘Porto Alegre’..... | 326 |
| FIGURA 6.4 – Instanciação, eixo paradigmático e estratificação (estrato gramatical)..... | 327 |
| FIGURA 6.5 – Tradução como produto, processo e teoria..... | 328 |
| FIGURA 6.6 – Contraste estático e equivalente para a gramática da dor em português e espanhol..... | 335 |

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| FIGURA 6.7 – Todos os estratos instanciam..... | 337 |
| FIGURA 6.8 – Contínuo de instanciação gramatical (interpessoal: imperativo)..... | 338 |
| FIGURA 6.9 – Instanciação, realização, eixo e metafunção..... | 339 |
| FIGURA 6.10 – Instanciação de ‘dissolva’ [a maisena no leite]..... | 340 |
| FIGURA 6.11 – O contínuo de individuação..... | 342 |
| FIGURA 6.12 – Realização, instanciação e individuação como dimensões complementares..... | 343 |
| FIGURA 6.13 – Hierarquias complementares..... | 344 |
| FIGURA 6.14 – Contínuo do ambiente multilíngue..... | 346 |
| FIGURA 6.15 – Recurso da gramática interpessoal do português brasileiro empregado em um texto pautado pela instanciação em inglês..... | 348 |
| FIGURA 6.16 – Estudo da tradução unidimensional..... | 351 |
| FIGURA 6.17 – A tradução como relação entre texto original e texto traduzido..... | 353 |
| FIGURA 6.18 – A tradução a partir da complementaridade multidimensional..... | 354 |
| FIGURA 6.19 – Desenvolvimento do discurso no texto 6.2..... | 362 |
| FIGURA 6.20 – Desenvolvimento do discurso no texto 6.3..... | 367 |
| | |
| QUADRO 6.1 – Alguns aspectos materiais e relacionais na teorização sistêmico funcional de tradução..... | 317 |
| QUADRO 6.2 – A tradução como fenômeno e conceito em Catford e Ivir..... | 329 |
| QUADRO 6.3 – Análise de <i>O mundo se despedaça</i> | 358 |
| QUADRO 6.4 – Análise de <i>Things fall apart</i> | 362 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| TABELA 3.1 – Tema em relação ao MODO e à TRANSITIVIDADE..... | 142 |
| TABELA 3.2 – Marcação temática e Instanciação..... | 159 |
| TABELA 6.1 – Ocorrências do lema ‘dor’ em português..... | 333 |
| TABELA 6.2 – ‘Dor’ como participante pleno na estrutura de transitividade em português..... | 333 |
| TABELA 6.3 – Ocorrências do lema ‘dolor’ em espanhol..... | 334 |
| TABELA 6.4 – ‘Dolor’ como processo em espanhol..... | 334 |

LISTA DE TERMOS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Os termos sistêmicos apresentados nesta tese seguiram as recomendações da lista de termos aprovados pelos pesquisadores que participam da lista de discussão da linguística sistêmico-funcional em português. Contudo, alguns termos não estão presentes na lista, porém são utilizados na presente tese. Por isto, são apresentados a seguir. Cabe ainda ressaltar que, nesta tese, alguns termos que estavam na lista ganharam nova representação.

| | | |
|----|-------------------------------|--------------------------|
| 1 | accept | aceite |
| 2 | acknowledge | reconhecimento |
| 3 | act clause | oração-ato |
| 4 | actualize | concretizar |
| 5 | adverbial/adverbials | adverbial/adverbiais |
| 6 | affected | afetado |
| 7 | affection | sentimento |
| 8 | affiliation | afiliação |
| 9 | agnate | agnato |
| 10 | agnation | agnação |
| 11 | amend | reformular |
| 12 | Angle: viewpoint | Ângulo: ponto de vista |
| 13 | answer | resposta |
| 14 | ascribe | inscrever |
| 15 | Ascriptive | Inscritivo |
| 16 | ASSESSMENT system | sistema de VERIFICAÇÃO |
| 17 | assignment (of roles) | distribuição (de papéis) |
| 18 | assign | designar |
| 19 | assigned | designado |
| 20 | Assigner | Designador |
| 21 | assignment | designação |
| 22 | Attributive | Atributivo |
| 23 | Attributor | Atribuidor |
| 24 | Augment | Acréscimo |
| 25 | augment | acrescentar |
| 26 | axis | eixo |
| 27 | bind | prender |
| 28 | binding clauses | orações presas |
| 29 | bound | preso |
| 30 | choice | escolha |
| 31 | choose | escolher |
| 32 | circumscribe | circunscrever |
| 33 | Circumstance of Extent | Circunstância de Trajeto |
| 34 | class | classe |
| 35 | class-member | classe-membro |
| 36 | class-membership relationship | relação de classe-membro |
| 37 | closed systems | sistemas fechados |
| 38 | Cognitive Process | Processo Cognitivo |
| 39 | commodity | mercadoria |
| 40 | complexing | formação de complexos |
| 41 | conflated | confluído |
| 42 | conflation | confluência |

| | | |
|----|---------------------------------|------------------------------------|
| 43 | content | conteúdo |
| 44 | continuing element | elemento continuador |
| 45 | continuum | contínuo |
| 46 | contradict | contradição |
| 47 | creative | criativo |
| 48 | culminative | culminativo |
| 49 | decode | decodificar |
| 50 | decoded | decodificado |
| 51 | decoding clause | oração decodificadora |
| 52 | definition | definição |
| 53 | Deictic | Dêitico |
| 54 | delicacy | delicadeza |
| 55 | delicate | delicado |
| 56 | demanding (and giving) | demandar (e fornecer) |
| 57 | demonstration | demonstração |
| 58 | Depictive Attribute | Atributo Descritivo |
| 59 | Desiderative Process | Processo Desiderativo |
| 60 | determiner | determinante |
| 61 | disclaimer | renúncia |
| 62 | discretionary (responding move) | (argumento respondente) arbitrário |
| 63 | doing-&-happening | fazer-&-ocorrer |
| 64 | effective (ergative) | efetivo (ergativo) |
| 65 | Element | Elemento |
| 66 | emanate | emanar |
| 67 | emanating | emanante |
| 68 | Emotive Process | Processo Emotivo |
| 69 | enact | encenar |
| 70 | enactment | encenação |
| 71 | encode | codificar/encerrar |
| 72 | encoded | codificado/encerrado |
| 73 | encoding clause | oração codificadora |
| 74 | Entity | Entidade |
| 75 | Entity Attribute | Atributo Entidade |
| 76 | epithesis | epítese |
| 77 | Epithet | Epíteto |
| 78 | equal status | status igual |
| 79 | equation | equação |
| 80 | equivalence | equivalência |
| 81 | exemplification | exemplificação |
| 82 | exhaustion | exaustão |
| 83 | Expansion: Extension | Expansão: Extensão |
| 84 | expected (responding move) | (argumento respondente) esperado |
| 85 | fact clause | oração-fato |
| 86 | figure | figura |
| 87 | figure of being | figura de ser |
| 88 | figure of doing | figura de fazer |
| 89 | figure of happening | figura de ocorrer |
| 91 | figure of having | figura de ter |
| 92 | figure of sensing | figura de experienciar |
| 93 | free | livre |

| | | |
|-----|-----------------------------|---------------------------------|
| 94 | from above | de cima |
| 95 | from below | de baixo |
| 96 | fused | fundido |
| 97 | fusion | fusão |
| 98 | fuzziness | difusão |
| 99 | fuzzy | difuso |
| 100 | giving (and demanding) | fornecer (e demandar) |
| 101 | goings-on | acontecimentos |
| 102 | grammar | gramática |
| 103 | grammatics | gramaticologia |
| 104 | Higher (process) | (processo) Superior |
| 105 | hyperphenomenal | hiperfenomênico |
| 106 | impinge | impingir |
| 107 | impinging | impingente |
| 108 | inception | princípio |
| 109 | indelicate | indelicado |
| 110 | individuation | individuação |
| 111 | Inducer | Indutor |
| 112 | inherent | inerente |
| 113 | initiating element | elemento inicial |
| 114 | initiating move | argumento inicial |
| 115 | INTERPERSONAL DEIXIS system | sistema de DÊIXIS INTERPESSOAL |
| 116 | introducing | introduzir |
| 117 | interactive | iterativo |
| 118 | iteration | iteração |
| 119 | Jussive | Jussivo |
| 120 | like type | tipo 'gostar' |
| 121 | lower | inferior |
| 122 | macrophenomenon | macrofenômeno |
| 123 | Manner | Maneira |
| 124 | Medium | Mediador |
| 125 | mental process nouns | substantivos de processo mental |
| 126 | message | mensagem |
| 127 | metaphenomenon | metafenômeno |
| 128 | middle (ergative) | médio (ergativo) |
| 129 | mini-clause | mini-orção |
| 130 | mini-range | mini-alcance |
| 131 | Modal Particle | Partícula Modal |
| 132 | mode of meaning | modo do significado |
| 133 | modification | modificação |
| 134 | Mood Element | Elemento do Modo |
| 135 | MOOD system | sistema de MODO |
| 136 | move (in dialogue) | argumento (no diálogo) |
| 137 | multilingual environment | ambiente multilíngue |
| 138 | multilingual studies | estudos multilíngues |
| 139 | multivariate structure | estrutura de variável múltipla |
| 140 | naming | nomeação |
| 141 | Negotiator | Negociador |
| 142 | nesting | aninhamento |
| 143 | neutral attribution | atribuição neutra |

| | | |
|-----|----------------------------|-----------------------------|
| 144 | nexus | nexo |
| 145 | non-assigned | não-designado |
| 146 | non-polite | não-polido |
| 147 | numeral | numeral |
| 148 | Numerative | Numerativo |
| 149 | open sets | conjuntos abertos |
| 150 | opt | optar |
| 151 | Optative | Optativo |
| 152 | option | opção |
| 153 | ordering Numerative | Numerativo ordenador |
| 154 | orientation | orientação |
| 155 | Perceptive Process | Processo Perceptivo |
| 156 | permanence | permanência |
| 157 | persona | persona |
| 158 | PERSPECTIVE system | sistema de PERSPECTIVA |
| 159 | phased attribution | atribuição em fase |
| 160 | phenomenal | fenomênico |
| 161 | phenomenality | fenomenalidade |
| 162 | phenomenalization | fenomenalização |
| 163 | phrase | frase |
| 164 | pick up (the Finite, etc.) | retomar (o Finito, etc.) |
| 165 | pitch movement | movimento entonacional |
| 166 | please type | tipo 'agradar' |
| 167 | polite | polido |
| 168 | politeness | polidez |
| 169 | POLITENESS system | sistema de POLIDEZ |
| 170 | Post-deictic | Pós-dêitico |
| 171 | Post-modifier | Pós-modificador |
| 172 | Pre-modifier | Pré-modificador |
| 173 | present-in-present | presente-no-presente |
| 174 | PRESUMPTION system | sistema de PRESSUPOSIÇÃO |
| 175 | prosodic | prosódico |
| 176 | Prosody | Prosódia |
| 177 | Quality Attribute | Atributo Qualidade |
| 178 | quantifying Numerative | Numerativo quantificativo |
| 179 | quantum of change | quantum de mudança |
| 180 | Range | Alcance |
| 181 | rank | ordem |
| 182 | rank scale | escala de ordens |
| 183 | rankshift | mudança de ordem |
| 184 | rankshifted | mudado de ordem |
| 185 | refuse | recusa |
| 186 | reject | rejeição |
| 187 | responding move | argumento respondente |
| 188 | RESPONSIBILITY system | sistema de RESPONSABILIDADE |
| 189 | Resultative Attribute | Atributo Resultante |
| 190 | Role | Papel |
| 191 | role-play | papel-encenado |
| 192 | roundabout | ao redor |
| 193 | Scope | Escopo |

| | | |
|-----|------------------------|---------------------------------|
| 194 | Scope: entity | Escopo: entidade |
| 195 | Scope: process | Escopo: processo |
| 196 | segmental | segmentado |
| 197 | select | selecionar |
| 198 | selection | seleção |
| 199 | semiosis | semiose |
| 200 | semiotic space | espaço semiótico |
| 201 | sentence | sentença |
| 202 | shade | matizar |
| 203 | shunt | manobrar / manobra |
| 204 | social relations | relações sociais |
| 205 | social relations | relações sociais |
| 206 | speech order | ordem da fala |
| 207 | stratum | estrato |
| 208 | subcategorization | subcategorização |
| 209 | SUBJECTHOOD system | sistema de SUJEITABILIDADE |
| 210 | Subject-matter | Assunto-temático |
| 211 | sub-modification | submodificação |
| 212 | sub-sentence | sub-sentença |
| 213 | symbolization | simbolização |
| 214 | syntagm | sintagma |
| 215 | system network | rede do sistema |
| 216 | system of AGENCY | sistema de AGÊNCIA |
| 217 | system-&-process | sistema-e-processo |
| 218 | systemic indeterminacy | indeterminação sistêmica |
| 219 | systemics | sistêmica / teoria sistêmica |
| 220 | talking activity | atividade de conversa |
| 221 | targeting activity | atividade de alvo |
| 222 | tenor (register) | sintonia (registro) |
| 223 | Theme-matter | Tema-assunto |
| 224 | thing (fenômeno) | ser |
| 225 | Thing (gramatical) | Ente |
| 226 | thing (semântico) | ente |
| 227 | Token | Símbolo |
| 228 | tone | movimento tônico |
| 229 | tonic prominence | proeminência tônica |
| 230 | tracking | rastrear |
| 231 | Transformative | Transformativo |
| 232 | transience | transitoriedade |
| 233 | TRANSITIVITY system | sistema de TRANSITIVIDADE |
| 234 | trinocular perspective | perspectiva trinocular |
| 235 | undertake/compliance | obediência |
| 236 | unequal status | status desigual |
| 237 | unit | unidade |
| 238 | univariate structure | estrutura de variável única |
| 239 | Verbal Behaviour | Verbal Comportamental |
| 240 | verbal process nouns | substantivos de processo verbal |

NOTAÇÃO SISTÊMICA

Seguindo a formalização da produção de redes dos sistemas (cf. Halliday, 1967/8; Matthiessen, 1995; Matthiessen e Halliday, 2009), bem como para a realização esta tese adota a seguinte notação:

1. REALIZAÇÃO (Traduzida e adaptada de Matthiessen e Halliday (2009, p. 98).

Estrutura:

| Operação | Símbolo | Operador 1 | Operador 2 | Exemplo |
|----------|---------|------------|------------|------------------|
| Inserção | + | Função | | + oração |
| Expansão | () | Função | Função | Tema (Default) |
| Ordem | ^ | Função | Função | Sujeito ^ Finito |

Sobreposição:

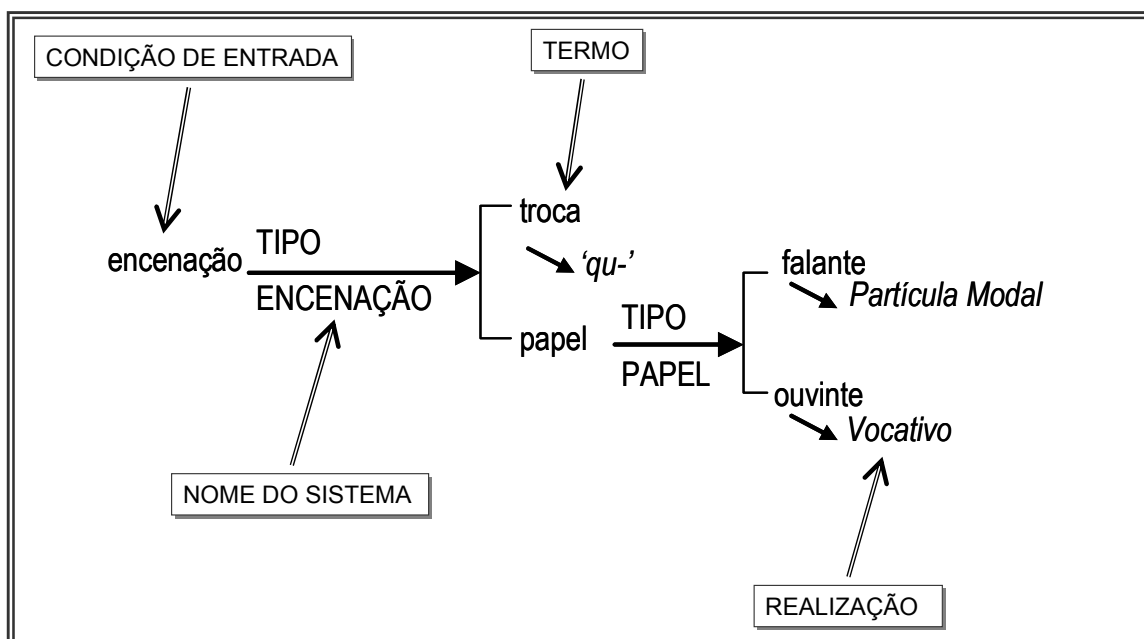
| Operação | Símbolo | Operador 1 | Operador 2 | Exemplo |
|-------------|---------|------------|------------|---------------------|
| Confluência | / | Função | Função | Processo/Predicador |

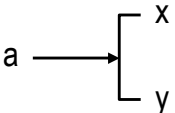
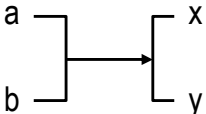
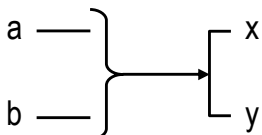
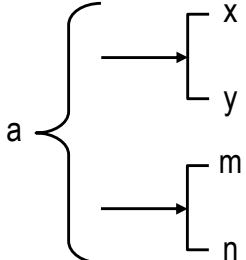
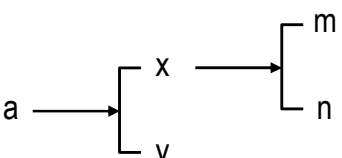
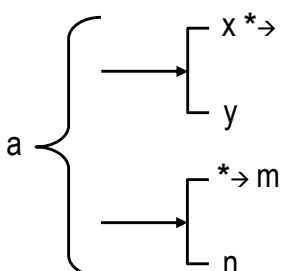
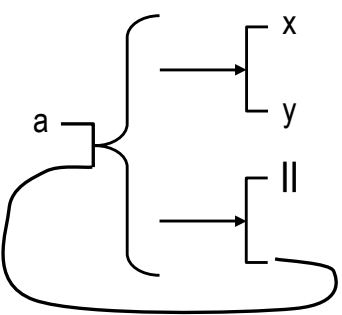
Realização entre ordens:

| Operação | Símbolo | Operador 1 | Operador 2 | Exemplo |
|-------------|---------|------------|------------|-------------------------|
| Pré-seleção | : | Função | Elemento | Processo : grupo verbal |

2. REDE DOS SISTEMAS

Disposição da rede:



| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  | <p>Sistema:</p> <p>Se 'a', então 'x' ou 'y' $\rightarrow a : x / y$</p> |
|  | <p>Disjunção na condição de entrada:</p> <p>Se 'a' ou 'b', então 'x' ou 'y' $\rightarrow a / b : x / y$</p> |
|  | <p>Conjunção na condição de entrada:</p> <p>Se 'a' e 'b', então 'x' ou 'y' $\rightarrow a \& b : x / y$</p> |
|  | <p>Sistemas simultâneos (cosseleção):</p> <p>Se 'a', então 'x ou y', e 'm ou n' $\rightarrow a : x / y \& m / n$</p> |
|  | <p>Ordenação por delicadeza:</p> <p>Se 'a', então 'x' ou 'y'; se 'x', então 'm' ou 'n' $\rightarrow a : x / y ; x : m / n$ $\rightarrow [a : x : m ; a : x : n]$</p> |
|  | <p>Restrição na condição de entrada:</p> <p>Se 'x', então também 'm' $\rightarrow x^* \rightarrow \& \rightarrow^* m$</p> |
|  | <p>Sistema iterativo (componente lógico):</p> <p>Se 'a', então 'x' ou 'y' e, simultaneamente, opção para selecionar do mesmo sistema novamente.</p> |

Fonte: Traduzida e adaptada de Matthiessen e Halliday (2009, p. 98).

SUMÁRIO

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO | 26 |
| CAPÍTULO 1 | |
| DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL E ESTUDOS DA | |
| TRADUÇÃO: INTERSEÇÃO PARA O ESTUDO DA PRODUÇÃO MULTILÍNGUE | |
| DE | |
| SIGNIFICADO | 34 |
| INTRODUÇÃO..... | 34 |
| 1 PARADIGMAS DA TEORIA SISTÊMICO-FUNCIONAL DE PRODUÇÃO DA | |
| LINGUAGEM..... | 35 |
| 1.1 Estudos Descritivos, Aplicados e Teóricos..... | 43 |
| 2 DESCRIÇÃO, APLICAÇÃO E TEORIA NOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO..... | 46 |
| 3 DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA E OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO..... | 49 |
| 3.1 Catford (1965)..... | 50 |
| 3.2 Ivir (1981)..... | 53 |
| 3.2.1 <i>Substituição Textual e Processo Comunicativo</i> | 54 |
| 3.2.2 <i>Tertium Comparationis</i> | 57 |
| 3.3 Matthiessen <i>et al.</i> (2008)..... | 59 |
| 4 A RELEVÂNCIA DA DESCRIÇÃO PARA | |
| AS PESQUISAS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO..... | 63 |
| CAPÍTULO 2 | |
| METODOLOGIA DE DESCRIÇÃO SISTÊMICO-FUNCIONAL | 66 |
| INTRODUÇÃO..... | 66 |
| 1 GRAMÁTICA..... | 66 |
| 2 LOCALIZAÇÃO DA DESCRIÇÃO NA TEORIA..... | 72 |
| 2.1 Estratificação..... | 74 |
| 2.2 Metafunção..... | 78 |
| 2.3 Instanciação..... | 79 |
| 2.4 Eixo Paradigmático (sistema)..... | 80 |
| 2.5 Princípios Analíticos..... | 84 |
| 2.5.1 <i>Priorizar a Orientação Paradigmática do Sistema Linguístico</i> | 84 |
| 2.5.2 <i>Seguir o Desenvolvimento da Teoria de Descrição Linguística Sistêmico-funcional</i> | 84 |
| 2.5.3 <i>Utilizar a Aagnção como Forma de Evidenciar Padrões</i> | 85 |
| 2.5.4 <i>Perguntas Sistêmicas</i> | 86 |
| 2.5.5 <i>Lugar da Pesquisa</i> | 89 |
| 3 O CORPUS..... | 89 |
| 4 ANOTAÇÃO E EXTRAÇÃO DE DADOS..... | 93 |
| 4.1 Busca de Padrões e Anotação..... | 95 |
| 4.1.1 <i>Busca de Padrões</i> | 95 |
| 4.1.2 <i>Anotação</i> | 96 |
| 4.2 Extração de Dados..... | 97 |

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| CAPÍTULO 3 | |
| UMA INTERPRETAÇÃO DO SISTEMA DE TEMA EM PORTUGUÊS BRASILEIRO: DA ORGANIZAÇÃO ORACIONAL AO FLUXO DO DISCURSO..... | 103 |
| INTRODUÇÃO..... | 103 |
| 1 IDENTIFICAÇÃO DO TEMA: O PONTO DE PARTIDA DA MENSAGEM..... | 107 |
| 1.1. A Natureza Semântica da Mensagem..... | 107 |
| 1.2. Tessitura..... | 108 |
| 1.3. Fases do Discurso e Periodicidade..... | 114 |
| 1.4. Identificação do Tema a Partir do Discurso..... | 117 |
| 1.5. Estrutura Temática..... | 120 |
| 1.6. Tema e Informação..... | 126 |
| 2 O TEMA COMO FUNÇÃO HABILITADORA: ORIENTAÇÃO MODAL E TRANSITIVA..... | 132 |
| 2.1. Orientação Modal..... | 132 |
| 2.2. Orientação Transitiva..... | 135 |
| 3 ‘+TEMA’: REDES DO SISTEMA..... | 139 |
| 3.1. Tema Textual..... | 139 |
| 3.2. Tema Interpessoal..... | 140 |
| 3.3. Tema Ideacional: Sistemas Básicos..... | 142 |
| 3.4. Tema Ideacional: Maior Delicadeza..... | 144 |
| 3.5. TEMA DEFAULT → Orientado Para o Modo & Direcional & Default..... | 144 |
| 3.5.1. Tema Identificativo..... | 146 |
| 3.6. TEMA ELEMENTAL → Orientado Para o Modo & Não-direcional & Default..... | 148 |
| 3.7. TEMA ÂNGULO → Não-orientado Para o Modo & Direcional & Proeminente..... | 150 |
| 3.8. SELEÇÃO PROEMINENTE → Não-orientado Para o Modo & Não-direcional & Proeminente..... | 151 |
| 3.8.1. Considerações Sobre a “Marcação Temática”..... | 154 |
| 3.9. Tema Perspectiva..... | 161 |
| 3.10. Tema Intensivo..... | 164 |
| 3.11. Absoluto..... | 164 |
| 3.12. Papel Transitivo..... | 165 |
| 3.13. Expansão..... | 166 |
| 3.14. Assunto..... | 167 |
| 3.15 Tema Predicado..... | 168 |
| CAPÍTULO 4 | |
| A REALIZAÇÃO GRAMATICAL DA TROCA NO CONTEXTO BRASILEIRO: O SISTEMA DE MODO..... | 171 |
| INTRODUÇÃO..... | 171 |
| 1 ENCENAÇÃO DA TROCA..... | 171 |
| 2 FUNÇÕES DISCURSIVAS..... | 173 |
| 3 O SISTEMA DE TIPO DE MODO..... | 179 |
| 3.1 Negociador: Sujeito..... | 181 |
| 3.1.1 O Sujeito Abordado “de baixo”..... | 181 |
| 3.1.1.1 Marcação de Caso Pronominal..... | 181 |
| 3.1.1.2 Concordância do Verbo Finito..... | 183 |

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 3.1.1.3 <i>Posição na Estrutura</i> | 183 |
| 3.1.2 <i>O Sistema de SUJEITABILIDADE</i> | 184 |
| 3.1.2.1 <i>RESPONSABILIDADE</i> | 186 |
| 3.1.2.2 <i>PRESSUPOSIÇÃO DO SUJEITO</i> | 189 |
| 3.1.2.3 <i>PESSOA</i> | 191 |
| 3.1.2.4 <i>POLIDEZ</i> | 191 |
| 3.1.3 <i>Sujeito e Tema</i> | 194 |
| 3.2 <i>Negociador: Finito</i> | 199 |
| 3.2.1 <i>Considerações Sobre o Grupo Verbal</i> | 199 |
| 3.2.2 <i>O Sistema de DÊIXIS INTERPESSOAL</i> | 203 |
| 3.2.3 <i>Pergunta-Finito</i> | 205 |
| 3.2.4 <i>Argumentos Respondentes</i> | 206 |
| 3.3 <i>MODO Imperativo</i> | 206 |
| 3.3.1 <i>Opções Mais Delicadas do Modo Imperativo</i> | 211 |
| 3.3.2 <i>O Sistema de FORÇA</i> | 213 |
| 3.4 <i>Negociador: Partículas Modais e o Sistema de VALIDAÇÃO</i> | 216 |
| 3.4.1 <i>Sistema de VALIDAÇÃO: Partículas Modais</i> | 220 |
| 3.4.2 <i>Partículas Modais e Perguntas-Finito</i> | 233 |
| 4 <i>A ORAÇÃO COMO TROCA</i> | 237 |
| 4.1 <i>Sistematização dos Recursos Interpessoais Disponíveis Para a Troca</i> | 237 |
| 4.2 <i>O Diálogo</i> | 241 |

CAPÍTULO 5

REPRESENTAÇÃO DA EXPERIÊNCIA: PROCESSOS MENTAIS..... 250

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| INTRODUÇÃO..... | 250 |
| 1 O EXPERIENCIADOR..... | 251 |
| 2 O PROCESSO..... | 257 |
| 2.1 <i>Desdobramento Temporal</i> | 258 |
| 2.2 <i>Localização Temporal</i> | 261 |
| 2.3 <i>Direcionalidade</i> | 265 |
| 3 FENÔMENO | 270 |
| 3.1 <i>Fenômeno não-especificado</i> | 272 |
| 3.2 <i>Assunto do Pensamento</i> | 273 |
| 3.3 <i>Fenomenalização: Fenômeno Simples</i> | 275 |
| 3.4 <i>Hiperfenomenalização</i> | 276 |
| 3.4.1 <i>Macrofenômeno</i> | 277 |
| 3.4.1.1 <i>Macrofenômeno e Orações Mudadas de Ordem</i> | 279 |
| 3.4.1.2 <i>Atos</i> | 280 |
| 3.4.2 <i>Metafenômeno</i> | 281 |
| 3.4.2.1 <i>Fatos</i> | 282 |
| 3.5 <i>Ideias Projetadas</i> | 283 |
| 4 SUBTIPOS DE PROCESSOS MENTAIS..... | 285 |
| 4.1 <i>Tipo de Experienciador e Ordem da Consciência</i> | 286 |
| 4.2 <i>Relação com o Ambiente Material</i> | 289 |
| 4.3 <i>Desdobramento Temporal e Tempo Verbal Típico em Relação ao ‘Agora’</i> | 290 |
| 4.4 <i>Direcionalidade</i> | 293 |
| 4.5 <i>Potencial para Criar o Fenômeno</i> | 294 |
| 4.6 <i>Fenômeno e Hiperfenômeno</i> | 295 |
| 4.7 <i>Oração Mental e Oração Hiperfenomênica</i> | 297 |

| | |
|------------------------------------------|-----|
| 4.8 Verbos que Operam como Subtipos..... | 300 |
|------------------------------------------|-----|

CAPÍTULO 6

TEORIA LINGUÍSTICA, ESTUDOS DA TRADUÇÃO

| | |
|----------------------------------|------------|
| ESTUDOS MULTILÍNGUES..... | 304 |
|----------------------------------|------------|

| | |
|-----------------|-----|
| INTRODUÇÃO..... | 304 |
|-----------------|-----|

1 O PERFIL METAFUNCIONAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO SOB UMA PERSPECTIVA

| | |
|------------------------|------------|
| TIPOLÓGICA..... | 304 |
|------------------------|------------|

| | |
|----------------------------|-----|
| 1.1 O Sistema de TEMA..... | 306 |
|----------------------------|-----|

| | |
|----------------------------|-----|
| 1.2 O Sistema de MODO..... | 308 |
|----------------------------|-----|

| | |
|------------------------------------------------|-----|
| 1.3 O Sistema de TIPO DE PROCESSO: MENTAL..... | 310 |
|------------------------------------------------|-----|

| | |
|-----------------------------------------------|------------|
| 2 O ESTUDO DO CONTATO LINGUÍSTICO..... | 311 |
|-----------------------------------------------|------------|

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 2.1 O Percurso dos Estudos Multilíngues: Catford (1965), Ivir (1981) e Matthiessen <i>et al.</i> (2008)..... | 312 |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|

| | |
|---------------------------|-----|
| 2.1.1 Estratificação..... | 314 |
|---------------------------|-----|

| | |
|------------------|-----|
| 2.1.2 Texto..... | 315 |
|------------------|-----|

| | |
|-------------------------|-----|
| 2.1.3 Instanciação..... | 316 |
|-------------------------|-----|

| | |
|----------------------------------|-----|
| 2.1.4 O Conceito ‘tradução’..... | 317 |
|----------------------------------|-----|

| | |
|----------------------------------------------------------|-----|
| 2.2 Descrição Linguística e os Estudos Multilíngues..... | 322 |
|----------------------------------------------------------|-----|

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 2.3 A Representação Gramatical da Tradução Como um Passo Natural em Direção à Teorização da Tradução..... | 327 |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|

| | |
|---------------------------------|-----|
| 2.4 Contrastes Tipológicos..... | 330 |
|---------------------------------|-----|

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 2.4.1 <i>A Teoria Sistêmico-funcional Como o Espaço Para a Conceitualização da Tradução Como um Tipo Particular de Contato Linguístico.....</i> | <i>335</i> |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 2.4.1.1 <i>A Relação Entre as Dimensões da Estratificação e da Instanciação.....</i> | <i>336</i> |
|--------------------------------------------------------------------------------------|------------|

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 2.4.1.2 <i>A Relação entre Estratificação, Instanciação e Eixo Paradigmático.....</i> | <i>338</i> |
|---------------------------------------------------------------------------------------|------------|

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 2.4.1.3 <i>A relação entre estratificação, instanciação e individuação.....</i> | <i>341</i> |
|---------------------------------------------------------------------------------|------------|

| | |
|------------------------------|------------|
| 2.4.2 <i>A Tradução.....</i> | <i>344</i> |
|------------------------------|------------|

| | |
|----------------------------------|------------|
| 3 EXEMPLO DE ANÁLISE..... | 354 |
|----------------------------------|------------|

| | |
|-----------------------|------------|
| CONCLUSÃO..... | 369 |
|-----------------------|------------|

| | |
|----------------------------------------|------------|
| REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 374 |
|----------------------------------------|------------|

INTRODUÇÃO

Nós usamos a língua para interagir uns com os outros, para estabelecer nossas relações interpessoais e manter a ordem social que as subjaz. Ao empregarmos a língua desta forma, nós também interpretamos e representamos o mundo para nós mesmos e uns para os outros. Portanto, a língua é uma parte natural do processo de estar vivo; ela é usada para “armazenar” a nossa experiência ao longo da vida, tanto da nossa vida individual, quanto da nossa vida coletiva. Entre outras coisas, a língua é ferramenta para representar o conhecimento, ou, em termos da própria língua, é ferramenta para construir significado (Matthiessen e Halliday, 2009, p. 41).^{*1}

A língua é, na condição de fenômeno da comunicação humana, o sistema mais complexo e o recurso mais elaborado para a produção de significado (cf. Halliday, 1978). Como tal, ela desempenha um papel central nas relações humanas; na relação com o mundo à nossa volta, e na relação com as outras pessoas.

Do ponto de vista científico, investigar os fenômenos humanos requer levar em conta o fato de que o termo ‘humano’ se refere a pessoas que produzem e interpretam línguas. Com isto, estudar cientificamente os fenômenos humanos – tal como o fazem a sociologia, a economia, a antropologia, entre outras – em muitos casos, implica em explicar o papel ocupado pela língua como parte central do fenômeno estudado; a relação da língua com a sociedade, o trabalho, a cultura, e assim por diante (cf. Martin, 2009).

Quando a investigação se volta mais especificamente para os fenômenos de produção linguística, faz-se necessário não apenas explicar a centralidade da língua no fenômeno investigado, mas também tomá-la como o próprio fenômeno (Saussure, 1994). Entender a língua (incluindo a produção linguística) como fenômeno de investigação significa analisá-la em si própria, buscando revelar as relações (hierárquicas, complementares, específicas, etc.) entre suas partes – que são inerentes ao sistema linguístico – voltando-se para sua organização interna.

De modo complementar, é igualmente importante relacionar a língua (e a produção linguística) ao ambiente no qual acontece, uma vez que é a compreensão da língua dentro de um escopo mais amplo, qual seja, o da funcionalidade da produção de significado, que é

* Todas as traduções de citações apresentadas nesta tese, salvo quando indicado, foram feitas pelo autor.

¹ We use language to interact with one another, to construct and maintain our interpersonal relations and the social order that lies behind them; and in doing so we interpret and represent the world for one another and for ourselves. Language is a natural part of the process of living; it is also used to 'store' the experience built up in the course of that process, both personal and collective. It is (among other things) a tool for representing knowledge or, to look at this in terms of language itself, for constructing meaning.

capaz de explicar a centralidade da língua nas relações humanas (cf. Halliday, 2007b). Tomar a língua como fenômeno de investigação tem ainda como implicação a necessidade de a ciência linguística se voltar para a sua própria forma de produzir significado. Por isto, a investigação, a análise, a descrição e a teorização sobre a língua são, ao mesmo tempo, formas de produção linguística.

De um modo geral, toda teoria se constitui como metalinguagem, uma vez que, partindo da língua, cria significados que se articulam como conceitos da teoria. Em um segundo momento, estes conceitos passam a produzir outros significados que só podem ser interpretados dentro da própria teoria. Este é o caso, por exemplo, das ciências exatas, que utilizam a linguagem matemática como forma de produzir significados – os conceitos e as explicações das teorias. Neste caso, quando a língua é utilizada como metalinguagem (note-se que, apesar de a matemática ser um sistema independente, ela tem como base a linguagem verbal), a língua acaba por se tornar a teoria sobre o fenômeno investigado. Em outras palavras, as teorias sociológicas, econômicas, antropológicas, etc. são, basicamente, textos. Por outro lado, no estudo da língua, devido à própria natureza do fenômeno investigado, surge a necessidade de se produzir uma teoria sobre a língua – i.e. uma teoria sobre [a teoria sobre os fenômenos] (cf. Halliday e Matthiessen, 1999). Assim, a teoria sobre a língua se torna uma metateoria; a metalinguagem de uma metalinguagem (ver Figura 1).[♦]

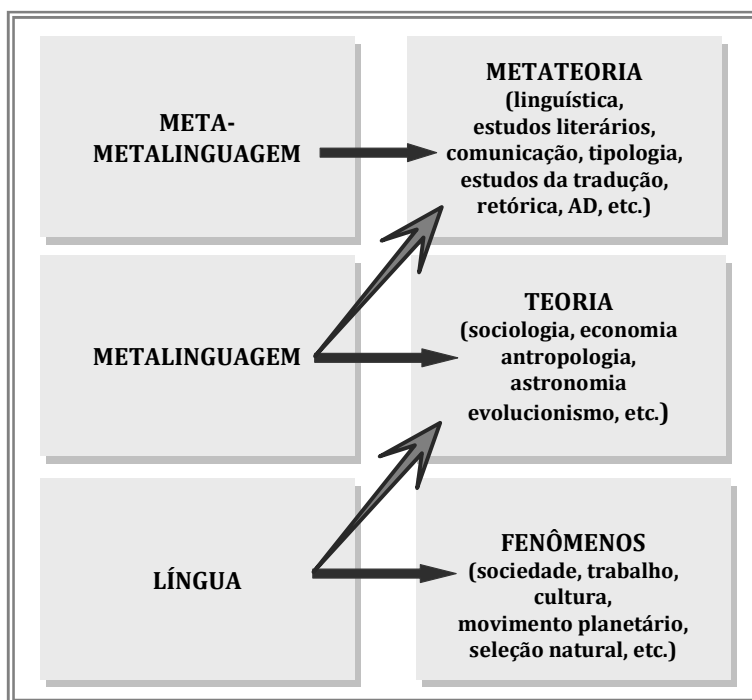


FIGURA 1 – Relações entre a língua e a teoria.

[♦] Todas as figuras nesta tese foram feitas pelo autor, salvo quando indicado.

Cada metateoria se diferencia das outras nos aspectos da condução da investigação científica, como por exemplo, a escolha por abordar a língua enquanto fenômeno social, como conjunto de sistemas e estruturas, como arte, e assim por diante. Igualmente, cada metateoria desenvolve e utiliza metodologias específicas que, por sua vez, geram dados interpretados segundo a constituição da própria metateoria. No entanto, é fundamental destacar que, apesar dos interesses de pesquisa se diferirem, as metateorias possuem uma base comum: todas têm na língua e na produção linguística o seu objeto de estudo.

Esta tese, tendo a língua como objeto de estudo, se insere na interface entre duas metateorias: os estudos da tradução e os estudos linguísticos (a descrição linguística, da gramática do português brasileiro). Mais especificamente, esta tese se afilia aos estudos da tradução de base linguística e à descrição sistêmico-funcional. Neste sentido, a sua motivação principal é contribuir elucidando, a partir da constituição comum destas duas metateorias, formas como a pesquisa em tradução pode fornecer subsídios para a descrição linguística, assim como a descrição linguística pode contribuir para a análise da tradução.

A localização desta tese nesta interface advém, por um lado, da necessidade de a análise da tradução ter de lidar com questões linguísticas, incluindo-se o contexto da produção de significado (cf. Pagano e Vasconcellos, 2005), interpretadas a partir das descrições e generalizações; e, por outro lado, da visão tipológica acerca da descrição linguística, segundo a qual não se descrevem línguas, mas os sistemas comparáveis nas diferentes línguas.

No âmbito dos estudos da tradução, esta tese faz parte das pesquisas descritivas (cf. Toury, 1995), de orientação para o produto da tradução, dentro de uma abordagem linguística (cf. Malmkjær, 2005). Mais especificamente, investiga a tradução como produção de linguagem de um tipo particular, sendo aquela que, sempre, acontece no ambiente multilíngue (ver Figura 2).

Neste sentido, o estudo da tradução requer o estabelecimento de um processo complexo de investigação que inclui entender o produto da tradução como o resultado de operações linguísticas condicionadas por fatores como o envolvimento de mais de uma língua, o papel do tradutor como o produtor de significado e a relação entre a tradução e outros tipos de metateorias que se ocupam do contato entre línguas no ambiente multilíngue.

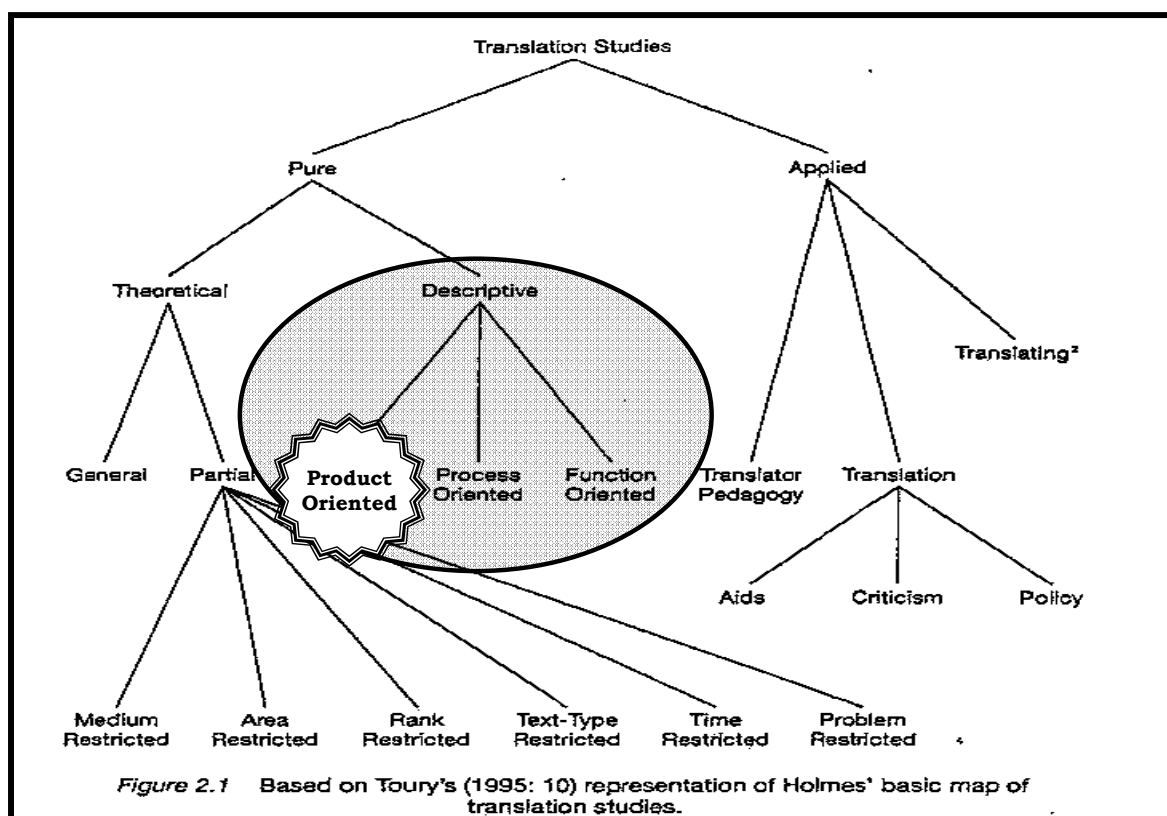


FIGURA 2 – Localização desta tese nos estudos da tradução segundo o mapa de Holmes.
 Fonte: Adaptação de Munday, 2001.

Como parte dos estudos de descrição linguística, esta tese adota como base de interpretação a teoria e metateoria² sistêmico-funcional, na qual o olhar da investigação se volta para a organização interna da língua como sistema – sua constituição sistêmica – porém, procurando explicar esta organização a partir dos contextos externos à língua que a condicionam – sua constituição funcional. Assim, a forma como esta teoria interpreta a língua é capaz de produzir descrições amplas e complexas o suficiente para lidar com as demandas dos estudos da tradução, uma vez que, como foi dito, envolvem uma grande complexidade.

Esta descrição se localiza na matriz de função-ordem (cf. Halliday, 1994), a qual apresenta os recursos do estrato gramatical segundo a sua função na organização interna do sistema (representacional [ideacional], interativa [interpessoal] e discursiva [textual]) e a hierarquia composicional de suas ordens (morfema, palavra, grupo [e frase], oração) (ver Figura 3).

² A linguística sistêmico-funcional é tanto uma teoria, por investigar fenômenos como a gramática, a produção de significado e as relações sociais, quanto uma metateoria, por se constituir como uma teoria sobre a língua.

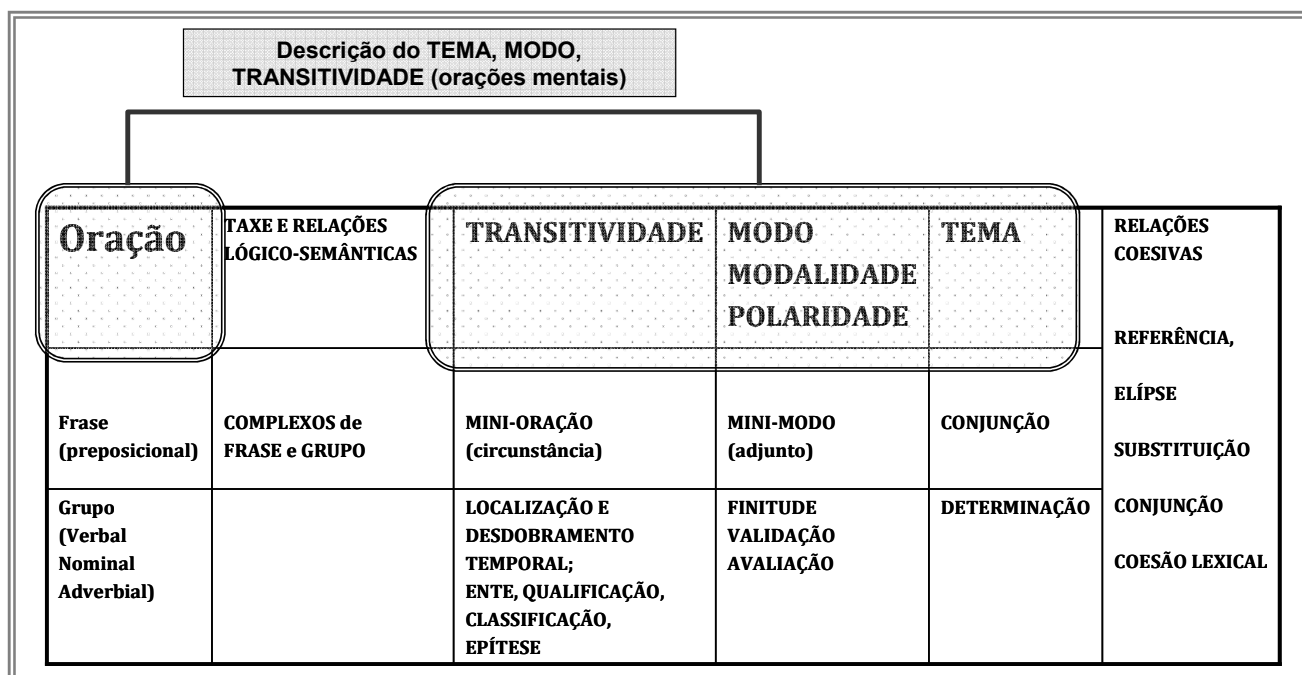


FIGURA 3 – Localização da descrição da tese na matriz de função-ordem do português brasileiro.

Fonte: Adaptação de Caffarel *et al.* (2004, p. 41) para o português brasileiro.

O trabalho descritivo da tese se localiza na ordem da oração e investiga as funções relativas a esta ordem da seguinte maneira. Ideacional: o sistema de TIPO DE PROCESSO, especificamente as configurações das orações mentais. Interpessoal: o sistema de MODO, bem como suas relações com a MODALIDADE e a POLARIDADE. Textual: o sistema de TEMA e suas relações com o sistema de INFORMAÇÃO.

A complementaridade entre os estudos da tradução de base linguística e os estudos linguísticos de base sistêmico-funcional se constitui como o alicerce de um conjunto importante de pesquisas, denominado de abordagens sistêmicas da tradução, como por exemplo os trabalhos pioneiros de House (1997), Hatim e Mason (1993), Baker (1992) e Munday (1998, 2002).

As abordagens sistêmicas da tradução têm por principal característica entender que a investigação das relações de tradução são operações de linguagem – e por isto é necessário analisar e comparar itens e padrões linguísticos – mas, da mesma forma, é fundamental entendê-los dentro de seu contexto de produção. Pelo fato de tomarem como base a interface entre os estudos da tradução e os estudos linguísticos – em especial a partir de uma metateoria que entende a organização interna da língua como a realização (portanto constituidora) do contexto – as abordagens sistêmicas da tradução conseguem produzir análises detalhadas e amplas o suficiente para conceitualizar a tradução como uma metalinguagem (isto é, uma

forma de organizar o mundo por meio do uso da língua), o que se configura como um passo fundamental para, por exemplo, a formulação de uma teoria de tradução e a formação de tradutores.

As pesquisas das abordagens sistêmicas da tradução nas quais uma das línguas examinadas é o português brasileiro são extensas e contribuem há bastante tempo tanto para o esclarecimento das relações tradutórias que envolvem esta língua, quanto para a explicação do funcionamento dos subsistemas que compõem este sistema linguístico (cf. Pagano e Vasconcellos, 2005). No entanto, ainda não há uma descrição sistêmico-funcional do português brasileiro sistematizada e integral, de forma que possa dar base às pesquisas em tradução de orientação sistêmico-funcional.

Assim, esta tese visa contribuir para uma maior sistematização da descrição do português brasileiro, por meio desta introdução ao perfil metafuncional. Com os estudos da tradução, pretende contribuir oferecendo uma descrição tipológica, que pode ser comparada com outras descrições (cf. Capítulo 2). Com os estudos de descrição sistêmico-funcionais do português brasileiro, pretende contribuir com uma descrição ampla e articulada da ordem da oração, especificamente com relação aos sistemas de TEMA, MODO e TRANSITIVIDADE (limitando-se às orações mentais). Desta forma, tem como objetivos:

Objetivos gerais

- Contribuir para os estudos da tradução, em análises de comparação e motivação tradutória, bem como para uma futura teoria de tradução.
- Contribuir para a descrição sistêmico-funcional do português brasileiro.
- Contribuir com os estudos sistêmico-funcionais aplicados ao português brasileiro.
- Ampliar os resultados alcançados pelas abordagens à tradução de base sistêmico-funcional.
- Contribuir para a ampliação das pesquisas desenvolvidas no âmbito do Laboratório Experimental de Tradução da Faculdade de Letras da UFMG.

Objetivos específicos

- Promover a identificação e propor uma descrição sistêmico-funcional dos sistemas de TEMA, MODO e TRANSITIVIDADE (limitando-se às orações mentais).
- Contribuir para uma maior elucidação da interface entre os estudos da tradução e os estudos linguísticos, por meio de sua relação no ambiente multilígue do contato entre línguas.

- Utilizar as ponderações apresentadas na tese como parte do método de descrição linguística tipológica e, complementarmente, empregar a descrição como base para a análise da tradução.

Preliminarmente, este trabalho possui relevância para os estudos da tradução que envolvem o português brasileiro, podendo dar suporte às análises em sua fase contrastiva das realizações entre os sistemas linguísticos fonte e alvo, bem como ajudar a compreender como o potencial desta língua é instanciado como texto dentro do ambiente multilíngue. Também, quando se procura explicar as motivações para as escolhas tradutórias, uma descrição como esta aqui proposta pode ajudar, identificando quais sistemas gramaticais do português brasileiro podem ter, probabilisticamente, motivado determinadas escolhas.

Este trabalho também possui relevância para os estudos da linguística sistêmico-funcional que visam à descrição dos sistemas linguísticos, em específico do português brasileiro. Apesar de nesta área da ciência linguística haver muitos trabalhos realizados, a amplitude destes trabalhos se encontra fragmentada, uma vez que ainda não foi proposta para este sistema linguístico nenhuma descrição articulada do perfil metafuncional como um todo.

Quanto à estrutura do restante da tese, devido ao fato de esta lidar com a complementaridade entre duas áreas de investigação da produção linguística, foi necessário organizá-la de forma a investigar seu objeto de estudo ora de um ponto de vista; ora de outro. Desta forma, está estruturada da seguinte maneira:

Após a introdução, será apresentada, no Capítulo 1, a revisão teórica sobre o percurso do campo de estudos que permitiu a inserção e afiliação desta pesquisa nos estudos da tradução de base linguística, na qualidade de uma abordagem linguística de descrição aplicável à tradução pautada pela teoria sistêmica. Mais especificamente, estabelecerá o percurso que deu vida a esta tese, a partir dos autores que propuseram uma visão linguística da tradução, propiciando, assim, entendê-la no âmbito maior do contato entre línguas.

No Capítulo 2, será introduzida a metodologia de descrição sistêmico-funcional, a qual apresenta os elementos constitutivos do sistema linguístico fundamentais para a análise e interpretação dos dados da pesquisa desta tese. Em seguida, serão descritos os passos tomados para a seleção e compilação do *corp*us, as ferramentas utilizadas para extração dos dados – anotação do *corp*us e posterior organização em padrões – bem como a forma de serem analisados.

Nos capítulos seguintes, será apresentada a análise e interpretação dos dados relativos à descrição do perfil metafuncional do português brasileiro – Capítulo 3: descrição do TEMA;

Capítulo 4: descrição do MODO; Capítulo 5: descrição do TIPO DE PROCESSO: MENTAL. Da análise constarão os dados extraídos, que serão categorizados, segundo os padrões encontrados, podendo assim servir de base para a descrição. Na interpretação, será apresentada a forma como que, através desta pesquisa, se entende a organização do sistema linguístico do português brasileiro.

Por fim, no Capítulo 6, dando maior foco aos estudos da tradução, será discutida a importância da língua, em especial os resultados das análises e descrições apresentadas nesta tese, em relação à análise tipológica e contrastiva orientada para os estudos da tradução. O capítulo 6 tem, por conseguinte, o objetivo de propor um entendimento dos estudos da tradução subsidiados pela descrição linguística como parte de um tipo de investigação mais amplo do contato entre línguas.

Por último, será apresentada a conclusão, na qual os principais resultados serão apresentados face aos objetivos propostos, além de pesquisas futuras que possam ser realizadas com base nesta. Procurar-se-á, nesta última parte do trabalho, após os resultados obtidos, apresentar, com mais pertinência, a relevância desta pesquisa para a descrição sistêmico-funcional do português brasileiro e para o campo de estudos da tradução, nos quais está inserida.

CAPÍTULO 1

DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL E ESTUDOS DA TRADUÇÃO: INTERSEÇÃO PARA O ESTUDO DA PRODUÇÃO MULTILÍNGUE DE SIGNIFICADO

INTRODUÇÃO

Dentre os fatores que determinaram o desenvolvimento da ciência linguística a partir do século XX, e que contribuíram para lhe conferir a condição de área do conhecimento particularizada, estão as iniciativas de descrição linguística que tomam como referência para a descrição uma teoria da produção de linguagem – em contraste às descrições anteriores, realizadas com base na tradição filológica, de orientação gramatical greco-latina (Halliday, 2003). A descrição linguística de caráter científico tem se revelado capaz de auxiliar no desenvolvimento da ciência linguística em duas frentes principais.

De um lado, contribui para a validação ou refutação dos construtos teóricos que lhe servem de referência. Assim, dentro da própria esfera linguística, a descrição promove o desenvolvimento científico, quer por revolução, como no caso das teorias formais, quando uma teoria nova refuta outra anterior e propõe novas concepções sobre o objeto de estudo, apresentando maior coerência e explicando maior quantidade de fenômenos, frequentemente embasada em novos paradigmas; quer por evolução, como no caso das teorias funcionais, em que uma teoria, em um primeiro momento, lança as bases da forma como se desenvolverá e, à proporção que as pesquisas se acumulam, retifica seus conceitos e se expande, tornando-a mais ampla e abrangente (Matthiessen, 1998).

De outro lado, oferece recursos de aplicação das teorias linguísticas a vários campos disciplinares “consumidores” de sua produção (Halliday, 2003). Neste sentido, essas áreas se caracterizam por necessitarem compreender aspectos da produção de significado linguístico pelo fato de a linguagem assumir papel relevante nos processos que a elas se referem. Tal fenômeno se verifica, por exemplo, no campo da educação, a análise do discurso, o processamento computadorizado de linguagem e os estudos da tradução, que, em geral, encontram a produção de significado por meio da linguagem como um dos pontos centrais de suas atividades.

Esta tese se afilia ao paradigma da evolução e toma como base, para a descrição e análise desenvolvidas, a teoria sistêmico-funcional, detalhada a seguir. Na seção subsequente, os

estudos da tradução, do ponto de vista da relação entre descrição, aplicação e teoria, serão igualmente abordados.

1 PARADIGMAS DA TEORIA SISTÊMICO-FUNCIONAL DE PRODUÇÃO DA LINGUAGEM

Desde o início da década de 1960, uma das teorias tomada como referência de descrição e, conseqüentemente, como aplicação em várias áreas do conhecimento é a linguística sistêmico-funcional (Halliday, 1961, 1967/68, 1970, 1973, 1978, 1985, 1994, 2002, 2003, 2008, entre outros). Historicamente, devido à sua natureza funcional, esta se desenvolveu como teoria da produção da linguagem a partir de vários paradigmas (Matthiessen, 1998), os quais são sistematizados no Quadro 1.1 e sintetizados a seguir. Na teoria sistêmico-funcional, o papel destes paradigmas é orientar o desenvolvimento posterior das pesquisas, objetivando explicar os fenômenos analisados segundo a determinação de cada um destes paradigmas.

QUADRO 1.1
Paradigmas da teoria sistêmico-funcional de produção da linguagem

| PARADIGMAS | CARACTERÍSTICAS | EXEMPLOS DE REFERÊNCIAS | |
|-------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------|
| (a) Organização da língua como sistema | conjunto de opções de orientação paradigmática | Berry (1975) Matthiessen (1995) Halliday e Matthiessen (2004) | |
| (b) Estratificação do conteúdo | estrato do conteúdo dividido em lexicogramática e semântica. | Lamb (1999) | |
| (c) Concepção de língua natural | representação linguística dos eventos do mundo externo à língua e os processos sociais. | Halliday (1978) | |
| (d) Questões fundamentais | áreas de estudo específicas da lingüística, bem como as relações entre estas e outras áreas do conhecimento. | Halliday (1978) | |
| (e) Relação entre teoria e aplicação | ausência de delimitação entre a produção teórica e a aplicação | Halliday <i>et al.</i> (1964) Christie (2004) | |
| (f) Modo de desenvolvimento por evolução | teoria geral de descrição | Halliday <i>et al.</i> (1964) Halliday e Matthessen (1999) | |
| | (i) Estudos descritivos | compreensão da língua como registro; tipologia. | Caffarel <i>et al.</i> (2004) Matthiessen <i>et al.</i> (2008) |
| | (ii) Estudos aplicados | ensino de produção textual; produção de traduções (humanas e automáticas). | Herke-Couchman (2006) Steiner e Yallop (2001) |
| | (iii) Estudos teóricos | formulação de uma teoria geral de descrições particulares; produção multilíngüe de significado. | Catford (1965) Halliday (2008) |

(a) *Organização da língua³ como sistema*: a língua está organizada como um sistema (conjunto de opções de orientação paradigmática) cuja constituição é determinada pela função. Neste caso, a estrutura sintagmática é uma consequência das escolhas paradigmáticas e, por conseguinte, o sistema linguístico é concebido como um conjunto de recursos para a produção de significado, e não como um conjunto de regras, como o é, de outra forma, quando se enfatiza a organização sintagmática.

(b) *Estratificação do conteúdo em semântica e gramática⁴*: Uma característica dos sistemas semióticos em geral é que são biestratais, nos quais há um estrato responsável pelo significado, o estrato do conteúdo, e outro por expressá-lo, o estrato da expressão (Lamb, 1999) (ver Figura 1.1, reproduzida de Lamb, 1999).

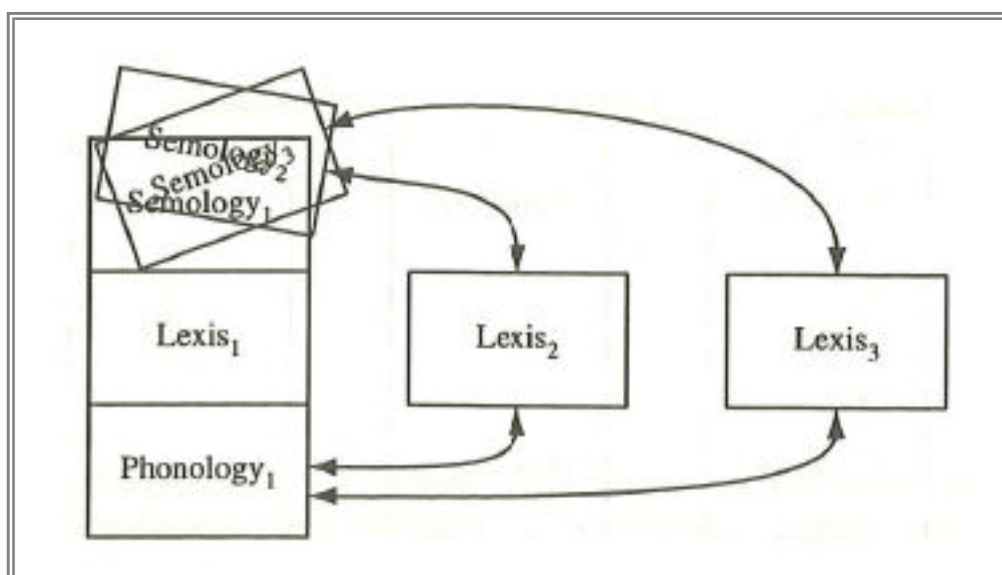


FIGURA 1.1 – Estratificação.
 Fonte: Lamb (1999, p. 42).

Na língua, porém, o estrato do conteúdo, ao longo da evolução do sistema, se dividiu em dois: semântica e gramática. Assim, o estrato gramatical permite que o conteúdo não mantenha uma correspondência unívoca com o significado que encerra, contrariamente a outros sistemas semióticos.

³ Cabe neste momento fazer aqui uma observação quanto à terminologia. Devido ao fato de na nossa língua o sistema linguístico ser denominado tanto de ‘língua’, quanto de ‘linguagem’, nesta tese, os sistemas linguísticos serão denominados de ‘línguas’ e o termo ‘linguagem’ está reservado aos sistemas semióticos em geral.

⁴ Na organização sistêmica da língua, o estrato gramatical inclui tanto os itens gramaticais (generalizações e criptótipos), quanto os itens lexicais (a gramática mais delicada), recebendo, assim, o nome de *lexicogramática*. Contudo, seguindo Halliday (1994, p. xiv), será adotado nesta tese o termo ‘gramática’ para se referir a este estrato.

Mais especificamente no que diz respeito à gramática, verifica-se que esta é um conjunto de recursos de produção de significado (Halliday, 1978). O conceito de gramática se refere ao potencial de produção de significado de um sistema linguístico, ou, em outras palavras, a gramática é responsável pela realização linguística dos significados produzidos pelos seres humanos. Segundo a categorização sistêmico-funcional, a gramática (estrato gramatical) apresenta em um contínuo a organização gramatical – a gramática (escolha e emprego de recursos) – e a organização do vocabulário, ou o léxico.

A continuidade entre a gramática e o léxico se deve ao fato de, por um lado, o léxico também ser responsável por configurações gramaticais e, por outro lado, de as configurações gramaticais determinarem empregos lexicais específicos. Somando-se a este fato, observa-se que a separação entre “palavras gramaticais” e “palavras de conteúdo” não é simplesmente polarizada, mas possui várias gradações intermediárias, como por exemplo, é o caso de alguns advérbios (*adverbials*) e dos processos relacionais. Dentro da teoria sistêmico-funcional este contínuo entre gramática e léxico, que responde pelo estrato gramatical no sistema linguístico, é denominado gramática.

A organização de gradações, e não de simples polaridade no sistema linguístico, se deve, sob a perspectiva sistêmico-funcional, ao caráter difuso que assume a língua humana, que estabelece contínuos entre os sistemas e entre itens nos sistemas, em lugar de delimitações abruptas entre eles (Halliday, 2005). Tal fenômeno se relaciona à forma como a língua e a espécie humana (biologia e relações sociais) evoluíram simultaneamente (cf. Halliday 1978), construindo ambientes semióticos mais complexos a partir de milhares de experiências novas vivenciadas pelos agrupamentos humanos e por suas interações múltiplas e crescentes (cf. Matthiessen, 1998; Halliday e Matthiessen, 1999).

Foi também a coevolução entre a língua e a espécie a responsável pela estratificação do estrato de conteúdo do sistema linguístico, dividindo o trabalho de produção de significado entre semântica e gramática. A vantagem evolutiva de a língua estratificar foi liberar a produção de significado linguístico da situação imediata na qual as pessoas se encontram – os eventos do mundo à sua volta e as relações sociais – tal como seria, caso o sistema possuísse apenas um estrato de conteúdo e outro de expressão (Matthiessen, 1993).

(c) A concepção de língua natural: os estratos de conteúdo do sistema, semântica e gramática, mantêm relação natural entre si, assim como o sistema linguístico mantém relação natural com o contexto (organização social e cultura). É importante ressaltar que o conceito de “relação natural” é, desta forma, aplicado a dois tipos de relação. Em primeiro lugar, na

relação entre o sistema linguístico e os contextos social e cultural, quando “natural” possui o sentido de representar linguisticamente os eventos do mundo externo à língua e os processos sociais. Neste caso, “natural” implica em entender a evolução do sistema linguístico concomitante à evolução da espécie humana, em particular do cérebro humano e das relações sociais (Halliday, 1978).

Com respeito ao desenvolvimento paralelo entre o sistema linguístico e a espécie humana (cérebro e relações sociais), torna-se importante o conceito de difusão, segundo o qual, estando os agrupamentos humanos diante de um conjunto virtualmente ilimitado de experiências representadas semioticamente e da necessidade de negociar significados novos na gama complexa das interações sociais, surgiu no sistema gramatical a possibilidade de desenvolver contínuos entre os significados, adaptando e modificando, por exemplo, a forma de se representarem as experiências, ou modo de interação entre os falantes, em lugar de encenar-se um mesmo padrão (cf. discussão de Halliday, 1978, capítulo 11).

Como foi apresentado no item **(b)**, o próprio estrato gramatical do sistema linguístico é apresentado em forma de contínuo, desde os itens caracteristicamente gramaticais (por exemplo, os morfemas modo-temporais dos verbos em português brasileiro), itens intermediários (por exemplo, as preposições, partículas modais e alguns verbos de ligação em português brasileiro) e itens caracteristicamente lexicais (por exemplo, os substantivos concretos em português brasileiro).

O conceito de “relação natural” é aplicado na relação entre a semântica e a gramática, quando “natural” possui o sentido de “não-arbitrário” e, com isto, a representação de significados ocorre duas vezes, primeiro semanticamente e, em seguida, gramaticalmente. Desta forma, é por meio da relação natural entre semântica e gramática que o sistema linguístico é capaz de organizar os significados que representam os eventos do mundo e os significados que encenam os processos sociais na forma do fraseado (*wording*), ou da expressão de linguagem verbal propriamente dita.

Este movimento pode ser verificado, por exemplo, nos estudos diacrônicos de evolução dos sistemas linguísticos, os quais apontam as variações gramaticais e a prevalência de uma variante sobre outra, quando este é o caso, não como simples construções formais independentes de seu significado, porém como variações motivadas pela função e, portanto, gerando significados distintos.

(d) Questões fundamentais para a teoria: as perguntas às quais a teoria se propõe a responder variam em número e se relacionam à linguística, mas, igualmente à educação, à

estilística, à computação, entre outras (Halliday *et al.*, 1964). O fator que permite a interação entre a teoria linguística e as outras áreas do conhecimento está na concepção de língua e de pesquisa em linguística estabelecida pela teoria sistêmico-funcional. Um exemplo da forma como se dá esta concepção pode ser encontrada no ensaio de Halliday (1978, capítulo 1), intitulado ‘Language and social man (part 1)’.

Nesse trabalho, Halliday (1978, capítulo 1) divide as áreas de investigação dos estudos linguísticos segundo a natureza da relação entre o falante e a língua. Halliday (1978, p. 11) identifica as áreas de estudo específicas da linguística, bem com as relações entre estas e outras áreas do conhecimento. Assim encontram-se, para a investigação nos diversos campos, em complementaridade, as compreensões da língua como comportamento e como conhecimento. Para explicá-las, esse autor apresenta as perspectivas intra-organismo e interorganismo dos estudos da língua. Estas são apresentadas de forma esquemática na Figura 1.2.

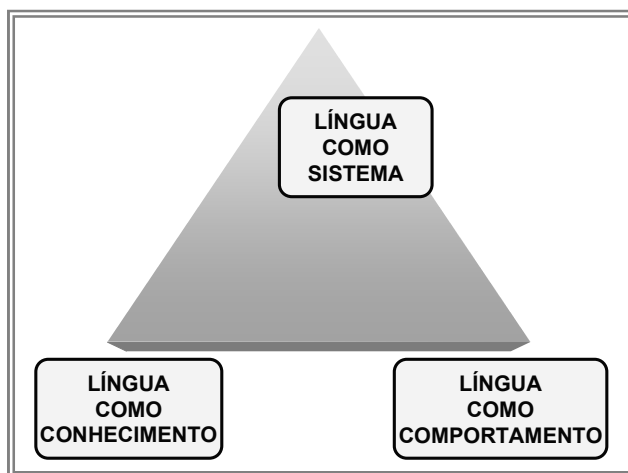


FIGURA 1.2 – Áreas de estudo da língua: interorganismo e intra-organismo.
Fonte: Traduzida e adaptada de Halliday (1978, p. 12).

Segundo Halliday (1978), a perspectiva interorganismo compreende a relação entre a língua e o homem social, na qual o indivíduo é uma entidade singular, ou a condição imprescindível para a produção e para a compreensão da língua. Ora, tanto uma quanto a outra fazem sentido quando o indivíduo atua sobre e interage com seu ambiente, principalmente com outros indivíduos. Sob tais condições a língua é vista como comportamento.

Cabe ressaltar que a oposição apresentada não está entre o individual e o social, mas, de outra forma, está entre o social e o psicológico. Halliday afirma que na perspectiva intra-organismo o homem não é visto como uma entidade única, mas como uma “reunião de

partes”⁵ (Halliday, 1978, p. 12); afinal, investiga-se o funcionamento interno ao organismo: as estruturas de funcionamento cerebral. Nesta perspectiva, as perguntas fundamentais para a pesquisa intra-organismo não dizem respeito propriamente à interação entre o indivíduo e seu meio, mas aos mecanismos cerebrais envolvidos na produção e na compreensão da língua. Sob o ponto de vista intra-organismo, a língua é entendida como conhecimento, ou “o que o indivíduo sabe”⁶ (Halliday, 1978, p. 10).

A afirmação mais relevante feita por Halliday para esta tese está na complementaridade entre a compreensão da língua como conhecimento e como comportamento: “é possível olharmos para os fatos sociais sob um ponto de vista biológico, ou para os fatos biológicos sob um ponto de vista social”⁷ (Halliday, 1978, p. 13).

Alguns anos mais tarde, Halliday e Matthiessen retomam questões relativas à ligação entre conhecimento, língua e comportamento. Em sua obra de 1999, esses autores concebem um modelo sistêmico-funcional para a produção de significado – especificamente da representação da experiência – a partir de uma base linguística. No trabalho, Halliday e Matthiessen (1999) entendem que a experiência humana é construída como significado através da língua – sistema semiótico (semântico) superior – pois a teoria sistêmica considera a língua como elemento central na constituição da personalidade (personalidade = indivíduo desempenhando papéis sociais conforme contextos funcionais, o que se constitui como exercício fundamentalmente de língua). Portanto partem da compreensão da língua como comportamento (ver Figura 1.3).

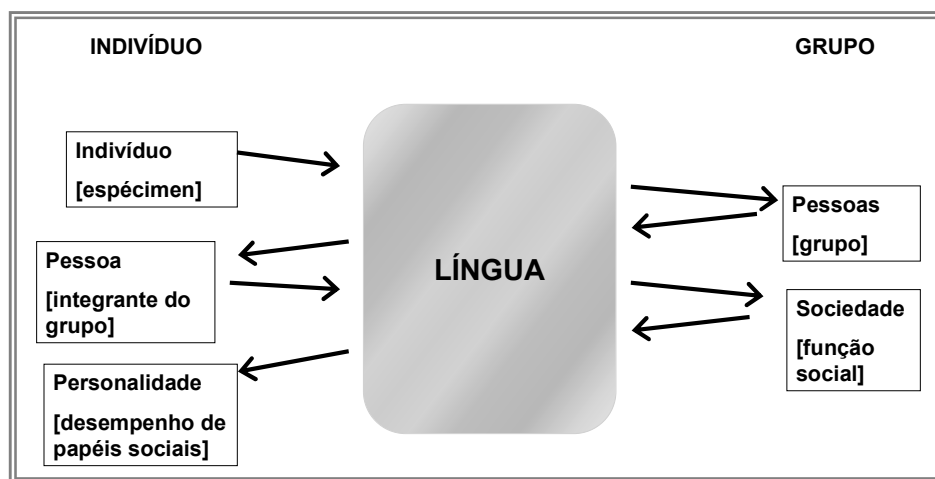


FIGURA 1.3 – A língua como elemento essencial da personalidade.
 Fonte: reprodução de Halliday (1978, p. 15), traduzida para o português brasileiro.

⁵ assemblage of parts.

⁶ what the individual knows.

⁷ We can look at social facts from a biological point of view, or at biological facts from a social point of view.

É comum nas teorias sobre a língua a adoção de uma perspectiva intra-organismo na criação de modelos da representação da experiência, nos quais a língua cumpriria o papel de código entre a base de conhecimento (*knowledge base*) e a experiência. Já no modelo de Halliday e Matthiessen (1999), a língua (sistema semântico) é a base de significado (*meaning base*) a partir da qual a experiência é representada. Os autores afirmam que sua proposta não polariza, mas complementa a visão da língua como conhecimento, principalmente quando este é modelado a partir da produção de significado. Deste modo, é através da concepção de língua como produção de significado que se torna possível produzir um modelo no qual língua como conhecimento e língua como comportamento estão ligadas de modo complementar em um contínuo (ver Figura 1.4).

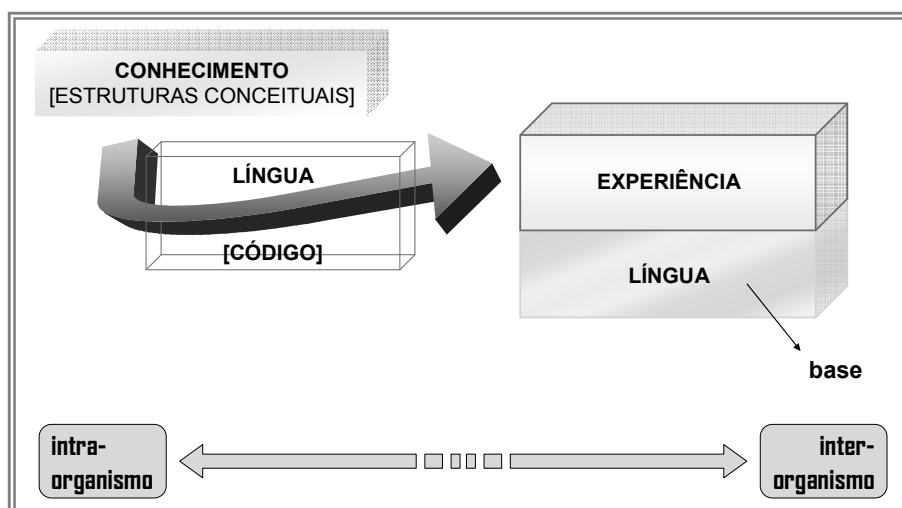


FIGURA 1.4 – Relações entre conhecimento, língua e experiência.

Assim, há pesquisas sistêmico-funcionais mais próximas dos estudos da língua como conhecimento, como as pesquisas sobre a base de significado do sistema linguístico, os estudos da tradução que investigam o processo de tradução e a modelagem de língua natural por computador. Há, igualmente, pesquisas mais próximas ao pólo da língua como comportamento, como os estudos sobre o desenvolvimento da criança e sobre educação.

Justamente por esta concepção da complementaridade entre a língua como conhecimento e língua como comportamento utilizada pela teoria sistêmico-funcional é possível que as pesquisas desenvolvidas a partir do arcabouço desta teoria atinjam uma vasta área e possam investigar um número grande de fenômenos.

(e) **Relação entre teoria e aplicação:** não existe delimitação clara entre a produção teórica e a aplicação, fator que possibilita a manutenção permanente do diálogo entre ambas. A linguística sistêmico-funcional é uma teoria sobre a língua que se desenvolveu por evolução, fato que, como foi mencionado anteriormente, implica em a teoria lançar as bases sobre as quais deve se desenvolver e, ao passo que as pesquisas vão elucidando novos fenômenos, retifica suas bases de forma a poder se desenvolver e ampliar sua abrangência. Um exemplo importante deste movimento está na relação entre a expansão da teoria sistêmico-funcional e os estudos sistêmico-funcionais da tradução.

Nos primórdios da teoria sistêmico-funcional, até meados dos anos de 1960, a concepção de língua se limitava, em grande medida à oração (e ao complexo oracional), em virtude do estágio incipiente no desenvolvimento da teoria (cf. Halliday *et al.* 1964). Assim, os estudos de traduções foram, obrigatoriamente, restritos à oração, o que os tornou descontextualizados em grande medida e impossibilitados de responder perguntas relevantes para o estudo da tradução, como a relação entre as culturas que produziram os textos fonte e alvo (cf. Catford, 1965).

Atualmente, com a expansão teórica, unidades maiores da produção de significado são incorporadas à análise. Com isto, a unidade mais ampla de produção de significado – o texto; entendido pela teoria sistêmico-funcional como língua em contexto – é tomado como unidade básica de análise. Este passo possibilitou que a própria teoria se ampliasse enormemente, principalmente nos estudos sobre a língua como comportamento. No caso específico do estudo de traduções foi possível não apenas entender opções de tradução mais amplas que a oração, como também ampliar o entendimento da tradução como operação entre contextos (social e cultural).

Entender o texto como unidade de análise implica em contemplar tanto o produto da produção de significado – o texto “materializado” no papel, na tela do computador, nas ondas sonoras, etc. – quanto o processo de produção de significado – o desdobramento “*on-line*” do texto. Por conseguinte, o texto é analisado tanto do ponto de vista do *potencial* do sistema linguístico, relativamente aos recursos que estão disponíveis para a produção do texto, quanto do ponto de vista da *instância* textual, ou os recursos que de fato foram escolhidos na produção do texto. O processo de produção textual pode, com isto, ser disposto em um contínuo de instanciação, tendo o potencial como um dos pólos e a instância como o outro pólo.⁸

⁸ Para mais detalhes sobre o contínuo de instanciação, ver capítulo 2, seção 2.3.

Quando o texto é compreendido como uma instância, isto é, uma unidade de significado que responde por um conjunto determinado de escolhas do potencial do sistema linguístico, é possível estudar a tradução como a relação entre duas unidades de significado (dois conjuntos de escolhas), mas também como a relação entre dois potenciais de produção de significado.

(f) Modo de desenvolvimento: devido a este diálogo, a teoria sistêmico-funcional evolui a partir de versões anteriores da própria teoria ou de outros predecessores em áreas do conhecimento afins, como a sociologia, a etnografia, a educação, entre outras.

Uma das preocupações mais antigas da linguística sistêmico-funcional reside na produção de descrições linguísticas que sejam detalhadas e abrangentes o suficiente de modo a explicarem o número de fenômenos os quais a teoria alcança. Desta maneira, os trabalhos de descrição linguística são estabelecidos como um ramo da linguística sistêmico-funcional denominado Teoria Geral de Descrição (Halliday, 2002, 2003; Halliday *et al.* 1964; entre outros). Um dos principais pressupostos da Teoria Geral de Descrição é que a descrição linguística deve trabalhar com os sistemas e estruturas da teoria linguística base, bem como com o método por esta última desenvolvido. Dentro do **(f) modo de desenvolvimento**, encontram-se os três tipos gerais de estudos sob os quais se agrupam as pesquisas da teoria sistêmico-funcional.

1.1 Estudos Descritivos, Aplicados e Teóricos

No âmbito da linguística sistêmico-funcional, os trabalhos de descrição linguística calcados na teoria geral de descrição são capazes de oferecer recursos para a produção de ferramentas aplicáveis a uma série de estudos que, de forma ampla, agrupam-se como:

(i) estudos descritivos: lançam mão de categorias – aqui entendidas como conceitos de organização teórica (Halliday e Matthiessen, 1999) – definidas mediante critérios formais e, sob a orientação de um método descritivo, exploram áreas dos sistemas linguísticos ainda não compreendidas de modo exaustivo. Os estudos descritivos partem da redefinição formal das categorias descritivas, isto é, estabelecem estas categorias segundo suas funções na produção de significado, o que é feito tanto para línguas ainda não descritas quanto para sistemas ainda não descritos de línguas já descritas.

Como exemplo, podem ser citadas as descrições embasadas no referencial sistêmico-funcional que primeiramente foram realizadas para o chinês (Halliday, 2006), depois para o inglês (Halliday, 2003) e, com o passar do tempo, para outras tantas línguas, como tagalo, japonês, francês, vietnamita, alemão, pitjantjatjara (cf. Caffarel *et al.*, 2004), espanhol (Arús,

2003; Quiroz, 2010), *bajjika* (Kumar, 2009) e português brasileiro (Araújo, 2007; Figueredo, 2010; Figueredo *et al.*, 2008; Pagano e Figueredo, 2011). Assim, é possível observar que a descrição do chinês contribuiu para a descrição do inglês, que por sua vez contribuiu para a descrição do tagalo, e estas todas para a descrição do japonês, do francês, e estas para a do português brasileiro, e assim por diante. Todas estas línguas foram – e estão sendo – descritas de modo sistêmico-funcional; no entanto, as categorias descritivas apresentadas para cada uma delas são particulares a cada língua, pois foram estabelecidas segundo as funções de produção de significado dessas línguas especificamente.

Neste grupo de estudos se localizam os estudos de linguística contrastiva, os quais objetivam compreender tanto as semelhanças quanto os contrastes entre as línguas (Ellis, 1966). A linguística contrastiva pode ainda ser geral ou possuir propósitos (gerais ou específicos). A linguística contrastiva geral investiga formas de se estabelecerem parâmetros para a comparação, além das técnicas de empregá-la ao estudo das línguas. A linguística contrastiva com propósitos gerais se ocupa dos tipos de língua comparados, do âmbito dos objetos linguísticos comparados (variando de objetos particulares a tipológicos), e dos métodos de comparação. Neste caso estão os estudos tipológicos da forma como os diversos sistemas linguísticos organizam, semântica e gramaticalmente os significados, isto é, os estudos de produção multilíngue. A linguística contrastiva com propósitos específicos é definida conforme o propósito do estudo comparado, como no estudo de dialetos, da linguística institucional, ou do contato entre línguas. Encontram-se nesta categoria os estudos de tipos de texto, que variam segundo o contexto no qual são empregados. Sob este tipo de estudo estão as pesquisas de registro e a pesquisa da tradução que se restringe à comparação entre textos.

(ii) estudos aplicados: levam o conhecimento produzido em linguística e a expertise dos pesquisadores a outros contextos, inclusive comerciais, como no caso das pesquisas em linguística computacional, ou no desenvolvimento de softwares comerciais que necessitam de base linguística, como processadores e corretores de textos, tradutores automáticos, programas para identificação de tipos de texto (como por exemplo e-mails *spam*, entre outros) (Herke-Couchman, 2006). Também a produção no contexto educacional “consume” a produção e o conhecimento desenvolvido pela linguística, como na elaboração de materiais e métodos de ensino, na disposição gráfica e textual dos materiais didáticos, na ênfase dada a cada tipo de conteúdo.

Desta forma, o trabalho descritivo contribui para os estudos aplicados de muitas formas que, entre si, possuem um elemento comum: o consumidor. A relação entre o trabalho descritivo e sua aplicação para algum consumidor pode ser exemplificada pelo trabalho de Herke-Couchman (2006), no qual são analisadas as variações linguísticas específicas de um tipo de texto, denominado *Nigerian scam text* (o qual contém uma mensagem com o objetivo de tomar dinheiro das pessoas) e, em conjunto com pesquisadores da computação, desenvolve um software denominado *Scamseek* que é capaz de identificar automaticamente os traços linguísticos deste tipo de texto e chegar ao computador do qual este tipo de mensagem está sendo enviada.

(iii) *estudos teóricos*: uma parte do conjunto destes estudos poderia facilmente ser agrupada com os estudos aplicados, e parte com os estudos descritivos. Como foi mencionado anteriormente, isto se deve ao fato de os estudos teóricos dialogarem permanentemente com as implementações, tanto descritivas, dentro do escopo dos estudos linguísticos, quanto aplicadas, quando se estabelece alguma relação com o consumidor. Contudo, certa particularidade destes estudos justifica sua distinção, pois é neste caso que as implementações se voltam para a própria teoria e contribuem com sua expansão, procurando explicar novos fenômenos anteriormente não apreciados, como também sua própria reformulação (ver Figura 1.5).

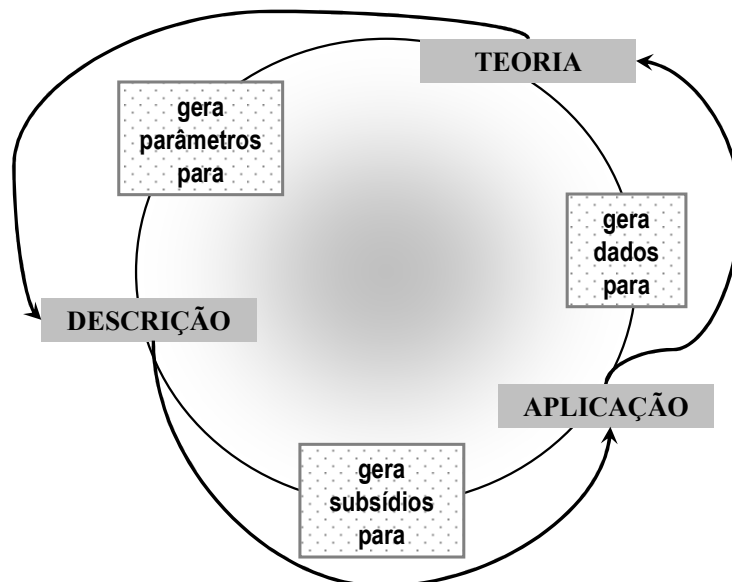


FIGURA 1.5 – Círculo virtuoso entre teoria, descrição e aplicação.

Dentre os estudos teóricos encontra-se uma parte importante dos estudos de produção multilíngue, representados pela parte abstrata (formal) da produção, a qual busca compreender

como os sistemas linguísticos se organizam e em que medida é possível contrastá-los ou encontrar padrões translinguísticos. Um exemplo pode ser visto no livro de Caffarel *et al.* (2004), o qual postula a descrição de vários sistemas linguísticos e, ao fim, produz o contraste tipológico e os padrões comuns aos grupos de línguas, ou, em outras palavras, dispõe contrastivamente os recursos de produção de significados típicos de cada sistema linguístico.

2 DESCRIÇÃO, APLICAÇÃO E TEORIA NOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

A distribuição entre estudos *(i)* descritivos, *(ii)* aplicados e *(iii)* teóricos no âmbito da teoria sistêmico-funcional varia, segundo previra Halliday (2003), conforme a função que os estudos podem desempenhar. Halliday (2003) afirma que, desta forma, os estudos não podem ser considerados concorrentes, mas complementares. Diante da disposição das formas pelas quais se empregam os trabalhos em descrição linguística, é possível verificar que podem ser orientados segundo algum destes agrupamentos, ou mais de um simultaneamente. Talvez o exemplo mais completo do desenvolvimento destes tipos de estudos derivados do trabalho de descrição linguística está nos estudos da tradução de base sistêmico-funcional, justamente pelo fato de a tradução poder se vincular aos três tipos de estudos:

(i) Estudos descritivos: compreensão da tradução como produção multilíngue dentro de uma perspectiva tipológica.

(ii) Estudos aplicados: ensino de tradutores; produção de traduções (humanas e automáticas).

(iii) Estudos teóricos: formulação de uma teoria geral de tradução; produção multilíngue de significado.

Ao tomar por base a teoria sistêmica, o trabalho apresentado nesta tese, sob a perspectiva dos *(i) estudos descritivos*, tem como ponto de partida a análise de tipos de texto funcionando em seu contexto, particularmente o contexto de produção multilíngue. Cabe ressaltar que o termo ‘multilíngue’ é aqui empregado em duas acepções complementares. Sob uma perspectiva, o termo ‘multilíngue’ é observado do ponto de vista da produção de um texto em específico (uma unidade de significado) e implica na produção de determinado significado considerado equivalente, segundo uma série de critérios formais (Catford, 1965; Matthiessen, 2001) em várias línguas.

Sob outra perspectiva, o termo ‘multilíngue’ não aponta diretamente para o texto, mas para os recursos do sistema linguístico que foram capazes de, ao serem selecionados de uma forma específica, produzir determinado texto. Desta maneira, ‘multilíngue’ envolve a noção de se caminhar na direção do pólo do potencial no contínuo da instanciação do sistema linguístico (Teich, 1999; Matthiessen, 2001) distanciando-se da comparação entre textos (quer

em uma ou em mais línguas), ou entre tipos de textos e passando a observar padrões sistêmicos entre as línguas, com dois objetivos principais: estabelecer uma tipologia entre as línguas e buscar explicar como acontece a produção de significado em contextos interlinguísticos, dentre os quais, ganha proeminência o contexto da tradução.

Na perspectiva dos *(ii) estudos aplicados*, esta tese oferece subsídios, na forma de ferramentas semióticas, que possibilitem uma maior compreensão do texto como unidade de significado, bem como o potencial de escolhas gramaticais disponível para cada unidade de tradução. Espera-se, com isto, contribuir para a expansão do potencial de profissionais da língua – em particular tradutores.

A aplicação que objetiva ampliar os recursos dos profissionais da língua se faz importante devido ao fato de, para estes, ser necessário não apenas saber trabalhar e controlar os recursos linguísticos, como também produzir generalizações mais abstratas sobre a forma como os textos são construídos, quer para traduzi-los, para ensiná-los, ou para produzi-los. Assim, dentro da perspectiva dos estudos aplicados, estes procuram oferecer subsídios para a análise da organização textual a partir de: (a) uma teoria geral de descrição; (b) interpretação de dados calcados na análise; (c) o desenvolvimento de generalizações aplicáveis a um grande número de interpretações; e (d) a inclusão destas generalizações ao repertório do profissional.

Assim, quanto maior e mais amplo for o contato do profissional com a língua – não apenas como usuário, mas, principalmente, como analista – possivelmente serão também maiores as oportunidades de ele compreender o funcionamento do sistema linguístico. A especificidade técnica do profissional da linguagem, assim como de outros profissionais, reside no domínio e aplicação de tecnologia. Contudo, dada a natureza de seu trabalho, está na capacidade de usar não só tecnologia material – como computadores, papel e caneta – mas, principalmente, no uso de tecnologia semiótica. Neste ponto, uma teoria geral de descrição, bem como as generalizações das análises com base na teoria – tal qual se apresentam nesta tese – podem, em alguma medida, contribuir para os estudos aplicados.

Por fim, dentro da perspectiva dos *(iii) estudos teóricos*, é importante destacar que, se de um lado há razões para se incluir a teoria de tradução como uma subárea da teoria sistêmico-funcional (Ellis, 1966), por outro, é possível entender a tradução como objeto de estudo em si – com uma teoria própria – e ainda assim conservar uma base sistêmica. Desta maneira, procuram contribuir para uma teoria de tradução que possa ser articulada a outros tipos de estudo da produção de significado multilíngue, especialmente com os estudos de contraste tipológico relativos ao potencial dos sistemas linguísticos.

Historicamente, uma das maneiras de se entender a tradução dentro de uma abordagem linguística, reside no esforço de desenvolver uma teoria de tradução (Halliday *et al.*, 1964). Para tanto, os fenômenos envolvidos na produção de traduções são identificados e a eles se aplicam as categorias da teoria linguística base. Deste modo, a teoria da tradução passa a se constituir, necessariamente, como uma subárea da teoria linguística. Diferentemente, outra maneira é entender a tradução como objeto de estudo em si próprio. De uma forma ampla, este entendimento implica em utilizar os recursos linguísticos de modo a explicar como acontece e o que é a tradução, dado que este processo envolve recursos e fenômenos exclusivos à tradução.

Além disto, a multiplicidade das pesquisas nas abordagens linguísticas permite que vários aspectos da tradução sejam estudados com mais detalhamento. Assim, há estudos linguísticos que se concentram, por exemplo, na função do texto traduzido na língua alvo, outros, no processo mental e nas estratégias do tradutor quando realiza a tarefa tradutória – o processo tradutório – e, por fim, abordagens à tradução de base linguística que investigam o texto traduzido, que é o produto da tradução (cf. Steiner e Yallop, 2001).

Dentro deste contexto, é possível incluir os fenômenos relativos à tradução em um conjunto de fenômenos mais amplos, que possam ser explicados de modo articulado e amplo segundo os pressupostos da teoria sistêmico-funcional. Isto se vê principalmente no início dos estudos sobre tradução embasados na linguística sistêmico-funcional, quando se buscava uma teoria de tradução que esboçasse a teoria sistêmica de modo particular (cf. Catford, 1965; Ellis, 1966).

Mais recentemente, contudo, as abordagens à tradução tanto nos estudos da tradução, quanto na própria teoria sistêmica, permitiram que as pesquisas mantivessem maior autonomia em relação à teoria base, de forma a não constituírem apenas uma subárea desta, mas, igualmente, possibilitando entender a tradução como objeto de estudo em si próprio, permitindo-a ser localizada entre a busca por uma teoria de tradução e a manutenção do objeto de estudo.

A partir desta visão mais recente da tradução, autores como Steiner (2001) e Teich (2001) propõem que os estudos da tradução de base sistêmico-funcional partam do entendimento da língua como sistema de produção semiótica e, assim, ofereçam análises distintas daquelas características dos estudos linguísticos, na medida em que a tradução se constitui, ela própria, como um sistema de produção de significado.

Segundo esta concepção, a relação natural entre os estratos gramatical (forma linguística) e contextual (processos sociais e culturais) permite alcançar uma teoria linguística da tradução

capaz de extrapolar os limites do ramo contrastivo da teoria linguística. Além disto, permite também entender como acontece a relação formal (gramatical) e sociocultural entre sistemas linguísticos de modo particular na produção de traduções. Isto se deve principalmente ao fato de, no estudo contrastivo entre as línguas, se observar que os textos traduzidos possuem uma variação nos significados produzidos que é diferente de outros tipos de produção (Steiner e Yallop, 2001).

Tal posicionamento teórico contribui, em primeiro lugar, para que os estudos pautados por esta visão da tradução estejam afiliados aos estudos da tradução, de forma que o tipo de relação (contrastiva) estabelecida entre dois textos (duas unidades de produção semiótica) seja característico da produção de traduções. Em outras palavras, uma teoria linguística da tradução afiliada aos estudos da tradução é capaz de entender aspectos linguísticos (formais e sócio-culturais) dos sistemas linguísticos envolvidos na tradução que só podem ser identificados quando estes sistemas se relacionam pela tradução, o que não é possível de se averiguar de outra forma, como por exemplo, a partir de estudos contrastivos ou tipológicos.

Desta maneira, o estudo de traduções, do ponto de vista da ciência linguística, pode ser conduzido a partir da perspectiva dos *(iii) estudos teóricos* por ser capaz de ampliar as pesquisas da teoria sistêmico-funcional no que diz respeito à produção de significado que acontece quando dois sistemas linguísticos entram em contato, elucidando novos fenômenos que, de outra forma, seriam inacessíveis. Já do ponto de vista dos estudos da tradução, os estudos teóricos sistêmico-funcionais contribuem para o entendimento do papel da produção de significado linguístico no seu objeto de estudo particular, a tradução.

3 DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA E OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

A relação entre os estudos linguísticos e os estudos da tradução adotada nesta tese contribui tanto para a metodologia e a análise descritiva quanto para a visão da tradução (e do contato linguístico como um todo). Ela segue o percurso teórico de linguistas que se ocuparam das descrições de línguas particulares, mas sempre em referência a uma teorização mais ampla aplicável a mais de uma língua. Igualmente, segue o percurso teórico de estudiosos da tradução que enxergam na língua – e no contato linguístico – a base para a formulação de uma teoria de tradução.

Assim, esta seção apresenta alguns autores destes dois campos que pensaram a relação entre língua e tradução explorada nesta tese. São eles Catford, com seu livro de 1965 sobre o estudo linguístico da tradução; Ivir, com seu artigo de 1981 sobre a importância da tradução para os estudos comparativos, e a importância dos estudos comparativos para a tradução; e

Matthiessen *et al.*, com seu capítulo de 2008, no qual apresenta os estudos multilíngues, um campo disciplinar comum para os diferentes estudos de contato linguístico.

3.1 Catford (1965)

Em *A linguistic theory of translation: an essay in applied linguistics* (1965), Catford apresenta as bases para uma teoria de tradução, entendendo a tradução como um fenômeno que acontece na relação entre duas línguas, sendo, por isto, um ramo aplicado da linguística comparada. Este autor utiliza as bases iniciais da teoria de Halliday e formula um conjunto de propostas que levariam a uma teoria linguística da tradução. Nesta teoria, o conceito de tradução é definido como “a substituição de material textual em uma língua (língua fonte, ou LF) por material equivalente em outra língua (língua meta, ou LM)” (Catford, 1980⁹, p. 22).

Este conceito de tradução determina, em primeiro lugar, que a tradução é, fundamentalmente, um fenômeno linguístico. Em segundo lugar, consolida a metáfora da substituição para explicar o contato linguístico. Para conceitualizar a tradução como fenômeno linguístico de substituição, Catford coloca o conceito de equivalência no cerne de seu modelo. Por conseguinte, aponta que, uma questão fundamental para a formulação de uma teoria de tradução seria definir a natureza da equivalência em tradução.

Na sua argumentação sobre equivalência, Catford entende que o significado só pode ser construído quando contextualizado em seu uso, isto é, na relação entre traços do meio de expressão (ou contexto) e sua forma (o modo de um elemento funcionar na rede de relações formais). Desta maneira, o autor afirma: “é necessário, obviamente, que a teoria de tradução se formule sobre uma teoria de significado; sem essa teoria, certos aspectos importantes do processo de tradução não se podem discutir” (1980, p. 38).

Devido ao fato de os significados concebidos no âmbito de um sistema linguístico operarem exclusivamente no próprio sistema, Catford afirma não existir transferência de significado na tradução. Se não há transferência, o que acontece é a substituição de significados da LF por outros da LM, que conseqüentemente operam no sistema da LM. Esta substituição deve ser restrita por alguma noção que, independente do grau ou de seu valor, estabeleça em que medida determinado material textual da LF é substituível por outro da LM em um dado contexto de situação. Neste momento, Catford entende que isto só pode ser feito se for levado em conta o fator de equivalência entre os textos da LF e da LM, que deve ser estabelecido para todos os níveis da estratificação do sistema linguístico (fonologia, lexis,

⁹ CATFORD, J. *Uma teoria linguística da tradução: um ensaio de linguística aplicada*. São Paulo: Cultrix, 1980.

gramática – que compreende as ordens: morfema, palavra, grupo e oração – acrescidos do contexto).

De posse desta estruturação e pretendendo uma definição de equivalência, Catford propõe as noções de tradução total – quando há substituição por equivalentes em todos os níveis da estratificação; e a tradução restrita, quando se dá em apenas um nível. O nível contextual é extralinguístico e compreende a organização das unidades de situação cuja relação com a gramática é coextensiva. Por isto, Catford afirma que a tradução no nível do contexto é realizada quando ocorre, conjuntamente, a tradução no nível gramatical.

Nos outros níveis, a equivalência se estabelece no vetor da ordem. Por conseguinte, é possível existir equivalência em qualquer uma delas. Conforme suas observações, Catford diz que, durante a tradução de um texto, a equivalência varia a cada porção de texto, podendo se estabelecer ora na ordem da oração, ora na ordem do grupo, e assim por diante.

Ao estabelecer o ambiente no qual a equivalência ocorre – nos níveis de estratificação e nas ordens – Catford apresenta a tradução como um fenômeno essencialmente de produção textual; portanto, a equivalência seria um traço característico de um tipo particular de produção de significado. Assim sendo, Catford passa à identificação da equivalência segundo seu aspecto funcional, como fenômeno empírico, e da relevância das pesquisas sobre produção de significado, sob o ponto de vista das justificativas para a equivalência.

Como fenômeno empírico, Catford identifica a equivalência textual quando determinada porção de um texto em LM é reconhecida como equivalente de uma porção de texto em LF. Este reconhecimento poderia ser verificado por um falante ou tradutor bilíngue competente, ou pelo processo de comutação, quando mudanças sistemáticas são introduzidas em itens do TF e outras respectivas ocorrem no TM, de forma que o item do TM modificado seja entendido como equivalente.

Quando não pode haver equivalência textual, Catford propõe o conceito de correspondência formal, para uma categoria da LM que ocupa o mesmo lugar na economia da LM quanto à categoria da LF nesta ocuparia. Como não pode, neste caso, existir equivalência, a correspondência formal é sempre aproximada. Catford entende que quanto mais alto o nível de abstração, mais fácil é o estabelecimento de correspondência formal.

Isto significa que, na comparação entre categorias de dois sistemas linguísticos, é possível não se verificar equivalência textual entre dois itens de acordo com os métodos de verificação de equivalência; por outro lado, pode-se estabelecer uma relação de correspondências entre categorias de um dos dois sistemas com as categorias do outro.

Desta forma, a equivalência passa a ser concebida em termos de função, pois um item é equivalente a outro quando “opera de maneira aproximadamente igual na estrutura de unidades de ordem mais alta em ambas as línguas” (Catford, 1980, p. 35). A partir deste ponto, é possível estabelecer uma relação geral entre o item em LF e seus equivalentes em LM relativamente à probabilidade de uma porção de texto em LM ser equivalente a outra em LF.

Catford não desconsidera a probabilidade de equivalência para uma dada ocorrência aleatória – ou probabilidades incondicionadas – ser a mesma para outras ocorrências. Contudo, concebe esta situação apenas em termos formais, pois as probabilidades de ocorrência para equivalentes são sempre condicionadas aos fatores advindos do contexto de situação e do contexto.

A partir do exame que leva em conta a probabilidade, Catford (1980, p. 33) afirma:

Contanto que a amostra seja suficientemente grande, as probabilidades de equivalência de tradução podem ser generalizadas para formar ‘regras de tradução’ aplicáveis a outros textos, e talvez à ‘língua como um todo’; ou mais estritamente, a todos os textos dentro da mesma variante da língua (o mesmo dialeto, registro, etc.).

Por regras de tradução o autor entende um equivalente textual de probabilidade incondicionada mais alta apoiado em probabilidades condicionadas mais altas somadas ao rol dos fatores condicionantes.

* * * * *

Um passo importante para o desenvolvimento dos estudos da tradução de base linguística foi dado por Catford quando este autor afirma que a tradução tem como base a relação entre as línguas. Contudo, devido ao seu percurso como linguista, este autor entende que a tradução é, fundamentalmente, um tipo de aplicação linguística. Contudo, diferentemente de Catford, nesta tese ela não é entendida simplesmente como um ramo da linguística comparada.

Devido ao advento do desenvolvimento da pesquisa em tradução nas várias vertentes dos estudos da tradução, bem como da evolução das teorias linguísticas – em particular da teoria sistêmico-funcional – a tradução pode, como o histórico de pesquisas têm provado, ser estudada de maneira particular, em si mesma. Isto se verifica em estudos como os de Teich (1999; 2001) e Steiner (2001; 2002).

Precisamente por conta do desenvolvimento tanto da pesquisa em tradução quanto dos estudos linguísticos, a tradução pode ser entendida dentro de um escopo mais abrangente, examinando a complementaridade dos dados destes dois campos disciplinares.

Caminhando neste sentido está o trabalho de Ivir (1981) o qual procura relacionar a tradução – desde o ponto de vista dos estudos da tradução – com outras formas de investigação do contato linguístico.

3.2 Ivir (1981)¹⁰

Partindo das formulações de Catford (1965) sobre ‘correspondência formal’ e ‘equivalência textual’ estabelecidas para categorizar a pesquisa em tradução como parte dos estudos linguísticos (*A linguistic theory of translation: an essay in applied linguistics*), Vladimir Ivir se preocupa em repensar a ‘correspondência formal’ e a ‘equivalência textual’ a partir da tradução, propondo assim uma reinterpretação destes dois conceitos de forma a se relacionarem mais intimamente aos estudos da tradução, o que se reflete desde o título de seu artigo, “Formal correspondence vs. translation equivalence revisited” (Ivir, 1981), no qual o conceito de ‘equivalência textual’ é, de início, reformulado como ‘equivalência em tradução’.

Segundo este autor, o conceito de ‘correspondência formal’ é trabalhado de forma mais produtiva pelos estudos contrastivos, uma vez que este conceito abarcaria a comparação e o contraste entre sistemas, funções e estruturas das diferentes línguas, que se daria por critérios formais estabelecidos conforme os objetivos da pesquisa.¹¹

Já o conceito de ‘equivalência [em tradução]’ encontra melhor implementação nos estudos da tradução, uma vez que a preocupação destes não reside no contraste entre sistemas linguísticos, mas sim na análise e explicação das motivações para determinada instanciação no texto alvo, em relação ao texto fonte. Com isto, o conjunto de resultados deste tipo de análise sobre equivalência se configura como a base para uma teoria de tradução (ver Figura 1.6).

¹⁰ Apesar de Ivir não se afiliar à teoria sistêmico-funcional, tal como o fazem Catford e Matthiessen, o modelo de Ivir foi interpretado nesta tese como parte do percurso sistêmico-funcional da tradução pelo fato de tomar o trabalho de Catford como base.

¹¹ Isto pode ser visto, por exemplo, no estudo contrastivo apresentado no capítulo 1 do sistema de MODO em chinês, inglês e japonês (Matthiessen e Halliday, 2009), no qual o que se estabelece é basicamente a correspondência formal entre as funções e estruturas deste sistema nas diferentes línguas.

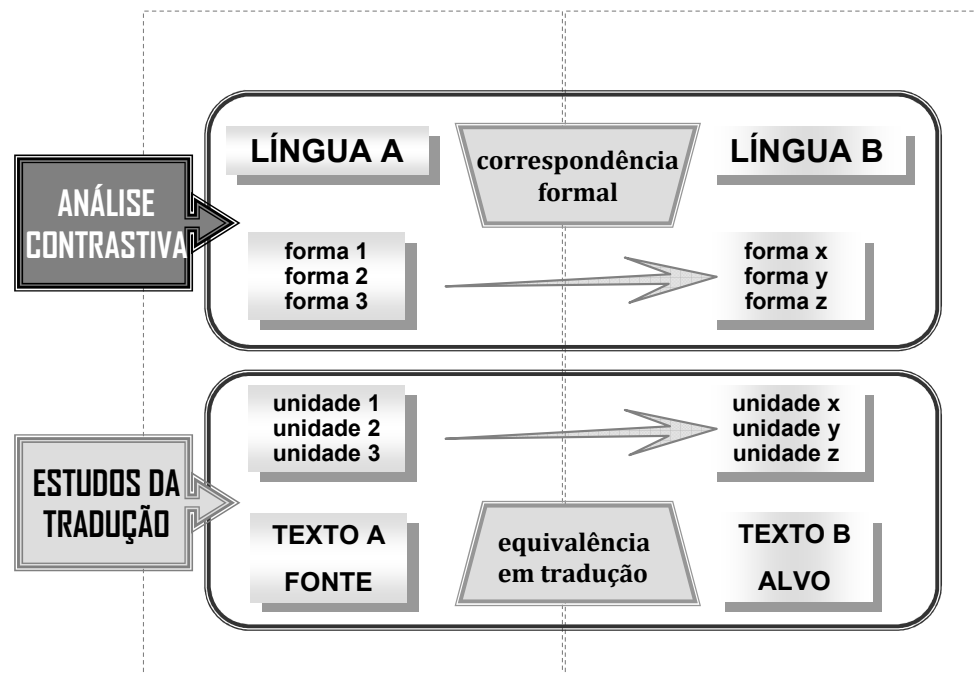


FIGURA 1.6 – Estudos da tradução e estudos contrastivos.

Diante disto, Ivir (1981) tem por objetivo principal apresentar o conceito de ‘equivalência em tradução’ e apontar como este seria importante para a investigação de textos fonte e alvo. Como objetivo secundário, Ivir apresenta o conceito de ‘equivalência em tradução’ de forma que também possa contribuir para a pesquisa em linguística contrastiva. Desta maneira, para que a equivalência possa ser empregada mais consistentemente em um maior número de análises que envolvam o contato linguístico, tais como a tradução e a análise contrastiva, Ivir afirma:

É possível, de fato, imaginar uma teoria de tradução que se vale da definição do conceito de equivalência sem se referir à correspondência formal, da mesma forma como é possível imaginar a análise contrastiva embasada no estabelecimento do conceito de correspondência sem usar da tradução. Porém, na prática, ambos os termos se mostram necessários tanto para os pesquisadores dos estudos da tradução quanto para aqueles da análise contrastiva (p. 51).¹²

3.2.1 Substituição textual e processo comunicativo

Ivir aponta que a equivalência foi, ao longo do percurso da pesquisa em tradução, caracterizada de duas maneiras: como equivalência estática e como equivalência dinâmica.

¹² It is indeed possible to imagine a theory of translation which would operate with the concept of equivalence defined without reference to formal correspondence, just as it is possible to imagine contrastive analysis which would rely on the concept of correspondence established without the use of translation. In practice, however, both terms have been found necessary by students of translation and by contrastive analysts.

O conceito de ‘equivalência estática’, o qual encontra respaldo em Catford (1965), seria aquele no qual a tradução é entendida a partir da metáfora da substituição, quando a tradução é estabelecida entre textos (conjuntos de material textual – a gramática e a expressão). Este conceito implica na existência de um número equivalente de unidades de tradução: material textual no texto fonte que é substituído por um número igual de material textual no texto alvo. Neste caso o trabalho do tradutor não seria propriamente traduzir, mas apenas procurar e encontrar aquelas unidades de tradução equivalentes, respeitando as probabilidades e o contexto para suas ocorrências. Logo, é possível entender a equivalência estática como o trabalho de estabelecimento da correspondência formal entre os itens de um texto original e sua tradução.

Por outro lado, o conceito de ‘equivalência dinâmica’ seria, segundo Ivir, mais produtivo para o estudo da tradução, uma vez que não emprega a metáfora da substituição. A equivalência dinâmica é, então, entendida não mais como um trabalho de substituição, mas sim como um processo de comunicação. Segundo Ivir (1981), esta se caracteriza como:

o produto do processo dinâmico de comunicação da mensagem traduzida entre o emissor da mensagem original e o receptor final, mediada pelo tradutor. Neste processo, o tradutor é o receptor da mensagem original e o emissor da mensagem traduzida; e a mensagem é a configuração de elementos extralinguísticos que são comunicados em uma determinada situação (p. 52).¹³

Ao explicar como acontece o processo de comunicação, Ivir afirma que este se dá não a partir do texto do emissor original, mas sim da mensagem do emissor original. O conceito de ‘mensagem’ não se resume apenas à língua, que para Ivir inclui apenas os estratos gramatical e da expressão, mas se estende aos elementos extralinguísticos, que para Ivir incluem tanto a semântica quanto o contexto.

A mudança do texto para a mensagem na conceitualização de Ivir é muito importante tanto para se entender a equivalência em tradução – como uma operação comunicativa de mensagens – quanto para justificar o uso do conceito de equivalência do ponto de vista da tradução – um processo mais amplo do que apenas a operação (de substituição) linguística. Ivir (1981) explica assim o processo comunicativo equivalente em tradução:

Segundo esta conceitualização, o que permanece constante (equivalente) não são os textos, mas sim as mensagens. É para as mensagens que os

¹³ a product of the dynamic process of communication between the sender of the original message and the ultimate receivers of the translated message via the translator, who is the receiver of the original message and the sender of the translated message. Messages are configurations of extralinguistic features communicated in a given situation.

participantes se voltam em cada um dos passos do processo comunicativo. O tradutor, mais especificamente, não parte direto do texto fonte rumo ao texto alvo. Ao contrário, ele vai do texto fonte na direção da configuração extralinguística que o emissor original procurou comunicar como sua mensagem. Ao chegar nesse ponto, o tradutor codifica novamente esta mensagem, em uma situação comunicativa nova e diferente. Assim, o tradutor produz um texto na língua alvo tendo sempre em mente os receptores finais (p. 52).¹⁴

A tarefa do tradutor não seria simplesmente aquela de substituir as unidades equivalentes, mas sim, a partir da produção de um texto original (codificação feita pelo emissor original), decodificar a expressão de uma configuração extralinguística e recodificá-la de forma a permitir a interpretação do texto traduzido (decodificação feita pelo receptor do texto traduzido). Ivir afirma que é necessário considerar três fatores durante o processo comunicativo da tradução: os recursos linguísticos, o conhecimento linguístico dos interlocutores e o ambiente sociolinguístico em que os interlocutores estão inseridos.

No processo comunicativo, a tradução acontece da seguinte forma: o emissor original produz a mensagem original segundo os recursos do sistema linguístico original, o seu próprio conhecimento linguístico e a avaliação que faz do ambiente sociolinguístico dos receptores do texto original. Composta assim a mensagem original, ela chega ao tradutor, que por sua vez repete o processo de emissão na língua alvo (ver Figura 1.7).

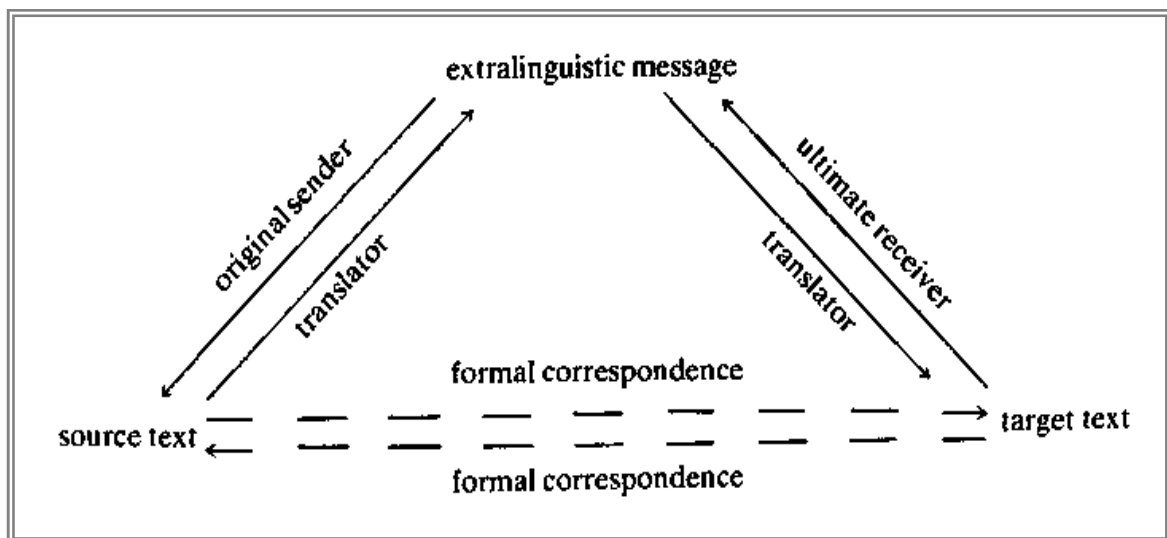


FIGURA 1.7 – O processo de tradução.
Fonte: Ivir (1981, p. 58).

¹⁴ Under this view, what is held constant (i.e., equivalent) are not texts but rather messages, and it is messages that the participants return to at every step in the process of communication. The translator, in particular, does not proceed directly from the source text to the target text: rather, he goes from the source text back to that configuration of extralinguistic features which the original sender has tried to communicate as his message and having arrived there he codes that message again, in a new and different communicative situation, producing a text in the target language for the benefit of the ultimate receivers.

A figura 1.7 mostra que o processo de tradução é a decodificação da mensagem (= língua + contexto sociolinguístico) original e codificação da mensagem (= língua + contexto sociolinguístico) alvo. A tarefa do tradutor não é, portanto, diferente daquela do emissor original, exceto por codificar uma mensagem em outra língua, a partir do seu próprio potencial linguístico.

Uma vez que a transmissão da mensagem é suscetível à influência das fases de codificação, emissão, decodificação e recepção, ela não é absoluta. Ivir identifica esta variável como a ‘relativização da comunicação’ (*relativity of communication*). Por sua vez, a equivalência também deve ser relativizada, suscetível às mudanças necessárias para que a comunicação – e não o texto – seja garantida. A consequência disto é que a ‘tradução verdadeira’ (*true translation*) independe do envolvimento de mais de uma língua, mas depende do processo de codificação → transmissão → decodificação da mensagem. Ivir (1981) afirma:

Um ato de tradução acontece toda vez que um texto é produzido como uma determinada configuração de elementos extralinguísticos codificados como uma expressão e é decodificada de forma a tornar o receptor apto a receber a mensagem (p. 53).¹⁵

Por isto a equivalência é uma relação dinâmica no ato de comunicação e só se estabelece neste ato, e nunca fora dele (i.e. de maneira absoluta), como pressuporia a noção de equivalência estática (= trabalho de estabelecimento das correspondências formais em um dado par de textos).

3.2.2 *Tertium comparationis*

Ao falar sobre a correspondência formal, Ivir afirma que a definição de Catford,¹⁶ necessitaria de um *tertium comparationis* para se sustentar, pois somente por meio deste a relação entre as unidades linguísticas poderia se estabelecer. Ao indagar sobre a natureza deste *tertium comparationis*, Ivir sugere como uma hipótese para o *tertium comparationis* um sistema semântico “supralinguístico”, cujas categorias sejam independentes das descrições de línguas particulares, podendo assim se manter constantes (lembrando que para Ivir, a

¹⁵ An act of translation takes place each time that a text is produced as a coded expression of a particular configuration of extralinguistic features and is decoded to enable the receiver to receive the message.

¹⁶ Correspondência formal: “um correspondente formal é qualquer categoria da LM que se possa dizer que, tão aproximadamente quanto possível, ocupa na economia da LM o “mesmo” lugar que a categoria considerada da LF ocupa na LF” (Catford, 1980, p. 35).

semântica se localiza no ambiente extralinguístico, fazendo parte da mensagem, e não do texto).

Alternativamente, a comparação poderia ser executada a partir de uma descrição comum o suficiente para que possibilitasse o exame de quais expressões linguísticas poderiam ser contrastadas. Ivir (1981) afirma que seria necessária:

uma metalinguagem comum, segundo a qual tanto a língua fonte quanto a língua alvo seriam descritas ao mesmo ponto de detalhamento. Esta metalinguagem deve ser capaz de oferecer as categorias a partir das quais poder-se-iam contrastar determinados elementos de cada um dos dois sistemas. Neste caso, uma vez que as descrições seriam compatíveis, então seu contraste se resumiria à sobreposição de uma descrição à outra para que, desta maneira, se estabeleça seu grau de adequação (p. 54).¹⁷

Contudo, Ivir adverte que não há descrições linguísticas de um par linguístico sequer que cumpriria este requisito. Daí conclui-se que a correspondência formal de Catford seria somente uma formulação teórica, sem maiores implicações derivadas de pesquisa, tanto linguística quanto de tradução. Ivir conclui:

Pode-se, praticamente, afirmar que a correspondência formal, tal como a define Catford, talvez não exista: mesmo em pares linguísticos relacionados mais proximamente seria impossível encontrar categorias que desempenhariam a “mesma” função em seus sistemas respectivos, e a probabilidade de isto acontecer só tende a diminuir com a distância tipológica e genética (p. 56).¹⁸

Ressaltando que a equivalência se dá entre mensagens, e não entre unidades linguísticas, Ivir sugere que a correspondência formal se dê entre textos, mas especificamente entre ‘textos equivalentes em tradução’ (*translationally equivalent texts*). Assim, caberia à correspondência formal de Catford compreender as unidades linguísticas que comunicam um significado idêntico nos textos equivalentes em tradução.

A consequência desta mudança da correspondência entre textos para a correspondência entre mensagens é que ela não mais se estabelece de um para um; mas de um para muitos. Isto porque, dependendo da situação comunicativa, uma unidade da mensagem original – expressa pela língua presente no texto original – pode ter correspondentes diferentes no texto alvo, que

¹⁷ a common metalanguage in terms of which both the source and the target language would be described to the same degree of exhaustiveness. This metalanguage would supply categories in terms of which the appropriate parts of the two systems could be contrasted; since the descriptions would be matchable, their contrasting would consist in simply mapping one description upon the other to establish the degree of fit.

¹⁸ Formal correspondence as defined by Catford can hardly be said to exist: even in pairs of closely related languages it is practically impossible to find categories which would perform the "same" functions in their respective systems, and that probability decreases with typological and genetic distance.

variam precisamente por conta do processo comunicativo que passa pelo ambiente extralinguístico. Como método de identificação dos correspondentes formais nos textos equivalentes em tradução, Ivir sugere a retrotradução (*back translation*), pois ela é capaz de evidenciar as categorias linguísticas empregadas para a codificação das mensagens.

* * * * *

A pesquisa de Ivir (1981) indica claramente qual seria o caminho tanto para a investigação linguística da tradução, bem como a forma como ela deveria se relacionar com outros estudos do contato linguístico. Contudo, como o próprio Ivir aponta, faltaria uma teoria linguística geral que fosse capaz de abranger as descrições de mais de uma língua. Por isto, ele próprio não consegue articular aquilo que denomina a produção linguística (gramática e expressão) com a produção extralinguística (semântica e contexto). Além disto, em Ivir não há uma definição única de texto, mas sim duas: o texto é tanto o conjunto do material linguístico quanto o conjunto das mensagens. Porém, não há no trabalho de Ivir uma articulação entre ambos.

É exatamente neste ponto que a teoria sistêmico-funcional revela o seu potencial para contribuir de forma importante com uma teoria mais ampla do contato entre as línguas. Em particular, estas contribuições foram melhor sistematizadas em Matthiessen *et al.* (2008), com a sua proposição dos estudos multilíngues.

3.3 Matthiessen *et al.* (2008)

No capítulo denominado “Multilingual studies as a multi-dimensional space of interconnected language studies”, Matthiessen *et al.* (2008) têm por objetivo propor como novo campo de estudos a soma dos campos disciplinares e áreas que se pautam pelo estudo do contato linguístico, ao qual denominam *estudos multilíngues*. Os autores afirmam que este novo campo de investigação poderia compreender:

áreas como a *tipologia linguística*, a *descrição linguística*, a *tradução* (incluindo a interpretação), o *ensino de tradutores*, os *estudos da tradução*, o *ensino de língua estrangeira*, a *lexicografia* (incluindo bancos terminológicos para a tradução) e o *multilinguismo* (p. 146).¹⁹

¹⁹ areas such as *language typology*, *language description*, *translation* (including interpreting), *translator education*, *translation studies*, *foreign/second language teaching*, *multilingual lexicography* (including multilingual term banks for translation) and *multilingualism*.

Segundo os autores, o elemento mais importante que propicia a convergência entre as diferentes áreas de investigação e aplicação dos estudos multilíngues é a crescente utilização do texto como objeto de análise e fonte de dados.

Utilizar o texto como parte da pesquisa gera duas implicações importantes. Em primeiro lugar, todo elemento (seja ele uma porção de material textual, uma unidade de tradução, um correspondente formal, uma mensagem equivalente, etc.) passa a ser interpretado a partir do texto. Em segundo lugar, dada a natureza social da produção textual (um texto, que possui uma função em determinado contexto social, é produzido por um falante – um indivíduo socializado, membro de uma comunidade discursiva, parte de uma sociedade), ela é sempre interpretada no contexto. Por este motivo, a análise do texto no contexto propicia às áreas mais generalizadoras (i.e., encontrar um elemento que ocorra em várias situações), como a tipologia linguística, se basear em dados do texto. Ao mesmo tempo, áreas mais especificadoras (i.e., encontrar muitos elementos que ocorram em uma situação), como os estudos da tradução e o ensino de línguas estrangeiras, podem se valer de maneira mais produtiva dos resultados obtidos de generalizações tipológicas.

Independentemente da natureza do estudo, Mathiessen *et al.* afirmam que a principal característica dos estudos multilíngues não é a investigação de muitas línguas. Diferentemente, é o estudo (descrição, análise, aplicação, etc.) de uma ou mais línguas sempre em referência ao estudo (descrição, análise, aplicação, etc.) de outras línguas. A diferença entre as áreas de investigação dos estudos multilíngues varia, portanto, em maior medida quanto à escolha do *corpus* e à aplicação do que em relação à delimitação do fenômeno a ser investigado.

Neste ponto da convergência fenomênica das áreas dos estudos multilíngues, os autores introduzem um conceito fundamental, que representa a continuidade e o avanço em relação aos trabalhos de Catford (1965) e Ivir (1981): o contínuo de instanciação.

Do ponto de vista teórico, segundo a organização da língua no contínuo de instanciação, o conceito de ‘texto’ não é somente o resultado do processo de produção (como entende Ivir), mas, diferentemente, é um dos pólos do contínuo. A análise textual busca nos elementos do texto tanto as partes do contexto, quanto do potencial linguístico que o produziram. Assim, em um texto não se encontram simplesmente os significados particulares daquele texto, que a ele seriam restritos, mas, igualmente, elementos tanto do contexto quanto do potencial do sistema linguístico. Matthiessen *et al.* (2008) afirmam:

É possível estabelecer a relação entre duas ou mais línguas em qualquer ponto do contínuo de instanciação. Tomando como base a distinção entre *langue* (potencial) e *parole* (instância), Koller (1979) sugere que a correspondência entre elementos de um sistema linguístico seja investigada na linguística contrastiva, enquanto a equivalência entre os segmentos de um texto seja investigada pelos estudos da tradução (p. 148).²⁰

No entanto, do ponto de vista da instanciação, a correspondência e a equivalência representam apenas formas diferentes de se olhar para o contato linguístico. Se o olhar partir do contato entre instâncias, então a tendência seria observar a equivalência em tradução. Se o olhar partir da comparação entre potenciais, seria observada a correspondência na linguística contrastiva. Matthiessen *et al.* (2008) afirmam:

A abordagem ao contínuo de instanciação pode se dar tanto do pólo do potencial quanto do pólo da instância, investigando os registros (tipos de texto) em relação tanto à correspondência (a partir do potencial) quanto à equivalência (a partir da instância) (p. 148).²¹

Como foi apontado por Ivir (1981), os estudos da tradução e a linguística contrastiva não são campos excludentes; ambos podem operar com os conceitos de equivalência e correspondência. A forma como isto pode ser feito, segundo Matthiessen *et al.* (2008) é relacionar os estudos da tradução com as outras áreas que estudam o contato linguístico:

Um dos desafios dos estudos da tradução e interpretação é que, apesar de seu foco ser, naturalmente, nas instâncias, carecem de desenvolver uma teoria geral de tradução. Neste ponto a questão reside na dimensão do domínio da teoria geral de tradução. Por exemplo, até que ponto do contínuo de instanciação este domínio deve se estender? Nós acreditamos que parte da resposta é relacionar a tradução às outras áreas do multilinguismo (p. 150).²²

Quanto aos estratos do sistema linguístico, Matthiessen *et al.* afirmam que os estudos da tradução tendem a se concentrar na semântica – como foi possível ver no trabalho de Ivir (1981), que necessita entender a tradução como um processo comunicativo, e não textual. O aspecto comunicativo da análise da tradução estaria no centro da orientação semântica, o que

²⁰ Two or more languages can be brought in relation with one another at any point along the cline of instantiation. Drawing on Saussure's distinction between *langue* (the potential pole) and *parole* (the instance pole), Koller (1979) suggested that correspondence between features of a linguistic system can be studied in contrastive linguistics, and equivalence between segments of texts can be studied in translation studies.

²¹ And we can approach the region along the cline of instantiation between potential and instance from either of these poles, exploring registers (text types) in terms of either correspondence (moving in from the potential pole) or equivalence (moving in from the instance pole).

²² One of the challenges faced in translation and interpreting studies is that while the focus is naturally on instances, there is a need to develop general theories of translation. The question is what the domain of this general theory should be. For example, how far up the cline of instantiation should this domain be extended? We believe part of the answer lies in relating translation to other areas of multilinguality.

se reflete, por exemplo, no conceito de equivalência, tanto de Catford quanto de Ivir, o qual não possuiria sustentação gramatical para se estabelecer. Caso houvesse essa base gramatical, então, o que se tem é a correspondência formal. Por isto, Matthiessen *et al.* localizam o estudo do contraste e da tipologia em maior medida na gramática.

* * * * *

O fato que permitiu às abordagens da tradução de base sistêmico-funcional caminhar dos primeiros estudos (quando buscavam uma teoria de tradução que refletisse a teoria sistêmica de modo particular, perfazendo-lhe uma subárea) à atual visão sistêmico-funcional da tradução (Teich, 1999), tornando-a um objeto em si próprio, foi a tradução passar a ser examinada sob a dimensão instancial da relação entre os sistemas linguísticos.

Na dimensão da instanciação, a produção de significado está localizada no contínuo da instanciação. A partir desta forma de localizar a tradução nos sistemas linguísticos, ao longo do contínuo da instanciação, é possível explicar as diversas formas pelas quais os sistemas linguísticos podem se relacionar. A Figura 1.8, apresentada a seguir, mostra o contínuo de instanciação adaptado aos campos de estudo.

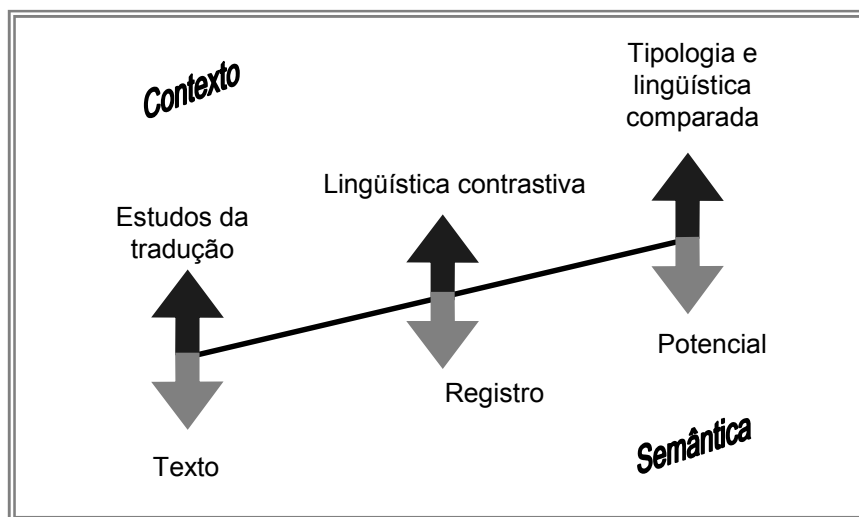


FIGURA 1.8 – Contínuo da instanciação e os campos de estudo.

Fonte: Adaptada de Herke-Couchmam (2006, p. 47), traduzida para o português brasileiro.

Assim, torna-se possível entender, mediante o exame de dois textos em relação tradutória, que há semelhanças e diferenças nos significados expressos (isto é, no pólo da instância). Porém, caminhando na direção do outro pólo, verifica-se que as semelhanças e diferenças não existem somente entre os textos, mas também entre os recursos que

produziram esses textos conforme suas variações internas (motivadas pela variação funcional das situações), distribuídas pelos subpotenciais (registros) e, ao fim, diferenças e semelhanças mais próximas ao pólo do potencial (Matthiessen, 2001).

Além disto, outra característica da investigação tradutória é encontrada em um tipo de produção de significado que só acontece quando dois sistemas linguísticos estão em contato: as variações externas (motivadas pela variação provocada pelo contato linguístico). Em outras palavras, trata-se de um tipo de produção de significado relativa aos subpotenciais estabelecidos pelo próprio contato entre os sistemas. Para estes subpotenciais, de outra forma, não haveria recursos disponíveis para sua produção. Este fato, mais adiante, leva à constatação de que a tradução se configura como um subpotencial (Steiner, 2001).

Nesta tese, a tradução é, em primeiro lugar, entendida como uma forma de produção de significado que se dá a partir do contato entre sistemas linguísticos. Desta forma, a postura teórica aqui adotada é aquela da visão sistêmico-funcional da tradução (Teich, 1999; Matthiessen, 2001; Steiner, 2002), na qual a tradução se constitui como um tipo de relação entre sistemas capaz de gerar recursos próprios de produção de significado, contribuindo para a expansão do potencial dos sistemas linguísticos.

Cabe ressaltar ainda que o fato de a tradução ser localizada em primeiro lugar na dimensão da instanciação do sistema não impede que ela seja relacionada com a linguística comparada e com a tipologia contrastiva. Afinal, sendo um ponto no contínuo de instanciação entre o potencial de produção de significado no contato entre sistemas linguísticos e a expressão de textos produzidos a partir deste contato, a tradução pode ser entendida como um olhar particular para esta relação que define a região do contínuo de instanciação na qual se encontra, permitindo indicar qual a relação entre a tradução e a tipologia contrastiva, ou entre tradução e linguística comparada.

4 A RELEVÂNCIA DA DESCRIÇÃO PARA AS PESQUISAS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Esta tese segue o desenvolvimento de pesquisas das abordagens linguísticas da tradução, em particular aquelas de base sistêmico-funcional, que tiveram início com o trabalho de Catford (1965), e uma sequência profícua em trabalhos como os de Teich (1999), Matthiessen (2001), Steiner (2001). Além disto, seguindo Ivir (1981) e Matthiessen *et al.* (2008) toma também como ponto de partida a necessidade de os estudos da tradução se relacionarem de modo complementar com outros tipos de estudo do contato linguístico, tais como os estudos

comparativos e a tipologia. Pelo lado da descrição linguística, este trabalho se afilia à descrição tipológica e funcional, tal como é apresentada em Caffarel *et al.* (2004).

Deste modo, tem por objetivo descrever uma parte do sistema linguístico do português brasileiro a partir da dimensão metafuncional. Mais especificamente uma célula da matriz de função-ordem, na interseção entre a metafunção e a ordem da oração, na qual se encontram os sistemas de TEMA, MODO e TRANSITIVIDADE.

Os sistemas de TEMA, MODO e TRANSITIVIDADE se constituem como os principais sistemas gramaticais (Halliday e Matthiessen, 2004) e, justamente por este motivo, a compreensão de seu funcionamento em português brasileiro se torna um subsídio importante para estudos de vários tipos que envolvam este sistema linguístico, dentre os quais se destaca a pesquisa desenvolvida nos estudos da tradução.

Muitos estudos em português das abordagens sistêmicas da tradução se valeram das análises destes sistemas para investigar a tradução que tem como um dos sistemas envolvidos o português. Por exemplo, os seguintes trabalhos:

Dourado, Gil e Vasconcellos (1995) analisam um conto de E. Hemingway e sua tradução para o português em uma sequência de três artigos, cada um dedicado a uma das metafunções, dando atenção particular aos sistemas de TEMA, MODO e TRANSITIVIDADE.

No âmbito do projeto CORDIAL – Córpus Discursivo para Análises Lingüísticas e Literárias, do LETRA – Laboratório Experimental de Tradução, da Faculdade de Letras da UFMG (www.lettras.ufmg.br/net/cordial/index_cordial.htm), destacam-se em importância os seguintes trabalhos. Cruz (2003) investiga as projeções paratáticas de Processos verbais realizados pela classe dos verbos de elocução em um córpus de pequenas dimensões, paralelo bilíngue, cujo texto fonte foi produzido em inglês e o alvo em português. Nesse trabalho, a autora estuda os padrões de seleção para este tipo de projeção nos dois sistemas linguísticos, alcançando, ao final, resultados que apontam para a construção dos personagens a partir de sua capacidade de representar a experiência mediante determinadas classes de verbos de elocução, o que se verifica nos textos produzidos nos dois sistemas linguísticos.

Assis (2004) analisa a transitividade em um romance de T. Morrison e sua retextualização para o português. Nesse trabalho o autor investiga a representação construída pela realização de Processos, ainda que do mesmo tipo, no sistema fonte, o inglês, e no sistema alvo, o português. Os resultados da pesquisa apontam para representações distintas dos personagens, embora, a princípio, a realização de Processos seja equivalente em um primeiro nível de distinção.

Alves (2006) realiza um trabalho voltado à análise da representação do discurso investigando citações paratáticas realizadas a partir da classe dos verbos de elocução neutros, tendo como objetivo averiguar a tendência apontada por Assis (2004) de os Processos verbais não serem expressos em português quando este é o sistema linguístico alvo. Esse trabalho foi conduzido em um *cópus* paralelo bilíngue, composto por um texto fonte em inglês e dois textos alvos em português. Alves (2006) alcança resultados indicando que uma das retextualizações se preocupa em reproduzir os padrões encontrados no texto fonte, ao passo que a outra segue a tendência de não expressão dos verbos de elocução neutros, além de diversificar os tipos de Processo empregados.

Como apontam estes trabalhos, o estudo destes sistemas gramaticais assume grande importância para os estudos da tradução e, desta forma, a descrição poderá contribuir para pesquisas futuras que necessitem da compreensão mais próxima destes sistemas em português.

Desta maneira, a relevância da pesquisa realizada nesta tese está na contribuição que pode oferecer para os estudos da tradução em língua portuguesa, podendo dar suporte às análises em sua fase contrastiva das realizações entre os sistemas linguísticos fonte e alvo. Também, quando se procura explicar as motivações para as escolhas tradutórias, uma descrição como esta proposta aqui pode ajudar, identificando quais sistemas gramaticais do português podem ter, probabilisticamente, motivado determinadas escolhas. Futuramente, um conjunto maior de análises que utilizaram por base descrições como esta aqui proposta podem acumular um volume de dados significativos para elaborar uma teoria sistêmico-funcional da tradução.

Além disto, esta tese também poderá possuir relevância para os estudos da linguística sistêmico-funcional que visam à descrição dos sistemas linguísticos, em específico do português. Apesar de nesta área linguística haver muitos trabalhos realizados, ainda não foi proposta para nossa língua nenhuma identificação ou descrição articulada de seu perfil metafuncional. Desta maneira, este trabalho conserva caráter pioneiro que poderá servir como ponto de partida para futuras descrições de outros sistemas gramaticais.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA DE DESCRIÇÃO SISTÊMICO-FUNCIONAL

INTRODUÇÃO

O objetivo deste capítulo é apresentar a metodologia pela qual se pautam as descrições dos sistemas gramaticais de TEMA, MODO e TRANSITIVIDADE (orações mentais), relativas, respectivamente, aos capítulos 3, 4 e 5 desta tese. Para isso, é importante, primeiramente, definir e localizar a gramática no desenho mais amplo da teoria. Assim, este capítulo começa, na próxima seção, apresentando a gramática como fenômeno natural, bem como a interpretação desta postulada pela teoria sistêmico-funcional; as dimensões do espaço gramatical; e os princípios descritivos da metodologia.

1 GRAMÁTICA

A teoria sistêmico-funcional define a gramática como o estrato do conteúdo linguístico responsável pela organização dos significados na forma do fraseado (*wording*). Sendo parte do conjunto de fenômenos linguísticos, a gramática não é o resultado do esforço teórico, mas, ao contrário, é um fenômeno natural (cf. Halliday, 1978; Halliday e Matthiessen, 1999; Matthiessen e Halliday, 2009). Nesse sentido, cabe estabelecer – e este é o **primeiro passo metodológico** – a distinção entre a **gramática** (*grammar*), o fenômeno natural da língua composto pelos sistemas de funções do fraseado, e os **estudos gramaticais** (*grammatics*), que compreendem as formulações teóricas, frutos de pesquisa, cujo objetivo é oferecer uma interpretação do conjunto de fenômenos gramaticais, tanto de suas relações quanto das interfaces com os outros estratos linguísticos, como a semântica e a fonologia. Ao identificarem o fenômeno ‘gramática’ e conceitualizarem teoricamente a sua forma de estudo, Matthiessen e Halliday (2009) afirmam:

A gramática, na qualidade de fenômeno a ser investigado, é portanto interpretada segundo as diferentes teorias (...). A distinção seria a mesma entre língua e linguística; ou entre sociedade e sociologia (...). Fala-se da “gramática do inglês” (enquanto fenômeno), porém também se fala da “gramática tradicional” (uma teoria acerca do fenômeno). A distinção seria mais clara se esta última fosse chamada de “estudo gramatical tradicional”. Aqui, nos ocupamos do **estudo gramatical sistêmico-funcional** (p. 39-40).²³

²³ Grammar as a phenomenon of study is thus interpreted according to different theories. (...) The distinction is analogous to that between language and linguistics, or between society and sociology. (...) we speak of the

Segundo a interpretação sistêmica, a compreensão da gramática se faz dentro de um contexto mais amplo, o da língua como um conjunto de recursos dispostos sistemicamente para a produção de significados. Na qualidade de fenômeno natural, a língua não pode – do ponto de vista sistêmico-funcional (cf. Halliday, 2003, vol. 3) – estar apartada da totalidade dos outros fenômenos naturais. Desta forma, a língua é interpretada como um sistema natural, de quarta ordem, superior (cf. Halliday e Martin, 1993).

Os sistemas de primeira ordem são os sistemas físicos. Sua característica primária (condição de entrada) é serem feitos de matéria (+*matéria*). Exemplos deste tipo de sistema podem ser encontrados na representação convencional do chamado “ciclo hidrológico” (ver Figura 2.1).

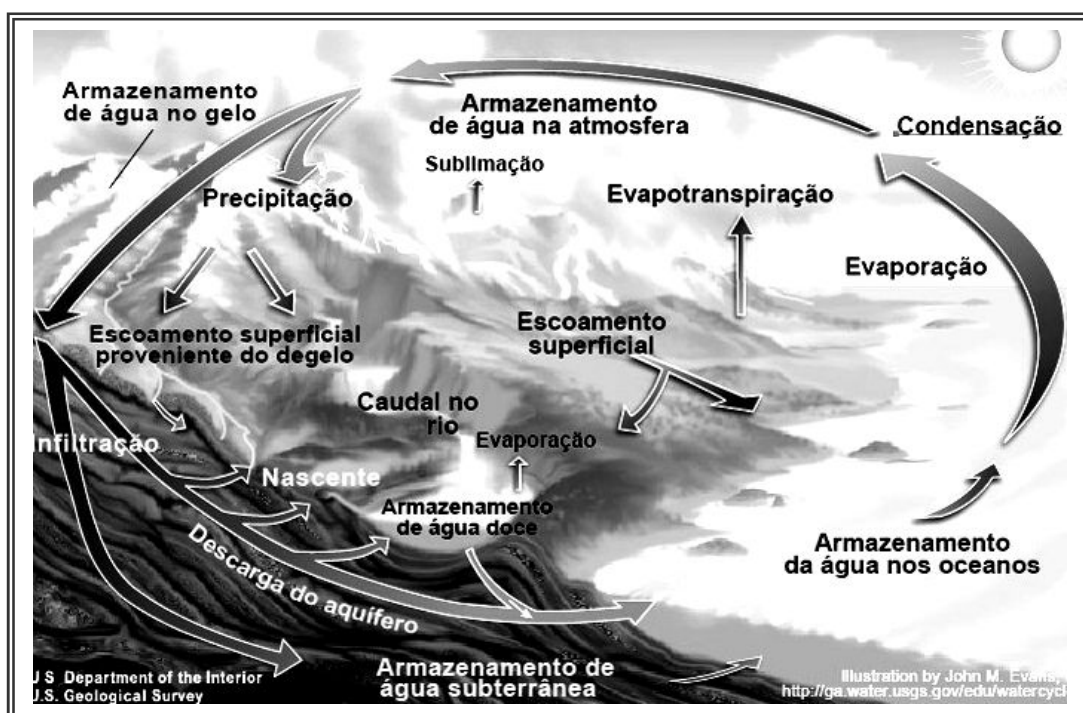


FIGURA 2.1 – O ciclo hidrológico, exemplo de sistemas físicos.

Fonte: pt.wikipedia.org

No ciclo hidrológico, há vários sistemas operando em conjunto. Por exemplo, há um sistema responsável por passar a água que está no estado líquido ou sólido, armazenada nas geleiras, oceanos, lagos e rios, para o estado gasoso. Vamos aqui chamar este sistema de GASEIFICAÇÃO. Neste sistema, a passagem para o gás pode se dar de formas diferentes: no caso das geleiras, ela se dá por sublimação; no caso da água líquida, pode se dar por ebulição

"grammar of English" (the phenomenon) but also of "traditional grammar" (one theory of the phenomenon). We could clarify this situation if we called the second "traditional grammatics". Our concern here is thus with **systemic-functional grammatics**.

– quando a vaporização da água acontece sob a pressão igual à sua pressão de vapor; ou por evaporação – quando a tensão dos vapores no líquido é inferior à pressão exercida sobre este. A evaporação, por sua vez, ocorre de duas formas: pela influência direta da radiação solar, ou pela transpiração de plantas e animais. Há também sistemas responsáveis pela condensação do vapor, outro para as condições de precipitação, outro para escoar a água precipitada, e assim por diante.

As diferentes opções dentro de um sistema surgem como variantes funcionais daquele sistema. Logo, apesar de opções como ebulição e evaporação formarem parte do mesmo sistema de GASEIFICAÇÃO, estes termos são coexcludentes (a escolha de um implica na não-escolha do outro). A seleção de um dos termos depende da condição de entrada no sistema, de suas características variáveis (descrição funcional), bem como de sua função no sistema como um todo. Por exemplo: *ebulição* → + pressão igual; + líquido; + temperatura elevada, etc. *Evaporação* → + pressão menor; + líquido; + temperatura ambiente, etc. A título de ilustração, a Figura 2.2 apresenta um primeiro esboço do que seriam os sistemas componentes do ciclo hidrológico.

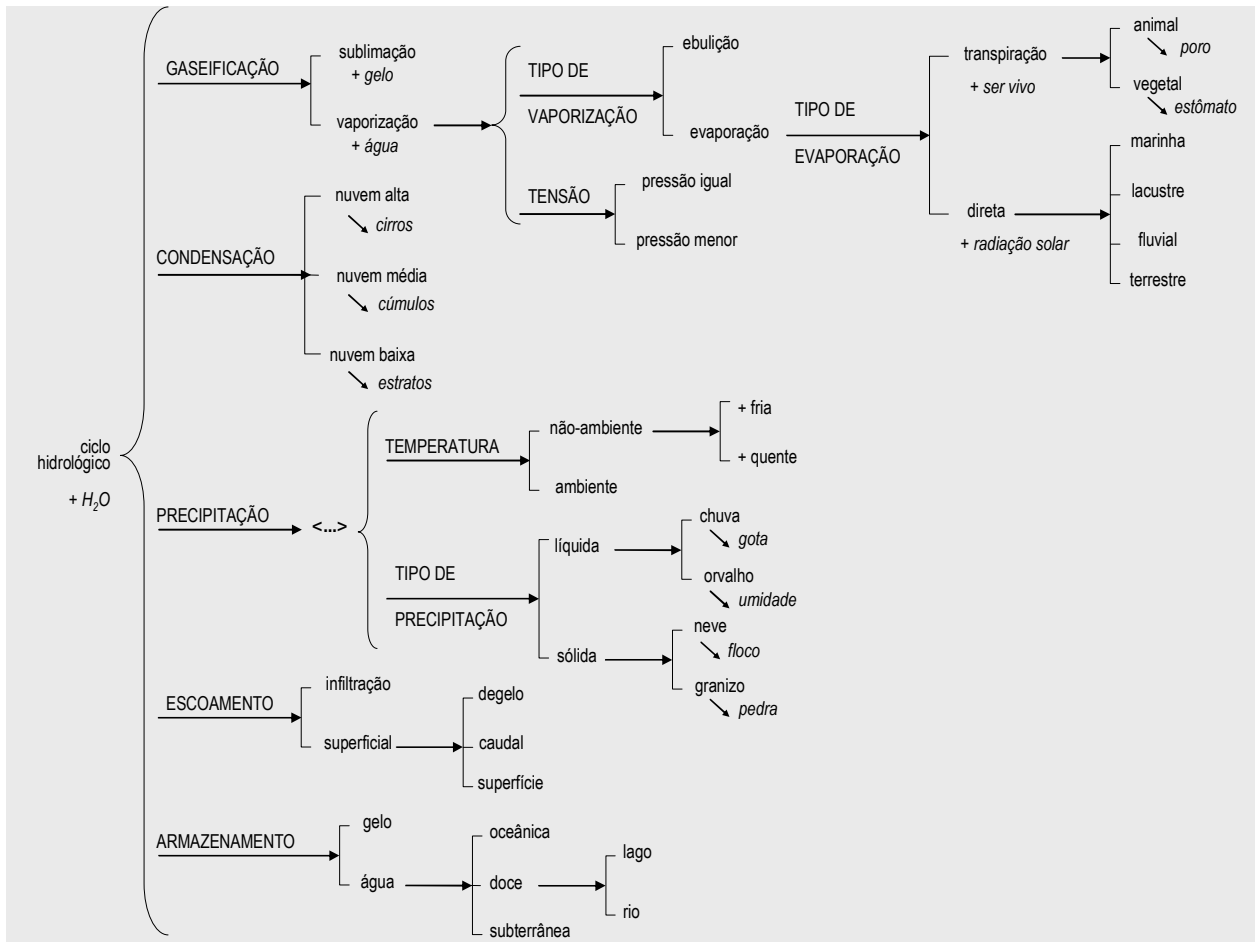


FIGURA 2.2 – Um primeiro esboço para os sistemas físicos do ciclo hidrológico.

Os sistemas de segunda ordem são os biológicos. Além de requerem a natureza física, a sua característica principal é possuírem vida (+vida), isto é, configuram-se como organismos ativos, cuja atividade se verifica por funções orgânicas: metabolismo, crescimento, reação a estímulos, adaptação ao meio, reprodução, etc. (ver Figura 2.3).

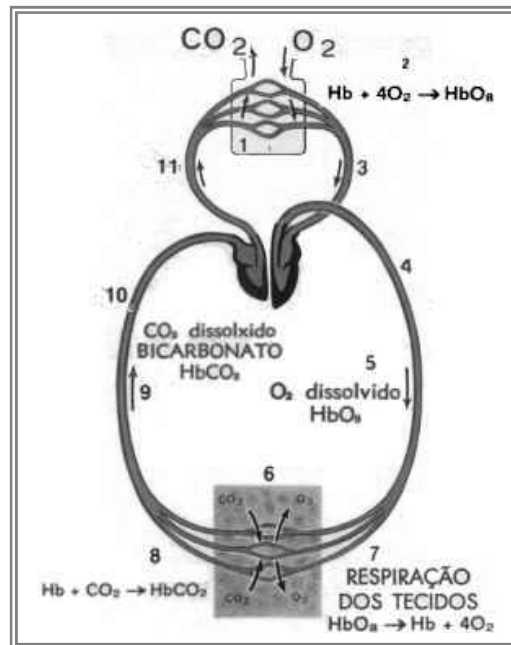


FIGURA 2.3 – Exemplo de sistemas biológicos.
 Fonte: cardio-respiratório.blogspot.com

Os sistemas de terceira ordem são sociais. Além de serem físicos e biológicos, estes sistemas possuem como condição de entrada o valor (+valor). Um exemplo deste tipo de sistema pode ser visto na família de lobos (ver Figura 2.4).



FIGURA 2.4 – Exemplo de sistema social: divisão social do trabalho de caça da alcateia.
 Fonte: pt.wikipedia.org

Na alcateia, cada indivíduo possui um valor relativo em relação à organização social do grupo. Um dos exemplos disto está na divisão do trabalho entre os membros. Assim, cabe aos pais (casal alfa da alcateia) cuidar da prole e organizar a caçada. Aos filhotes mais velhos cabe tomar conta dos filhotes menores, e assim por diante. Com isto, observa-se como o conjunto dos valores determina a organização destes seres biológicos de forma a criar todo um sistema social que os organiza a partir do valor que estes seres biológicos assumem.

Os sistemas de quarta ordem, além de serem físicos, biológicos e sociais, são sistemas semióticos. Isto implica em possuírem a característica *+significado*. Nestes sistemas, encontra-se o estabelecimento de dois planos – o conteúdo e a expressão. O conteúdo se refere precisamente ao significado de um determinado item do sistema e a expressão é a “materialização”, a forma “concreta” do significado (ver Figura 2.5).

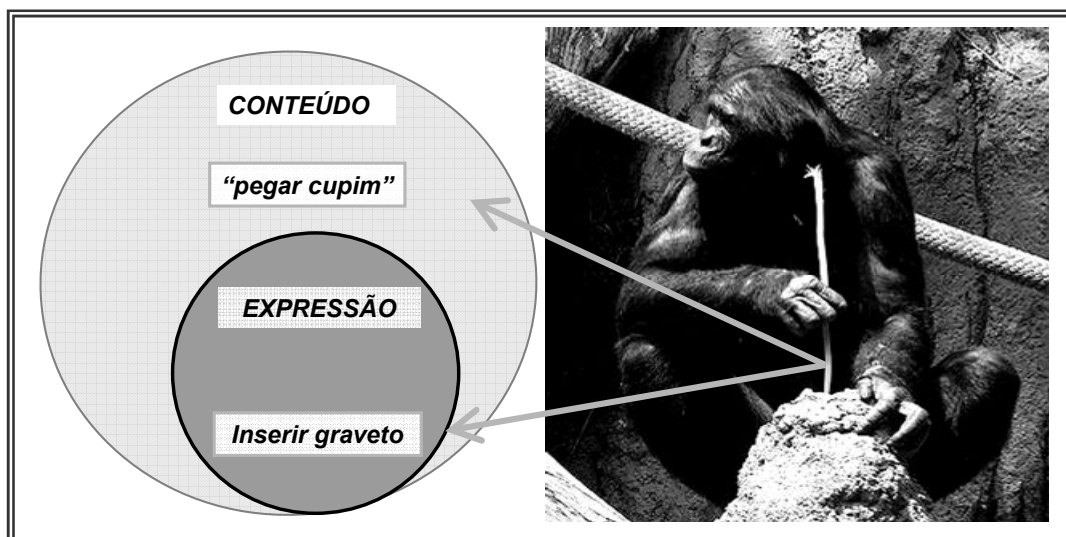


FIGURA 2.5 – Exemplo de sistema semiótico: formas de coleta de alimentos do chimpanzé.

Na Figura 2.5, o chimpanzé usa um graveto para pegar cupim dentro do cupinzeiro. Fisicamente, o que se vê é a inserção do graveto no cupinzeiro e sua posterior retirada, repleta de cupins. Porém, esta é apenas a *expressão* de um significado: o método de *pegar cupim*, que por sua vez é uma opção em um sistema mais amplo, que abrange as formas de coleta de alimentos do chimpanzé.

Os sistemas semióticos se dividem em dois grupos. Primeiro, os que possuem significado; segundo, os que criam significado. Os primeiros incluem sistemas mais simples, como por exemplo aquele do qual faz parte a coleta de alimentos do chimpanzé, ou o sinal de trânsito (CONTEÚDO → EXPRESSÃO: ir → verde; atenção → amarelo; parar → vermelho). Por

isto, estes são denominados sistemas semióticos de ordem inferior. Os últimos são sistemas mais complexos, como a música ou a matemática.

A música, por exemplo, não tem no conjunto de sons apenas a expressão da melodia, da harmonia ou do ritmo. Ao contrário, a organização das frases musicais, a composição dos acordes, a escolha de determinado instrumento para a execução dos sons, o acúmulo de padrões sonoros e a relação entre uma peça específica com outras peças (do mesmo autor e de outros autores; sincrônica e diacronicamente) criam significados que ultrapassam a simples relação CONTEÚDO→EXPRESSÃO (ver Figura 2.6).

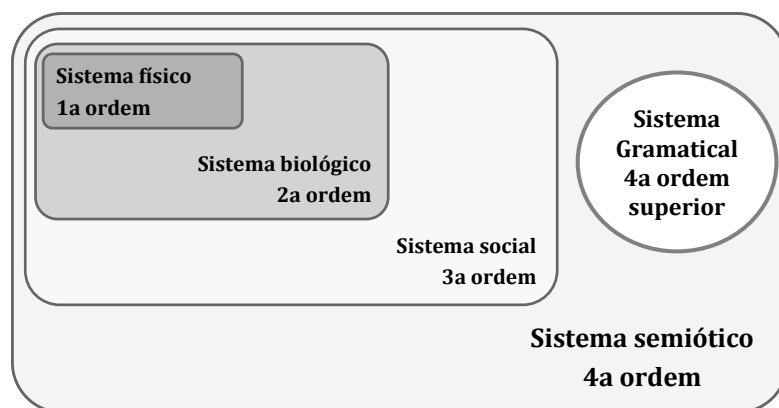


FIGURA 2.6 – Ordens de sistemas.

Contudo, é na língua – humana – que estes sistemas são encontrados em sua forma mais desenvolvida. O que acontece na língua é que o conteúdo se dividiu em dois. A divisão entre conteúdo e expressão se configura como a característica fundamental dos sistemas semióticos (sistemas biestratais). O estrato do conteúdo, ao longo da evolução do sistema, se dividiu em semântica e gramática. Assim, o estrato gramatical permite que o conteúdo não mantenha uma correspondência fixa com a expressão que o realiza, contrariamente a outros sistemas semióticos.

Nos sistemas de quarta ordem inferior um conteúdo é sempre expresso da mesma forma. Já no sistema linguístico, o estrato gramatical é capaz de possibilitar a criação do conteúdo. Por esta razão, Halliday (2005, p. 200) afirma:

A gramática é um construto semiótico puramente abstrato (...) que evoluiu como um “estrato” separado entre o conteúdo e a expressão (...). Um sistema deste tipo, isto é, um sistema semiótico de ordem superior organizado em torno de uma gramática, possui a propriedade exclusiva que é fundamental neste contexto: tem o potencial para produzir significado (...). O sistema de ordem superior produz significado em contextos funcionais e, devido ao fato de os significados não serem aleatoriamente relacionados ao contexto, o

sistema tem, igualmente, a capacidade de, inclusive, produzir os próprios contextos.²⁴

A principal consequência da forma como a estratificação evoluiu na língua é a capacidade de produzir significado apenas em contexto, pois não há significação em isolamento puro de itens. Desta maneira, a grande diferença deste sistema para os outros sistemas semióticos é sua capacidade de criar o próprio contexto. Nesse sentido, Matthiessen e Halliday (2009) afirmam:

Usamos a língua para interagir uns com os outros, para construir e manter nossas relações interpessoais e a ordem social que as subjaz. Ao empregar a língua desta forma, nós também interpretamos e representamos o mundo para nós mesmos e uns para os outros. Portanto, a língua é uma parte natural do processo de estar vivo; ela é usada para “armazenar” a nossa experiência ao longo da vida, tanto individual, quanto coletivamente. Entre outras coisas, a língua é uma ferramenta para representar o conhecimento, ou, em termos da própria língua, é uma ferramenta para construir significado (p. 41).²⁵

Retomando nosso percurso metodológico, **o segundo passo metodológico** é sempre considerar a gramática como um fenômeno natural, sistêmico, e que mantém relação tanto com os outros estratos linguísticos quanto com outros sistemas. Desta forma, a descrição deve ser abrangente o bastante para que reflita estas correlações.

2 LOCALIZAÇÃO DA DESCRIÇÃO NA TEORIA

A seção anterior objetivou mostrar a concepção de ‘gramática’ segundo a teoria sistêmico-funcional. Ela apresentou a língua como um sistema natural (de quarta ordem, superior) e a forma como esta toma parte – conceitualmente – nos estudos linguísticos. A gramática, por sua vez, foi caracterizada como um estrato do conteúdo, responsável por realizar com itens do fraseado (morfemas, palavras, grupos, frases e orações – bem como a forma como estes se estruturam) os significados do estrato semântico.

Esta concepção de gramática leva, naturalmente, à uma teorização mais ampla sobre o fenômeno gramatical e os sistemas que o compõem no sentido de não se limitar apenas a este

²⁴ A grammar is a purely abstract semiotic construct (...) that evolves as a distinct “stratum” in between the content and the expression (...). A system of this kind – that is, a higher-order semiotic organized around a grammar – has a unique property that is critical from our point of view in this present context: it has the potential for creating meaning (...). It creates meaning in contexts of function; and because the meanings are non-randomly related to features of the context, it can also create the contexts themselves.

²⁵ We use language to interact with one another, to construct and maintain our interpersonal relations and the social order that lies behind them; and in doing so we interpret and represent the world for one another and for ourselves. Language is a natural part of the process of living; it is also used to 'store' the experience built up in the course of that process, both personal and collective. It is (among other things) a tool for representing knowledge or, to look at this in terms of language itself, for constructing meaning.

estrato. Diante disto, faz-se necessário considerar a gramática em um ambiente mais amplo. Sobre esta necessidade, Matthiessen e Halliday (2009) afirmam que:

a gramática é um recurso de criação de significado através do fraseado (...). Isto acontece, por exemplo, quando o texto (discurso) é tomado como a unidade básica da língua, e portanto organizado conforme o seu contexto retórico. Uma vez que o texto passa a ser a unidade básica, então a oração deve ser analisada em seu ambiente discursivo (p. 40).²⁶

Desta forma, **o terceiro passo metodológico** é localizar a gramática (fenômeno natural) na arquitetura mais geral do sistema, e a descrição gramatical (formulação teórica) na arquitetura mais geral da teoria linguística. Isto se faz pela localização dos itens a serem descritos nas diferentes *dimensões* do sistema linguístico.

Para a elaboração do modelo do sistema linguístico, Halliday (2002), além de entender que deveria lidar com o potencial funcional da produção de significado, teria, igualmente, de apresentar uma proposta abrangente de forma que a descrição de cada fenômeno pudesse contribuir para a descrição do sistema como um todo. Halliday e Matthiessen (2004, p. 19) afirmam: “uma característica da abordagem aqui adotada, a da teoria sistêmica, é ser abrangente: ocupa-se da linguagem em sua totalidade de modo que o que se diz sobre um aspecto deve sempre ser compreendido relativamente ao quadro geral”.²⁷ A justificativa de um modelo da linguagem como sistema é dada pelos autores da seguinte forma:

São muitas as razões para a adoção de uma perspectiva sistêmica. Uma delas é que as línguas evoluem; elas não são projetadas. Além disto, os sistemas evolutivos não podem ser explicados simplesmente como uma soma de partes. Nosso pensamento tradicional sobre a linguagem, que é composicional, deve ser, se não substituído, pelo menos complementado por um pensamento ‘sistêmico’, por meio do qual buscamos compreender a natureza e a dinâmica do sistema semiótico como um todo (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 20).²⁸

Nestes moldes, a linguística sistêmico-funcional propõe que o sistema seja concebido a partir das dimensões necessárias para que o mesmo seja explicado, bem como os princípios pelos quais se organiza, além das ordens nele constituídas (ver Quadro 2.1).

²⁶ grammar is a resource for creating meaning by means of wording. (...) in the foregrounding of text (discourse) as the basic unit of language, organized according to the rhetorical context. Since text is the basic unit, the sentence is studied in its discourse environment.

²⁷ (...) a characteristic of the approach we are adopting here, that of systemic theory, is that it is comprehensive: it is concerned with language in its entirety, so that whatever is said about one aspect is to be understood always with reference to the total picture.

²⁸ There are many reasons for adopting this systemic perspective; one is that languages evolve – they are not designed, and evolved systems cannot be explained simply as the sum of parts. Our traditional compositional thinking about language needs to be, if not replaced by, at least complemented by a ‘systems’ thinking whereby we seek to understand the nature and the dynamic of a semiotic system as a whole.

QUADRO 2.1
As dimensões da linguagem e seus princípios de organização

| | dimensão | princípio | ordens |
|----------|--------------------------------|-------------------------|-------------------------------------------------------------|
| 1 | estratificação | realização | semântica ~ lexicogramática ~ fonologia ~ fonética |
| 2 | metafunção | metafunção | ideacional [lógica ~ experiencial] ~ interpessoal ~ textual |
| 3 | instanciação | instanciação | potencial ~ subpotencial ou tipo de instância ~ instância |
| 4 | sistema (eixo paradigmático) | delicadeza | gramática ~ léxico [lexicogramática] |
| 5 | estrutura (ordem sintagmática) | ordem | oração ~ grupo ou frase ~ palavra ~ morfema |
| 6 | individuação | individuação/ afiliação | cultura ~ identidade-mestre ~ subcultura ~ pessoa |

Fonte: Adaptação de Halliday e Matthiessen (2004, p. 20).

Esta localização começa, aqui, pela dimensão da estratificação.

2.1 Estratificação

Na condição de sistema semiótico, como foi apontado anteriormente, a língua possui dois estratos, o conteúdo e a expressão (ver Figura 2.7).

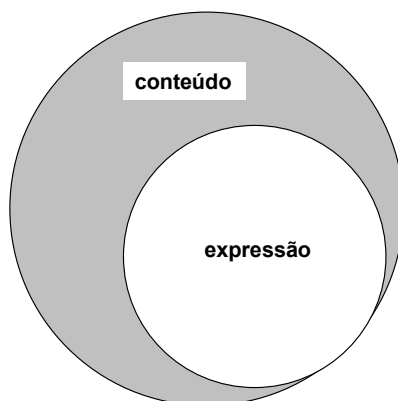


FIGURA 2.7 – Organização biestratal.

No entanto, a divisão do estrato do conteúdo em dois possibilitou ao sistema não apenas transmitir, mas também criar significado. Pelo fato de o conteúdo possuir um estrato responsável pelo fraseado (que realiza os itens semânticos), qualquer mudança no fraseado cria, necessariamente, uma mudança na interpretação do significado (ver figura 2.8).

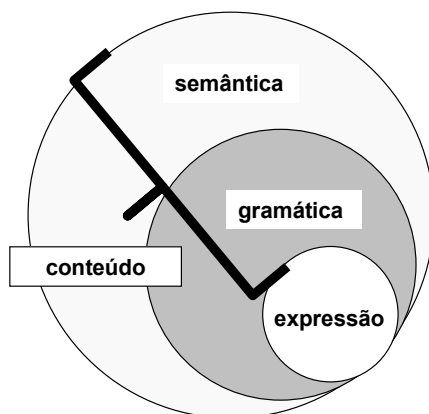


FIGURA 2.8 – Estratificação do conteúdo.

Devido a esta permanente tensão entre os estratos do conteúdo – (a) a gramática realiza a semântica e (b) mudanças gramaticais provocam reinterpretações semânticas – é que, a língua é capaz de criar significado. Uma decorrência muito importante deste fato é a centralidade que a gramática ocupa no modelo teórico sistêmico-funcional.

Se o que distingue a língua de outros sistemas semióticos – e de qualquer outro sistema – é sua capacidade praticamente ilimitada de criar significado, e a gramática é o estrato que responde por esta criação, então o entendimento (isto é, descrição + localização) do estrato gramatical é capaz de elucidar, talvez, a parte mais importante do sistema.

Esta importância da gramática se reflete na própria história da teoria sistêmico-funcional (cf. Halliday *et al.*, 1964; Halliday, 2002; Matthiessen, 2005, 2005b), na sua metodologia de descrição (cf. Caffarel *et al.*, 2004) e nas suas aplicações, incluindo análise do discurso e multimodal (cf. Kress e van Leeuwen, 1990; Martin, 1992; Martin e Rose, 2003) em que **todas** têm por base a gramática.

Na relação entre o conteúdo e a expressão, o estrato do conteúdo é codificado de formas diferentes pelo estrato da expressão, o que depende, em primeiro lugar, do modo. Se o modo for fônico, então a expressão se dá pela fonologia e pela fonética. Se for gráfico, ela se dá pela grafologia – “riscos no papel” (ou na tela do computador, etc.). A expressão também pode se dar por sinais, como no caso da LIBRAS, ou de pontos e traços, como no Código Morse, entre outros.

Na relação entre o conteúdo e o contexto, pelo fato de a língua ser um sistema que cria significado, esta criação não pode acontecer independente do contexto (retórico) à sua volta, pois tal fato implicaria em uma escassez de interpretação (cf. palavra “solta” x palavra “no texto”). Assim, além de criar os significados, a língua cria também as variáveis contextuais relevantes a partir das quais deve ser interpretada.

Estas variáveis compreendem (i) a organização da realidade e do conhecimento, (ii) o estabelecimento e manutenção das relações entre os falantes, e (iii) a constituição de cada significado individual como parte da unidade básica da língua, o texto (discurso). Estas variáveis são denominadas, respectivamente de campo (*field*), sintonia (*tenor*) e modo (*mode*). A relação entre os estratos do sistema linguístico é a **realização**. Este conceito implica na codificação de um elemento do estrato mais abstrato pelo estrato mais concreto. Com isto, diz-se que o estrato fonológico realiza a gramática; o estrato gramatical [realizado na fonologia] realiza a semântica; o estrato semântico [realizado na gramática [realizada na fonologia]] realiza o contexto; o contexto é [realizado na semântica [[realizada na gramática [[[realizada na fonologia (ver Figura 2.9).

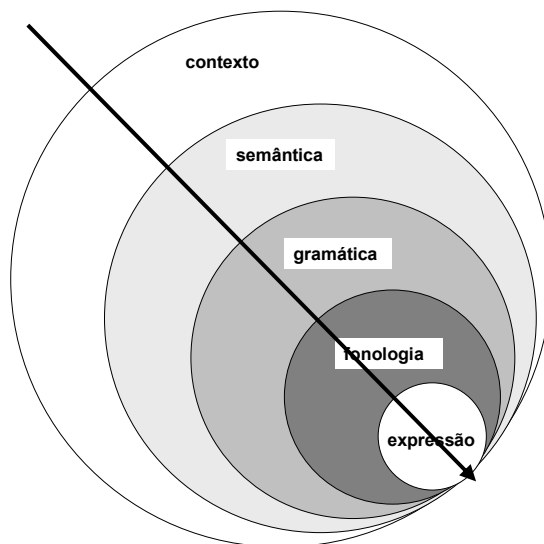


FIGURA 2.9 – Estratificação e realização.

Fonte: Traduzida e Adaptada de Halliday e Matthiessen (2004, p. 25)

A partir destas considerações, o **quarto passo metodológico** é considerar a forma como a gramática realiza a semântica (dentro de um contexto) e a forma como a gramática é realizada pela expressão. Sobre a importância desta consideração, Matthiessen e Halliday (2009) afirmam:

A criação dos contrastes sistêmicos acontece por meio de algum aspecto do fraseado. Isto é, os termos do sistema se diferenciam pela estrutura gramatical (como por exemplo, a presença ou ausência de um elemento da estrutura, como o Sujeito), pelos itens gramaticais ou lexicais (como por exemplo o item gramatical *ka* em japonês, que indica uma oração interrogativa), ou, dando um passo adiante, por traços fonológicos (como por exemplo a oposição entre subida e queda da entonação). Diz-se que os

termos sistêmicos, ou opções, são realizados (expressos, codificados) por aspectos do fraseado (p. 43).²⁹

Segundo Halliday (2002), o fato de o sistema ser estratificado permite que a gramática comporte ao mesmo tempo mais de um modelo de realidade, podendo, com isto, equilibrar os recursos de cada modelo dependendo da experiência a ser concebida, o que se faz em ocasiões diferentes de formas diferentes entre os estratos.

Com isto, é possível encontrar padrões na utilização dos recursos; isto porque, os eventos do mundo que são concebidos pelos falantes como fenômenos similares tendem a ser categorizados de forma similar e, conseqüentemente, seu significado ser formalmente produzido na gramática de forma similar. Para que estes padrões sejam encontrados e descritos, Halliday (2002) propõe que a estratificação seja analisada sob uma perspectiva trinocular.

Isto se faz “de cima”, identificando-se as similaridades entre padrões da função no contexto; “de baixo”, nas formas similares da constituição formal; “ao redor”, em conjunto com outras categorias produzidas no sistema (ver Figura 2.10).

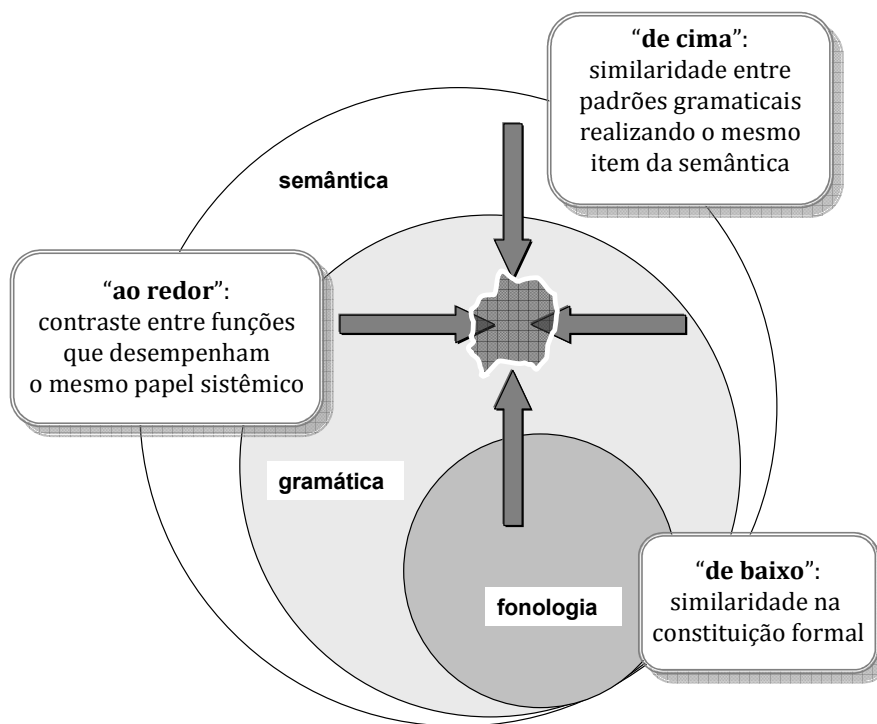


FIGURA 2.10 – Perspectiva trinocular sobre a gramática.

²⁹ Systemic contrasts are created by some aspect of the wording: the terms of the system are differentiated by means of grammatical structure (e.g. the absence vs. presence of an element of structure such as Subject), by means of grammatical or lexical items (e.g. the grammatical item ka in Japanese indicating interrogative clauses), or, as a further step, by means of a phonological feature (e.g. rising vs. falling intonation). We say that systemic terms, or features, are realized (expressed, coded) by aspects of the wording.

2.2 Metafunção

Diante da localização da gramática neste contexto mais amplo, é possível observar que o texto não é uma coleção de palavras, nem de orações. Assim, o texto pode ser compreendido na ligação entre a gramática e a semântica, porque é uma unidade de significado que, apesar de ser realizada por orações, é entendida como uma construção multifuncional que realiza as variáveis do contexto.

Os espectros semânticos que realizam as variáveis contextuais constituem as três metafunções constituintes da linguagem humana coocorrentes no ato da comunicação, a saber, metafunção interpessoal, que realiza a sintonia; a metafunção ideacional³⁰, que realiza o campo e a metafunção textual, que realiza o modo.

A metafunção interpessoal é responsável pelo tipo de relação ou interação que o falante (ou escritor) estabelece com seu ouvinte (ou leitor). Assim, relações de poder entre emissor e receptor, bem como as de polidez, subserviência, exigência, pedido, entre outras, são codificadas pelos sistemas desta metafunção.

A metafunção ideacional (devido à especificação experiencial nesta tese, doravante ‘metafunção experiencial’) representa nossa percepção das coisas que existem no mundo. É responsável pela transitividade, ou o tipo de interação existente entre as coisas (participantes) e os eventos (processos). Assim, os processos, isto é, o conjunto de realização dos eventos, os participantes, e as circunstâncias nas quais estes processos acontecem compreendem esta metafunção.

A organização das informações na construção do texto são de responsabilidade da metafunção textual. Segundo Halliday (1973, p. 107), o texto é uma unidade operacional da língua, que pode ser falado ou expresso através da escrita, independente de seu tamanho. É na composição do texto que o falante escolherá qual sua posição diante daquilo que diz (se concorda, duvida, avalia, etc.), como irá se relacionar com seu receptor (relação de poder, polidez, etc.), quais partes de seu texto são mais importantes e merecem destaque, quais ideias mantêm relação com outras, e assim por diante.

³⁰ A metafunção ideacional possui dois componentes: o componente experiencial, responsável por representar os quanta de mudança na nossa representação da experiência; e o componente lógico, responsável por organizar os quanta de mudança segundo o princípio de interdependência (parataxe e hipotaxe) e de o princípio lógico-semântico (expansão e projeção). Esta tese se ocupa da descrição do componente experiencial desta metafunção.

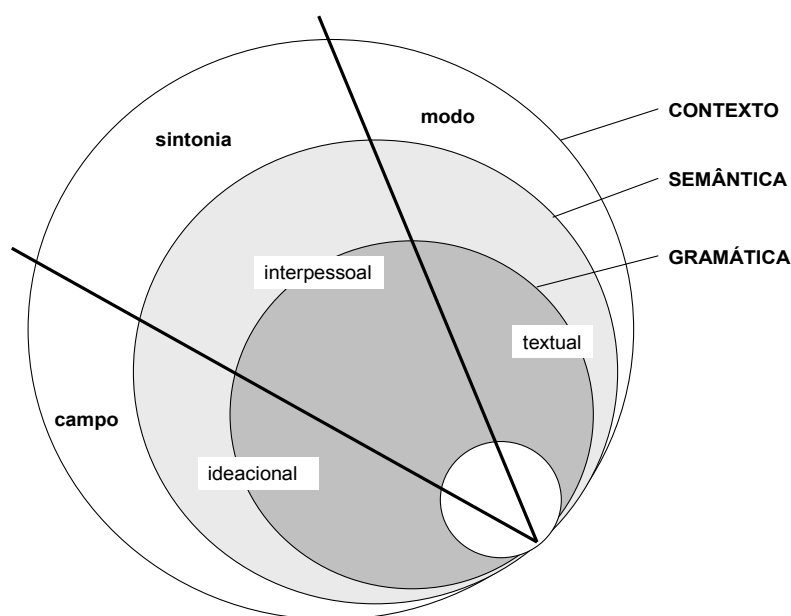


FIGURA 2.11 – Dimensão metafuncional do sistema linguístico.

Com isto, o **quinto passo metodológico** da descrição é entender quais funções – portanto, quais sistemas – compõem parte das diferentes metafunções. Cada uma das metafunções recebeu, nesta tese, um capítulo especial para sua descrição: capítulo 3, textual; capítulo 4, interpessoal, e capítulo 5, ideacional.

Para completar a visão multidimensional sobre o sistema linguístico, a próxima seção apresenta a dimensão da instanciação. Se a estratificação procura responder a pergunta “em que medida a língua é um sistema semiótico, incluindo suas relações com o contexto e outros sistemas?”, a instanciação procura responder “como a língua se transforma em texto (ou, qual a relação entre *potencial* e *instância*)?”

2.3 Instanciação

Um movimento importante da descrição é entender a relação entre um determinado significado instanciado em um texto e as restrições daquele texto e do tipo de texto ao qual ele pertence. Assim, o **sexto passo metodológico** é explicar a relação entre a função gramatical e o texto no qual esta foi empregada; em outras palavras, é importante não só descrever as funções gramaticais no conjunto do sistema, mas também como são postas em uso.

Sob o olhar da dimensão da instanciação (cf. Halliday e Matthiessen, 2004), a língua é examinada do ponto de vista de como o potencial linguístico é instanciado como texto. Assim, a organização textual é vista como um processo dinâmico. Desta maneira, não está presa a formas fixas, como no caso da oração, restrita pela gramática, fato que confere à organização textual, portanto, um caráter muito mais semântico do que formal.

Quando, conseqüentemente, o texto é compreendido enquanto um processo dinâmico de criação do significado, a análise textual deve indicar como gradualmente o potencial da língua foi instanciado como texto. Halliday e Matthiessen (2004) afirmam que a instanciação é a seleção, dentre as possíveis opções sistêmicas, daquelas que resultarão na construção dos significados particulares de um texto. Estas opções não são aleatórias e independentes; são, ao contrário, agrupadas em *padrões logogenéticos*, incumbidos de contar a história sistêmica do texto.

Apesar de os padrões logogenéticos serem criados gramaticalmente, seu papel, como dito acima, extrapola os limites gramaticais, pois auxilia na construção do significado do texto caracterizando-o, por exemplo, como pertencente a um registro. Assim, do ponto de vista da instanciação, o processo de produção de significado pode ser disposto em um contínuo, que vai desde o potencial, onde se encontram todos os recursos de significação, passando pelos registros (os subpotenciais) que restringem mais as escolhas conforme os diferentes tipos de texto, até chegar à instância, onde se vê a manifestação concreta de um grupo específico de recursos (ver Figura 2.12).

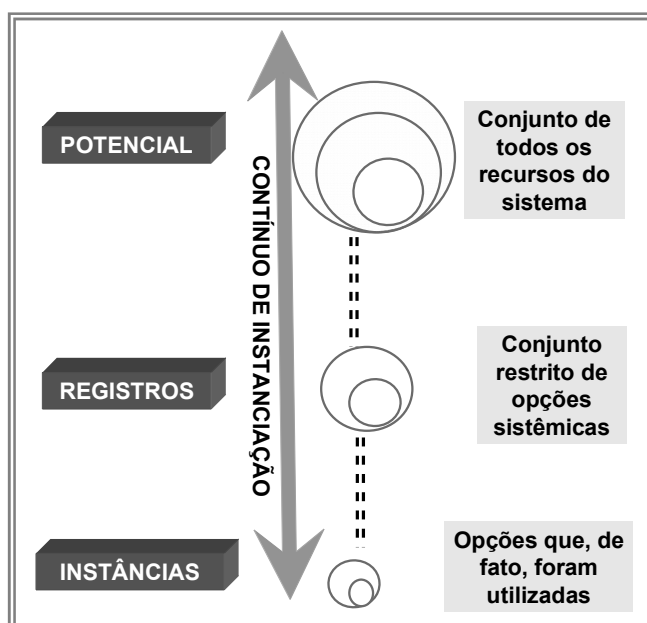


FIGURA 2.12 – Dimensão instancial do sistema linguístico.

2.4 Eixo paradigmático (sistema)

Segundo a dimensão do eixo paradigmático, a língua é examinada como o conjunto de opções sistêmicas. Por um lado, isto significa dar proeminência à escolha como forma

principal de se produzirem significados; por outro lado, o valor de cada opção só pode ser conhecido na oposição às outras opções.

O princípio que ordena o sistema linguístico do ponto de vista do eixo paradigmático é a delicadeza. Segundo este princípio, a escolha de uma opção se dá, por assim dizer, em etapas cada vez mais refinadas desde a condição de entrada mais geral (indelicada) até a escolha, no final do sistema, por um item lexical, que seria a opção mais delicada. Por exemplo, na oração: “**Leia** atentamente toda a lista antes de iniciar os alongamentos e exercícios”, o item ‘leia’, do ponto de vista experiencial, tem como condição de entrada a oração. Este é, na ponta mais indelicada do sistema um Processo; e a cada passo da delicadeza, após sucessivas escolhas intermediárias de opções, chega-se até este item lexical, da seguinte maneira:

Oração → Processo: Material: Fazer: Transformativo: Elaboração: Escopo: (...) : Ler.

Os sistemas são organizados em redes e, cada item de uma classe³¹ constitui um termo a ser selecionado. Dentre os itens de uma classe, os sistemas determinam a propriedade que permite a seleção de um item possível, e não de outro, igualmente possível. Assim, os sistemas respondem pelo tipo de orientação dentro da classe que permite a realização de um item e tem orientação paradigmática. Igualmente, trata do fator determinante de uma opção, e não de outra. Neste caso, dirige-se à possibilidade de se optar por diferentes termos e, dada a circunstância, selecionar apenas um deles.

Como forma de notação do sistema, desde a condição de entrada até o item mais delicado do sistema, a teoria sistêmico-funcional usa a notação sistêmica denominada redes dos sistemas (*system networks*). A seguir apresenta-se um sistema hipotético, que pode ser representado na Figura 2.13:

³¹ A configuração estrutural de uma unidade linguística é composta por *elementos componentes da estrutura*. Cada um destes elementos corresponde aos itens da ordem inferior que podem ocupar sua posição. Isto implica em os itens se organizarem por agrupamentos relativamente aos elementos da ordem superior. A esses agrupamentos dá-se o nome de *classe*.

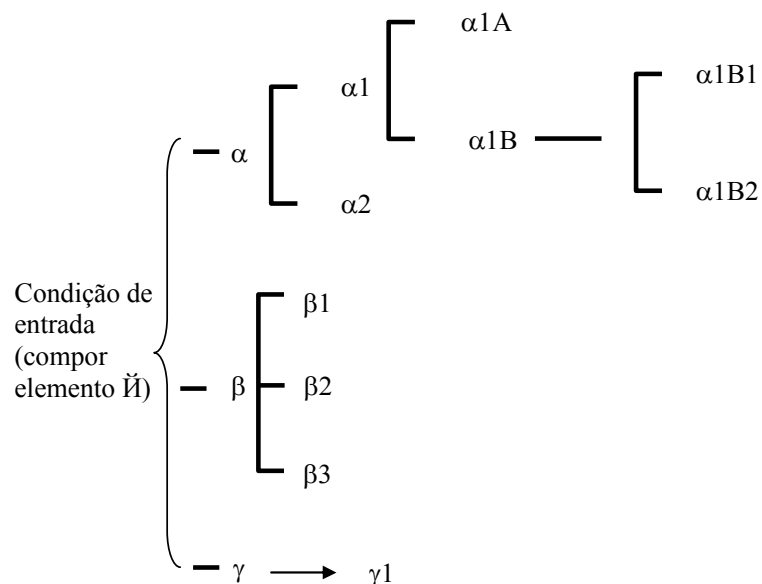


FIGURA 2.13- Sistema hipotético.

Como é possível ver pela Figura 2.13, dada um condição de entrada (compor elemento Й), três opções simultâneas são possíveis (α , β , γ). Caso ocorra uma nova condição de entrada, por exemplo, para α , ela permite a seleção do termo $\alpha 1$ ou $\alpha 2$. Caso $\alpha 1$ seja selecionado, dada uma outra condição de entrada, o sistema abre possibilidade para novos termos, $\alpha 1A$ e $\alpha 1B$. Caso a seleção seja por $\alpha 1B$, apresentam-se mais dois termos, $\alpha 1B1$ e $\alpha 1B2$. Este processo ocorre para a seleção de todos os itens do sistema. Quanto mais à direita as seleções são feitas no sistema, mais aumenta o nível de distinção entre os itens. Assim, o nível de delicadeza entre $\alpha 1$ e $\alpha 2$ é menor do que aquele entre $\alpha 1B1$ e $\alpha 1B2$.

O objetivo destas redes é mostrar dinamicamente como acontece o processo de seleção das opções a cada passo da delicadeza, de forma a explicar como as funções se articulam dentro do sistema. Por isto, um passo importante da descrição, após identificar e descrever as funções de maneira isolada, é relacioná-las às outras opções que a ela são opostas, dispondo os dados da pesquisa formalmente. Logo, faz parte da metodologia dispor formalmente os dados significa apresentá-los como redes de sistemas, especificamente no caso desta tese, dos sistemas de TEMA, MODO e TRANSITIVIDADE (para os Processos Mentais).

Devido à orientação fundamentalmente paradigmática da organização do sistema linguístico, de acordo com a teoria sistêmico-funcional (Halliday e Matthiessen, 1999), a descrição linguística, em grande medida acontece por meio da disposição das opções

possíveis para a instanciação de determinado significado e das probabilidades de seleção de cada uma destas opções. Assim, a condição de entrada e a disposição das funções como opções revelam, graficamente, como se organiza o sistema. Da mesma forma, uma maior delicadeza no sistema implica, igualmente, em maior restrição no ambiente em que um item ocorre.

Deste modo, como **sétimo passo metodológico**, a proposta de descrição aqui realizada partiu deste funcionamento do sistema linguístico, procurando entender os dados encontrados no cópua, desde o ponto mais indelicado do sistema linguístico, percorrendo o contínuo de delicadeza, até se chegar às opções mais delicadas.

A título de ilustração da organização de uma rede de sistemas, apresenta-se a seguir o sistema de QUANTIFICAÇÃO³² do português brasileiro, na Figura 2.14:

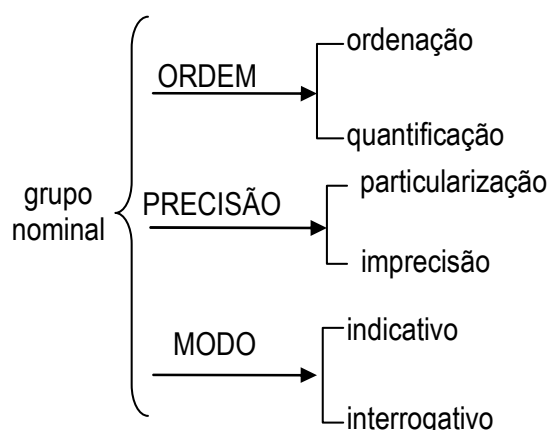


FIGURA 2.14 – O sistema de QUANTIFICAÇÃO em português brasileiro.

Neste sistema, estão dispostas as formas como os elementos do grupo nominal em português brasileiro quantificam os Entes. A condição de entrada para este sistema é o Grupo Nominal e, a partir dele há três subsistemas, ORDEM, PRECISÃO e MODO, dos quais devem-se se selecionar opções. Em cada subsistema, há duas opções e apenas uma delas deve ser selecionada. Por exemplo, se for selecionada uma opção da seguinte maneira: ORDEM → ordenação; PRECISÃO → particularização; MODO → indicativo, então a opção em português brasileiro é realizada pelos numerais ordinais, como em ‘terceiro’ ou ‘décimo’. Já se forem selecionados: ORDEM → ordenação; PRECISÃO → imprecisão; MODO →

³² Para a descrição do sistema de QUANTIFICAÇÃO, ver Figueredo (2007).

indicativo, a opção em português brasileiro é realizada pelos adjetivos como ‘próximo’, ‘anterior’ e ‘seguinte’.

2.5 Princípios analíticos

Além destes passos metodológicos, que são parte da própria constituição do sistema e, por conseguinte, são passos para a própria descrição e interpretação da língua segundo a teoria, faz-se necessária, de modo complementar, a observação de um conjunto de princípios analíticos, inerentes à tarefa de descrição de base sistêmico-funcional. Estes princípios são apresentados a seguir.

2.5.1 Priorizar a orientação paradigmática do sistema linguístico

A descrição aqui apresentada toma a dimensão do eixo paradigmático como base da descrição e, por consequência, estabelece o ambiente mais amplo para a compreensão dos sistemas da unidade da oração. De uma forma geral, procura-se, desta maneira, responder à pergunta: existe um sistema “por trás” para fazer este trabalho?

2.5.2 Seguir o desenvolvimento da teoria de descrição linguística sistêmico-funcional

a) delimitar o ambiente mais amplo para a descrição dos sistemas gramaticais em termos das dimensões da base descritiva, como a estratificação, as outras metafunções e a instanciação.

b) partir do entendimento da oração como uma composição metafuncional, o que implica em entender que esta é a base da organização gramatical como um todo (Matthiessen, 2004).

c) ampliar para além do estrato gramatical a descrição de aspectos funcionais dos sistemas gramaticais. Apesar de esta ser uma descrição gramatical, e as funções produzirem significado na ordem da oração, por exemplo, como Participante e Processo, ou Sujeito e Predicador, entre outros, procurar entender seus significados semânticos, uma vez que a gramática, apesar de haver a possibilidade de ser descrita em seu próprio estrato, pode, com mais riqueza, ser explicada dentro de seu contexto mais amplo.

d) estabelecer a relação entre a descrição gramatical e o discurso: quando os sistemas gramaticais são observados a partir da estratificação, verifica-se sua ligação imediata às funções semânticas que por estes são realizadas. Neste caso, constata-se a forma pela qual a gramática contribui para a construção do texto como um todo. Assim, metodologicamente é importante que se verifique a relação entre estes dois estratos.

2.5.3 Utilizar a agnação como forma de evidenciar padrões

Em um trabalho realizado por Halliday (2002, p. 395) para o processamento de linguagem natural, no qual desenhou uma rede do sistema do grupo verbal em inglês, o autor comenta um aspecto dos resultados encontrados da seguinte forma:

Obviamente que há muitos erros nestas redes complexas, e a única forma de testá-las é programando-as para gerarem combinações aleatoriamente. Não é difícil gerar o paradigma de expressões de seleção de uma rede relativamente pequena (...) na qual é possível verificar a saída de dados e observar o que aconteceu de errado.³³

Como se vê pela citação, o fato de ser necessário excluir da rede termos que, apesar de possíveis de maneira combinatória, não fazem parte do sistema, significa operar com todas as alternativas possíveis para a realização de um item em um determinado ambiente. Em termos sistêmico-funcionais, esta relação entre probabilidade de itens e ambientes é explicada pelo conceito de agnação.

O emprego do conceito de agnação na descrição significa trabalhar tanto com as realizações, quanto com outras possíveis realizações para um mesmo elemento. Neste caso, fala-se da maneira como o conjunto das opções no estrato gramatical foram selecionadas conforme o contínuo da instanciação.

Neste sentido, constitui-se como um princípio analítico a utilização de acréscimos, substituições e subtração de itens e funções; a inversão da estrutura que as realiza; e a possibilidade de expansão ou retração dos termos do sistema para determinada função, observando sempre as mudanças no registro. Tais “exercícios” de possibilidade são adotados como critério para se entender quais os itens que compõem um determinado sistema e os que compõem sistemas diferentes.

Este é um “exercício” para se encontrar as formas agnatas (restritas à mesma ordem e ao mesmo nível de delicadeza, porém, diferentes em termos de instanciação) que indicariam quais as probabilidades de ocorrência para um elemento, tanto as probabilidades maiores de ocorrência, quanto aquelas, por assim dizer, “probabilidades nulas” ou de ocorrência próxima a zero.

Este princípio analítico repete, em medida distinta, a programação sugerida por Halliday (2002) para as combinações na rede do sistema, com a diferença importante de que, nesta

³³ Of course there are lots of mistakes in these complex networks, and the only way to test them is by programming them and setting them to generate at random. It is not difficult to generate the paradigm of selection expressions from a reasonably small network (...) where you can inspect the output and see where it has gone wrong.

tese, a “programação” não é automática ou aleatória, mas manual e motivada pelos dados retirados do *cópus*.

2.5.4 Perguntas sistêmicas

No livro de tipologia e descrição linguística editado por Caffarel, Martin e Matthiessen (2004), o qual inclui a descrição das línguas inglês, francês, alemão, japonês, tagalo, mandarim, vietnamita, telugu e pitjantjantjara, tem-se como um dos objetivos principais oferecer descrições de diferentes línguas que possam ser comparadas e contrastadas tipologicamente. Para tanto, é necessário que tenham uma base descritiva comum, à qual as descrições podem se referir. Neste caso específico, a base é a orientação sistêmico-funcional.

Esta descrição do português brasileiro, igualmente, se afilia à esta teoria e adota a mesma base – tipológica – de orientação descritiva. Caffarel *et al.* (2004) propõem uma série de perguntas sistêmicas que podem encaminhar o curso da descrição. Estas perguntas, juntamente com os passos apresentados acima, compõem a base da metodologia desta descrição. Elas são apresentadas a seguir.

SISTEMA DE TEMA – TEXTUAL (Caffarel *et al.*, 2004, p. 53-54)

1. Como a oração contribui para o desenvolvimento de um “ângulo” sobre o que se está falando; existe uma função de Tema que manifesta esta perspectiva?
2. Como é realizado o Tema; por exemplo, sequência (em particular nas posições inicial ou final da oração), inflexão, aposição, intonação?
3. Existem seleções não-marcadas e marcadas para Tema que dependam, talvez, do modo; qual é o papel da voz na construção dos Temas não-marcados?
4. Existe a possibilidade de Temas marcados especiais (como o Absoluto), que funcionam para além da configuração transitiva da oração?
5. É possível distinguir os Temas entre textual, interpessoal e ideacional; estes sempre são realizados juntos?
6. Como a oração contribui para a elaboração do argumento do texto; existe uma função de Novo que estabelece o foco da atenção do ouvinte?
7. Como o Novo é realizado; por exemplo, sequência (em particular nas posições inicial ou final da oração), inflexão, aposição, intonação?
8. As orações relacionais identificativas possuem um papel de destaque para a demarcação gramatical do Dado e Novo?

9. Existem recursos para combinar o Tema e o Novo (como por exemplo o Tema Predicado em inglês)?³⁴

SISTEMA DE MODO – INTERPESSOAL (Caffarel *et al.*, 2004, p. 47-48)

1. Quais são as estratégias dialógicas disponíveis para os falantes na gramática oracional?
2. Como a oração se constitui como a função do interlocutor (oferecer ou demandar informação e bens-e-serviços)?
3. Existe alguma parte da oração que pode ser identificada com esta posição dialógica e, de forma mais ampla, com a argumentação como um todo?
4. Existem padrões prosódicos de realização que façam a oração tomar parte na interação como um item da argumentação (como por exemplo concordância, inversão, contração, cliticização, efeitos descontínuos)?
5. Existe um lugar específico de responsabilidade modal na oração que tem motivação funcional, comparável à função do Sujeito em inglês?
6. Existe um lugar específico de argumentação na oração que tem motivação funcional, o qual ancora a oração no tempo/aspecto e na modalidade, comparável à função do Finito em inglês?
7. Qual é a relação precisa entre polaridade e modalidade e o modo; qual é a natureza de sua realização (por exemplo, nominal, verbal, adverbial, partícula)?
8. Como que os significados interpersonais que se relacionam são expressos (por exemplo, afeto, honorificação, partículas/afixos quotativos)?
9. Qual o papel da entonação na realização das opções de modo?³⁵

³⁴ – how do clauses contribute to the development of an angle on what is being talked about; is there a Theme function manifesting this perspective?

– how is Theme realized – e.g. sequence (especially initial or final position in the clause), inflection, adposition, intonation?

– are there marked and unmarked Theme selections, depending perhaps on mood; what is the role of voice in constructing unmarked Themes?

– are special marked Themes (i.e. absolute Themes) which function outside the transitivity structure of their clause possible?

– is it possible to recognize textual, interpersonal and topical Themes; are they always realized together?

– how do clauses contribute to the elaboration of the point of a text; is there a New function establishing news?

– how is New realized – e.g. sequence (especially initial or final position in the clause), inflection, adposition, intonation?

– do identifying relational clauses have a special role to play in grammatically demarcating Given and New?

– are there resources for combining Theme and New (for example theme Predication in English)?

³⁵ – what are the dialogic strategies open to the speaker in the grammar of the clause?

– how is the clause positioned as an interact (as giving or demanding goods-&-services or information)?

SISTEMA DE TRANSITIVIDADE – IDEACIONAL (Caffarel *et al.*, 2004, p. 50-51)

1. Quantos tipos de processo é possível reconhecer, incluindo configurações distintas de participantes?
2. Como é possível motivar gramaticalmente os tipos de processo, a partir de um conjunto de evidência morfológica, sintagmática e criptogramatical, bem como evidência do discurso no que diz respeito à concepção das fases de domínios da experiência diferentes?
3. Como a ‘voz’ se relaciona aos tipos de processo; em que medida esta pode ser estendida para além das orações de ação?
4. Em termos da generalização ao longo dos tipos de processo, é possível identificar padrões de organização transitivo/ergativo?
5. Algum destes padrões se associa mais proximamente com um tipo de processo em particular, ou com um subtipo, pessoa, modo, ou com nomes, pronomes ou clíticos?
6. Qual é a natureza da organização orbital da oração (núcleo, margem, periferia)?
7. Qual é o papel da estrutura serial – em que locais da periferia (por exemplo, na concepção da localização) ou da margem (por exemplo, na concepção do recipiente) – da oração?³⁶

-
- is there an identifiable part of the clause concerned with this dialogic positioning, and more generally with its arguability?
 - are there prosodic patterns of realization involved in engaging the clause in interaction and making it arguable (e.g. concord, agreement, inversion, contraction, cliticization, discontinuous effects)?
 - is there a functionally motivated locus of modal responsibility in the clause, comparable to the English Subject function?
 - is there a functionally motivated locus of arguability, grounding the clause in tense/aspect or modality, comparable to the English Finite function?
 - what is the precise relation of polarity and modality to mood; what is the nature of their realization (e.g. nominal, verbal, adverbial, particle)?
 - how are related interpersonal meanings expressed (e.g. affect, honorification, quotative particles/affixes)
 - what is the role of tone in realizing more and less general mood options?

- ³⁶ – how many process types need to be recognized, with distinctive configurations of participant roles?
- how can these process types be motivated, drawing on a range of morphological, syntagmatic and cryptogrammatic evidence, as well as evidence from discourse concerning the construal of phases of different domains of experience?
 - how is ‘voice’ related to process type; how far can it be generalized beyond action clauses?
 - generalizing across process types, can transitive and/or ergative (and/or other) patterns of organization be recognized?
 - is one or another of these general patterns associated with particular process types or subtypes, persons, moods, nouns versus pronouns versus enclitic pronouns, etc.?
 - what is the nature of the orbital organization of the clause, into nucleus, margin and periphery?
 - how is serial structure involved – at which points in the periphery (e.g. construal of location) or margin (e.g. construal of recipient) of the clause?

2.5.5 Lugar da pesquisa

Para finalizar, diante da localização do objeto de estudos desta tese – a gramática (natural) do português brasileiro – na metalinguagem da teoria sistêmico-funcional, bem como do trabalho de investigação e pesquisa – a interpretação sistêmico-funcional da gramática – é possível localizar com maior precisão o espaço desta pesquisa na metalinguagem teórica.

Assim, a pesquisa desta tese se localiza basicamente no estrato gramatical do conteúdo, concentrando-se na ordem mais alta, a oração, uma vez que esta é a primeira ordem gramatical metafuncional. Além disto, o estrato gramatical se refere, pela necessidade da descrição do ambiente mais amplo, à semântica por ele realizada, e às ordens inferiores da gramática (grupos e frases, palavras e morfemas) e a expressão (fonologia e grafologia). Assim, esta é uma descrição da “gramática alta” (ordem imediatamente inferior à semântica – a oração) e a “semântica baixa” (ordem imediatamente superior à gramática – figura, argumento e mensagem) (ver Figura 2.15).

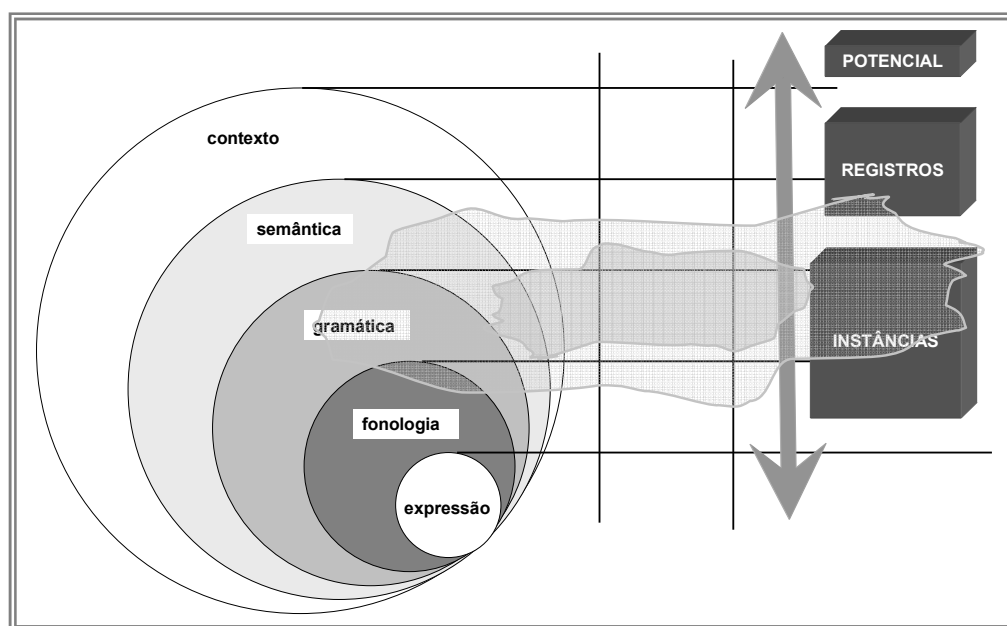


Figura 2.15 – Lugar da pesquisa na matriz de estratificação-instanciação.

3 O CÓRPUS

A decisão para a seleção do corpus desta tese foi tomada a partir do entendimento da língua em seu contexto de cultura. Tendo como base a relação entre a língua e o contexto (Halliday, 1978), é possível apontar as variáveis necessárias para a categorização dos diferentes tipos de textos baseados em sua inserção no contexto de cultura (URE, 1969a e

1969b). Estes tipos de texto formam a base da tipologia textual utilizada nesta tese para a determinação da coleta dos textos e compilação do corpus.

A primeira variável se refere ao papel da língua na situação, se esta faz parte da situação como elemento auxiliar – a língua em ação – ou se toda a situação acontece dentro do ambiente semiótico – língua como reflexão. A segunda variável se refere ao grau de especialização da língua na situação – língua especializada ou não-especializada. A terceira variável se refere ao modo de veiculação da língua, se escrito ou falado. A quarta é referente ao tipo de interação, se monológica ou dialógica. A quinta e última variável se refere precisamente aos diferentes processos sócio-semióticos que podem envolver a língua. Estes são oito: explicar, reportar, recriar, compartilhar, fazer, recomendar, habilitar e explorar (cf. Matthiessen *et al.*, 2008).

O processo explicar envolve o uso da língua como forma de transmissão de conhecimento, que pode se dar tanto entre pares, quanto do especialista para o leigo. Exemplos de textos pertencentes a este processo são livros didáticos, aulas e palestras. O processo reportar implica no uso da língua como forma de construir linguisticamente um evento que aconteceu no mundo. Como exemplos tem-se reportagens de jornal, biografias e relatórios. O processo recriar busca criar linguisticamente um evento que aconteceu no mundo que, anteriormente, foi codificado por outro processo sócio-semiótico, de forma ficcional. Citam-se como exemplo romances, histórias em quadrinho e causos.

A função principal do processo compartilhar é o estreitamento dos laços sociais. Neste processo sócio-semiótico, tem-se a apresentação e negociação de valores, posicionamentos e ideias com o objetivo de pôr à prova a “geografia social”, isto é, a proximidade e a distância entre os membros de uma comunidade. Como exemplos podem ser citados o bate-papo, a fofoca e o blog (diário). No processo fazer, a língua não tem papel principal, mas sim o papel de facilitar a execução de uma atividade não-linguística. Por exemplo, cooperações, procedimentos e instruções. Os tipos de texto associados ao processo recomendar possuem a função de controlar o comportamento dos falantes por meio da língua. Neste tipo de texto encontram-se, por exemplo, comerciais, leis (deveres) e regulamentações.

O processo habilitar procura, por meio da língua, facilitar o comportamento dos falantes em determinada situação. Por exemplo, os folhetos turísticos, as leis (direitos) e o aconselhamento. Por fim, cabe aos tipos de texto relativos ao processo explorar a criação de novos significados que deverão ser postos à negociação com outros membros da comunidade. Por exemplo, os artigos acadêmicos, os editoriais e os estudos críticos.

O Quadro 2.2 apresenta, em um diagrama, a relação entre as variáveis que permitem a criação da tipologia textual com base na língua em seu contexto de cultura (Ure, 1989).

QUADRO 2.2
Língua no contexto de cultura

| | | <i>escrito</i> | | | <i>falado</i> | |
|--------------------------|-----------------|---------------------|----------------------------------|-------------------------|--------------------|------------------------------|
| | | | <i>diálogo</i> | <i>monólogo</i> | <i>diálogo</i> | |
| Especializada | Reflexão | EXPLICAR | <i>Carta pessoal</i> | <i>Livro texto</i> | <i>Palestra</i> | <i>Debate</i> |
| Não-especializada | | REPORTAR | <i>Questionário</i> | <i>Reportagem</i> | <i>Depoimento</i> | <i>Entrevista</i> |
| | | RECRIAR | <i>Tira em quadrinhos</i> | <i>Romance</i> | <i>Causo</i> | <i>Peça teatral</i> |
| | | COMPARTILHAR | <i>E-mail pessoal</i> | <i>Blog (diário)</i> | <i>Lembranças</i> | <i>Bate-papo</i> |
| | Ação | FAZER | <i>Carta comercial</i> | <i>Lista de compras</i> | <i>Instruções</i> | <i>Co-operação</i> |
| especializada | Reflexão | RECOMENDAR | <i>Auto-ajuda</i> | <i>Anúncios</i> | <i>Orações</i> | <i>Consulta médica</i> |
| | | HABILITAR | <i>Perguntas mais frequentes</i> | <i>Panfletos</i> | <i>Orientações</i> | <i>Perguntas e Respostas</i> |
| | | EXPLORAR | <i>Carta ao editor</i> | <i>Artigo acadêmico</i> | <i>Discurso</i> | <i>Discussão</i> |

No Quadro 2.2 (cf. Ure, 1989; Matthiessen *et al.*, 2008), podem ser localizados os tipos de texto (registros) a partir de um ponto mais abstrato no contínuo da instanciação, mais próximo ao pólo do potencial, trabalho que promove mais agilidade para as análises tipológicas do que aquele realizado apenas a partir dos registros.

O diagrama apresentado no Quadro 2.2 contempla os oito tipos de processos sócio-semióticos nos quais a língua pode ser utilizada. Segundo sua concepção os tipos de produção de significado linguístico, os tipos de texto, são agrupados segundo o uso no contexto da situação e representam esta face dos registros.

Além dos processos sócio-semióticos, o diagrama apresenta também o tipo de relação entre o produtor e seu receptor, no contínuo de proximidade/distância, representado pelas faixas de monólogo e diálogo, bem como o modo de veiculação, no contínuo oral/escrito.

Em um estudo correlato, Herke-Couchman (2006), tendo o objetivo de descrever um registro da língua inglesa denominado *Nigerian scam e-mail text*, adotou metodologia semelhante para a seleção de seu corpús, que, da mesma maneira, foi coletado segundo a mesma teorização, com base nos processos sócio-semióticos. Outros dois estudos, voltados especificamente para a descrição do português brasileiro, Araújo (2007) e Figueredo (2007),

também adotaram como passo metodológico a coleta do *córpus* a partir dos processos sócio-semióticos.

Para esta pesquisa, o *córpus* compilado teve como base a tipologia da língua no contexto de cultura. O *córpus* possui cerca de um milhão de palavras (*tokens*), sendo representativo dos tipos de processos sócio-semióticos segundo o diagrama. Como são oito os processos sócio-semióticos, então, cada um está representado no *córpus* por um dos oito sub*córpua*, com aproximadamente 125 mil palavras, divididas em quatro grupos de 31.250 mil palavras para cada modalidade (falado-diálogo; falado-monólogo; escrito-diálogo; escrito-monólogo). Dentro de cada sub*córpua*, está contemplada uma quantidade de textos variável, cuja a orientação buscou contemplar o máximo de textos possível.

A rotulação de cada texto segue à seguinte legenda:

<NÚMERO DO TEXTO>
<PROCESSO SÓCIO-SEMIÓTICO> <TIPO DE TEXTO>
<DIÁLOGO/ MONÓLOGO> <FALADO/ ESCRITO>
<TÍTULO>
<FONTE>
<DATA DE PRODUÇÃO>
<NÚMERO DE PALAVRAS>

Assim, cada texto pode ser identificado no *córpus* segundo 1) o número do texto no *córpus* completo; 2) o processo sócio-semiótico do qual forma parte; 3) o tipo de texto ao qual pertence; 4) o título do texto, se possuir 5) a fonte do texto 6) a data de produção e 7) o número de palavras. Como exemplo, cita-se o primeiro texto coletado para o *córpus*:

<TEXTO 01>
<EXPLORAR> <DISCURSO>
<MONÓLOGO> <FALADO>
<TÍTULO: DISCURSO DO PRESIDENTE LULA>
<FONTE: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u90387.shtml>>
<DATA: 17/03/2007>
< PALAVRAS: 314>

Vocês sabem que nessa tomada de posse, aqui dentro do Palácio, os ministros não falam, porque eles vão falar na hora da transmissão, da posse no ministério deles.

Eu queria dizer para vocês que este é sempre um momento de dupla, eu diria, face, para um presidente da República. Você está tirando um companheiro e está colocando outro companheiro. Triste pelos que saem, alegre pelos que entram.

O que está acontecendo neste momento, na história do nosso querido país, não é apenas a troca de um homem por outro homem, de uma mulher por outra mulher ou de um partido por outro partido. O que nós estamos consagrando, a cada ministro que eu nomeio, é um novo jeito e uma nova forma de fazer política no nosso país. Aliás, eu penso que é um momento de aprendizado para todos nós, que é a construção de uma política de coalizão que envolve partidos políticos, que envolve governadores, que envolve prefeitos e que envolve a experiência acumulada de cada um de nós em todos esses anos que fazemos política. Eu, pelo menos há 30 anos, da vida sindical à Presidência da República, e vocês, alguns de primeiro mandato, e outros já de muitos e muitos mandatos.

Não posso falar bem dos que estão entrando, porque eu preciso saber do trabalho deles primeiro,

mas eu posso falar dos que estão saindo. Eu queria começar pelo Márcio Thomaz Bastos. Muita gente imaginava, ao longo da história, que o Márcio Thomaz Bastos era do PT. Muitas vezes, o Márcio discutia comigo se deveria entrar ou não no PT, e eu dizia: Márcio, um advogado que atingiu a qualidade e a grandeza que você atingiu, não é prudente você estar afiliado a um partido político. Até porque o advogado nunca é advogado de pessoas que não cometeram nenhuma falha, ou seja, os advogados normalmente são chamados para defender grandes causas.

Este é o texto 1, pertence ao processo sócio-semiótico EXPLORAR, é o tipo de texto DISCURSO, é um monólogo/falado; seu título é DISCURSO DO PRESIDENTE LULA, a fonte é <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u90387.shtml>, foi produzido em 17/03/2007 e possui 314 palavras.

O critério para escolha dos textos, além de cumprirem os requisitos dos processos sócio-semióticos e dos modos (monólogo, diálogo, oral, escrito), foi serem textos produzidos em português do Brasil nos últimos cinquenta anos. É importante destacar também que os textos escritos foram coletados em livros, revistas, folhetos, cartas, na internet, entre outros e os textos orais foram gravações de fala em formato mp3, de *websites* que trazem textos orais, como o youtube.com, e, subsequentemente transcritas. A marcação de oralidade na transcrição obedeceu a critérios simples, dispostos assim:

- . → indica pausa longa com queda de entonação.
- ... → indica pausa longa com a manutenção da entonação.
- , → indica pausa curta.
- → indica tomada de turno ou reformulação.
-] → indica mais de uma fala simultaneamente.
- “ → indica projeção de pensamento.
- “” → indica projeção de fala.
- ? → subida de entonação + pausa

EXEMPLO:

Então pelo que a gente... pelo-- pela própria discussão da manhã aí, da primeira parte, o que a gente pode, né?... pode melhorar daquela frase ali, e a gente entender... que a comunicação, ela não existe por si mesma, porque, a gente vai ver os vários aspectos, os vários fatores que permeiam a comunicação. Então é... ela não pode ser vista como algo separado da vida, da sociedade. A primeira pergunta que mostrei aqui como ilustração foi a primeira resposta, né? foi a idéia que a colega deu... “por que comunicar? Porque vivemos em sociedade”, né?

4 ANOTAÇÃO E EXTRAÇÃO DE DADOS

A partir da coleta, foi realizada a anotação do corpúsculo. Devido ao fato de a oração ser estruturada de modo metafuncional, a primeira parte da anotação se deu da seguinte forma. Os textos foram segmentados em orações e cada oração teve sua estrutura identificada relativamente às funções textual, interpessoal e experiencial de seus elementos.

Para esta identificação de funções e categorias, foi utilizada como base as descrições e categorizações propostas pela linguística sistêmico-funcional. Desta forma, esta primeira

etapa da análise foi capaz de indicar a relação entre os sistemas de TEMA, MODO e TRANSITIVIDADE na estrutura da oração.

Em seguida, especificamente para a análise de cada sistema específico, uma metodologia particular foi adotada. Para o sistema de TEMA, foram analisados mais detidamente os textos monológicos; para o sistema de MODO, os textos dialógicos; e para a TRANSITIVIDADE, os padrões de orações em relação ao tipo de texto.

Para se chegar à disposição dos recursos tal como se apresentam, TEMA no Capítulo 3, MODO no Capítulo 4, e TRANSITIVIDADE – PROCESSOS MENTAIS no Capítulo 5, a pesquisa se dividiu metodologicamente em duas etapas, *levantamento de dados* e *análise qualitativa*. Para o levantamento, coletou-se e anotou-se um *cópus*, do qual extraíram-se os dados. A análise qualitativa interpretou-os, dando base para se propor a descrição dos sistemas. Cada uma destas etapas é explicada a seguir (ver Quadro 2.3).

QUADRO 2.3
Metodologia de análise.

| | | |
|----------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Levantamento | cópus | processos sócio-semióticos |
| | | gravação de fala espontânea |
| | | coleta de textos impressos e eletrônicos |
| | anotação | automática: segmentação, UAMTools |
| | | semi-automática: Tema, Modo, Processos, UAMTools |
| | | manual: organização temática, Negociador, configuração transitiva |
| | extração de dados | extração de segmentos: UAMSearch Tool |
| extração numérica: UAMStatistics Tool | | |
| metodologia de descrição e interpretação dos dados | Halliday (1978; 2002; 2003; 2007; 2008) Halliday e Matthiessen (1999) Matthiessen e Halliday (2009) Matthiessen (1995) Martin (1992) Martin e Rose (2003) | |
| Análise qualitativa | TEMA | Halliday e Matthiessen (2004) Caffarel <i>et al.</i> (2004) Matthiessen (1993, 1995) Martin (1992) |
| | MODO | Halliday e Matthiessen (2004) Caffarel <i>et al.</i> (2004) Martin (1990; 1992) |
| | TRANSITIVIDADE (Processos Mentais) | Halliday e Matthiessen (2004) Caffarel <i>et al.</i> (2004) Martin (1992; 1996) |

4.1 Busca de Padrões e Anotação

4.1.1 Busca de Padrões

A busca de padrões é um passo fundamental para a descrição linguística de base sistêmico-funcional, uma vez que são os padrões de ocorrências de uma função gramatical que permitem compreender qual o sistema que “está por trás” das ocorrências.

Para a busca de padrões, foi utilizado o software WordSmith Tools, em particular a ferramenta Concord. Para a utilização do Concord, o cópulus compilado foi convertido para o formato .txt e carregado para dentro do programa. A ferramenta Concord foi selecionada e, em sua janela de buscas, todos os possíveis elementos que pudessem indicar um padrão foram examinados.

Por exemplo, para a busca de Processos Mentais, uma lista de radicais de verbos que potencialmente realizam esta função experiencial foi colocada na janela de buscas. Isto pode ser visto na Figura 2.16.

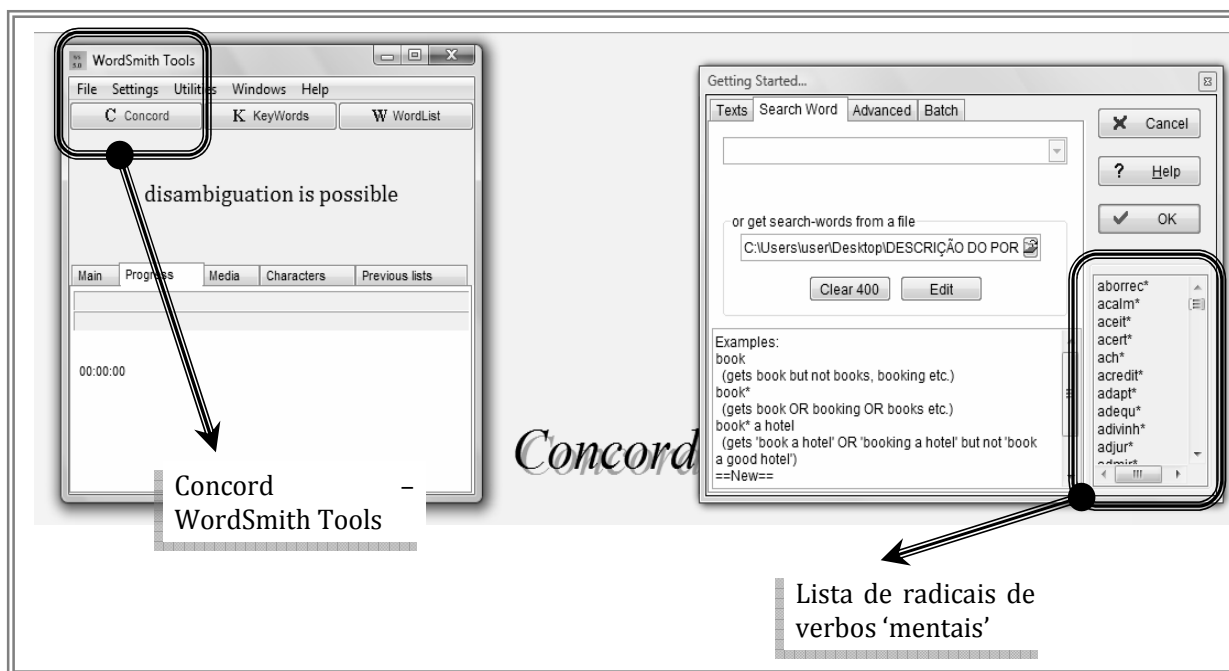


FIGURA 2.16 – Janela de buscas do *Concord*.

Os elementos da busca são averiguados pelo programa no cópulus, e em seguida, é produzida uma lista de concordâncias. A Figura 2.17 apresenta a janela com a lista que foi fruto da busca dos radicais de verbos que potencialmente realizam processos mentais no cópulus da pesquisa, para a geração de padrões.

| N | Concordance |
|----|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1 | tudo eu prefiro-- eu apesar de tudo o que eu... o que eu... o que me aborrece é a hipocrisia. é a hipocrisia da... das da situação |
| 2 | algum lugar nadar a senhora fala com ela pra não aceitar num... não aceitar não que ela não indo eu sei que ele não vai." mas a p |
| 3 | eu estou por opção minha, por escolha minha, porque eu não aceitei trabalhar na sua emissora, porque eu não trabalho e |
| 4 | consegue chamar ele de irmão? ô irmão mas na hora que ele pra aceita o Senhor você consegue chamar ele de irmão? você c |
| 5 | falar comigo?" soberbo. Deus resiste. agora Paulo repreendeu Pedro aceitou, humilde, recebeu graça e ele testificou não é? falar |
| 6 | coisa muito mal... muito mal resolvida no Brasil a... a-- o b não aceita o fato de... de ser mestiço não aceita mesmo isso é u |
| 7 | da no Brasil a... a-- o b não aceita o fato de... de ser mestiço não aceita mesmo isso é uma coisa que pega fundo então não fa |
| 8 | branca ela não é e isso a... a pessoa não... não... não quer aceitar... não quer aceitar né dizer que eu sou eu tenho um |
| 9 | ... não quer aceitar né dizer que eu sou eu tenho um pingo de às vezes aceitam uma coisinha "parece que eu ouvi dizer que na min |
| 10 | quinze antes de os portugueses chegarem "tinha uma índia" ainda aceitam isso. escravo não preto não quer dizer com relação |
| 11 | a Deus... a... a nossa pessoa-- o pessoal nosso de contabilidade achou... lá... no fundo do baú... esses faxes... que tenho ce |
| 12 | na-- entrar lá naquela igreja... Bruma só um cadinho" ent-- quando achei-- entrei na igreja o-- tinha um homem, vestido assim |
| 13 | estava com um livro na mão parecendo que ele ia pra escola. e eu achei estranho quando eu vi um brinco e aí quando ele viro |
| 14 | que eu não... esses dias eu não vou sair todo dia que ela ligar vai me achar aqui dentro de casa não vou não vou passar" ainda be |
| 15 | do céu. sabe aquele filho que todo mundo-- que os outros irmãos acham que a mãe protege mais? nós achava que minha mãe |
| 16 | mundo-- que os outros irmãos acham que a mãe protege mais? nós achava que minha mãe protegia o Hélio muito. que ele era n |
| 17 | está aqui-- aquelas coisinhas da gente de ser [ininteligível], né? que acha que pra morrer tem que estar ruim, né? Não-- e... é na |
| 18 | o patrão e tirou uma... uma... a pedra de um... antes da hora que achou que valia a pena e o rapaz acabou machucando... o h |
| 19 | muito bem das pernas a família do rapaz exigiu um tanto lá. de... acho que era tudo que ele tinha pra pagar os funcionários... |
| 20 | do meu pai que... foram visitar ele quando e... ele saiu do hospital acho que... a... ou antes dele ir pro hospital... o... é... é... |
| 21 | muito avariado tive que saltar antes que ele também explodisse, acho que o cano de descarga dele estava entupido! Cinhin- |
| 22 | vários aspectos práticos. No entanto, se orgulharam, e até mesmo acham que não precisam de mais nada. Irmãos, se nós achai |
| 23 | e até mesmo acham que não precisam de mais nada. Irmãos, se nós acharmos que não precisamos de mais nada, estamos em L |

FIGURA 2.17 – Lista de concordâncias produzida pela ferramenta *Concord*.

4.1.2 Anotação

Após os padrões encontrados pelo Concord do *WordSmith Tools*, a anotação foi conduzida de forma semi-automática, com o auxílio do software *UAMTools* (cf.: O'Donnell, 2008). Um exemplo de anotação com este software pode ser visto na Figura 2.18, apresentada a seguir, que foi feita para a análise do TEMA. Na figura tem-se o Tema 'ah, blush', anotado como *imperativo/tópico/participante2/não-elíptico/múltiplo (textual)*.

Todas as orações do cópua foram analisadas. Uma vez identificadas as funções necessárias para a descrição, anotou-se o trabalho destas procurando contemplar suas características constitutivas bem como sua relação com outras funções, de forma a compreender qual o sistema que as teria como opções.

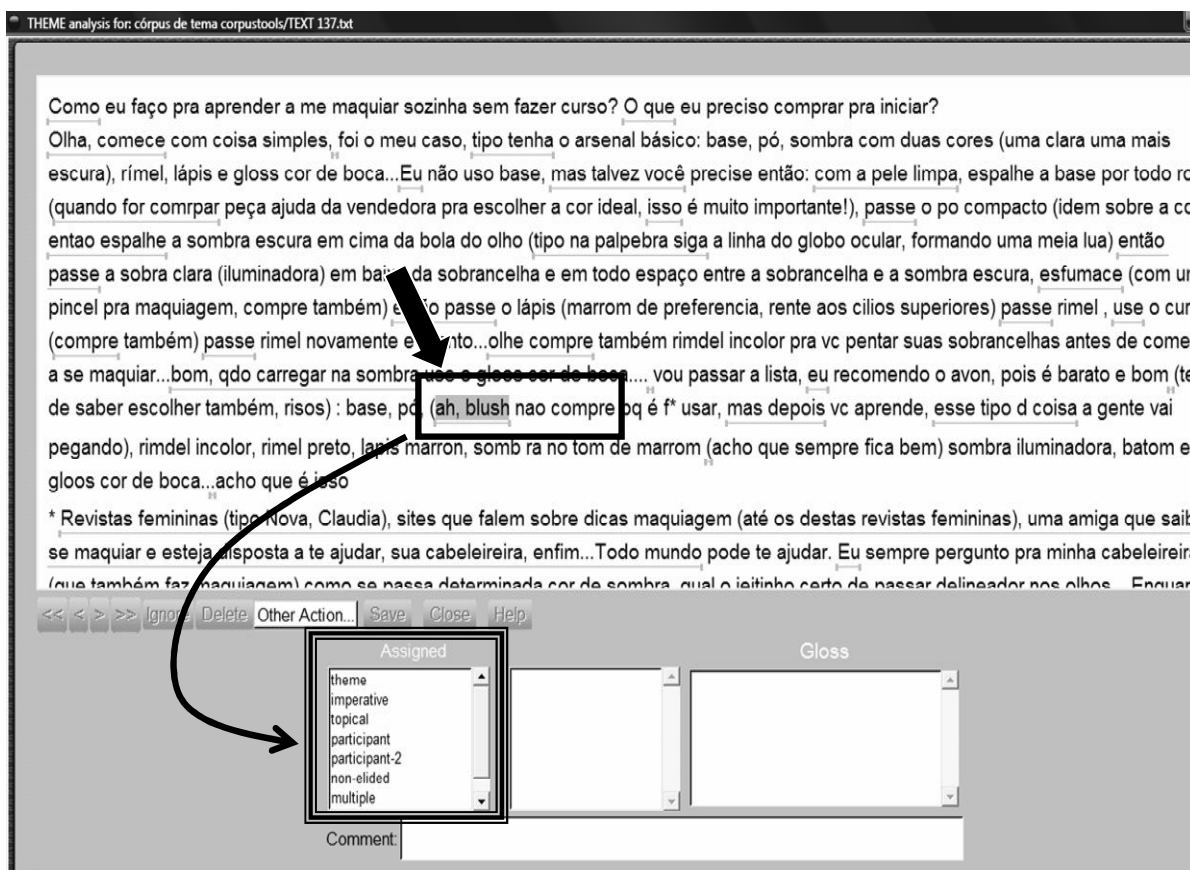


FIGURA 2.18 – Anotação no *UAMTools*.

4.2 Extração de Dados

Após a anotação, foram extraídos os dados quantitativos. A extração dos dados foi feita por duas ferramentas: para a extração de segmentos anotados, foi empregada a *UAMSearchTools*, já para os dados quantitativos (ocorrências de um rótulo relativamente a outros rótulos, bem como sua distribuição nos diferentes textos do corpus) foi empregada a *UAMStatisticsTools*. Segue a seguir um exemplo de extração de dados com cada ferramenta (ver Figuras 2.19 e 2.20).

Na busca exemplificada pela figura 2.19, o espaço correspondente à busca (1) compreende todos os rótulos de segmentos da anotação. Foi escolhido o rótulo ‘imperativo’ para a busca. Subsequentemente, a ferramenta apresenta uma lista de todas as ocorrências de segmentos anotados como ‘imperativo’ (2). Clicando-se em um segmento, abre-se a janela do ambiente de sua ocorrência (3), i.e., o texto anotado, que foi o TEXTO 148. Na janela do texto, o segmento procurado encontra-se em destaque (4).

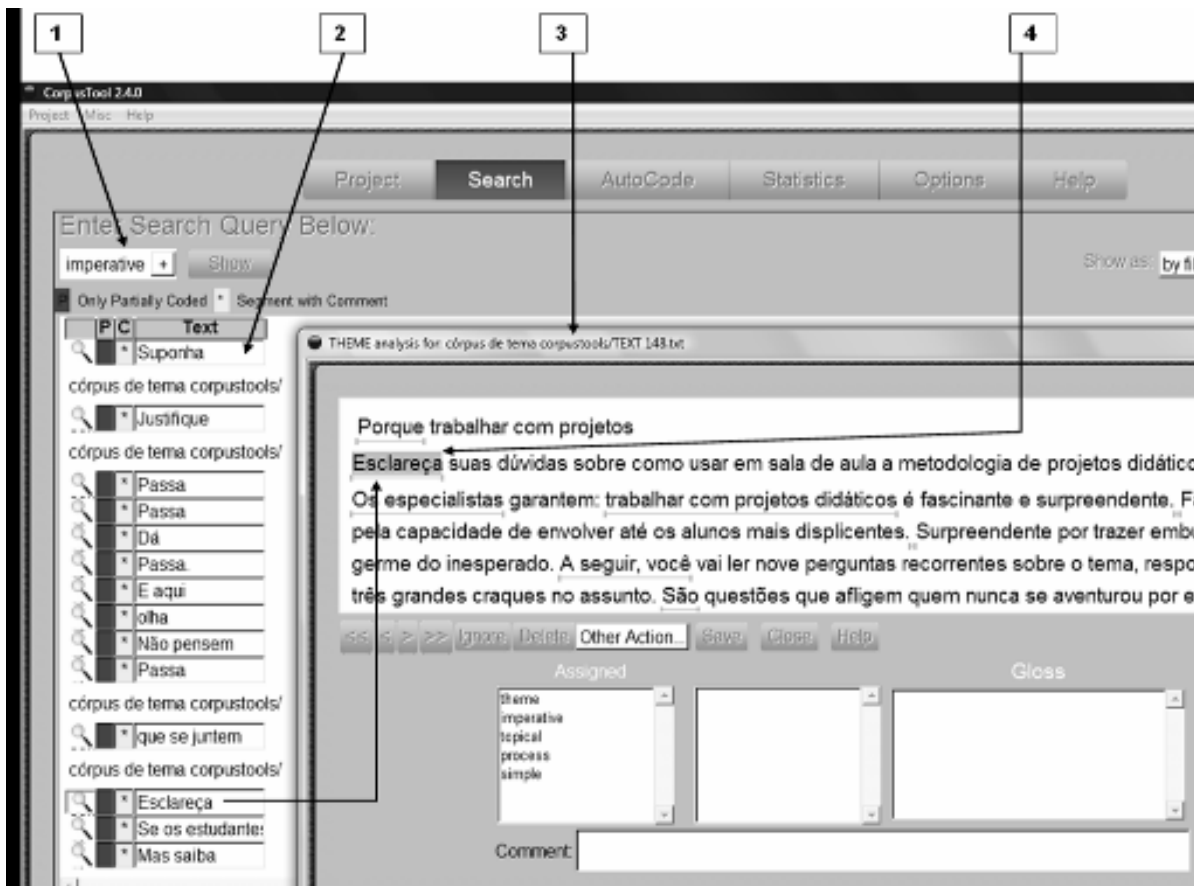


FIGURA 2.19 – Extração de segmentos *UAMSearchTools*.

Para se extraírem dados quantitativos, primeiro é necessário escolher o rótulo do item de interesse. Na busca exemplificada pela Figura 2.20, foi o ‘imperativo’ (1). Após uma busca simples, a ferramenta apresenta o número de ocorrências do item pesquisado relativamente aos outros itens da anotação, e mostra os resultados em quantidade absoluta, bem como em porcentagem relativa a cada categoria (2).

Tomando a Figura 2.20 como ilustração, vê-se que foram 333 ocorrências em relação à posição temática. Quanto ao papel transitivo do elemento em posição temática, foram 333 ocorrências, das quais 13 participante, 286 processo e 34 circunstância. Dentre os participantes, 9 participante 1; 4 participante 2 e nenhuma participante 3, e assim por diante.

| Feature | N | Percent |
|------------------------|-------|---------|
| THEME-CHOICE | N=333 | |
| - topical | 333 | 100.00% |
| - highlight | 0 | 0.00% |
| TRANSITIVITY-ROLE | N=333 | |
| - participant | 13 | 3.90% |
| - process | 286 | 85.89% |
| - circumstantial-elem | 34 | 10.21% |
| PARTICIPANT-TYPE | N=13 | |
| - participant-1 | 9 | 69.23% |
| - participant-2 | 4 | 30.77% |
| - participant-3 | 0 | 0.00% |
| PARTICIPANT-ELISION | N=13 | |
| - non-elided | 13 | 100.00% |
| - elided | 0 | 0.00% |
| CIRCUMSTANCE-REALIZ | N=34 | |
| - as-circumstance | 28 | 82.35% |
| - as-hypotactical-clau | 6 | 17.65% |

FIGURA 2.20 – Extração quantitativa *UAMStatisticsTools*.

Após a anotação dos dados e a identificação das funções, restou ainda dispô-las em redes dos sistemas de TEMA, MODO e TRANSITIVIDADE. Para testar as redes, houve o auxílio do *software* SysFan.

Este programa de computador se caracteriza por ser um conjunto de ferramentas para uma base de dados desenvolvido visando a extração de dados de corpora com base em anotações manuais de categorias propostas pela linguística sistêmico-funcional. Segundo seus idealizadores “o SysFan consiste em um conjunto de bases de dados relacionadas. Ele inclui uma base de dados para cada grupo de análises principal. Atualmente está preparado para lidar com análises lexicogramaticais (desde a oração [complexo oracional] até a palavra)” (MATTHIESSEN e WU, “Computational tools for linguistic description and analysis”, p. 39-40).³⁷

Após a criação da base de dados anotada, foi possível utilizar ferramentas de busca do SysFan para se extraírem resultados estatísticos tanto de ocorrências particulares (itens), quanto de padrões gramaticais das ocorrências (categorias descritivas) específicas dos

³⁷ SysFan consists of a set of related databases; it includes one database for each major type of analysis. It is currently set up to do lexicogrammatical analysis (from clause [complex] to word).

sistemas de TEMA, MODO e TRANSITIVIDADE, pois, segundo Matthiessen e Wu (Computational tools for linguistic description and analysis, p. 41), “a análise textual no SysFan espelha a organização de todo o sistema linguístico”³⁸, e afirmam que:

O SysFan permite que a análise textual possa acontecer em qualquer ordem e em qualquer estrato. Por exemplo, a análise pode ser feita nos estratos lexicogramatical e fonológico. Dentro da lexicogramática, a análise começa no complexo oracional e pode se estender até, por exemplo, ao morfema, a ordem mais baixa (p. 41).³⁹

A seguir se apresenta a Figura 2.21, na qual um texto segmentado em complexos oracionais é analisado pelo SysFan:

FIGURA 2.21 – Análise metafuncional de segmentos textuais pelo SysFan.

³⁸ The text analysis in SysFan mirrors the organization of the whole linguistic system.

³⁹ SysFan allows the text analysis to take place at any rank and at any stratum. For example, the analysis can be done at the lexicogrammatical and phonological strata; within the lexicogrammatical stratum, the analysis starts from the clause complex analysis, and may be pushed to, for example, morpheme, the lowest rank.

Com o auxílio do SysFan, foi possível desenhar as redes dos sistemas com base nas anotações realizadas, bem como a probabilidade estatística de seus termos ocorrerem. A Figura 2.22 apresenta a análise realizada através do SysFan para a construção de redes de sistema:

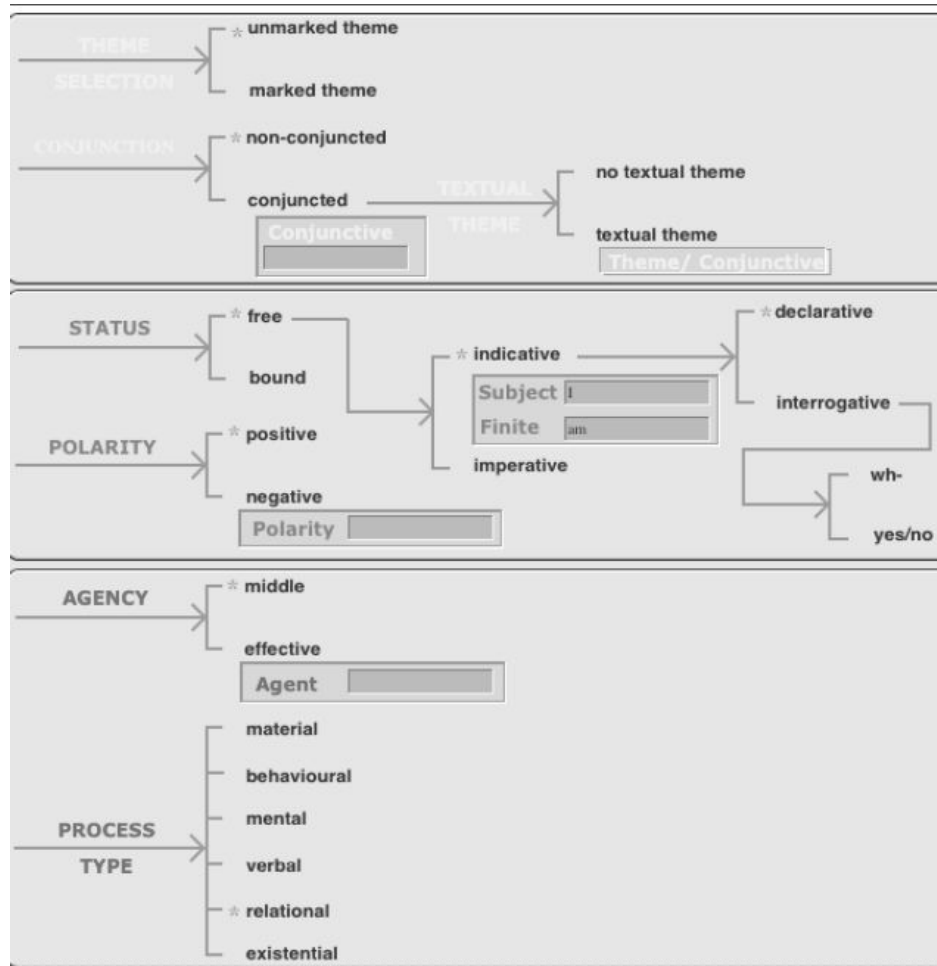


FIGURA 2.22 – Anotação e construção de redes de sistemas através do SysFan.

A partir da identificação das categorias no cópús analisado, seguida da anotação com o auxílio do SysFan, os resultados foram extraídos da base de dados para que, mediante análise, fosse proposta uma descrição dos sistemas em português brasileiro. A partir das análises realizadas durante a fase de anotação do cópús, e da construção das redes de sistemas, o programa foi capaz de quantificar as probabilidades de seleção para cada termo de opção na rede, como mostra a Figura 2.23:

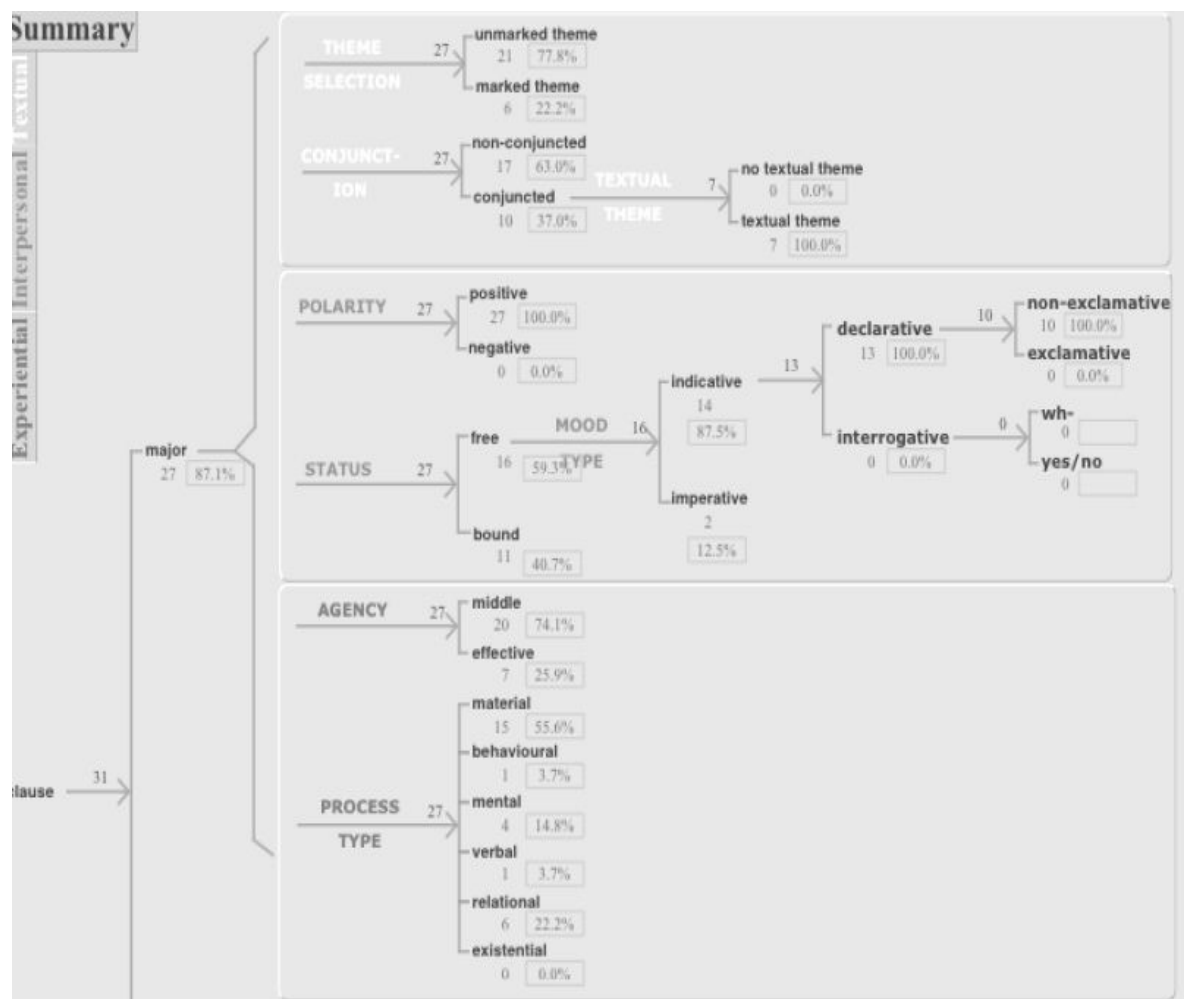


FIGURA 2.23 – Redes de sistemas com o cálculo de probabilidade de seleções.

CAPÍTULO 3

UMA INTERPRETAÇÃO DO SISTEMA DE TEMA EM PORTUGUÊS BRASILEIRO: DA ORGANIZAÇÃO ORACIONAL AO FLUXO DO DISCURSO

INTRODUÇÃO

A metafunção textual é responsável por conferir o caráter de texto aos significados ideacionais e interpessoais. Isto é feito convertendo-os em uma unidade semântica (o texto) por meio de recursos da tessitura, que podem ser estruturais e não-estruturais. Dentre os estruturais, ganha destaque a organização temática. Esta caracteriza o texto como onda (cf.: Halliday, 2002b, p. 209). Isto implica em organizar a oração dando destaque textual a determinados elementos, denominados picos de proeminência, restando aos outros elementos ocuparem os reflexos de não-proeminência. Esta forma de organização textual também contribui para a construção do texto como fluxo discursivo (cf.: Matthiessen, 1992, p. 41).

Na gramática, a organização temática é realizada pelo sistema de TEMA. Assim, o TEMA pode ser interpretado de duas maneiras complementares: *(i) do ponto de vista da oração*; e *(ii) do ponto de vista do discurso*.

(i) Do ponto de vista da oração, a função de Tema é definida por Halliday (1994, p. 34) como “o ponto de partida para a mensagem. É o elemento escolhido pelo falante como ‘alicerce’ do que irá dizer”.⁴⁰

A noção de “ponto de partida” implica em uma organização tal que um elemento funcional da oração, o Tema, é responsável por estabelecer a base de interpretação para o restante da oração, o Rema, culminando em seu “ponto de chegada”. Assim, visto dentro dos limites da oração, o TEMA se constitui como “o recurso empregado para se manipular a contextualização da oração. É empregado no estabelecimento do contexto local para cada oração de um texto”⁴¹ (Matthiessen, 1995, p. 531).

Com isto, a metafunção textual “desempenha um papel distinto no mecanismo geral da produção de significado, que é orientado especificamente para a produção de significado na

⁴⁰ the point of departure for the message. It is the element the speaker selects for 'grounding' what he is going on to say.

⁴¹ The resource for manipulating the contextualization of the clause; it is the resource for setting up a local context for each clause in a text.

esfera semiótica” (Matthiessen, 1995, p. 21).⁴² Desta maneira, é possível compreender em que medida os significados textuais são diferentes dos significados ideacionais e interpessoais. Os significados textuais não se relacionam diretamente ao mundo natural ou ao mundo social. Diferentemente, relacionam-se ao mundo semiótico, organizando conteúdos naturais e sociais para a produção de texto (ver quadro 3.1).

QUADRO 3.1

Metafunções e sua relação com o mundo.

| META-FUNÇÃO | RELAÇÃO COM MUNDO | FRAGMENTO SEMÂNTICO | TIPO DE ESTRUTURA | SISTEMA GRAMATICAL |
|--------------------|--------------------------------|----------------------------|----------------------------|---------------------------|
| ideacional | representação do mundo natural | figura | Partícula/atomística | TRANSITIVIDADE |
| interpessoal | encenação do mundo social | movimento | Campo/prosódica | MODO |
| textual | organização do mundo semiótico | mensagem | Onda/culminativo-periódica | TEMA |

A semiotização converte em informação os significados ideacionais e interpessoais (Matthiessen, 1995b, p. 21). A escolha temática conflui com uma escolha ideacional ou interpessoal e (a) coloca a oração no movimento semiótico, (b) estabelece o contexto local e (c) determina o ponto de partida para a interpretação da mensagem (ver figura 3.1).

(ii) Do ponto de vista do discurso, o TEMA organiza o quantum de mudança e o quantum de interação realizados pela oração colocando-a no discurso precedente e, desta maneira, dentro de um determinado tipo de texto/registo. Assim, o TEMA permite que cada oração individualmente contribua para a consolidação do texto como unidade de significado (cf.: Halliday e Matthiessen, 2004, p. 64). Somando-se a isto, o TEMA estabelece a base para o discurso que está por vir, permitindo que a oração seja interpretada conforme o desenvolvimento do argumento do falante (cf.: Halliday e Matthiessen, 1999, p. 12).

⁴² has a distinctive part to play in the overall creation of meaning – one that is oriented specifically towards the creation of meaning in the realm of semiosis.

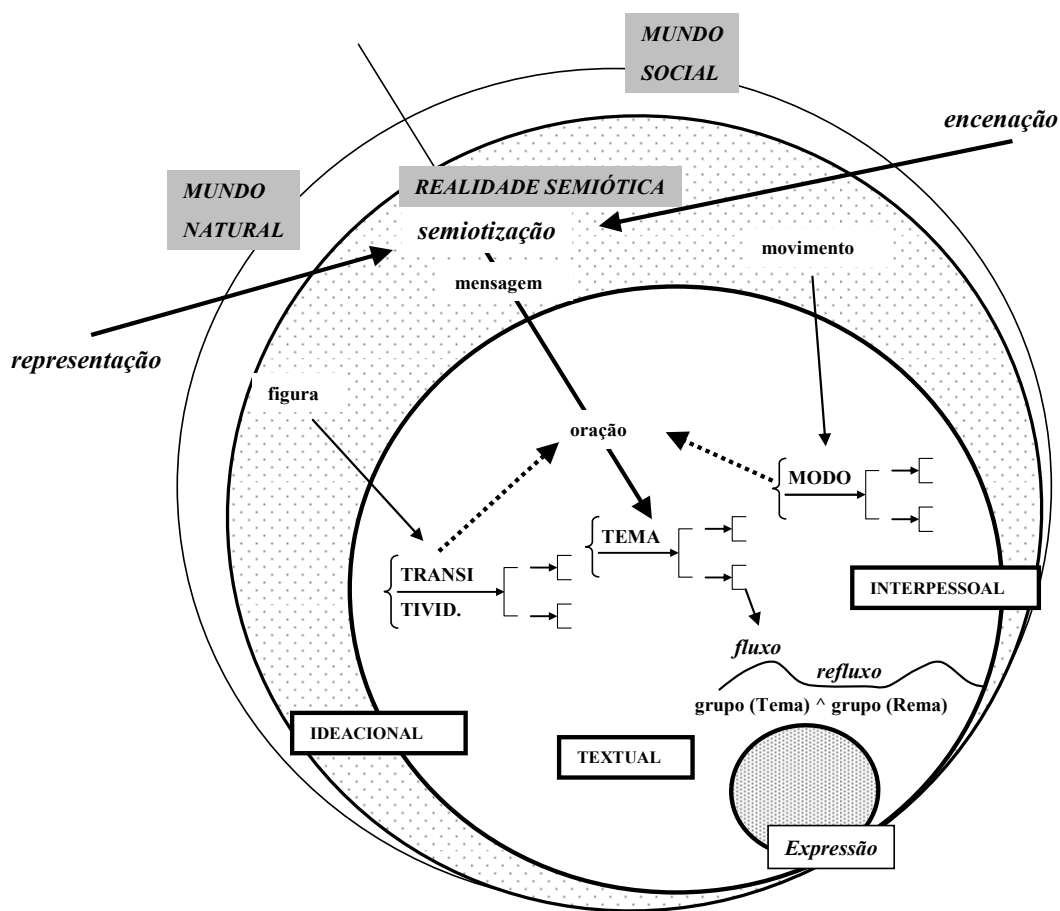


Figura 3.1 – Tema: Semiotização de recursos ideacionais e interpessoais.

Quando se pensa em uma interpretação do sistema de TEMA, a sua definição em relação à organização oracional (como ponto de partida da mensagem) gera duas implicações importantes: uma para (a) *identificação*, e outra para (b) *descrição*. Uma vez que o TEMA é realizado pela posição em português brasileiro, a identificação se relaciona à estrutura (cf.: Seção 1.5). Já a descrição, se relaciona ao sistema, isto é, às opções disponíveis no conjunto de recursos gramaticais para a organização da oração (cf.: Seção 3).

A definição do TEMA (Halliday e Matthiessen, 2004, cap. 3) como o conjunto de recursos que contribuem para o fluxo do discurso produz duas perspectivas para se compreender tanto (a) *identificação* quanto (b) *descrição*. São elas a *representacional* e a *discursiva*. Do ponto de vista representacional, visa-se entender, a partir da realização gramatical, o funcionamento do TEMA – em outras palavras, observar o TEMA “de baixo”. Do ponto de vista discursivo, como entender a organização do fluxo do discurso – em outras palavras, observar o TEMA “de cima”.

A Figura 3.2, apresentada a seguir, considera as diferentes perspectivas para a descrição do TEMA, permitindo conduzi-la *(a) de baixo*: observar o Tema desde a gramática tendo como unidade de análise a estrutura dos grupos, investigando o ponto de partida para a mensagem e a oração como onda. *(b) Ao redor*: observar o Tema da gramática tendo como unidade de análise a oração, investigando-o enquanto recurso habilitador (*enabling resource*) dos conteúdos ideacionais e interpessoais. *(c) De cima*: observar as implicações semânticas da organização temática, do ponto de vista do discurso, investigando a mensagem e o fluxo de informação.

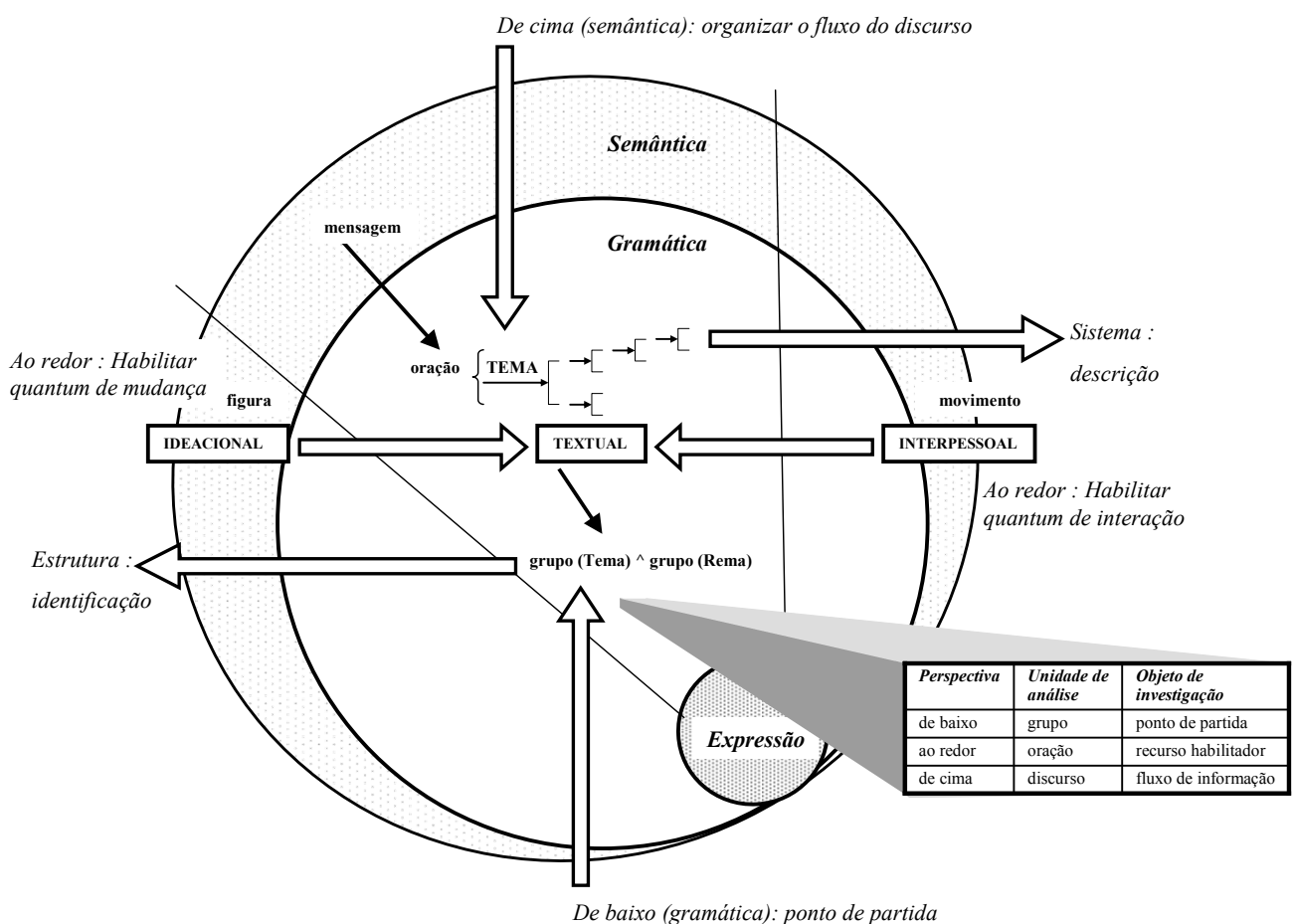


Figura 3.2 – Modelo descritivo do TEMA.

Diante destas considerações, neste capítulo pretende-se contribuir para uma maior compreensão da forma como o TEMA organiza os significados ideacionais e interpessoais da oração, convertendo-a em mensagem. Assim, toma-se aqui como objetivo principal propor uma descrição sistêmico-funcional do sistema de TEMA em português brasileiro.

O restante deste capítulo se organiza da seguinte forma. A Seção 1 identifica o Tema “de cima”, apresentando como os padrões de tessitura estrutural são construídos em relação ao registro e “de baixo”, observando os grupos que operam como Tema na ordem da oração, bem como sua relação com o sistema de INFORMAÇÃO. A partir do conceito de semiotização, a Seção 2 descreve o Tema como recurso habilitador (*enabling resource*) para os significados ideacionais e interpessoais. A Seção 3 apresenta a rede do sistema de TEMA. Para tanto, descreve seus recursos por meio de um levantamento de dados extraídos de um corpus anotado, aliado à análise qualitativa, implementada à luz da metodologia sistêmico-funcional de descrição. A Seção 4 mostra como a organização temática constrói o texto; isto é, a função do Tema no fluxo do discurso, apresentando uma interpretação da mensagem em relação à organização temática e ao método de desenvolvimento. Por fim, a Seção 5 apresenta o papel da organização temática no fluxo do discurso, relacionando-o a diferentes tipos textuais.

1 IDENTIFICAÇÃO DO TEMA: O PONTO DE PARTIDA DA MENSAGEM

1.1 A Natureza Semântica da Mensagem

O fato de a gramática se encontrar no centro de produção de significado do sistema linguístico não implica em que uma determinada função gramatical produza significados que estejam confinados a este estrato. Ao contrário, os significados gramaticais contribuem fundamentalmente para a produção do texto (Halliday, 2002, p. 369). Por consequência, é possível entender que a produção de um significado (i) não está isolada da rede de outros significados e (ii) que a sucessão de escolhas gramaticais tende, especificamente, a formar padrões (logogenéticos) característicos de cada texto individualmente e, mais amplamente, “padrões destes padrões” de textos semelhantes que funcionam na mesma situação e que por isto instanciam dos mesmos recursos do sistema, formando, assim, parte de um mesmo registro.

De maneira geral, as funções da gramática textual contextualizam os significados ideacionais e interpessoais no discurso. Neste processo, separam a produção isolada de significado (descontextualizada; “não-texto”) do discurso (contextualizado; texto) (cf.: Halliday, 2002b, p. 44). Esta é a forma pela qual as funções da gramática textual contribuem para a criação de padrões logogenéticos: a gramática textual organiza os significados ideacionais e interpessoais (a) contextualizando o texto na situação e (b) reiterando os padrões de apresentação e distribuição da informação que o inserem em um determinado registro.

Apesar de a gramática textual criar os padrões logogenéticos textuais de um texto, e por acréscimo, de um registro, ou mesmo de toda a língua, este fato não significa que o acúmulo de significados se resume à somatória das escolhas gramaticais. Halliday (2002b, p. 45) afirma:

Não se define a natureza da tessitura pela quantidade. Existe um argumento que entende o texto como uma oração superdesenvolvida; que ambos são de mesma natureza. Mas esta ideia perde em representar a natureza essencial do texto. De fato, não se pode negar que o termo ‘texto’ deve ser usado para se referir a um conjunto de orações que realizam um texto; mas é fundamental destacar que as orações são, na verdade, a realização do texto, e não suas partes constituintes. O texto é, portanto, uma concepção semântica.⁴³

A diferença entre um conjunto de orações e um texto está na “unificação semântica” entre todas as orações, que é feita pela gramática textual. Esta operação envolve várias funções que ganham amplamente o nome de tessitura.

1.2 Tessitura

Para conferir ao texto o caráter de unidade semântica – e não de grupo de orações descontextualizadas – as funções textuais desempenham o papel importante de construir textos a partir do processo de *tessitura*. Assim, todo texto (língua funcionando no contexto) possui a propriedade de tessitura. Conforme sua natureza, a tessitura se divide em estrutural e não-estrutural. Halliday e Hasan (1976, p. 26) afirmam que “a tessitura é o resultado da combinação de dois tipos de configuração semântica: a configuração do registro e a configuração da coesão”⁴⁴ A configuração do registro compreende a tessitura estrutural; a coesão, por sua vez, compreende a não-estrutural.

Estruturalmente, a tessitura organiza a oração de forma que um elemento ganhe proeminência para incluí-la no discurso (na dimensão da instanciação: no registro; e dimensão da estratificação: na situação), bem como distribui os elementos gramaticais no fluxo de informação de forma periódica: confere a determinado elemento a proeminência ou a não-proeminência de informação. A tessitura não-estrutural relaciona elementos do texto de modo

⁴³ The quality of texture is not defined by size. There is a concept of a text as a kind of super-sentence, something that is larger than a sentence but of the same nature. But this is to misrepresent the essential quality of a text. Obviously one cannot quarrel with the use of the term “text” to refer to a string of sentences that realize a text; but it is important to stress that the sentences are, in fact, the realization of text rather than constituting the text itself. Text is a semantic concept.

⁴⁴ Texture results from the combination of semantic configurations of two kinds: those of register and those of cohesion.

a produzir uma rede de significados que estabeleça a relação entre as orações (conjunções) ou entre elementos (referência, elipse ou substituição, coesão lexical e colocação).

Em português brasileiro, os sistemas responsáveis pela tessitura estrutural ganham o nome de TEMA e INFORMAÇÃO⁴⁵; e pela tessitura não estrutural são os sistemas que geram os recursos coesivos. O sistema de TEMA é realizado no estrato gramatical; a INFORMAÇÃO é realizada fonologicamente; enquanto os recursos coesivos o são no estrato semântico. Devido ao escopo desta tese – o foco na gramática – este capítulo se concentra na tessitura estrutural, especificamente no sistema de TEMA. Como forma de ampliar o entendimento sobre a tessitura estrutural, vamos examinar o texto 3.1 a seguir.

O texto 3.1 foi retirado de um manual do SEBRAE de Alagoas que tem por objetivo ensinar aos agricultores um manejo mais adequado da produção de farinha de mandioca. Mais especificamente, o texto 3.1 explica como deve proceder ao ensacamento da farinha.

TEXTO 3.1:

Ensacamento

Antes do ensacamento a farinha deve ser *classificada*. **A classificação** será conforme a demanda do *mercado consumidor*. **Para isto** existem conjuntos de peneiras de *diferentes tamanhos de malha*. **Durante a classificação** o movimento da peneira gera *grande quantidade de pó*. **Nesta etapa** é indispensável o uso de equipamento de *proteção respiratória*. **A farinha** poderá ser acondicionada em sacos de ráfia *com capacidade para 50Kg ou em pacotes de 1Kg*, **esta última** preferencialmente deve ser feita através de *ensacadeiras automáticas* que evitam o manuseio do *produto acabado*. **Para os sacos com 50Kg** existem *dois tipos de procedimento*: enchimento mecânico e fechamento com costuradeira elétrica e enchimento e costura manual. **Nesta etapa** a geração de resíduos sólidos é proveniente das *embalagens danificadas*, que devem ser acondicionadas em fardos para uma *posterior reutilização ou venda*. **No enchimento dos sacos** existe a *emissão de particulados*. **Nesta etapa** deve-se garantir uma *boa ventilação no local* e, também, **recomenda-se** o uso de equipamento de *proteção respiratória*. **Como nas etapas anteriores** deve ser observado o uso correto da *energia elétrica*.

Enquanto atividade produtiva, nota-se que o ensacamento é complexo, pois envolve cuidados como a separação da farinha em diferentes grupos, as preferências do mercado, a pesagem dos sacos, cuidados com a saúde durante o manuseio, entre outros. Socialmente, este

⁴⁵ O sistema de INFORMAÇÃO é um sistema prosódico-entonacional, cujos itens (fonema, sílaba, unidade rítmica e grupo tonal) são responsáveis por apresentar a informação do texto entre informação que segue o fluxo (informação dada - realizada pela função de **Dado**) e informação relevante para o fluxo (informação nova - realizada pela função de **Novo**). As funções de Dado e Novo são realizadas fonologicamente em português brasileiro, sendo que o Dado não recebe qualquer proeminência fonológica, ao passo que o Novo recebe proeminência fonológica; ver seção 1.6, a seguir.

texto lida com uma situação delicada, buscar convencer os agricultores a modificar uma atividade de tradição centenária na região.

No texto, para que os significados ideacionais – relativos às atividades – e interpessoais – relativos às relações sociais – possam funcionar como texto, a tessitura estrutural os organiza da seguinte forma. A organização temática, responsável por incluir cada oração no desenvolvimento do discurso (i.e., conferindo-lhe a condição semântica de mensagem), tem como padrão principal dar proeminência aos elementos oracionais que realizam as etapas do ensacamento e, em seguida, aos elementos mais relevantes de cada etapa (estes elementos estão destacados em **negrito** no texto 3.1). Já a organização da informação dá proeminência ao “estado atual” do ensacamento em cada etapa, o que inclui os fatores relacionados que o influenciam, como mercado, paisagem e manuseio (os grupos que possuem estes elementos estão sublinhados no texto 3.1).

Do ponto de vista interpessoal, o que se vê é um apagamento das relações sociais, de forma que nem o escritor, como detentor do saber sobre a atividade, nem o leitor, que realizará o ensacamento, ganham destaque textual; em outras palavras, o texto não gira em torno destas pessoas, mas, a responsabilidade modal recai inteiramente sobre as atividades relativas ao ensacamento. Assim, cada oração se constitui como uma onda que vai desde alguma etapa do ensacamento até as implicações para o processo contidas nesta etapa (ver figura 3.3).

Em seguida, passe-se ao exame de um novo texto. Assim como o texto sobre o ensacamento, o Texto 3.2 também foi retirado do mesmo manual do SEBRAE, porém este se incumbem de fazer a apresentação do manual aos leitores.

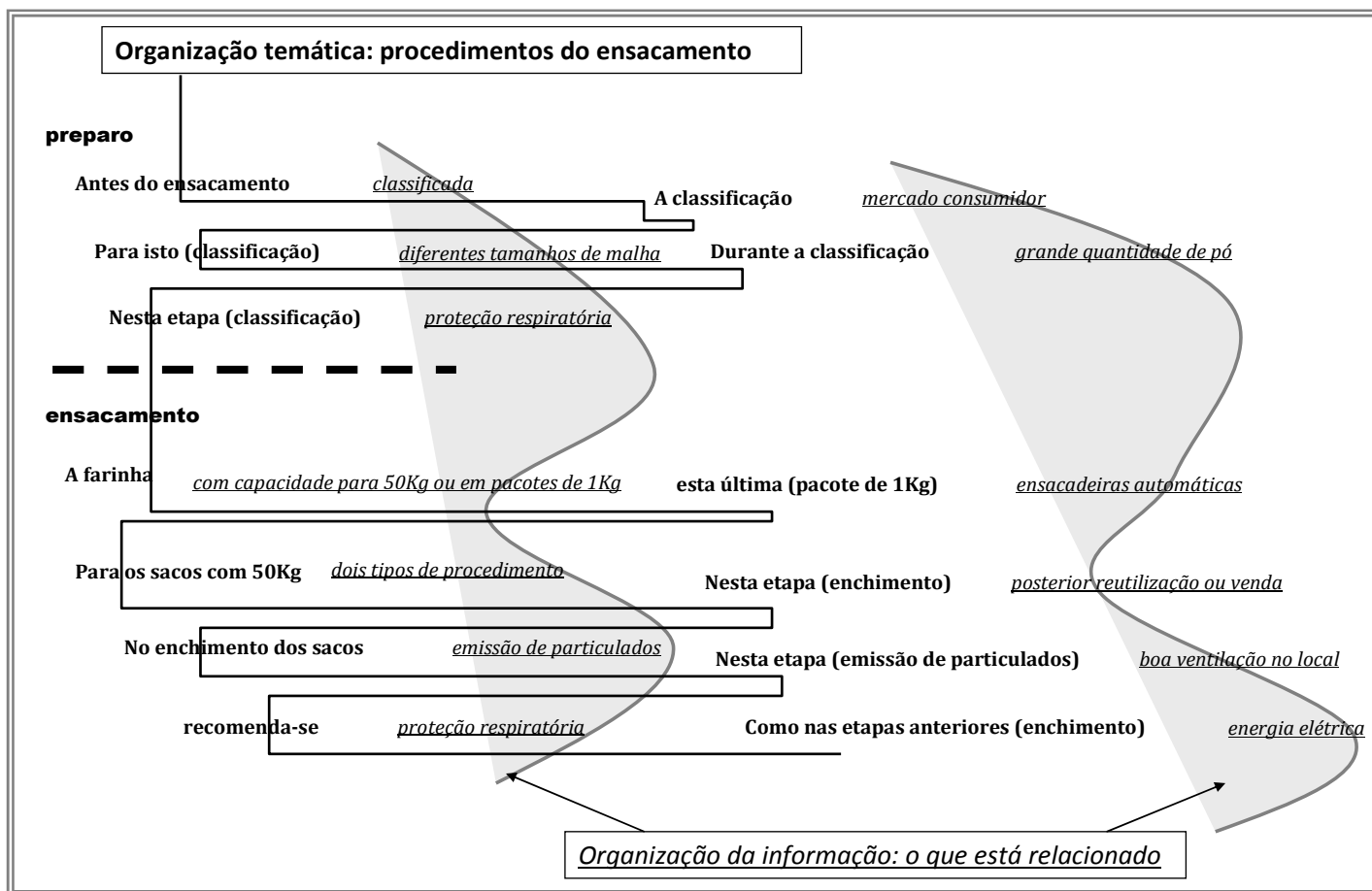


Figura 3.3 – Tessitura no texto 3.1.

TEXTO 3.2:

Em Alagoas a mandioca é a segunda maior produção agrícola do Estado, sendo fundamental para *os programas de agricultura familiar*.

A produção da farinha é responsável pela subsistência de mais de *25 mil famílias* cuja economia doméstica está ligada em toda a cadeia produtiva em suas mais de 600 casas de farinha instaladas na região e os mais de 20 mil hectares de plantio da raiz.

Fazer farinha é uma *arte centenária* que atravessa gerações. **Colher a mandioca, esmagar, esfarelar e torrar** é tema de cantigas no *Agreste de Alagoas*. **Ø** É o próprio retrato da *cultura local e a verdadeira história de homens, mulheres e crianças da região*.

E aí, como aprimorar *o processo*, incrementar *a tecnologia* sem, contudo, comprometer *essa história*, abandonar sua cultura e conseguir preservar *a tradição*?

Seu processo, quase artesanal, foi foco de estudo para um grupo de técnicos das mais diversas áreas objetivando *a revitalização da atividade*. **Tornar o produto competitivo** é investir em *processos com qualidade, preços compatíveis e respeito sócio-ambiental*.

Os requisitos legais e técnicos existentes hoje impulsionam o mercado para uma *competição mais justa e Ø* garantem *o alto padrão dos produtos*.

A partir de agora você entrará conosco *neste universo!*

Como se vê, embora este texto esteja no mesmo manual e trate, de maneira geral, do mesmo assunto – a farinha de mandioca – cumpre função completamente diferente. O texto 3.2 é uma recomendação. Isto significa que sua principal função é controlar o comportamento de seus leitores. Neste caso específico, os leitores devem adotar as prescrições do manual. Para realizar este trabalho, o que se procurou no texto foi a continuidade entre a produção tradicional e as novas formas de manejo (a revitalização da atividade).

Do ponto de vista do escritor, a maneira como a informação é distribuída pode provocar no leitor um sentimento de proximidade que assim produz um efeito de diminuir as diferenças de expertise, favorecendo a função de recomendação do texto. Além disto, a organização textual insere o texto no contexto de situação da comunidade produtora, como se o manual fosse um passo natural na trajetória da comunidade, e não uma intromissão.

Em face destas considerações extralinguísticas, é possível entender com mais clareza a forma pela qual a organização do texto contribui para a “simbolização” destes significados. A organização temática selecionou como elementos proeminentes a localização geográfica/cultural da produção de farinha (destacados em **negrito** no texto): ‘*Em Alagoas*’, e, principalmente a atividade de produzir farinha, ‘*A produção de farinha*’, ‘*fazer farinha*’, ‘*colher a mandioca, esmagar, esfarelar e torrar*’ etc., e as mudanças para a nova fase pós-manual, ‘*seu sucesso*’, ‘*tornar o produto competitivo*’, ‘*os requisitos legais e técnicos existentes hoje*’.

Já a organização da informação preferiu dar proeminência informacional ao ambiente sócio-cultural da região (destacados em sublinhado no texto), ‘*os programas de agricultura familiar*’, ‘*25 mil famílias*’, ‘*arte centenária*’, ‘*Agreste de Alagoas*’, ‘*cultura local e a verdadeira história de homens, mulheres e crianças da região*’, ‘*essa história*’, ‘*a tradição*’, e os benefícios que virão a partir da adoção do manual, ‘*o processo*’, ‘*a tecnologia*’, ‘*a revitalização da atividade*’, ‘*processos com qualidade*’, ‘*preços compatíveis e respeito sócio-ambiental*’, ‘*competição mais justa*’, ‘*o alto padrão dos produtos*’, ‘*neste universo*’. Com isto, se no texto 3.1 houve um movimento linear da etapa para produção, no texto 3.2 o que acontece é a tradição girar em torno da produção de farinha e a revitalização da atividade girar em torno da proposta do manual (ver figura 3.4).

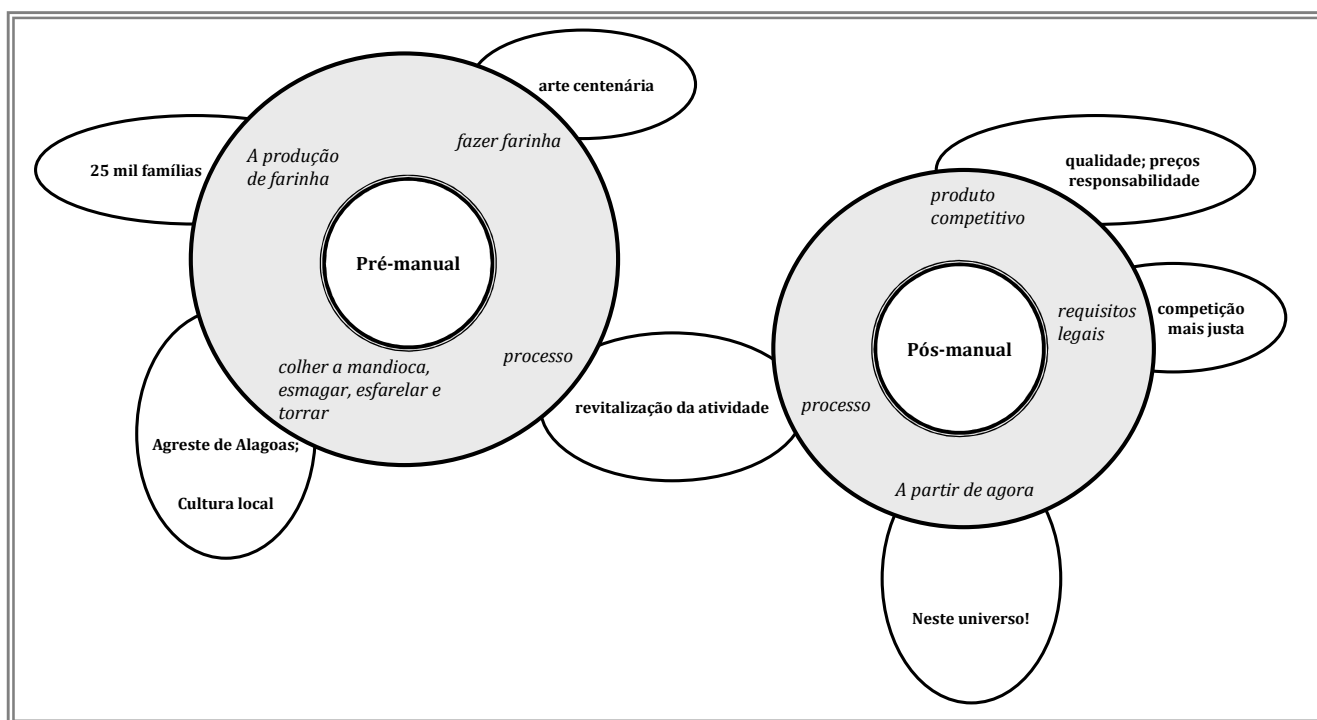


Figura 3.4 – Organização temática e de informação no texto 3.2

Vê-se que a organização deste texto é bastante distinta daquela do texto 3.1. Um ponto que ambos os textos possuem em comum é a divisão em etapas. Esta diferença foi ressaltada no texto 3.1, tornando-se seu principal padrão textual. Já no texto 3.2 apesar de existirem duas etapas bastante distintas – o antes e o depois da adoção do manual – a organização textual não deu proeminência para estes significados, preferindo desenvolver o discurso em torno da produção de farinha e a distribuir a informação em torno da tradição e da novidade.

Estas diferenças não são acidentais ou idiossincráticas, mas relacionam cada texto a funções sócio-semióticas distintas e, portanto, a registros distintos. Um se preocupa em desempenhar uma atividade; o outro em convencer o leitor a adotar determinado comportamento.

Do ponto de vista ideacional, o mundo natural em ambos os textos está repleto de atividades que são divididas em etapas (temporalmente, causa e consequência, etc.). No entanto, a forma como cada aspecto da realidade foi inserido no discurso produz uma unidade textual diferente. O destaque dado à diferença de etapas no primeiro texto (preparar; ensacar) se deu pela distribuição da informação em fases distintas. Já o apagamento das etapas no texto 3.2 (não há uma transição clara entre as etapas de produção pré e pós-manual) se deu pela tentativa de não distribuir o texto em fases relacionadas às etapas, mas sim em fases relacionadas à transição “natural” da produção tradicional (pré-manual) para a produção atual

(pós-manual), cuja mudança de fase é marcada pela mensagem: ‘*e aí, como aprimorar o processo, incrementar a tecnologia sem, contudo, comprometer essa história, abandonar sua cultura e conseguir preservar a tradição?*’

Assim, além da tessitura estrutural, a organização periódica do texto (organização em fases) também é fundamental para a compreensão da organização do texto como unidade semântica.

1.3 Fases do Discurso e Periodicidade

Semanticamente, o assunto de um texto está intimamente ligado à representação do mundo natural e, por conseguinte, com a semiotização dos significados ideacionais. Em geral, o campo de um determinado contexto de situação é realizado linguisticamente por uma sucessão de significados ideacionais. Assim, um texto nem sempre trata de um assunto somente, mas se caracteriza por uma sucessão de assuntos cujos significados são interligados pela tessitura.

A forma como a organização temática orienta o fluxo do discurso para a semiotização dos significados ideacionais – o assunto do texto – estabelece as *fases do discurso*. Caso o campo se conserve, este é realizado por um só assunto e portanto não há mudança de fase. Porém, cada vez que a organização temática promove uma reorientação do assunto para o campo, dá início a uma mudança no desenvolvimento das fases do discurso (cf. Seção 4).

A rigor cada mensagem pode ser individualmente entendida como uma fase, uma vez que sinaliza a sua distribuição – o ponto de partida, realizado gramaticalmente pelo Tema; e o ponto de chegada, realizado gramaticalmente pelo Rema; bem como sua apresentação – informação relevante para o fluxo, realizada fonologicamente pelo Novo; e informação subsequente ao fluxo, realizada fonologicamente pelo Dado.

No entanto, o princípio de organização textual pode se estender para agrupamentos maiores que cada mensagem individualmente (cf.: Martin, 1992, p. 436). A metáfora empregada para este movimento do fluxo discursivo é a onda: uma sucessão de pequenas ondas forma uma onda maior, que, em sucessão, forma ondas ainda maiores. Analogamente, uma sucessão de mensagens com um pico de proeminência discursiva e um pico de proeminência informacional formam fases de mensagem que, em sucessão formam fases ainda maiores, com seus respectivos picos de proeminência discursiva e informacional.

Entendendo o texto como um processo em construção – um fluxo de informação que se vai sendo construído à medida que a informação é produzida – é possível observar que o fluxo agrupa determinadas porções de informação que mantêm entre si maior semelhança do que

com outras porções do texto. Em outras palavras, a informação não é apresentada de forma estática ou segmentada, mas sim como um fluxo de ondas. Diz-se, assim, que o fluxo de informação é *periódico*. Martin e Rose (2007, p. 188) afirmam que “a periodicidade se ocupa do fluxo de informação: da forma como os significados são agrupados”⁴⁶. Cada agrupamento compreende uma fase do discurso. Cada fase possui uma organização que a diferencia de outras fases. Tal qual a mensagem, sinaliza onde começa e onde termina.

Cada mensagem tem como ponto de partida o Tema, que oferece a base de interpretação para o restante da oração. Assim, cada fase possui também um Tema (que pode ser realizado por uma mensagem completa, título de seção em um texto, um grupo nominal, etc.) que prediz as mensagens que virão. Este tipo de tema é denominado hipertema. No texto escrito, geralmente, os hipertemas são delimitados por parágrafos. Igualmente, as fases ainda maiores possuem temas que predizem a sucessão de hipermensagens que virão. Estes são denominados macrotemas (cf.: Martin, 1992, p. 437). No texto escrito, os macrotemas podem ser realizados por títulos de capítulos, de livros, ou mesmo por parágrafos inteiros.

Por exemplo, o texto 3.1 compreende uma grande fase denominada “ensacamento”, sinalizada pelo título, que é o macrotema desta onda maior. Esta macromensagem possui duas grandes ondas, uma relativa ao pré-ensacamento, cujo hipertema é “*Antes do ensacamento a farinha deve ser classificada*”, que prediz a fase de classificação. Dentro desta fase há uma sucessão de mensagens, cujos Temas são “*Antes do ensacamento*”, “*a classificação*”, “*Para isto*”, “*Durante a classificação*”, “*Nesta etapa*”.

A outra fase é relativa ao ensacamento propriamente dito, cujo hipertema é “*A farinha poderá ser acondicionada em sacos de rafia com capacidade para 50Kg ou em pacotes de 1Kg*”. Esta compreende todo o processo de ensacamento. Curiosamente, esta fase não é homogênea como a primeira, mas apresenta uma sucessão de fases ainda menores, cujos Temas são “*A farinha*”, “*Para os sacos com 50Kg*”, “*No enchimento dos sacos*”, “*Como nas etapas anteriores*”. E cada uma destas sub-fases possui uma sucessão de mensagens individuais, “*A farinha*”, “*esta última*”, “*Para os sacos com 50Kg*”, “*nesta etapa*”, “*No enchimento dos sacos*”, “*Nesta etapa*”, “*recomenda-se*”, “*Como nas etapas anteriores*” (ver Figura 3.5).

⁴⁶ Periodicity is concerned with information flow: with the way in which meanings are packaged.

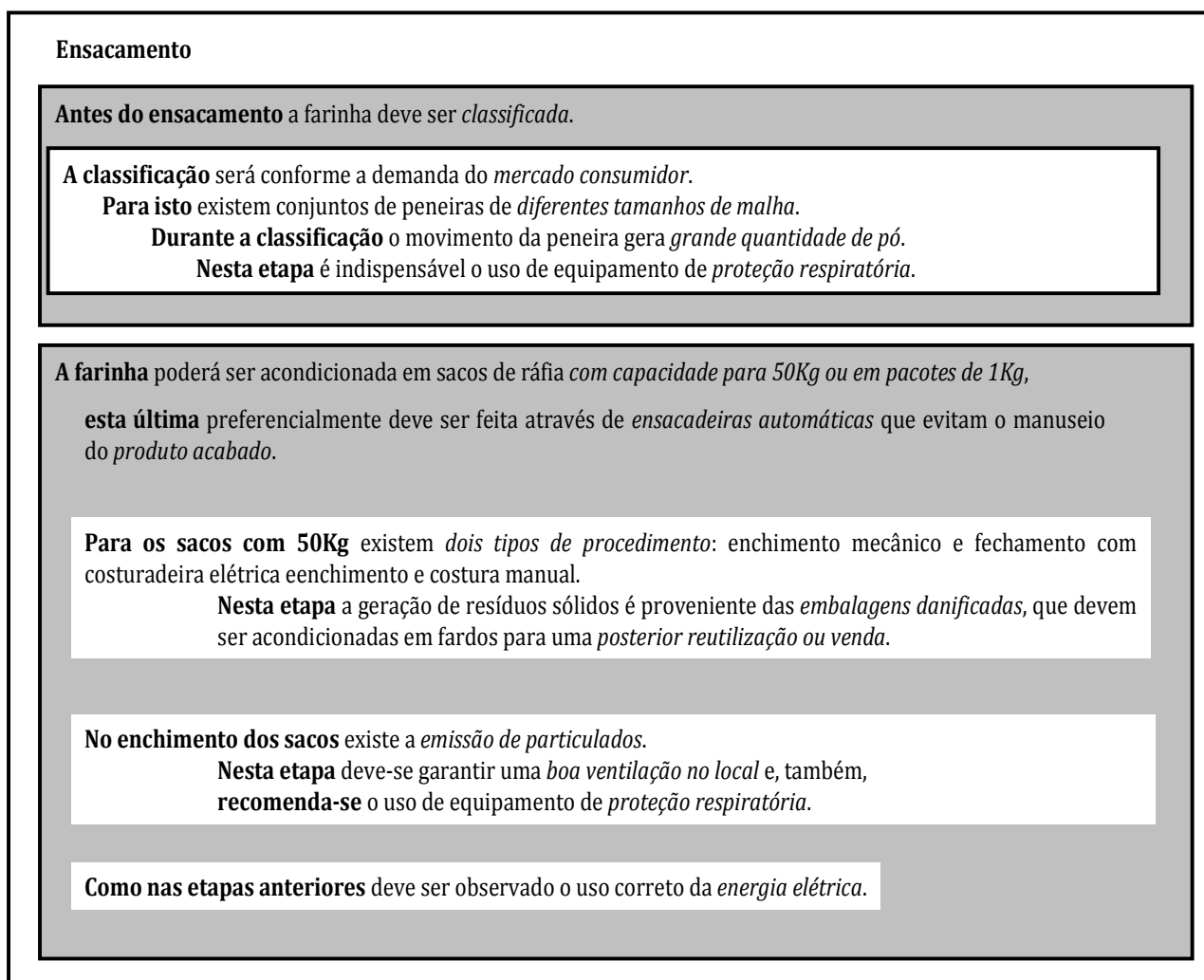


Figura 3.5 – Ondas de informação no texto 3.1.

O fato de que cada mensagem pertence a uma fase e que se liga ao fluxo discursivo permite compreender que a ligação entre as mensagens pode ser de dois tipos. Se uma mensagem se insere em determinada fase, esta mensagem contribui para a continuidade do fluxo. No entanto, se uma mensagem dá início a uma nova fase, provoca uma descontinuidade no fluxo. Martin e Rose (2007, p. 215) afirmam: “a interação dos sistemas discursivos em um texto nos diz bastante sobre o que continua e o que muda, de uma fase à outra (...). Nós nos referimos aos significados que continuam como ‘continuidade’, e aos significados que mudam como ‘descontinuidade’ ”.⁴⁷

Por exemplo, no texto 3.1, a relação entre ‘*Antes do ensacamento a farinha deve ser classificada*’ e ‘*A classificação será conforme a demanda do mercado consumidor*’ é de

⁴⁷ ...interaction of discourse systems in a text tells us a lot about what's continuing and what's changing, from one phase to the next...We'll refer to meanings that continue as 'continuity', and meanings that change as 'discontinuity'.

continuidade, uma vez que a fase do discurso se mantém – ambas as mensagens estão dentro de uma mesma fase. Já entre ‘*recomenda-se o uso de proteção obrigatória*’ e ‘*Como nas etapas anteriores deve ser observado o uso correto da energia elétrica*’, a relação é de descontinuidade, pois ‘*Como nas etapas anteriores...*’ dá início a uma nova fase.

* * * * *

Entender o texto como uma unidade semântica que possui como propriedades principais a *tessitura* – a propriedade do componente textual do sistema linguístico responsável por criar o discurso – e a *periodicidade* – a forma como a informação é agrupada no texto em fases – é fundamental para a concepção de texto como unidade semântica.

Passa-se agora para a identificação das funções gramaticais que respondem pela tessitura estrutural, em particular a função de Tema. Vamos começar identificando o Tema “de cima”.

1.4. Identificação do Tema a Partir do Discurso

A identificação do Tema tem início com a análise do seguinte texto:

TEXTO 3.3:

Mundurukú

A sociedade Mundurukú dispõe de uma organização social baseada na existência de duas metades exogâmicas, que são identificadas como a metade vermelha e a metade branca. **Atualmente**, são cerca de 38 os clãs mais conhecidos, que estão divididos entre as duas metades, de onde se originam não apenas as relações de parentesco como também diversos significados na relação com o cotidiano da aldeia, com o mundo da natureza e do sagrado. **Na organização da sociedade Mundurukú**, a descendência é patrilinear, **isto é, os filhos** herdaram o clã do pai, **sendo que a regra** de moradia é matrilocal, **a qual** ainda predomina até os dias atuais, **fato** que condiciona o rapaz recém-casado a passar a morar na casa do sogro, **a quem** deve prestar sua colaboração nas tarefas de fazer roças, pescar, caçar e todas as demais atividades relacionadas à manutenção da casa, **onde** se inclui acompanhar a família nos trabalhos de extração e coleta nos seringais e castanhais. **Geralmente este período de moradia** corresponde aos primeiros anos de casamento, até o nascimento do segundo filho; **depois desta fase** o marido providencia a construção da casa para sua família.

Nos últimos anos, em algumas famílias e aldeias inclui-se o trabalho nos garimpos de ouro entre as atividades de manutenção da casa, realizado geralmente na região dos rios Kaburuá e Tropas, com a exploração de pequenas grotas e baixões. **Por outro lado, o recebimento dos benefícios sociais do INSS por parte de anciãos** ocasionou algumas mudanças no papel de provedor dentro das famílias. **Os**

benefícios recebidos geralmente são socializados, com especial atenção para os netos, **sendo que, na maioria das vezes**, contribuem para a aquisição de produtos a que antes só tinham acesso por meio do trabalho de extração de borracha e outras atividades de exploração de recursos naturais.

Este texto apresenta a forma pela qual o povo Mundurukú está organizado socialmente. Por esta razão, a primeira oração do texto tem início precisamente com o grupo nominal ‘*a sociedade Mundurukú*’. O complexo oracional seguinte, trata de como esta organização social se mantém nos dias de hoje; assim, o primeiro grupo da oração é ‘*Atualmente*’. O terceiro complexo oracional dá mais detalhes da organização social com respeito à descendência e moradia; este tem início pela frase preposicional ‘*Na organização da sociedade Mundurukú*’. Mais adiante, o segundo parágrafo explica como a organização social se modificou perante o modo de produção contemporâneo e a introdução do trabalho remunerado. Desta maneira, sua primeira oração se inicia com a frase ‘*Nos últimos anos*’. Esta observação indica que a organização deste discurso que lhe confere estruturação textual está intimamente ligada ao que vem primeiro em cada oração.

Assim como o que se observa para este texto, a análise de todo o corpus (ver Capítulo 2, Seção 4.1) do ponto de vista da distribuição da informação a partir do discurso permitiu indicar que a organização do discurso em português brasileiro está intimamente ligada ao que vem primeiro em cada oração, sugerindo que a função de distribuição da informação é, nesta língua, realizada por uma configuração estrutural da oração como mensagem.

Desta forma, o modo como a informação flui permite observar que a oração como mensagem é constituída por uma estrutura de onda na qual há um pico de proeminência no ponto de partida (o Tema) e outro no ponto de chegada (o último item do Rema).

O que o sistema de TEMA faz é dar proeminência a determinado elemento na distribuição da informação, colocando-o no pico de proeminência relativo ao ponto de partida da mensagem para (i) servir de base para a interpretação do restante da oração (estabelecer o contexto local), e (ii) integrá-la ao fluxo de informação relativo ao desenvolvimento do texto como um todo (ver Figura 3.6).

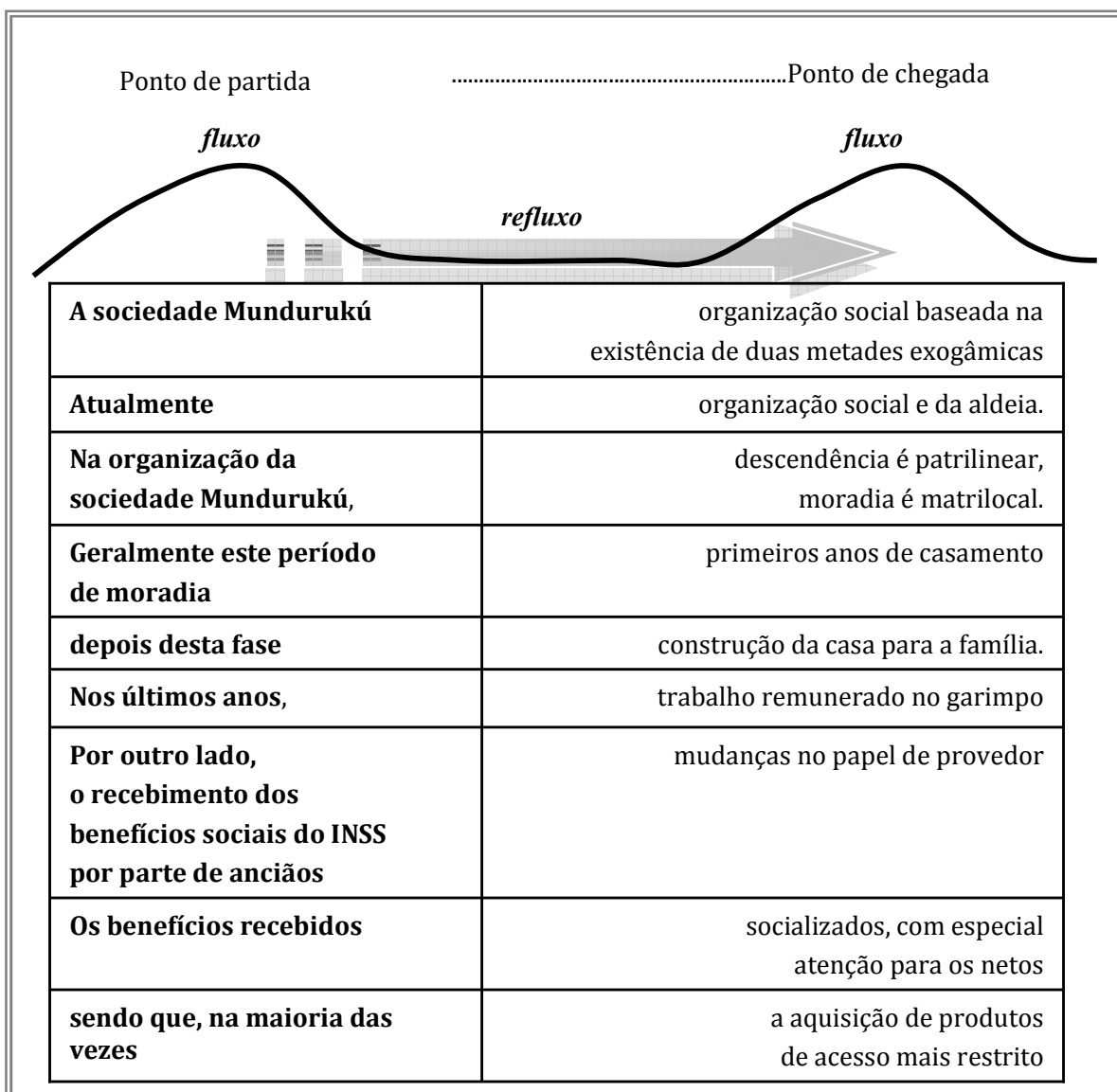


Figura 3.6 – Proeminência temática e de informação no texto 3.3.

No texto 3.3, *a sociedade Mundurukú, a organização social, a época atual e as mudanças decorrentes desta época* são os elementos escolhidos para ganhar proeminência de ponto de partida, e por isto determinam o desenvolvimento do texto.

Textos diferentes são organizados tematicamente de formas diferentes. Assim, cada qual para funcionar na situação carece dispor seus elementos de modo que cada mensagem tome parte do fluxo do discurso que está em processo de desenvolvimento, dando proeminência a algum elemento. Por exemplo, no texto 3.1 os elementos linguísticos que realizam as etapas do ensacamento é que respondem por esta função. O motivo ‘etapas’ é o ponto de partida, e se mantém constante ao longo do texto, enquanto as atividades relacionadas vão, a cada nova fase, sendo apresentadas, no ponto de chegada.

Quanto ao texto 3.2, vimos que sua função é convencer as pessoas a adotarem as diretivas do manual. Assim, a organização temática se atém à relação entre a atividade de

fabricar farinha, que é seu ponto de partida, ao passo que a tradição da comunidade, somando-se a esta a novidade da revitalização da atividade, ganham proeminência como foco de ponto de chegada.

Já o texto 3.3 se ateuve ao mesmo assunto – a organização social do povo Mundurukú – porém de perspectivas distintas (atualmente, na organização social, nos últimos anos, no período de moradia, etc.) constituindo, do ponto de vista da tessitura estrutural, uma fase com cinco sub-fases, sendo que cada ponto de partida apresenta uma perspectiva sobre a vida desta sociedade. Se a trajetória histórica do povo Mundurukú viveu um conflito importante entre sua organização tradicional e sua condição atual, encaixada na sociedade brasileira, também a organização textual constrói esta tensão, que se torna o motivo – ponto de partida – em torno do qual as informações novas são apresentadas.

Devido ao fato de o Tema ser a função que organiza o ponto de partida do fluxo do discurso, a organização dos Temas de um texto nos diz muito sobre o tipo de texto/registo ao qual o texto pertence. Por conseguinte, diferentes formas de organização temática revelam diferentes tipos de Tema. Pela comparação das diferenças, como foi feito entre os textos 3.1, 3.2 e 3.3, é possível identificar o Tema “de cima”.

Como é possível observar pela análise a partir da semântica discursiva destes textos, em português brasileiro, o Tema é realizado pela colocação do elemento (ideacional e/ou interpessoal) que opera como ponto de partida para a mensagem em primeira posição na estrutura da oração. Este fato explica porque no texto 3.1 a primeira posição é frequentemente ocupada por ‘Nesta etapa’; no texto 3.2 pela ‘produção de farinha’; ou porque no texto 3.3 *a sociedade Mundurukú, a organização social, a época atual e as mudanças decorrentes desta época* são colocados na primeira posição da oração.

* * * * *

Uma vez identificado o Tema a partir do discurso como o elemento em primeira posição oracional, percebe-se que, a investigação do Tema requer considerar, além da função de organização da tessitura estrutural, também a posição dos elementos na dimensão da **estrutura**. Diante destas considerações, passa-se ao exame mais detalhado da estrutura temática; o Tema “de baixo”.

1.5 Estrutura Temática

Estruturalmente, o Tema pode ser realizado em português brasileiro por um ou mais elementos da ordem da oração ou do grupo da escala de ordens gramatical. Já na escala de

ordens fonológica, pode se separar do restante da oração por ser expresso por um grupo tonal próprio, principalmente quando implicar em alguma mudança nas fases do texto, como no caso de ‘*na organização da sociedade Mundurukú*’, e ‘*Nos últimos anos*’, no texto 3.3.

Quanto à extensão do Tema, a análise do corpus encontrou elementos textuais, interpessoais e ideacionais ocupando a posição inicial na distribuição da informação. Isto pode ser explicado pelo fato de o Tema ser a função habilitadora das outras metafunções, é capaz de dar proeminência para elemento textual, interpessoal e ideacional. Por exemplo, no texto 3.3 em ‘*Na organização da sociedade Mundurukú, a descendência é patrilinear, isto é, os filhos herdaram o clã do pai...*’, o Tema da segunda oração começa com ‘isto é’, que aí está para dar proeminência temática ao elemento textual que realiza a relação de elaboração: exposição entre ‘os filhos herdaram o clã do pai’ e seu cotexto, ‘a descendência é patrilinear’. Os Temas textuais compreendem elementos conjuntivos, continuativos e relativos.

Elementos interpessoais no Tema dão proeminência à avaliação do falante sobre a mensagem ou da manutenção do tipo de interação com o interlocutor. Por exemplo, no texto 3.3 em ‘*Geralmente este período de moradia corresponde aos primeiros anos de casamento*’, ‘*geralmente*’ indica uma avaliação de modalização de frequência sobre ‘este período de moradia...’.

Como vimos na seção 1.3, a proeminência a elementos ideacionais se relaciona ao método de desenvolvimento do texto, isto é, à forma como o assunto do texto é apresentado (cf.: Martin e Rose, 2007, p. 192). Os elementos que deste fazem parte são Participantes, Processos e Circunstâncias. Além disto, uma vez que todo e qualquer elemento experiencial na ordem da oração conflui, necessariamente, com algum elemento interpessoal da configuração Negociador ^ Resíduo⁴⁸, o Tema ideacional, então, é selecionado não somente para dar proeminência a algum elemento que oriente para o campo, como também orienta para o tipo de troca que se estabelece ao longo do texto. Por exemplo, em “*A sociedade Mundurukú dispõe de uma organização social baseada na existência de duas metades exogâmicas*”, ‘a sociedade Mundurukú’ é o elemento ideacional (Portador) que apresenta o assunto do texto, como também é o responsável modal (Sujeito) pela proposição ‘dispõe de uma organização...’.

O quadro 3.2, apresentado a seguir, traz exemplos de elementos que operam como Tema relativos às metafunções, que foram retirados do corpus a partir da análise dos textos

⁴⁸ Ver Capítulo 4, Seção 3.

(para os Temas Ideacionais, a estrutura de algumas orações foi alterada por formas agnatas com o objetivo de se estabelecer o contraste com os exemplos encontrados no córpus):

QUADRO 3.2

Temas textual, interpessoal e ideacional.

| TEXTUAL | REALIZAÇÃO | |
|--------------|-----------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| conjuntivo | g. conjuntivo | e, nem, não só, sendo que, mas também, como também, mas ainda, mas, porém, todavia, contudo, no entanto, ou, ora quer, logo, portanto, pois, por isso, que, porque, como, que (projeção), se (projeção), ainda que, embora, entretanto, contanto que, salvo se, desde que, a menos que, a não ser que, se acaso, conforme, segundo, consoante, à medida que, quanto mais, ao passo que, enquanto, assim que, logo que, desde que, depois que, sempre que, mal, de modo que, de forma que, tão, tal, tanto que, tamanho, tal como, como se, além do mais, etc. |
| continuativo | continuativo | e, é, ah, mas, sim, bem, não, agora, então, pois é, tipo, tipo assim, ó, daí, aí, aí então, quer dizer, assim, primeiro-segundo-terceiro-..., 1-2-3..., em seguida, por fim, porque, porém, também, é que, olha, etc. |
| relativo | g. nominal, adverbial | que, quem, onde, de onde, qual, quais, a quem, a que, de onde, porque, como, pelo qual, quanto, quantos, etc. |

| INTERPESSOAL | REALIZAÇÃO | |
|-----------------------|-----------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| adjunto comentário | g. adverbial, frase preposicional | realmente, certamente, absolutamente, de veras, por certo, de certo, sem dúvida, de fato, com certeza, honestamente, em verdade, para ser sincero, cá entre nós, de minha parte, eu te digo, de certeza, é o seguinte, etc. |
| adjunto modo | | sempre, geralmente, de vez em quando, às vezes, vez por outra, ocasionalmente, raramente, nunca, totalmente, completamente, por completo, quase, virtualmente, quase nunca, dificilmente, de fato, de certeza, apenas, simplesmente, meramente, etc. |
| adjunto polaridade | | Não é para me meter na sua vida. |
| 'qu-' | g. nominal, adverbial | que, quem, qual, quanto, quantos, quando, como, onde, de quem, por quê, etc. |
| vocativo | g. nominal | Mãe , vai caber ali? / Pois é, Papai Noel , você me transformou em um homem que hoje despreza a infância (...). |
| partícula negociadora | | Ué , agora você vai lá e despacha todo mundo. Ó , já tem um carro indo. |

| IDEACIONAL | REALIZAÇÃO | |
|----------------|-----------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| participante 1 | g. nom., oração | <i>Ator: Eu não uso base / Experienciador: Newton concebeu a idéia da gravidade / Fenômeno: Durão envergonhou Portugal / Identificado: $c=1$ dividido por $(n-1)$; O que eu não uso é base / Portador: Esta recorrência está ótima / Dizente: E eu contei a história do meu tio Lautério. / Existente: Deus existe, pensou, e Freud está à sua direita</i> |
| participante 2 | g. nom., oração | <i>Meta: Base eu não uso / Fenômeno: A idéia da gravidade Newton concebeu / Experienciador: Portugal Durão envergonhou / Identificador: $1/(n-1)=c$; Passar base é o que eu não faço / Atributo: Ótima está esta recorrência / Verbiagem: Tudo aquilo me disseste sábado por telefone. / Alvo: \emptyset Vou ser criticada 365 dias por ano</i> |
| participante 3 | g. nom., frase prep., | <i>Recipiente: Para mim, dá a receita. / Cliente: Para mim, escreve a receita. / Receptor: Para mim, diga a receita. / Escopo: A Rua do Hospício subiu, até uma oficina.</i> |
| processo | g. verb. | <i>Material: Dá a receita para mim. / Mental: “Família distinta...”, pensei eu. / Relacional: Era ele o gatuno! / Verbal: Bem, disse-me o ministro, o senhor não deve ir para a diplomacia. / Existencial: Não existe motivo justo para a promoção de um massacre.</i> |
| circunstância | g. adverb., frase prep., | <i>Extensão: Desde o início do surto da dengue, Patrícia mudou os hábitos. Localização: Em 1929, estava ganhando bem de sapateiro. Modo: Rapidamente, pela nação toda, foram conhecidas as profecias. Causa: Devido ao pouco movimento, os peixes não ficam assustados. Contingência: Em caso de sucesso, a Alellyx divide a vantagem competitiva (...) Papel: No Projeto da Hidrovia Tapajós a proposta foi transformada. Acompanhamento: E com esse meu nariz avantajado, com toda certeza seria confundida com alguma árabe terrorista suicida da Al Qaeda! Assunto: Sobre esta sua ausência (...) a nova líder social-democrata disse ontem Ângulo: Para os budistas, a lei de causa-e-efeito é básica.</i> |

Apesar de os Temas poderem ser classificados conforme a metafunção que pertencem, a proeminência temática pode ser dada a mais de um elemento. Os Temas textuais e interpessoais não são capazes de esgotar o potencial temático do elemento em primeira posição, uma vez que são precisamente os elementos ideacionais que integram a oração no fluxo do discurso (orientando-a para o assunto sobre o qual o texto trata). Além disto, os Temas ideacionais são a confluência de um elemento experiencial e um elemento interpessoal, podendo assim dar proeminência não só à orientação para o campo, mas, frequentemente, para algum elemento da sintonia. Desta forma, o Tema em português brasileiro se estende até o primeiro elemento ideacional da oração (ver quadro 3.3).

Apesar de o TEMA ser um sistema oracional, cabem aqui alguns comentários sobre a identificação do Tema no complexo oracional, quando este é composto por uma oração dominante e uma dependente. Para tanto, apresenta-se o texto 3.4.

QUADRO 3.3
Extensão do Tema.

| EXEMPLOS | TEXTUAL | INTERPERS- SOAL | IDEACIONAL | REMA | |
|----------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------|------------|---------|----------------------------------------------|
| 1 | Eu não uso base, | mas | talvez | você | precise então. |
| 2 | | E | não | tem | jeito! |
| 3 | Isso é o nosso planeta, ou vai acabar dessa forma, ou as duas coisas juntas, eu acho que é o mais provável, ou não! | Ou | talvez | a gente | consiga, de uma forma ou de outra, resistir. |
| 4 | | E, finalmente, | claro, | nós | temos o senhor dessa neocruzada |
| 5 | Caso não consiga realizar todas as repetições, faça o que aguentar, | porém | não | faça | mais do que o solicitado |

TEXTO 3.4:

Fatorando a raiz $t=1$ que corresponde a seq. constante temos: $t^{(n-1)}=c(1+t+t^2+\dots+t^{(n-2)})$. Esta recorrência está ótima, mais elementar talvez do que a álgebra linear que eu sugeri na minha solução. **Em outras palavras, a solução explícita de D_k é da forma $D_k = K + Ek$ para todo k , onde Ek satisfaz: $E_{k+n-1} = c(E_k + E_{k+1} + \dots + E_{k+n-2})$ *.** Já esta fórmula, eu absolutamente não entendi. **Por mim** teríamos $D_i = a_1 x_1^i + a_2 x_2^i + \dots + a_n x_n^i$ onde x_1, x_2, \dots, x_n são as raízes do polinômio. **Tudo isto** se o polinômio não tiver raízes duplas. **Dado isto, fica difícil** comentar o resto da sua solução. **Agora, a seq. D_k é claramente decrescente (note || que ela só faz sentido para todo n tal que $D_t > 0$ se $t < n$):** Temos então os seguintes casos:

(i) Se não existir real L tq $L = \lim D_k$, então é porque D_k tende pra menos infinito, o que significa que a em alguma hora será $D_n < 0$ e pronto. (note || que existe L se e só se existe $\lim E_k$)

(ii) Se existir $L = \lim D_k$: Se $L = 0$, é pq nunca se atingira o ponto M (lembre || que D_n é decrescente).

(iii) Se for $L < 0$, então para algum n teremos $D_n < 0$ e portanto as pulgas chegam a direita de M .

Bom, caso o limite exista, passando a eq. * ao limite vemos que deve ser: $L' = c(L'+L'+\dots+L') = cL'(n-1)$ portanto, caso o limite exista, ou vale $L'=0$ ($L=K$) ou então $c=1/(n-1)$ **. **O que fica faltando,** é achar uma relação entre o fato de ser $L=0$ e $c < 1/(n-1)$. (eu suponho que exista essa relação por causa da resposta que eu li na msg do nicolau). **O caso $n=2$ é fácil pq aí a sequência E_k é uma PG.** Ø fico esperando ajuda para o caso $n > 2$. **O valor de c afeta os valores das raízes e portanto Ø afeta o comportamento a longo prazo das pulgas. O essencial é saber se existem raízes de módulo = 1 além da raiz trivial 1. Como D_k é decrescente (pelo menos enqto $D_k > 0$), então E_k deveria ser decrescente tmb. Mas aih, o que temos é: $E_{k+n-2}, E_{k+n-1}, E_{k+n-3}, E_{k+n-1}, \dots, E_k, E_{k+n-1}$ e então, $(E_{k+\dots+E_{k+n-2}})(n-1)E_{k+n-1}$ donde $E_{k+n-1} =$**

$c(E_k + \dots + E_{k+n-2}) c^{(n-1)} E_{k+n-1}$. **Entao, se $E_{k+n-1} = 0$** sempre precisa ser $c < 1/(n-1)$ e reciprocamente. **Ou seja, para $c = 1/(n-1)$** deve ser $E_n < 0$ sempre.

No texto 3.4, os elementos sublinhados em posição temática não constituem parte da oração, mas são orações dependentes operando como Tema do complexo oracional. Halliday e Matthiessen (2004), sugerem neste caso duas camadas de Tema sobrepostas:

| | | | |
|----------------|-----------------------------------------------|-----------------|-------------------------------------|
| Como Dk | <i>eh decrescente (pelo menos enqto Dk 0)</i> | entao Ek | <i>deveria ser decrescente tmb.</i> |
| Tema1 | Rema1 | Tema2 | Rema2 |
| Tema | | Rema | |

Por outro lado, autores como Fries (1981) consideram orações dependentes como Tema da oração dominante. Nesta descrição do TEMA em português brasileiro, fazemos as seguintes considerações.

Quando o foco da análise for “de cima”, da semântica discursiva, orações dependentes em primeira posição no complexo oracional podem ser consideradas Tema da oração principal, com base nos seguintes argumentos: (1) tornam-se ponto de partida para a interpretação da oração dominante; (2) criam o contexto local da dominante; (3) ligam-na ao discurso precedente; (4) re-orientam para o campo; (5) são realizadas pelo mesmo grupo tonal que os Temas que re-orientam para o campo nesta posição (tom 3, 3+), sugerindo semelhanças compartilhadas na função textual (cf.: Halliday, 2003, p. 205); (6) são, em especial as de intensificação, rebaixadas à ordem do grupo e empregadas na estrutura de Tema Predicado.

Desta maneira, ‘**como Dk** *eh decrescente...*’ estabelece uma relação causal com ‘**entao Ek** *deveria ser decrescente tmb*’ ($x\beta \alpha$), tornando-se a base de interpretação para esta: a causa para Ek ser decrescente, e portanto provocando uma mudança pela introdução de uma sub-fase através de uma perspectiva (causal).

Porém, quando a análise estiver focalizada nas questões representacionais, observando a constituição do Tema “de baixo”, considera-se o Tema de cada oração, uma vez que, mesmo dentro das dependentes, é possível dar proeminência textual a algum elemento. Neste caso, ‘Dk’ e ‘Ek’ estão dentro da mesma fase. Ambos são Identificados, tendo ‘decrescente’ como Identificador.

Além disto, determinadas escolhas temáticas, em particular aquelas que apresentam uma perspectiva para a oração podem estender o pico de proeminência de informação para

mais de um elemento, o que causa, nas palavras de Halliday (1994, p. 336) um ‘*diminuendo*’ temático. Tipos de texto que criam significados argumentativos, como por exemplo textos do processo sócio-semiótico explorar, empregam frequentemente este recurso, como por exemplo o texto 3.4 (ver Figura 3.7).

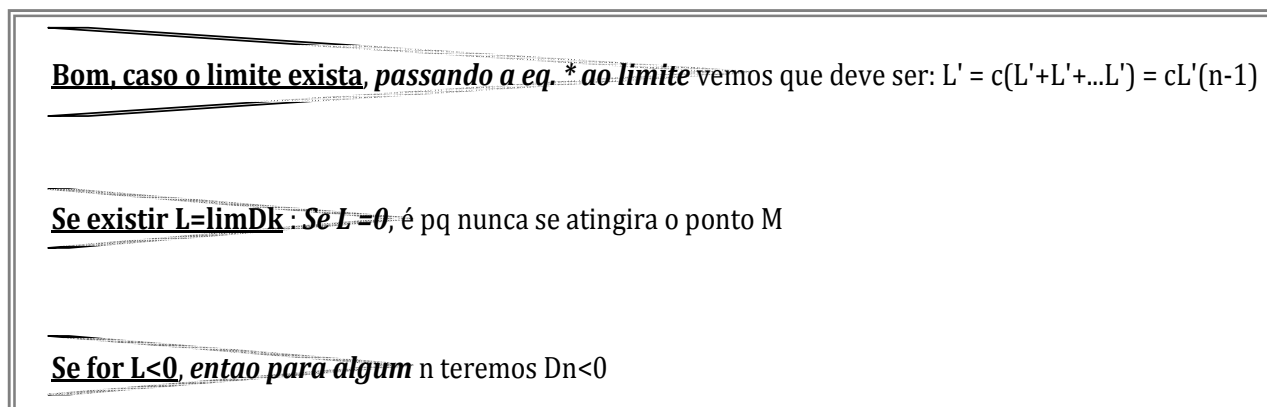


Figura 3.7 – Tema *diminuendo*.

1.6 TEMA e INFORMAÇÃO

Em conjunto com o TEMA, o sistema de INFORMAÇÃO é o outro sistema textual que organiza o discurso estruturalmente. Este não responde pela *distribuição*, mas pela *apresentação* da informação, em particular, do *foco da informação*. A INFORMAÇÃO não é um sistema oracional, portanto, não depende da escala de ordens gramatical. Diferentemente, é um sistema prosódico-entonacional, cujos itens estão compreendidos na escala de ordens fonológica (fonema ~ sílaba ~ unidade rítmica ~ grupo tonal).

As porções de informação se apresentam por meio de ondas (expressas pelos jatos de ar liberados na fala). Estas mantêm um pulso, tanto em seus picos de proeminência (o ponto de partida da mensagem e o foco da informação; expressos por maior pressão na expulsão do ar), quanto de depressão (o refluxo; expresso pelo declínio na pressão) (cf.: Matthiessen, 1992, p. 43-44; Catford, 1977, p. 286).

Dentro do sistema de INFORMAÇÃO, a porção à qual o ouvinte deve prestar maior atenção – expressa por proeminência fonológica – é realizada pela função de Novo. Já a informação à qual o ouvinte pode considerar como menos proeminente é realizada pela função de Dado. Isto pode ser visto na Figura 3.8, apresentada a seguir:

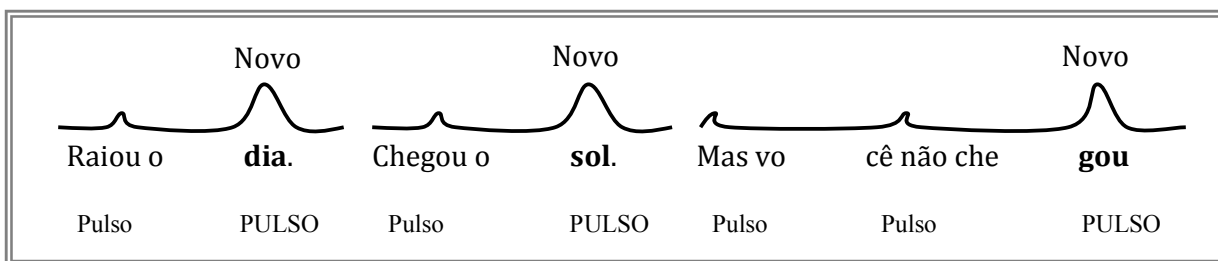


Figura 3.8 – Pulso de informação.

A relação entre maior e menor pressão sobre o fluxo de ar determina um ritmo que, a serviço do sistema de INFORMAÇÃO, deposita maior ou menor ênfase sobre porções diferentes da mensagem. Assim, o que o sistema de INFORMAÇÃO faz é apresentar a informação entre Dado, a parte integrada ao fluxo, e Novo, a informação apresentada para o ouvinte prestar atenção (*attend to*). No exemplo anterior, os destaques em negrito indicam as porções de mensagem nova. Assim, ‘*dia*’, ‘*sol*’ e ‘*[che]-gou*’ devem ter, para o ouvinte, status de Novo, pois são o foco da informação. A elas, o ouvinte supostamente deve prestar maior atenção. Por outro lado, ‘*raiou o*’, ‘*chegou o*’, ‘*mas você não [che-]*’, não possuem este status; são parte integrante do fluxo.

Semanticamente, o texto da Figura 3.8 representa a espera do falante pelo seu interlocutor ‘*você*’ desde à noite até a chegada do dia seguinte, encenada como uma sequência de afirmativas. Textualmente, a organização se dá por uma sequência de três ondas de informação que culminam precisamente no fato do interlocutor não ter chegado.

A gramática textual realiza a mensagem da seguinte forma. ‘*Raiou*’ e ‘*chegou*’ são Processos existenciais, cuja função é introduzir Participantes. Assim, a eles é conferida posição temática, anunciando que, a seguir, um Participante será introduzido. Desta forma, ‘*dia*’ e ‘*sol*’ possuem status de Novo. O último Processo, ‘*chegar*’, é Material e indica o ato não realizado pelo Participante ‘*você*’. Por isto é apresentado como Novo, em particular o último fonema, que se conecta ao morfema indicativo de tempo ‘*-ou*’, o passado. Desta forma, o texto constrói um movimento de apresentação de Participantes, com a sílaba tônica de seus grupos em última posição – informação nova – e, por último, a mudança não sofrida pelo Participante que, como é a última sílaba do texto, gera maior impacto como Novo e Foco da informação destilada das três ondas do texto. Assim, o fato de ‘*você não ter chegado*’ ganha maior peso tanto como mensagem, quanto como informação.

No que diz respeito à mensagem, em geral, um grupo tonal realiza um quantum de informação, que é empregado como *unidade de informação* (cf.: Halliday, 1976, p. 175). Geralmente, uma unidade de informação (grupo tonal) se conecta à oração – constituindo assim a opção não-marcada para a apresentação da informação, mas pode se conectar a qualquer elemento da escala de ordens gramatical, variando desde um morfema até uma

unidade maior que a oração. Assim, do ponto de vista textual, a oração, conectada a um único grupo tonal se divide em Tema e Rema e entre Dado e Novo, por exemplo⁴⁹:

| | |
|-----------------------------------------------------------|------|
| ∅ // Estamos pe/dindo si/ lêncio nos hospi/tais // | |
| Tema | Rema |
| Dado | |
| Novo | |

Neste caso há sobreposição de Tema e Dado e o foco da informação vai dentro do Rema, além de a oração inteira se ligar a um grupo tonal. Contudo, dada uma distribuição distinta, é possível o Novo confluir com o Tema, assumindo para si um grupo tonal próprio:

| | | | |
|-----------------------------------------------------------|------|------------------------------------------------|------|
| ∅ // Estamos pe/dindo si/ lêncio nos hospi/tais // | | // Isso // vo/cê pode fa/ zer // | |
| Tema | Rema | Tema | Rema |
| Dado | | Novo | |
| | | Novo | Dado |

O Tema ‘isso’, também é Novo, portanto realizado por um grupo tonal distinto do restante da oração. Quanto à distribuição do trabalho entre TEMA e INFORMAÇÃO, o primeiro distribui a informação entre ponto de partida (Tema) e ponto de chegada (Rema), o segundo a apresenta como dada (Dado) ou foco (Novo). Assim, são quatro as possibilidades de entrecruzamento destes sistemas (Figura 3.9).

| | | |
|-------------|---------------------|---------------------|
| | INFORMAÇÃO | |
| TEMA | 1. Ponto de partida | 2. Ponto de partida |
| | informação dada | Foco da informação |
| | 3. Ponto de chegada | 4. Ponto de chegada |
| | informação dada | Foco da informação |


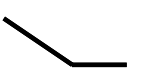






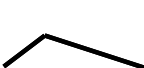
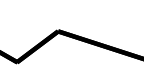

Figura 3.9 – Interseção entre TEMA e INFORMAÇÃO.

Com isto, observa-se que a proeminência pode ser dada tanto para unidades de informação às quais o ouvinte toma como dada, já que fazem parte do discurso, quanto a informações às quais precisa prestar atenção, uma vez que são apresentadas como Novo.

⁴⁹ O símbolo ∅ indica a realização por elipse do elemento. Neste caso específico, o símbolo ∅ indica a elipse do elemento ‘Nós’, grupo nominal que realiza a função de Tema, colocado estruturalmente na primeira posição.

Para explorar mais um pouco a relação entre TEMA e INFORMAÇÃO, apresentamos o texto 3.5. As unidades de informação foram identificadas com ajuda do *software* Praat, por meio de análises fonológicas, e anotadas seguindo a notação de Halliday (2007), Grupo tonal: //; unidade rítmica: /; Negrito: sílaba tônica; ^ pulso surdo: (quando o pulso é realizado pelo silêncio). Tema: sublinhado. Os movimentos tônicos do português brasileiro são apresentados no Quadro 3.4:

QUADRO 3.4
Movimentos tônicos básicos em português brasileiro.

| Movimento Tônico | | Símbolo | Exemplo de função | Exemplos baseados na oração “Estamos pedindo silêncio nos hospitais” |
|------------------|----------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1 | queda média |  | declarativo; imperativo neutro | Estamos pedindo silêncio nos hospitais. // 1 ^ Est/amos pe/dindo si/lêncio nos hospi/tais // |
| 1+ | queda forte (nível) |  | ordem | Peca silêncio nos hospitais!!! // 1+ Pe ça si/lêncio nos hospi/tais // |
| 2 | subida |  | pergunta polar | Estamos pedindo silêncio nos hospitais? // 2 ^ Est/amos pe/dindo si/lêncio nos hospi/tais // |
| 2+ | subida forte |  | pergunta enérgica | Estamos pedindo silêncio nos hospitais ?!! // 2+ ^ Est/amos pe/dindo si/lêncio nos hospi/tais // |
| 3 | nível, subida leve |  | oração inicial (1 ^ 2, ou α ^ β); Exclamativa | <u>Estamos pedindo silêncio nos hospitais</u> e isso você pode fazer. // 3 ^ Est/amos pe/dindo si/lêncio nos hospi/tais // |
| 3+ | subida média, queda média, nível |  | oração dependente (β ^ α) | <u>Se nós pedirmos silêncio nos hospitais</u> , você pode fazer? // 3+ ^ Se / nós pe/dirmos si/lêncio nos hospi/tais // |
| 4 | queda, subida |  | oração ^ Pergunta-Finito; equativa | Estamos pedindo silêncio nos hospitais, não estamos? // 4 ^ Est/amos pe/dindo si/lêncio nos hospi/tais // não es/tamos |
| | subida leve, queda, subida | | |  |
| 5 | subida média, queda |  | pergunta elemental; Tema predicado; pedido | Onde nós estamos pedindo silêncio? // 5 On/de nós es/tamos pe/dindo si/lêncio // |
| | queda leve, subida média, queda | | |  |
| 5+ | subida, queda, subida leve |  | pergunta elemental | // 5+ On/de nós es/tamos pe/dindo si/lêncio // |

TEXTO 3.5:

// 1 Não // 1+ eu não / gosto de vo/cê // 1 Pa/pai No/el // 3 Também não / gosto de/sse seu pa/pel // 3 de ficar a/í // 3 ves/tido de ver/melho // 1 vendendo ilu/são // 1 pra tal de burgue/sia // 3 Se os me/ninos / pobres da ci/dade // 3 soubessem o des/prezo que você / tem pela humil/dade // 1 eles jo/gavam / pedra em sua fanta/sia // 1 Ah // 1 você tal/vez não se / lembre / mais // 1 Faz muito / tempo // 1 Eu cres/ci // 1 me tor/nei ra/paz // 3 mas / nunca // 1 nun/ca esque/ci // 1 a/quilo que pa/ssou // 3 Foi as/sim // 3+ Eu / tinha escre/vido um bi/lhete pro se/nhor / pe/dindo o meu pre/sente // 3+ A noi/te inteira eu espe/rei con/tente // 1 Rai/ou o / dia // 1 che/gou o / sol // 1 mas vo/cê não che/gou // 3 A/té cho/rei // 1 desconsolado // 3 En/tão // 3 dias de/pois // 1 meu / pobre / pai // 1+ coi/tado // 1 me apare/ceu // 1 com um tren/zinho / velho // 1+ enferru/jado // 3 pôs na mi/nha / mão // 1 e di/sse a/ssim // 1+ “Toma // 1 É / seu” // 5 “Pra / mim / pai?” // 3+ “Sim // 1 É pra vo/cê // 5 Foi o Papai No/el / que man/dou” // 1 E eu / vi quando /ele // 1 uma /lá/grima dis/far/çou // 1 de emo/ção // 3 Eu // 1 ino/cente / neste /caso // 3 imagi/nei que o meu bi/lhete // 3+ com atraso / tinha che/gado em su/a mão // 1 naquela / hora // 3 En/tão con/tente // 3 lim/pei o meu / tren/zinho / bem lim/pado // 3 dei corda / nele // 1 e ele par/tiu // 1 Deu / muitas / voltas // 3 Meu pai // 3 do / lado // 1 me o/lhou // 1 So/rriu // 3 Me abra/çou // 1 foi-se em/bora // 5 Passados mais uns / dias // 3 meu / pobre / pai // 5 de re/pente / voltou // 3 veio a/ssim // 3 como quem tá com / me/do // 1 e fa/lou pra /mim // 1 “Me dá // 1+ me dá /aqui aquele seu brinquedo // 1 Eu vou tro/car por outro na ci/dade” // 3 E / eu // 5 eu sem von/tade / fui entregando pra / ele meu tren/zinho // 1 quase / já a solu/çar // 3 e como quem não / quer abandonar um / mimo que lhe / deu quem lhe quer / bem // 1 eu supli/quei me/droso // 2 “Oh pai // 5 eu só /tenho / ele // 5 Eu não / quero outro brin/quedo // 5 eu quero a/quele // 5 por fa/vor / pai // 5 Não / vá le/var o meu / trem” // 1 Ele / nem me ou/viu // 5 Co/rrendo bateu a / porta // 1 e saiu como um /doido va/rrido // 1 Minh/a mãe gritou pra /ele // 3 “Jo/sé!” // 1 Ele / nem / deu ou/vido // 3 Foi-se em/bora // 1 e / nunca mais vol/tou // 3 Pois / é // 1 Pa/pai No/el // 1 vo/cê me transfor/mou em um / homem que / hoje des/preza a in/fância e o dia de Na/tal // 1 Sem meu pai // 1 sem brin/quedo // 3 Afi/nal // 3 dos seus pre/sentes // 1 não há / um que sobre da riqueza // 1 pra esses meninos / pobres // 5 que sonham o ano inte/rinho com a noite de Na/tal // 5 E / só bem de/pois que eu cre/sci / foi que / tudo compreen/di // 3 Naquele dia do tal tren/zinho // 3 meu pai // 3 de mim compade/cido // 3 num /gesto humano e deci/dido // 1 pagou bem / caro a minha ilu/são // 3 Foi longe de/mais // 1 coi/tado // 3 Imagi/nando que para o seu filho aquilo era um / bem // 1 tinha rou/bado do filho do pa/trão / aquele / trem // 4 Quando ele sumiu da última / vez // 1 pensei que tinha via/jado // 3 No en/tanto // 1 minha mãe // 1 depois que eu fiquei / moço // 1 em pranto me con/tou que ele foi / preso e transformado em / réu // 4 Pra absolver meu pai // 1 nem um a/migo ou parente se atre/veu // 3 E o pobre defi/nhando na ca/deia // 3 foi indo // 3 indo / até o dia em que / Deus entrou naquela / cela // 1 e o liber/tou pro / céu //

Existem neste texto 122 grupos tonais, desta forma, 122 unidades de informação. Em 108 destes grupos, a sílaba tônica do grupo recai sobre a última sílaba forte, corroborando ser esta a posição normal para a proeminência de entonação em português brasileiro. Logo, tal posição coincide com a onda de proeminência do ponto de chegada, o Novo. Por exemplo:

(1) // 2 “**Oh pai** // 5 eu só /tenho / **ele** // 5 Eu não / quero outro brin/**quedo** // 5 eu quero a/**quele** // 5 por fa/vor / **pai** // 5 Não / vá le/var o meu / **trem**” //

Frequentemente, atribui-se proeminência (Novo) ao último elemento de uma unidade de informação, conferindo-lhe a sílaba tônica do grupo. No entanto, quando o Novo não é apresentado no último elemento cumpre alguma função distinta. No texto 3.5, os Novos fora da última posição podem ser elementos que compõem curvas tonais complexas:

(2) // 5 E / só bem de/pois que eu cre/**sci** / foi que / tudo compreen/**di** //

Ou dão proeminência ao significado do texto de desgosto do autor pelo Natal. Por exemplo:

(3) // 3 Tam/bém não /**gosto** desse /seu pa/pel //

(4) // 3 soubessem o des/**prezo** que você / tem pela humil/dade //

(5) // 1 meu / **pobre** pai //

(6) // 1 vo/cê me transfor/mou em um / homem que / hoje des/preza a in/**fância** e o dia de Na/tal //

(7) // 5 que sonham o ano intei/**rinho** com a noite de Na/tal //

(8) // 3 E o pobre defi/**nhando** na ca/deia //

Quando o Novo conflui com o Tema, frequentemente, conecta-se a um grupo tonal próprio. Neste caso, o Foco da informação cai em posição temática. Em geral estes provocam alguma mudança no assunto do texto; quer dando início a uma nova fase, ou mudando a perspectiva sobre o assunto apresentando uma subfase (ver quadro 3.5).

QUADRO 3.5
Confluência entre Tema e Foco da informação.

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 3 ^ Se os me/ninos / pobres da ci/dade // 3 ^ soubessem o des/prezo que você / tem pela humil/dade // | // 1 ^ eles jo/gavam / pedra em sua fanta/sia // |
| // 3 ^ En/tão // 3 dias de/pois // | // 1 ^ meu / pobre / pai // ^ 1+ coi/tado // 1 ^ me apare/ceu // 1 ^ com um tren/zinho / velho // |
| // 3 ^ En/tão con/tente // | // 3 ^ lim/pei o meu / tren/zinho bem lim/pado // |
| // 5 ^ Passados mais uns / dias // | // 3 ^ meu / pobre / pai // 5 ^ de re/pente / voltou // |
| Tema | Rema |
| Novo | Dado |

2 O TEMA COMO FUNÇÃO HABILITADORA: ORIENTAÇÃO MODAL E TRANSITIVA

2.1 Orientação Modal

Dentro do sistema de TEMA há um subsistema responsável por habilitar a oração como troca dentro da realidade semiótica. Este é denominado ORIENTAÇÃO MODAL. O seu trabalho é organizar os elementos interpessoais que realizam FUNÇÕES DISCURSIVAS, distribuindo-os conforme a proeminência de informação. Com isto, a escolha do Tema dá a opção de colocar os elementos críticos para a realização de declarativas, perguntas, ofertas e comandos como ponto de partida da mensagem. Em outras palavras, a escolha temática pode *orientar para o MODO* (ver quadro 3.6).

QUADRO 3.6
ORIENTAÇÃO MODAL

| MODO | | TEMA | EXEMPLO |
|------------|-------------------------|-----------------|------------------------------------------|
| Indicativo | declarativo | Tema/Sujeito | Eu não gosto de você, Papai Noel. |
| | interrogativo polar | Tema/Sujeito | Você acredita em Papai Noel? |
| | interrogativo elemental | Tema/'Qu-' | Quem gosta do Papai Noel? |
| Imperativo | | Tema/Predicador | Toma , é seu. |

O sistema textual de ORIENTAÇÃO MODAL coloca como ponto de partida da mensagem: no imperativo, o Predicador, elemento que indica o comando a ser realizado. Nas declarativas e polares: o responsável modal pela proposição, realizado pela confluência Tema/Sujeito; e nas perguntas elementais, o elemento faltante. A figura 3.10 mostra esquematicamente a relação entre os sistemas textuais e interpessoais nas declarativas.

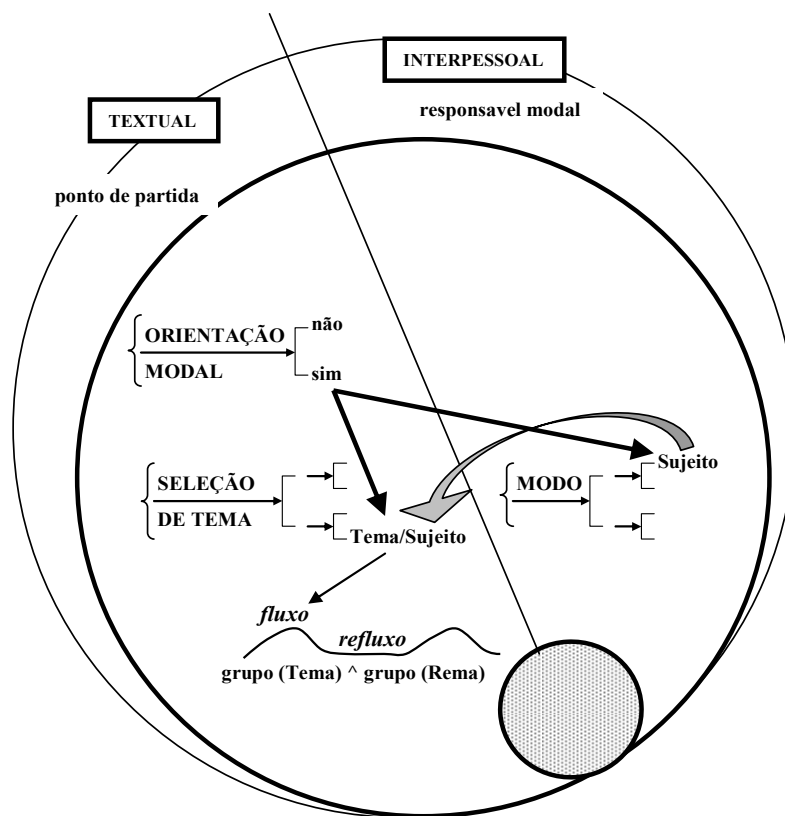


FIGURA 3.10 – ORIENTAÇÃO MODAL em declarativas.

A seguir tem-se um exemplo do trabalho deste sistema. O texto 3.6 é a transcrição de uma conversa, cujo tipo de texto é fofoca. O contexto é uma família – pai (1), mãe (2), filho adolescente (3) – e uma amiga da família (4) com sua filha (5) falando sobre uma jovem que saiu da escola porque engravidou.

TEXTO 3.6:

P: Deixa ela correr atrás.

AF: Claro que ela não vai ficar longe da filha dela. **Ela** vai morar junto com a criança, ué.

F: Ela faz de tudo igual o seu pela internet pra ficar com o neném no colo lá, ué. **Ela** se vira. Ø Faz faculdade pela internet, ué.

M: Não, o neném não vai atrapalhar de estudar não---

P: Casar eu também acho que deve casar se tiver com... certeza, convicção, né? **Porque...**

eu falo sempre “**encalhado** é quem casa mal... **aí é que** o cara encalhou de vez, né? **Agora, ficar solteiro**... melhor casar mais tarde do que casar cedo e... casar mal, **que aí** encalhou mesmo **e não tem** jeito pra dar”.

F: Fala com ela || **que ela** pode ficar até os dezoito anos solteira pra ela pensar, depois--

M: **Eles** tão pensando em casar, AF, os dois?

AF: **Ele** tá querendo---

P: **Ele** quer, né? **Ela** não quer nada, né?

F: **Ela** não sabe que que ela quer, né?

AF: **Ela** não sabe lavar um copo!

FA: **Ela** não faz nada.

Como é característico deste tipo de texto – fofoca – é possível observar que os interlocutores não expressam muita empatia pela situação da jovem mãe e as proposições encerram, em certa medida, julgamentos sobre ela (cf.: Eggins & Slade, 1997). Isto se dá pela sua colocação como responsável modal, gramaticalizada como Sujeito, pela maioria das proposições avaliadas negativamente (ver Capítulo 4, Seção 3.1.3).

Do ponto de vista textual, a conversa é basicamente sobre a jovem mãe. Ela foi escolhida como ponto de partida da mensagem 10 vezes, nas 20 orações principais (declarativas e polares). O sistema de ORIENTAÇÃO MODAL habilita as proposições colocando o Sujeito em posição temática. Assim, o fato de a jovem mãe ser a responsável modal a converte na base de interpretação para o restante das orações (ver figura 3.11).

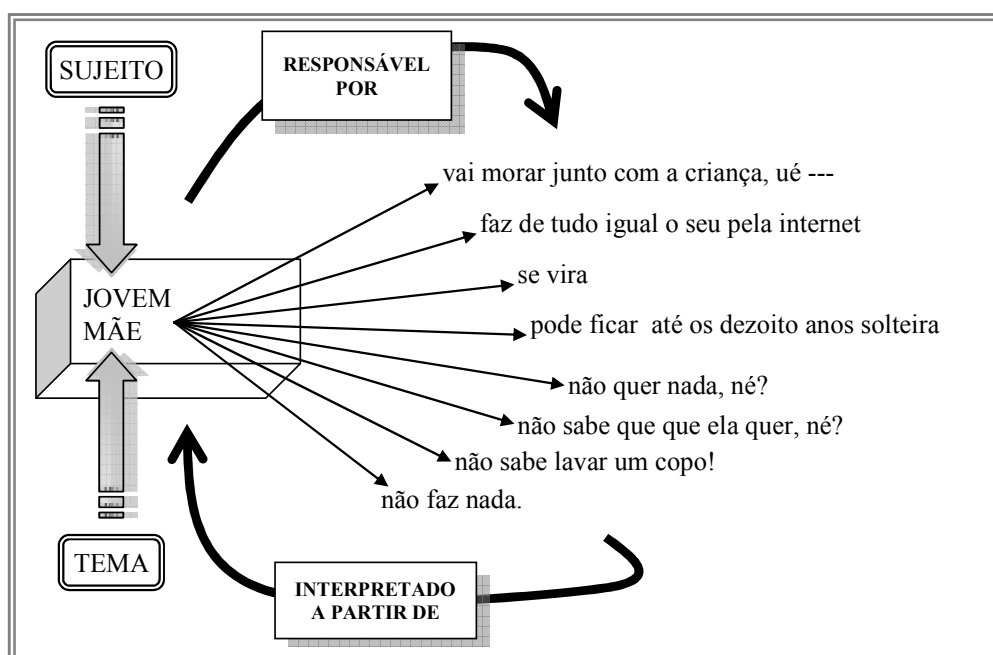



FIGURA 3.11 – Responsabilidade modal e ponto de partida no texto 3.4.

2.2 Orientação Transitiva

Há um subsistema do TEMA para também efetuar a habilitação da figura dentro da realidade semiótica. Este é o sistema de ORIENTAÇÃO TRANSITIVA. Por meio deste, algum elemento da figura é selecionado para ocupar o ponto de partida da mensagem. Em português brasileiro, esta seleção obedece o critério da *direcionalidade*. Este conceito se relaciona ideacionalmente ao “grau de envolvimento” (cf. Halliday e Matthiessen, 1999, p. 172).

Toda figura representa o mundo natural por meio de partículas, que são realizadas gramaticalmente pelo Processo e seus Participantes (e Circunstâncias). Além disto, a figura também precisa realizar o movimento de mudança destas partículas, que, então é feito pela direcionalidade. Assim, esta compreende o caminho do deslocamento exercido pelo quantum de mudança na representação da realidade. Em português brasileiro, a direcionalidade parte do Participante ativo, passa pelo Processo, e se estende para, se houver, algum outro Participante (ver Quadro 3.7).

QUADRO 3.7
Direcionalidade em português.

| DIREÇÃO DO PROCESSO | | | | | |
|--------------------------------------------------------------------------------------|------------------------|-----------------------------|---------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------|
|  | | | | | |
| Participante ativo (P1) | Tipo de processo | Participante impactado (P2) | Outros participantes (P3) | Circunstâncias limítrofes | Circunstâncias periféricas |
| Ator | Material | Meta | Recipiente, Cliente, Escopo, Atributo | Extensão Localização Papel Modo Causa Contingência Acompanhamento Assunto | Extensão Localização |
| Portador | Relacional: atributivo | Atributo | | | Papel Modo |
| | Existencial | Existente | | | Causa Contingência |
| Experienciador | Mental: emanante | Fenômeno | | | Acompanhamento Contingência |
| Fenômeno | Mental: impingente | Experienciador | | | |
| Dizente | Verbal: atividade | Alvo | | | Assunto |
| | Verbal: semiose | Verbiagem | Receptor | | |

Na gramática textual, a ORIENTAÇÃO TRANSITIVA seleciona para a posição de ponto de partida da mensagem a partícula de origem do quantum de mudança (ver figura 3.12).

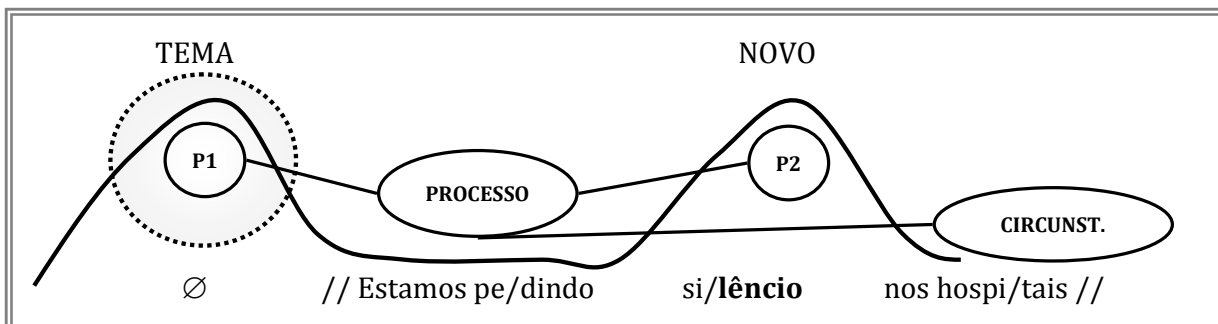


FIGURA 3.12 – ORIENTAÇÃO TRANSITIVA.

Cumpramos ressaltar que, apesar de a ordem em que os elementos são dispostos na estrutura da oração não influenciar a direcionalidade, é possível observar que existe uma estrutura *default* para realizá-la em português. Para isto, passa-se à análise do seguinte exemplo:

(9) *O cachorro mordeu o homem.*

Do ponto de vista experiencial, este exemplo pode ser analisado da seguinte forma:

(10) *O cachorro mordeu o homem.*
 Ator Processo: Material Meta

Da mesma maneira, neste outro, o homem, que era Meta, passa a Ator:

(11) *O homem mordeu o cachorro.*
 Ator Processo: Material Meta

No entanto, é possível analisar os exemplos de outra forma, tendo o homem como Ator no primeiro exemplo e o cachorro no segundo:

(12) *O cachorro mordeu o homem.*
 Meta Processo: Material Ator

(13) *O homem mordeu o cachorro.*
 Meta Processo: Material Ator

Apesar de estas duas últimas formas serem possíveis, a primeira interpretação é a mais comum. Conforme o levantamento de dados quantitativos do *cópus* desta pesquisa (cf.: Seção 3), dentre todas as ocorrências deste tipo de Tema, 67,68% são como a interpretação dos dois primeiros exemplos e apenas 1,92% são como a dos dois últimos.

Em todos estes exemplos, a direcionalidade do Processo se mantém a mesma, Ator→Processo→Meta. O que se observa é que há uma ordem estrutural *default* para a direcionalidade. Esta se dá na estrutura **Participante 1: grupo nominal** ^ **Processo: grupo verbal** ^ **Participante 2: grupo nominal**. Desta maneira, a distinção entre os dois primeiros exemplos e os últimos se deve à ORIENTAÇÃO TRANSITIVA. Nos dois primeiros, o sistema textual selecionou a partícula de origem do quantum de mudança para ser o ponto de partida da mensagem; nos dois últimos, não. O texto 3.7 ilustra o trabalho do sistema de ORIENTAÇÃO TRANSITIVA.

TEXTO 3.7:

O que é o ciclo da água?

Ø É a contínua circulação da água sobre o nosso planeta.

O ciclo da água – também conhecido como ciclo hidrológico – tem início com a radiação solar que incide sobre a Terra.

O calor provoca a evaporação da água dos oceanos, dos rios e dos lagos. **Também há** evaporação de parte da água presente no solo. **A transferência da água da superfície terrestre para a atmosfera** também ocorre por meio da transpiração das plantas e dos animais. **A sublimação**, por sua vez, é a passagem direta da água da fase sólida (por exemplo, a água das geleiras) para a de vapor. **Depois de evaporar**, a água, em forma de vapor, é transportada pelas massas de ar para as regiões mais altas da atmosfera. **Lá em cima**, ao ser submetido a baixas temperaturas, o vapor se condensa e se liquefaz. **É assim que** surgem as nuvens. **Quando a nuvem fica carregada de pequenas gotas**, estas se reúnem formando gotas maiores que se tornam pesadas e caem sobre a superfície terrestre. **Dependendo das condições do clima (mais ou menos frio)**, a água pode chegar ao solo em forma de chuva, granizo ou neve. **A água que precipita sobre o planeta** tem diferentes destinos. **Uma parte** cai diretamente nos reservatórios de água, como rios, lagos e oceanos. **Outra parte** cai sobre o solo. **Nesse caso, a água** segue dois percursos diferentes. **Uma quantidade** escoar sobre a superfície, alimentando lagos, rios e riachos que, por sua vez, deságuam no mar. **Outra parte** infiltra-se no solo e nas rochas, através de seus poros e fissuras, alimentando as reservas subterrâneas de água, chamadas de lençóis freáticos.

O ciclo hidrológico é essencial para a renovação da água sobre a Terra. **Para que ele não seja alterado**, temos que conservar as florestas e mananciais. Ø Devemos estar atentos à poluição dos oceanos, ambiente com enorme diversidade de vida e de recursos que também é a maior fonte de evaporação de água do planeta.

O texto 3.7 é uma apresentação didática do ciclo da água, que começa com a radiação solar e vai até a reposição dos reservatórios. A representação do ciclo hidrológico demanda várias mudanças na experiência, uma vez que, variados Processos estão nele envolvidos. Estes, por sua vez, requerem diferentes Participantes – tanto ativos quanto impactados – além de várias Circunstâncias – tanto de localização espaço-temporal, já que o ciclo ocorre em

diversos ambientes em momentos distintos; quanto condicionais, pois o cumprimento de uma etapa do ciclo se torna condição para as próximas. Com isto, a organização textual distribuiu a mensagem de forma a selecionar dos quanta de mudança as partículas que, ao receber proeminência textual, buscam representar o modelo científico do ciclo hidrológico.

A ORIENTAÇÃO TRANSITIVA contribui nesta produção textual realizando duas tarefas: (i) orientar para a TRANSITIVIDADE, oferecendo ao sistema de SELEÇÃO DE TEMA Participantes ativos nos diferentes Processos do ciclo; e (ii) não orientar para a TRANSITIVIDADE, oferecendo à SELEÇÃO DE TEMA as condições que delimitam o fim de uma etapa do ciclo e permitem o início de uma nova etapa (ver figura 3.13).

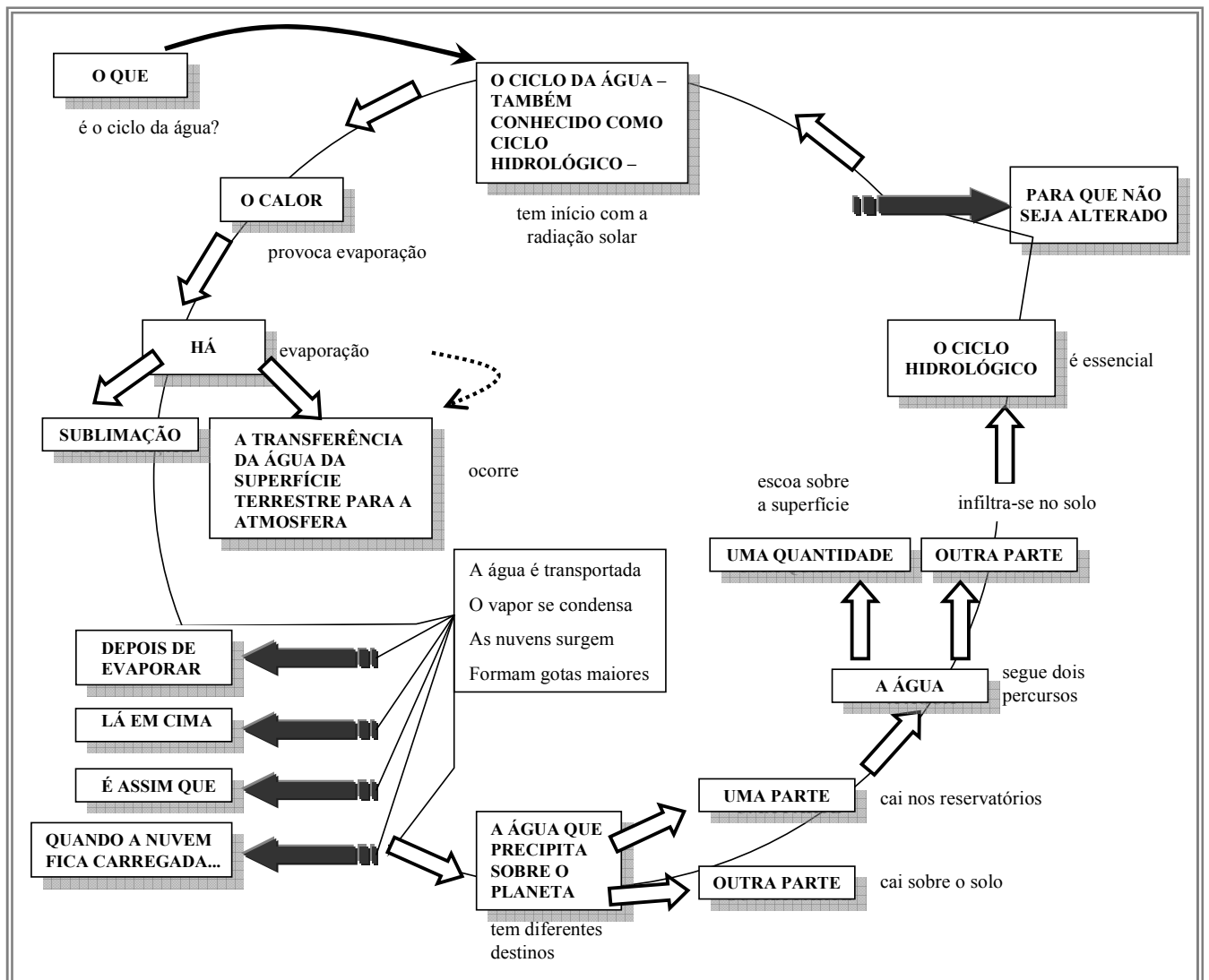


FIGURA 3.13 – Elementos ideacionais disponíveis para a SELEÇÃO DE TEMA.

A primeira etapa do ciclo é a evaporação. Nesta, os Participantes são ‘calor’, ‘evaporação’ (como transferência de água) e ‘sublimação’. A ORIENTAÇÃO TRANSITIVA apresenta-os para a seleção do ponto de partida da mensagem, o que, de fato, se observa, uma vez que pertencem a uma mesma fase discursiva. Cabe ressaltar que a evaporação, devido a seu caráter fundamental no ciclo hidrológico, é apresentada, primeiramente, como Novo, sendo o Tema o Processo Existencial ‘há’, cuja função é precisamente introduzir novos Participantes.

Em seguida, tem-se uma sucessão de condições para que a água evaporada possa precipitar à superfície do planeta. Assim, a ORIENTAÇÃO TRANSITIVA não orienta para a partícula de origem do quantum de informação, mas para as condições necessárias para a continuidade do ciclo, como ‘*depois de evaporar... a água é transportada*’; provocando sucessivas mudanças na fase discursiva, re-orientando para o campo.

Quando se chega à etapa de precipitação, tem início uma nova fase, então, novamente, são selecionados para ponto de partida os Participantes ativos: a água, as partes de água e o ciclo hidrológico. Por fim, o último Tema não é orientado para a TRANSITIVIDADE, pois traz como ponto de partida a condição para que o ciclo hidrológico não seja quebrado: ‘*para que não seja alterado...*’.

* * * * *

Esta seção buscou mostrar o TEMA como recurso habilitador das outras metafunções. A próxima seção apresenta a rede do sistema de TEMA, que, além dos sistemas aqui apresentados, descreve também as opções da SELEÇÃO DE TEMA.

3 ‘+TEMA’: REDES DO SISTEMA

O TEMA é um sistema da oração. Por este motivo, sua primeira condição de entrada é a oração maior. A partir desta condição de entrada, são abertas opções em cinco sistemas – TEMA TEXTUAL, TEMA INTERPESSOAL, ORIENTAÇÃO MODAL, ORIENTAÇÃO TRANSITIVA, SELEÇÃO TEMÁTICA, a partir dos quais, nos passos seguintes da delicadeza, revelam-se as funções temáticas. Cada um destes será apresentado com mais detalhes nesta seção.

3.1 Tema Textual

A função do Tema Textual é ligar a oração ao texto por meio de recursos de tessitura. Assim, as opções do TEMA TEXTUAL são conjuntivo, continuativo e relativo (ver Figura

3.14). Os Temas conjuntivos são realizados por conjunções dos diferentes tipos (aditivas, adversativas, alternativas, condicionais, etc.) e ligam orações interdependentes. Os Temas continuativos não ligam uma oração à outra, mas ao discurso precedente. Os Temas relativos substituem em uma oração um elemento de uma oração anterior por meio de referência. Desta maneira, são tanto textuais quanto ideacionais. O quadro 3.8 apresenta exemplos destes tipos de Tema.

QUADRO 3.8
Exemplos de Temas Textuais.

| | |
|--------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| conjuntivo | <p>Numa tigela, bata as claras em neve e reserve.</p> <p>Algumas ainda em construção, mas já podem fazer seus cadastros!!!</p> <p>...cantarei apenas o mantra que corresponde ao Sutra do Coração, pois não temos tempo suficiente para recitá-lo por inteiro.</p> |
| continuativo | <p>Desafiamos os tomadores de decisão a reverem suas posições e mudarem seus conceitos. Também defendemos soluções economicamente viáveis e socialmente justas....</p> <p>...é impossível continuar mantendo uma das dez primeiras economias do mundo numa camisa de força. E mesmo porque interessa à comunidade internacional a sermos mais úteis a essa comunidade...</p> <p>... é essencial proteger todas as espécies de baleias da captura indiscriminada. Entretanto, apesar de reconhecer claramente as lições do passado, a CBI tem sido incapaz de contralar a caça.</p> |
| relativo | <p>Diferentemente da baiana, ela não leva leite de côco, nem azeite de dendê. Mas, tem que ter um ingrediente sem o qual os habitantes do Espírito Santo não consideram isso uma moqueca.</p> <p>Por um lado, a Teoria da Mente é uma questão de senso comum, pertencendo a uma 'psicologia popular', que permite o funcionamento social normal...</p> <p>Para constituir-se uma cooperativa é necessário um grupo de no mínimo 20 (vinte) pessoas físicas com idênticas necessidades e interesses, que sob a orientação da OCESC ou da OCE local, fará a elaboração do estatuto social...</p> |

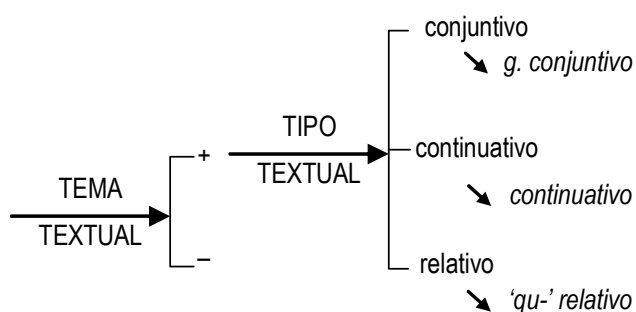


FIGURA 3.14 – TEMA TEXTUAL

3.2 Tema Interpessoal

Os Temas Interpessoais dão proeminência temática à avaliação do falante sobre a oração; ou reforçam os papéis discursivos encenados. Quanto à avaliação, esta pode ser

realizada por Adjuntos de Modo, por exemplo, avaliando modalidade e temporalidade, ou Adjuntos de Comentário, impondo um ângulo avaliativo às proposições.

Quanto à encenação, pode dar-se proeminência temática ao significado da oração como troca, em especial à demanda de informação por um elemento faltante, realizada por um elemento ‘qu-’. Pode também se relacionar aos papéis discursivos, testando-se a validade do papel de falante, ou especificando-se exatamente o interlocutor no papel de ouvinte. A validação do papel de falante se dá por meio de Temas Interpessoais realizados por Partículas Modais (cf.: Lam, Figueredo e Espindola, 2010); já o papel de ouvinte, realiza-se por Vocativos (ver Figura 3.15). O quadro 3.9 apresenta exemplos de Temas Interpessoais.

QUADRO 3.9
Exemplos de Temas Interpessoais.

| | | | |
|-----------|------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| avaliação | modo | ...contaram-me que pessoas pedem passagens e caminhão para transportarem suas mudanças para o Sul. Com certeza , isso aumentará a violência, o assalto, o sequestro. Quer dizer, provavelmente isso não tem valor jurídico, mas é exatamente esse o ponto. | |
| | comentário | Então, eu não poderia em nenhum momento, é... a- me manifestar quanto a esses dados que porventura eles questionaram. Evidentemente se exibisse qualquer documento, aí sim, né? Infelizmente , no dia eu não estava bem. | |
| encenação | troca | O que essa gente tem na cabeça? Onde eu tô? Como eu tô? Quem que eu tenho que marcar? | |
| | Papel | falante | Né , depois a gente vai esmiuçando aí cada uma dessas, né? Ué , agora você vai lá e despacha todo mundo. Aí... passou um cara lá, e falou “ ó , cês estão sabendo da festa do peão?” |
| | | ouvinte | Rui , nós somos vitoriosos. Rita , sinceramente não faço idéia do que signifique. |

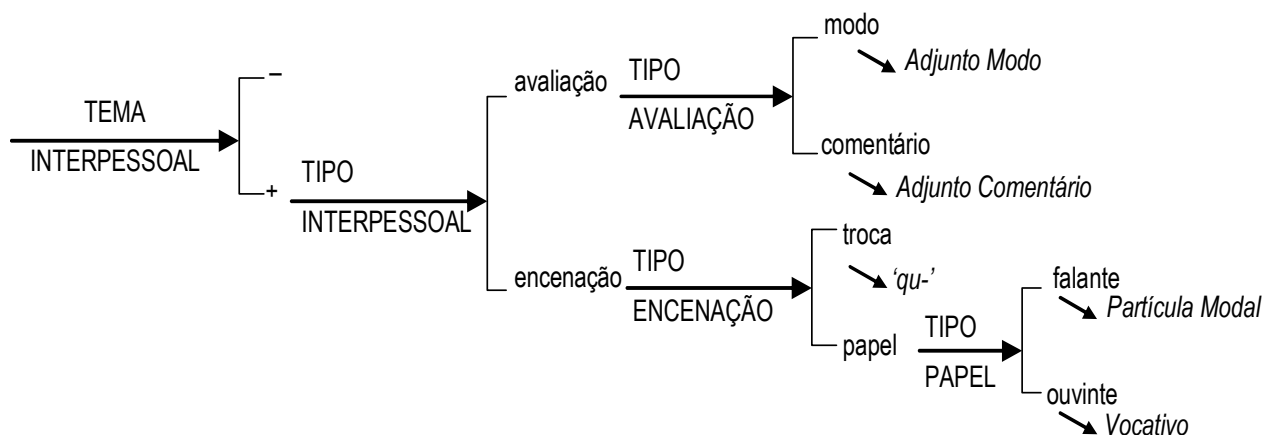


FIGURA 3.15 – TEMA INTERPESSOAL

3.3 Tema Ideacional: Sistemas Básicos

Os sistemas do Tema Ideacional habilitam a oração como mensagem e a colocam no movimento semiótico do texto. São eles: ORIENTAÇÃO MODAL, ORIENTAÇÃO TRANSITIVA e SELEÇÃO TEMÁTICA.

Como foi visto na Seção 2, além de dar proeminência a um elemento ideacional, estes são igualmente fundamentais no estabelecimento da oração como troca, em virtude de habilitarem elementos da configuração Negociador ^ Resíduo. Os sistemas textuais responsáveis por este trabalho são ORIENTAÇÃO MODAL, que coloca a troca como ponto de partida da mensagem, selecionando algum elemento crítico do MODO; e ORIENTAÇÃO TRANSITIVA, que coloca no Tema a partícula iniciadora do quantum de mudança. Cada um destes sistemas possui dois termos, *orientação* e *não-orientação* (para o Modo e para a direcionalidade default, respectivamente).

Durante a fase de anotação e extração de dados do corpus para a análise do TEMA (ver Capítulo 2), foi possível analisar quantitativamente as funções textuais. A Tabela 3.1, apresentada a seguir, foi fruto desta fase da análise.

TABELA 3.1
Tema em relação ao MODO e à TRANSITIVIDADE.

| TRANSITIVIDADE | MODO | | | | | | IMPERATIVO | | TOTAL TRANS. |
|-----------------------|--------------|-------|---------------|-------|------------|-------|------------|-------|--------------|
| | INDICATIVO | | | | | | | | |
| | DECLARATIVO | | INTERROGATIVO | | | | | | |
| | | | POLAR | | ELEMENTAL | | | | |
| N | % | N | % | N | % | N | % | | |
| PROCESSO | 242 | 6,55 | 14 | 20,28 | 2 | 1,48 | 286 | 85,88 | 544 |
| PARTICIPANTE 1 | 2.498 | 67,68 | 45 | 65,21 | 16 | 11,85 | 9 | 2,7 | 2.568 |
| PARTICIPANTE 2 | 71 | 1,92 | 3 | 4,34 | 59 | 43,7 | 4 | 1,2 | 137 |
| PARTICIPANTE 3 | 15 | 0,4 | - | - | - | - | - | - | 15 |
| <i>EXTENSÃO</i> | 14 | 0,37 | - | - | - | - | - | - | 14 |
| <i>ELABORAÇÃO</i> | 4 | 0,11 | - | - | - | - | - | - | 4 |
| <i>INTENSIFICAÇÃO</i> | 796 | 21,56 | 7 | 10,14 | 58 | 42,96 | 34 | 10,21 | 895 |
| <i>ASSUNTO</i> | 1 | 0,02 | - | - | - | - | - | - | 1 |
| <i>ÂNGULO</i> | 21 | 0,56 | - | - | - | - | - | - | 21 |
| | 3.691 | | 69 | | 135 | | 333 | | TOTAL MODO |

Extraídos a partir da anotação de 100.000 palavras (10% do córpus total), os dados da Tabela 3.1 revelam: (i) do ponto de vista da ORIENTAÇÃO MODAL, o mesmo elemento experiencial em diferentes ambientes de MODO, e (ii) do ponto de vista da ORIENTAÇÃO TRANSITIVA, diferentes elementos experienciais em um mesmo MODO.

A SELEÇÃO TEMÁTICA oferece opções de orientação da oração relativamente ao campo – em outras palavras, se a oração segue sem provocar alterações na mesma fase do discurso, ou se há alguma forma de descontinuidade com reorientação, ou mudança, na fase. As duas opções deste sistema são *seleção default*, cuja função é manter a continuidade na orientação para o campo, persistindo na mesma fase e *seleção proeminente*, cuja função é oferecer a descontinuidade na fase, por exemplo, apresentando uma subfase, um ângulo, foco, ou mesmo mudança de uma fase para outra.

Como é possível observar pela Tabela 3.1, as ocorrências de seleção default são as mais frequentes na distribuição do córpus analisado, o que sugere serem estas as opções mais empregadas nas escolhas para a organização textual.

Retomando as definições de TEMA apresentadas na Seção 1, o TEMA é visto de duas formas complementares: (i) é o ponto de partida da mensagem e (2) liga a oração ao discurso. Gramaticalmente, os sistemas de ORIENTAÇÃO oferecem o ponto de partida; enquanto o sistema de SELEÇÃO coloca a oração no fluxo discursivo (ver figura 3.16).

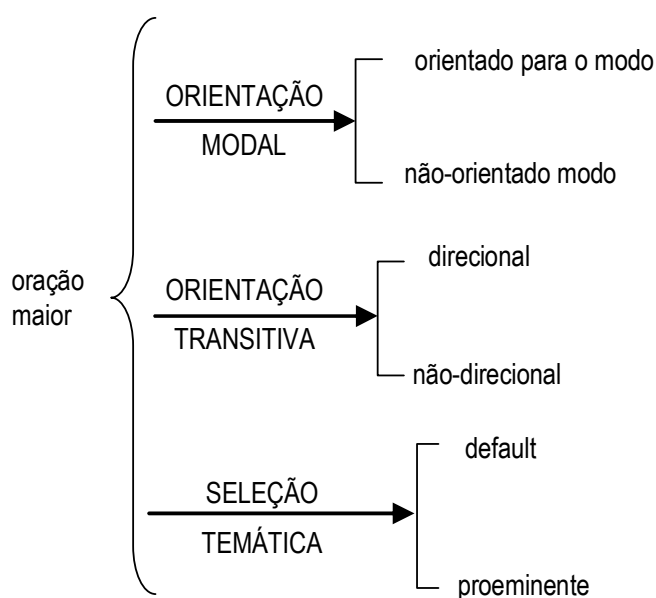


FIGURA 3.16 – Sistemas básicos do Tema Ideacional.

A seguir, apresentam-se as opções mais delicadas do Tema Ideacional.

3.4 Tema Ideacional: Maior Delicadeza

Os termos dos sistemas de ORIENTAÇÃO oferecem as condições de entrada para os sub-sistemas de SELEÇÃO TEMÁTICA. A partir de então, um Tema pode ser: (a) orientado para o modo e direcional; (b) orientado para o modo e não-direcional; (c) não-orientado para o modo e direcional; (d) não-orientado para o modo e não-direcional. Como a seleção *default* mantém a orientação para o campo, ela só pode ser cosseleccionada com as opções (a) e (b). A seleção proeminente, por sua vez, só pode ser cosseleccionada com as opções (c) e (d), pois implica em descontinuidade. A cosseleção de termos destes sistemas gera, então, quatro sistemas em um segundo nível de delicadeza. São eles: DEFAULT, ELEMENTAL, ÂNGULO e PROEMINENTE (ver figura 3.17).

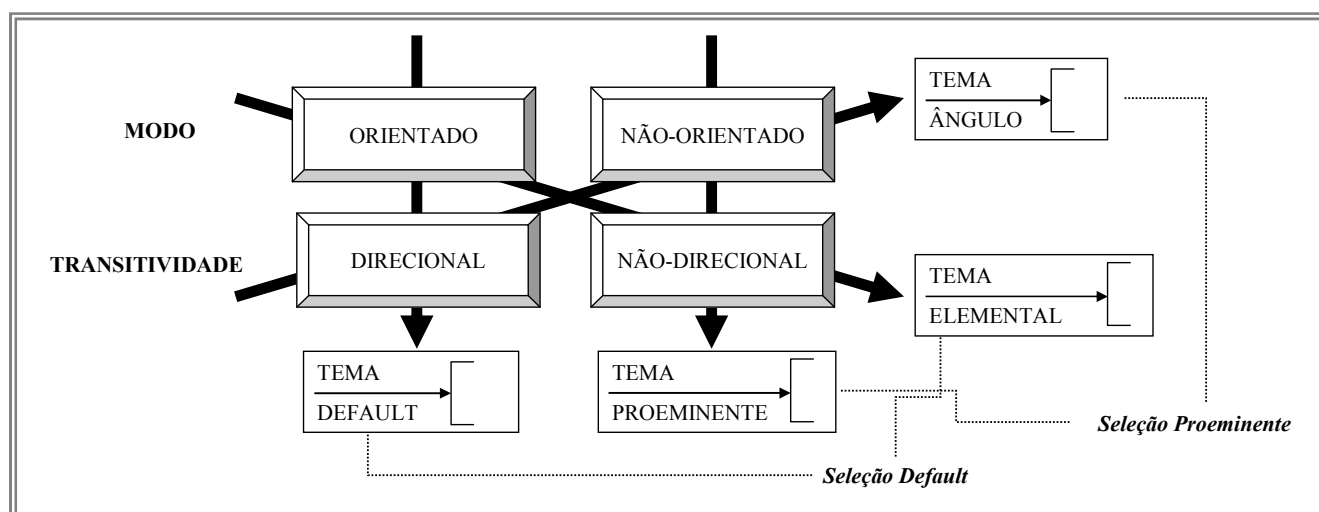


FIGURA 3.17 – Cosseleção entre ORIENTAÇÕES e SELEÇÃO TEMÁTICA.

3.5 TEMA DEFAULT → Orientado Para o Modo & Direcional & Default

Este sistema é gerado pela seleção dos termos mais frequentes nos três sistemas básicos. O Tema Default é a confluência do elemento crítico interpessoal, a partícula de origem no quantum de mudança e a proeminência que mantém a continuidade em uma fase do texto, conservando a orientação para o campo. Do ponto de vista do discurso, é a sucessão de Temas Default que realiza o significado “o assunto do texto continua o mesmo”, sinalizando que não há mudança na fase ou reorientação para o campo. Gramaticalmente, o Tema Default é realizado pela confluência entre o Participante ativo e o elemento crítico do MODO. Por conseguinte, o emprego deste tipo de Tema mantém a base típica de interpretação da informação em posição remática.

No imperativo, é realizado pela confluência Predicador/Processo. Nas declarativas e polares, Sujeito/P1, salvo nas orações existenciais, quando é realizado por Finito ^ Predicador/ Processo: Existencial. Quanto às elementais, apenas aquelas cujo elemento faltante é o Sujeito/ P1 são direcionais, caracteristicamente realizadas por ‘quem’.

O levantamento de dados do córpus mostra que os recursos deste sistema são os mais frequentes, o que contribui para ser considerado a opção típica. Voltando à tabela 3, observa-se que nas declarativas e polares, a confluência Sujeito/P1 é a mais vezes selecionada para ocupar a posição temática. Dentro do ambiente declarativo, o Participante 1 é o elemento mais empregado como Tema (67,68%); e das 242 ocorrências de Processos como Tema de declarativas, os Existenciais somaram 165 ocorrências (4,47%). Nas polares, um quadro semelhante se apresenta, com 65,21% de P1 e 13 Existenciais (18%). Houve 7 ocorrências de elementais Sujeito/P1; apenas 1 delas não teve o elemento ‘qu-’ no Tema.

As imperativas seguem igualmente a ordem direcional default, P1→Processo→P2. No entanto, empregam o Processo como Tema mais frequente (85,88%). Porém, isto se deve a motivações interpessoais, uma vez que a realização explícita deste Participante1/Sujeito, implicaria em acrescentar mais uma camada de significado ao comando, convertendo-o em imperativo negociado (cf.: Figueredo, 2010). O quadro 3.10 apresenta exemplos de Temas Default.

QUADRO 3.10
Exemplos de Temas Default.

| | |
|--------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| imperativo/ processo | ... <u>passe</u> rimel, <u>use</u> o curvex (<u>compre</u> também) <u>passe</u> rimel novamente e pronto...[TEXTO 137] |
| declarativo/ participante 1 | <u>A determinação das rotas migratórias e das áreas de reprodução próximas aos trópicos</u> continuam um mistério, exceto talvez no sudoeste do Atlântico. [TEXTO 24] |
| polar/ participante 1 | <u>Raúl Castro</u> pode ser melhor para Cuba que seu irmão, Fidel? [TEXTO 149] |
| elemental/ participante 1 | <u>Quem ou o que</u> deve ter a prioridade de determinar os destinos e rumos da pesquisa e das descobertas no campo? [TEXTO 11] |

A Figura 3.18 a seguir apresenta as opções do TEMA DEFAULT

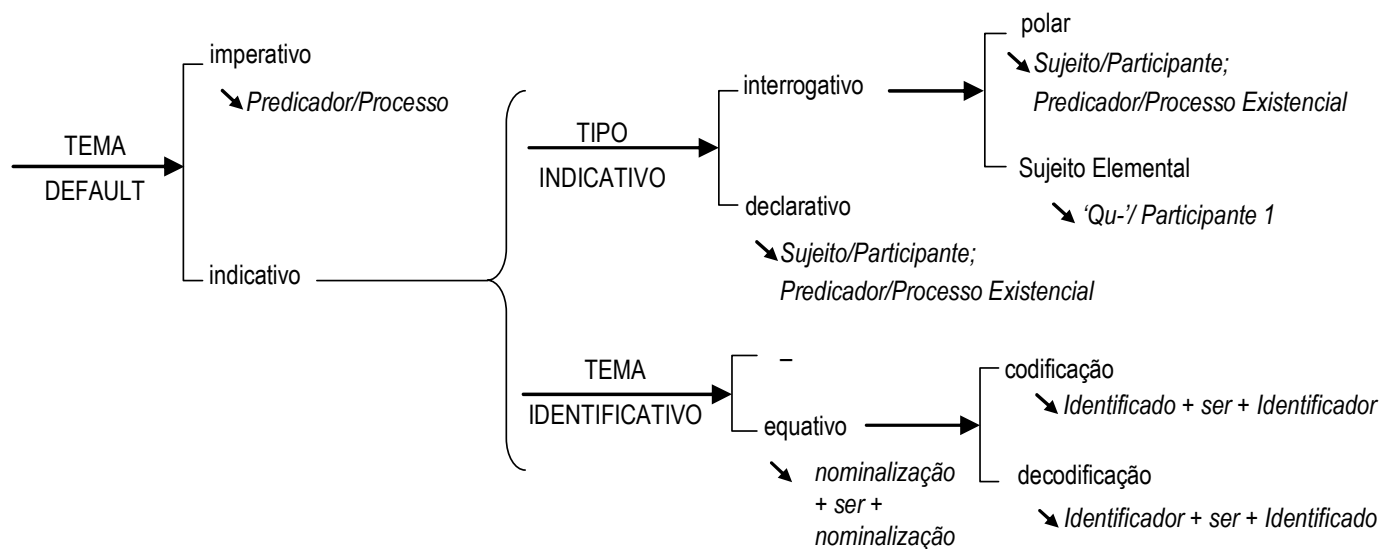


FIGURA 3.18 – TEMA DEFAULT

3.5.1 Tema Identificativo

Avançando mais um passo na delicadeza, dentro do termo indicativo do TEMA DEFAULT, há ainda o subsistema TEMA IDENTIFICATIVO. Este sistema distribui a informação estabelecendo relação de igualdade entre o Tema e o Rema, sendo um o Identificado e o outro o Identificador.

Este sistema possui dois termos: não-equativo, realizado como qualquer um dos Temas Default apresentados acima; ou equativo, realizado pela configuração ‘*nominalização + ser + nominalização (ou grupo nominal)*’. A partir deste termo, novamente, tem-se um sistema com duas opções: codificação, quando a uma variável se atribui um valor; e decodificação, quando a um valor se atribui uma variável.

Por exemplo, se se fizer a pergunta ‘quem define a vida na ciência?’, a resposta mais provável, empregando-se uma equativa é:

(14) ...quem define a vida na ciência é a biologia.
 // 3 quem de/fine a / vida na ci/ência // 1 é a biolo/gia //

Neste exemplo, a nominalização ocupa posição temática e dá destaque a duas funções: (i) segue o fluxo do discurso, conservando a orientação para o campo (é a repetição da pergunta) e (ii) coloca o Dado com o Tema. Em termos experienciais, sua função é de Identificado, ou seja, é a variável da igualdade.

Já ‘a biologia’, ocupa “o ponto de chegada” do Rema, confluindo com o Novo; a posição mais provável para se colocar a resposta a uma pergunta ‘qu-’. Experiencialmente, ‘a biologia’ é o valor designado para a variável ‘quem define a vida na ciência’, constituindo, pois, o Identificador. Desta maneira, a oração do exemplo é de codificação: a uma variável se atribui um valor.

Por outro lado, se a pergunta ‘quem define a vida na ciência?’ fosse respondida como:

(15) A biologia é que define na ciência onde começa a vida.
// 3 a /gia // 3 é que de/fin e na ci/ência // 1 onde co/meça a vida //

tem-se, então, uma nova disposição das funções. Neste caso, ‘a biologia’ ocupa posição Temática, porém, ainda conserva o status de Novo (possui um grupo tonal exclusivo), mantendo-se assim como o valor. Igualmente, ‘quem define a vida’ continua sendo a variável. Neste caso, a oração é de decodificação: a um valor se atribui uma variável. O quadro 3.11 apresenta outros exemplos deste tipo de Tema.

QUADRO 3.11
 Exemplos de Temas Equativos

| | |
|---------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| codificação | <p><u>Mas o que importa</u> é que não posso mais ser considerado baixinho.</p> <p><u>O que você precisa saber</u> é que a salvação vem pela fé.</p> <p><u>O que que eu pensei</u>, né, que o José veio e me deu um abraço, quando eu vi era a cachorra.</p> |
| decodificação | <p><u>Não foi outra pessoa</u> quem te tirou de lá.</p> <p>...<u>explorar (a) “a consciência</u>, diz Foucault, é que define a validade teórica de uma proposição por relação à obra...”</p> |

Cabe justificar ainda a opção por colocar ambas as configurações equativas em um mesmo sistema, mais delicado do TEMA DEFAULT.

Ideacionalmente, a questão da direcionalidade nas relações de identificação é complexa porque, devido ao fato de ser uma identidade, o quantum de mudança não se apresenta como movimento entre participantes através do processo, mas torna-se uma configuração de existir ou não a identidade entre estes participantes. Desta maneira, as orações equativas não são propriamente direcionais.

Interpessoalmente, não há evidências gramaticais que determinem o Sujeito nas orações equativas, uma vez que ambos os grupos são morfologicamente terceira pessoa (em geral

singular), ambos gramaticalmente podem concordar com o Finito, e estruturalmente ambos podem vir na primeira posição (SVO). Buscando o Sujeito a partir da responsabilidade modal, verifica-se que o elemento que conflui com o Tema é, com frequência, posto em negociação, o que sugere sua função de responsável modal, mas ainda assim, é possível que o outro elemento seja negociado.⁵⁰ Logo, não se pode afirmar que o primeiro elemento seja o Sujeito. Por exemplo:

- (16) (A) *E aí, como ficou?*
(B) *Como uma zebra country! **Mas o que importa** é que não posso mais ser considerado baixinho.*
- (17) ***O que você precisa saber** é que a salvação vem pela fé.*

A proposição realizada pela oração equativa pode ser negociada acrescentando-se uma pergunta de confirmação (*tag question*), que em português brasileiro se faz pela Pergunta-Finito (Polaridade ^ Finito + Morfologia de concordância com o Sujeito). Neste caso, a nominalização em posição temática é que está sendo negociada, portanto, é o responsável modal:

- (16a) *Mas o que importa **é** que não posso mais ser considerado baixinho, **não é?** [*o que importa*]*
- (17a) *O que você precisa saber é que a salvação vem pela fé, **não é?** [*o que você precisa saber*]*

Contudo, a nominalização em posição remática também pode ser negociada:

- (16b) *Mas o que importa é que **não posso** mais ser considerado baixinho, **posso?** [*ser considerado baixinho*]*
- (17b) *O que você precisa saber é que a salvação **vem** pela fé, **não vem?** [*a salvação pela fé*]*

3.6 TEMA ELEMENTAL → Orientado Para o Modo & Não-direcional & Default

Compreende os elementos ‘qu-’ que não confluem com o Sujeito. Por isso, esse tipo de Tema se restringe ao ambiente interrogativo: elemental. O sistema é gerado pela cosseleção dos termos: orientado, porque ao elemento interpessoal crítico das interrogativas elementais, o ‘qu-’, é dada proeminência temática; não-direcional, pois a partícula escolhida como ponto de partida não obedece à estrutura direcional, em virtude de sua função na troca ser o

⁵⁰ Isto indica que no caso das orações identificativas, o português brasileiro provavelmente se comporta como as línguas que não possuem Sujeito e negociam o Tema.

fornecimento de informação sobre um elemento faltante, geralmente tratado como informação nova. (juntamente com esta, as perguntas elementais também trazem em posição temática os elementos ‘qu-’/Circunstância: Intensificação, cuja função é complementar alguma perspectiva sobre o assunto do texto); Default, porque o emprego do Tema Elemental não implica em mudança de fase com re-orientação do campo. Por exemplo:

TEXTO 3.8:

F1: E daí eu conheci há um mês um rapaz super gente boa, uma conversa muito legal, e aí a gente ficou. Ficou uma, ficou duas, na três rolou. E foi muito bom, foi tudo de bom, né? Afinal só conhecia um único homem, olha o atraso.

F2: Hã? Foi melhor?

F1: Foi muito bom! Se eu soubesse tinha feito antes...

F2: Né...

F1: Verdade. Demorei, mas tudo bem, tudo tem sua hora. Só que aí tem um problema.

F2: Qual?

F1: Ele tem namorada.

F2: Filho da p...

A demanda de informação pressupõe troca. No diálogo oral, a resposta às elementais é frequentemente apenas o elemento faltante:

F1: Só que aí tem um problema.

F2: **Qual?**

F1: Ele tem namorada.

Contudo, é possível preencher o que falta com os elementos elididos:

F1: Só que aí tem um problema.

F2: Qual [*é o problema*]?

F1: [*O problema é*] Ele tem namorada.

O Participante ‘problema’ foi introduzido no Rema/Novo por F1 através do recurso da oração existencial. Em seguida, F2 demanda informação sobre a natureza do problema, por meio da relação de identificação entre este e sua natureza, que é o elemento faltante, realizada por ‘qual’. Na resposta, F1 preenche a informação demandada com o elemento faltante: ‘ele tem namorada’. O fluxo de informação se atém ao problema, que é introduzido por F1; Sujeito/Rema/Identificado da elemental de F2 e o Sujeito/Tema/Identificado de ‘ele tem namorada’.

O TEMA ELEMENTAL possui dois termos, cujo emprego depende das funções que com ele confluem. Complemento Elemental, realizado pela confluência Complemento/P2; e

Adjunto Elemental, pela confluência Adjunto/P3 ou Adjunto/Circunstância. O quadro 3.12 apresenta exemplos; já a Figura 3.19 mostra o sistema de TEMA ELEMENTAL.

QUADRO 3.12
Exemplos de Tema Elemental

| | |
|-------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Complemento | <u>O que</u> é feedback? E você? <u>Que jogos</u> tem, pretende comprar e/ou parou de jogar? |
| Adjunto | <u>Como</u> resolver um problema matemático sem usar matemática? <u>Cadê</u> as premissas morais? <u>Quando</u> você determinou isso com ele? |

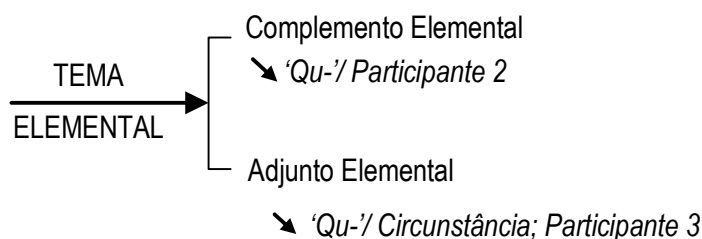


FIGURA 3.19 – TEMA ELEMENTAL

3.7 TEMA ÂNGULO → Não-orientado Para o Modo & Direcional & Proeminente

O TEMA ÂNGULO compreende os itens que indicam projeção de pensamento ou fala dentro do ambiente oracional. Estes são realizados por frases preposicionais ou grupos adverbiais. Os termos dos sistemas básicos que dão origem ao TEMA ÂNGULO são não-orientado, em virtude de este tipo de Tema não confluir com elemento fundamental para o MODO. Direcional, pois, assim como o Experienciador e o Dizente, o Ângulo indica o ponto de origem da projeção do pensamento ou da fala dentro do limite oracional. Em outras palavras, é uma função agnata à do Experienciador, ou à da oração projetante. Perspectiva, pois a realização temática do Ângulo implica em reorientação, uma vez que o assunto do texto passa do plano material ao plano semiótico, tornando-se a projeção do pensamento ou da fala do interlocutor.

O levantamento mostra que as Circunstâncias: Ângulo respondem apenas por 0,56% do total de declarativas, com 21 ocorrências. No entanto, é importante destacar que em todo o corpú foram identificadas 24 Circunstâncias: Ângulo. Assim, de todas elas, 87,5% são

Temas. Isto se deve à direcionalidade *default*, na qual a posição do Ângulo é no Tema, uma vez que este se constitui como origem de pensamento e fala. A Figura 3.20 apresenta o sistema de TEMA ÂNGULO. Seus termos são Fonte, quando o conteúdo projetado é fala; e Ponto-de-Vista, quando o conteúdo projetado é pensamento.

QUADRO 3.13
Exemplos de Tema Ângulo

| | |
|------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| fonte (o conteúdo é uma fala) | <p>Segundo a Celesc, esta fatura em aberto não houve consumo de energia...</p> <p>Segundo Paulo Freire “A democracia é, como o saber, uma conquista de todos”</p> <p>De acordo com o artigo 107 da Lei n.º 5.764/71, “as cooperativas são obrigadas, para seu funcionamento, a registrar-se na Organização das Cooperativas Brasileiras...”</p> |
| ponto de vista (o conteúdo é um pensamento) | <p>Por mim teríamos $D_i = a_1 x_1^i + a_2 x_2^i + \dots + a_n x_n^i$</p> <p>Na visão do Brasil deve-se evitar a dispersão de recursos e esforços em uma miríade de projetos de alcance limitado...</p> <p>...mas, do ponto de vista científico já houve acréscimo de conhecimento...</p> |

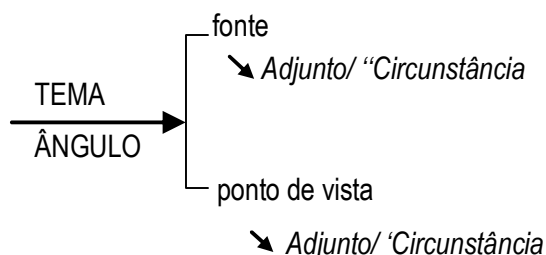


FIGURA 3.20 – TEMA ÂNGULO

3.8. SELEÇÃO PROEMINENTE → Não-orientado Para o Modo & Não-direcional & Proeminente

A SELEÇÃO PROEMINENTE compreende as opções que provocam mudança na interpretação da mensagem; quer para o desenvolvimento do texto (descontinuidade), para o Rema da oração, ou ainda, em conjunto com a INFORMAÇÃO, para a informação com status de nova.

Se os Temas da opção DEFAULT constituem o sistema de opções típicas (orientação modal & orientação direcional – sinalizando a continuidade da fase e manutenção do assunto do texto), os Temas da SELEÇÃO PROEMINENTE possuem as opções que podem ser consideradas atípicas.

Os termos que geram este sistema são não-orientado, pelo fato de os Temas Proeminentes não se pautarem pelo MODO. Não-direcional, pois a estrutura para o emprego de Proeminentes não parte da origem da mudança, mas dá proeminência a alguma perspectiva sob a qual se interpreta a mudança. Seleção Proeminente, porque este Tema é empregado quando se faz necessária alguma mudança na interpretação da mensagem. Como exemplo desta discussão, apresenta-se o texto 3.9 a seguir:

TEXTO 3.9:

PERGUNTA: A inatividade é outro entrave? Exemplo, uma pessoa que sempre trabalhou, um dia se aposenta e acaba por se desorientar quanto ao que fazer em seu cotidiano de aposentadoria?

RESPOSTA: Uma pessoa que trabalhou a vida toda tem dificuldade em lidar com esta nova realidade. **Passada a fase de euforia por chegar à aposentadoria**, muitos não sabem o que fazer, pois não pensaram nem planejaram como seria o seu futuro depois que se aposentassem. **Com a aposentadoria**, muitas mudanças nos costumes e nos hábitos diários acontecem em sua vida, **perdem-se** os contatos com os amigos de trabalho, **de um momento para o outro** surge um tempo enorme e ocioso pela frente, o que pode levar à sensação de se sentir inútil por não saber o que fazer com todo o tempo disponível, uma vez que está condicionado a associar trabalho com produtividade e utilidade.

Além disso, por não se sentir mais produtivo, pode supor que tornou-se um estorvo na família, além de imaginar que a sua permanência em casa o dia todo pode alterar a rotina familiar. **Mas aposentar-se** pode ser algo muito bom, desde que a pessoa permita-se realizar os seus desejos não satisfeitos ao longo da vida, porque, enquanto trabalhava, estava mais preocupado e voltado para o seu desempenho profissional e o sustento.

Este texto pertence ao processo sócio-semiótico recomendar; sua função é dar dicas de como as pessoas podem viver melhor, controlando assim seu comportamento. No caso específico desse excerto, a pessoa entrevistada explica como é possível se aposentar e manter a saúde. Desta maneira, a informação é distribuída ao longo do texto precisamente na transição do trabalhar para a aposentadoria.

A partir da organização do texto 3.9 é possível observar que, quando uma pessoa se aposenta, abre-se diante dela um novo conjunto de possibilidades, que por sua vez gera implicações sobre a vida do recém-aposentado. Do ponto de vista discursivo, estas mudanças são construídas como novas fases e subfases do discurso:

QUADRO 3.14
Fase discursiva e Tema no Texto 3.9

| FASE | TEMA |
|-----------------------------|------------------------------------------------------|
| FIM DA FASE DE EUFORIA | Passada a fase de euforia por chegar à aposentadoria |
| APOSENTADORIA | Com a aposentadoria |
| TRANSIÇÃO | De um momento para o outro |
| SENSAÇÃO DE IMPRODUTIVIDADE | Por não se sentir mais produtivo |

Do ponto de vista da gramática, constituem-se bases diferentes para a interpretação da informação nova, como mostra o Quadro 3.15 a seguir.

QUADRO 3.15
Rema interpretado a partir do Tema no Texto 3.9

| Rema (informação nova) | | (interpretada a partir de) Tema |
|--------------------------------------------------------------------------|-------------------------|-------------------------------------------------------------|
| muitos não sabem o que fazer | <i>se, e somente se</i> | passada a fase de euforia por chegar à aposentadoria |
| muitas mudanças nos costumes e nos hábitos diários acontecem em sua vida | <i>se, e somente se</i> | com a aposentadoria |
| surge um tempo enorme e ocioso pela frente | <i>se, e somente se</i> | de um momento para o outro |
| pode supor que tornou-se um estorvo na família | <i>se, e somente se</i> | por não se sentir mais produtivo |

Assim, cada mudança, ou implicações geradas pela aposentadoria (tempo ocioso, estorvo familiar, etc.), são realizadas por Temas da Seleção Proeminente:

Com a aposentadoria, *muitas mudanças nos costumes e nos hábitos diários acontecem em sua vida,*
Tema/Adjunto/Circunstância Rema

Além disso, por não se sentir mais produtivo, pode supor que tornou-se um estorvo na família

Tema/Hipotática/Circunstância Rema

de um momento para o outro *surge um tempo enorme e ocioso pela frente*
Tema/Adjunto/Circunstância Rema

Os Temas Proeminente oferecem dois tipos de recursos: (i) perspectiva, que implica em mudança no foco de interpretação do assunto do texto dentro de uma mesma fase; (ii) intensivo, que implica em introdução de, ou contraste com, um novo assunto e subsequente mudança de fase.

A principal função do Tema Perspectiva é colocar em posição temática um elemento que ofereça alguma perspectiva, que pode ser temporal, causal, condicional, etc. O termo perspectiva gera o TEMA PERSPECTIVA, em geral realizado por Adjunto/Circunstância de Intensificação.

As principais funções do Tema Intensivo são colocar algum elemento da transitividade nuclear (incluindo Circunstâncias agnatas) e as estruturas de predicação na posição temática. O termo intensivo gera o TEMA INTENSIVO e pode ser realizado por algum elemento transitivo que não conflua com o elemento crítico do MODO, ou por um grupo (nominal, verbal, frase preposicional) fora da organização transitiva e interpessoal da oração (ver figura 3.21).

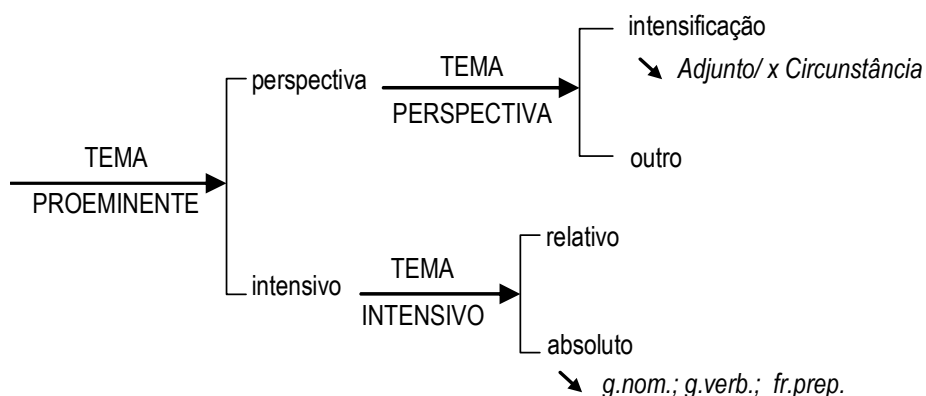


FIGURA 3.21 – SELEÇÃO PROEMINENTE

Diante da necessidade de se diferenciarem os termos da SELEÇÃO TEMÁTICA em Default e Proeminente, cabem aqui algumas considerações sobre o conceito de marcação textual do português brasileiro.

3.8.1 Considerações Sobre a “Marcação Temática”

Emprega-se a noção de ‘marcação’ em linguística para se classificarem escolhas menos prováveis, não-esperadas, incomuns, raras, fora do padrão (cf.: Butt *et al.*, 1994, p. 139). Todavia, os critérios que avaliam se uma opção é marcada, em geral, variam, pois interpretam a marcação de determinada escolha a partir de pontos de vista distintos.

No espectro textual, a marcação pode ser considerada a partir da estratificação – na relação entre mensagem, TEMA e INFORMAÇÃO; e da instanciação – no que tange escolhas segundo o potencial disponível para um determinado tipo de texto (relativo à frequência). Devido ao fato de determinada exigência, quer originada pela natureza da realização, quer pela restrição instancial, colocar pressão no sistema para que ocorram determinadas escolhas, a dimensão sistêmica deve ser, igualmente, considerada. Desta maneira, para a gramática textual do português brasileiro, é importante que a decisão de se interpretar a marcação do Tema contemple esta diversidade.

Na estratificação, a marcação pode ser considerada “de cima”, a partir do discurso, quando acontece uma mudança na orientação para o campo, denominada “marcação discursiva”. Por exemplo:

(18)

[FASE 1] A sociedade Mundurukú dispõe de uma organização social baseada na existência de duas metades exogâmicas, que são identificadas como a metade vermelha e a metade branca. [FASE 2] **Atualmente**, são cerca de 38 os clãs mais conhecidos, que estão divididos entre as duas metades,

(19)

[FASE 1] A sublimação, por sua vez, é a passagem direta da água da fase sólida (por exemplo, a água das geleiras) para a de vapor. [FASE 2] **Depois de evaporar**, a água, em forma de vapor, é transportada pelas massas de ar para as regiões mais altas da atmosfera.

(20)

[FASE 1] Uma pessoa que trabalhou a vida toda tem dificuldade em lidar com esta nova realidade. [FASE 2] **Passada a fase de euforia por chegar à aposentadoria**, muitos não sabem o que fazer, pois não pensaram nem planejaram como seria o seu futuro depois que se aposentassem.

Nestes exemplos, a fase 2 sempre indica que alguma mudança ocorreu no texto. ‘*Atualmente*’ indica que o autor vai falar sobre a sociedade Mundurukú, mas nos dias de hoje; ‘*depois de evaporar*’ ainda trata do ciclo da água, mas indica o que acontece com a água a partir deste estágio do ciclo; e ‘*passada a fase de euforia por chegar à aposentadoria*’ ainda fala de aposentadoria, mas sugere que o texto tratará apenas de quem já se aposentou.

Em geral, o Tema marcado a partir do discurso é realizado por recursos gramaticais específicos, como é o caso das opções da SELEÇÃO PROEMINENTE. Nos três exemplos anteriores, a fase 2 é introduzida por este tipo de Tema. Contudo, nem sempre este é o caso. Um exemplo pode ser encontrado no texto 3.10, apresentado a seguir:

TEXTO 3.10:

BONS TÍTULOS DE VERÃO

Apesar de ser uma época normalmente de entressafra no mercado editorial brasileiro, com poucos títulos sendo lançados, há bons volumes à espera dos leitores

Verão normalmente é sinônimo de férias, muito calor e poucos livros sendo lançados. **Os principais títulos das editoras** acabam chegando mesmo às livrarias depois do carnaval, quando as águas de março levam o verão e fazem o ano ganhar seu ritmo acelerado. **Mas mesmo assim, as editoras** não deixam de colocar alguns bons livros nas prateleiras para aguçar o paladar literário do leitor. **Veja** abaixo uma seleção de alguns destes bons exemplares de veraneio.

Salim na claridade, org. Flávio José Cardoso. Ed. FCC. 160 págs. — **Salim Miguel, libanês de nascimento e brasileiro — e principalmente catarinense — de coração**, é um dos grandes nomes da literatura brasileira contemporânea. **Um de seus últimos livros, Na a escuridão — uma lembrança da chegada de sua família ao Brasil em 1927, quando ele tinha apenas três anos de idade** — foi aclamadíssimo pela crítica e Ø teve uma excelente aceitação por parte do público, além de ganhar o prêmio APCA de melhor livro de 1999.

O tipo de texto do texto 3.10 é propaganda de livros; pertence ao processo sócio-semiótico recomendar. No entanto, no início da leitura, não é possível ainda identificar esta sua função. O título, o subtítulo e os três primeiros complexos oracionais poderiam muito bem pertencer a uma reportagem, a um ensaio, ou a uma resenha. É somente a partir do quarto complexo oracional, “**Veja** abaixo uma seleção de alguns destes bons exemplares de veraneio”, que o leitor pode identificar com maior precisão o tipo de texto.

Caracteristicamente, o impacto de textos que procuram controlar o comportamento do ouvinte (recomendar), recai sobre alguma oração no Modo Imperativo, tendo precisamente o leitor como Sujeito, aliada ao conteúdo experiencial de se fazer o que o falante recomenda. No texto 3.10, a oração que começa com ‘Veja’ cumpre esta função. Assim, a partir dela, o escritor do texto pretende que o leitor consuma os livros que lhe são indicados.

Em termos semânticos, esta oração representa uma mudança não só de fase, mas também do assunto do texto – que passa de um ensaio sobre a leitura no verão para a propaganda de livros. Logo, semanticamente, esta oração inicia uma nova onda de informação. Porém, gramaticalmente, a escolha temática foi por um Tema: Default: Imperativo, realizado por Predicador/Processo. Tem-se então, “marcação discursiva”, mas não “marcação gramatical”.

Cabe ressaltar que este é um recurso bastante empregado pelos tipos de texto do recomendar – criar uma tensão entre a marcação discursiva e sua realização não-marcada pela

gramática. Esta tensão possibilita introduzir novas fases ao texto como se já fizessem parte do discurso, como se a nova fase não fosse a introdução de uma nova orientação para o campo, mas simplesmente a conclusão natural do argumento construído na fase anterior.

A seguir se apresenta mais um exemplo.

(21) *Sua vida muda, sua casa também precisa mudar. **Coral** ajuda você a escolher as cores que combinam com cada momento da sua vida.*

Neste caso também um Tema: Default: Indicativo: Declarativo, realizado por Sujeito/P1, representa semanticamente uma mudança de fase, mas gramaticalmente não representaria.

Ainda na estratificação, a marcação pode ser também considerada “de baixo”, a partir da organização dos elementos que constituem a oração. Como foi visto anteriormente, os sistemas de ORIENTAÇÃO cosseleccionam opções para a SELEÇÃO TEMÁTICA de forma que se disponibilizem opções default para o Tema. Assim, quando estas opções não são selecionadas, caminha-se na direção da “marcação gramatical”. Por exemplo:

(22)

*Então, eu frequentava episodicamente o CRUSP também. Eu era da turma do Rafael De Falco. Lá eu frequentei bastante no período em que houve a contestação da eleição da UEE e que nós tínhamos o José Dirceu eleito Presidente da UEE, em nossa opinião legitimamente, e a AP, que reivindicava a eleição da Catarina Meloni. E sequer tinha sido candidata; **candidato** era o Davila, que perdeu a eleição, e a primeira-vice assumiu a UEE.*

O Tema em destaque é a cosseleção de opções não-default: não-orientado & não-direcional & seleção proeminente. Desta maneira indica uma seleção gramatical marcada (Tema/Não-P1/Não-Sujeito).

A marcação gramatical pode ocorrer sem que haja uma mudança no campo do texto, mas apenas a mudança para a interpretação do Rema de uma oração. Neste caso, a implicação discursiva não é a mudança no campo, mas o destaque de determinada característica do campo, restabelecendo a base de interpretação para o restante da oração.

Este é o caso do exemplo anterior: ‘candidato’ indica destaque ao valor atribuído ao Participante ‘Davila’, assim como o contraste com a ‘Catarina Meloni’. Porém, discursivamente, todo o texto está compreendido em uma mesma fase, que trata das memórias do autor à época em que frequentava o CRUSP.

A marcação também pode ocorrer devido a motivações do sistema de INFORMAÇÃO. Como foi visto anteriormente, em geral, o Novo recai sobre o último elemento do Rema e o

Dado conflui com o Tema. No entanto, é possível que a mensagem nova ocorra em conjunto com a posição temática, o que constituiria a “marcação informacional”. Por exemplo:

(23)

Gente, eu sou Jandira, do coletivo de mulheres lésbicas, homossexuais do Distrito Federal, e a gente tá aqui-- a gente trabalha durante todo o ano, aqui no Distrito Federal pela garantia dos nossos direitos. Porque os direitos humanos, eles têm que ser respeitados e garantidos acima de tudo.

// 3 Gen/te // 3 eu sou Jan/dira // 3 do cole/tivo de mu/lheres / lésbicas homossexu/ais // 1 do Distrito Fede/ral // 3 e a gente tá a/qui // 3 a gente tra/balha durante / todo o / ano // 3 aqui no Distrito Fede/ral // 1 pela garan/tia dos nossos di/reitos // 3 Porque os di/reitos hu/manos // 3 eles /têm que ser respei/tados // 3 e garan/tidos // 1 acima de /tudo //

A principal função da “marcação informacional” é colocar o elemento Novo em posição temática. No caso do exemplo, que é um discurso em manifestação pelos direitos da pessoa homossexual (processo sócio-semiótico habilitar), a autora dá, no segundo complexo oracional, destaque ao item ‘direitos humanos’, que é introduzido no texto como informação nova. Este é realizado como Tema: Assunto e, em seu grupo tonal, ganha proeminência tônica.

É importante ressaltar que a marcação informacional pode não coincidir com a marcação gramatical e/ou discursiva. Por exemplo:

(24)

... porque a principal forma de riqueza estadunidense está em cima de uma indústria; a indústria alimentícia, a indústria de automóveis, a indústria de refrigerantes, a indústria de roupas está toda atrelada à indústria bélica. Isso todo mundo sabe.

// 1 porque a princi/pal forma de ri/queza estaduni/dense está em cima de uma in/dústria // 3 a in/dústria alimen/tícia // 3 a in/dústria de auto/móveis // 3 a in/dústria de refrige/rantes // 3 a in/dústria de /roupas // 3 está /toda atre/lada // 1 à in/dústria /bélica // 1 Isso / todo mundo /sabe //

Este texto é uma aula (processo explicar) sobre o imperialismo norte-americano. No segundo complexo oracional, o autor procura resumir o que entende ser conhecimento compartilhado, colocando-o no Tema/P2: Fenômeno/Complemento – ‘isso todo mundo sabe’.

A uma primeira leitura, espera-se que este elemento também realize a função de Novo, uma vez que os Temas Não-Default confluem em geral com informação nova, pois seu emprego busca provocar alguma mudança no texto e a realização informacional esperada é a de ser informação nova (// 1 Isso / todo mundo / sabe //).

No entanto, devido ao fato de o autor do texto procurar criar o significado de “compartilhamento da informação”, este Tema marcado gramaticalmente não conflui com o Novo, que recai no Rema/P1: Experienciador/Sujeito, contribuindo assim para dar o status de informação Dada ao Tema marcado (// 1 Isso / todo mundo / sabe //). Ao mesmo tempo, o autor dá destaque de Novo ao Sujeito/P1, que é exatamente o elemento que sugere o compartilhamento da informação.

O último tipo de marcação aqui referido diz respeito à instanciação. Trata-se da probabilidade de se escolher uma determinada configuração para exercer a função de Tema, relativa a sua frequência. Conforme os dados quantitativos apresentados anteriormente na Tabela 3.1, os Temas Default respondem pela maioria das ocorrências. Assim, os Temas Proeminentes, do ponto de vista do “mais usado” também são marcados, uma vez que são os menos usados (ver Tabela 3.2).

TABELA 3.2
Marcação temática e instanciação

| SELEÇÃO | ORIENTAÇÃO | NÚMERO DE OCORRÊNCIAS NO CÓRPUS DESTAS FUNÇÕES | NÚMERO TOTAL DE OCORRÊNCIAS DO CÓRPUS (SOMANDO-SE TODAS AS FUNÇÕES) | % RELATIVA AO NÚMERO TOTAL DE OCORRÊNCIAS DO CÓRPUS |
|--------------------|------------------------------------------|------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------|
| <i>default</i> | Orientado; Direcional | P1/SUJEITO DECLARATIVO (2.498) | DECLARATIVO (3.691) | 67,68% |
| | | EXISTENCIAL DECLARATIVO (205) | DECLARATIVO (3.691) | 5,55% |
| | P1/SUJEITO POLAR (45) | POLAR (69) | 65,21% | |
| | P1/SUJEITO ELEMENTAL (16) | ELEMENTAL (135) | 11,85% | |
| | | PROCESSO/PREDICADOR IMPERATIVO (286) | IMPERATIVO (333) | 85,88% |
| | | TOTAL: 3.050 | TOTAL: 4.228 | 72,13% |
| | Não-orientado; Direcional | ÂNGULO (21) | 24 | 87,5% |
| | Orientado; Não-direcional | COMPLEMENTO (59) | 135 | 43,70% |
| ADJUNTO (58) | | | 42,96% | |
| <i>proeminente</i> | Não-orientado; Não-direcional | PERSPECTIVA | | |
| | | DECLARATIVO (796) | DECLARATIVO (3.691) | 21,56% |
| | | POLAR (7) | POLAR (69) | 10,14% |
| | | IMPERATIVO (34) | IMPERATIVO (333) | 10,21% |
| | | TOTAL: 837 | TOTAL: 4.228 | 19,79% |
| | INTENSIVO | DECLARATIVO (126) | DECLARATIVO (3.691) | 3,41% |
| | | POLAR (3) | POLAR (69) | 4,34% |
| | | IMPERATIVO (4) | IMPERATIVO (333) | 1,2% |
| | | TOTAL: 133 | TOTAL: 4.228 | 3,14% |

Diante destas considerações sobre o conceito de ‘marcação textual’, é possível observar que, com efeito, constitui-se como uma noção complexa. Deste modo, caberá muitas

vezes ao analista determinar a extensão do conceito de marcação que melhor contribui para a interpretação de seus dados. De maneiras diferentes, é possível estabelecer não uma dicotomia entre marcado e não-marcado, mas sim um contínuo tendo estes como pólos. Um dos critérios pode ser a confluência entre marcação gramatical, semântica, de informação (fonológica), e instancial (probabilística). Poderia ser maior o caráter marcado se o falante empregar todos os recursos marcados sobrepostos (ver Figura 3.22).

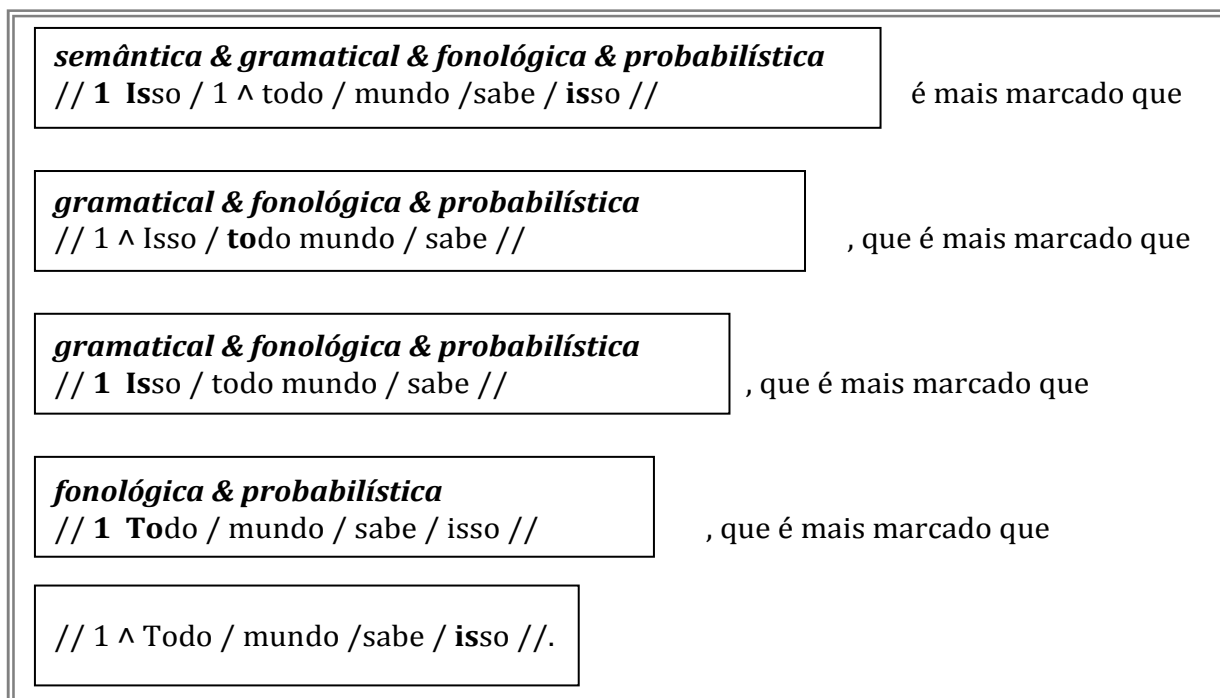


FIGURA 3.22 – Contínuo de marcação

O que é mais importante destacar aqui é que entende-se, neste trabalho, que a marcação temática não é uma opção gerada por um sistema textual. Portanto, a marcação *não é uma função gramatical*, mas sim *uma síndrome*, como mostra a Figura 3.22, que se manifesta quando vários aspectos são considerados. Neste sentido, expressões como “Tema marcado” não podem ser consideradas como um tipo de Tema, em oposição ao “Tema não-marcado”, uma vez que, dependendo dos critérios, a marcação reflete escolhas bastante distintas da produção de significado, além de incluir-se como “marcada” uma gama de diferentes funções.

Dizer que a função de um Tema é ser marcado porque é a opção menos usual, para qual há um bom motivo de não se ter escolhido a opção não-marcada, é como dizer que os Processos Mental, Relacional e Verbal são “Processos Materiais Marcados”, uma vez que representam a experiência de um ponto de vista diferente – portanto há um bom motivo – e são instanciados menos vezes na totalidade do sistema; ou que uma Declarativa Interrogativa

ou uma Imperativa são uma “Declarativa Afirmativa Marcada”, uma vez que a primeira é uma Afirmativa sem Polaridade e a segunda é uma Afirmativa de Comando; além de sua probabilidade de ocorrência ser menor. Sistemicamente, ‘Processo Material Marcado’ ou ‘Afirmativa Marcada’ não fazem sentido justamente porque a função do Processo Material é diferente daquela do Processo Mental, Relacional ou Verbal, além destes últimos também serem diferentes tipologicamente entre si. Da mesma forma, a função da Interrogativa ou da Imperativa é diferente daquela da Declarativa; sendo que Interrogativa e Imperativa são também muito diferentes entre si.

No caso ideacional o paradigma se compõe de Material ou Mental ou Relacional ou Verbal, e não de Material Não-Marcado ou Material-Marcado. No caso interpessoal o paradigma é Imperativa ou Declarativa e Declarativa Afirmativa ou Interrogativa. Isto porque têm-se claras as diferenças entre estas funções. Então, por que no caso textual o paradigma é Tema Não-Marcado ou Tema Marcado, uma vez que o Tema Marcado engloba funções tão distintas entre si quanto aquelas de Processo Mental e Relacional?

Dizer que existe uma função textual chamada Tema Marcado é o mesmo que dizer que ela é um “Tema Não-Marcado Marcado” e que Tema Processo, Tema Predicado, Tema Circunstância, são todas funções intercambiáveis, o que, faz tanto sentido quanto colocar sob um mesmo rótulo funcional Processos Mental, Relacional e Verbal.

O que se faz necessário, então, é dar mais um passo na delicadeza descritiva para que as opções do paradigma textual possam ser melhor contempladas. Após estas considerações, passa-se a seguir à apresentação das opções mais delicadas da SELEÇÃO PROEMINENTE.

3.9 Tema Perspectiva

Semanticamente, o trabalho do Tema: Perspectiva é oferecer uma perspectiva que pode ser temporal, causal, condicional, etc. ao quantum de mudança quando é Tema. Isto pode ser visto no texto 3.11 a seguir:

TEXTO 3.11:

Não são somente os aspectos biológicos das baleias que precisam ser considerados, mas também a constante violação das regras internacionais pela indústria baleeira. **Em 1994**, descobriu-se que, durante os anos 60 e 70, a frota baleeira soviética na Antártica estava envolvida em um gigantesco esquema organizado de fraudes, capturando dezenas de centenas de baleias a mais do que permitido em suas quotas, inclusive de espécies ameaçadas. **Naquela época**, algumas dessas trapaças continuaram, sem que pudessem ser percebidas, mesmo depois que a CBI introduziu um Esquema de Observador Internacional a bordo dos navios de captura.

Em 1998, foi revelado que, no Pacífico Norte, navios baleeiros soviéticos também se envolveram no contrabando de grande escala **e, na costa japonesa**, a indústria baleeira capturou cachalotes para a produção de óleo de baleia, mas falsificou relatórios para a CBI sobre o número, comprimento e gênero das baleias capturadas.

O texto 3.11 pertence ao processo sócio-semiótico explicar e apresenta um panorama das violações cometidas pela indústria baleeira. A forma como o autor escolheu para apresentar este panorama foi tomar como fio condutor o “passar do tempo”, dando-lhe, assim, uma perspectiva temporal, acrescida de, em menor escala, uma perspectiva geográfica. Além da perspectiva temporal, outros tipos de perspectiva também podem introduzir subfases ao texto. Por exemplo:

(25) Perspectiva espacial:

*Numa assadeira média (forre com papel de alumínio) coloque fatias do pão e molhe com o líquido. **Por cima** coloque camadas de frango, de novo fatias de pão, molhe e coloque camadas de cenoura e assim sucessivamente, alternando cenoura e frango.*

(26) Perspectiva causal:

*Outros jogadores que estiveram no Mundial de 2006 também voltaram para o País. Zé Roberto passou pelo Santos, logo após a Copa, e jogou a Libertadores 2007. **Como não conseguiu conquistar a competição sul-americana**, o meia retornou ao futebol da Alemanha. Hoje está no Hamburgo.*

(27) Perspectiva condicional:

*E lembrem, as informações aqui prestadas, são da documentação básica a ser exigida, **em caso de dúvidas** sempre procure a orientação um profissional da área.*

Gramaticalmente, o Tema: Perspectiva é realizado pela confluência de um Adjunto Circunstancial e uma Circunstância.

O sistema gerado pela opção Tema: Perspectiva é o TEMA PERSPECTIVA, que, por sua vez, possui dois termos: ‘intensificação’, realizado por Adjunto/Circunstância de Intensificação. E ‘outro’ que, dependendo do tipo de texto, algum outro recurso do sistema pode ser empregado com função semelhante à intensificação, consistindo, portanto um Tema

Perspectiva. Por exemplo, as Circunstâncias de Papel, que podem assumir esta função em um texto que exige a opinião técnica de um profissional. Por exemplo:

(28)

*Agora, eu digo o seguinte... O Caioli (José Paulo Dorneles Caioli, presidente da Federasul), vamos pegar o Caioli, se ele sabe alguma coisa do nosso governo, que poder ele tem para enfrentar a mim e à governadora? Nenhum, como presidente da Federasul. Nenhum ou muito pouco, vamos dizer assim. **Agora, como vice-governador,** eu tenho a obrigação, e eu não vou ficar quieto enquanto não mudar ou não demonstrar que nós estamos aí para fazer o que tem que ser feito.*

Neste caso, a perspectiva do participante é realizada como Circunstância: Papel: preposição ^ grupo nominal: enquanto vice-governador.

Em termos quantitativos, o levantamento mostra que o Tema Perspectiva é um recurso bastante utilizado, sendo um dos mais frequentes em todo o cópuz (ver tabela 3.2 e quadro 3.16).

As Circunstâncias: Intensificação são, em geral, periféricas na configuração transitiva, do mesmo modo como os Adjuntos: Circunstanciais o são na configuração interpessoal, não fazendo parte do Modo. Em outras palavras, este tipo de Tema se distancia tanto da organização interpessoal, que não possui relevância para a constituição do Modo; bem como para a direcionalidade, pois este elemento não possui relevância para o movimento do quantum de mudança.

Talvez isto possa explicar a maior facilidade para estes elementos ocuparem a posição temática e de o Tema Perspectiva ter frequência elevada em todos os tipos de texto do cópuz. Da mesma forma, apesar de este tipo de Tema ser não-orientado para o Modo e não-direcional, tem-se com ele, um efeito de marcação fraco. Neste aspecto, a gramática textual do português se aproxima tipologicamente de línguas como o alemão (cf.: Steiner e Ramm, 1995; Steiner e Teich, 2004) e se distancia de línguas como o inglês (cf.: Halliday e Matthiessen, 2004) e o francês (cf.: Caffarel, 2006).

Cabe chamar atenção para o fato de as Circunstâncias poderem ser empregadas mais proximamente ao núcleo da configuração transitiva, como Atributo: Circunstancial, ou como forma agnata do Escopo. Nestes casos, sua realização no Tema se caracteriza como opção intensiva, uma vez que provocam mudança ou destaque no assunto do texto.

3.10 Tema Intensivo

A outra opção temática que possui proeminência é o TEMA INTENSIVO. Este gera um sistema de dois termos: Absoluto e Relativo. O termo Relativo, por sua vez, é condição de entrada para o sistema RELATIVO que tem as opções Papel Transitivo (que inclui as opções Nuclear: Participante e Nuclear: Processo; e Circunstancial: Expansão e Circunstancial: Assunto) e Predicação. Ver Figura 3.23 a seguir.

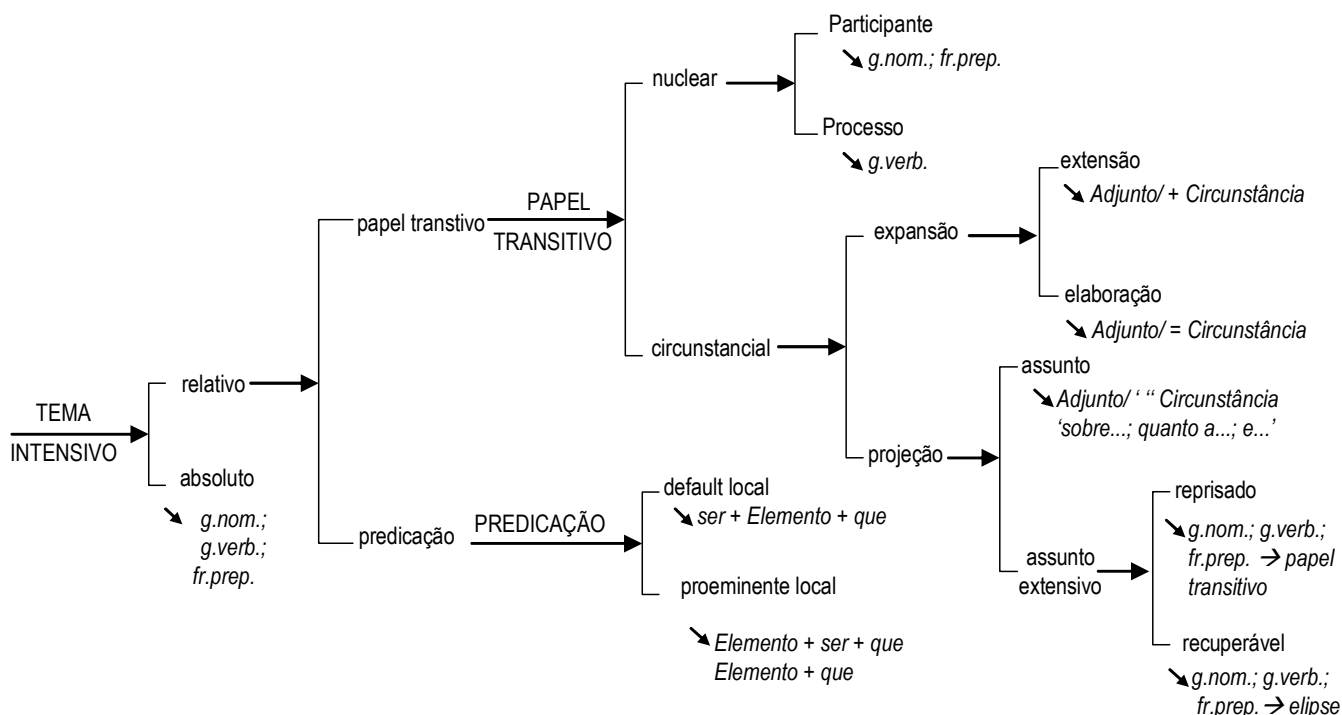


FIGURA 3.23 – Tema Intensivo

3.11 Absoluto

O Tema Absoluto possui uma característica particular em relação aos outros tipos de Tema por ser exclusivamente textual. Assim, o elemento que realiza este tipo de Tema não conflui com qualquer elemento ideacional ou interpessoal. Este é realizado por algum elemento da ordem do grupo apenas. Devido a esta característica, sua relação com o restante da oração é interpretada apenas em termos textuais, o que significa que, em geral, sua contribuição para o texto é dar destaque a um novo assunto que está por vir. Por exemplo:

(29) Mas essa história de comunicação verbal, a palavra é uma coisa muito importante.

(30) Gosto de me sentir bem, bonita, porque ser feliz é o que importa. Racco, você mais feliz hoje.

(31) **Minha gente, o feto**, na gestação, o agente passivo é mãe...

(32) **Isso**, eu quero trafegar no eixo científico teológico, porque não é uma questão religiosa idiota.

(33) **No caso dos projetos didáticos**, é preciso estabelecer, em primeiro lugar, o que os alunos já têm condições de decidir sozinhos e deixá-los agir”.

Como se vê pelos exemplos, o Tema Absoluto não possui qualquer ligação gramatical que não seja textual com o restante da oração e, a relação entre este e a interpretação do Rema se faz por relações semânticas.

3.12 Papel Transitivo

Neste se incluem duas opções: nuclear e circunstancial. A função da opção nuclear é colocar Participantes (P2 e P3) e o Processo (nas indicativas) em posição temática. Semanticamente, sua função é, em grande medida, provocar contraste à fase que se desenvolve, ou dar destaque – incluindo a introdução – a um elemento em específico (ver Quadro 3.16 e Figura 3.18).

Já o termo circunstancial inclui os elementos circunstanciais de Expansão: Extensão e Elaboração e Projeção: Assunto. Estas são agrupadas como Circunstâncias limítrofes, pois cumprem no ambiente oracional função agnata à dos Participantes. Assim, estas têm sua função separada das Circunstâncias de Intensificação cuja função é oferecer uma perspectiva à fase do texto. Em outras palavras, as Circunstâncias de Intensificação, quando são Circunstâncias periféricas, não são capazes de criar contraste ou dar destaque a um elemento em posição temática.

QUADRO 3.16
Papel Transitivo Nuclear

| | |
|----------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Participante 2 | Há cursos que custam R\$ 60, R\$ 70, <u>mas 80% do dinheiro</u> investido você retira em produtos de beleza. [TEXTO 137] ... <u>porém a culpa</u> tenho eu em não aceitar o que me davam nas tuas costas. [TEXTO 159] <u>Feliz</u> é o cristão que aprende que a oração cura as feridas. [TEXTO 32]. |
| Participante 3 | <u>A mim</u> ela nunca fez isso. [TEXTO 176] ...o remedinho é uma aspirina. <u>Pra criança</u> só vai baixar a febre. [TEXTO 177] <u>A esses colaboradores, condenados ao anonimato</u> , um muito obrigado. [TEXTO 09] |
| Processo | <u>Saiu</u> o pregador evangélico a semear [TEXTO 16] <u>Anuncia</u> a deputada com voz profética e firme. [TEXTO 19] <u>Sr. Ministro, preocupa</u> -me muito esse fato. [TEXTO 144] |

3.13 Expansão

Diferentemente dos Temas realizados pela confluência de um Adjunto e uma Circunstância: Intensificação, os Temas realizados pela Circunstância: Expansão não oferecem uma perspectiva à fase ou à interpretação do Rema, mas, mais proximamente ao trabalho realizado por Processos, P2 e P3 provocam contraste à fase que se desenvolve, dão destaque, ou introduzem um elemento em específico. Por exemplo:

QUADRO 3.17
Tema: Extensão e Tema: Elaboração.

| | |
|-------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Elaboração | Elaboração:Papel: <i><u>Como especialista na questão ambiental</u></i> , ele poderia ajudar com livros e informações. |
| Extensão | Extensão:Acompanhamento: <i><u>Comigo</u></i> iam cinco ou seis damas elegantes... |

Gramaticalmente isto se deve ao fato de estes elementos circunstanciais, apesar de não serem nucleares, não são periféricos às configurações transitivas, mas são *limitrofes*. Isto significa dizer que para estes elementos há uma forma agnata próxima na configuração nuclear (cf.: Halliday & Matthiessen, 1999, p. 219).

QUADRO 3.18
Agnação e Circunstâncias de Expansão.

| | | | |
|-------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Elaboração | Ente no grupo nominal: <i><u>O especialista na questão ambiental</u></i> poderia ajudar com livros e informações. | Elaboração:Papel: <i><u>Como especialista na questão ambiental</u></i> , ele poderia ajudar com livros e informações. | Valor (oração relacional): <i><u>o especialista na questão ambiental</u></i> é ele, e poderia ajudar com livros e informações. |
| Extensão | Ente no grupo nominal: <i><u>Eu e cinco ou seis damas</u></i> íamos | Extensão:Acompanhamento: <i><u>Comigo</u></i> iam cinco ou seis damas elegantes... | Ator (oração material): <i><u>Cinco ou seis damas</u></i> me acompanhavam. |

Como foi dito na seção 3.9, Circunstâncias de Intensificação quando empregadas mais proximamente ao núcleo da configuração transitiva, como Atributo: Circunstancial, ou como forma agnata do Escopo são geradas pelo termo Expansão do sistema.

Neste aspecto, observa-se que o levantamento reflete a discrepância no emprego dos elementos circunstanciais. Se por um lado a Intensificação representa o segundo Tema mais utilizado (Tema Perspectiva), o Tema Circunstancial responde por apenas 0,48% nas declarativas, não ocorrendo nos outros tipos de oração.

3.14 Assunto

No caso da projeção, a Circunstância: Assunto é a realização alternativa do Fenômeno e da Verbiagem. As Circunstâncias de Assunto raramente ocupam a posição temática quando compõem parte da relação experiencial da oração, o que se explica pela direcionalidade *default*. No entanto, quando estão fora da configuração transitiva, formam um recurso bastante eficiente na introdução de novos elementos ao fluxo discursivo. As opções disponíveis no sistema são o Tema Assunto, que é realizado pela confluência Adjunto / Circunstância: Assunto – portanto é um elemento da configuração transitiva e modal (marginal) e o Tema Assunto Extensivo que não toma parte diretamente nas configurações transitiva ou modal.

O Assunto Extensivo é, sob determinado ponto de vista, como o Tema Absoluto, uma vez que ao ser realizado não conflui com elementos da organização ideacional ou interpessoal da oração. Contudo, faz parte dos Temas de Projeção: Assunto, uma vez que faz parte da configuração oracional. Esta pode ser de dois tipos: reprisado ou recuperável.

Quando o Tema é reprisado, algum recurso coesivo é empregado e remete ao Tema. Os recursos mais comuns são a referência, ou a repetição. Já no caso do Tema ser recuperável, o recurso coesivo empregado é a elipse.

O levantamento mostra que no ambiente imperativo, não se verificou nenhuma ocorrência de Circunstância de Assunto. No indicativo, por sua vez, a maioria, 61,11%, é de Assunto Recuperável. Os Temas Absolutos propriamente ditos perfazem 36,11% das ocorrências. Finalmente, as Circunstâncias de Assunto (na configuração transitiva) são apenas 1 ocorrência, ou 2,77%.

QUADRO 3.19
Tema Assunto.

| | | |
|------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Assunto | Edney, concordo com seu ponto de vista e digo que tenho observado isso na prática, diariamente, através do projeto sd8, a twitterização de um romance meu. No início, eu visava apenas estudar se seria possível ou não uma twitteratura. Sobre isso eu já tenho opinião formada: sim é possível, apesar de sugerir uma relação diferente da que temos com os livros de papel. [TEXTO 26] | |
| Extensivo | Reprisado | <i>Aqueles teatros que tem ali na Praça Tiradentes</i> , eu acho que <u>eles</u> deveriam ter sempre. [TEXTO 200] <i>Então, a licença</i> , a GPL traz qualquer <u>licença</u> destes softwares todos! [TEXTO 5] O João, <u>o João</u> deve ter batido com a cabeça em algum lugar. [TEXTO 201] |
| | Recuperável | <i>Seu atestado médico</i> , você tem que trazer \emptyset quando chegar atrasada e não agora para mim. [TEXTO 201] <i>Quanto ao curso</i> , às vezes vale a pena investir \emptyset , viu? [TEXTO 135] <i>Já esta fórmula</i> , eu absolutamente não entendi \emptyset . [TEXTO 134] |

3.15 Tema Predicado

Como vimos acima, existem estratégias diferentes para se dar proeminência a determinado elemento da oração que, conseqüentemente, altera a forma de desenvolvimento do texto. Dentre estas, os recursos do Tema Predicado desempenham um papel diferenciado.

Gramaticalmente, este tipo de Tema é responsável por “identificar explicitamente o papel transitivo que o Tema possui na oração” (Matthiessen, 1995, p. 554).⁵¹ Em outras palavras, qualquer elemento da oração que realize uma função experiencial pode ganhar proeminência temática através dos recursos do Tema Predicado. Para tanto, a oração é dividida estruturalmente em uma igualdade. Por exemplo:

(34)

*Os cálculos aproximados revelaram uma população de 16.101 indivíduos, ou seja, 500 vezes mais do que o número de baleias avistadas. São usadas fórmulas matemáticas para calcular o número total de baleias a partir de números menores resultantes das avistagens reais. Essas fórmulas tentam levar em conta diversas variáveis, tais como o fato de que certas espécies de baleias tendem a crescer juntas em certas áreas. **E é nessas fórmulas** que existe um potencial enorme para erros acumulados.*

(35)

*A mesma supervalorização irradia-se pelo campo psíquico e se manifesta como uma cegueira lógica (enfraquecimento do juízo) perante as realizações anímicas e as perfeições do objeto sexual, e também como uma submissão crédula aos juízos dele provenientes. **Assim é** que a credulidade do amor passa a ser uma fonte importante, se não a fonte originária da autoridade.*

⁵¹ ...explicitly identify the Theme in the transitivity role it serves in the clause...

(36)

***Ora, é essa supervalorização sexual** que não suporta bem a restrição do alvo sexual à união dos órgãos genitais propriamente ditos e que contribui para elevar as atividades ligadas a outras partes do corpo à condição de alvos sexuais.*

(37)

*Eu era um agricultor da Serra de Escambray, no centro de Cuba. **Foi ali** que ouvi falar de revolução pela primeira vez.*

No caso do exemplo (34), há uma igualdade entre o local “nessas fórmulas” e o “potencial enorme”. No exemplo (35) a maneira “assim” é igualada à “credulidade do amor passar a ser...”; em (36), “essa supervalorização sexual” e o fato de ela “não suportar bem a restrição...”. No exemplo (37), o local “ali” se iguala ao local onde o agricultor “ouviu falar de revolução...”.

Como se pode observar, na estrutura do Tema Predicado está, no primeiro termo, a configuração “ser ^ Elemento (que)”, “Elemento ^ ser (que)”, ou ainda apenas “Elemento (que)” e, no segundo termo, o encaixamento de uma oração ao elemento destacado no Tema, sempre elaborando-o (na fórmula que existe um potencial enorme; a maneira como a credulidade do amor passa a ser; a supervalorização que não suporta bem a restrição; o local onde ouviu falar da revolução).

Além disto, cabe destacar que o primeiro termo, o Tema Predicado, possui duas estruturas diferentes que aumentam o potencial de produção de significado. Internamente, o Tema da estrutura predicado possui sua própria organização temática. Assim, a análise de orações com Tema Predicado possuem dois níveis de análise, revelando suas possíveis estruturas:

QUADRO 3.20
Tema Predicado.

| | | | |
|----------------------|--------------------------------------------|------|--------------------------------------------------------|
| <u>E é</u> | <u>nessas fórmulas</u> | que | existe um potencial enorme para erros acumulados. |
| <u>Assim</u> | <u>é</u> | que | a credulidade do amor passa a ser uma fonte importante |
| <u>Ora, é</u> | <u>essa supervalorização sexual</u> | que | não suporta bem a restrição do alvo sexual |
| <u>Foi</u> | <u>ali</u> | que | ouvi falar de revolução pela primeira vez. |
| Tema | Rema | Tema | Rema |
| Tema | | Rema | |

A Figura 3.24 a seguir apresenta o sistema de TEMA.

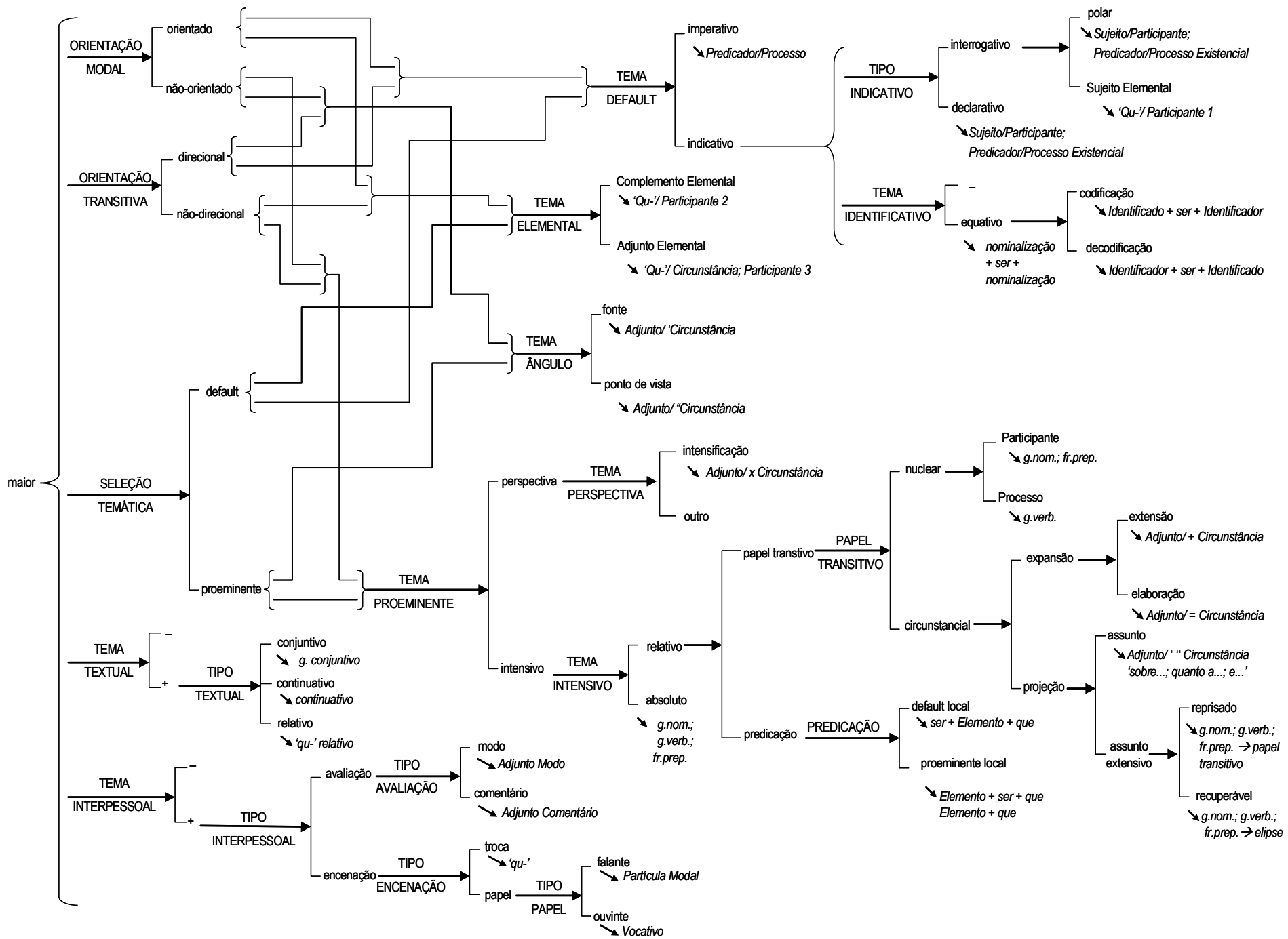


FIGURA 3.24 – O sistema de TEMA.

CAPÍTULO 4

A REALIZAÇÃO GRAMATICAL DA TROCA NO CONTEXTO BRASILEIRO: O SISTEMA DE MODO

INTRODUÇÃO

Este capítulo apresenta uma interpretação sistêmico-funcional dos sistemas gramaticais interpessoais que realizam a oração como troca (*clause as exchange*) em português do Brasil. O objetivo deste capítulo é investigar os recursos que evoluíram de forma a estabelecer as relações sociais⁵² no contexto brasileiro.

O capítulo está organizado da seguinte forma. Começando com a abordagem “de cima”, a Seção 1 irá apresentar a forma como os recursos linguísticos interpessoais são encenados no contexto brasileiro, incluindo seu uso nas trocas. A Seção 2 trata das quatro FUNÇÕES DISCURSIVAS básicas e a forma como podem ser caracterizadas em português brasileiro. A Seção 3 procurará descrever como as FUNÇÕES DISCURSIVAS são realizadas pelo sistema de MODO, juntamente com a apresentação de suas funções principais. Por fim, a última seção discorre sobre o português brasileiro como “língua em ação” no desenvolvimento do diálogo.

1 ENCENAÇÃO DA TROCA

A apresentação de um texto dialógico é o ponto de partida para as reflexões da encenação da troca. O texto 4.1 é a transcrição de uma conversa gravada entre duas pessoas, (A) e (B), conversando por telefone sobre uma reunião e sobre dinheiro.

TEXTO 4.1:

A (1) *Alô.*

B (2) *Tô aqui no escritório.*

A (3) *Mas eu tô em casa, irmão, tu mandou.*

B (4) *Não! Escritório tu me disse: eu te espero no escritório, Zé Otávio.*

A (5) *Ahn...*

B (6) *Era em casa. Tu me ligou daqui, disse: não, espera aí que eu tô indo aí, que é até melhor pra mim.*

⁵² ‘Social relations’ (cf. Matthiessen & Halliday, 2009).

A (7) *Ah... Entendi mal. Pode deixar com a Ana Cláudia.*

B (8) *Quanto que é?*

A (9) *Sete um.*

B (10) *Então ficou um pra trás, depois eu pego.*

A (11) *Ahn?*

B (12) *Veio sete zero.*

A (13) *Tá bom.*

B (14) *Eu deixo com ela aqui, tá?*

A (15) *Ahn... Quer que eu fale com ela ou não precisa?*

B (16) *Não, ela sabe o que fazer.*

Assim como em outras línguas, podemos ver que o diálogo em português brasileiro não se resume somente a transmitir os conteúdos experienciais. Apesar de estes conservarem proeminência em qualquer texto, a distribuição de papéis na troca possui igual importância (cf.: Halliday e Matthiessen, 2004). Desde a semântica, vemos que a distribuição de papéis em português brasileiro constitui-se como um passo fundamental para a troca de significados.

Igualmente a outros sistemas linguísticos (Halliday e Matthiessen, 2004; Caffarel *et al.*, 2004), vemos o português brasileiro empregado na troca (fornecer e demandar) tanto de “*mercadorias materiais*” (bens-&-serviços) quanto “*mercadorias semióticas*” (informação). Por exemplo, em (2), o falante B diz “*tô aqui no escritório*”. Neste caso, seu papel é de fornecer alguma coisa para o falante A. Em (3), o falante A assume o papel de fornecer alguma coisa para o B, “*mas eu tô em casa, irmão*”. Nesta porção de interação, a mercadoria que A e B estão trocando é informação. O que esta interação demonstra é a forma como os papéis são distribuídos de modo que a troca possa acontecer. Assim, a distribuição de papéis mostra-se uma parte fundamental na constituição do diálogo.

Examinando outra parte desta interação, em (8) “*quanto que é?*”, novamente um papel foi distribuído, dando início à troca de alguma mercadoria. Neste caso, B demanda informação de A. Em seu turno, A assume o papel de fornecer, “*sete um*”, a informação demandada por B. No (7), “*pode deixar com a Ana Cláudia*”, o papel de A ainda é de demandar, contudo a mercadoria trocada não é mais semiótica, mas sim material. Neste caso,

A dá um comando (polido) para B, demandando-lhe um serviço. Assim, a informação pode ser fornecida ou demandada, da mesma forma como podem sê-lo as mercadorias materiais; os serviços – fazer algo “*deixa o dinheiro com ela*”; ou os bens – fornecer algo “*me dá o dinheiro*”. Por exemplo, no (15), “*quer que eu fale com ela?*”, A oferece um serviço a B.

Com base na distribuição de papéis e mercadorias, passamos agora à análise das FUNÇÕES DISCURSIVAS, de forma a compreender como se codificam na língua.

2 FUNÇÕES DISCURSIVAS

A discussão sobre as FUNÇÕES DISCURSIVAS tem início com o texto 4.2, apresentado a seguir. O Texto 4.2 é um trecho d’*O Casamento*, romance de Nelson Rodrigues. Os personagens Antônio Carlos e Glorinha discutem no carro a possibilidade de ela estar grávida. Antônio Carlos (A) começa fazendo uma pergunta à Glorinha (G). O texto está disposto na forma de tabela, que também inclui à direita uma anotação de funções semânticas, gramaticais e fonológicas, da seguinte maneira:

- orientação: o papel do falante em seu turno.
- mercadoria: a troca de informação ou de bens-&-serviços.
- argumento: cada turno da troca (inicial ou respondente).
- FUNÇÕES DISCURSIVAS: as funções semânticas responsáveis pela troca de informação ou de bens-&-serviços de um falante que assume determinado papel na troca.
- MODO: o sistema gramatical responsável por realizar as FUNÇÕES DISCURSIVAS.
- movimento tônico.

TEXTO 4.2:

| | | orientação, mercadoria e argumento | FUNÇÃO DISCURSIVA | MODO | movimento Tônico |
|---|--------------------------------|---------------------------------------------------|------------------------------|------------------------------|-----------------------------|
| A | <i>Posso fazer a pergunta?</i> | demanda; informação; inicial | polar pergunta | indicativo: interrogativo | Subida |
| G | <i>Sei lá.</i> | demanda; informação; respondente | declaração | indicativo: declarativo | Queda |
| A | <i>Apanha o fósforo aí.</i> | demanda; b-&-s; inicial | comando | imperativo | Queda |
| | <i>Onde está?</i> | demanda; informação; inicial | elemental pergunta | indicativo: interrogativo | Queda |
| | <i>Apanhe</i> | demanda; b-&-s; inicial | comando | imperativo | Queda |

| | | | | | |
|---|----------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------|-----------------------|------------------------------|--------|
| | <i>e acenda aqui.</i> | demanda; b-&-s; inicial | comando | imperativo | Queda |
| | <i>O que eu queria te perguntar é o seguinte: e se você ficar grávida?</i> | demanda; informação; inicial | elemental pergunta | indicativo: interrogativo | Queda |
| G | <i>Grávida?</i> | demanda; informação; respondente | | menor | Subida |
| A | <i>Que é que você faz?</i> | demanda; informação; inicial | elemental pergunta | indicativo: interrogativo | Queda |
| G | <i>Mas só fizemos uma vez.</i> | demanda; informação; respondente | declaração | indicativo: declarativo | Queda |
| A | <i>E daí?</i> | fornecimento; informação; respondente | | menor | |
| | <i>Uma vez, basta.</i> | fornecimento; informação; inicial | declaração | indicativo: declarativo | Queda |
| | <i>Ora, Glorinha, se acontecer, o que é que você faz?</i> | demanda; informação; inicial | elemental pergunta | indicativo: interrogativo | Queda |
| | <i>Diz.</i> | demanda; b-&-s; inicial | comando | imperativo | Queda |
| G | <i>Não quero pensar nisso.</i> | demanda; informação; respondente | declaração | indicativo: declarativo | Queda |

No texto 4.2, é possível observar como os interlocutores desempenham os papéis de fornecer e demandar. Também a forma como trocam informação e bens-&-serviços. Similarmente a outras línguas (Caffarel *et al.*, 2004), o português brasileiro encena a troca fornecendo e demandando informação – criando *proposições*; e fornecendo e demandando bens-&-serviços – criando *propostas*.

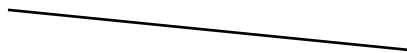
As proposições se caracterizam pela troca de declarações e perguntas, enquanto as propostas pela troca de comandos e ofertas. A análise do texto 4.2 mostra como as diferentes combinações de papéis e mercadorias formam as quatro FUNÇÕES DISCURSIVAS básicas em português brasileiro: declaração, pergunta, comando e oferta (cf.: Halliday e Matthiessen, 2004).

QUADRO 4.1
FUNÇÕES DISCURSIVAS iniciais.

| | <i>informação</i> | <i>bens-&-serviços</i> |
|-----------------|------------------------------------------------|----------------------------------------------|
| <i>fornecer</i> | [DECLARAÇÃO] <i>Não quero pensar nisso.</i> | [OFERTA] <i>Quer que eu fale com ela?</i> |
| <i>demandar</i> | [PERGUNTA] <i>Que é que você faz?</i> | [COMANDO] <i>Apanha o fósforo aí.</i> |

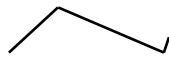
A gramática do português brasileiro desenvolveu recursos distintos para realizar declarações, perguntas e comandos.

Fornecer informação: As declarações são realizadas pela gramática do português brasileiro por orações indicativas declarativas, no modo verbal indicativo e movimento tônico de queda. Por exemplo:



(1) // [^] Não / quero pensar **nisso** //

Demandar informação: As perguntas elementais (perguntas ‘qu-’) demandam informação acerca de algum elemento faltante. As perguntas elementais são realizadas por segmentos⁵³ através da presença do ‘qu-’ e pela prosódia do movimento tônico de (subida)^queda^(meia-subida). Por exemplo:



(2) // **Onde** es/tá//

Além do segmento ‘qu-’, as perguntas elementais em português brasileiro podem apresentar, de forma semelhante ao francês, a partícula interpessoal ‘é que’, que realiza o Interrogador Modal (prosódia de junção) (cf.: ‘est-ce que’ Caffarel, 2004, p. 81).

⁵³ Por motivação textual, o segmento ‘qu-’ é geralmente tematizado. Contudo, este pode vir onde o elemento faltante deveria estar disposto na estrutura, ou no fim da oração como Novo (**O que** você falou com ela? Você falou **o que** com ela? Você falou com ela **o quê?**).

Por exemplo, quando o Antônio Carlos pergunta à Glorinha o que ela faria se ficasse grávida, ele demanda informação faltante sobre o comportamento dela nessa situação. A informação faltante é realizada pelo segmento ‘qu-’ ‘que’ e o Interrogador ‘é que’.

(3) // \wedge Que / é que você / faz //

A informação demandada pode também ser a polaridade de uma proposição. Neste caso, empregam-se as perguntas polares. Este tipo de pergunta é realizado em português brasileiro pelo modo verbal indicativo e prosodicamente pelo movimento tônico de subida⁵⁴. Por exemplo:

(4) // Posso fazer a per/gunta //

Demandar bens-&-serviços:

Os comandos são realizados em português brasileiro pelo MODO imperativo. Na gramática, o elemento com o modo verbal imperativo é geralmente colocado em primeira posição. Dependendo da força, a entonação dos imperativos pode variar. Quando a força é não-marcada, o movimento tônico é de queda na direção do final da oração. Quando a força é marcada, o movimento é de queda no grupo verbal e depois de nível até o fim da oração; ou de subida no grupo verbal e de queda na direção do final da oração (os diferentes tipos de realização dos comandos será discutida com mais detalhe a seguir na seção 3.3.2).

(5) **força não-marcada** // \wedge A/panha o / fósforo aí //

(5a) **força marcada** // \wedge A/panha o / fósforo aí //

(5b) **força marcada** // \wedge A/panha o / fósforo aí //

⁵⁴ É interessante observar que a realização de perguntas confirmatórias – que fazem parte de tipos mais delicados do MODO (Declarativo: Interrogativo: Polar) – é, de certa maneira, inversa em termos de prosódia fonológica: as perguntas elementais são realizadas pelo movimento de subida no fim da pergunta; e as perguntas polares são realizadas pela queda no fim da pergunta. Esta constatação sugere que a presença do segmento ‘qu-’ é fundamental para a diferenciação dos dois tipos de pergunta em português brasileiro.

Fornecer bens-&-serviços: Assim como em outras línguas (cf.: Caffarel *et al.*, 2004), não há uma realização típica para as ofertas em português brasileiro. Estas podem ser realizadas por orações interrogativas modalizadas, declarativas, ou ainda por imperativas com força neutra. O exemplo (6) mostra ofertas realizadas por orações imperativas e interrogativas:

(6) *Entra, senta-se. Quer um cafezinho? Uma água?*

O Quadro 4.2 apresenta as realizações congruentes para as FUNÇÕES DISCURSIVAS em português brasileiro.

QUADRO 4.2
Realização congruente das FUNÇÕES DISCURSIVAS (orações maiores).

| FUNÇÃO DISCURSIVA (inicial) | | prosódia | modo verbal | movimento tônico |
|-----------------------------|------------------|---------------------------|---------------------------|-----------------------------|
| <i>Declaração</i> | | entonação | indicativo | queda |
| <i>Pergunta</i> | <i>Elemental</i> | segmento (elemento 'qu-') | indicativo | subida-queda (subida-média) |
| | <i>Polar</i> | entonação | indicativo | subida |
| <i>Comando</i> | | segmento (morfema) | imperativo | subida-queda; queda |
| <i>Oferta</i> | | vários | indicativo; imperativo | vários |

Os argumentos respondentes variam conforme a função discursiva, bem como com a disposição do interlocutor ouvinte de se engajar na interação. Alguns exemplos das realizações típicas destes em português brasileiro são apresentadas no Quadro 4.3 (cf.: Martin & Rose, 2003, p. 226; Halliday e Matthiessen, 2004, p. 108).

As declarações (ex: veio sete zero) podem ser reconhecidas por meio de uma declaração respondente de concordância (ex: tá bom), ou pela Partícula Modal de confirmação com movimento tônico de subida (ex: é?). A contradição é comumente realizada pelo Adjunto marcador de polaridade negativa 'não', seguido de uma declaração contradizendo o argumento inicial (ex: não. Veio sete um).

QUADRO 4.3

Exemplos de realizações típicas de argumentos respondentes às FUNÇÕES DISCURSIVAS.

| <i>Inicial</i> | <i>Respondente</i> | |
|---------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | <i>esperada</i> | <i>arbitrária</i> |
| DECLARAÇÃO <i>Veio sete zero.</i> | RECONHECIMENTO Partícula Modal: <i>É?; Ah é?</i> ou declaração de concordância: <i>Tá bom.</i> | CONTRADIÇÃO NEG + declaração contraditória: <i>Não. Veio sete um.</i> |
| PERGUNTA ELEMENTAL <i>Onde está?</i> | RESPOSTA Elemento faltante: <i>Aqui.</i> | RENÚNCIA declaração negativa: <i>Sei lá.</i> |
| PERGUNTA POLAR <i>Posso fazer a pergunta?</i> | RESPOSTA Finito: <i>Pode</i> | RENÚNCIA NEG: <i>Não.</i> |
| COMANDO <i>Apanha o fósforo aí.</i> | OBEDIÊNCIA Predicador repetido como Finito no presente simples: <i>Apanho.</i> Expressão de comprometimento (oração menor): <i>tudo bem, perfeitamente, claro...</i> | RECUSA NEG: <i>Não.</i> NEG + Predicador repetido como Finito no presente simples: <i>Não apanho.</i> |
| OFERTA <i>Quer que eu fale com ela?</i> | ACEITE expressão de aceite (oração menor): <i>por favor; obrigado...</i> Finito: <i>Quero.</i> | REJEIÇÃO NEG + expressão de aceite: <i>não precisa; não, obrigado...</i> NEG: <i>Não.</i> |

As perguntas elementais (ex: onde está?), possuem como argumento respondente esperado o elemento faltante (ex: aqui) como resposta, ou uma declaração negativa como renúncia (ex: sei lá). Às perguntas polares (ex: posso fazer a pergunta?), os argumentos respondentes são em geral o Finito para esperado e positivo (ex: pode), ou o Finito e o Adjunto ‘não’ para esperado e negativo (ex: não). Por conseguinte, o que se chama pergunta ‘sim/não’ em várias línguas, em português brasileiro também pode ser chamado de pergunta ‘Finito/não’, uma vez que é o Finito retomado que se ocupa da resposta esperada à uma pergunta polar. O Adjunto ‘não’ sozinho é empregado quando a resposta é arbitrária (cujo significado pode ser parafraseado como “eu não quero responder”) e assim não resta qualquer elemento para ser retomado. De forma semelhante às contradições, a renúncia pode deixar a troca pendente para ser recomeçada, ou então terminá-la em definitivo.

Os comandos (ex: apanha o fósforo aí) e as ofertas (ex: quer que eu fale com ela) podem ser obedecidos ou aceitos, respectivamente, de modo não-verbal. Contudo, a sinalização verbal pode estar presente. O comprometimento de se obedecer a um comando comumente retoma o Processo confluído com o Predicador na oração imperativa e cria uma declarativa no

MODO indicativo no presente simples. Assim, o imperativo “*Apanhe-IMP-2SG*” se torna “*Apanho-IND-PRS-1SG*”. A recusa é realizada pelo acréscimo de ‘não’ à oração indicativa, “*Não apanho-IND-PRS-1SG*”. Já as ofertas são aceitas verbalmente por orações menores e rejeitadas por ‘não’ acrescentado às orações menores. De outra forma, se uma oferta for realizada por uma pergunta polar, então o argumento respondente se comporta como aquele das perguntas: ‘Finito’ ou ‘não’. A realização das FUNÇÕES DISCURSIVAS é apresentada na Figura 4.1.

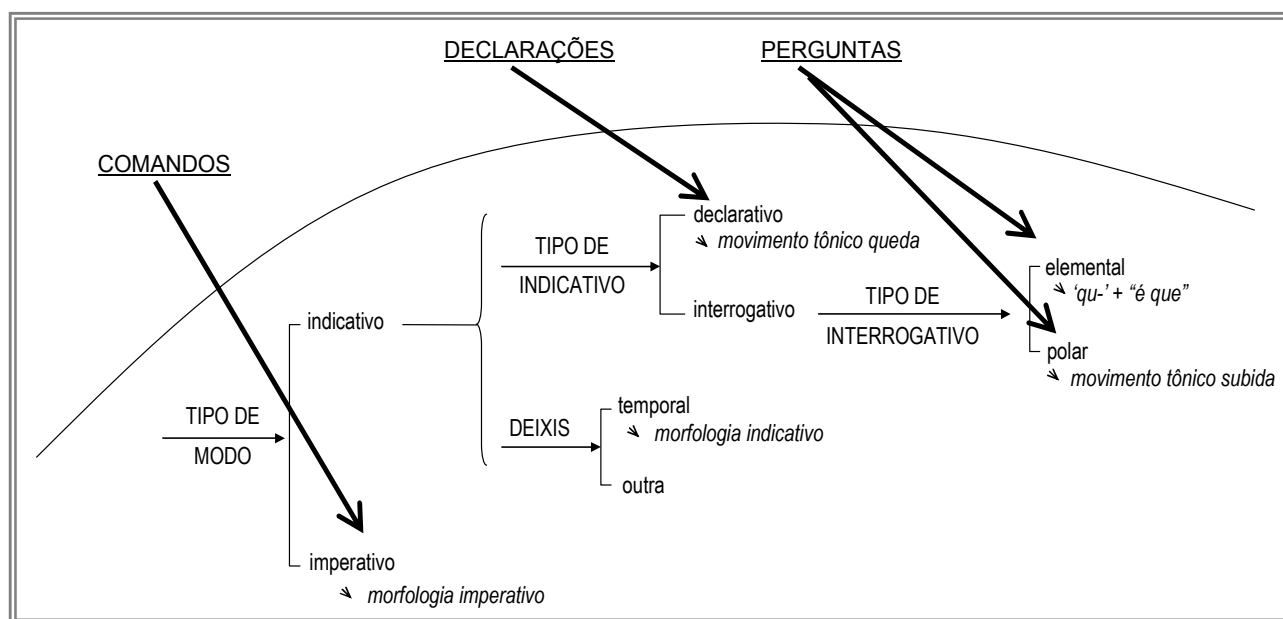


FIGURA 4.1 – Realização das FUNÇÕES DISCURSIVAS.

Na próxima seção, será examinada com maior detalhamento a forma pela qual as FUNÇÕES DISCURSIVAS são realizadas pela gramática interpessoal da oração em português brasileiro.

3 O SISTEMA DE TIPO DE MODO

O MODO indicativo realiza as proposições localizadas em algum ponto do tempo relativo ao “agora” da interação (momento da enunciação) e compreende tanto as orações declarativas quanto as interrogativas. As declarativas se diferem das interrogativas polares no que tange ao movimento tônico (declarativas, queda (1); polares, subida (2)). Quanto às interrogativas elementais, estas são realizadas pelo segmento ‘qu-’, movimento tônico de (subida)^queda^(meia-subida) (5, 5+), podendo apresentar igualmente o Interrogador ‘é que’. O MODO imperativo realiza os comandos e se difere do MODO indicativo por suas orações sempre estarem localizadas no “agora” da interação.

Gramaticalmente, a principal função que realiza as orações indicativas é o Finito. As imperativas, por sua vez, têm como principal função o Predicador, uma vez que estas não se circunscrevem em outro tempo que não o “agora”. Devido ao fato de todas as orações maiores iniciais apresentarem o Predicador (oração maior: +Predicador), pode-se dizer que é a presença ou a ausência do Finito que determina o MODO das orações em português brasileiro.

O Sujeito é, igualmente, uma função primordial para a realização da troca, uma vez que é este elemento que forma junto com a função determinante do MODO (Finito ou Predicador) o núcleo da “arguabilidade” das proposições e propostas. No entanto, diferentemente de línguas como o inglês, a função de Sujeito não é fundamental para a determinação do MODO. Cumpre ainda acrescentar que é a troca das funções de Sujeito, Finito (ou Predicador), juntamente com os itens do sistema de VALIDAÇÃO (cf. seção 3.4 a seguir), que responde pelo desenvolvimento do diálogo em português brasileiro.

A este conjunto de funções que formam o núcleo de significados interpessoais na oração dar-se-á o nome de **Negociador** (cf. Figueredo, 2010). Em linhas gerais, o Negociador em português brasileiro é o equivalente funcional do Elemento do Modo em inglês e alemão, ou do Negociador em francês e espanhol, figurando como o cerne da oração como argumento (cf.: Halliday e Matthiessen, 2004; Caffarel *et al.*, 2004; Quiroz, 2010). A comparação entre estas funções em algumas línguas é apresentada no Quadro 4.4.

QUADRO 4.4

Funções interpessoais da oração em algumas línguas.

| | | Sujeito | Finito | Predicador | Adjuntos (polaridade; modalidade, etc.) | Partícula de MODO | Partícula Modal |
|----------------------|------------------|---------|--------------------|--------------------|-----------------------------------------|-------------------|-----------------|
| inglês | Elemento do MODO | X | X | | X | | |
| alemão | Elemento do MODO | X | X | | X | | X |
| francês | Negociador | X | X | X | X | X | |
| espanhol | Negociador | X | X | X | X | | |
| português brasileiro | Negociador | X | X (indicativas) | X (imperativas) | X | | X |
| mandarim | | X | | X | X | X | X |

Na seção 3.1 o Negociador será apresentado “de baixo”: observando-se a morfologia e a estrutura dos grupos que operam na ordem da oração como Sujeito e Finito, e Predicador; “ao redor”: investigando-se a interação entre estes elementos e sua função na oração como argumento, incluindo-se os ambientes imperativo e indicativo; e “de cima”: apresentando-se o papel do Negociador no diálogo em português brasileiro.

3.1 Negociador: Sujeito

O Sujeito é uma função gramatical em português brasileiro. Mais especificamente, pode ser classificado como uma função estrutural. Com isto, o conteúdo semântico que esta função gramaticaliza (a responsabilidade modal) depende tanto de um elemento gramatical operando na ordem da oração quanto de sua posição na estrutura. A partir da noção de função estrutural, pode-se dizer que o Sujeito em português brasileiro se estrutura de forma prosódica (cf. Matthiessen, 1995, p. 464; Caffarel, 2004, p. 81), uma vez que esta função é gramaticalizada tanto por um elemento (grupo nominal) operando na ordem da oração, quanto por sua relação com os outros itens do Negociador, por meio de um morfema de concordância afixado ao Finito, nas orações indicativas, ou ao Predicador, nas orações imperativas.

Cabe ressaltar que a interpretação prosódica do Sujeito é fundamental para a descrição que aqui se segue, visto que opções mais delicadas do sistema de SUJEITABILIDADE (cf. seção 3.1.2) estão disponíveis para os falantes justamente pelo tipo da ligação estabelecida com o item verbal do Negociador.

3.1.1 O Sujeito Abordado “de baixo”

O Sujeito pode ser identificado “de baixo” através de três critérios.

3.1.1.1 (i) Marcação de caso pronominal: os grupos nominais em português brasileiro não possuem declinação, mas os pronomes possuem.

QUADRO 4.5
Pronomes segundo o caso.

| Caso reto | Caso oblíquo | | |
|-----------------|---------------------|-------------------------|--------------------------------------------------------|
| | Átonos | | Tônicos |
| Eu | me | | mim comigo |
| Tu Você | te | | ti contigo |
| Ele | o | lhe | prep+ele |
| | se | | si |
| Ela | a | lhe | prep+ela |
| | se | | prep+si |
| Nós | nos | | prep+nós conosco |
| Vós | vos | | prep+vós convosco |
| Eles | os | lhes | prep+eles |
| | se | | prep+si |
| Elas | as | lhes | prep+elas |
| | se | | prep+si |
| Sujeito Ator | Complemento Meta | Adjunto Beneficiário | Adjunto Beneficiário Adjunto Acompanhamento |

O Sujeito é o grupo nominal que pode ser substituído por um pronome do caso reto. Por exemplo:

(7) *Ana deu a chave para Helena [exemplo construído para a explicação]*

No exemplo (7), dos três grupos nominais, – ‘Ana’, ‘chave’, e ‘Helena’ (este último na frase preposicional), todos podem ser classificados como terceira pessoa do discurso e gênero de palavras feminino. Para se identificar o Sujeito basta substituí-los por pronomes. ‘Ana’ se substitui por um pronome do caso reto; assim, ‘Ana’ é o Sujeito.

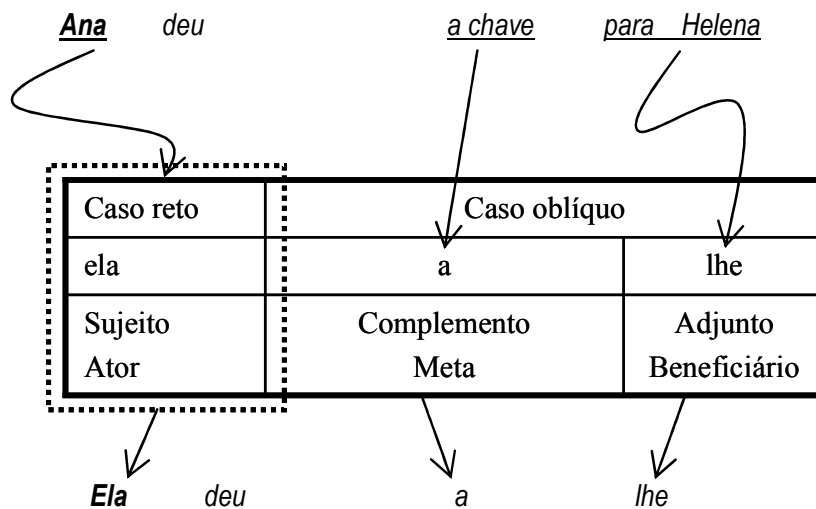


FIGURA 4.2 – Pronome do caso reto como Sujeito.

3.1.1.2 (ii) Concordância do verbo finito: apesar de a declinação pronominal ser bastante útil para a identificação do Sujeito, esta não é obrigatória em português brasileiro, salvo para os tipos de texto que se pautam pela norma culta. Por conseguinte, em exemplos como 8:

(8) *Ana e Helena deram a chave para Maria.*

É possível que todos os três grupos sejam substituídos pelo pronome do caso reto.

(9) *Elas deram ela para ela.*

Em casos como este, o Sujeito pode ser identificado como o grupo nominal para com o qual o verbo finito estabelece concordância. No exemplo (8), o verbo finito possui um morfema de terceira pessoa plural. O único grupo nominal-3PL é ‘*Ana e Helena*’, que foi substituído por ‘*elas*’ no exemplo (9). Portanto, este é o Sujeito.

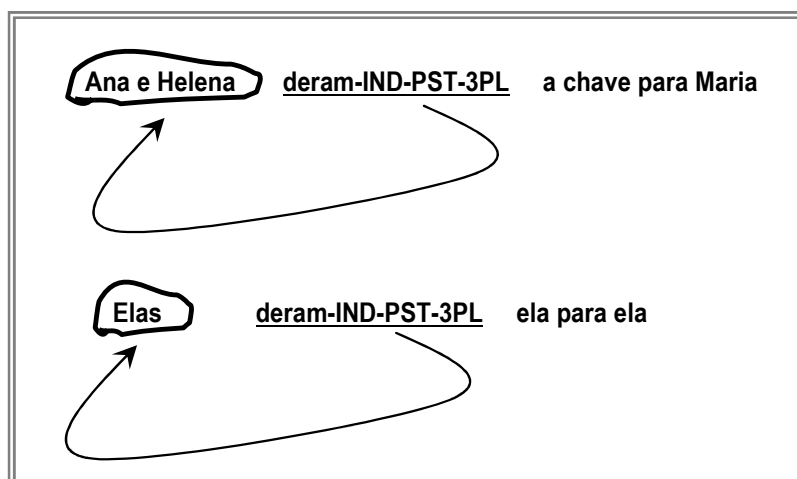


FIGURA 4.3 – Concordância entre Finito e Sujeito.

3.1.1.3 (iii) Posição na estrutura: não é raro que o verbo finito seja conjugado de forma a não apresentar concordância com o Sujeito em português brasileiro:

(10) *Ana e Helena deu a chave para Maria*

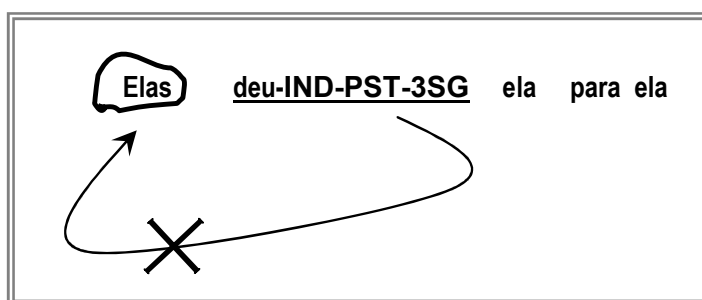


FIGURA 4.4 – Falta de concordância morfológica entre Finito e Sujeito.

Neste caso, o Sujeito pode ainda ser identificado pela posição na estrutura. A estrutura da oração em português brasileiro pode variar conforme o TIPO DE PROCESSO e o TEMA. Para muitas orações, incluindo a do exemplo (10) (Processo Material e Tema Default), a estrutura mais frequente é: Ator/Sujeito/Tema – Processo/Finito e Predicador/Rema – Meta/Complemento/Rema. Assim, o Sujeito do exemplo (10) é ‘*Ana e Helena*’.

QUADRO 4.6

A identificação do Sujeito “de baixo”.

| | | |
|-------|--------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| (i) | A chave, deu-lha ela | ‘ela’ é o Sujeito porque este é o pronome no caso reto. |
| (ii) | Deram ela elas para ela | ‘elas’ é o Sujeito porque este é o grupo nominal para com o qual o Finito apresenta concordância. |
| (iii) | Elas deu elas para elas | O primeiro ‘elas’ é o Sujeito por causa da posição na estrutura. |
| | Deu elas elas para ela | Não é possível identificar o Sujeito “de baixo”. |

3.1.2 O Sistema de SUJEITABILIDADE

A partir da semântica, o Sujeito é “o elemento sobre o qual recai a responsabilidade modal pela proposição ou proposta realizada pela oração”⁵⁵ (Matthiessen *et al.*, 2008, p. 162-163). A responsabilidade modal implica em “um elemento sobre o qual a proposição pode ser confirmada ou negada”⁵⁶ (Halliday e Matthiessen, 2004, p. 117). A análise dos diálogos desta pesquisa apontam para o Sujeito como a função que realiza esta responsabilidade modal em português brasileiro. Por exemplo:

(11) *Ele come muitas frituras.*

O grupo nominal ‘*ele*’ opera na ordem da oração como o Sujeito. Este fato implica que o Sujeito precisa ser expreso para que a proposição se insira no movimento de troca. No português brasileiro, o Sujeito é, portanto, realizado em primeiro lugar por um grupo nominal cujo ente é realizado como Ente. Como alternativa, ele pode também ser realizado por um pronome que se refira ao ente; e, por fim, pela elipse (tanto pela “substituição por zero”, ou simplesmente por “zero”).

⁵⁵ The element held modally responsible for the proposition or proposal realized by the clause.

⁵⁶ Something by reference to which the proposition can be affirmed or denied.

Da mesma forma, fica mais difícil imputar responsabilidade modal nas orações sem um Sujeito claramente expresso. Neste sentido, é importante observar que ‘Sujeitos claramente expressos’ e ‘Sujeitos não tão claramente expressos’ são opções que vão desde os Sujeitos “mais responsáveis” até os Sujeitos “menos responsáveis”, havendo um grupo de opções intermediárias. Da mesma forma, as orações sem Sujeito (claramente expresso) mal podem imputar a qualquer elemento a responsabilidade modal. Por exemplo:

(12) (a) *Mãe, vai caber ali?*
 Vocativo Finito Predicador Adjunto

(b) *Vai não, vai?*
 Finito NEG Pergunta-Finito

(a) *Não, ué.*
 NEG Partícula Modal

(b) *Você não mediu?*
 Sujeito NEG Finito/Predicador

(a) *Não.*
 NEG.

Para nós, leitores do exemplo (12), não há uma referência exofórica clara do que vai caber, por isto não há como determinarmos precisamente qual é o responsável modal. No caso particular do exemplo (12), as interlocutoras sabem o que vai caber. Assim, para elas, o Sujeito pôde ser realizado pela elipse e a responsabilidade modal é normalmente imputada a este elemento.

No estrato gramatical, o Sujeito não se configura gramaticalmente como uma função simples. De forma diferente, este compreende as escolhas em todo um sistema de opções mais delicadas. A seleção dos termos que geram o Sujeito faz parte do sistema de SUJEITABILIDADE. Seus dois termos menos delicados são +Sujeitabilidade, realizado pelo Sujeito; ou -Sujeitabilidade, quando não há qualquer elemento capaz de realizar a função de Sujeito.

Em português brasileiro, o único tipo de oração que seleciona o termo -Sujeitabilidade são as “orações meteorológicas”, pois nestas não há como imputar responsabilidade modal.

(13) *Choveu 89.500 milímetros de água na cabeceira do Rio Jundiá.*
 Finito/Predicador Complemento Adjunto

Todos os outros tipos de oração possuem Sujeito. A realização, contudo, pode variar desde um grupo nominal completo (Ente/Núcleo) até a elipse. O significado de uma instanciação do Sujeito é o resultado da seleção de termos nos sistemas de RESPONSABILIDADE, NÚMERO, PRESSUPOSIÇÃO e PESSOA. Cada um destes será examinado com maior detalhe a seguir.

3.1.2.1 RESPONSABILIDADE

O Sujeito pode ser responsável ou distante. Se for distante, pode ser impessoal, realizado por pronomes indeterminados ou genéricos; ou não-responsável, realizado pela não explicitação do Sujeito e pela falta de concordância do Finito, quando se emprega a morfologia da terceira pessoa do singular ao verbo finito. Cabe ressaltar que esta estratégia evita a identificação do Sujeito por quaisquer critérios “de baixo” apresentados anteriormente (cf. Quadro 4.6).

Como ilustração, apresenta-se o exemplo (14) a seguir. Este foi extraído de uma história contada por um vendedor de abacaxi e seu irmão:

(14) (1) *Pusemos a caminhonete cheinha de abacaxi.*

(2) *E **foi** embora pro Goiás.*

(3) *Nós paramos lá na cidade de Quirinópolis.*

(4) *E nós chegamos lá por volta de 4 horas da tarde,*

(5) *abrimos a lona da caminhonete lá,*

(6) *aí e **começou** a vender e vender*

(7) *e **vendeu** metade da carga até 8 horas da noite.*

As proposições de número (1), (3), (4) e (5) possuem Sujeito na primeira pessoa do plural, realizando a imputação da responsabilidade modal ao vendedor e a seu irmão e que, por sua vez, é em (3) e (4) realizada pelo pronome ‘nós’ e em (1) e (5) pela elipse e a concordância do verbo finito, ‘-1PL’. Contudo, nas proposições (2), (6) e (7) há somente a morfologia verbal, mas sem concordância, ‘Ø-3SG’ (cf. o conceito de *realização prosódica* do Sujeito). Os irmãos ainda são o Sujeito, mas que, neste caso, é realizado pela opção Não-responsável.

O Sujeito Não-responsável é frequentemente empregado em textos de relatos, procedimentos ou histórias, nos quais se confere um maior peso experiencial às orações. No

exemplo (14), não importa tanto quem vendeu, mas que as vendas foram intensas. Assim é este significado que é posto, em primeiro lugar, à negociação. O texto pode ser visto em relação ao sistema de RESPONSABILIDADE na figura 4.5.

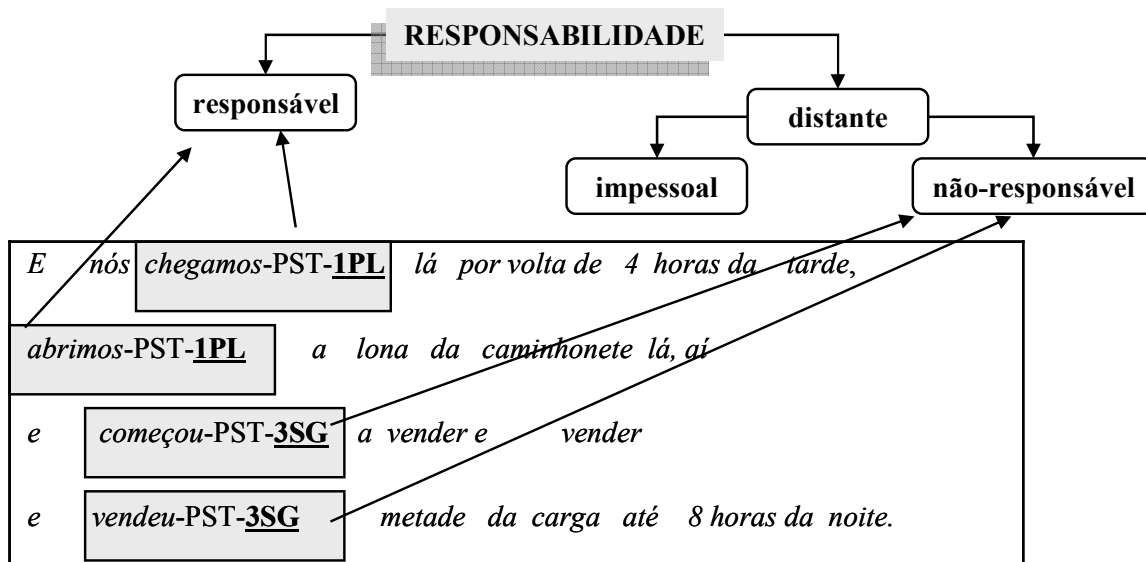


FIGURA 4.5 – Sujeito Responsável e Não-responsável.

A distância na responsabilidade levanta questões importantes, como por exemplo, a que se apresenta no exemplo (15). Nesta passagem os dois interlocutores estão trabalhando na cozinha.

(15) (a) *O pano é úmido e você joga canela com açúcar refinado. Toma... segura aqui (...) cê pega e faz assim... só que eu vou fazer de lá pra cá. Aí eu venho, cê vira primeiro essa beirada aqui, bem viradinho. Vai puxando aqui pra mim.*

(b) *Ele tá soltand--- Aí vem escorrendo aqui assim mesmo?*

(a) *Não, espera aí, me dá uma faca. Volta pra cá.*

Em seu turno, o falante (b) pergunta:

(15) (b) *Aí vem escorrendo aqui assim mesmo?*

Pode-se observar que esta oração não é exatamente clara no que diz respeito ao responsável modal devido a duas interpretações possíveis. A primeira, com o Sujeito: Responsável, e a segunda com o Sujeito: Distante: Não-responsável.

Na primeira, o Processo ‘escorrer’ é interpretado como Material: Ocorrer, e o grupo verbal ‘vem escorrendo’ carrega o significado do aspecto incoativo:

| | | | | | |
|-----------------|-----------|------------|-------------------|-------------|---------------------|
| (15) (b) | <i>Aí</i> | <i>vem</i> | <i>escorrendo</i> | <i>aqui</i> | <i>assim mesmo?</i> |
| | Material: | Ocorrer | | Circ. Local | Circ. Maneira |
| | Finito | Predicador | | Adjunto | Adjunto |

Devido ao fato de não haver a função de Meta, o Participante que está escorrendo – o recheio do rocambole – é interpretado como Ator. Assim, poderia ser reconstruído como:

| | | | | | | |
|-------------|------------|------------------|------------|-------------------|-------------|----------------------|
| (16) | <i>“Aí</i> | <i>o recheio</i> | <i>vem</i> | <i>escorrendo</i> | <i>aqui</i> | <i>assim mesmo?”</i> |
| | Ator | | Material: | Ocorrer | Circ. Local | Circ. Maneira |
| | Sujeito | Finito | Predicador | | Adjunto | Adjunto |

Com isto, no exemplo (16), opta-se pelo Sujeito: Responsável.

Por outro lado, sob a segunda interpretação, o grupo verbal “vem escorrendo” possui o significado do aspecto iterativo. Nesta situação, o Processo é Material: Fazer – alguém repetidamente faz o recheio escorrer. Além disto, o morfema no verbo finito é terceira pessoa singular e, como foi visto, em conjunto com a elipse do grupo nominal que indicaria o Sujeito realiza a opção Não-responsável. Assim, esta passagem poderia ser parafraseada como:

| | | | | | | | |
|-------------|------------|-----------|------------|-------------------|------------------|-------------|----------------------|
| (17) | <i>“Aí</i> | <i>eu</i> | <i>vou</i> | <i>escorrendo</i> | <i>o recheio</i> | <i>aqui</i> | <i>assim mesmo?”</i> |
| | Ator | | Material: | Fazer | Meta | Circ. Local | Circ. Maneira |
| | Sujeito | Finito | Predicador | | Complemento | Adjunto | Adjunto |

É importante ressaltar que, se porventura tivéssemos acesso à situação, haveria menos problemas em se identificar o Sujeito. Porém, como este não é o caso, o Sujeito do exemplo (15) (b) permanecerá, em termos de responsabilidade, incerto.

Do ponto de vista gramatical, no entanto, este exemplo é muito oportuno por mostrar a forma pela qual o responsável modal pode ser gramaticalizado em português brasileiro. Se o falante (b) tivesse perguntado “*Aí ele vem escorrendo assim mesmo?*” ou “*Aí eu venho escorrendo ele assim mesmo?*”, não haveria qualquer dúvida sobre qual elemento responderia pela função de Sujeito.

Igualmente, é possível observar pelo exemplo que o Sujeito “claramente expresso” é importante quando a responsabilidade modal deve ser negociada. Mas, como neste caso o que os interlocutores precisavam era agir rápido para que o recheio fosse inteiramente aproveitado, importou menos quem realizaria a responsabilidade modal do que a necessidade

de que a comida ficasse pronta. Para esta situação de cooperação, provavelmente este seria o significado mais importante criado pelo texto: primeiramente, preferir a oração como troca em relação à oração como figura; em segundo lugar, negociar a proposição, mas não em termos de responsabilidade modal.

3.1.2.2 PRESSUPOSIÇÃO DO SUJEITO

No decorrer do diálogo, quando um Sujeito pode ser inferido pelos interlocutores, então diz-se que este pode ser recuperado. Esta recuperação pode ser de dois tipos: explícita, quando a inferência a um Sujeito se dá por referência, substituição ou coesão lexical; ou implícita, quando o Sujeito é entendido através da elipse.

Complementarmente, é possível introduzir um Sujeito no diálogo de forma tal que os interlocutores não sejam capazes de inferir quem este é. Esta é a opção Não-recuperável. Um Sujeito Não-recuperável implica em haver uma ideia genérica de que há um elemento responsável pela proposição, mas que é vago demais para ser determinado. Esta opção é sempre realizada pela elipse do grupo nominal em conjunto com a morfologia do verbo finito em terceira pessoa do singular (\emptyset -3SG), sugerindo a concordância com o Sujeito, salvo pelo fato de o Sujeito não estar presente. Isto pode ser visto no exemplo (19). Este exemplo traz trechos de uma outra cooperação na cozinha:

(18) (a) *Uma palha de aço, né, que também ajuda... aí é só... esfregar.*

(b) *Nossa! Nem **deixa** de molho, nada?(...) Aí **põe** o quiabo pra secar, e aí?*

(a) *E aí a gente vai para uma frigideira quentinha... um pouco de azeite...*

O Sujeito de ‘*nem deixa de molho*’ não pode ser recuperado, uma vez que este tipo de elipse não se refere a outro elemento; pode-se perguntar “quem não deixa de molho?”, mas não há uma resposta embasada na recuperação de qualquer elemento. Da mesma forma, o Sujeito de ‘*aí põe o quiabo pra secar*’ não pode ser recuperado, uma vez que toda e qualquer pessoa, quando prepara este prato, deve pôr o quiabo para secar (ver Figura 4.6).

| | |
|---|--------------------------------------------------------------------------------|
| A | <i>Uma palha de aço, né, que também ajuda... aí é só... esfregar.</i> |
| B | <i>Nossa! Nem deixa de molho, nada?</i> |
| B | <i>(...) Aí põe o quiabo pra secar, e aí?</i> |
| A | <i>E aí a gente vai para uma frigideira quentinha... um pouco de azeite...</i> |

Sujeito
Não-recuperável

FIGURA 4.6 – Sujeito Não-recuperável.

É importante esclarecer que RESPONSABILIDADE e PRESSUPOSIÇÃO se relacionam a significados diferentes e contribuem de formas distintas para a seleção de um Sujeito. RESPONSABILIDADE implica no grau de envolvimento do elemento negociável com a proposição ou proposta quanto à sua validade. PRESSUPOSIÇÃO estabelece os recursos que os interlocutores podem empregar para inferir quem o Sujeito é.

Neste sentido, é possível haver um Sujeito Recuperado, mas Não-responsável – por exemplo: 14 (3) “*e começou a vender e vender*” (recuperam-se os dois vendedores; mas estes não são responsáveis em virtude do peso experiencial dado à oração e à ausência de necessidade de se negociar a responsabilidade modal para esta proposição). Assim como é possível haver um Sujeito completamente Responsável, mas Não-recuperável – por exemplo: 18 (b) “*Nem deixa de molho, nada?*” (Responsável, pois, certamente um elemento deve ser realizado pela função de Sujeito; contudo não é possível recuperar quem é este elemento).

O texto 4.3, apresentado a seguir, ilustra o emprego deste recurso funcional. Este texto é um diálogo entre um técnico que conserta máquina de lavar (T) e seu cliente (C). A realização da função Sujeito Recuperado, mas Não-responsável, está destacado em negrito.

TEXTO 4.3:

T (1) *Isso aqui, [Ø-3SG] **tem** que desentupir essa bomba e [Ø-3SG] trocar essa mangueira aí. Tá entupido aqui dentro aí. [Ø-3SG] **Tem** que desmontar e trocar essa mangueirinha aqui, ó.*

C (2) *Hm.*

T (3) *É trinta reais pra fazer isso aqui.*

C (4) *E aí como é que faz, o senhor faz aqui mesmo ou--*

T (5) *Não, faz aqui mesmo.*

C (6) *Ãh.*

T (7) *Tá?*

C (8) *Tá. E aí pode ser agora, ou tem--*

T (9) *Eu acho que eu não tenho essa mangueira no carro ali.*

C (10) *Ãh.*

T (11) *Vou ver se eu... quer ver-- deixa eu ver se a outra que eu tenho ali dá.*

C (12) *Mas aí é trinta real com a-- incluindo a mangueira, né?*

T (13) *É. Tudo.*

Além disto, a RESPONSABILIDADE é realizada por elipse, “substituição por zero”. Já a PRESSUPOSIÇÃO, pode-se dizer que é realizada apenas por “zero”, isto é, não há qualquer elemento – endofórico ou exofórico – a ser substituído (comparável à referência generalizada [*generalized reference*] em inglês, Halliday e Hasan, 1976, p. 98).

3.1.2.3 PESSOA

O sistema de PESSOA possui dois termos principais: interlocutor e não-interlocutor. Estes se relacionam basicamente às pessoas que encenam as trocas em oposição àquelas que não encenam.

O termo ‘interlocutor’ abre a opção para dois sistemas cosseletivos. O sistema de PESSOA DA INTERLOCUÇÃO possui as opções para o falante e o ouvinte, quando estes ocupam a função de Sujeito. O outro sistema, POLIDEZ, com duas opções, ‘polido’ e ‘não-polido’.

Cumpre destacar que o sistema de POLIDEZ está disponível apenas para os interlocutores, e não para os não-interlocutores. Isto se deve ao fato de caber ao falante ser polido apenas com seu ouvinte, uma vez que as funções deste sistema realizam significados relativos ao tipo de interação entre os falantes.

3.1.2.4 POLIDEZ

No português brasileiro, o falante pode ser polido com seu interlocutor de duas maneiras: “elevantar” o estatuto do ouvinte, através do emprego de grupos nominais polidos para realizar o

Sujeito (a senhora, Vossa Eminência Reverendíssima, etc.); ou “diminuir” o estatuto do falante, retirando-se parte de sua responsabilidade modal como Sujeito em uma proposição para a qual a responsabilidade completa poderia soar rude, egoísta, orgulhosa, etc. O “falante polido” é realizado prosodicamente também pela elipse do grupo nominal e pela morfologia de terceira pessoa singular no verbo finito.

Isto pode ser visto no Texto 4.4. Este texto faz parte de uma conversa entre membros de uma família que estão fazendo rocambole. Mãe (M), suas filhas Ana (A) e Helena (H), e o filho (F). Nesta parte, os interlocutores decidem qual vasilha é melhor para colocá-lo.

TEXTO 4.4:

A (1) *Cê pega aquela sua vasilhinha de tamanho normal, mede lá o tanto que cabe e põe. O que sobrar nós come escondido, só nós quatro aqui agora.*

M (2) *Que é isso, cê tá ficando doida, menina? Ó!*

A (3) *[risos] Ué, não tem outra vasilha que cabe. Essa cab-- dessa minha ideia cabe.*

F (4) *Pelo menos cê tentou, né?*

A (5) *Eu tentei. Então eu vou lá procurar.*

M (6) *Cê po' pegar duas travessa de rocambole.*

A (7) *Pega duas, parte ele no meio?*

H (8) *Não. Nós vão emendar as travessa. [risos]*

A (9) *Vê se eu tô rindo? [risos] Eu tô rindo? [risos]*

M (10) *Não. Mas devia. [risos]*

Os significados interpessoais deste texto indicam haver um relacionamento de familiaridade e de proximidade entre os interlocutores, evidenciados por proposições como: “*O que sobrar nós come escondido, só nós quatro aqui agora*”; “*Que é isso, cê tá ficando doida, menina? Ó!*”. A natureza destas proposições sugere o estreitamento das relações sociais entre os interlocutores, que se percebem como membros de um grupo (“nós”).

Além disto, a presença do humor (cf. Eggins e Slade, 1997, Capítulo 4), bem como da provocação (*teasing*) também revela o papel importante deste tipo de texto para a reafirmação dos laços entre os membros (“*Pega duas, parte ele no meio? Não. Nós vão emendar as travessa. [risos]*”). Assim, apesar de este texto poder ser classificado sob o processo sócio-

semiótico explorar, devido ao forte peso da proximidade nas relações sociais, observa-se um intenso compartilhamento (estreitamento dos laços sociais) codificado nas proposições. Com isto o texto pode, de maneira secundária, ser classificado sob o processo sócio-semiótico compartilhar.

Diante destas observações, é possível também observar que a gramática interpessoal é capaz de encenar a hierarquia entre os membros do grupo. A hierarquia, assim como as relações de poder, polidez, status e expertise contribuem de modo fundamental para a percepção dos interlocutores como membros de um determinado grupo (cf. Halliday, 1978; Martin, 1992, p. 523). Por exemplo, Ana dá início à sua fala com a alternativa polida para o imperativo, quando se dirige à mãe (entonação de pedido): // 5+ \wedge *Cê / pega a/que-la sua va/silhinha de ta/manho nor/mal //* ". Isto também se dá de outra forma mais adiante, empregando recursos do sistema de POLIDEZ quando novamente se dirige à mãe.

No turno (6), a mãe pede à filha Ana que pegue as duas travessas – que também usa uma forma metafórica para a realização do comando (oração indicativa, Finito: modal). A filha se compromete a obedecer ao comando, mas também sugere que o rocambole seja cortado no meio para colocar cada metade em uma travessa. Por esta ser uma relação de polidez, inclusive devido à diferença de status entre os interlocutores, a filha emprega a realização do Sujeito “falante polido”, que é realizado por $\emptyset \rightarrow 3SG$, e não por Grupo Nominal $\rightarrow 1SG$. Afinal, as sugestões são realizações alternativas para os comandos.

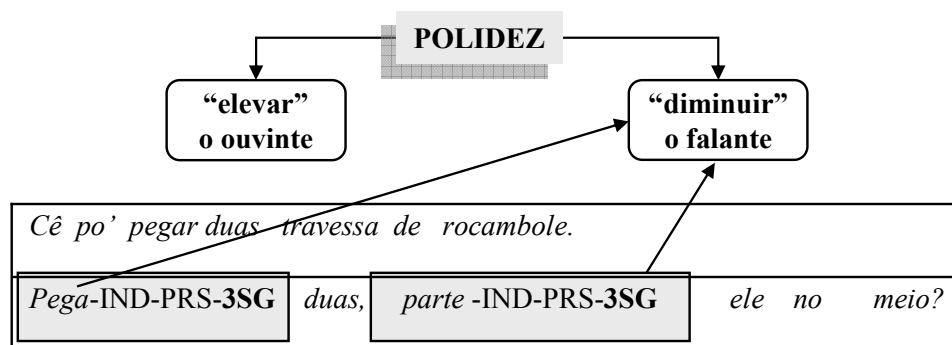


FIGURA 4.7 – “Falante Polido”.

Em geral, nas situações em que se espera uma atitude polida, uma pergunta de confirmação, uma oferta, ou um comando (indireto ou metafórico), são formas possíveis de se diminuir a responsabilidade modal do falante enquanto Sujeito. É importante ressaltar que aqui a diminuição da responsabilidade não se relaciona ao eixo do “claramente responsável”, mas sim ao do Sujeito “falante polido”.

Assim, no texto 4.4, no turno (7), a Ana é que irá, nas duas orações, pegar duas travessas e partir o rocambole. Contudo, a estrutura destas orações isoladamente não permite que isto seja visto. Para compreender que a Ana é o Sujeito em “Pega duas” e em “parte ele no meio?” é preciso observar as escolhas diferentes realizadas na cosseleção de termos dos sistemas de PESSOA DA INTERLOCUÇÃO e POLIDEZ. A seguir, o exemplo (19) traz outra ocorrência deste recurso do Sujeito em português brasileiro.

(19) (a) *Sosõ, pode-(3SG) pegar mais um Martini com água de côco?*
Finito-(3SG) Predicador Complemento

(b) *Claaaaro, pode-(2SG) pegar, não pode Henrique?*
Finito-(2SG) Predicador Pergunta-Finito Vocativo

A seguir, as opções funcionais que determinam a escolha do Sujeito são apresentadas na Figura 4.8.

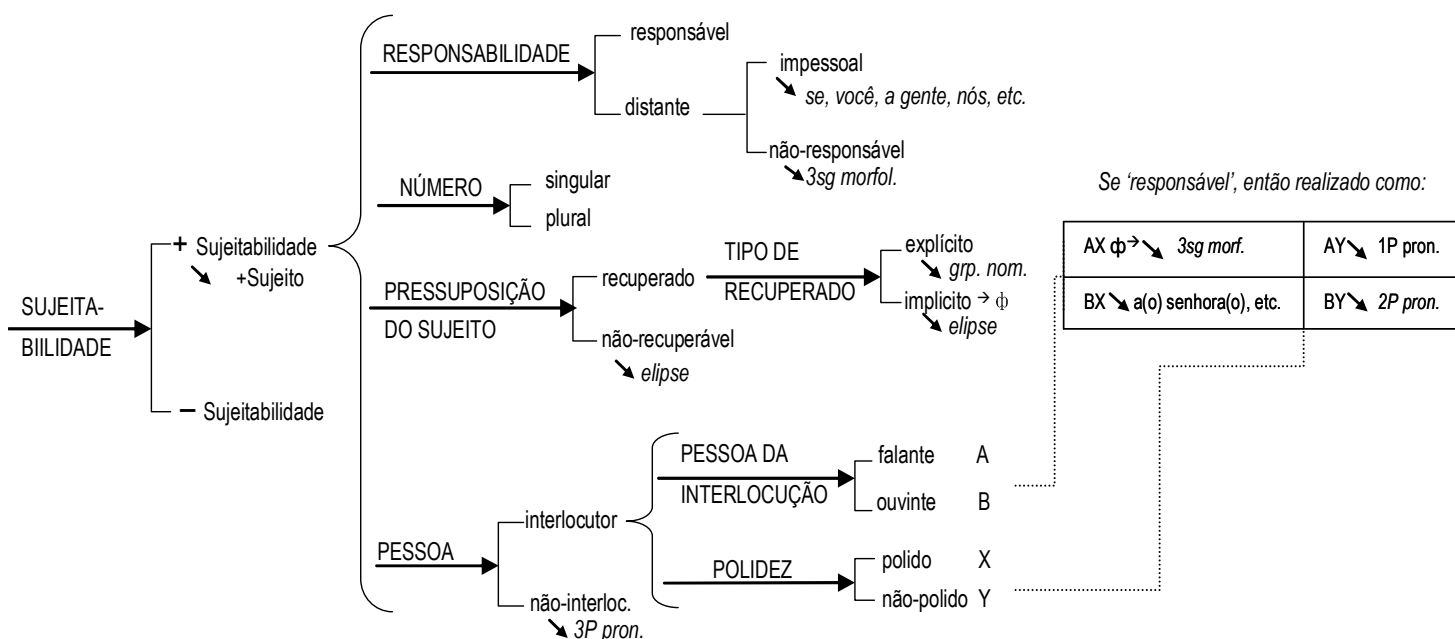


FIGURA 4.8 – A rede do sistema de SUJEITABILIDADE

3.1.3 Sujeito e Tema

Em geral, nas orações declarativas e nas interrogativas polares, o Sujeito conflui com o Tema em português brasileiro. O fato de estas duas funções poderem ser realizadas tanto pela elipse, quanto pela repetição de um mesmo elemento, pode levantar alguma dúvida quanto à possibilidade de não haver uma função gramatical que realize a responsabilidade modal em

português brasileiro; ou a interpretação de que em português brasileiro há gramaticalmente apenas a função de Tema, cabendo ao Sujeito ser mais semântico que gramatical. Este tipo de dúvida ocorre principalmente quando estas funções são abordadas exclusivamente “de cima”, a partir do discurso. Contudo, Sujeito e Tema são funções diferentes e portanto operam em regiões diferentes da gramática. O Sujeito é uma função interpessoal, ao passo que o Tema é uma função textual.

O olhar para o Sujeito “ao redor”, especificamente em relação ao Tema, possibilita uma investigação mais detalhada da relação entre estas funções. Para tanto, observamos o texto 4.5.

O contexto desta conversa é um grupo composto por uma família constituída por pai (P), mãe (M), filho adolescente (F), uma amiga da família (AF) e sua filha (FA). Estes interlocutores conversam sobre uma conhecida – uma jovem que abandonou os estudos porque ficou grávida. Os Temas textuais (incluindo Assunto Extensivo, Absoluto e Predicado) e interpessoais estão sublinhados; os Temas experienciais estão em negrito. Os Temas elípticos são representados pelo símbolo ‘Ø’. O pai começa o diálogo:

TEXTO 4.5:

P (1) ***Deixa** ela correr atrás.*

AF (2) *Claro que **ela** não vai ficar longe da filha dela. **Ela** vai morar junto com a criança, ué--*

F (3) ***Ela** faz de tudo igual o seu pela internet pra ficar com o neném no colo lá, ué. **Ela** se vira. Ø Faz faculdade pela internet, ué.*

M (4) *Não, **o neném** não vai atrapalhar de estudar não---*

P (5) *Casar eu também acho que deve casar se tiver com... certeza, convicção, né? Porque... **eu** falo sempre “**encalhado** é quem casa mal... **aí é que** o cara encalhou de vez, né? Agora, ficar solteiro... Ø melhor casar mais tarde do que casar cedo e... casar mal, que **aí** encalhou mesmo e não tem jeito pra dar”.*

F (6) ***Fala** com ela || que **ela** pode ficar até os dezoito anos solteira pra ela pensar, depois ---*

M (7) ***Eles** tão pensando em casar, AF, os dois?*

AF (8) ***Ele** tá querendo---*

P (9) ***Ele** quer, né? **Ela** não quer nada, né?*

F (10) ***Ela** não sabe que que ela quer, né?*

AF (11) *Ela não sabe lavar um copo!*

FA (12) *Ela não faz nada.*

A análise do texto sob a perspectiva da metafunção textual mostra que o texto 4.5 trata principalmente da jovem mãe, uma vez que, dos 24 Temas, ela ocupa esta função 10 vezes (e ainda uma outra juntamente com o pai da criança). Apenas uma vez a realização da jovem mãe como Tema se dá por elipse. Em todas as outras ocorrências observa-se um item explícito na posição temática, nomeadamente o grupo nominal ‘ela’, no qual opera o item da classe de palavras nominal: pronome do caso reto: terceira pessoa: singular: feminino. A interpretação para estas ocorrências tem motivação interpessoal – em todas estas 11 ocorrências, ela é também Sujeito.

Do ponto de vista do tipo de texto, este pode ser caracterizado como uma “fofoca” (cf.: Eggins & Slade, 1997, Capítulo 7). Dentre as funções sociais da fofoca, ganha destaque o fortalecimento das relações sociais entre os interlocutores como membros de um grupo. No estrato do conteúdo linguístico, uma das características deste tipo de texto, a qual contribui diretamente para o fortalecimento mencionado é a separação entre “nós” os membros do grupo e “eles” os que não pertencem ao nosso grupo (Eggins & Slade, 1997, p. 283). A gramática do português brasileiro realiza esta divisão pela seleção no sistema de PESSOA entre Interlocutores (“nós”) e Não-interlocutores (“eles”).

Como se pode ver pelo significado do texto, as proposições encerram, em alta medida, julgamentos sobre a jovem que ocupa a posição temática mais frequentemente. Um recurso gramatical importante para se realizar este significado do texto é colocar a jovem mãe como Sujeito, realizando a responsabilidade modal nas proposições que são avaliadas negativamente pelos interlocutores. Portanto, é natural que, quando se coloca a responsabilidade modal sobre ela, procura-se não deixar espaço para a ambiguidade.

Como foi visto anteriormente, em português brasileiro é comum que os Sujeitos Não-interlocutores sejam realizados por \emptyset + Finito-3SG. Devido ao fato de esta ser também uma realização comum para os Sujeitos Não-responsáveis, ou Não-recuperáveis, a escolha por esta realização poderia gerar algum tipo de tensão entre os significados produzidos. Como a divisão entre “nós” e “eles” é tão importante neste tipo de texto, tende com frequência a ser explicitada claramente. Selecionando a opção de Sujeito Responsável Explícito Não-interlocutor:

| | |
|------------------------------------------------------|---------------------------------------|
| (20A) <i>Ela</i> | <i>não quer nada, né?</i> |
| <u>Responsável Explícito Não-interlocutor</u> | NEG Fin./Pred. Compl. Part. Mod. |
| (20B) <i>Ela</i> | <i>não sabe que que ela quer, né?</i> |
| <u>Responsável Explícito Não-interlocutor</u> | NEG Fin./Pred. Compl. Part. Mod. |
| (20C) <i>Ela</i> | <i>não faz nada.</i> |
| <u>Responsável Explícito Não-interlocutor</u> | NEG Fin./Pred. Compl. |

Além disto, os interlocutores falam também sobre o jovem pai, havendo proposições sobre ele. No sistema de PESSOA, tanto a jovem mãe quanto este são Não-interlocutores, portanto realizados por grupos nominais de terceira pessoa, ou \emptyset + Finito-3SG. No entanto, no desenvolvimento da negociação, quando é necessário atribuir proposições diferentes para cada um destes Não-interlocutores, a gramática precisa mudar o responsável modal, e assim, a única opção de realização para o Sujeito é por um grupo nominal de terceira pessoa. Isto pode ser visto nos turnos de 7 a 9:

(21) M (7) *Eles tão pensando em casar, AF, os dois?*

AF (8) *Ele tá querendo---*

P (9) *Ele quer, né? Ela não quer nada, né?*

Esta necessidade interpessoal gera impacto sobre a organização temática do texto (cf. sistema de ORIENTAÇÃO MODAL). O turno 7 é uma pergunta da mãe (M) sobre os planos do jovem casal quanto a se casarem. Nesta, ambos são realizados juntamente como Sujeito, em um mesmo grupo nominal. A amiga (AF) tenta explicar a situação, mas o pai (P) toma o turno e faz duas proposições. Uma sobre o jovem pai, que deve querer casar – realizada por uma oração declarativa tendo o jovem como Sujeito; e outra sobre a jovem mãe, que não deve querer casar – realizada por uma oração declarativa de polaridade negativa tendo-a como Sujeito.

Neste ponto cabe o questionamento sobre a necessidade de o Tema ter igualmente de ser realizado por algum meio diferente da elipse caso haja mudança (descontinuidade na fase); contudo, esta ideia não é suficiente para explicar padrões como os que se vê nos turnos de 10 a 12 que, como foi dito anteriormente, têm motivação interpessoal. As orações neste trecho têm todas a jovem mãe como Tema. Caso não houvesse um item gramatical que realizasse a

responsabilidade modal em português brasileiro – e apenas o Tema – então estas orações poderiam prescindir dos grupos nominais sem maiores dificuldades para a negociação.⁵⁷

Neste caso, os turnos de 10 a 12 seriam realizados pelas seguintes funções do Sujeito:

| | |
|---------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------|
| (22A) <i>Ele</i> <u>Responsável Explícito Não-interlocutor</u> | <i>quer, né?</i> Fin./Pred. Part. Mod. |
| (22B) <i>Ela</i> <u>Responsável Explícito Não-interlocutor</u> | <i>não quer nada, né?</i> NEG Fin./Pred. Compl. Part. Mod. |
| (22C) <i>Ela</i> <u>Responsável Explícito Não-interlocutor</u> | <i>não sabe que que ela quer, né?</i> NEG Fin./Pred. Compl. Part. Mod. |
| (22D) \emptyset <u>Responsável Implícito Não-interlocutor</u> | <i>não sabe lavar um copo!</i> NEG Fin./Pred. Compl. |
| (22E) \emptyset <u>Responsável Implícito Não-interlocutor</u> | <i>não faz nada.</i> NEG Fin./Pred. Compl. |

Neste caso, não se veria o acúmulo da função ‘Explícito’ para a PRESSUPOSIÇÃO do Sujeito, função esta que apresenta, sem deixar dúvidas, qual elemento funciona como Sujeito.

Do contrário, se a responsabilidade modal fosse distribuída por recursos textuais, os diferentes recursos que tornam um dado elemento responsável além da realização de um grupo nominal como Tema poderiam ser empregados, como o Absoluto, Assunto Extensivo ou Predicado. Por exemplo:

(23A) *O rocambole, ele não vai caber ali não, vai?*

(23B) *O rocambole, ele não vai comer ali não, vai?*

Ambos os exemplos trazem o rocambole como Tema – realizado pelo grupo nominal ‘o rocambole’ que, em ambos os casos, possui a função de Tema: Assunto Extensivo. No entanto, a responsabilidade modal pelas proposições não recai sobre este elemento. Em outras palavras, a “discussão” das proposições não recai sobre ‘o rocambole’, e, portanto este não é

⁵⁷ Analisando os textos do corpus “de cima”, foi possível observar que, na verdade, a sequência de elipses é um padrão encontrado em vários registros, em particular nos de modo escrito, ou em monólogos. Contudo, este tipo de padrão foi encontrado no corpus quando o falante se concentra em um tipo de pessoa apenas (Falante, Ouvinte ou Não-Interlocutor). Neste caso, o entendimento sobre quem é responsável modal é mais claro (cf. propostas). Assim, basta haver qualquer indício de falta de clareza na atribuição de responsabilidade modal para que um Sujeito Responsável a realize (por exemplo, o turno P (9)). Por outro lado, independentemente da forma de realização, a identificação de um Tema de continuidade na fase em português brasileiro é **sempre claro**, pois segue o mesmo ponto de partida para a mensagem que todos os outros Temas dentro da fase e, é sempre realizado pela primeira posição.

negociado. Em nenhum dos dois casos a função realizada pelo grupo nominal ‘o rocambole’ é posta à negociação, mas sim aquela realizada pelo grupo nominal ‘ele’, que não possui status temático; porém, desempenha a função de realizar a responsabilidade gramaticalmente, sendo, conseqüentemente, o Sujeito.

Assim, examinando-se o elemento que interage com o Finito, e negociado à partir da Pergunta-Finito, tem-se a disposição da Figura 4.9.

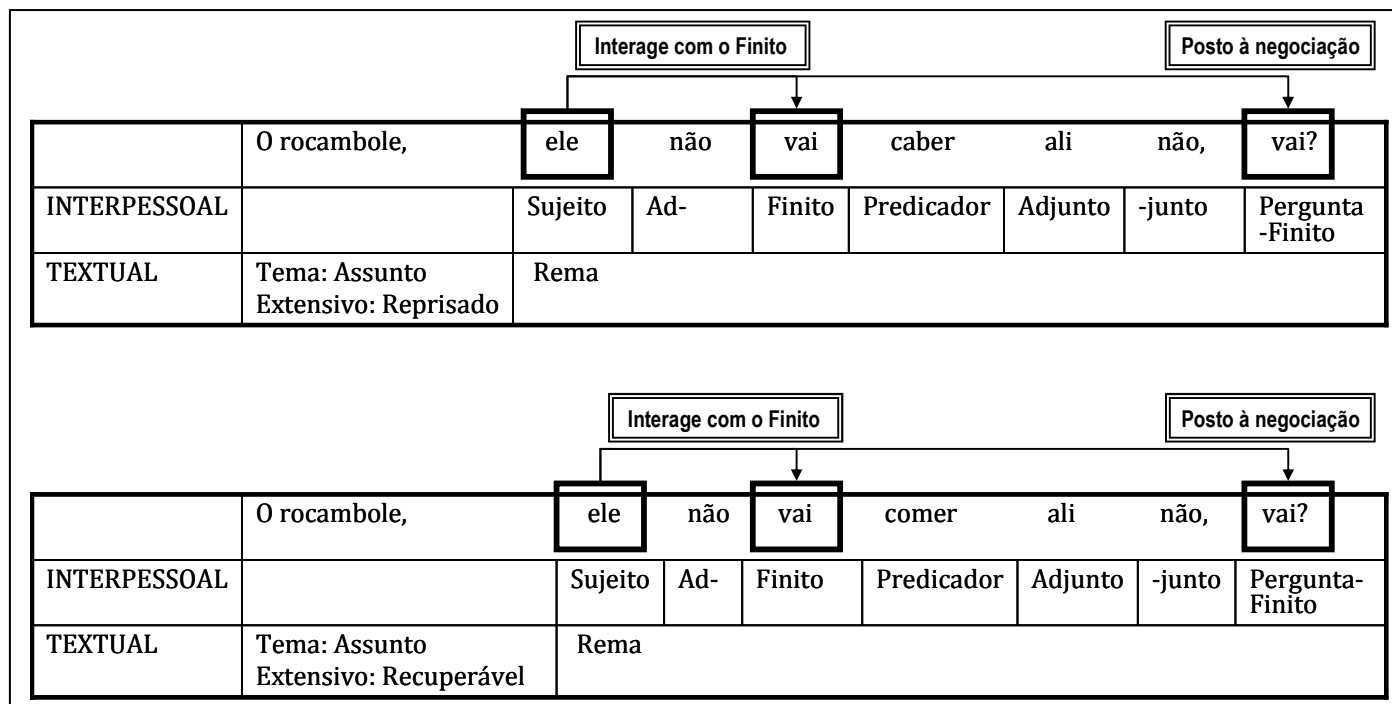


FIGURA 4.9 – Sujeito e Tema em relação à negociação.

Cabe ainda ressaltar que tanto a oração do exemplo (23A) quanto a do (23B), possuem Tema Assunto Extensivo ‘o rocambole’. Em (23A) o Assunto Extensivo é reprisado, porém, em (23B) ele é recuperado, o que aponta para funções textuais distintas nestes exemplos.

3.2 Negociador: Finito

3.2.1 Considerações Sobre o Grupo Verbal

Em português brasileiro, os elementos transitórios (semanticamente, os *eventos*) são realizados pelos grupos verbais na ordem do grupo (cf.: Halliday e Matthiessen, 1999). O grupo verbal inclui desde um até vários itens. Um dos itens do grupo verbal, o Evento, representa o conteúdo do Processo. Por exemplo:

(24) *Fui jantar com os dois*
Evento

Neste exemplo ‘jantar’ carrega o conteúdo experiencial do grupo verbal; consequentemente, é o Evento deste grupo e determina, em grande medida, o domínio de representação do Processo (neste caso especificamente, realizando um Processo Material). Experiencialmente, o verbo ‘fui’ no grupo verbal não possui o conteúdo da mudança (o quantum de mudança), mas apenas a localização temporal desta mudança no tempo.

Cada grupo verbal em português brasileiro possui apenas um Evento. Por conseguinte, instâncias como (25) não compreendem apenas um grupo verbal, pois há aí dois Eventos.

(25) *Quero ir ao baile*
Evento 1 Evento 2
Processo: Mental Processo: Material

No caso específico de (25) há um exemplo de projeção. O verbo ‘querer’ opera como Processo: Mental: Desiderativo e é o Evento do grupo verbal da oração projetante. Já o verbo ‘ir’ é o Evento do grupo verbal da oração projetada e opera como Processo Material. Um dos testes que pode ser aplicado ao exemplo para se verificar a reatância deste tipo de projeção é a modificação do elemento que atua como Participante na oração projetada:

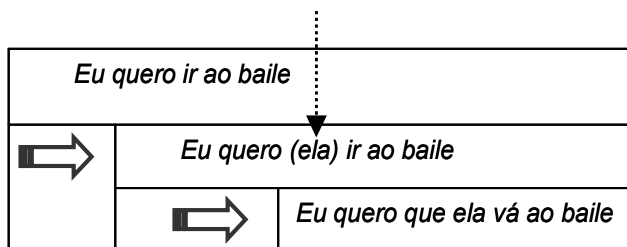


FIGURA 4.10 – Mudança de Participante na oração projetada.

Neste exemplo, os verbos ‘querer’ e ‘ir’ são interpretados como dois Eventos distintos, portanto empregam-se dois grupos verbais. De modo diferente, um único grupo verbal não pode ser separado desta maneira, pois encontra-se apenas um Evento. Por exemplo:

(25a) *Tinha ido ao baile*
Evento 1
Processo: Material

Em (25a) não é possível inserir um segundo Participante.

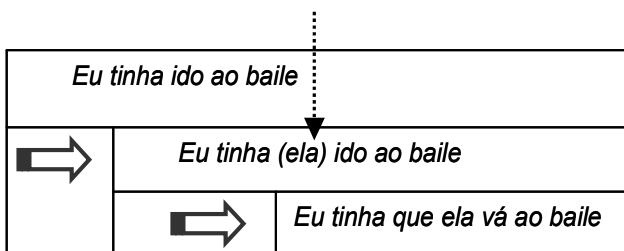


FIGURA 4.11 – Inserção de um segundo Evento no grupo verbal.

Nesta perspectiva, é possível estabelecer um paralelo entre o grupo verbal e o grupo nominal. No grupo nominal, elementos tais como Dêiticos, Epítetos e Classificadores modificam o Ente de várias formas – atribuindo qualidades, particularizando, tornando contável, restringindo, localizando no espaço, e assim por diante. De forma semelhante, o grupo verbal inclui apenas um Evento que é “qualificado” pelos outros elementos do grupo verbal.

(26) *Tinha que ir ver jogos no fim-de-semana*
 Qualificador 1 Qualificador 2 Evento

(27) *o almoço pode ter prejudicado o resto*
 Qualificador 1 Qualificador 2 Evento

Além disto, do ponto de vista lógico, os grupos verbais são uma imagem espelhada dos grupos nominais. Estes últimos são organizados do centro para a periferia (cf.: Figueredo, 2007). Desta maneira, o cerne do grupo nominal está na confluência Ente/Núcleo, que é pós-modificado pelo elemento lógico (β) que está confluído com o Classificador, o Epíteto Ideacional e o Qualificador. É, igualmente, pré-modificado pelo elemento lógico (γ) que está confluído com o Epíteto Interpessoal, o Numerativo e os Dêiticos.

| | | | | | |
|-------------------------------|-------------|-------------------------|--------------------|------------------------------|------------------------|
| <i>estes</i> | <i>dois</i> | <i>excelentes</i> | <i>projetos</i> | <i>editoriais</i> | <i>maduros</i> |
| Dêítico | Numerativo | Epíteto Interpessoal | Ente | Classificador | Epíteto Experencial |
| γ pré-modificadores | | | α Núcleo | β pós-modificadores | |
| γ | β | α | | α | β |

FIGURA 4.12 – Organização do grupo nominal: “do centro para a periferia”.

Fonte: FIGUREREDO (2007, p. 238).

Por sua vez, o grupo verbal é organizado da periferia para o centro. Nele não confluem as funções de Evento e Núcleo em um único elemento (exceto quando houver apenas um verbo no grupo verbal – mas mesmo assim o princípio prevalece: um morfema opera como Evento e outro como Núcleo).

| | | |
|---------------------|-----------------|---------------|
| Estamos-IND-PRS-1PL | indo-GER | abrir-INF |
| “modificador 2” | “modificador 1” | Evento |
| α | β | γ |
| Finito | Predicador | |

FIGURA 4.13 – Organização do grupo verbal: “da periferia para o centro”.

Do ponto de vista experiencial, o grupo verbal possui um verbo que opera como Evento, e que, por sua vez, é qualificado por outros elementos (Qualificadores) realizados por outros verbos. Já do ponto de vista lógico, este possui um Núcleo que carrega o tempo primário e assim estabelece a ordem de dominância em relação ao tempo secundário e ao aspecto. Diante disto, o Núcleo constitui-se como a relação primária entre a representação transitória do fenômeno e o tempo e, como resultado, coloca o Evento no tempo e na modalidade (o Núcleo não possui qualquer conteúdo experiencial, salvo pela dêixis temporal); em outras palavras, oferece ao Evento sua *finitude*. Sendo assim, o verbo que funciona como Núcleo é tomado como o Finito do grupo verbal.

A estrutura do verbo finito apresenta dois morfemas cruciais⁵⁸. O Radical, que responde pela modificação do Evento (em termos de modalidade, fase, etc.) e o morfema temporal, que coloca o Evento no tempo (tempo primário, aspecto). De outra forma, um grupo verbal “sem núcleo”⁵⁹ não é capaz de realizar a função da dêixis temporal, uma vez que não pode ser

⁵⁸ Pode acontecer de estes morfemas estarem fundidos, por exemplo: ‘é (ser-IND-PRS-3SG)’.

⁵⁹ Uma sequência de verbos não-finitos é, na verdade, um grupo nominal, pois é sempre possível acrescentar um verbo finito à uma possível oração.

“colocado no aqui e agora”, tornando difícil seu valor como proposição negociada entre interlocutores.

QUADRO 4.7
Estrutura do verbo finito.

| Radical (+vogal temática) | morfema temporal (fundido com o morfema de pessoa) | | |
|---------------------------|----------------------------------------------------|------|-------------------------------------------------|
| | esta- | -mos | tempo primário: presente |
| modalidade: possibilidade | pod- | -e | tempo primário: presente |
| modalidade: obrigação | tin- | -a | tempo primário: passado (+ aspecto: imperfeito) |
| fase: incoação | f- | -ui | tempo primário: passado |

Por fim, cabe ressaltar que os verbos que carregam morfologia do subjuntivo são não-finitos, pois estes não conseguem, por si sós, sustentar as proposições e assim não podem ser negociados. Por exemplo:

(28) *Quer que eu fale com ela?*

O único elemento negociável no exemplo (28) é ‘você + quer’, pois este pode ser negociado como uma proposição. Assim, se for, por exemplo, contradita, são estes os elementos recuperados pelo interlocutor:

(28A) (a) *Quer que eu fale com ela?*

(b) *Não, eu não quero-IND-1SG.*

Porém, não é possível negociar a oração subjuntiva:

(28B) (a) *Quer que eu fale com ela?*

(b) *Não, você não fale-SUBJ-3SG.*

3.2.2 O Sistema de DÊIXIS INTERPESSOAL

Olhando “ao redor”, um traço importante das orações no indicativo é que elas precisam de estar circunscritas no tempo para que se tornem argumentos na troca. Isto implica em dizer que devem estar ancoradas na temporalidade, fato que gera o sistema de DÊIXIS INTERPESSOAL.

Os argumentos de troca entre os interlocutores sempre acontecem no “agora” da interação. Assim, este sistema de DÊIXIS responde por localizar a proposição em relação a este movimento. Em português brasileiro, este trabalho é realizado pelo tempo primário. Assim, a função do tempo primário é circunscrever as proposições em algum tempo relativo

ao “agora” da interação (presente, passado ou futuro), e, complementarmente, em termos da avaliação que o falante faz do que está sendo dito, i.e., modalidade, uma vez que a avaliação também faz parte do movimento de troca.

Em português brasileiro existe um elemento responsável por realizar as opções geradas pelo sistema de DÊIXIS. Este elemento opera na organização interpessoal da oração como a função de Finito. Halliday e Matthiessen (2004, p. 115) afirmam que o Finito “tem a função de fazer a proposição se tornar finita. Em outras palavras, circunscreve a proposição, colocando-a no ‘aqui e agora’ ”.⁶⁰

Neste sentido, a presença da função de Finito determina que a oração está realizando uma proposição e é do MODO indicativo. De forma complementar, como foi apontado anteriormente, esta pode ser uma prova que sugere a diferença entre o MODO indicativo e o MODO imperativo. As orações no indicativo são circunscritas no tempo pelo tempo primário – algum lugar no tempo relativo ao “agora” da interação. Já as orações no imperativo não são, uma vez que se localizam *sempre* no “agora” da interação e, portanto, prescindem do significado de finitude.

O Finito é realizado precisamente pelo Núcleo do grupo verbal – que é o verbo finito do grupo. O sistema de DÊIXIS cosselecciona tanto Dêixis Temporal quanto Dêixis Modal. Isto significa que uma proposição pode estar localizada no espaço semântico interpessoal tanto em relação ao presente quanto à avaliação do falante.

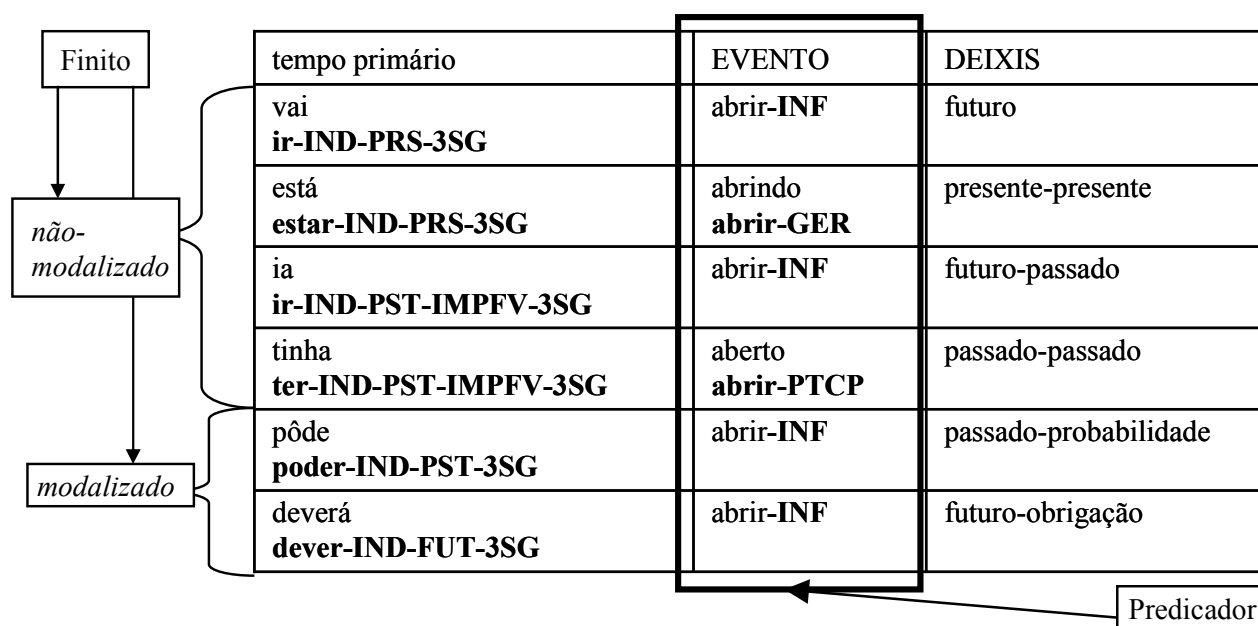


FIGURA 4.14 – Finito e DÊIXIS.

⁶⁰ has the function of making the proposition finite. That is to say, it circumscribes it; it brings the proposition down to earth.

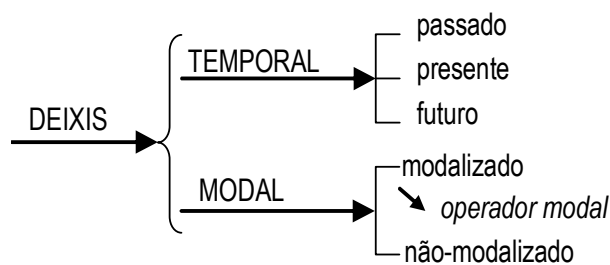


FIGURA 4.15 – A rede do sistema de DÊIXIS.

3.2.3 Pergunta-Finito

Dentre os recursos empregados nas relações interpessoais que operam com o Finito está a Pergunta-Finito. A função desta é negociar a validade das proposições – especificamente, das declarações – aumentando a chance de serem reconhecidas como válidas pelos interlocutores e, desta forma, de o ouvinte produzir um argumento respondente. Em português brasileiro estas são realizadas pela cópia do Finito no final da oração, somada à polaridade invertida [e às vezes junto com o Sujeito]. Mais uma vez, a presença do Finito nesta função aponta para ser ela fundamental na determinação dos tipos de MODO em português brasileiro (cf. inglês: *Mood Element*^*Moodtag* \leftrightarrow português brasileiro: Finito^Pergunta Finito). Por exemplo:

(29) *Pode* *pegar,* *não pode,* *Henrique?*
 Finito Predicador Pergunta-Finito Vocativo
 (polaridade invertida + cópia do Finito)

(30) *Você* *tem* *confiança em mim,* *não tem?*
 Sujeito Finito/Predicador Pergunta-Finito
 (polaridade invertida + cópia do Finito)

(31) (a) *Mãe, vai caber ali?*

(b) *Vai* *não,* *vai?*
 Finito NEG Pergunta-Finito
 (polaridade invertida + cópia do Finito)

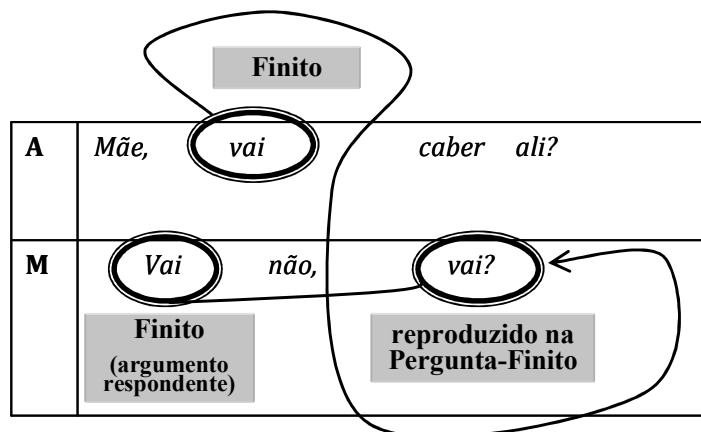


FIGURA 4.16 – Pergunta-Finito.

3.2.4 Argumentos Respondentes

Além de sua função na “ancoragem” da proposição no evento linguístico da interação (no “agora”), o Finito também se ocupa dos argumentos respondentes esperados para as perguntas polares. Na figura 4.17, em (A), o Finito que é empregado pelo falante A é retomado pelo falante B (juntamente com o Sujeito) com o objetivo de produzir a resposta. Já em (B), somente o Finito é retomado.

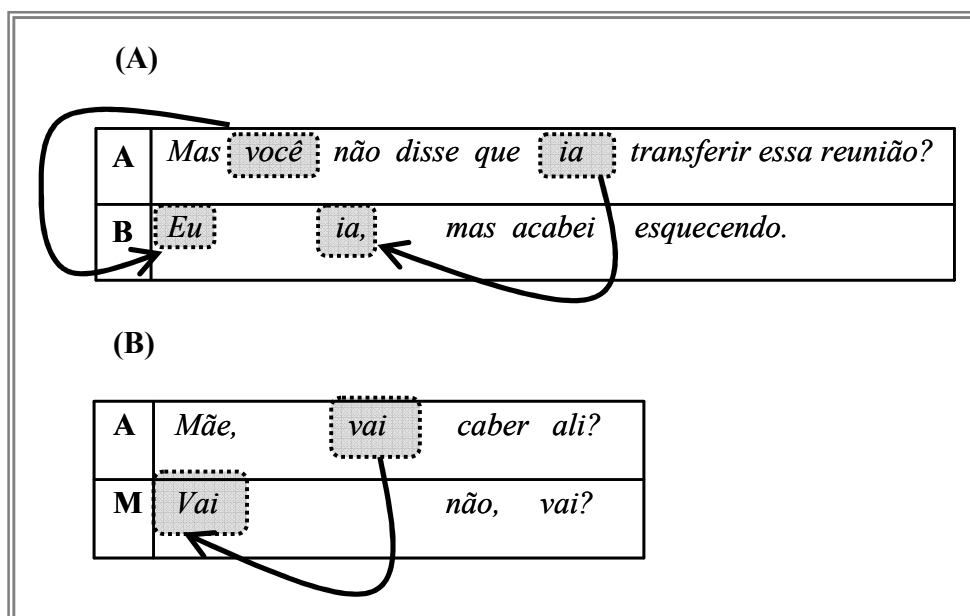


FIGURA 4.17 – O Finito (juntamente com o Sujeito) como argumento respondente das perguntas polares.

3.3 MODO Imperativo

A discussão do imperativo tem início pela apresentação do texto 4.6. Assim como o texto 4.4, este é um outro excerto da conversa entre membros de uma família que estão fazendo rocambole. Mãe (M), e filhas Ana (A) e Helena (H). Nesta parte, os interlocutores continuam tentando decidir qual vasilha é melhor para colocá-lo.

Devido ao fato de este texto ser uma cooperação, do processo sócio-semiótico fazer, apresenta de forma recorrente o emprego de orações no MODO imperativo. Matthiessen *et al.* (2008, p. 192) afirmam que os “contextos de fazer se relacionam à troca de bens-e-serviços, como por exemplo no trabalho realizado em equipe”⁶¹. Neste tipo de texto é possível observar o emprego frequente de propostas realizadas por orações imperativas. Os comandos realizados por orações imperativas estão sublinhados; os Predicadores que realizam o MODO imperativo estão em negrito.

TEXTO 4.6:

M (1) *Você não mediu?*

A (2) *Não. Cé mandou medir e falar qual que era maior, se era o amarelinho ou se era esse.*

M (3) *Ah tá... Não tem importância não (...). Deixa eu ver aqui.*

H (4) *Cabe não.*

A (5) *Divide ele no meio mesmo pra pôr naqueles ali?*

M (6) *É. Me dá uma faca aí. Faca, pode ser a serra de pão... Pega ali pra mim. Dentro do---*

A (7) *Tá dentro da vasilha de pão, vou pegar. Tá lá debaixo da pia.*

M (8) *Invés de-- do outro pirex, põe um aqui.*

H (9) *Tira lá pra mim que sua mão tá mais limpa.*

Adotando-se o olhar “de baixo”, o MODO imperativo é caracterizado pela presença de um grupo verbal que possui apenas um verbo (salvo quando há algum complexo grupal)⁶² operando como Predicador, ao qual se afixa um morfema de modo verbal imperativo e outro indicando a concordância com o Sujeito (dependendo da forma do verbo, estes morfemas podem estar fundidos). Por exemplo:

| | | | |
|--------------|---------------------|-------------------------|---------------------|
| (32a) | <i>Deixa</i> | <i>eu ver</i> | <i>aqui.</i> |
| Oração | Predicador | Complemento | Partícula Modal |
| Grupo | gr.verb.-IMP-2SG | gr.nom. (+Qualificador) | partícula oracional |

⁶¹ ‘doing’ contexts involve the exchange of goods-&-services, as in teamwork activities.

⁶² Como por exemplo no imperativo: sugestivo: ‘vamos falar/passar/andar, etc.’; ou quando imperativo implica na obediência de uma fase do comando: ‘vai falando/passando/andando, etc.’

| | | | | |
|--------------|------------------|-------------|----------------|---------------|
| (33a) | <i>Divide</i> | <i>ele</i> | <i>no meio</i> | <i>mesmo.</i> |
| Oração | Predicador | Complemento | Adj. Circ. | Adj. Modo |
| Grupo | gr.verb.-IMP-2SG | gr.nom. | gr.adv. | gr.adv. |

| | | | |
|--------------|------------------|-------------|--------------|
| (34a) | <i>Põe</i> | <i>um</i> | <i>Aqui.</i> |
| Oração | Predicador | Complemento | Adj. Circ. |
| Grupo | gr.verb.-IMP-2SG | gr.nom. | gr.adv. |

O imperativo negativo utiliza o Adjunto de Polaridade ‘não’ que, estruturalmente, aparece logo antes do Predicador. Este, por sua vez, pode apresentar morfologia diferente daquela do imperativo positivo:

| | | | |
|--------------|-----------------|-----------------------|--------------------|
| (32b) | Não | <i>deixa / deixes</i> | <i>eu ver</i> |
| Oração | Adj. Polaridade | Predicador | Complemento |
| Grupo | gr.adv. | gr.verb.-IMP-2SG | Gr.nom. (+Qualif.) |

| | | | | |
|--------------|-----------------|-------------------------|-------------|----------------|
| (33b) | Não | <i>divide / dividas</i> | <i>ele</i> | <i>no meio</i> |
| Oração | Adj. Polaridade | Predicador | Complemento | Adj. Circ. |
| Grupo | gr.adv. | gr.verb.-IMP-2SG | gr.nom. | gr.adv. |

| | | | | |
|--------------|-----------------|---------------------|-------------------------|--------------|
| (34b) | Não | <i>põe / ponhas</i> | <i>um</i> | <i>aqui.</i> |
| Oração | Adj. Polaridade | Predicador | Complemento | Adj. Circ. |
| Grupo | gr.adv. | gr.verb.-IMP-2SG | gr.nom. (+Qualificador) | gr.adv. |

QUADRO 4.8

Morfologia do modo verbal imperativo para os verbos regulares.

| terminação | pessoa | AFIRMATIVO | NEGATIVO |
|------------------|--------|------------------------|-----------|
| -AR | 2sg | -a, -e | -es, -e |
| | 1pl | -emos | -emos |
| | 2pl | -ai, -em | -eis, -em |
| -ER ou -IR | 2sg | -e, -a | -as, -a |
| | 1pl | -amos | -amos |
| | 2pl | -ei (ER), -i (IR), -am | -ais, -am |

As orações imperativas acontecem no “agora” do evento discursivo. Isto significa que sempre quando um comando é realizado por este tipo de oração, o ouvinte deve obedecer ao

comando imediatamente.⁶³ Como consequência, a gramática não desenvolveu opções de DÊIXIS para o MODO imperativo, uma vez que as orações imperativas são “colocadas no aqui e agora” sempre no tempo presente.⁶⁴

Como forma de complementar esta explicação, vale aqui fazer o contraste com a gramática do inglês, uma vez que as orações imperativas nessa língua são finitas. Ao descrever o imperativo em inglês, Halliday e Matthiessen (2004, p. 138) afirmam:

“a forma não-marcada positiva não apresenta o elemento do Modo; assim a forma do verbo (por exemplo, *look*) é apenas o Predicador, sem Finito. Já as outras formas possuem algum dos integrantes do Elemento do Modo. Este pode ser apenas o Sujeito (*you*), apenas o Finito (*do, don't*), ou o Finito seguido pelo Sujeito (*don't you*). Em qualquer destes casos, a oração pode ser seguida pela *Mood tag*: *won't you?*; *will you?* – revelando a natureza finita da oração, mesmo quando o verbo for não-finito”.⁶⁵

As orações imperativas em português brasileiro (tanto as positivas quanto as negativas) não apresentam o Finito. Nestas estão presentes apenas as funções relativas a MODO e PESSOA. As orações negativas acrescentam o Adjunto ‘não’ e pode haver a mudança da morfologia, mas ainda assim não há acréscimo da função de Finito.

O contraste fica mais claro quando um comando é respondido verbalmente – como compromisso de obediência ou de recusa. Neste caso, orações declarativas (MODO indicativo) no presente são usadas pelo interlocutor, que seleciona um grupo verbal finito operando como Finito, acrescido da morfologia do modo verbal indicativo no presente. Por exemplo:

(35) (a) *Ô vó, conta seu sonho pro B.*

(b) *Ah, não...*

(a) *Ah conta, por favor... é a cara do B. Ele adora essas histórias.
Conta seu sonho pra ele, conta.*

⁶³ Um elemento circunstancial de tempo pode especificar o tempo futuro para que o comando seja obedecido. Porém, ainda assim, quando este tempo futuro acontecer, o comando será obedecido no presente.

⁶⁴ É interessante observar que não é possível acrescentar uma Pergunta-Finito às orações imperativas em português brasileiro, o que, mais uma vez, sugere sua natureza não-finita; por exemplo, “Deixa eu ver aqui, não deixa?”

⁶⁵ the unmarked positive has no Mood element, the verb form (e.g. *look*) is Predicator only, with no Finite in it. The other forms have a Mood element; this consists of Subject only (*you*), Finite only (*do, don't*), or Finite followed by Subject (*don't you*). Any of these can be followed by a Mood tag: *won't you?*, *will you?* — showing that the clause is Finite, even though the verb is non-Finite.

(b) *Mas você quer que eu conto do jeito certo?*

(a) *Do... do jeito que você me contou hoje, igualzinho, tá? Conta.*

(b) *Tá bom, eu conto. Foi assim, meu filho...*

(36) (a) *Ambos ficaram parados por algum tempo olhando para os lados até que Rafael alou:*

(b) – *ÉÉÉ, pois é né, tá entregue, vou andando.*

(a) – *Peraí...*

(b) – *Pero...*

No exemplo (35) é possível observar como a vó, ao se comprometer verbalmente em obedecer o comando, realiza o argumento respondente esperado por meio de uma oração declarativa, ancorando-a no tempo presente em relação ao “agora” da interação, realizado pelo Finito ‘conto-IND-PRS-1SG’. O mesmo acontece no exemplo (36): Peraí-IMP-2SG+ATENUAÇÃO → Pero-IND-PRS-1SG.

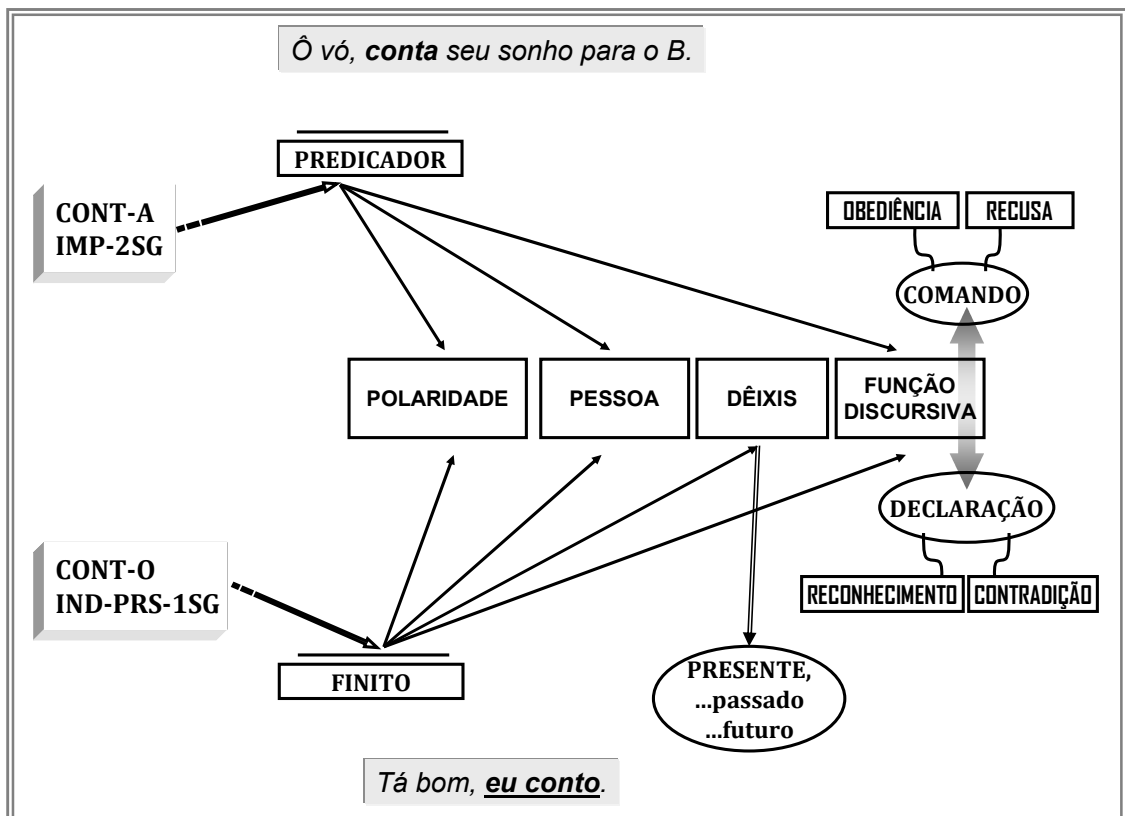


FIGURA 4.18 – Resposta verbal ao comando.

Examinando ao redor, é possível observar que, nas ocorrências neutras, apenas o Predicador é necessário para a realização do imperativo. Logo, a estrutura típica da oração imperativa neutra é apresentar o Predicador na primeira posição. Isto significa que o outro elemento fundamental do Negociador para este tipo de oração, o Sujeito, não é explícito.

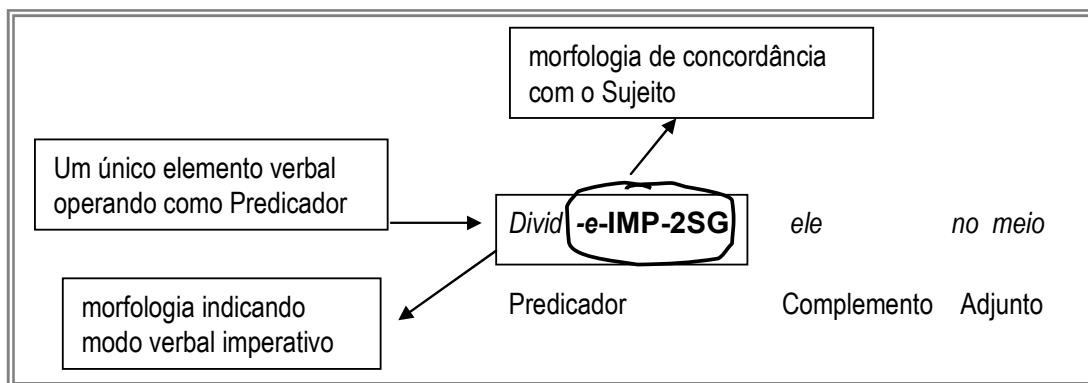


FIGURA 4.19 – Imperativo neutro.

Cabe comentar, além disto, que quando há um Complemento ou Adjunto na oração, e este elemento é o falante (ou o ouvinte em orações reflexivas, quando este é tanto o Sujeito/Ator; Adjunto/Beneficiário), este pode vir como Complemento ou Adjunto tematizado. Neste caso, o Predicador vem na segunda posição. Apesar de esta configuração provocar uma mudança estrutural, esta não se configura, funcionalmente, como uma opção distinta de imperativo. Esta configuração pode ser explicada, exclusivamente, por motivação textual. Por exemplo:

(37) *Me dá uma faca aí.*
Adjunto Predicador Complemento Partícula Modal

(38) *Acho que vc tem sérios problemas, deve ser um complexado em alto grau.*

Se liga vai trabalhar, pense no que escreveu...
Adjunto Predicador

3.3.1 Opções Mais Delicadas do Modo imperativo

1) A primeira opção mais delicada do imperativo se refere ao Sujeito das orações imperativas. Este é sempre o ouvinte no Modo imperativo jussivo, mas pode também incluir o falante nas orações sugestivas:

(39) *Tomemos como exemplo o segmento de frase*
Predicador Adjunto Complemento

(40) *Pronto, passemos para o 'b'.*
Predicador Adjunto

2) Uma outra opção mais delicada que se apresenta nas orações imperativas é o recurso para aumentar a chance de se obter uma resposta esperada ao comando. Esta é realizada pela possibilidade de se expressar uma cópia do Predicador, igualmente com forma verbal imperativa, ao fim da proposta, funcionando como o Ecopredicador. Por exemplo:

(41) *Conta seu sonho pra ele, conta.*
Predicador Complemento Adjunto Ecopredicador

(42) *Fica quietinho, fica.*
Predicador Adjunto Ecopredicador

É importante ressaltar que, por um lado, o Ecopredicador se assemelha às Perguntas-Finito, uma vez que, topologicamente são semelhantes. Contudo, por outro lado, estas se diferenciam em três pontos funcionais importantes. (i) A Pergunta-Finito busca aumentar a chance de se obter um argumento respondente do interlocutor, ao passo que o Ecopredicador busca em específico o argumento respondente esperado. (ii) A Pergunta-Finito é expressa fonologicamente pela subida da entonação (Movimento Tônico 2), ao passo que o Ecopredicador é expresso pela queda (Movimento Tônico 1). Isto indica que a Pergunta-Finito deixa em suspenso a “completude da proposição (i.e., ela não é o fim da interação verbal)” ao entregar o turno para seu interlocutor, necessitando deste um argumento no diálogo. Já o Ecopredicador pode se constituir como o fim da interação verbal. (iii) A Pergunta-Finito é expressa por uma cópia do Finito, mas a ela se acrescenta a polaridade invertida à declaração; já o Ecopredicador acompanha as propostas com mesma polaridade.

Por fim, acrescenta-se que a utilização do Ecopredicador parece se restringir às opções sugestivo ou jussivo: neutro do sistema de tipo de imperativo.

3) Apesar de o Sujeito ser claramente compreendido e a morfologia imperativa do grupo verbal apresentar a concordância com este elemento (realização prosódica da função de Sujeito), e de ele sempre ficar elíptico nas situações neutras, o Sujeito se torna explícito quando os interlocutores decidem negociá-lo, o que acontece em duas situações, que podem ser vistas como opções mais delicadas do imperativo:

a) Imperativo: singularizado → Ocorre quando o falante determina exatamente a quem será atribuído o comando. Neste caso, a especificidade do comando é realizada pela posição na estrutura dos elementos do Negociador: Sujeito seguido pelo Predicador. A figura 4.20

apresenta um comando dado especificamente ao falante B, que foi realizado por um grupo verbal com morfologia imperativa e o Sujeito explícito na estrutura Sujeito^Predicador.

| | |
|----------|------------------------------------------------------------|
| A | <i>Mas você não disse que ia transferir essa reunião?</i> |
| B | <i>Eu ia, mas acabei esquecendo.</i> |
| A | <i>Ué, agora você vai lá e despacha todo mundo.</i> |

Figura 4.20 – Imperativo singularizado.

b) Imperativo: negociado → este ocorre quando a responsabilidade por se obedecer a um comando é negociada entre os interlocutores. Neste caso, o Sujeito segue o Predicador na estrutura. A figura 4.21 mostra dois interlocutores negociando qual deles irá abrir a porta. No turno do falante Ney, o imperativo negociado é realizado por um grupo verbal com morfologia imperativa na estrutura Predicador^Sujeito.

| | | |
|----------------------------------|----------------------------------|-------------------------------|
| <i>Ô, Ney!</i> | <u>Abre</u> Predicador | <i>essa porta, Ney!</i> |
| <u>Abre</u> Predicador | <u>você!</u> Sujeito | <i>Não sou seu empregado!</i> |

Figura 4.21 – Imperativo negociado.

3.3.2 O Sistema de FORÇA

Diferentemente de outras línguas românicas, o português brasileiro não faz distinção entre imperativo formal e imperativo informal. O que se encontra nesta língua é uma distinção de outra natureza.

As línguas românicas, como o francês (cf. Caffarel, 2004) e o espanhol (cf. Quiroz, 2010) fazem uma diferenciação sistêmica entre o imperativo formal e o informal, realizada pelo tipo de morfema afixado ao Predicador. Por exemplo:

(43) *Parle-IMP-2SG-INFORMAL* [Caffarel (2004, p. 94)]
Predicador

(44) *Parlez-IMP-2SG-FORMAL, monsieur* [Caffarel (2004, p. 94)]
Predicador

**(45) Préndemelo-IMP-DAT-ACC-2SG-1SG-3SG-INFORMAL [Quiroz (2010, p. 13)]
Predicador**

**(46) Préndamelo-IMP-DAT-ACC-2SG-1SG-3SG-FORMAL [Quiroz (2010, p. 13)]
Predicador**

Já a língua falada no Brasil não possui a distinção sistêmica entre formalidade e informalidade e ambos os tipos de morfema – paralelos aos utilizados em francês ou espanhol – são usados. A preferência por um ou outro tipo de morfema parece variar segundo os dialetos dentro do Brasil. Contudo, em alguns casos parecem ser apenas formas concorrentes. Por exemplo, no texto 2, a certa altura Antônio Carlos diz para Glorinha:

(47) (A1) Apanh-a-IMP-2SG o fósforo aí.

(G) Onde está?

(A2) Apanh-e-IMP-2SG e acenda aqui.

Em (A1), Antônio Carlos emprega o morfema “indicador de informalidade”; já em (A2), emprega o morfema que indicaria a formalidade. Apesar de haver esta diferença na expressão, ela não produz uma diferença no significado com respeito à formalidade, como se pode ver pelo exemplo, assim realizada pela gramática interpessoal da oração imperativa. Desta forma, não há como se gerar um sistema mais delicado para o imperativo com base nesta morfologia, uma vez que não realiza funções diferentes.

De outro modo, a língua do Brasil faz uma distinção no tipo de força que um imperativo deve possuir para seu receptor. Devido ao fato de estas opções se configurarem em oposição sistêmica, configuram-se como termos do sistema de FORÇA. O conceito de força se relaciona com a carga interpessoal que o falante decide aplicar sobre um comando (cf. Rose, 2004, p. 489; Halliday e Matthiessen, 2004, p. 44). Pelo fato de se tratar de um sistema interpessoal, esta decisão do falante leva em conta toda a complexidade que uma interação pressupõe – incluindo polidez, formalidade, verticalidade, horizontalidade, familiaridade, expertise, etc. Em português brasileiro a FORÇA é realizada fonologicamente pelos movimentos tônicos 1, 1+ e 5.

Uma oração imperativa pode codificar um comando (demanda de bens-e-serviços), que seria a opção não-marcada. Esta opção é realizada pelo Movimento Tônico 1 (queda). No entanto, para além deste tipo, a oração imperativa pode codificar também a forma pela qual a

demanda de bens-e-serviços deve ser entendida pelo interlocutor, que comporia a opção marcada.

A marcação, por sua vez, pode ser de dois tipos. (i) Esta pode implicar em o falante procurar estabelecer algum equilíbrio de status na interação – ou desequilíbrio em favor do ouvinte – de forma a aumentar sua chance de sucesso em ter o comando obedecido. Neste caso, a oração imperativa codifica um pedido. Esta opção é realizada pelo Movimento Tônico 5 (subida-queda). (ii) A marcação também pode implicar em o falante buscar desequilibrar o status da relação, alegando maior status para o próprio falante, aumentando a distância social entre os interlocutores. Então, a oração imperativa passa a codificar uma ordem. Esta opção é realizada pelo Movimento Tônico 1+ (queda forte).

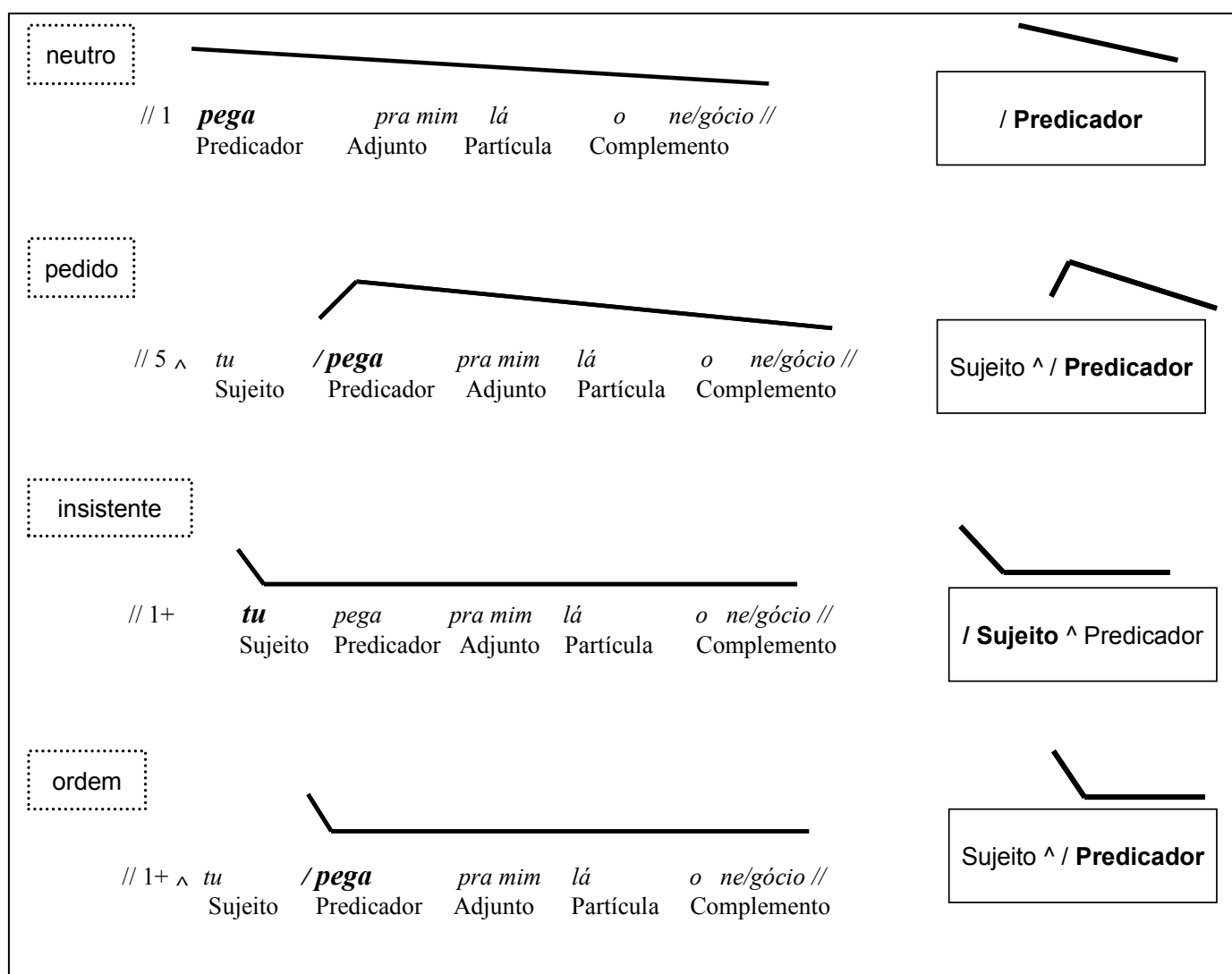


Figura 4.22 – MODO imperativo e o sistema de FORÇA.

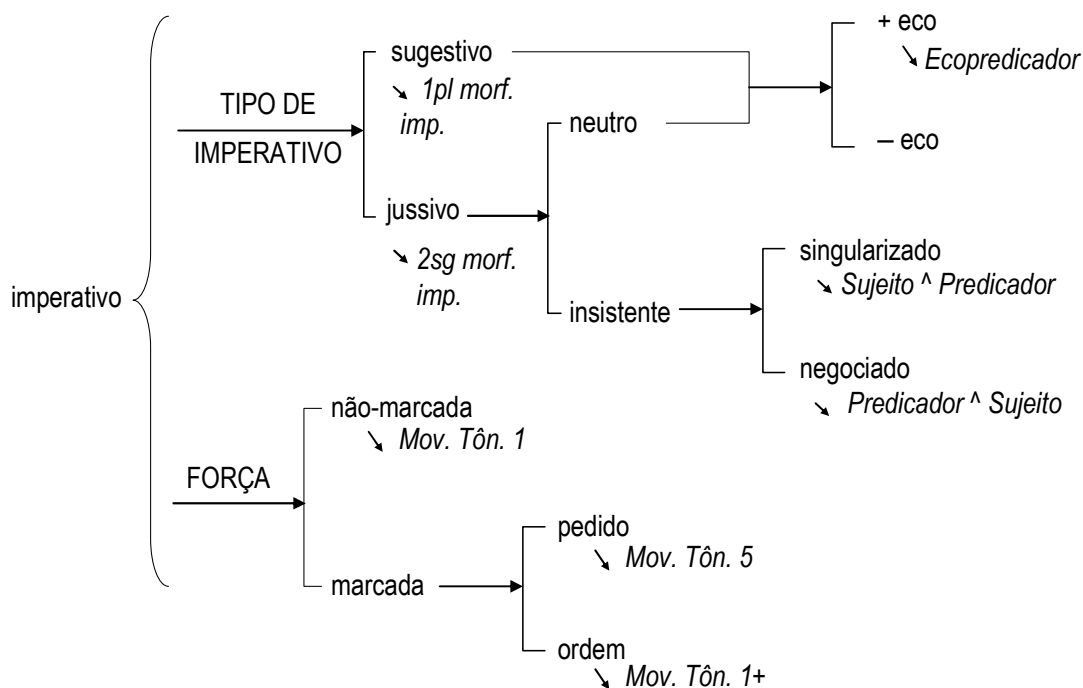


FIGURA 4.23. Rede do sistema de MODO IMPERATIVO.

3.4 Negociador: Partículas Modais e o Sistema de VALIDAÇÃO

Os sistemas de SUJEITABILIDADE e TIPO DE MODO, oferecem as seleções, respectivamente para o Sujeito e o Finito (nas orações indicativas) ou Sujeito e Predicador (nas orações imperativas) que, por sua vez, constituem a estrutura do Elemento Negociador em português brasileiro. Contudo, além destes, a gramática interpessoal apresenta um outro conjunto de recursos que responde pela relação dos interlocutores com as proposições ou propostas através do sistema de AVALIAÇÃO MODAL.

As opções deste sistema negociam – em termos de validade, probabilidade, obrigação, polaridade, etc. – algum aspecto da oração como argumento da interação. Por conseguinte, os elementos interpessoais da oração que formam as opções deste sistema também são incluídos como parte do Negociador, juntamente com o Sujeito e o Finito (ou Predicador).

Os recursos da gramática interpessoal que avaliam modalmente a interação são variados, estendendo-se por diversos subsistemas, assim como sua realização gramatical. Matthiessen (1995, p. 490) afirma que a “dispersão por toda a lexicogramática é uma característica da metafunção interpessoal”.⁶⁶

Igualmente, pode variar bastante a medida pela qual os diferentes recursos de avaliação se complementam, se sobrepõem, ou se distinguem; afinal, como afirma Matthiessen (2004, p. 541): “na metafunção interpessoal, o domínio sistêmico amplo que está mais sujeito a

⁶⁶ dispersal through the lexicogrammatical system is a feature of the interpersonal metafunction.

considerável variação tipológica é aquela da avaliação modal – a avaliação de algum aspecto da proposição ou proposta encenada pelos recursos interpessoais da oração”.⁶⁷ Assim, a descrição sistêmica da AVALIAÇÃO MODAL tende a levar em conta a natureza dispersa de suas opções.

Como passo inicial, a descrição pode ser realizada a partir de duas noções principais (cf. Matthiessen, 1995, p. 490), relativas a regiões complementares da semântica interpessoal. A primeira é a *orientação da avaliação*, através da qual o falante expressa sua posição diante do argumento da interação, ou pede ao ouvinte sua posição (anuência, atenção, concordância, etc.) sobre este. A segunda diz respeito ao *domínio da avaliação*, na qual o falante avalia a própria proposição ou proposta (probabilidade, obrigação, polaridade, etc.).

Adotando-se a caracterização de orientação e domínio da avaliação para o português brasileiro, é possível observar que, segundo a orientação da avaliação, este sistema linguístico possui disponíveis o sistema de VALIDAÇÃO, realizado por Partículas Modais; e parte da AVALIAÇÃO DO MODO e COMENTÁRIO, realizados por Adjuntos.

Quanto ao domínio da avaliação, estão disponíveis parte dos sistemas de AVALIAÇÃO DO MODO e COMENTÁRIO, bem como a MODALIDADE – realizada por Adjuntos e Finitos Modais; POLARIDADE – realizada por Adjuntos; TEMPORALIDADE – realizada por Adjuntos e Finitos Temporais.

Somando-se a estes, há ainda outros elementos da ordem do grupo e classes de palavra – como os Epítetos Interpessoais e itens lexicais – opções nos sistemas fonológicos e configurações de metáfora interpessoal que também contribuem para a construção da avaliação modal (ver Figura 4.24).

Devido ao fato de o MODO realizar as FUNÇÕES DISCURSIVAS, e estas implicarem na seleção de significados de várias regiões da semântica interpessoal, o potencial da avaliação modal disponível depende, em muitos casos, diretamente das escolhas no sistema de MODO. Assim, esta restrição à escolha do MODO indica a forma como a variação tipológica dos recursos interpessoais pode ocorrer. Em português brasileiro, esta variação pode ser observada segundo duas perspectivas:

(i) *de forma contínua ao MODO*: neste caso, uma função relativa à avaliação modal acrescenta mais um nível de delicadeza à seleção do TIPO DE MODO. Em português brasileiro, o subsistema da AVALIAÇÃO MODAL em questão é o sistema de

⁶⁷ Within the interpersonal metafunction, the general systemic domain that is subject to considerable typological variation is that of modal assessment – i.e., the assessment or evaluation of some aspect of the proposition or proposal being enacted by the interpersonal resources of the clause.

VALIDAÇÃO, que é realizado por Partículas Modais e tem a função de validar as proposições ou propostas enquanto um argumento da troca. Assim, quando uma proposição ou proposta apresenta também um item da validação, observa-se a seleção primária pelo TIPO DE MODO, mas também uma seleção secundária segundo a categoria de avaliação (cf.: Halliday e McDonald, 2004, p. 341).

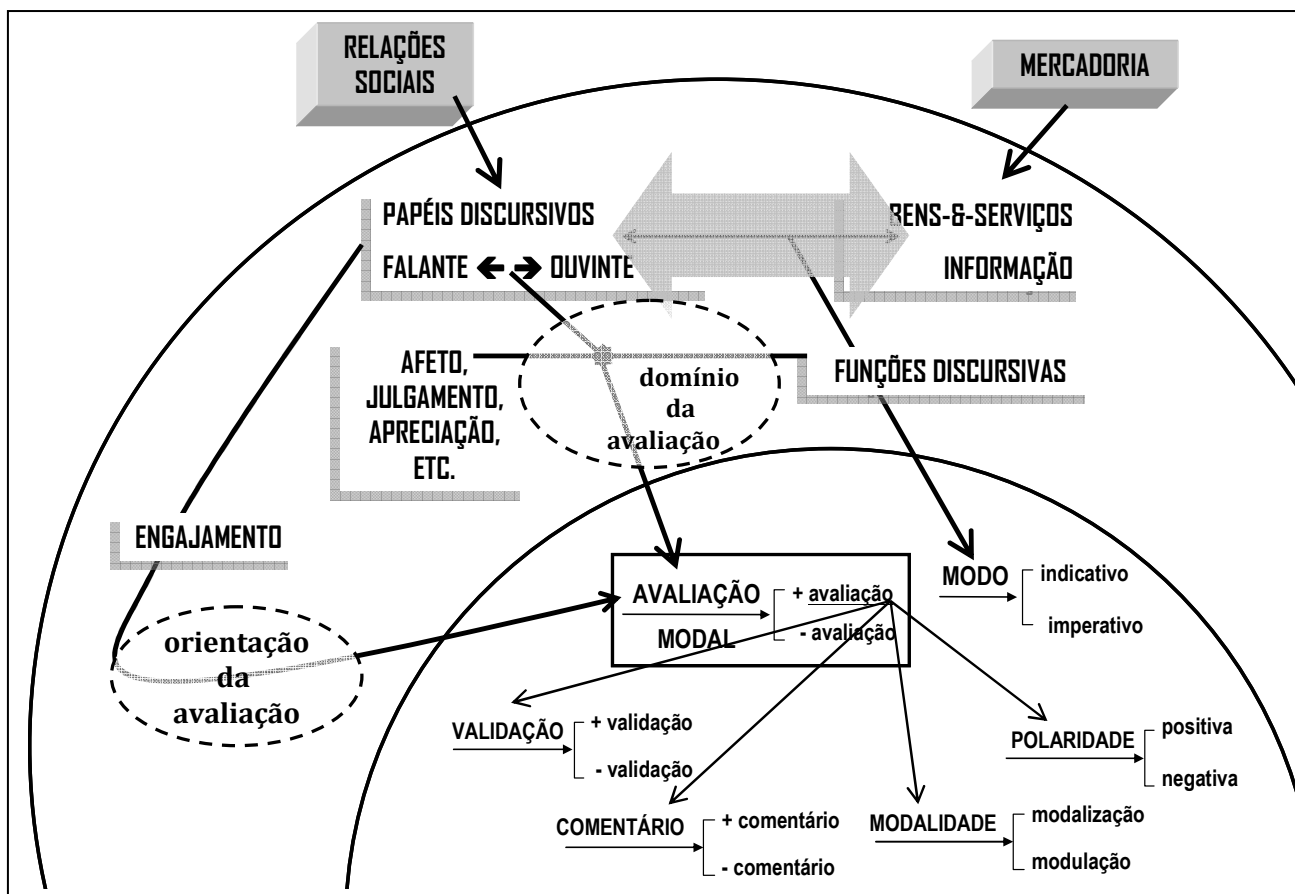


FIGURA 4.24 – Dispersão dos recursos interpessoais.

(ii) *de forma complementar ao MODO*: aqui as opções para a avaliação modal não se configuram como opções mais delicadas do MODO, mas sim caracterizam-se sob o ângulo avaliativo do falante em relação ao que diz. Em português brasileiro, encontram-se neste grupo os subsistemas de MODALIDADE, POLARIDADE, AVALIAÇÃO DO MODO e COMENTÁRIO, bem como os recursos da ordem do grupo e das classes de palavras que realizam as opções do sistema semântico de AVALIATIVIDADE (AFETO, JULGAMENTO, APRECIACÃO).

A Figura 4.25 apresenta um exemplo da articulação destes sistemas na oração “*parece que ele faz um excesso de esforço, né?*”

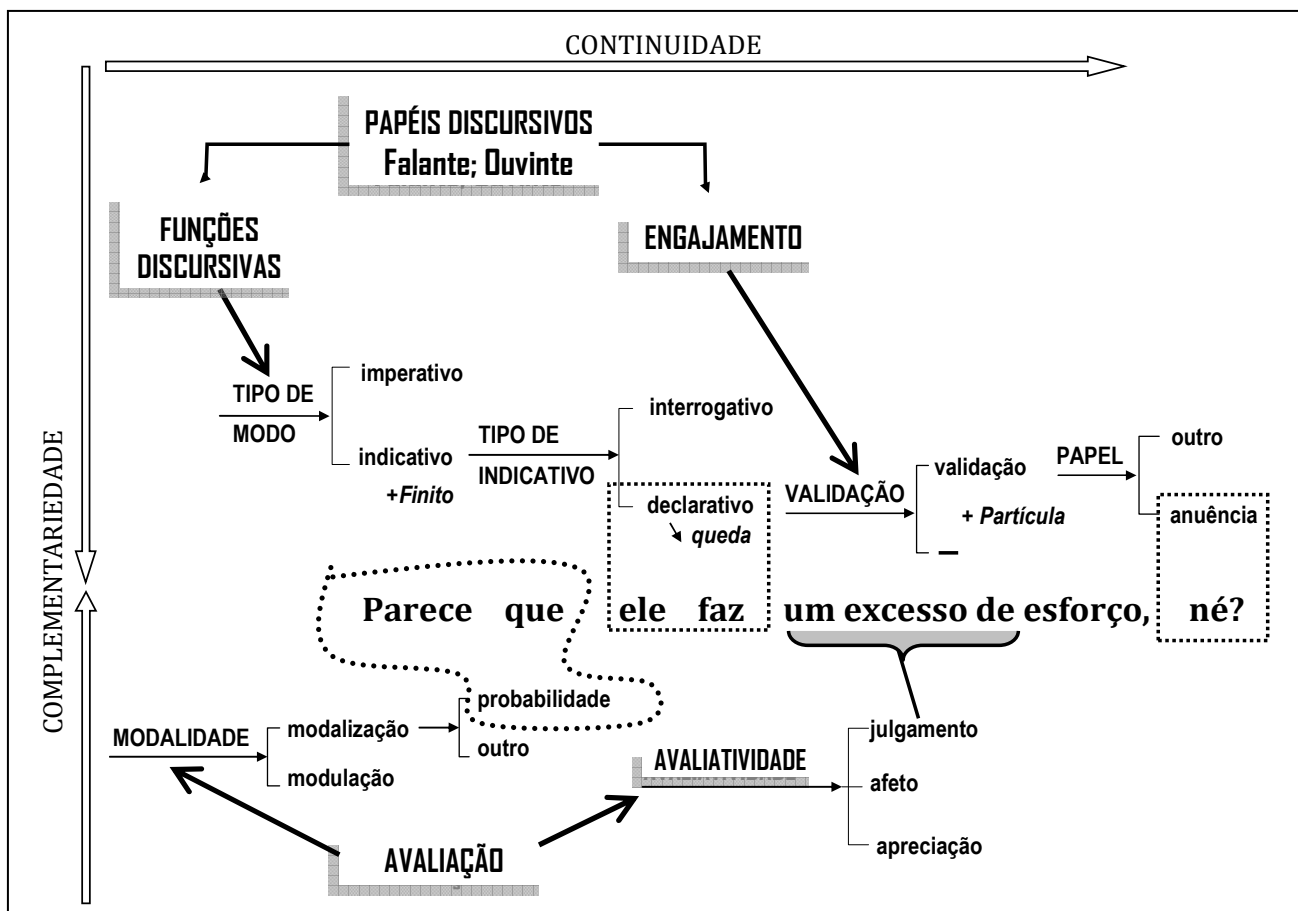


FIGURA 4.25 – Continuidade e complementaridade dos sistemas interpessoais.

A variação na forma pela qual as diferentes línguas gramaticalizam os significados interpessoais pode se estender desde uma distinção mais ou menos clara entre o MODO e a AVALIAÇÃO MODAL. Num extremo desta distinção, tem-se o caso do tagalo (cf. Martin, 2004, p. 228) no qual o MODO é realizado por formas verbais finitas e, dentro da AVALIAÇÃO MODAL, a MODALIZAÇÃO por um conjunto de enclíticos e a MODULAÇÃO por outro conjunto. Uma distinção menos clara encontra-se em línguas como o inglês, na qual se observa que parte da AVALIAÇÃO MODAL se restringe em parte à seleção do TIPO DE MODO (cf. Matthiessen, 1995; Halliday e Matthiessen, 2004), sendo que o MODO é realizado pelo Elemento do Modo (Sujeito e Finito), e as opções de MODALIZAÇÃO e MODULAÇÃO menos distintas entre si (ambas realizadas pelos mesmos itens de Finitos Modais, distinguindo-se apenas pelo ambiente discursivo, se proposicional ou propositivo). Finalmente, em outras línguas esta distinção parece bem menos clara, como é o caso do cantonês (cf. Kwok, 1984; Ochi e Lam, 2010), em que as opções relativas ao MODO e à AVALIAÇÃO MODAL são primariamente realizadas por partículas. Em português brasileiro, o que se vê é uma linha contínua na relação entre os significados realizados pelo MODO e aqueles realizados pela AVALIAÇÃO MODAL.

A partir do MODO, dando início pelo sistema de VALIDAÇÃO, cuja função principal é negociar entre os interlocutores o papel do falante em uma proposição ou proposta a fim de que esta se torne um significado compartilhado na interação, observa-se que este sistema está intimamente relacionado à escolha do MODO, e os conjuntos de recursos apresentam um padrão claro para a validação de proposições ou propostas. Em seguida, as opções da MODALIZAÇÃO e MODULAÇÃO, em medida menor, também se dão conforme a escolha do MODO, principalmente devido à indistinção dos Finitos Modais que as realizam. As opções de probabilidade e habitualidade se correlacionam às proposições, enquanto a inclinação e a obrigação às propostas. Este parece ser também o caso da AVALIAÇÃO DO MODO. O sistema de COMENTÁRIO apresenta um conjunto de termos que não avalia diretamente as propostas ou proposições, mas a posição do falante diante destas. Por fim, no extremo mais distante do espectro relativamente às opções do MODO se encontra o sistema de POLARIDADE, que não parece apresentar qualquer restrição quanto a orações imperativas, declarativas ou interrogativas.

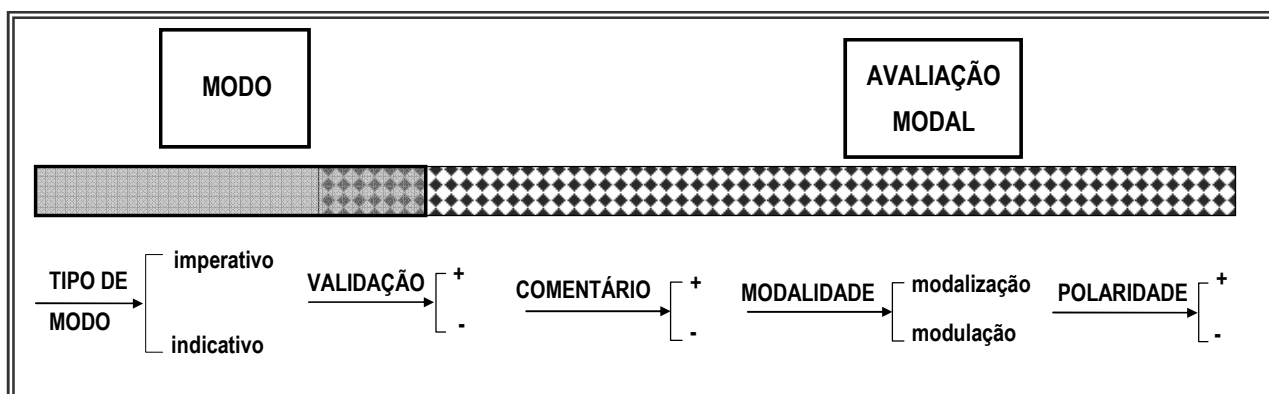


FIGURA 4.26 – Contínuo MODO-AVALIAÇÃO MODAL.

Uma vez que o conjunto de recursos do sistema de AVALIAÇÃO MODAL ligado ao MODO em português brasileiro é a VALIDAÇÃO – e por este motivo este se constitui como o sistema de “MODO mais delicado” – a seção seguinte tem como objetivo discutir as suas funções detidamente. O início desta discussão se dará pela apresentação das Partículas Modais, uma vez que estas são a realização na gramática do sistema de VALIDAÇÃO.

3.4.1 sistema de VALIDAÇÃO: Partículas Modais

Dá-se início à discussão das Partículas pela apresentação do texto 4.7. O contexto é: dois jovens conversam sobre atletas e a forma como seus corpos se modificam em virtude de sua atividade profissional.

TEXTO 4.7:

A (1) *Cê vê que tem muita gente assim normal que nem “atleta em academia” e tem o corpo muito mais bonito, né?*

B (2) *É.*

A (3) *Igual esse cara que é muito magro é ridículo, né?*

B (4) *É.*

A (5) *Parece que ele faz um excesso de esforço, né?*

B (6) *É. E geralmente esse--*

A (7) *Vê esse pessoal também de maratona, cê já viu? Magrinho--*

B (8) *[magérrimo--*

A (9) *Parece doente, né, cara?*

O processo sócio-semiótico deste texto é o explorar. Mais especificamente, é uma discussão. Este tipo de texto acontece quando os falantes procuram criar novos significados por meio da língua. Nesta passagem especificamente vê-se a forma como o falante A procura criar um novo significado através do consentimento do falante B. Assim, o texto 4.7 é, basicamente, o que o falante A diz. É possível observar como seus turnos são mais longos e que não o entrega ao falante B por muito tempo. No argumento 6, chega até a tomar o turno de B; já no 8, B tenta tomar o turno de A – ambos falam simultaneamente – mas A não entrega o turno e continua falando.

Além das tomadas de turno, o falante A emprega partículas em quatro de seus cinco turnos. Estas possuem, na gramática interpessoal da oração, a função de realizar opções do sistema de VALIDAÇÃO. Em geral, a análise dos dados retirados do cópulo desta pesquisa mostra que os falantes empregam os recursos deste sistema quando necessitam que seus interlocutores endossem seu papel de ‘falante’ na troca. Com isto, este tipo de partícula compreende um novo conjunto de recursos disponíveis aos falantes para conduzir a negociação e converter sua opinião em “conhecimento compartilhado” entre os interlocutores.

Uma vez que a característica principal do texto 4.7 é, pelo fato de estar associado ao processo sócio-semiótico explorar, criar significados, pontos de vista e valores através da negociação (cf. Mattiessen *et al.*, 2008), podemos compreender que o uso das Partículas de Anuência (né, é) tende a aumentar o sucesso do falante.

Por conseguinte, o texto 4.7, que parece um diálogo é, de uma certa forma, o falante A entregando o turno ao falante B apenas pelo tempo necessário para que B anua ao papel de A de dar informação. De certa maneira, esta passagem pode ser vista como A pedindo a anuência de B para que o próprio A apresente um monólogo sobre o tema “dos corpos de atletas”.

O Quadro 4.9 a seguir apresenta o espectro das funções realizadas pelas Partículas que cobre, de uma forma geral, a extensão da negociação em português brasileiro.

QUADRO 4.9
Partículas Modais.

| Ambiente para as Partículas | | Partículas Modais | | | |
|-----------------------------|------------------------------------------------|-------------------------------------------------|-------------------------------------|------------------------|---------------------------------|
| orientação e mercadoria | ambiente do MODO | função | Inicial | Respondente | |
| | | | | esperada | arbitrária |
| | | ATENÇÃO | <i>ó</i> | <i>tá</i> | <i>não</i> |
| fornecer informação | Declaração: indicativo declarativo | ANUÊNCIA | <i>né</i> | <i>é</i> | <i>né não</i> |
| | | CONCORDÂNCIA | <i>tá</i> | <i>tá</i> | <i>não</i> |
| | | INSISTÊNCIA | <i>tchê, ué, sô, pô</i> | <i>ah é; ah tá; tá</i> | <i>não sô; não ué; não tchê</i> |
| | | CONCLUSÃO | <i>ué, uai, ah</i> | <i>é</i> | <i>ah</i> |
| | | ENTENDIMENTO | <i>viu, visse</i> | <i>viu</i> | <i>não</i> |
| | | CONFIRMAÇÃO | <i>hein, é</i> | <i>tá (curto), é</i> | <i>tá (longo)</i> |
| | | EMPATIA | <i>sô</i> | --- | --- |
| | | EXCLAMAÇÃO | <i>bah, nó, oxe, pô, tchê, etc.</i> | --- | --- |
| demandar informação | Pergunta Polar: indicativo interrogativo | CONFIRMAÇÃO | <i>é, sô, tchê,</i> | <i>é</i> | <i>não</i> |
| | Pergunta Elemental: indicativo interrogativo | EXORTAÇÃO p/ responder DESAFIO | <i>tchê, sô, pô, hein</i> | <u>resposta</u> | <u>renúncia</u> |
| demandar bens-e-serviços | Comando: imperativo | EXORTAÇÃO p/ obedecer | <i>sô, tchê, pô</i> | <u>obediência</u> | <u>recusa</u> |
| | | ATENUAÇÃO p/ obedecer | <i>ai, aqui</i> | <u>obediência</u> | <u>recusa</u> |
| fornecer bens-e-serviços | Oferta: imperativo ou indicativo interrogativo | ATENUAÇÃO p/ aceitar | <i>tchê, sô, ai, aqui</i> | <u>aceite</u> | <u>rejeição</u> |

É importante observar que a forma das Partículas pode variar conforme a região do Brasil, tanto em termos funcionais quanto na forma que são expressas. Algumas Partículas de um dialeto podem desempenhar o mesmo papel funcional que outras em outros dialetos, o que

sugere serem as mesmas, mas que variam quanto à expressão. Por exemplo, bah, tchê, nó, ôxe, são expressões da Partícula de Exclamar (dialetos gaúcho e sulista (bah e tchê), mineiro (nó), parte dos dialetos nordestinos (ôxe)). Por outro lado, algumas partículas são peculiares de alguns dialetos do Brasil, por exemplo, a Partícula de Simpatizar ‘sô’ presente, com a função de empatia, apenas no dialeto mineiro. Ressalta-se ainda que, mesmo dentro de um dialeto, pode haver variação.

O exame “de baixo” revela que, as Partículas Modais constituem uma classe de palavras distinta, que se caracteriza pela invariabilidade morfológica e gramaticalização por redução fonológica. Conforme a tradição de descrição funcionalista da língua do Brasil, muitas destas são classificadas como marcadores discursivos (cf. Urbano, 1999; Freitag, 2009). Estruturalmente, as Partículas Modais tendem a aparecer no final da oração, uma vez que são as proposições ou propostas inteiras que se negociam. Contudo, não são raras as ocasiões em que estas se encontram em outras regiões da oração, em geral, na sequência de um elemento (Sujeito, Adjunto, etc.) que o falante deseja negociar de forma mais específica.

Em termos fonológicos, as Partículas Modais aparecem tipicamente no final de um grupo tonal. Mesmo quando o falante ainda está no meio da produção de uma oração, ele pode acrescentar o movimento tônico de final de oração através do emprego de uma Partícula (fazendo corresponder um movimento tônico a um grupo nominal, verbal, adverbial, etc., e não a uma oração). Desta forma, acrescenta mais uma camada de significado ao argumento. Por exemplo:

(48) *A avó da menina morava em G.L. quando eu conheci ela. Ela falou:
 “Ó, mais que-- eu estou feliz, viu, da minha neta estar namorando com seu filho.
 Gostei. Foi bom conhecer a mãe do meu neto... já é meu neto”.*

// 1 ^ eu es/tou fe/liz /viu // 1 ^ da minha /neta es/tar namo/rando com seu /filho //

// 1 ^ eu es/tou fe/liz da minha /neta es/tar namo/rando com seu /filho //

Em termos fonológicos, a forma do exemplo (48), com a Partícula, apresenta dois grupos tonais 1. Devido ao fato de este ser o movimento tônico das declarativas, o que se tem é uma declaração em termos semânticos e uma oração declarativa em termos gramaticais, mas, por assim dizer, com “força” de duas declarativas, em termos fonológicos.

A ocorrência das diferentes Partículas se associa a ambientes diferentes. Assim, dependendo da orientação e da mercadoria trocada – e por conseguinte do tipo de MODO – tem-se emprego de Partículas diferentes.

De maneira complementar à análise “de baixo”, o exame “ao redor”, a partir da gramática da oração, revela que as Partículas também contribuem para que a troca seja encenada de maneira alternativa à da configuração Sujeito + Finito. É possível observar que o papel desempenhado pelo Sujeito, ou pelo Finito não é, aqui, relevante como é em outros diálogos. No caso do texto 4,7, é o papel das Partículas Modais que ganha proeminência.

Este é, precisamente, o motivo pelo qual as Partículas não se configuram em português brasileiro como opções primárias no sistema de MODO – como em mandarim, croata, cantonês ou japonês (ver Figura 4.27) – mas sim como opções no sistema de VALIDAÇÃO.

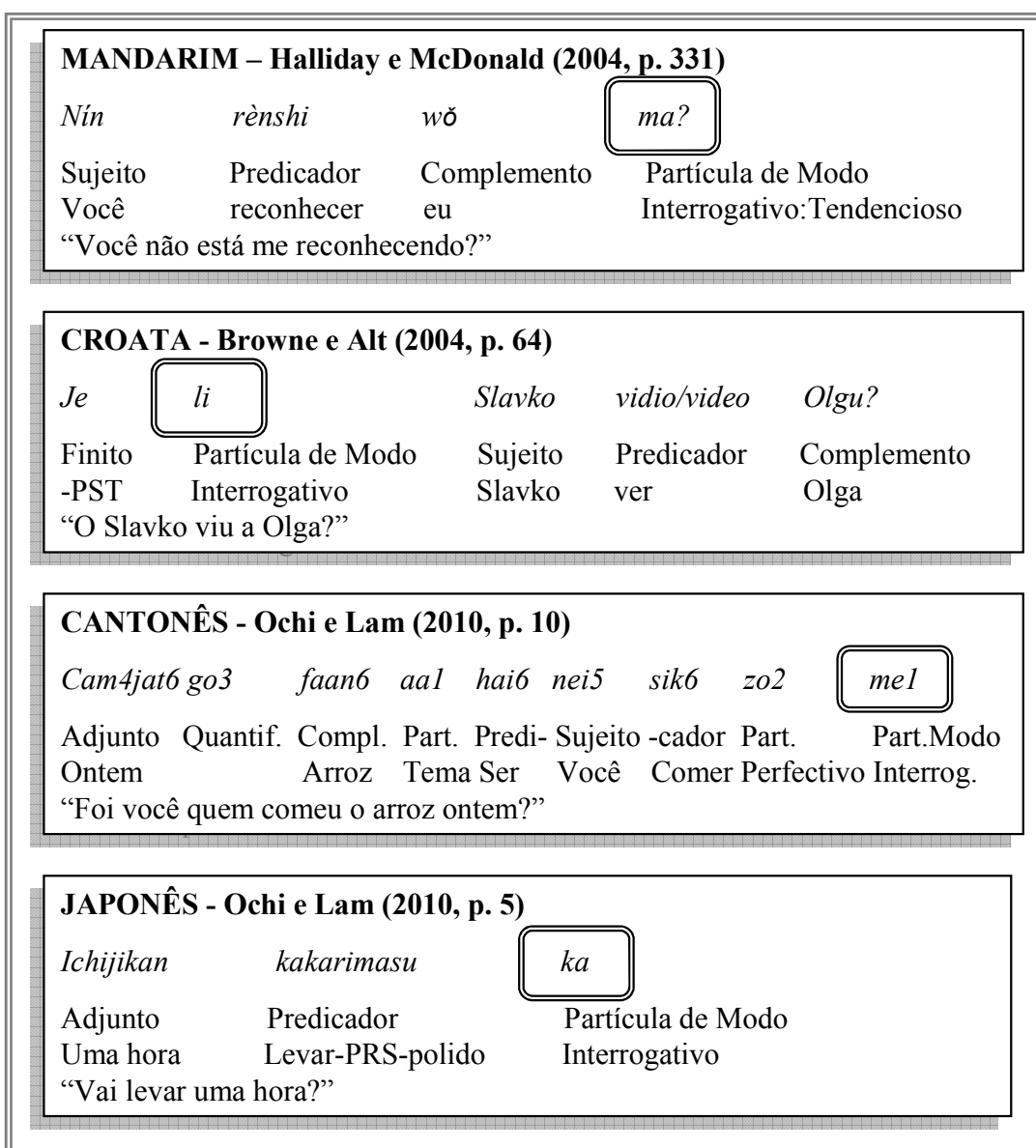


FIGURA 4.27 – Modo realizado por partículas.

Na teorização da VALIDAÇÃO em relação à descrição do mandarim, Halliday e McDonald (2004, p. 341) afirmam que este tipo de partícula realiza “o sistema gramatical de validação, aquele através do qual o falante indica avaliação da, ou grau de envolvimento na, proposição ou proposta da oração”.⁶⁸

Tendo em vista que é exatamente este o comportamento funcional do sistema de partículas em português brasileiro, pode-se, então, entender que o conjunto de recursos realizados gramaticalmente pelas Partículas organiza-se como opções alternativas que, com isto, constituem o sistema de VALIDAÇÃO.

Focalizando aquelas relacionadas às proposições que fornecem informação, realizadas por orações declarativas, têm-se as seguintes Partículas.

Anuência: esta Partícula possui a função de pedir ao ouvinte que dê seu assentimento ao falante para que a proposição possa se tornar parte do “conhecimento compartilhado” entre eles. Neste caso, o ouvinte não precisa, necessariamente, concordar com a opinião do falante, mas apenas dar seu aval para que o falante permaneça no lugar de “avaliador da proposição”. Um exemplo do significado de ‘aval’ destas Partículas pode ser visto no texto 4.8. O contexto é duas mulheres conversando sobre um relacionamento de uma delas. O processo sócio-semiótico é o recomendar, no qual uma das falantes (F1) pede conselhos à outra falante (F2). Assim, a função de (F2) no texto é procurar controlar o comportamento da outra falante, que, neste caso específico, se dá sobre a sua conduta face ao relacionamento.

TEXTO 4.8:

F1 (1) *E daí eu conheci há um mês um rapaz super gente boa, uma conversa muito legal, e aí a gente ficou. Ficou uma, ficou duas, na três rolou. E foi muito bom, foi tudo de bom, né? Afinal só conhecia um único homem, olha o atraso.*

F2 (2) *Hã? Foi melhor?*

F1 (3) *Foi muito bom! Se eu soubesse tinha feito antes...*

F2 (4) *Né...*

F1 (5) *Verdade. Demorei, mas tudo bem, tudo tem sua hora. Só que aí tem um problema.*

F2 (6) *Qual?*

F1 (7) *Ele tem namorada.*

F2 (8) *Putá...*

F1 (9) *E namora há oito anos... pois é ... E ... é ... Tem 37 anos, namora há oito anos.*

⁶⁸ (...) a grammatical system of assessment, whereby the speaker signals attitude to, and degree of involvement in, the proposition or proposal of the clause.

F2 (10) *Filha da puta.*

F1 (11) *Filho da puta. Mas ele não mentiu, no dia que eu conheci e fiquei com ele, ele logo de cara falou que tinha namorada e tal. Mas aí eu tava afim de ficar e acabei fiquei, fiquei mesmo.*

F2 (12) *Mas agora chega, né?*

F1 (13) *Então... Chega, né?*

F2 (14) *Né?*

F1 (15) *É. Porque não vai dar em nada, né?*

F2 (16) *É. Já deu o que tinha que dar e foi bom. Mas ainda pode dar tanta coisa e não precisa ser com ele, né?*

F1 (17) *Ahã.*

No texto 4.8, a Partícula de Assentir ‘né’ indica exatamente a tentativa do falante de requisitar junto ao ouvinte o aval para que as proposições, por exemplo, ‘*Igual esse cara que é muito magro é ridículo*’ sejam compartilhada por ambos para que o falante, consolidando aí seu papel de dar informação prossiga com o argumento.

Concordância: O emprego deste tipo de partícula implica em que o falante peça ao ouvinte que concorde com a proposição, para que, mediante a concordância esta possa ser compartilhada. Por exemplo:

(49) *Não vai ficar bonito igual o outro não, tá?*

Insistência: Estas partículas expressam a insistência do falante em que sua proposição seja respondida da forma esperada pelo ouvinte. Por exemplo:

(50) (a) *Não deve de ser para ligar para elas.*

(b) *Eu acho que é sim, sô.*

(a) *É?*

Conclusão: as Partículas de Conclusão (ué, uai, ah) possuem a função de levar o ouvinte a endossar a obviedade da proposição, chegando sobre esta à mesma conclusão do falante (o significado desta pode ser parafraseada como: mas é claro, obviamente, naturalmente, não resta dúvida, etc.).

(51) *Ele chegou na porta da venda, falou: “ô seu F, o senhor não vai levar o milho não?” Eu falei “não, uai. Achei que aqui era venda... aqui é escola, né?”*

Entendimento: estas Partículas são empregadas quando o falante necessita que o ouvinte entenda sua proposição para que esta seja negociada. Neste sentido, cabe ao ouvinte não apenas dar sua anuência, ou concordar, com a proposição, mas, de certa forma, entender a motivação do falante para ter colocado esta proposição, e não outra, em negociação.

(52) (a) *Que vergonha! Vocês nunca mais voltam pro lado de lá, viu?*

(b) *Viu.*

(53) (a) *Eu venho almoçar hoje em casa, viu!*

(b) *Não!*

Confirmação: o emprego desta Partícula aparece, em geral, numa parte do discurso em que o ouvinte constrói alguma proposição – ou realiza uma ação – sobre a qual o falante constrói uma proposição imaginando que o ouvinte a compreendeu e irá negociá-la da maneira esperada. Por isto, precisa apenas que o ouvinte a confirme.

(54) (a) *Foi uma infelicidade do médico de dizer que havia uma possibilidade de entupir as artérias e surgir uma bolha no meu cérebro.*

(b) *Mas o que que é? Uma possibilidade? Quer dizer que existe uma possibilidade, hein?*

(c) *Altíssima! Ele come muitas frituras.*

(55) (a) *Nós vamos estudar a teoria do delito e nós vamos estudar a teoria com base no conceito analítico de crime que eu já falei para vocês aqui qual é o... você grava as minhas aulas, é?*

(b) *Gravo.*

(a) *Com autorização de quem? [risos] Agora é que eu descobrir que você grava as aulas.*

Empatia: esta Partícula é empregada em situações nas quais o falante requer do ouvinte não a avaliação da proposição – que deverá ser negociada – mas sim a motivação interpessoal do falante para ter produzido tal proposição que, desta forma, deve receber na negociação um argumento respondente esperado, ou a empatia do ouvinte.

(56) “O senhor tem mio aí pra vender?” Aí ele respondeu: “ ‘Mio’ eu não tenho não. Eu tenho ‘milho’. Hmm, menino, mas aquilo me deixou enfezado um tanto, sô.

Exclamação: o emprego desta Partícula sugere alguma alteração no estado emocional do falante que, ao produzir uma proposição, sinaliza para o ouvinte esta alteração. Com isto, busca gerar um impacto nos argumentos negociados na sequência.

(57) *Bah, aqui está tão confortável...*

(58) *Oxente, quem tá ligando pra isso?*

No caso das propostas, têm-se as seguintes Partículas.

Atenuação: empregada com propostas – sempre acompanhando orações imperativas – este tipo de Partícula cumpre a função de atenuar a força dos comandos, aumentando, desta maneira, a chance de a proposta ser negociada de forma esperada.

(59) *Não, espera aí, me dá uma faca.*

Exortação: esta Partícula é utilizada no contexto em que o falante necessita que o ouvinte (i) obedeça a um comando, ou (ii) forneça informação. Assim, seu uso possui o significado de incentivar o ouvinte a obedecer ou responder, aumentando, com isto, a probabilidade de sucesso da negociação. A exortação ainda pode também significar um desafio para que o ouvinte responda ao argumento do falante, o que funciona como uma estratégia diferente na tentativa de obter uma negociação bem-sucedida.

Exortação para responder:

(60) (a) *Ah. Não, não é isso.*

(b) *Então o que é, tchê?*

Exortação para obedecer:

(61) *Respira fundo, tchê.*

Desafio:

(62) (a) *Deus fez os outros primeiro e o gaúcho quando pegou a prática.*

(b) *Por isso é que tem tanto índio desajustado.*

(a) *Teu trabalho é curar esses desgarrado.*

(b) *E tu acha que eu tô pronto, tchê?*

(a) *Mas tu tá virando carvão, tchê! Salta daí e vai trabalhar.*

Atentar: esta Partícula é a única que não se prende à determinação do tipo de MODO (se indicativo, ou imperativo), uma vez que pode ser usada tanto com proposições, quanto com propostas. Sua função é chamar a atenção do ouvinte para o fato de que a proposição ou proposta requer especial atenção do ouvinte para ser validada.

(63) *Ó, depois que eu falar com ele eu te conto o sonho.*

(64) *Não, isso é só pra quem não tem aquilo ali ó, entendeu?*

(65) (a) *Como você avalia que foi progredindo em sua carreira de pesquisador? Em que patamar você se considera hoje?*

(b) *Ó, eu...eu acho que eu tenho mais experiência do que título, né?*

Na ordem da oração, as Partículas do sistema de VALIDAÇÃO encerram duas funções interpessoais complementares: indicam a forma pela qual a oração deve ser validada em termos de concordar, assentir, exortar, etc.; e são retomadas pelo ouvinte como forma de dar continuidade à troca. Em muitos casos – como, por exemplo, os turnos do falante B no texto 4.8 – elas respondem sozinhas por um argumento.

Sob o olhar “de cima”, do ponto de vista semântico, as Partículas Modais, assim como outras funções interpessoais (relativas à modalidade, polaridade, intensificação, entre outros) realizam na oração parte dos significados do sistema de ENGAJAMENTO. Ao explicar as funções deste sistema, Martin e White (2005, p. 95) afirmam:

sob o exame da avaliação, quando o falante expressa seu próprio ponto de vista na avaliação, este não somente ‘fala o que pensa’, mas, ao mesmo tempo, convida seus interlocutores a endossar e compartilhar dos mesmos sentimentos, preferências ou regras os quais proferem. Portanto, a fala da avaliação procura, por meio do diálogo, alinhar o ouvinte ao grupo de falantes que compartilha os mesmos valores e crenças.⁶⁹

Assim, o efeito retórico criado pelo emprego das Partículas em português brasileiro procura conduzir, semanticamente, a um tipo de solidariedade entre o falante e seus ouvintes.

A título de comparação, se em inglês a base da negociação é composta por polaridade, modalidade, temporalidade e responsabilidade modal (Martin, 1992), em português brasileiro

⁶⁹ (...) when speakers/writers announce their own attitudinal positions they not only self-expressively ‘speak their own mind’, but simultaneously invite others to endorse and to share with them the feelings, tastes or normative assessments they are announcing. Thus declarations of attitude are dialogically directed towards aligning the addressee into a community of shared value and belief.

é possível negociar polaridade, modalidade, temporalidade, responsabilidade modal e *papel discursivo* (oferecer/demandar).

Em português brasileiro, cabe ao falante convidar o interlocutor a ‘endossar e compartilhar’, bem como buscar estabelecer seu próprio grau de envolvimento na fala. Em outras palavras, pelo uso das Partículas Modais, o falante não apenas valida a proposição ou proposta que está produzindo, mas dá espaço ao ouvinte para validar o seu papel de falante enquanto validador da proposição ou proposta que está produzindo. Desta forma, a troca entre Partículas Modais contribui para o estabelecimento da verdade da interação.

A seguir apresentam-se os textos 4.9 e 4.10, nos quais é possível observar em ação os recursos do sistema de VALIDAÇÃO em sua função de validar o papel do falante. O contexto do texto 4.9 é: uma cozinheira (CZ) e sua ajudante (AJ) no processo de montagem de um prato.

TEXTO 4.9:

CZ (1) *Deixa eu tirar aqui. Deixa eu virar ele aqui, Maria, cê rapa aqui com a faca.*

AJ (2) *Cuidado com a mão. A Maria tá tomando café. Ô Maria, pode tomar café, deixa que--*

CZ (3) *É, Maria. Me dá uma colher aí. Isso.*

AJ (4) *Bonito demais, hein?*

CZ (5) *Hum?*

AJ (6) *Bonito demais.*

CZ (7) *É.*

Assim como o texto 4.8, este também é uma cooperação. Como tal, verifica-se o uso recorrente de orações no Modo Imperativo. Junto com este, observa-se também o uso das Partículas Modais de Atenuação, cuja função é justamente diminuir a força do comando para que assim a chance do sucesso da obediência aumente por meio da diminuição na diferença de status entre os interlocutores: *Deixa + aqui; Deixa + aqui; Rapa + aqui; Dá + aí.*

Focalizando-se o turno (4), observa-se AJ empregando a Partícula ‘hein’ em sua proposição. A função desta é buscar a confirmação da proposição. Ao empregá-la, AJ consolida sua posição de validar a proposição “[o prato ficou] bonito demais”, que passa a ser um significado – carregado com seu ponto de vista, preferência e valor – a ser posto em negociação com a interlocutora. Igualmente, passa o turno para a falante CZ, esperando que

esta produza um argumento respondente esperado para o seu argumento inicial [Proposição + Confirmar].

Contudo, a então ouvinte CZ não valida o papel da falante, mas sim expressa sua dúvida por meio da Partícula ‘hum’⁷⁰, no turno (5). Em (6), a falante AJ repete sua proposição, no entanto sem a Partícula, provavelmente porque o ‘hum’ do turno (5) implica em dúvida quanto à proposição (parafrazeado como: não entendi a proposição, você pode repetir?) e não quanto à validação.

Isto se confirma no turno (7), quando CZ, finalmente compreende a proposição e emprega a variante respondente esperada para a Partícula de Confirmar (é). Assim CZ valida o papel de falante de AJ enquanto avaliadora da proposição. Logo sua proposição se torna a verdade – ou seja, um ponto de vista, preferência, valor assumido pelos dois interlocutores – que é produto da negociação:

AJ (4) *Bonito demais, **hein?** (...)*

CZ (7) *É.*

Mais um exemplo é apresentado no texto 4.10 a seguir. O contexto é: um pesquisador (P) entrevista o sujeito de um experimento desenvolvido no laboratório de tradução (S). No experimento, o sujeito utilizou o computador para produzir seu texto.

TEXTO 4.10:

P (1) *Ah, agora tá no Word mesmo.*

S (2) *Acho que agora foi pro Word. (...)*

P (3) *Ah tá... aí, acabou. Você não voltou o texto pra cá, **né?***

S (4) *Voltei, **ué.** Eu coleí. É o progra-- eu tenho certeza que eu coleí.*

P (5) *Não, realmente, colou, só que o programa não pôs.*

S (6) *Aconteceu isso da outra vez também, **né?***

P (7) *Também, é...*

⁷⁰ Apesar de ‘hum’ ser uma partícula e desempenhar papel na interação, esta não foi, nesta pesquisa, considerada uma Partícula Modal, uma vez que não se constitui como uma opção a ser selecionada no sistema de VALIDAÇÃO. É mais provável que esta exerça função textual, e não interpessoal. É justamente esta distinção que impede à uma descrição sistêmica de seguir a tradição de descrição funcional das Partículas Modais como parte dos marcadores discursivos, uma vez que estes não são a generalização de um conjunto de funções, mas um termo genérico para funções interpessoais e textuais que se observam (mas não exclusivamente) em diálogos.

No turno (3), o pesquisador, ao perceber que a última instrução do experimento não foi observada pelo sujeito do experimento, diz “Você não voltou o texto pra cá”, na qual ao sujeito do experimento é atribuída a responsabilidade modal pela proposição que possui a polaridade negativa para ter cumprido todas as etapas do experimento. Ao produzir este significado, P acrescenta à proposição a Partícula de Anuência (né), requerindo do seu ouvinte, S, que assinta ao fato de que o próprio S não cumpriu o que lhe foi determinado.

Contudo, S decide não anuir à proposição de P, uma vez que entende que, ao contrário, executou todas as etapas da tarefa. Com isto, o significado que P procurou transformar em conhecimento compartilhado (a verdade da interação) não obteve sucesso e, portanto, deixou de existir (é falso).

É interessante observar que no turno (4), S não escolhe o movimento respondente arbitrário da Partícula de Anuência (né não; não), mas sim o movimento respondente para uma oração declarativa afirmativa, que é a retomada do Finito com a polaridade invertida.

Isto indica que S não só escolheu não validar o papel de P enquanto validador da proposição no turno (3) como também desconsiderou por completo a validação, preferindo negociar diretamente a responsabilidade modal e a polaridade da proposição.

Ao final, ainda acrescenta a Partícula de Insistência (ué), cuja função é levar o ouvinte a aumentar a chance de o ouvinte endossar a proposição pela insistência, chegando sobre esta à mesma posição do falante (o significado da Partícula de Insistência pode ser parafraseada como: “não está vendo que deve aceitar a forma como eu valido esta proposição?”, “endosse rapidamente a minha proposição”, etc.), “Voltei, **ué**”.

A esta proposição seguem-se duas proposições elaborando-a, “Eu coleí. É o progra-- eu tenho certeza que eu coleí.” Na primeira, S atribui a si próprio a responsabilidade modal, realizada pelo Sujeito e, na segunda, acrescenta ainda a metáfora de modalidade subjetiva “eu tenho certeza que”, acrescentando ainda mais uma camada de significado à sua responsabilidade na proposição, que assim, se distancia ainda mais do que P dissera em (3).

Com isto, a estratégia de S se provou bem sucedida, uma vez que P reexaminou a parte final do experimento e, no turno (5), apresenta um movimento respondente esperado à proposição de S em (4), realizada pela retomada do Finito (colocou) acrescida do Adjunto de Comentário (realmente), asseverando a proposição “não, realmente colou”. Esta é expandida na proposição seguinte, na qual P atribui a responsabilidade modal pela não-execução da última etapa da tarefa ao programa de computador, realizado como Sujeito, “só que o programa não pôs”.

Após o sucesso da negociação do significado que propôs ter sido aceito por seu interlocutor, S dá, por assim dizer, mais um passo adiante, realizando em (6) uma nova proposição que corrobora exatamente o significado da negociação anterior, na qual alega que o programa de computador já havia errado antes, em outro experimento, “aconteceu isso da outra vez também”. Ao fim, S acrescenta a Partícula de Anuência, requisitando de P que anua à sua proposição.

No seu último turno, (7) P responde de forma esperada a proposição de S, desta vez realizada de forma alternativa à retomada do Finito, pela retomada do Adjunto Circunstancial de Tempo (também). Da mesma forma, P não somente aceita a proposição de S, como também valida seu papel de falante anuindo à proposição, realizada pela forma respondente esperada da Partícula de Assentir (é), “Também, é”.

A seguir, na Figura 4.28, apresentam-se as opções do sistema de VALIDAÇÃO, bem como sua posição como opção mais delicada – dentro do contexto – do sistema de AVALIAÇÃO MODAL.

3.4.2. Partículas Modais e Perguntas-Finito

Algumas Partículas Modais que aparecem ao fim da oração são expressas com a entonação de subida, como nas perguntas. Somando-se a isto o fato de que são parte da troca no diálogo, em especial no aumento da “quantidade de conhecimento compartilhado”, as faz se assemelharem às Perguntas-Finito. Contudo, cabe ressaltar que aquelas se diferem destas por se constituírem como um sistema de recursos distintos na gramática interpessoal, portanto se diferem funcionalmente. Deste modo, sua estrutura é, também, diferente.

Com relação à função, as Partículas Modais cumprem negociar a validação dos interlocutores em relação ao papel do falante de ‘falante’ (fornecer/demandar) de proposições e propostas em termos de assentir, concordar, concluir, etc. Neste sentido, estas poderiam ser parafraseadas como: “você, na qualidade de ouvinte, assente/concorda” com meu papel de falante que valida desta forma a proposição/proposta?; ou “por favor, chegue à mesma conclusão que eu para esta informação que estou fornecendo”; ou “por favor, sinta-se exortado pela minha proposta e, como meu interlocutor, obedeça”; etc.

Já a Pergunta-Finito objetiva negociar as proposições em termos de polaridade. Em outras palavras, se uma determinada proposição é positiva ou negativa, com o objetivo de validar a polaridade. Com isto, ela opera buscando aumentar a chance de haver um argumento respondente (reconhecimento ou contradição) por parte do ouvinte.

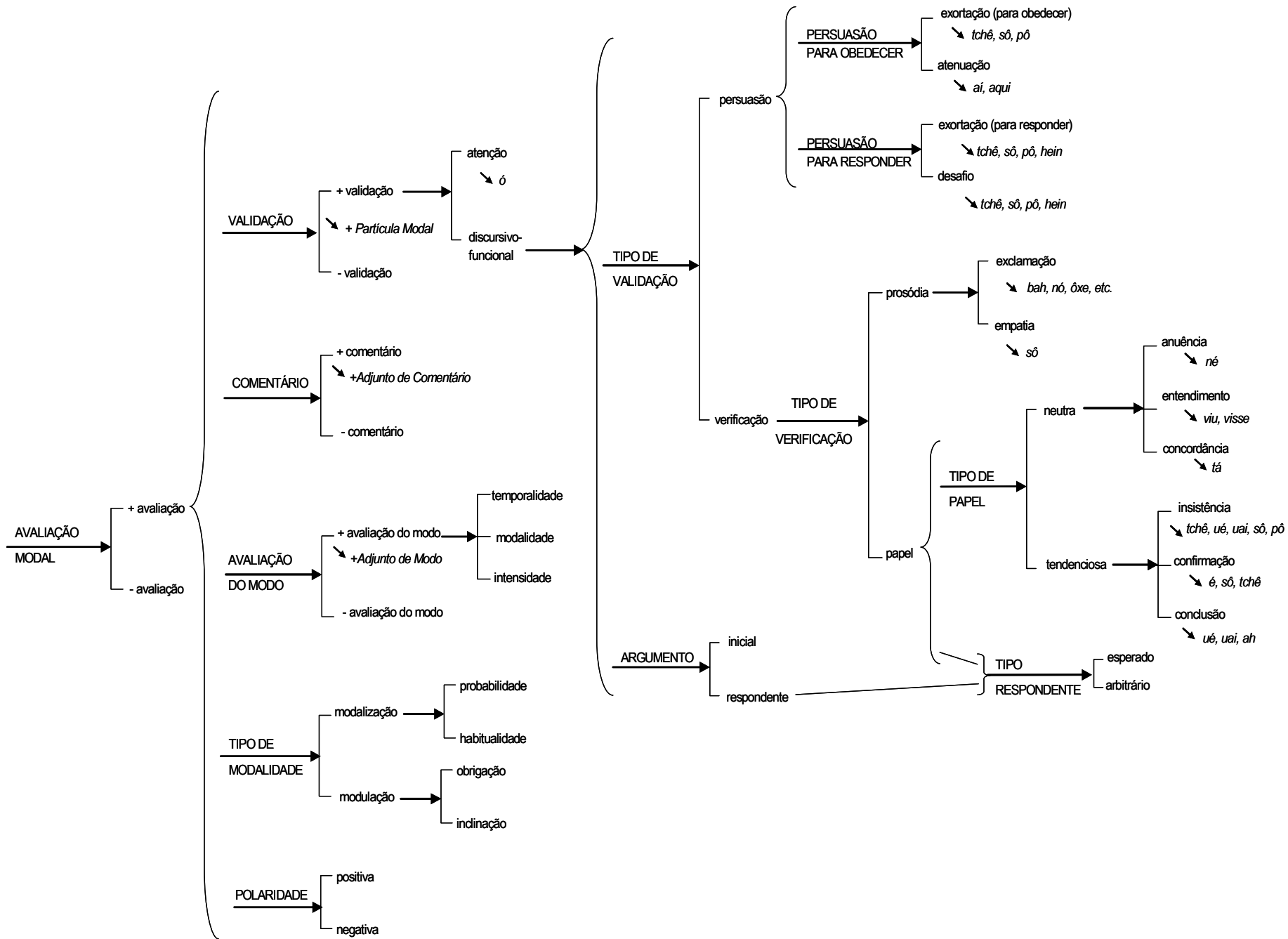


Figura 4.28 - O sistema de VALIDAÇÃO.

Quanto à estrutura, as Partículas Modais, apesar de, em muitos casos, virem no início, ou no fim da oração na estrutura, podem vir em qualquer posição na oração. Já a Pergunta-Finito sempre vem no final da oração na estrutura.

No que diz respeito ao Finito, uma vez que as Partículas Modais se relacionam mais proximamente à validação que o falante imprime às proposições e ao argumento respondente do ouvinte, não se relacionam diretamente ao sistema de DÊIXIS TEMPORAL (assim, tanto orações imperativas, quanto orações não-finitas podem apresentar Partículas). Já na Pergunta-Finito, diante do fato de a proposição ser negociada – o que inclui sua circunscrição no tempo – o Finito é o elemento retomado ao final da oração. Assim, é fundamental para a realização deste tipo de pergunta.

Relativamente ao sistema de POLARIDADE, a mesma Partícula Modal pode vir em proposições ou propostas de polaridade positiva ou negativa. Já no caso da Pergunta-Finito, as proposições recebem a Perguntas-Finito com a polaridade invertida. Cabe a repetição da polaridade às formas marcadas.

No ambiente do MODO, as Partículas que vêm com o MODO indicativo são usadas quando o falante necessita da validação de seu interlocutor para que as proposições possam ser consideradas negociadas e assim dar seguimento ao diálogo. Já outras partículas são usadas quando o falante necessita que o seu interlocutor responda “fazendo alguma coisa” – o que pode tanto ser a resposta a uma pergunta, ou no caso das Partículas que vão com o MODO imperativo, obedecer a um comando ou aceitar uma oferta. A Pergunta-Finito, por sua vez, devido ao fato de se restringirem às proposições declarativas, vai apenas com o MODO indicativo.

Finalmente, quanto à sua relação com a metáfora interpessoal de modalidade, as Partículas Modais se relacionam à metáfora interpessoal de modalidade objetiva. As metáforas objetivas não são projeções de ideias. Diferentemente, são projeções de fato: chance. Por isto não são realizadas como proposições, e sim como hipóteses (que são realizadas pela ausência de um verbo finito, que é substituído por um verbo auxiliar de modo verbal subjuntivo). Neste caso, as Partículas funcionam validando as hipóteses em termos do relacionamento entre os interlocutores. Devido ao fato de as metáforas interpessoais objetivas serem empregadas desta maneira, os interlocutores são deixados de fora da negociação e, com isto, a metáfora que é validada. Por exemplo:

(66) É possível que vá ficar bonito igual o outro, *tú?*

Já as Perguntas-Finito se relacionam à metáfora interpessoal de modalidade subjetiva. As metáforas interpessoais subjetivas são realizadas pela projeção de ideias, portanto, se configuram como proposições. Desta forma, é às proposições que são acrescentadas as Perguntas-Finito. Por exemplo:

(67) Eu acho que vai ficar bonito igual ao outro, *não vai?*

Cumprir dizer que é possível acrescentar uma Partícula Modal às orações de metáfora interpessoal subjetiva. Contudo, neste caso não é a proposição que é negociada, mas sim a posição do falante. Com isto, a configuração da oração mental pode passar a ser entendida não mais como a forma metafórica (modalidade subjetiva) e sim como a forma congruente (Experienciador^Processo: Mental). Logo, a oração:

(68) Eu acho que vai ficar bonito igual ao outro, *tá?*

poderia ser parafraseada como:

(69) Eu acho que vai ficar bonito igual ao outro, *você entende que é isso que eu acho?*

No Quadro 4.10 são apresentadas as características contrastivas das Partículas Modais e das Perguntas-Finito.

QUADRO 4.10
Partículas Modais e Perguntas-Finito.

| | Função |
|--------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Partículas Modais</i> | Negociar a validação dos interlocutores em relação ao papel do falante de 'falante' |
| <i>Pergunta-Finito</i> | Negociar as proposições em termos de polaridade. |
| | Estrutura |
| <i>Partículas Modais</i> | Qualquer posição na oração. |
| <i>Perguntas-Finito</i> | Final da oração na estrutura. |
| | Finito |
| <i>Partículas Modais</i> | Não se relacionam diretamente ao sistema de DÊIXIS TEMPORAL. |
| <i>Perguntas-Finito</i> | O Finito é o elemento retomado na Pergunta-Finito. |
| | POLARIDADE |
| <i>Partículas Modais</i> | Polaridade positiva ou negativa. |
| <i>Perguntas-Finito</i> | Polaridade invertida. |
| | MODO |
| <i>Partículas Modais</i> | MODO indicativo → validação pelo interlocutor MODO imperativo → obedecer a um comando ou aceitar uma oferta. |
| <i>Perguntas-Finito</i> | Apenas no MODO indicativo. |
| | metáfora interpessoal de modalidade |

| | |
|--------------------------|------------------------------------------------|
| <i>Partículas Modais</i> | Metáfora interpessoal de modalidade objetiva. |
| <i>Perguntas-Finitos</i> | Metáfora interpessoal de modalidade subjetiva. |

4 A ORAÇÃO COMO TROCA

4.1 Sistematização dos Recursos Interpessoais Disponíveis Para a Troca

Até aqui neste capítulo foi apresentada uma interpretação dos recursos gramaticais que são fundamentais para a realização da troca no contexto do português brasileiro. Tendo como foco a gramática da oração, foi possível, a partir desta ordem, observar suas relações tanto com a semântica dos argumentos e da negociação acima da oração, bem como com a gramática dos grupos que a realizam.

Para tanto, esta investigação partiu de cima, do exame de como os interlocutores assumem papéis na interação (oferecer/demandar) e das mercadorias que são trocadas (informação/bens-e-serviços), e de como suas relações são codificadas na língua – primeiro, pela semântica, com o sistema principal das FUNÇÕES DISCURSIVAS e, em seguida, pela gramática, através da sua realização pelo sistema de MODO.

Em seguida, o foco passou à gramática dos tipos de MODO. A interpretação aqui apresentada sugere que a conjugação das funções interpessoais que realizam as diferentes opções do sistema de TIPO DE MODO formam o cerne da gramática interpessoal na ordem da oração, aqui denominado Negociador. Este elemento inclui as funções estruturais que realizam os significados de responsabilidade modal e temporalidade. Em conjunto com o Negociador, as funções de outros sistemas da oração que realizam os significados de avaliação – AVALIAÇÃO MODAL, MODALIDADE e POLARIDADE – também tomam parte no Negociador.

Abordando estes sistemas de baixo, foram apresentados os elementos das ordens do grupo, da palavra e do morfema que operam na oração como estas funções interpessoais. O Sujeito é realizado tipicamente por grupos nominais e pela elipse (em conjunção prosódica com um morfema afixado ao Finito). No ambiente indicativo, o Finito é realizado pelo elemento alfa do grupo verbal e pela morfologia que diferencia as diferentes opções da DÊIXIS (tempo, aspecto e modalidade), além dos TIPOS DE MODO (modo verbal indicativo). No ambiente imperativo, o Predicador é realizado também por grupos verbais – caracteristicamente compostos apenas por um elemento da ordem da palavra – e pela morfologia do modo verbal imperativo. As Partículas Modais são realizadas por itens da ordem da palavra.

Na abordagem ao redor, esta análise pôde mostrar como a responsabilidade modal é realizada pelo sistema de SUJEITABILIDADE, que gera as opções para a função de Sujeito, incluindo significados relativos à responsabilidade, pressuposição, número, pessoa e polidez. A análise mostrou também a importância da função do Finito para a realização dos diferentes tipos de modo e a forma como suas opções são geradas pelo sistema de DÊIXIS.

O Finito é responsável por codificar o tempo primário e parte da modalidade, desempenhando assim a função de circunscrever as proposições no tempo em relação ao “agora” do evento discursivo, sendo crucial para a gramaticalização do MODO INDICATIVO. Quanto ao Predicador, este é necessário para os argumentos iniciais de qualquer proposição – em conjunto com o Sujeito e o Finito – uma vez que carrega o conteúdo experiencial do Processo. Contudo, uma vez que a proposição inicial é posta em negociação, a troca pode se dar por completo apenas pelas funções componentes do Negociador.

Por outro lado, o Predicador é fundamental para a troca de propostas, mais especificamente, dos comandos. Devido ao fato de não estarem circunscritas no tempo, cabe ao Predicador, juntamente com o Sujeito, negociar os comandos. Por conseguinte, este se constitui como função imprescindível para a gramaticalização do MODO IMPERATIVO e assim toma parte na formação do Negociador neste ambiente oracional.

O sistema de VALIDAÇÃO, apesar de não ser determinante primário do TIPO DE MODO, conserva ligação íntima com este, uma vez que negocia o papel do falante (oferecer/demandar), e assim responde por parte da gramaticalização das FUNÇÕES DISCURSIVAS. Igualmente, por esta razão, o sistema de VALIDAÇÃO é considerado como parte mais delicada do sistema de MODO.

Este sistema é realizado na oração pelas Partículas Modais. Estas partículas compõem o conjunto de funções que o falante dispõe para montar estratégias na troca que influenciem o seu ouvinte a se alinhar às suas proposições ou propostas, validando-as (cf. Figura 4.29, apresentada a seguir, que traz a disposição sistêmica geral destes recursos, bem como a forma pela qual estes interagem entre si, formando opções mais delicadas).

* * * * *

Após a caracterização do Negociador e de sua função na gramática para o sistema de MODO, passa-se à seção 4, na qual se olhará a partir da gramática de volta à semântica (abordando a semântica de baixo) para melhor examinar a língua em ação, buscando observar

dinamicamente como os recursos interpessoais da gramática realizam o desenvolvimento do diálogo.

No diálogo – na troca dos significados interpessoais – é possível observar uma divisão equilibrada do trabalho das diferentes funções que compõem o elemento Negociador. Por um lado, o Sujeito e o Finito estabelecem a proposição (em termos de responsabilidade e temporalidade); ou o Sujeito e o Predicador estabelecem a proposta (em termos da responsabilidade e da ordem/pedido) enquanto os Adjuntos (de Modo, Comentário, Modalidade e Polaridade) e as Partículas Modais “afinam a sintonia” entre o falante e o seu ouvinte.

Desta forma, é possível trocar proposições e propostas, conferindo responsabilidade e ajustando o espaço semiótico entre os interlocutores; é possível também fazer-se uso das estratégias que buscam aumentar a probabilidade de se obter um movimento respondente esperado a elas, através de um número grande de recursos como a Modalidade, as Partículas Modais, as Perguntas-Finito, o Ecopredicador e os Adjuntos Modais, de Comentário, Polaridade (além do sistemas fonológicos, como a FORÇA).

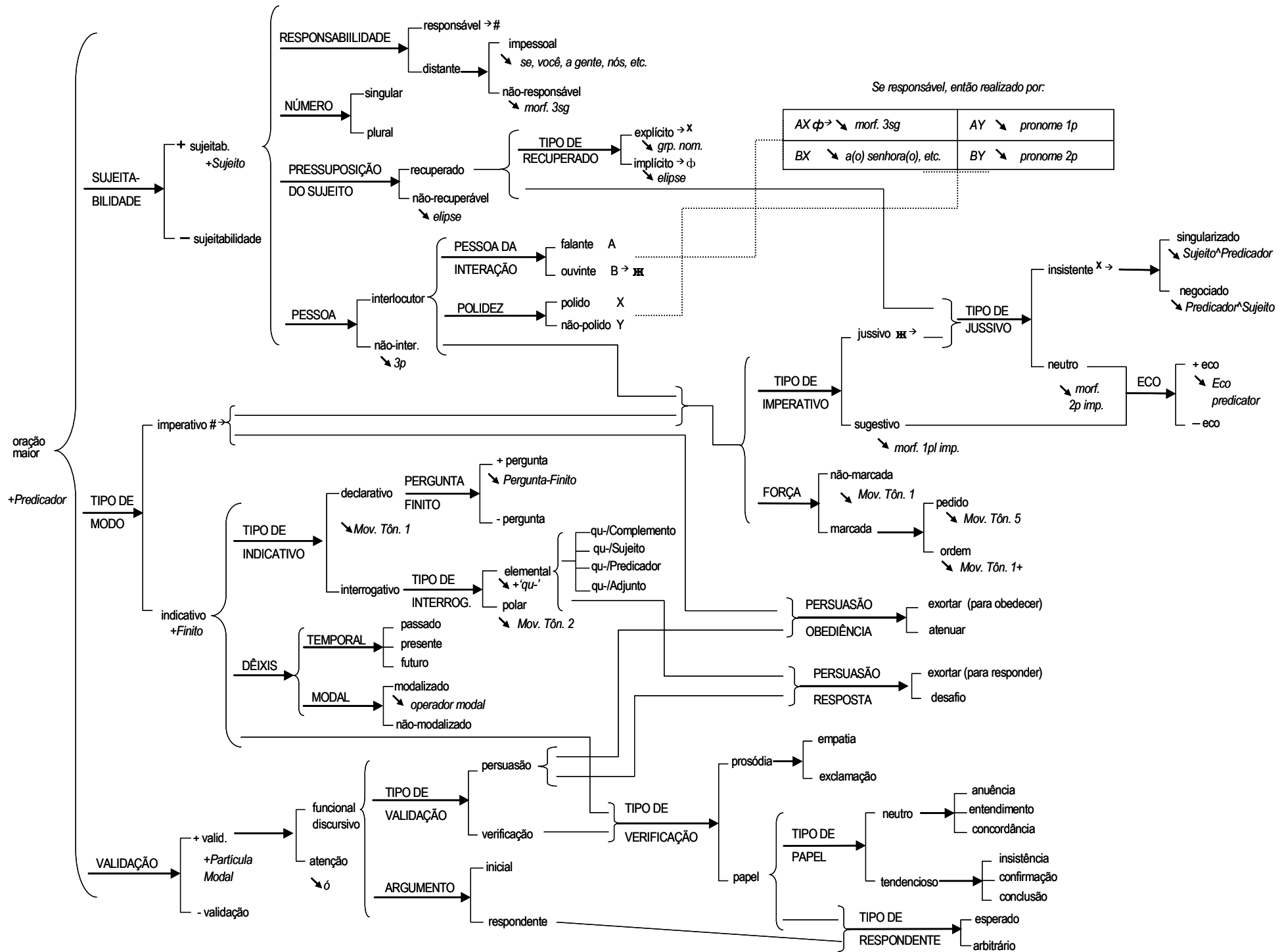


FIGURA 4.29 – Rede geral do sistema de MODO.

4.2 O Diálogo

Do ponto de vista interpessoal, a oração é entendida como um argumento na troca entre os falantes. Desta forma, o diálogo tem por base gramatical a produção de um determinado elemento Negociador pelo argumento inicial do falante e sua subsequente retomada nos argumentos seguintes dos interlocutores. Nas orações indicativas, o Sujeito e o Finito convertem a oração em uma proposição negociável (relativamente à responsabilidade modal e o tempo); nas orações imperativas, o Sujeito e o Predicador convertem a oração em uma proposta negociável (relativamente à responsabilidade modal e o comando). As Partículas Modais e os Adjuntos acrescentam uma nova camada de significado à negociação, convidando o ouvinte a se posicionar diante da avaliação que o falante imprime à proposição ou proposta.

Por consequência, o diálogo pode ser visto como o processo negociado de converter as opiniões dos interlocutores em “conhecimento compartilhado”. A quantidade de opinião que é convertida em conhecimento compartilhado tende a determinar a distância/proximidade social entre os interlocutores. Em geral, o falante procura aplicar toda a dispersão dos recursos (modalização, partículas, entonação, etc.) que possam aumentar as chances de suas opiniões serem aceitas pelo grupo com o qual interage. Neste sentido, o conceito de ‘verdade’ não é interpretado como uma questão ideacional, mas sim interpessoal. Isto porque o que é ‘válido e inválido’ é o resultado do processo de negociação (cf. Halliday e Matthiessen, 2004, p. 117), e não dado pela organização da experiência.

Como forma de ilustrar a maneira como a gramática interpessoal põe em funcionamento o diálogo, apresenta-se a seguir o texto 4.11. Este texto é a transcrição de uma cena de um programa de comédia da televisão⁷¹. O contexto é: a mãe (M) e o pai (P) chamam até sua casa o filho (F) com o objetivo de convencê-lo a passar seus direitos de herança para a mãe, sob a alegação de que sua noiva, a Vani, pode entrar na justiça alegando ter também direito sobre os bens.

TEXTO 4.11:

P (1a) *Vamos botar os pontos nos 'is'.*
Predicador Complemento Adjunto

⁷¹ Os Normais, episódio 11, “Fazer as pazes é normal”.

(1b) *A sua mãe tá com medo de que Vani vá pedir metade da minha herança.*

Sujeito Finito/Predicador Adjunto

(1c) *É isso.*

Finito/Predicador

(1d) *Que eu vá morrer.*

Adjunto

M (2a) *Nós temos que pensar*
Sujeito Finito Predicador

(2b) *Essa moça tá entrando*
Sujeito Finito Predicador

(2c) *e saindo da sua casa há uns seis anos, não é?*
Predicador Adjunto Adjunto Part: Anuência

(2d) *Ela pode também entrar de repente também com uma ação na justiça, [uma ação trabalhista*
Sujeito Finito Adjunto Predicador Adjuntos.....

P (3a) *É, uma ação trabalhista...*
Part: Anuência Adjunto

(3b) *E ela quer que você assine um papel deixando esse apartamento [no nome de Silvana. Pronto.*
Sujeito Finito/Predicador

R (4a) *'Pera aí,*
Predicador Part: Atenuação

(4b) *eu não tô acreditando,*
Sujeito Adjunto Finito Predicador

(4c) *cês tão duvidando da honestidade da Vani, né?*
Sujeito Finito Predicador Adjunto Part: Anuência

P (5) *Quem? Eu?*
Sujeito Sujeito

R (6) *É. Vocês.*
Part: Anuência Sujeito

P (7a) *Eu não, filho...*
Sujeito Adjunto Vocativo

(7b) *sua mãe está!*
Sujeito Finito

Neste diálogo, os pais e o filho colocam em negociação suas opiniões sobre a noiva, que culmina, a partir da proposição (2d) com os pais fazendo um julgamento sobre ela e o filho os contradizendo.

Em (2d) a noiva é atribuída a responsabilidade modal – realizada como *'ela'* Sujeito: responsável & singular & explícito & não-interlocutor – seguida da circunscrição da proposição no evento discursivo tanto no tempo presente quanto em sua avaliação de falante *'pode'* Finito: presente & modal: probabilidade. O restante da proposição se refere à desconfiança quanto à integridade da Vani, que é elaborada até o turno do filho em (4).

Em (4c) o filho atribui a responsabilidade de se colocar a integridade da noiva em questão aos seus pais. A oração tem os pais como Sujeito e o Finito circunscreve a proposição no tempo presente em relação ao “agora” da interação. A proposição termina com a Partícula de Anuência, cujo objetivo é pedir ao ouvinte que dê seu assentimento ao falante para que a proposição possa se tornar parte do “conhecimento compartilhado” entre eles. Uma vez que a anuência seja concedida, a proposição é então “convertida” em verdade (conhecimento compartilhado) e assim serve de base para futuras negociações: *'cês'* Sujeito: responsável & plural & explícito & ouvinte & não-polido ^ *'tão'* Finito: Presente ^ *'né'* Partícula: Anuência.

Em (5) o pai busca precisar exatamente a quem o filho está atribuindo a responsabilidade modal – se é a ele próprio, à mãe, ou a ambos. Então, produz uma pergunta elemental com o segmento *'quem'* (empregado quando o falante busca no seu ouvinte que este complete a informação faltante com o Sujeito). Imediatamente em seguida, produz outra pergunta, desta vez polar, demandando informação quanto à polaridade de ele ser responsável pela proposição do filho.

Em (6) o filho responde à pergunta polar positivamente. Neste caso, emprega uma Partícula de Anuência para os movimentos respondentes esperados. O uso desta indica que o filho anui à proposição do pai (que o pai é responsável modalmente por questionar a integridade da Vani), acrescentando ainda o Sujeito *'vocês'*. A função da Partícula empregada pelo filho indica que a proposição do pai em (5), a partir deste momento, deve ser tomada como conhecimento compartilhado entre os interlocutores. Contudo, o pai não compartilha da “verdade” na proposição do filho e assim a contradiz.

Em (7a), o pai retira imediatamente a responsabilidade modal de si com relação a “duvidar da integridade da Vani” ao realizar o falante (ele próprio) como *'eu'* Sujeito: responsável & singular & explícito & falante & não-polido, seguido do *'não'* Adjunto de

Polaridade Negativa; sendo que este é o argumento respondente típico para se contradizer uma declaração.

Contudo, o pai não apenas produz esta proposição. Além disto, em (7b), designa a responsabilidade à outra interlocutora – a mãe – ao dizer uma declarativa sobre ela. Esta é realizada gramaticalmente pela colocação da mãe, ‘*sua mãe*’, como Sujeito: responsável & singular & explícito & não-interlocutor e ‘*está*’ Finito: Presente, que é a retomada daquele apresentado pelo filho em (3b) [cês tão (estar-IND-PRS-3PL) → sua mãe está (estar-IND-PRS-3SG)].

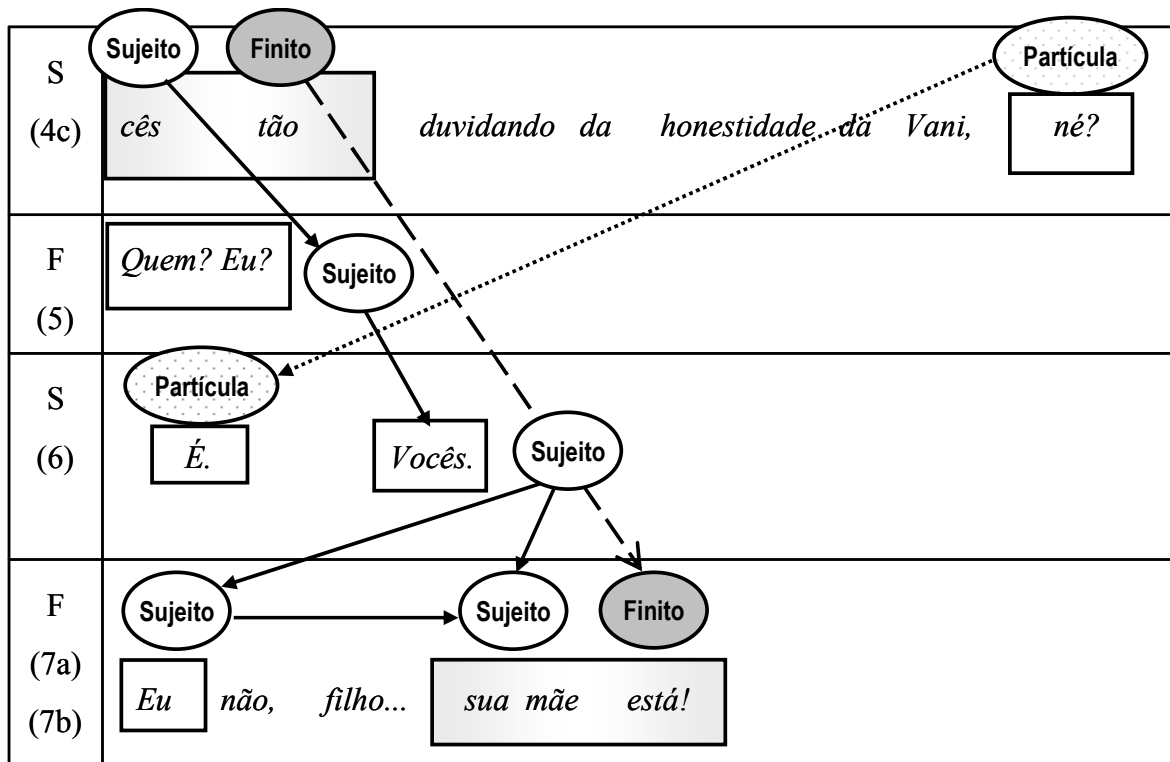


FIGURA 4.30 – O Negociador no diálogo (texto 4.11).

O desenvolvimento de um outro diálogo está no texto 4.12 a seguir, que é retomado do exemplo (12) apresentado anteriormente:

TEXTO 4.12 [retomado do exemplo 12]:

A (1) *Mãe,* *vai* *caber* *ali?*
 Vocativo Finito Predicador Adj. Circ.

B (2) *Vai* *não,* *vai?*
 Finito NEG Pergunta-Finito

A (3) *Não,* *ué.*
 NEG Partícula Modal

B (4) *Você não mediu?*
Sujeito NEG Finito/Predicador

A (5) *Não.*
NEG.

Em (1), a falante A demanda informação, realizada por uma pergunta polar. O Finito circunscreve a proposição no tempo futuro em relação ao evento discursivo e é realizado pelo verbo finito ‘*vai*’ (ir-IND-PRS-3SG), que indica, prosodicamente sua relação com o Sujeito, realizado aqui como ‘Ø-3SG’ responsável & singular & implícito & não-interlocutor. Cabe ressaltar que, especificamente nesta passagem, o referente é exofórico.

Em (2), o argumento respondente de B é o esperado, com a polaridade negativa. Gramaticalmente este é realizado pela retomada do Sujeito: ‘Ø-3SG’ responsável & singular & implícito & não-interlocutor; do Finito: Futuro ‘*vai*’ (ir-IND-PRS-3SG), e ‘*não*’ o Adjunto de Polaridade: Negativa. Além disto, a falante B necessita que a falante A confirme ou negue sua proposição. Para tanto, acrescenta a esta, assim, uma Pergunta-Finito – a cópia do Finito com a polaridade invertida: ‘*vai*’ (ir-IND-PRS-3SG) – cuja função é aumentar as chances de se obter um argumento respondente à proposição.

Em (3), a falante A, então, confirma a polaridade negativa da resposta de B, como Adjunto de Polaridade ‘*não*’ (ressalta-se que este ‘não’ não indica polaridade negativa, mas que sua retomada sugere a confirmação da proposição anterior). No fim de seu argumento, acrescenta ‘*ué*’, a Partícula Modal: Conclusão, com a função de levar o ouvinte a endossar a obviedade da proposição (que aqui poderia ser parafraseada como “mas é óbvio que não vai caber”).

Em (4), a falante B procura mudar o direcionamento da negociação, retirando o foco do objeto que irá ou não caber, passando-o para a falante A. Isto é feito atribuindo a esta a responsabilidade modal da proposição, realizada gramaticalmente por ‘*você*’ Sujeito: responsável & singular & explícito & ouvinte & não-polido, junto com ‘*mediu*’ o Finito: Passado (aqui confluído com o Predicador ‘medir’).

Além destes elementos, o emprego do Adjunto de Polaridade ‘não’ para a demanda de informação acrescenta ainda uma outra camada de significado. A função das perguntas polares é exatamente buscar a informação quanto à polaridade da proposição. Neste caso, o Adjunto de Polaridade na pergunta faz com que esta se apresente em uma forma mais delicada do sistema, de função Modo: Indicativo: Interrogativo: Confirmação, a qual é tendenciosa

objetivando uma resposta esperada de polaridade positiva (cf.: *você mediu? X você não mediu?*).

Em (5), porém, a falante A produz, em seu movimento respondente, apenas ‘*não*’, o Adjunto de Polaridade: Negativa. Assim, ela não só não responde com a polaridade esperada, como também emprega o mesmo elemento típico para a renúncia de perguntas polares. Desta forma, seu argumento marca o fim da negociação.

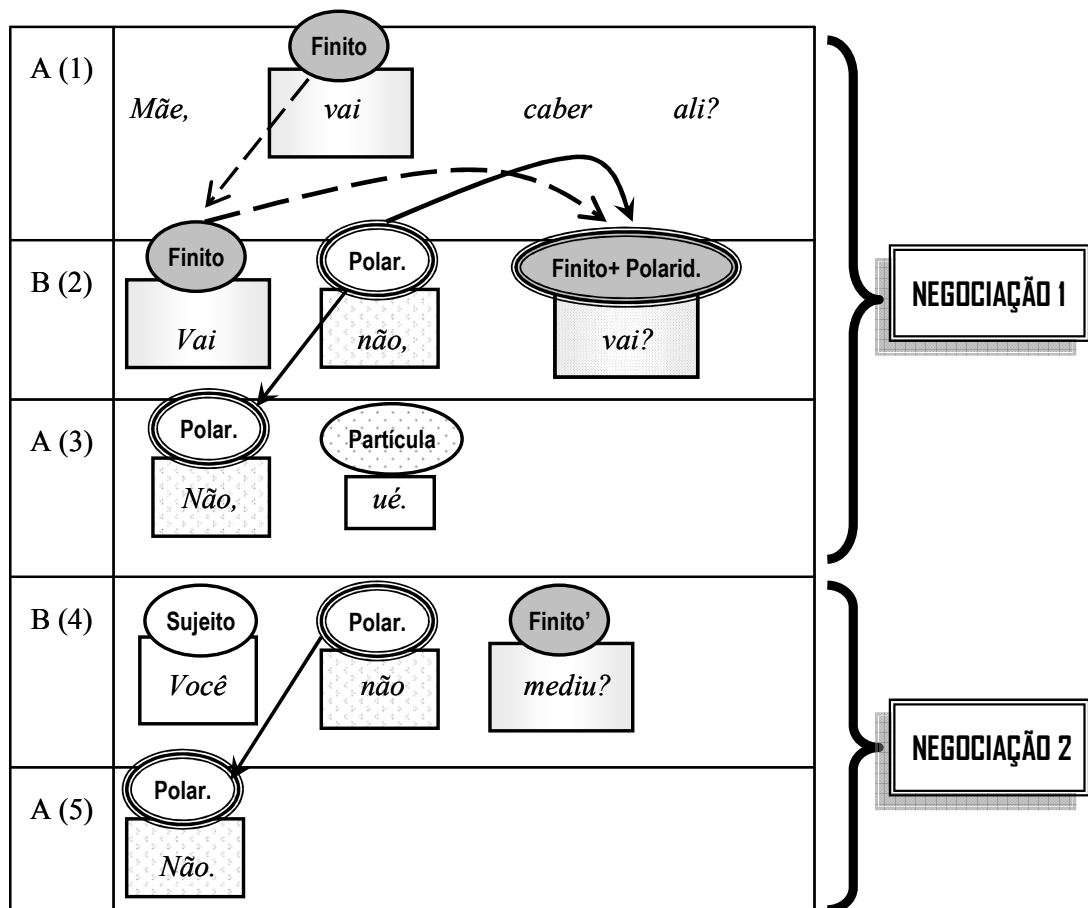


FIGURA 4.31 – O Negociador no diálogo (texto 4.12).

O desenvolvimento de um outro diálogo ainda está a seguir no texto 4.13. Neste apresenta-se também a negociação de propostas, as quais serão analisadas a seguir. Este texto é o excerto de um *Fan-Fic* onde conversam Sakura (S), Naruto (N) e Shikamaru (Sh). Apesar de o texto se tratar de uma narrativa ficcional, para esta análise foi preservado apenas o diálogo.

TEXTO 4.13:

- N (1a) *Bom, eu vou falar de uma vez que eu tinha 4 anos*
 Sujeito Finito Predicador Adjunto Circ.
- (1b) *e joguei a boneca da Sakura fora e ela n--*
 Finito/Predi- Complemento -cador
- S (2a) *Ficou louco?*
 Finito/Predicador
- (2b) *Eu nem te conhecia quando eu tinha quatro anos, seu baka!*
 Sujeito Adj. Coment. Compl. Finito/Predicador Adj. Circ.
Vocativo
- N (3) *É claro que conhecia!*
 Metáf. Interp. (Comentário) Finito/Predicador
- S (4) *Conhecia não!*
 Finito/Predicador Adj. Polaridade
- N (5) *Conhecia sim!*
 Finito/Predicador Adj. Polaridade
- S (6) *Conhecia não!*
 Finito/Predicador Adj. Polaridade
- N (7) *Conhecia sim!*
 Finito/Predicador Adj. Polaridade
- Sh (8) *Ai seus problemáticos, parem com isso.*
 Vocativo Predicador Adj. Circ.
- N e S (9) *CALA A BOCA!*
 Predicador Complemento
- N (10) *Bom, de qualquer jeito eu vou contar a minha história que aconteceu de verdade.*
 Suj. Fin. Pred. Compl.
- S (11) *Não aconteceu não. . .*
 Adj. Pola- Finito/Predicador -ridade
- N (12) *Ok, lá vou eu.*
 Adj. Circ. Finito/Predicador Sujeito
- S (13) *Retardado. . .*
- N (14) *O QUE?*

S (15) *RE-TAR-DA-DO!*

N (16) *Sou nada sua. . . Sua. . CHATA!*
Finito/Predicador Adj. Polaridade Vocativo

S (17) *Você que é o chato aqui!*
Sujeito Finito/Predicador Adj. Circ.

N (18) *Irritante. . . Você é IRRITANTE!*
Sujeito Finito/Predicador

S (19) *Cala a boca, idiota.*
Predicador Complemento Vocativo

N (20) *Cala você, sua mal-educada.*
Predicador Sujeito Vocativo

S (21) *Olha quem fala!*
Predicador Complemento

N (22) *Eu mesmo, Uzumaki Naruto.*
Su- Adj. Comentário -jeito

S (23) *'Uzumaki Naruto' nhé nhé.*
Adjunto Comentário

Deste diálogo, a análise irá se concentrar em dois movimentos da negociação, a troca que compreende os argumentos de (3) a (7), e as trocas dos argumentos (19) e (20).

No argumento (3), Naruto afirma que Sakura o conhecia, realizando a proposição iniciada por uma metáfora interpessoal objetiva, seguida da atribuição de responsabilidade modal à Sakura por conhecê-lo. No argumento (4) Sakura assume um papel na negociação e produz uma proposição retomando a configuração da proposição de Naruto, porém a polaridade inversa. Estas estratégias de negociação se repetem nos movimentos seguintes, (5), (6) e (7).

Cabe ressaltar que em todos estes, Sakura é o interlocutor realizado como o responsável modal por todas estas proposições que se referem ao fato de ela conhecer ou não o Naruto quando tinha quatro anos. Contudo, gramaticalmente, verifica-se uma mudança importante na forma de realização de Sakura enquanto responsável modal quando Naruto é o falante e quando a própria Sakura é a falante, no que tange à função do Sujeito.

Em ambos os casos, a realização do Sujeito se dá – como acontece em português brasileiro – de forma prosódico-estrutural. No caso de Naruto, a realização do Sujeito se dá pela seguinte realização: elipse do grupo nominal e morfema de terceira pessoa no modo

verbal pretérito imperfeito do indicativo [Ø-3S-IND-PST-IMPFV], que realiza a função Sujeito: responsável & singular & recuperado: implícito & interlocutor: ouvinte & não-polido. No caso de Sakura, o Sujeito é realizado pela elipse do grupo nominal e morfema de primeira pessoa no modo verbal pretérito imperfeito do indicativo [Ø-1S-IND-PST-IMPFV], que realiza a função Sujeito: responsável & singular & recuperado: implícito & interlocutor: falante & não-polido. Com isto, apesar da forma ser, coincidentemente, a mesma (**Conhecia** sim! **Conhecia** não!) estas realizam funções distintas que revelam a natureza da negociação acerca da responsabilidade modal.

Passando à troca de propostas, em (19), S manda N calar a boca. Gramaticalmente, a proposta é uma oração imperativa, realizada pela função do Predicador em primeira posição, com morfologia verbal imperativa ‘cala’ (calar-IMP-2SG).

Mas em (20) S negocia o comando, mais precisamente demandando um serviço de S que ela que cale a boca. Aqui também vê-se a realização por uma oração imperativa com o Predicador apresentando a morfologia verbal de imperativo ‘cala’ (calar-IMP-2SG) e o Sujeito: responsável & singular & explícito & ouvinte & não-polido na estrutura Predicador^Sujeito.

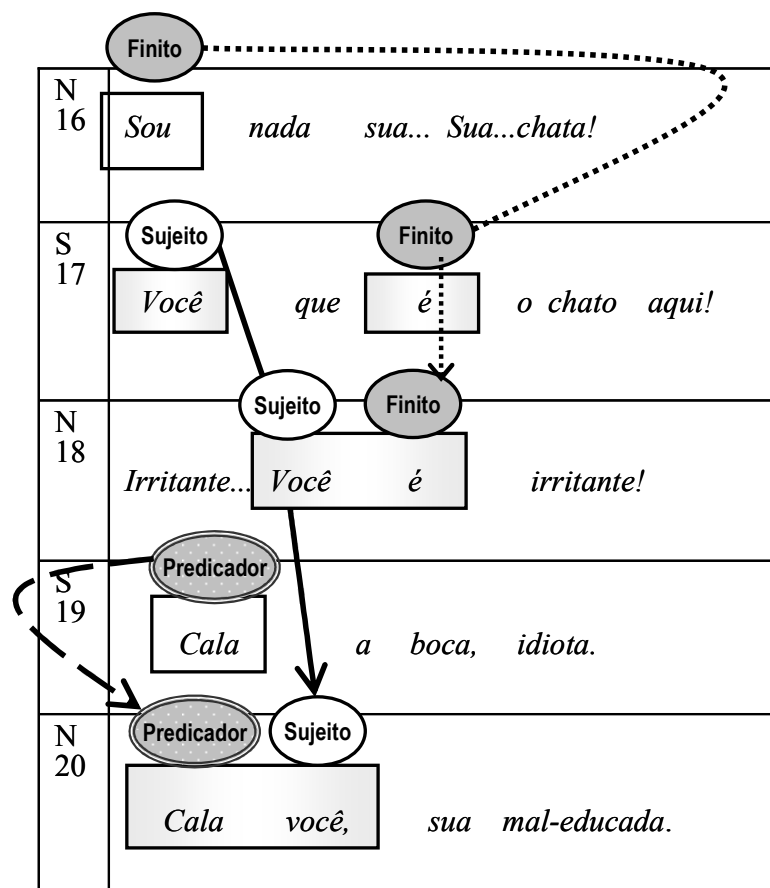


FIGURA 4.32 – O Negociador no diálogo (texto 4.13).

CAPÍTULO 5

REPRESENTAÇÃO DA EXPERIÊNCIA: PROCESSOS MENTAIS

INTRODUÇÃO

Neste capítulo, pretende-se apresentar uma interpretação sistêmico-funcional dos sistemas relativos à experiência de representação do nosso “mundo interior” por meio da língua portuguesa. Assim como para outros subsistemas da TRANSITIVIDADE, a gramática mental também realiza a oração como figura – em particular, as *figuras de sentir*.

Semanticamente, as figuras de sentir constroem a experiência como processamento consciente, por meio dos processos de pensar, sentir (emotivo e sensorial), desejar, saber, entre outros. Neste sentido, elas constituem a representação do “mundo dentro de nós”, ou seja, do mundo da consciência (cf. Halliday & Matthiessen, 1999; Halliday, 2002).

As figuras de sentir são diferentes dos outros tipos de figura quando olhadas “de cima”, conceitualmente (mundo interno / mundo externo; ou domínio da consciência / domínio material / domínio simbólico). Além disso, a motivação gramatical diferenciada faz com que mereçam uma descrição particular. As figuras de sentir são realizadas gramaticalmente pelas orações mentais, bem como a gramática experiencial seleciona as funções que realizam a nossa representação do mundo (ver Figura 5.1).

Para tanto, esta descrição terá início, primeiramente, apresentando as funções transitivas que tomam parte nas orações mentais: Experienciador, Processo Mental e Fenômeno (incluindo Hiperfenômeno). Examinando-as de cima, serão apresentados os significados semânticos que são realizados por estas funções. Abordando-as de baixo, cada uma destas será caracterizada em relação aos elementos que opera, na ordem da oração como estas funções.

Em seguida à esta apresentação, será dado um passo em direção a um nível de maior delicadeza, e o foco passará à abordagem ao redor – as orações mentais em sua própria ordem. Em particular, serão investigados os padrões distintos entre os subtipos de orações mentais – cognitiva, desiderativa, emotiva e perceptiva.

A próxima seção dá início à apresentação do Experienciador.

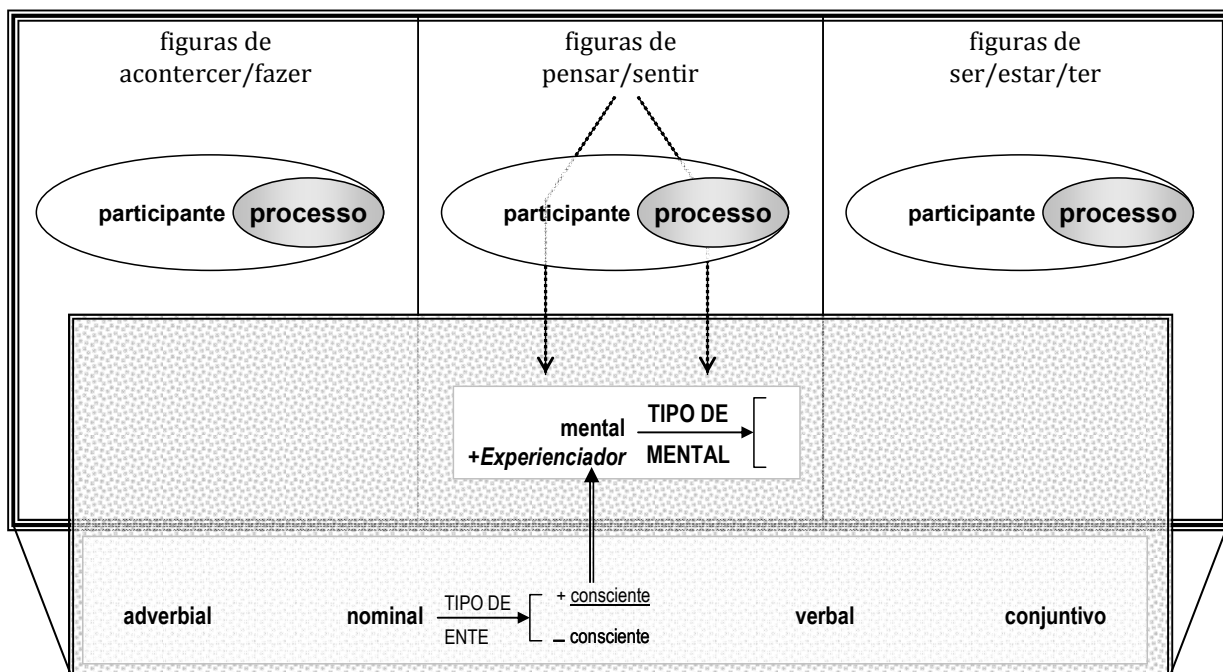


FIGURA 5.1 – Localização dos processos mentais na dimensão da estratificação.

1 O EXPERIENCIADOR

Quando o exame parte de cima, é possível observar como a experiência do “mundo interno” se organiza. Semanticamente, ela faz o quantum de mudança relativo ao processo mental ocorrer na consciência do participante. Este tipo de processo pode acontecer tanto como o ato de criação da própria consciência do participante, ou como a reação a algum evento do “mundo exterior” que, por sua vez, é construído como alguma forma de percepção da consciência do participante (cf. Halliday e Matthiessen, 1999). Logo, devido ao fato de o participante apresentar a característica ‘+consciente’, este é tipicamente concebido como um ser humano, ou algum outro ser ao qual se atribua uma consciência humanizada. Este é o motivo pelo qual o participante primário envolvido nos processos mentais é denominado Experienciador – aquele ao qual cabe conceber a experiência (cf. Halliday e Matthiessen, 1999; Figueredo, 2007).

A seguir apresenta-se o texto 5.1, no qual é possível observar figuras que representam processos acontecendo a partir da consciência dos participantes. O contexto do texto 5.1 é: um debate sobre o possível fim do CD em detrimento de novas mídias. Os experienciadores estão sublinhados e os processos mentais destacados em negrito. O participante elíptico é apresentado entre colchetes.

TEXTO 5.1:

A (1) *Ah, eu acho que o cd não vai acabar. Eu acho que vai acontecer igual a gente discutiu é... como o vinil é... as vendas vão ser menores mas assim é... mp3 ajuda você conhecer coisas que poderiam estar distantes é... caso você só realmente comprasse cds assim.*

B (2) [eu] *Entendi. Joel.*

J (3) *Eu concordo com ela, eu acredito que o mercado vai tá aí, mas menor, mais restrito, mais ou menos que nem o vinil hoje e... é e amolecada vai continuar baixando a torto e a direito aí.*

B (4) *E o que vai acontecer com o Joel, que vai acontecer com as lojas, Joel? Eu quero saber.*

J (5) *Vai ser uma loja especializada com certeza, vai ter o seu público também como tem o de vinil hoje, mas--*

D (6) *Engraçado rapaz, eu sinto o contrário, eu sinto que o mercado vai se expandir cada vez mais...*

Devido ao fato de o texto 5.1 ser um debate – processo sócio-semiótico explorar – sua principal função é produzir novos significados por meio da língua. Por ser um diálogo oral, se vê o movimento dos falantes de conceberem figuras que organizem a realidade de um ponto de vista novo, tendo como ponto de partida suas próprias ideias e pensamentos. Desta forma, o trabalho dos processos mentais é justamente indicar como se dá a experiência de as ideias serem produzidas a partir da experiência de consciência dos participantes. Como é possível ver pelas figuras mentais apresentadas no texto 5.1, os participantes ativamente envolvidos nestas são os próprios falantes, portanto todos dotados da característica +consciência (ver Figura 5.2).

Na gramática, o experienciador (função semântica) é realizado pelo Experienciador (função gramatical). Assim, nos exemplos do texto 5.1, os próprios falantes são representados na gramática como um grupo nominal cujo ente é dotado de consciência e opera na ordem da oração como Experienciador.

O exame do Experienciador de baixo revela que, em geral, os grupos nominais⁷² operam como esta função.

⁷² Ver Halliday e Matthiessen (1999) para uma descrição exaustiva do Ente; Halliday (1961) para a apresentação geral da escala de ordens; e Figueredo (2007) para a descrição da escala de ordens – em particular do grupo nominal – em português.

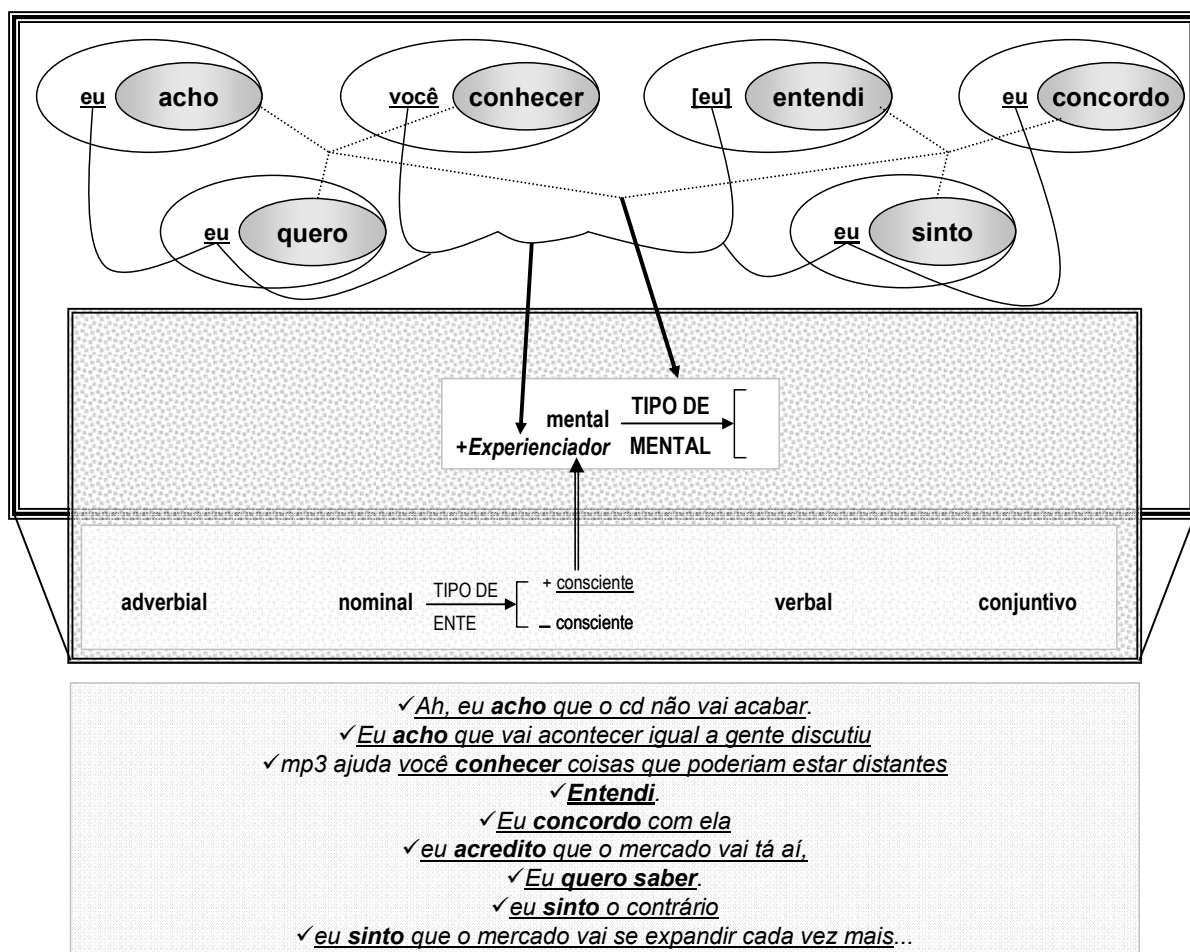


FIGURA 5.2 – Realização das orações mentais no texto 5.1.

O Ente do grupo nominal que opera como Experienciador é caracteristicamente Ente: Humano, pois este é o tipo de Ente cujo significado implica em possuir consciência superior – aquela que responde pelos processos mentais superiores como pensar, imaginar, entender, saber, desejar, etc. Contudo, qualquer tipo de Ente pode operar como Experienciador, desde que a este, na construção de uma figura mental, seja atribuída consciência. Esta se constitui como a opção de Ente: Humanizado.

A consciência inferior – aquela que responde pelos processos mentais inferiores como perceber, ouvir, enxergar, sentir, etc. – é caracteristicamente atribuída ao Ente: Animal. Contudo, igualmente, qualquer outro elemento pode ser construído nas figuras mentais como dotado de consciência inferior, constituindo assim a opção Ente: Animalizado.

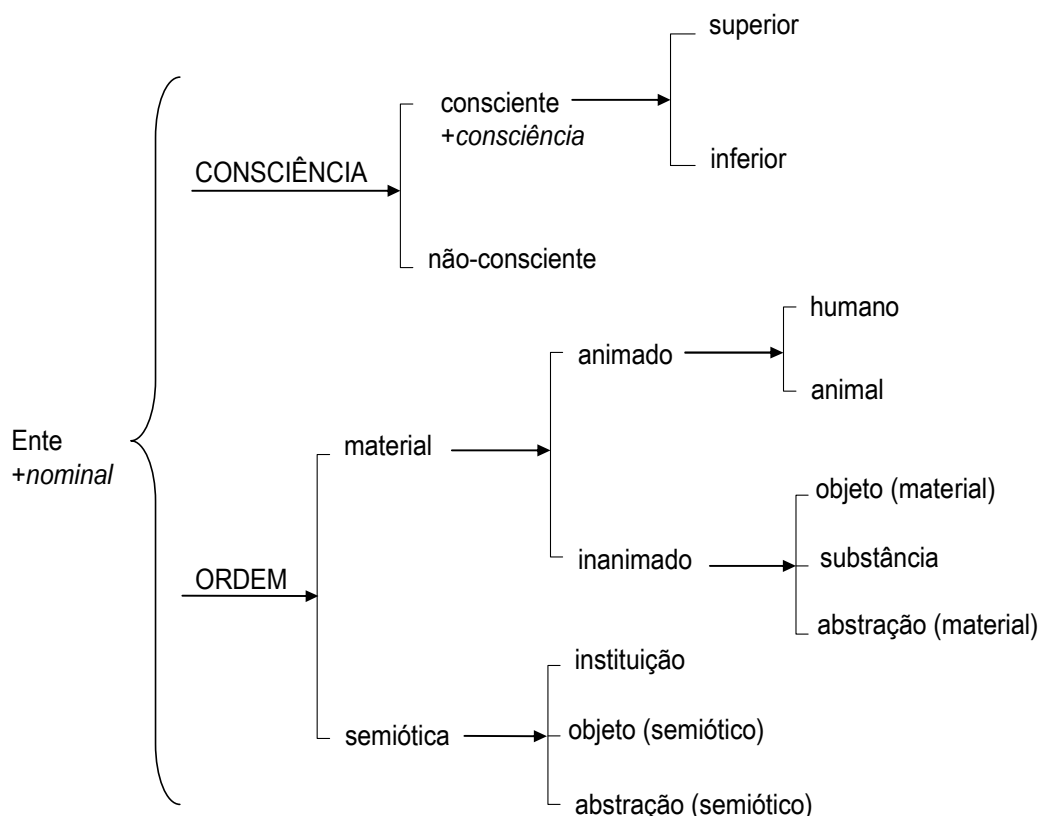


FIGURA 5.3 – Tipos de Ente simples.

O texto 5.2 a seguir traz um exemplo deste tipo de configuração.

TEXTO 5.2:

A Coelhinha das Orelhas Grandes

*Aquela coelhinha era tão branca como as outras. Mas havia nela alguma coisa que a tornava diferente das demais; o seu entusiasmo pelas próprias orelhas. [ela] **Acreditava** que eram as maiores e mais bonitas de toda a região.*

*– Ah, como [eu] **me sinto** bem com essas belíssimas orelhas! exclamou, um belo dia à porta de sua toca.*

*(...). Um belo dia, porém, a Natureza pôs as coisas no seu devido lugar. O lobo encontrou sua despensa vazia e, como tinha fome, [ele] **decidiu** sair para caçar. Como os outros animais de sua espécie, [ele] **sentia** uma atração especial por coelhos. Assim que os coelhos daquela região **viram** a sombra do lobo desataram a correr. Mas a coelhinha, [ela] **ignorando** o perigo que se avizinhava e ensaiando penteado após penteado, [ela] quase não **se deu conta** da presença do lobo.*

*Felizmente, [ela] **apercebeu-se** no último instante e fugiu a toda velocidade em direção à água do rio mais próximo (...).*

*Que grande susto! Ela **reconsiderou** suas atitudes e prometeu que, dali em diante, prestaria menos atenção às suas orelhas e mais ao que se passasse à sua volta.*

O texto 5.2 é uma fábula – processo sócio-semiótico recriar. Neste tipo de texto, é comum se verificar como parte da alegoria que aos seres são conferidas características antropomórficas. Gramaticalmente, o que se vê é a seleção por Ente: Consciente: Humanizado, em especial para operar como Experienciador nas orações mentais, como por exemplo:

- (1) [a coelhinha] *Acreditava que eram as maiores e mais bonitas de toda a região.*
 Experienciador Mental
 gr. nominal
 Ente: Consciente: Animal
- (2) [o lobo] *decidiu sair para caçar*
 Experienciador Mental
 gr. nominal
 Ente: Consciente: Animal

Não só animais podem operar como Experienciadores dotados de consciência superior, mas também outros tipos de elementos que normalmente, nos grupos nominais, funcionam como outros tipos de Entes. Por exemplo:

- (3) um aparelho (...) *calcula a distância percorrida pelo usuário*
 Experienciador Mental
 gr. nominal
 Ente: Consciente: Objeto Material
- (4) A CI&T *pretende manter o perfil*
 Experienciador Mental
 gr. nominal
 Ente: Consciente: Instituição

Além dos tipos, outras características do Ente do grupo nominal também contribuem para determinar o seu potencial em operar na oração como Experienciador. No eixo da contagem⁷³, quanto maior for a representação concreta do Ente, maior seu potencial para ser individualizado; da mesma forma, quanto mais um Ente se aproxima do pólo abstrato no eixo da contagem, maior a tendência de ser construído como massa.

A implicação para a gramática mental é que aos Entes individualizados é mais fácil atribuir consciência. Igualmente, os Entes contínuos (de massa) dificilmente operam como Experienciador (ou como qualquer outro Participante que não conflua com o Alcance), salvo quando são reinterpretados como outro termo do sistema de Ente. Por exemplo, o Ente: Substância só pode operar como Experienciador quando o Processo Mental acontece no

⁷³ Para a descrição do Ente em português, cf. Figueredo, 2007, p. 144-157.

tempo frequente ou indeterminado. De outro modo, a este tipo de Ente não se pode atribuir consciência. Por exemplo:

| | |
|------------------------------|------------------------|
| (5) <u>Criança</u> | <i>gosta de poesia</i> |
| Experienciador | Mental |
| gr. nominal | |
| Ente: Consciente: Substância | |

No exemplo (5), ‘criança’ é tratado de forma mais abstrata – na oração não se fala especificamente sobre nenhuma criança, ou grupo de crianças. Neste caso, o significado se refere ao conceito de ‘criança’, tratado de forma mais contínua do que particularizada.

‘Criança’ pode funcionar como Experienciador devido à sua relação com o desdobramento do Processo no tempo. O Processo acontece no tempo de forma indeterminada, que é realizada pela morfologia verbal do presente simples. Se compararmos com outras formas de o Processo acontecer no tempo, como por exemplo no passado, ‘criança gostou-IND-PST’; no presente-no-presente, ‘criança está-IND-PRS gostando-GER’; ou no futuro ‘criança gostará-IND-FUT’, o Ente operando como Experienciador deve, com maior frequência, ser particularizado.

Um caso diferente ocorre no próximo exemplo.

| | |
|------------------------------------|-------------------------------------------------------|
| (6) <u>As fortes chuvas</u> | <i>decidiram dar uma trégua nas cidades da região</i> |
| Experienciador | Mental |
| gr. nominal | |
| Ente: Consciente: Objeto Material | |

No exemplo (6), ‘chuva’ é tratado de forma mais particularizada – por exemplo, está na forma plural e o dêitico do grupo nominal é dêitico: não-seletivo: identificado: definido: antecedente: específico. Desta forma, pode mais facilmente operar como Experienciador. Diferentemente de ‘criança’ do exemplo (5), o desenvolvimento do Processo pode se dar em qualquer tempo: presente “as fortes chuvas decidem-IND-PRS]; presente-no-presente: as fortes chuvas estão-IND-PRS decidindo-GER; futuro: as fortes chuvas decidirão-IND-FUT dar uma trégua’. Apesar de o conceito de ‘chuva’ poder ser, sob um primeiro olhar, concebido como substância, ou um Ente contínuo, no exemplo (6) o que se verifica é que é construído pela gramática como um Ente mais particularizado do que ‘criança’ no exemplo (5).

Ainda que, em geral, o Ente seja realizado por um grupo nominal, é possível que, em algumas configurações específicas, as frases preposicionais também possam operar como Experienciador. Este é o caso das orações impingentes e das orações receptivas. Por exemplo:

(7) *A inovação (...) não agradou* **a todas as crianças.**
Mental Experienciador
frase preposicional

(8) *Maria pôde explicar-me a falta pelo receio de* *ser vista* **por alguém.**
Mental Experienciador
frase preposicional

O Quadro 5.1 a seguir traz as características do Experienciador apresentadas nesta seção.

QUADRO 5.1
Características do Experienciador.

| | Experienciador | | Realização | Exemplo |
|------------------------|-----------------|------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | sistema | seleção | | |
| em relação ao Ente | CONSCIÊNCIA | consciente | <i>Consciente:Humano</i> <i>Consciente:Animal;</i> <i>Consciente:Instituição;</i> <i>Consciente:Objeto, etc.</i> <i>[restrito para</i> <i>Consciente:Substância]</i> | A criança ignorou o perigo O lobo ignorou o perigo A CI&T ignorou o perigo O aparelho ignorou o perigo Chuva ignorou o perigo |
| | ORDEM | humano animal, instituição, objeto, etc. [restrito para substância] | | |
| em relação ao Processo | DIRECIONALIDADE | emanente | <i>grupo nominal</i> | A criança gosta de poesia |
| | | impingente | - <i>gr. nom. (pronome);</i> - <i>frase prep.: ('a' + gr. nom.)</i> | <i>A poesia</i> lhe agrada <i>A poesia</i> agrada à criança |
| em relação à oração | VOZ | operativa | <i>grupo nominal</i> | O lobo ignorou o perigo |
| | | receptiva | <i>frase prep.: ('por' + gr. nom.)</i> | <i>O perigo</i> foi ignorado pelo lobo |

2 O PROCESSO

Assim como outros tipos de processos, semanticamente, o elemento central do processo mental é o evento. Mais especificamente, o evento mental se constitui como a representação semântica do quantum de mudança no nosso mundo interno. Este, por sua vez, é realizado pela gramática como Processo Mental.

Gramaticalmente, os Processos Mentais são realizados por grupos verbais e o evento é realizado pelo verbo lexical do grupo. Em contraste com os Participantes, que são estáveis no tempo, os Processos possuem como propriedade principal o desdobramento no tempo. Este é

o motivo pelo qual dar sentido ao tempo é uma de suas principais funções (cf. Halliday e Matthiessen, 1999).

Abordando-os de baixo, é possível observar que os Processos Mentais se diferenciam de outros tipos de Processo quanto à forma pela qual concebem o tempo. Esta concepção pode ser analisada no que diz respeito ao modo como este tipo de Processo se desdobra. Mais especificamente, no que diz respeito à forma como se desdobram em relação ao “*agora*” (cf. Capítulo 4, Seção 3; Halliday e Matthiessen, 2004, p. 115) do evento discursivo (momento da enunciação), começando com o instante em que o quantum de mudança realizado pelo Processo Mental tem início e a forma como se estende no tempo.

Para a análise presente neste capítulo, a extensão temporal dos Processos Mentais pode ser caracterizada segundo três formas de extensão temporal em relação ao *agora*: (i) atual (incluindo o *agora*); (ii) frequente (incluindo uma ocorrência no *agora*); e (iii) simultâneo (ao *agora*). Por este motivo, o desdobramento no tempo é uma forma importante de se caracterizar os Processos em relação à sua localização no tempo, em específico pela sua realização não-marcada em relação ao *agora* do evento discursivo.

2.1 Desdobramento Temporal

O desdobramento temporal já foi investigado em outros estudos da língua portuguesa, em geral, abordado a partir da semântica, caracterizando as formas dos grupos verbais segundo diversos tipos de aspecto verbal (cf. Travaglia, 2006).⁷⁴ Porém, do ponto de vista sistêmico-funcional, tendo como foco os Processos Mentais o que se busca é a realização gramatical de determinado significado que contribua para a descrição dos Processos Mentais, separando-os em um tipo distinto dos outros tipos de Processo, bem como apontando seus subtipos.

(i) atual: significa uma duração ilimitada do desdobramento, sem demarcação de início ou fim do Processo. É realizado gramaticalmente por um grupo verbal que opera como Processo Mental com morfologia do presente do indicativo. Por exemplo:

⁷⁴ De um modo geral, estudos como Travaglia (2006) apontam para o fato de que o aspecto verbal não se constitui como a única forma de realização do desdobramento temporal em português; tampouco a perspectiva temporal é o parâmetro que mais ressalta nesta língua. Isto sugere que, diferentemente de outras línguas como o chinês (Halliday & Matthiessen, 1999; Halliday & McDonald, 2004) os significados aspectuais do português não podem ser caracterizados como um sistema gramatical realizado pelo grupo verbal. Como consequência, os significados advindos do desdobramento temporal são realizados, por assim dizer, por síndromes, que incluem elementos da ordem do grupo (grupos verbais e complexos grupais verbais), grupos adverbiais, frases preposicionais e, em determinados casos, grupos nominais. Na ordem da oração, o desdobramento do Processo depende de Circunstâncias de Tempo e de Frequência, bem como do tipo de Participante. Acima da oração, algumas relações de interdependência podem, igualmente, responder pelo sentido de tempo.

| | | |
|------------------------|-----------|------------------------|
| (9) <i>Você</i> | <i>me</i> | <u>conhece.</u> |
| Experienciador | Fenômeno | Mental |
| | | gr. verbal-IND-PRS |

(ii) frequente: significa que o desdobramento se dá de forma descontinuada, porém ilimitada. Além disto, não há aqui demarcação clara de seu início ou fim. Este tipo de desdobramento é, assim como o atual, realizado gramaticalmente por um grupo verbal que opera como Processo Mental com morfologia do presente do indicativo. Por exemplo:

| | | |
|-----------------------------|-----------------------|------------------------|
| (10) <i>Pai, não</i> | <u>esquece</u> | <i>de pôr o cinto.</i> |
| | Mental | |
| | gr. verbal-IND-PRS | |

A diferença na realização destes dois tipos de desdobramento se dá na ordem da oração – e não na ordem do grupo. No caso do exemplo (10), é possível acrescentar uma Circunstância: Trajetória: Frequência ao Processo; já na oração do exemplo (9), isto não é possível:

| | | | |
|------------------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| (9a) <i>Você</i> | <i>me</i> | <u>conhece</u> | <i>de novo</i> |
| Experienciador | Fenômeno | Mental | Frequência |
| | | gr. verbal-IND-PRS | frase prep. |
| (10a) <i>Pai, não</i> | <u>esquece</u> | <i>de pôr o cinto</i> | <i>de novo</i> |
| | Mental | | Frequência |
| | gr. verbal-IND-PRS | | frase prep. |

(iii) simultâneo: significa que o desdobramento do Processo se relaciona à natureza simultânea entre desdobramento temporal e o evento discursivo. Este é realizado na gramática pelo grupo verbal, com o verbo finito (alfa) no presente indicativo e o elemento dependente com a morfologia do gerúndio.

| | |
|---------------------------------------------|--------------------------------|
| (11) <i>As pessoas dos camarotes</i> | <u>estão ouvindo.</u> |
| | Mental |
| | α -IND-PRS β -GER |

Cabe ressaltar que o conceito de ‘simultâneo’ não implica em uma extensão do Processo condicionada à extensão do tempo, mas sim na simultaneidade entre o evento e a troca. Diante disto, o desdobramento simultâneo, realizado por α -IND-PRS + β -GER, se constitui como a única forma em português brasileiro de se colocar um evento no *agora*. Halliday aponta esta relação lógica entre a noção de tempo, relativa à interação, e o desdobramento do Processo, relativo à representação da experiência (cf. Halliday, 1994; 2002; também Halliday &

Matthiessen 1999; 2004), que pode ser entendida como a condição: se o tempo permanece, então o Processo permanece.

É interessante observar que o Processo da oração do exemplo (9) não pode se desdobrar no tempo de forma frequente (cf. exemplo 9a). Quando a esta oração se acrescenta uma Circ.: Frequência, para que esta faça sentido, é preciso realizar o desdobramento temporal como simultâneo, como mostra a Figura 5.4.

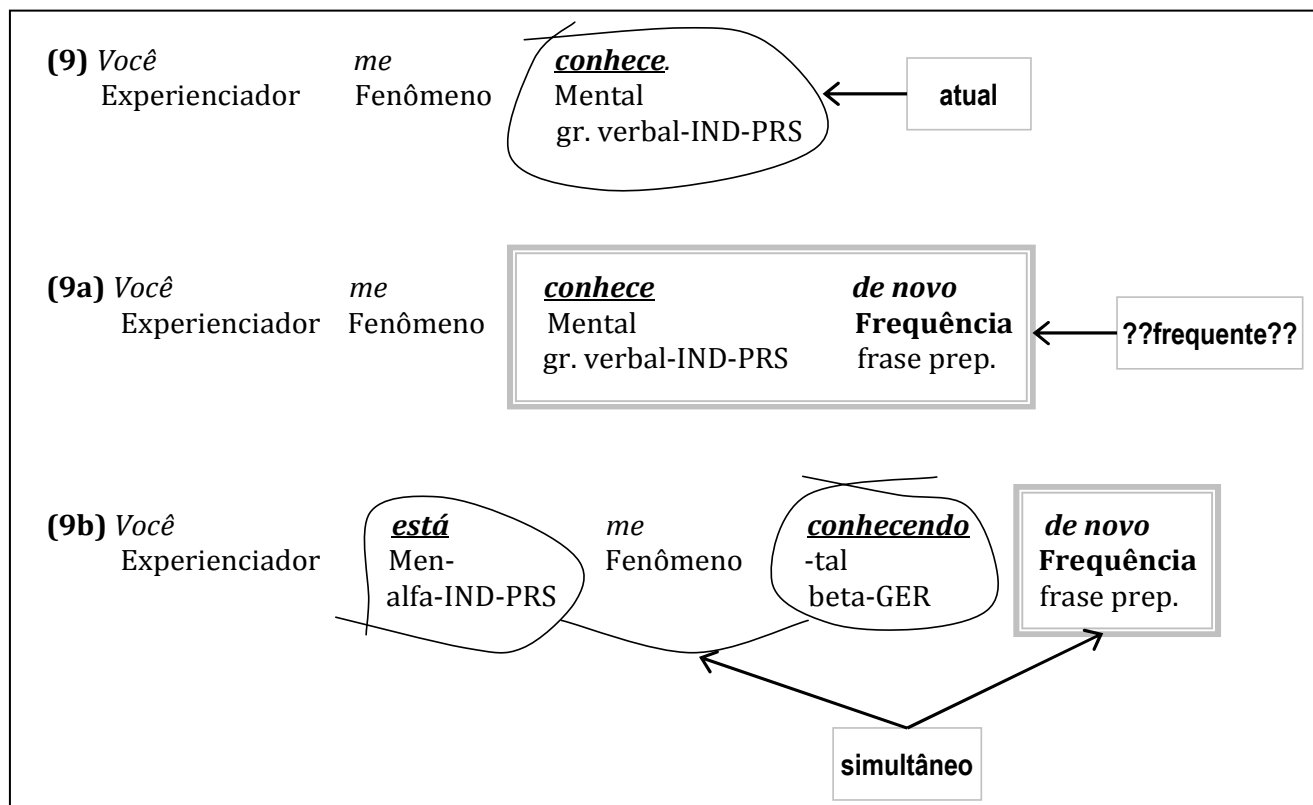


FIGURA 5.4 – Realizações do desdobramento temporal.

Devido ao fato de simultaneidade não implicar, em português brasileiro, continuidade no tempo, é possível observar que, em (9b), o que se entende não é a extensão do Processo subordinada à extensão do tempo (“você está me conhecendo continuamente”), mas que o desdobramento temporal do Processo se dá no momento da interação, que pode ser parafraseado como “neste momento, o *agora* em que interagimos, o Processo de ‘conhecer’ acontece na sua consciência”.

O desdobramento temporal em português brasileiro está intimamente relacionado à localização temporal dos eventos, que é gramaticalizada pelo sistema de TEMPO. A relação deste sistema com os Processos Mentais é examinada na próxima seção.

2.2 Localização Temporal

Halliday e Matthiessen afirmam que a localização temporal indica a forma como o processo “se relaciona ao ‘agora’ em termos de presente, passado ou futuro”⁷⁵ (1999, p. 214). Em português brasileiro, a localização temporal é realizada pelo sistema de TEMPO.

Halliday & Matthiessen (2004) afirmam que, em inglês, a realização gramatical típica para a localização temporal – em particular aquela que representa o *agora* – permite distinguir a forma de desdobramento dos Processos Mentais. Halliday explica que, no sistema de TEMPO, a seleção se faz pelo presente simples, que é sua forma não-marcada: “os processos mentais, que não são, em geral, demarcados claramente no tempo, estão mais intimamente relacionados à forma menos demarcada do tempo, o presente simples”⁷⁶ (1994, p. 116).

Já o tempo gramatical que demarca claramente o desdobramento no presente, o presente-no-presente, se constitui como a forma marcada, uma vez que, segundo Halliday e Matthiessen, “é mais delimitado no tempo; por isto se associa a processos que possuem um início e um fim claros”⁷⁷ (1994, p. 116). Neste caso, a seleção pela localização temporal do presente-no-presente se condiciona, para os processos mentais em inglês, ao aspecto inceptivo.

Em português brasileiro o grupo verbal no presente simples – realizado pela morfologia verbal do presente do indicativo – não é capaz de expressar o fim de um processo. Desta forma, tende a ser interpretado de uma forma mais irrestrita. Já o grupo verbal no presente-no-presente – realizado pela configuração α -IND-PRS + β -GER – são delimitados pelo tempo presente (cf. Travaglia, 2006). No que tange especificamente aos Processos Mentais, o emprego dos tempos presente se difere um pouco do inglês. Em geral, ambas as formas são possíveis e não-marcadas. Aqui, duas variáveis precisam ser consideradas: (i) o tempo da criação da ideia pela consciência e (ii) generalização da estimulação da consciência (cf. seção 4).

Se o Processo representar a experiência mental de criar um pensamento no presente, a escolha mais frequente é o presente-no-presente, uma vez que a criação tende a ser delimitada ao momento em que acontece. O mesmo acontece quando a representação é uma reação⁷⁸ a

⁷⁵ can be related to ‘now’ as past, present or future.

⁷⁶ mental processes, which are in general not clearly bounded in time, are associated with the less focused tense form, the simple present.

⁷⁷ is more focused in time; hence it goes with processes that have clear beginnings and endings.

⁷⁸ Cumpre destacar que o termo ‘reação’ empregado neste capítulo não tem o objetivo de abrir um debate na área da psicologia comportamental. O emprego do termo ‘reação’ segue o conceito de ‘reagir (*reacting to*)’ apresentado por Halliday e Matthiessen (1999, p. 141), e é interpretado aqui como o processo de percepção consciente de um estímulo material externo.

uma estimulação externa da consciência, uma vez que, em português brasileiro, a forma natural⁷⁹ de se representar esta experiência é colocar a reação no mesmo tempo em que a estimulação acontece, que por sua vez coincide com o “agora” da interação. Neste caso, o presente-no-presente é a seleção para o desdobramento simultâneo.

Por outro lado, quando a representação da experiência é concebida como um Processo criado pela consciência do Experienciador em um tempo anterior ao *agora*, e é, por assim dizer, “recriada” no *agora*, então a escolha típica para o tempo é o presente simples. Igualmente, quando a estimulação externa da consciência não acontece, mas é representada como uma generalização das ocorrências, então é empregado o presente simples. Por este motivo, o presente simples é o tempo escolhido pela gramática para realizar os desdobramentos temporais atual e frequente.

O funcionamento destas diferentes configurações pode ser visto nos textos 5.3 e 5.4, apresentados a seguir. O contexto do texto 5.3 é uma pessoa escrevendo um e-mail para o irmão, dando sua opinião sobre eventos importantes na vida desta última, relativos ao vestibular. Os Processos Mentais que se desdobram no presente estão destacados em negrito e sublinhado.

TEXTO 5.3:

Oi. Aqui tá td bem. Não liguei porque tô meio sem tempo e o orelhão tá sempre ocupado, mas avisa pra mãe que tá td bem (...). Com relação à prova entendo seu ponto de vista e tenho algumas considerações que não passam da minha opinião, mas eu vou dar assim mesmo.

1º - concordo que lá é bem puxado, mas qto antes vc se familiarizar com a prova e a experiência de ter tentado é melhor, só consegue quem tenta.

2º – acho que vc pensa no dinheiro demais, ou eu tô enganado... Não se preocupe de gastar com inscrição de vestibular, td isto é experiência, na viagem vou ajudar e vamos passear lá, pense nisto vai ser divertido.

3º – quanto mais provas vc fizer mais experiência adquirida e menos difícil vai ser este momento de vestibular como se fosse um bicho de sete cabeças.

4º – gostaria que vc soubesse que escrevi tudo que eu acho, e se vc tá pensando que eu to insistindo pra vc tentar eu to mesmo, mas é pq eu acredito que tentar é o melhor caminho.

Boa sorte!!!

⁷⁹ Para a definição do conceito de ‘natural’ empregado neste capítulo, cf. Halliday (1978, p. 202).

O texto 5.3 pertence ao processo sócio-semiótico explorar. Desta forma, é possível observar como o falante procura em seu texto criar novos significados a partir da utilização da língua, como por exemplo que o irmão tentar a prova não é algo ruim. Os Processos Mentais do texto 5.3 estão dispostos no Quadro 5.2.

QUADRO 5.2
Processos Mentais do texto 5.3.

| | Presente simples | Presente-no-presente |
|-------------------|---------------------------------------------------|-----------------------------|
| atual | <i>concordo</i> <i>acho</i> <i>acredito</i> | |
| frequente | <i>pensa</i> | |
| simultâneo | | <i>tá pensando</i> |

‘Concordar’ e ‘achar’ são, sob um primeiro exame, Processos Mentais que criam um pensamento. Contudo, neste texto, o que o falante concorda, ou o que ele acha, não foi criado como se fosse concebido ao mesmo tempo em que escrevia o e-mail. Em outras palavras, não foram construídos no *agora* da elocução. Neste sentido, os Processos ‘concordar’ e ‘achar’ podem ser entendidos como a “recriação” de um pensamento. Assim, neste texto, constroem o significado de que o autor tinha um pensamento antes de escrever o texto, que se conservou durante a produção do texto e, provavelmente, o terá no futuro do texto.

Gramaticalmente, estes significados são realizados pela forma não-marcada para este tipo de extensão no tempo, que é o presente simples. Uma vez que estes Processos não são delimitados pelo agora, não possuem um início ou fim claros e assim seu desdobramento é o atual. O mesmo acontece com o Processo ‘acreditar’, no fim do texto.

No caso do Processo ‘pensar’, é possível observar que se desdobra como frequência no tempo. Este desdobramento é realizado pelo presente simples no grupo verbal e, na ordem da oração, por uma Circunstância de frequência, ‘*demais*’.

Já o Processo ‘pensar’ – em ‘*vc tá pensando*’ – é atribuído ao ouvinte como o pensamento decorrente de ter lido a mensagem. Assim, é concebido pelo falante como se fosse criado à medida que o ouvinte vai lendo; em outras palavras, é criado no *agora*. Por consequência, este Processo é mais delimitado, possuindo um início mais preciso (provavelmente quando o ouvinte pensa sobre o que o falante diz), e por isto se desdobra

simultaneamente. A gramática realiza este significado selecionando o presente-no-presente como forma não-marcada para o tempo.

O texto 5.4 foi extraído de uma sala de bate-papo online.

TEXTO 5.4:

<lapton> estou ouvindo ISDN do The Future Sound of London. Conhecem?
 <TwlSTer> nopzz qual o estilo?
 <lapton> alguma coisa entre o ambient e o drum n' bass.
 <lapton> q som vcs ouvem?
 <TwlSTer> dahora.
 <AkFare> eu curto techno
 <AkFare> techno puro
 <AkFare> To escutando Beast Boys

O texto 5.4 pertence ao processo sócio-semiótico compartilhar. Neste tipo de texto, bate-papo online, os interlocutores procuram compartilhar opiniões, valores e preferências, de forma a estreitar os laços sociais. Aqui, mais especificamente, compartilham suas preferências musicais. Assim, os Processos Mentais relacionados com representação auditiva ganham destaque. Estes estão dispostos no Quadro 5.3.

QUADRO 5.3
 Processos Mentais do texto 5.4.

| | Presente simples | Presente-no-presente |
|-------------------|-------------------------------------|---------------------------------------|
| atual | <i>conhecem ouvem curto</i> | |
| frequente | | |
| simultâneo | | <i>estou ouvindo to escutando</i> |

Dando foco às representações auditivas, realizadas linguisticamente pelos Processos ‘ouvir’ e ‘escutar’, observa-se que ambos são concebidos tipicamente como reação – são uma reação à estimulação material externa da consciência. Mais especificamente, a uma estimulação auditiva: os interlocutores estão ouvindo a música ao mesmo tempo em que as ondas sonoras estão estimulando sua consciência, por meio do aparelho auditivo.

No texto 5.4, ‘ouvir’ aparece tanto no presente simples quanto no presente-no-presente. Contudo, devido ao fato de ser natural reagir ao estímulo externo ao mesmo tempo em que

este acontece e, em virtude de esta reação acontecer no *agora*, a sua forma não-marcada é o presente-no-presente.

Desta maneira, quando <lapton> diz “estou ouvindo ISDN do *The Future Sound of London*”, isto significa que <lapton> “ouve ISDN agora”. Por outro lado, quando pergunta “*q som vcs ouvem?*”, concebe o processo como uma generalização da estimulação auditiva (esta não necessariamente precisa estar acontecendo no *agora*). Assim, ela não implica em o Experienciador reagir a uma estimulação para fazer sentido. Neste caso, a gramática realiza este significado por meio da escolha pela localização temporal no presente simples, constituindo-se como a forma marcada.

2.3 Direcionalidade

Além da forma como organizam o sentido do tempo, os Processos Mentais possuem outra característica importante, a direcionalidade. Halliday e Matthiessen afirmam que, de uma forma geral, os Processos podem apresentar direcionalidade. Por exemplo, quanto aos Processos Verbais em inglês, dizem: “o dizer é construído partindo do Dizente em direção ao Receptor”⁸⁰ (1999, p. 131). Já as figuras mentais são concebidas de modo diferente. Como foi visto anteriormente, o processamento consciente pode ser criado pela própria consciência. Neste caso, a direção parte do Experienciador e se estende até o Fenômeno. Este tipo de Processo é denominado emanente. Por exemplo:

(12) Imaginei *bandas de música, vivas e palmas.*
Emanente Fenômeno

(13) *Os quatro companheiros (...)* esqueceram *a controvérsia.*
Experienciador Emanente Fenômeno

No exemplo (12), ‘imaginar’ é criado pela consciência do Experienciador, ‘eu’ e se estende até outro Participante, o Fenômeno, ‘*bandas de música, vivas e palmas*’. Em (13), ‘esquecer’ é criado pela consciência de ‘*os quatro companheiros*’ e se estende até ‘*a controvérsia*’. Em ambos os casos, a representação da realidade é concebida como que emanando da consciência do Experienciador, portanto, as orações podem ser classificadas como emanentes.

De outro modo, o processamento consciente pode ser concebido como um ente externo impingindo o processo à consciência do experienciador. Nesta situação, a direção não é

⁸⁰ saying is construed as proceeding from Sayer to Receiver.

“desde o Experienciador”, mas “até o Experienciador”, vinda de um Participante externo. Este tipo de oração é chamada impingente. Por exemplo:

- (14) *O resto não nos interessa*
 Fenômeno Experienciador Impingente
- (15) *Espantou -me esta objeção.*
 Impingente Experienciador Fenômeno

Os Processos ‘interessar’ e ‘espantar’ não são criados pela consciência do Experienciador nos exemplos (14) e (15) respectivamente. Ao contrário, são impingidos pelo Fenômeno, que é um ente externo à consciência. A consciência do Experienciador tornar-se, então, o destino do Processo.

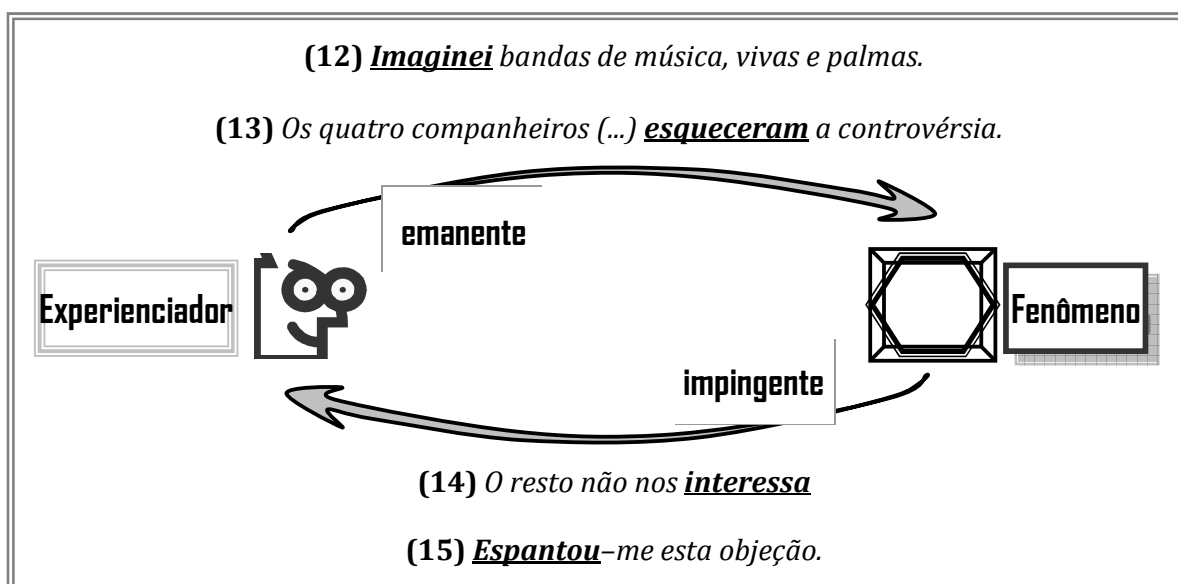


FIGURA 5.5 – Direcionalidades emanente e impingente.

Dependendo da perspectiva que se toma sobre um mesmo evento, este pode ser concebido como emanando da consciência do Experienciador ou impingindo sobre ela; ou seja, a complementariedade entre Processos Mentais pode ser bidirecional. A bidirecionalidade mental pode ser entendida como uma característica sistêmica em português brasileiro, uma vez que se apresenta para um grande número de eventos, além de se estender para mais de um subtipo. Apesar de outros tipos de Processo eventualmente apresentarem pares complementares, como por exemplo o par material ‘bater / apanhar’, a bidirecionalidade só se verifica como uma opção sistêmica para os Processos Mentais. Neste sentido, ela os separa dos outros tipos de Processo.

A seguir são apresentados exemplos da bidirecionalidade para os Processos Mentais. Cabe ressaltar que as formas emanente e impingente podem, em grande medida, ser

intercambiáveis, uma vez que o evento por elas representado é o mesmo. O que muda, com efeito, é a perspectiva na trajetória do Processo.

(16) *Eu* acho *que todos nós já tivemos um excelente debate.*
 Experienciador Mental Fenômeno

(17) *Me* parece *que foi bastante expressivo o valor apurado no final do ano.*
 Exp. Mental Fenômeno

QUADRO 5.4
 Bidirecionalidade: achar / parecer.

| Experienciador | Processo | | Fenômeno |
|----------------|----------|-------------------|-------------------------------------------------------------|
| Eu | acho | <i>emanente</i> | que todos nós já tivemos um excelente debate |
| Me | parece | <i>impingente</i> | |
| Eu | acho | <i>emanente</i> | que foi bastante expressivo o valor apurado no final do ano |
| Me | parece | <i>impingente</i> | |

(18) *Você* repudia *o período do regime militar?*
 Experienciador Mental Fenômeno

(19) *Te* enoja *a elite brasileira?*
 Experienciador Mental Fenômeno

QUADRO 5.5
 Bidirecionalidade: repudiar / enojar.

| Experienciador | Processo | | Fenômeno |
|----------------|----------|-------------------|------------------------------|
| Você | repudia | <i>emanente</i> | o período do regime militar? |
| Te | enoja | <i>impingente</i> | |
| Você | repudia | <i>emanente</i> | a elite brasileira? |
| Te | enoja | <i>impingente</i> | |

(20) Lembrei *que na minha gravata creme ficava bem um alfinete.*
 Mental Fenômeno

(21) Ocorreu *-me também que podiam ser eleições*
 Mental Experienciador Fenômeno

QUADRO 5.6
Bidirecionalidade: lembrar / ocorrer.

| Experienciador | Processo | | Fenômeno |
|----------------|----------|-------------------|---------------------------------------------------|
| Eu | lembrei | <i>emanente</i> | que na minha gravata creme ficava bem um alfinete |
| Me | ocorreu | <i>impingente</i> | |
| Eu | lembrei | <i>emanente</i> | que podiam ser eleições |
| Me | ocorreu | <i>impingente</i> | |

(22) *As crianças* **gostaram** *de juntar insetos.*
Experienciador Mental Fenômeno

(23) *A inovação (...) não* **agradou** *a todas as crianças*
Fenômeno Mental Experienciador

QUADRO 5.7
Bidirecionalidade: gostar / agradar.

| Experienciador | Processo | | Fenômeno |
|---------------------|----------|-------------------|---------------------|
| As crianças | gostaram | <i>emanente</i> | [de] juntar insetos |
| a todas as crianças | agradou | <i>impingente</i> | |
| As crianças | gostaram | <i>emanente</i> | [d]a inovação |
| a todas as crianças | agradou | <i>impingente</i> | |

A escolha por determinado tipo de direcionalidade está intimamente ligada à escolha no sistema de AGÊNCIA. Nas orações emanentes, a mudança (quantum de mudança) recai sobre o Experienciador, que neste caso conflui com a função de Mediador. Nesta situação, o Fenômeno é concebido como a extensão do Processo, confluindo com a função de Alcance do sistema de AGÊNCIA. Por exemplo:

(24) **Lembrei** *que na minha gravata creme ficava bem um alfinete.*
Mental Fenômeno
Mental Alcance

(25) *As crianças* **gostaram** *de juntar insetos.*
Experienciador Mental Fenômeno
Mediador Mental Alcance

No caso das orações impingentes, a mudança também recai sobre o Experienciador, porém, este sofre o impacto causado pelo Fenômeno que, nesta situação, opera como Agente no sistema de AGÊNCIA. Por exemplo:

(26) Ocorreu -me também que podiam ser eleições
 Mental Experienciador Fenômeno
 Mental Mediador Agente

(27) A inovação (...) não agradou a todas as crianças
 Fenômeno Mental Experienciador
 Agente Mental Mediador

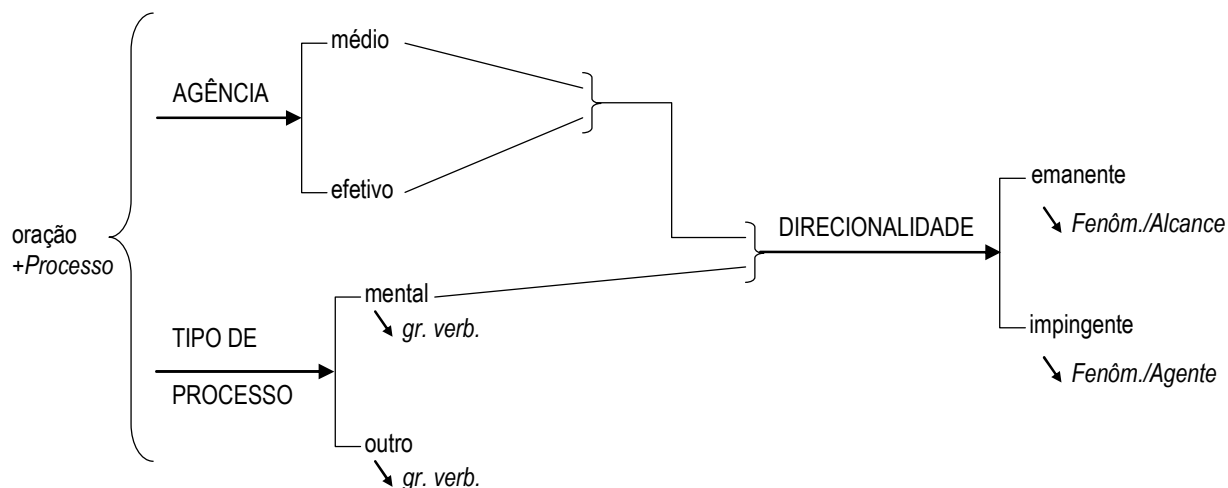


FIGURA 5.6 – O sistema de DIRECIONALIDADE.

O Quadro 5.8 a seguir traz as características do Processo apresentadas nesta seção.

QUADRO 5.8
 Características do Processo.

| | | <i>localização temporal em relação ao agora</i> | <i>realização</i> | <i>exemplos</i> |
|-------------------------------|-------------------|-------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------|
| desdobramento temporal | <i>atual</i> | <i>presente</i> | <i>gr.verbal:</i> <i>α-IND-PRS.</i> | <i>As crianças gostam de juntar insetos</i> |
| | <i>frequente</i> | | <i>gr.verbal:</i> <i>α-IND-PRS +</i> <i>Circ.:Frequência</i> | <i>As crianças gostam de juntar insetos todo dia</i> |
| | <i>simultâneo</i> | <i>presente-no-presente</i> | <i>gr.verbal:</i> <i>α-IND-PRS + β-GER</i> | <i>As crianças estão gostando de juntar insetos</i> |
| direcionalidade | <i>emanente</i> | | <i>Fenômeno/Alcance</i> | <i>As crianças gostam de juntar insetos</i> |
| | <i>impingente</i> | | <i>Fenômeno/Agente</i> | <i>Juntar insetos agrada às crianças</i> |

3. FENÔMENO

O fato de os Processos Mentais serem a realização dos eventos que ocorrem na consciência de um ente implicam que pelo menos um Participante, o Experienciador, deve estar presente nas orações mentais, pois cabe a esta função realizar o ente: consciente. Para além desta constatação, o fato de os Processos Mentais apresentarem bidirecionalidade implica que podem alcançar um outro Participante – no caso dos emanentes – bem como causar impacto na consciência do Experienciador – no caso dos impingentes. Desta forma, apesar de acontecerem na consciência do Experienciador, os Processos mentais se relacionam ao “mundo fora de nós”, tanto como reação à estimulação externa quanto criando alguma representação semiótica desse mundo.

O texto 5.5 a seguir traz exemplos da relação entre os Processos Mentais e os mundos “interno” e “externo” à consciência.

TEXTO 5.5:

Yara, a Rainha das Águas

Yara, a jovem Tupi, era a mais formosa mulher das tribos que habitavam ao longo do rio Amazonas (...). Numa tarde de verão, mesmo após o Sol se pôr, Yara permanecia no banho, quando foi surpreendida por um grupo de homens estranhos. Tinham longas barbas, usavam roupas pesada, botas e chapéus. Falavam uma língua desconhecida e pareciam muito agressivos. Sem condições de fugir, a jovem foi agarrada e amordaçada, não podendo se livrar daquelas mãos que tocavam todo o seu corpo. Acabou por desmaiar, sendo, mesmo assim, violentada e atirada ao rio.

O espírito das águas transformou o corpo de Yara num ser duplo. Continuaria humana da cintura para cima, tornando-se peixe no restante. Assim permaneceria bela, podendo ao mesmo tempo viver no rio eternamente.

Yara passou a entender os pássaros e a conversar com eles e com os peixes, como uma sereia cujo canto atria os homens de maneira irresistível.

Ao verem a Linda criatura, eles se aproximam dela, que os abraça e os arrasta às profundezas, de onde nunca mais voltarão.

Quando há mais de um Participante envolvido no Processo, este cumpre a função de Fenômeno, que pode ser caracterizado como o Participante ao qual o Processo Mental se estende, ou a partir do qual o Processo Mental parte para provocar um impacto na consciência do Experienciador. No texto 5.5, a primeira oração destacada exemplifica o Fenômeno [um grupo de homens estranhos] estimulando a consciência do Experienciador [Yara], que a este estímulo reage, produzindo o Processo Mental [surpreender]. Já a segunda oração destacada exemplifica a consciência do Experienciador [Yara] criando o Fenômeno [os pássaros] por meio do Processo Mental [entender].

A relação entre o Fenômeno e a criação ou estímulo à consciência pode ser vista esquematicamente na Figura 5.7

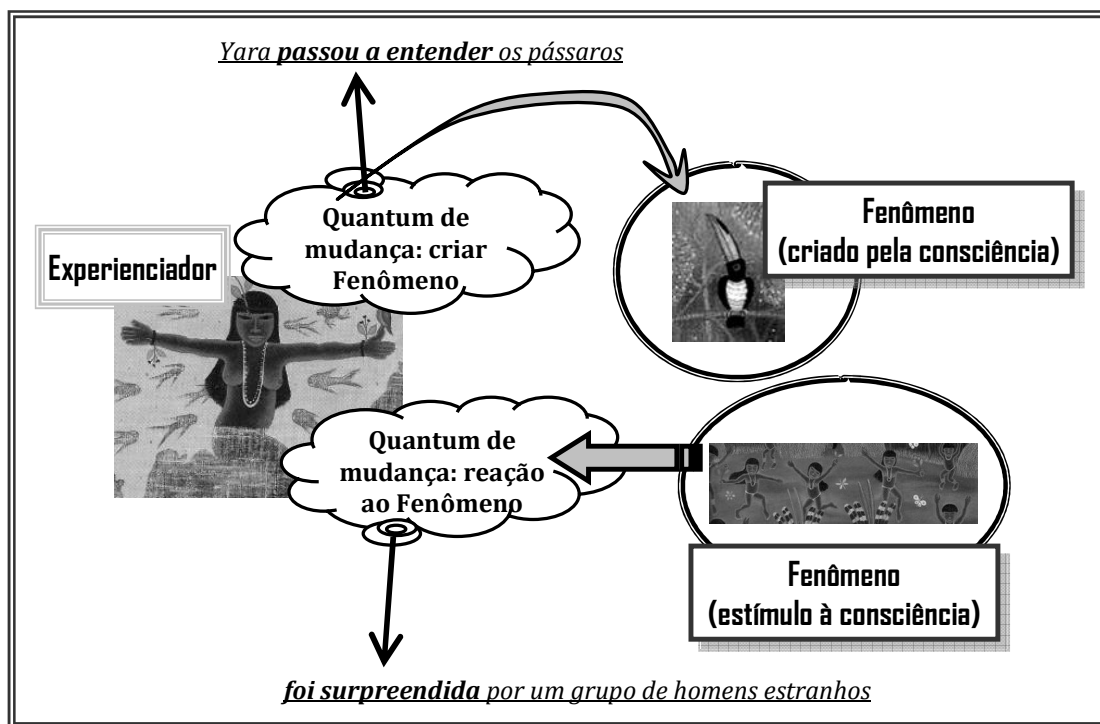


FIGURA 5.7 – Fenômeno: criado pela consciência e estímulo à consciência.

Halliday e Matthiessen (2004) afirmam que o Fenômeno é o elemento “que é sentido, pensado, desejado ou percebido” (p. 203)⁸¹. Assim, este elemento pode se de qualquer ordem de realidade – tanto material quanto semiótica. Além disto, sua natureza pode ser abstrata ou concreta. Este fato aumenta as possibilidades para os Entes que podem operar como Fenômeno. Diferentemente do Experenciador, que tem sua natureza restrita à condição ‘+consciênte’, o Fenômeno pode ser realizado por uma quantidade maior de Entes, incluindo não apenas os Entes simples, mas também Macro-entes e Meta-entes. As diferentes opções de Fenômeno disponíveis no sistema estão dispostas no Quadro 5.9. Cada uma delas será apresentada em maior detalhe nas próximas seções.

⁸¹ felt, thought, wanted or perceived.

QUADRO 5.9
Tipos de Fenômeno.

| | | | |
|-----------------|-------------------------|------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Fenômeno | não-especificado | comportamento 'ativo' | Tenho pensado muito, sim. |
| | | assunto do pensamento | Estudantes com bolsas parciais do ProUni saberão do resultado a partir de 24 de outubro. |
| | Fenômeno simples | | Sinto um pouco de dor na perna direita. |
| | Macrofenômeno | | vi sair toda a gente. |
| | Metafenômeno | | lhe doía deixar a própria causa do mal. |
| | Ideia | proposição projetada | O peixe pensou que meu dedo fosse um verme. |
| | | proposta projetada | Quero que me dêem o ouro que tiverem. |

3.1 Fenômeno Não-Especificado

Em determinadas situações, as orações mentais são concebidas para indicar que o Participante possui a faculdade da consciência. Em termos gerais, seu significado pode ser parafraseado como “este Experienciador tem a capacidade de abrigar este processo em sua consciência”. Neste caso, os Processos são categorizados como não-fenomenalizados⁸² (cf. Matthiessen, 1995); em outras palavras, são concebidos de forma que seus Fenômenos não precisam ser especificados e, portanto, não há realização gramatical desta função.

Desta maneira, as não-fenomenalizações em português brasileiro acontecem no ambiente das orações mentais constituídas pela realização dos Processos Mentais por grupos verbais intransitivos, havendo apenas um Participante. Em relação ao sistema de AGÊNCIA, sua configuração se restringe a um Mediador e um Processo, mas não possuem o Alcance. Por exemplo:

- (28) *Ao contrário do que, muitos pensam, o sono não é uma atividade passiva. O nosso cérebro trabalha com força total durante este período, pois é nessa fase da vida que estamos aprendendo coisas, selecionando o que deve ficar na memória e o que pode ser jogado fora. O sonho, neste caso, tem uma importância fundamental e saber compreendê-los e analisá-los pode enriquecer muito as nossas vidas. Quem sonha acorda mais criativo.*

⁸² É importante ressaltar que em todo Processo Mental se identifica o potencial para abrigar um Fenômeno, o que se configura como uma característica particular em comparação com outros tipos de Processo que possuem a configuração ergativa Mediador+Processo, como Material: Acontecer; Verbal: Atividade; Existencial, que abrigam um – e apenas um – Participante. Diante disto, as não-fenomenalizações representam uma das diferentes possibilidades de representação das figuras de sentir concebidas pela gramática. Este é o motivo pelo qual nesta tese, seguindo Halliday & Matthiessen (2004, p. 209), esta configuração é denominada Fenômeno não-especificado.

No exemplo (28), não há nenhum conteúdo específico para ser sonhado; a oração é concebida para indicar simplesmente que “O Experienciador possui a capacidade de sonhar”. Cumpre destacar que a gramática seleciona neste caso opções que mal conseguem localizar a oração no tempo (desdobramento: atual; localização: presente – realizados pela morfologia verbal do presente do indicativo). Isto significa que “o Experienciador pode **de forma generalizada** dormir”.

O exemplo (29), apresentado a seguir, apresenta também uma não-fenomenalização, uma vez que não há como se identificar o conteúdo do Processo ‘pensar’. O mesmo ocorre no exemplo (30). No entanto, os exemplos (29) e (30) são construídos de um modo um pouco diferente do (28), no sentido de que são delimitados no tempo (29: passado-no-presente; 30: passado e presente-no-presente).

(29) **Tenho pensado** muito, *sim*.
Mental

(30) *Com arranco, calou-se. Como arrependido de ter começado assim, de evidente. Contra que aí estava com o fígado em más margens; **pensava, pensava. Cabismeditado.** Do que, se resolveu.*

De certa forma, estes tipos de orações sugerem que o Processo Mental em conjunto com a não-fenomenalização são representados pela gramática como um tipo de “comportamento passivo” – em algum ponto entre a percepção passiva, característica dos Processos Mentais, e o comportamento ativo, próprio dos Processos Comportamentais (cf. Halliday e Matthiessen, 1999, p. 136). O comportamento passivo é similar à manifestação externa de um processo interno (comportamental) – mas é apenas similar, posto que não há externalização do comportamento.

3.2 Assunto do Pensamento

No item 3.1 foi apresentado um tipo de oração mental que indica apenas a presença da faculdade mental; ou seja, o Processo sem Alcance. Contudo, de uma forma geral, a configuração típica da oração mental é possuir um elemento ao qual alcance, e “o Alcance [de um Processo Mental – o Fenômeno ao qual o Processo se estende] representa o assunto”⁸³ (Halliday & Matthiessen, 1999, p. 170). O ambiente em que o Processo se estende, mas que o Fenômeno não está presente, o assunto é realizado por um elemento circunstancial. Por exemplo:

⁸³ “the Range represents the subject matter”.

(31) *M. lembra de um congresso em Belo Horizonte, em 2001*
 Experienciador Mental Assunto

(32) *Estudantes com bolsas parciais do ProUni saberão do resultado a partir de 24 de outubro*
 Experienciador Mental Assunto

No exemplo (31), o “assunto do pensamento” é um congresso que acontece em Belo Horizonte em 2001. Já em (32), é o resultado que sairá em outubro. A realização do assunto é feita na ordem da oração pela Circunstância: Assunto, que por sua vez é realizada por uma frase preposicional. A preposição pode variar conforme os diferentes tipos de Processo.

O fato de o Assunto estar disponível como conteúdo do processamento parece ser uma característica particular dos tipos de Processo que são capazes de criar a realidade semiótica de segunda ordem: “ao que parece, apenas as figuras que projetam (basicamente as de sentir e de dizer) podem apresentar a Circunstância: Assunto”⁸⁴ (Halliday e Matthiessen, 1999, p. 487). Isto se vê mais claramente diante da constatação de que, basicamente, os Processos Mentais que projetam é que são capazes de apresentar o Assunto, cabendo aos Processos Mentais não-projetantes apresentá-lo apenas de maneira restrita. Por exemplo:

(33) *Os homens também pensam em futebol*
 Experienciador Mental [projetante] Assunto

(34) *As crianças gostaram de juntar insetos.*
 Experienciador Mental [não-projetante] Fenômeno

O Quadro 5.10 toma o exemplo (33) como base e apresenta Processos projetantes e não-projetantes em relação ao Assunto.

QUADRO 5.10
 Processos Mentais e Assunto.

| Experienciador | Processo | Assunto | |
|----------------|-------------------|------------|------------|
| Os homens | <i>Projetante</i> | pensam | em futebol |
| | | sabem | de futebol |
| | | lembram | de futebol |
| | | entendem | de futebol |
| | | precisam | de futebol |
| | | necessitam | de futebol |
| | | carecem | de futebol |
| | | querem | -- |

⁸⁴ it seems only figures that can project (essentially sensing and saying) can have a circumstance of Matter.

| | | |
|-------------------------------------|----------|------------|
| Não-projetante ⁸⁵ | gostam | -- |
| | odeiam | -- |
| | repudiam | -- |
| | adoram | -- |
| | olham | -- |
| | veem | -- |
| | ouvem | -- |
| | conhecem | de futebol |

3.3 Fenomenalização: Fenômeno Simples

As não-fenomenalizações são, comparativamente, uma pequena parte do escopo da gramática mental. Na verdade, a maioria dos recursos é empregada para a concepção da fenomenalização, i.e., a representação do processamento mental que ocorre na consciência do experienciador e se estende a outro participante, concebido como o conteúdo do evento mental (Halliday & Matthiessen, 1999). Este é denominado fenômeno, que por sua vez é realizado na gramática como Fenômeno que, por sua vez, é realizado por um grupo nominal. Por exemplo:

(35) *you* *can choose* *a escuna que mais lhe agrada*
 Experienciador Mental Fenômeno

(36) *Non* *will ever imagine* *o caos da minha alma naqueles momentos*
 Pro- -cesso Fenômeno

Além de ser o Participante para o qual o Processo se estende, o Fenômeno também pode ser o Participante que faz o Processo acontecer na consciência do Experienciador, devido à direcionalidade, cujo contraste pode ser visto nos exemplos:

(37) *Newton* (...) *concebeu* *a ideia da gravidade*
 Experienciador Mental [emanente] Fenômeno

(38) *The project of the new way of making bicycles* *pleased* *many parents.*
 Fenômeno Mental [impingente] Experienciador

No caso da oração emanante, o Fenômeno é criado, ou recriado, pelo pensamento na consciência do Experienciador, ou como a reação a um estímulo. Diferentemente, o Fenômeno no caso impingente é concebido como pensamento pré-existente devido ao fato de

⁸⁵ É importante destacar que o acréscimo de preposições ao Fenômeno dos Processos não-projetantes não marca o início de uma frase preposicional, mas sim de um partitivo. Com isto, palavras como ‘de’ e ‘sobre’ operam como Numerativos no grupo nominal. Isto fica mais evidente com o Processo ‘gostar’, como em ‘os homens gostam **de** futebol’, que, ao longo da história da língua, manteve o ‘de’ como marcador do partitivo.

o Processo ter de impingir na consciência.⁸⁶ Outros exemplos de Processos Mentais em relação à direcionalidade, acrescidos da análise ergativa, é apresentada abaixo:

(39)

| | | |
|----------------|----------------|---------------------|
| <i>Capitu</i> | <i>gostava</i> | <i>de minha mãe</i> |
| Experienciador | Mental | Fenômeno |
| Mediador | Processo | Alcance |

(40)

| | | |
|---------------|----------------|----------------------------|
| <i>Agrada</i> | <i>-me</i> | <i>fazer a tua vontade</i> |
| Mental | Experienciador | Fenômeno |
| Processo | Mediador | Agente |

(41)

| | | |
|----------------------------------------------|----------------|-------------|
| <i>Todos os que tinham “a fé no coração”</i> | <i>ouviram</i> | <i>-nas</i> |
| Experienciador | Mental | Fenômeno |
| Mediador | Processo | Alcance |

(42)

| | | |
|----------------|----------------|-------------------------------------------|
| <i>Parecem</i> | <i>-me</i> | <i>velas de pré-aquecimento queimadas</i> |
| Mental | Experienciador | Fenômeno |
| Processo | Mediador | Agente |

Ao contrário do Experienciador, cuja principal característica é ser +consciente, e portanto restrito, o Fenômeno pode ser realizado por outros tipos de Entes, uma vez que entidades materiais e semióticas, concretas ou abstratas, podem tomar parte na consciência do Experienciador (Halliday & Matthiessen, 1999). Por exemplo:

(43) *Teddy olhou em volta, viu* *o dono humano*
 Mental Fenômeno [Ente: humano]

(44) *Não podia ver* *a minha cara*
 Mental Fenômeno [Ente: objeto material]

(45) *Sinto* *um pouco de dor na perna direita*
 Mental Fenômeno [Ente: abstração material]

(46) *Não se admitem* *outros testamentos especiais além dos contemplados*
 Mental Fenômeno [Ente: objeto semiótico] [*neste código*]

3.4 Hiperfenomenalização

Devido à complexidade dos fenômenos que tomam parte no processamento mental, a gramática desenvolveu recursos o suficiente para representá-los. A consequência mais

⁸⁶ Apenas em uma situação específica os traços ‘impingente’ e ‘criado pelo pensamento’ são cosseleccionados, no subtipo Mental: Cognitivo (‘parecer-se’; ‘ocorrer-se’; ‘lembrar-se’; etc.).

proeminente que deste fato decorre é que não apenas o Ente simples pode operar como Fenômeno. Além deste, o Fenômeno pode também ser realizado por Hiperentes. As opções mais gerais do sistema de FENOMENALIZAÇÃO se apresentam a seguir, na figura 5.8.

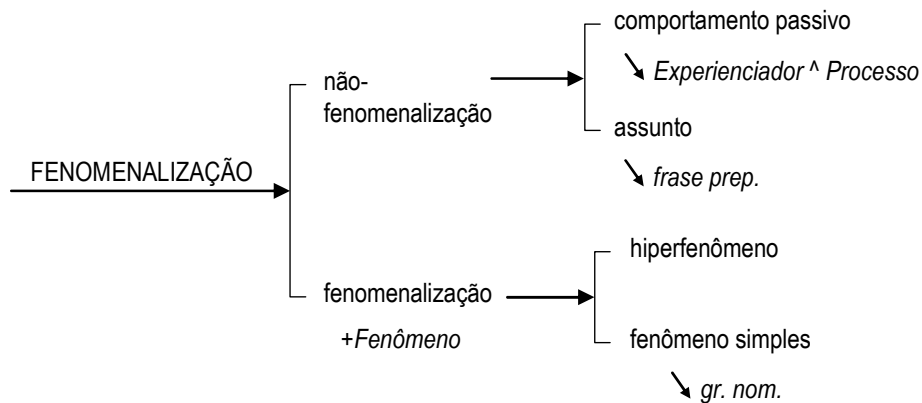


FIGURA 5.8 – O sistema de FENOMENALIZAÇÃO.

Os Hiperentes podem operar como Macrofenômenos ou Metafenômenos. Estes serão vistos com mais detalhe a seguir.

3.4.1 Macrofenômeno

O Macrofenômeno é um tipo de fenomenalização mais complexa que o Fenômeno simples (Halliday & Matthiessen, 2004). Sua complexidade se deve ao fato de que o conteúdo do Processo Mental não é mais um Participante que realiza um ente, mas um Participante que realiza uma figura inteira. Por exemplo:

(47) *vi* *sair toda a gente*
 Mental Macrofenômeno

(48) *Senti* *cair-me na cara uma daquelas bolinhas de papel*
 Mental Macrofenômeno

No exemplo (47), o que se vê não é apenas ‘a gente’, mas ‘a gente sair’. O Experienciador viu não apenas um ente, mas também o quantum de mudança que aconteceu com este ente e ambos tomaram parte no seu processamento mental. Por isto, gramaticalmente, pode-se dizer que o Experienciador “viu uma oração”. O mesmo acontece no exemplo (48), em que o que foi sentido pelo Experienciador não foi apenas a ‘bolinha de papel’, mas ‘a bolinha de papel cair nele’. Esta figura foi realizada por um Macrofenômeno na configuração da oração mental.

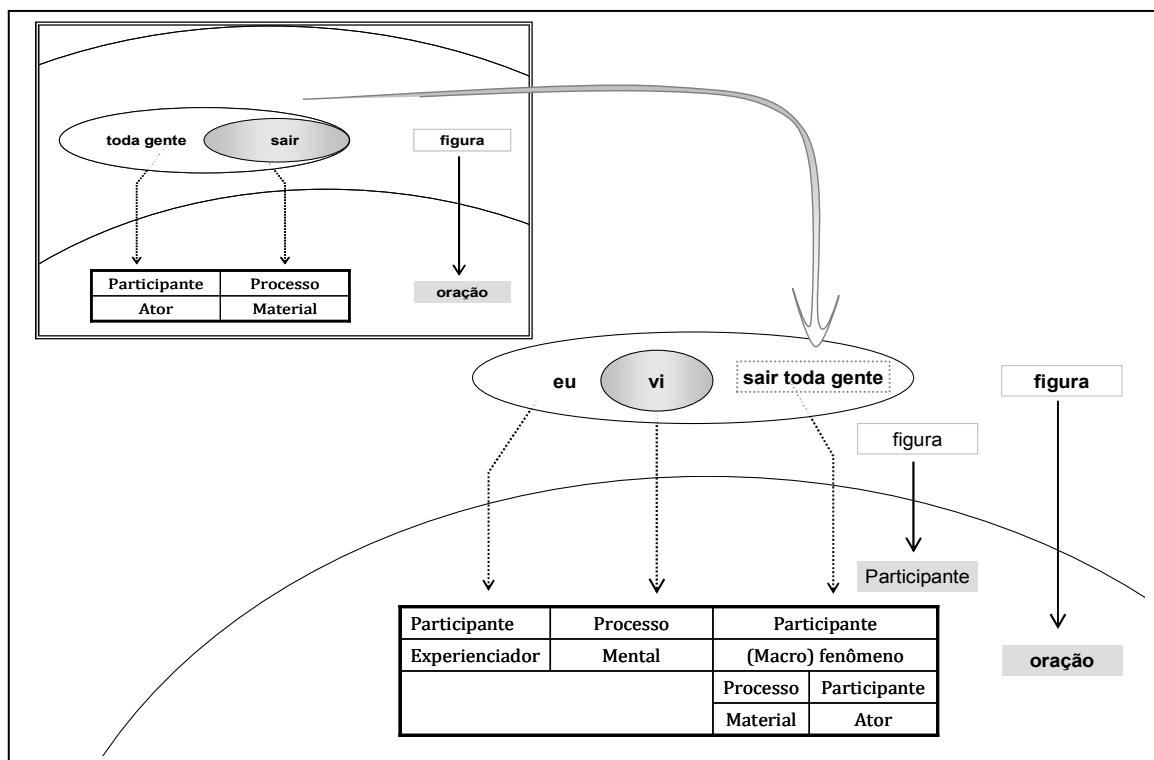


FIGURA 5.9 – Macrofenomenalização.

A característica mais importante do Macrofenômeno em português brasileiro é a natureza concreta do Macroente que opera como Fenômeno. Isto significa que o Macrofenômeno é percebido pela consciência do Experienciador e a este serve como estímulo material externo. Gramaticalmente, os elementos da figura que opera na oração como Participante representam precisamente a natureza concreta deste elemento, quer pelo tipo de Processo – em geral Material, Mental: Perceptivo, Verbal: Atividade, etc. – ou pelo tipo de Ente – em geral material, ou não-abstração. Um teste eficaz para se observar a natureza concreta do Macrofenômeno é substituí-lo na oração por um Fenômeno simples. Pelo fato de ambos serem intercambiáveis no mesmo ambiente, o Fenômeno simples terá de ser, necessariamente, de natureza concreta. Por exemplo:

- (49) *Estava ouvindo* *o oceano espadanar contra os pilares*
Mental Macrofenômeno
- (50) *Estava ouvindo* *o oceano*
Mental Fenômeno simples concreto

O exemplo (51), apresentado a seguir, mostra que ‘*o coração*’ é grupo nominal que representa o ente relativo ao órgão que bombeia o sangue.

(51) *Senti* *palpitar-me o coração*
 Mental Macrofenômeno

Este é Ente: Objeto Material – de natureza concreta – e o Experienciador concebeu a experiência (tátil) de senti-lo como percepção.

3.4.1.1 *Macrofenômeno e orações mudadas de ordem*

Além da natureza concreta do Macrofenômeno, acrescenta-se à forma como é constituído a realização por orações mudadas para a ordem do grupo. As orações mudadas de ordem podem operar como elementos da oração, como por exemplo, realizando o Fenômeno, ou na ordem da palavra, operando como Qualificador de um Ente dentro de um grupo nominal (cf. Halliday e Matthiessen, 2004, Capítulo 6; Figueredo, 2007, para a descrição das orações mudadas de ordem em português brasileiro).

Voltando ao exemplo (49), verifica-se que a oração ‘*o oceano espadanar contra os pilares*’ não é mais uma oração independente – i.e., não realiza mais uma opção do sistema de FUNÇÕES DISCURSIVAS, pois não configura uma proposição, nem uma proposta (cf. Capítulo 4). Por este motivo, esta oração inteira conflui com as funções interpessoais e textuais que, igualmente, servem à oração. isto pode ser visto no Quadro 5.11, a seguir.

QUADRO 5.11
 Orações mudadas de ordem realizando o Macrofenômeno.

| | | |
|----------------------------------------------------|-----------------------------------|----------------------------------------------------|
| <i>Eu</i> | <i>estava ouvindo</i> | <i>o oceano espadanar contra os pilares</i> |
| Experienciador | Mental | Macrofenômeno |
| Sujeito | Finito ^ Predicador | Complemento |
| Tema | Rema | |
| grupo nominal | grupo verbal | oração mudada de ordem |
| | | |
| <i>O oceano espadanar contra os pilares</i> | <i>estava sendo ouvido</i> | <i>por mim</i> |
| Macrofenômeno | Mental | Experienciador |
| Sujeito | Finito ^ Predicador | Adjunto |
| Tema | Rema | |
| oração mudada de ordem | grupo verbal | frase preposicional |

As configurações possíveis para o Macrofenômeno em português brasileiro são: a) uma oração não-finita com o grupo verbal no infinitivo; b) uma oração não-finita com o grupo verbal no gerúndio; c) uma oração ‘que’. Por exemplo:

(52) *Nós* os *vimos* *desembarcar aqui*
 Experienciador Macro- Mental -fenômeno: oração não-finita infinitivo

(53) (a) *Mas ela tava contando como que foi lá (...)*

(b) *Mas ce* *viu* *ela contando?*
 Experienciador Mental Macrofenômeno: oração não-finita gerúndio

(54) *outra vez* *sentiu* *que se lhe ericavam os pêlos do corpo*
 Mental Macrofenômeno

3.4.1.2 Atos

Além de operarem na ordem da oração funcionando como grupos, as orações mudadas de ordem podem também operar como elaborações encaixadas dentro de um grupo nominal. Por exemplo:

(55) *Josué* *ouviu* *o barulho que o povo fazia lá embaixo*
 Experienciador Mental Fenômeno

O exemplo (55) mostra que a oração ‘*que o povo fazia lá embaixo*’ funciona como Qualificador do Ente/Núcleo ‘*barulho*’.

No caso do Macrofenômeno realizado por uma elaboração encaixada, o Ente/Núcleo do grupo nominal é elaborado pela oração qualificadora. O Núcleo é, quase sempre, a nominalização do Fenômeno que pode ser generalizado como um *ato*. Devido à natureza concreta dos Macrofenômenos, estes se relacionam intimamente aos Processos Mentais de percepção. Por esta razão, elementos que indicam a generalização, ou abstração material, dos diferentes tipos de percepção operam frequentemente como Núcleo dos atos. Por exemplo:

(56) *Você* *ouviu* *a notícia [[de que você está morto]]?*
 Experienciador Mental Macrofenômeno

Aqui, ‘*notícia*’ não é o objeto semiótico encontrado em textos de reportar, mas sim a forma generalizada do ato de se estar morto, que por este é elaborado como Qualificador.

Outra característica importante dos Macrofenômenos que os distingue é que todas as configurações – infinitivo, gerúndio e orações ‘que’ – são intercambiáveis. Isto se deve ao fato de o tempo em que o Macrofenômeno acontece ser determinado pelo tempo em que se localiza o Processo Mental, como mostra o Quadro 5.12.

QUADRO 5.12
Configurações intercambiáveis de Macrofenômeno.

| | | | |
|--------------------------|-------------------|------------------------------|-----------------------------|
| <i>oração 'que'</i> | <i>Escutou</i> | <i>que alguém gritava</i> | passado |
| <i>Infinitivo</i> | | <i>alguém gritar</i> | |
| <i>Gerúndio</i> | | <i>alguém gritando</i> | |
| | Mental | Macrofenômeno | localização temporal |
| <i>oração 'que'</i> | <i>Vai sentir</i> | <i>que o carro vai parar</i> | futuro |
| <i>Infinitivo</i> | | <i>parar o carro</i> | |
| <i>Gerúndio</i> | | <i>o carro parando</i> | |
| | Mental | Macrofenômeno | localização temporal |

3.4.2 Metafenômeno

Como foi visto na seção anterior, a natureza do Macroente é concreta. Em contraste com o exemplo (57), apresentado a seguir, é possível observar que neste último a representação é diferente.

(57) *senti* **crescer-me o alvoroço da curiosidade**
Mental Hiperfenômeno de natureza abstrata

O '*alvoroço da curiosidade*' não possui natureza concreta e é realizado pelo Ente: Abstração semiótica. Aqui, o Experienciador não concebe a experiência de senti-lo como percepção (tátil), mas como emoção. Além disto, o Processo: Material '*crescer*' do exemplo (57) deve ser compreendido como metafórico. Por fim, o Hiperfenômeno do exemplo (57) não pode ser substituído por um Ente simples concreto; apenas por uma abstração. Por isto, '*crescer-me o alvoroço da curiosidade*' é representado gramaticalmente como Metafenômeno.

Assim como o Macrofenômeno, o Metafenômeno também é um tipo de Participante mais complexo que o Fenômeno simples, que também inclui uma figura inteira, realizada por uma oração mudada de ordem. Como foi visto, o Macrofenômeno possui natureza concreta por ser concebido como a reação a um estímulo externo (e por isto pode ser percebido sensorialmente). Já o Metafenômeno possui natureza abstrata, e não é capaz de estimular a consciência do Experienciador materialmente, mas de forma emotiva. Por exemplo:

(58) **o último discurso** *sinto* **não poder dar-vos integralmente**
Meta- Mental -fenômeno

No exemplo (58), o que é sentido '*não poder dar-vos o último discurso integralmente*' não é sentido de forma tátil, auditiva, etc. Ao contrário, é sentido emocionalmente. A natureza

abstrata do Metafenômeno indica que este pode ser substituído por um Ente: Abstração, mas não por um Ente simples concreto. Por exemplo:

(59) *lhe* *doía* *deixar a própria causa do mal*
 Experienciador Mental Metafenômeno

(60) *lhe* *doía* *o mal*
 Experienciador Mental Fenômeno [Ente: Abstração]

Se se tentar substituir o Fenômeno do exemplo (59) por um Ente simples concreto, o que se tem é uma mudança na representação que faz o Processo ‘doer’ realizar uma mudança material:

(61) *lhe* *doía* *a cabeça*
 Recebedor Material Ator

3.4.2.1 Fatos

O Metafenômeno é realizado por uma oração mudada de ordem. Ao passo que o Macrofenômeno pode mais frequentemente operar na ordem da oração como oração mudada de ordem, o Metafenômeno é, mais tipicamente encontrado como uma elaboração encaixada dentro do grupo nominal, funcionando como Qualificador. A generalização do Núcleo/Ente do grupo nominal ao qual o Metafenômeno elabora é denominada **fato**. Por exemplo:

(62) *Como você* *analisa* *o fato de que numa guerra “homens normais (...) [transformarem-se em verdadeiros monstros]”?*
 Experienciador Mental Metafenômeno

(63) *Poder-se-ia estranhar o fato de que outros meteoritos marcianos (...) não [tivessem evidenciado nenhum desses resultados]*
 Mental Metafenômeno

(64) *Nos* *assusta* *que se lance mão até do direito administrativo para [tal proposta].*
 Experienciador Mental Metafenômeno

Cumpramos observar que no exemplo 64, apesar de o Núcleo/Ente do grupo nominal que opera como Metafenômeno não foi expresso, ainda assim faz parte do grupo:

(64a) *Nos* *assusta* *O FATO DE que se lance mão (...)*
 Experienciador Mental Metafenômeno

Além disto, não é apenas a palavra ‘fato’ que pode ser o Ente do grupo nominal que opera como Metafenômeno, mas também qualquer outra palavra que realize um Ente: Semiótico: Abstração que denote emoção ou pensamento, núcleos de elaborações encaixadas. Por exemplo:

(65) *ela* *assimilará* *o sentimento* *de que é uma pessoa normal*
 Experienciador Mental Metafenômeno

(66)

| | | | |
|------------------------------|--------------------------|----------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>antes de me ir deitar</i> | <i>volta a assombrar</i> | <i>-me</i> | <u><i>o pensamento</i></u> <i>de que dentro de algumas horas, já estou novamente na rotina do dia a dia</i> |
| | Mental | Experienciador | Metafenômeno |

É interessante notar que a palavra ‘ato’ pode por vezes ser o Ente de um fato:

(67)

| | | | | |
|------------------|----------------|-----------------|---------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>cheguei a</i> | <i>me</i> | <i>divertir</i> | <i>... principalmente</i> | <i>com <u>o ato</u> de que os americanos não souberam tão cedo o q foi que os atingiu</i> |
| Men- | Experienciador | -tal | | Metafenômeno |

(68)

| | | |
|-------------------------------------------------|----------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>(...) essas decisões foram equivocadas e</i> | <i>ignoram</i> | <u><i>o ato</i></u> <i>de que uma substancial maioria de evangélicos da América Latina foram antes católicos</i> |
| | Mental | Metafenômeno |

3.5 Ideias Projetadas

Além de assumirem um Fenômeno como participante, as orações mentais têm também o poder de construir a experiência em dois níveis: o nível da percepção mental, e o nível do conteúdo da percepção mental. Esta última, por sua vez, não pertence à realidade material justamente por representar o conteúdo de um pensamento de acesso restrito ao falante – uma ideia. Ao contrário, ela pertence à realidade semiótica, que é a projeção simbólica de uma ideia. Halliday e Matthiessen (2004, p. 199) explicam que as orações mentais “são capazes de produzir uma oração, ou um conjunto de orações, como o conteúdo do pensamento”⁸⁷.

Dependendo do tipo da projeção, a ideia se divide em dois tipos: a projeção de um pensamento e a projeção de um desejo. O pensamento é o conteúdo de uma ideia indicativa,

⁸⁷ are able to set up another clause or set of clauses as the content of thinking.

isto é, por meio desta projeção o falante procura comunicar ao ouvinte o que está pensando, buscando, por assim dizer, dar acesso ao ouvinte ao seu pensamento. Por exemplo:

(69) *até pouco tempo pensei que ela não era de bem*
 Mental Ideia projetada [pensamento]

Já no caso do desejo, este é o conteúdo de uma ideia imperativa. Por meio deste tipo de projeção o falante expressa ao seu ouvinte alguma necessidade, vontade, anseio, etc. Por exemplo:

(70) *Quero que me deem o ouro que tiverem*
 Mental Ideia projetada [desejo]

Gramaticalmente, as projeções de pensamento são realizadas por orações indicativas, que confluem com as proposições no sistema de FUNÇÕES DISCURSIVAS (ver capítulo 4, seção 2). Desta forma, não é possível colocá-las fora do tempo – gramaticalmente, retirar seu Finito temporal – porque estas possuem o seu próprio aqui e agora. Já no caso das projeções de desejo, estas, necessariamente, não possuem localização no tempo, uma vez que se restringem apenas à opinião do Experienciador. Desta forma, são realizadas gramaticalmente por orações subjuntivas ou orações reduzidas. Por exemplo:

(69a)

| | | | |
|------------------------|----------------------|-------------------------------|---------------------------------|
| <i>até pouco tempo</i> | <i>pensei</i> | <i>que ela não era de bem</i> | |
| | <i>quis</i> | | <i>que ela não fosse de bem</i> |
| | Mental | Pensamento | Desejo |

(70a)

| | | |
|--------------|---------------------------------------|----------------------------------------|
| <i>Penso</i> | | <i>que me darão o ouro que tiverem</i> |
| <i>Quero</i> | <i>que me deem o ouro que tiverem</i> | |
| | Desejo | Pensamento |

O Quadro 5.13 a seguir apresenta as principais características das orações mentais.

QUADRO 5.13
Funções mentais na ordem da oração.

| | | | | |
|--------------------------------------|--------------------------------------------------|------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------|
| Experienciador +consciente | | : gr. nominal (emanente; operativo) | | |
| | | : frase prep. (impingente; receptivo) | | |
| Processo Mental | Direcionalidade | | tipo emanente : Fenôm./Alcance | |
| | | | tipo impingente : Fenôm./Agente | |
| | Desdobramento temporal | | atual | |
| | | | frequente | |
| | | | simultâneo | |
| | Tempo verbal típico em relação ao 'agora' | | presente | |
| | | presente-no-presente | | |
| Fenômeno | Não-fenomenalização | Comportamento passivo | capacidade mental (+probabilidade) | |
| | | | atividade mental (+frequência) | |
| | | Assunto de pensamento | : prep+gr. nom. | |
| | Fenômeno Simples | | Ente: concreto | |
| | | | Ente: abstração | |
| | Macrofenômeno +concreto | | : oração mudada de ordem elaborando um ato : modo verbal indicativo | : não-Finito infinitivo : não-Finito gerúndio : oração β 'que' de expansão |
| | Metafenômeno +abstrato | | : oração mudada de ordem elaborando um fato : modo verbal subjuntivo | : não-Finito infinitivo : não-Finito gerúndio : oração β 'que' de expansão |
| | Ideia | Proposição projetada | : oração ' β 'que' indicativo | |
| | | Proposta projetada | : oração ' β 'que' subjuntivo | |

4 SUBTIPOS DE PROCESSOS MENTAIS

A relação entre a língua e o mundo é natural (Halliday, 1978), no sentido de que evoluiu funcionalmente assim como os seres materiais, biológicos e sociais que a utilizam. Esta concepção leva à ideia de que 'natural' se configura como uma operação complexa, como por exemplo, na representação do processamento consciente. O exame da gramática verifica que, por sua vez, o processamento consciente não se resume a apenas um tipo de construção mental, tampouco a apenas um tipo de Experienciador ou de Fenômeno. Diferentemente, o processamento consciente é concebido como um grupo de processos que, por um lado, compartilham muitas propriedades (como o fato de acontecerem na consciência do experienciador), mas que, por outro lado, podem ser divididos em subtipos que discrepam em

suas peculiaridades (como percepção do ambiente externo, reação às emoções, criação de pensamentos ou desejos). Por conseguinte, os diferentes tipos de relação entre os entes conscientes e os eventos que acontecem no mundo (interno ou externo) são construídos também de forma diferente na língua.

Esta diversidade é encontrada de forma clara na forma como a gramática se desenvolveu para representar estes tipos diferentes de construção. Esta seção irá mostrar como a gramática do português brasileiro é capaz de representar os diferentes tipos de Processo Mental, bem como o modo como os recursos funcionais de cada tipo se distinguem uns dos outros.

Os fenômenos da consciência podem ser divididos, no primeiro nível de delicadeza, em: (1) Processos Inferiores, que comportam (1a) os Processos que são resultado de nossa consciência ser estimulada diretamente por eventos concretos do mundo externo, ou (1b) como a reação emotiva a entes e eventos abstratos pré-existentes ao processamento consciente. (2) Processos Superiores, que comportam as ideias criadas pela nossa própria consciência, subdividindo-se em (2a) pensamentos e (2b) desejos.

O fato de os Processos Inferiores e Superiores representarem aspectos distintos de nossa experiência indica que os recursos gramaticais empregados para construí-los é diferente. Existem vários critérios, embasados em características gramaticais particulares, para se identificar e descrever cada subtipo de Processos Mentais. Estes são apresentados a seguir.

4.1 Tipo de Experienciador e Ordem da Consciência

A condição de entrada para uma oração mental é a inserção do Participante consciente (+*Experienciador*). Contudo, a noção de ‘consciente’ não é fixa nem arbitrária, pois é concebida de maneira distinta por cada subtipo de configuração mental. Por exemplo:

(71) – Processo Perceptivo:

O peixe não escuta, mas sente a vibração que é transmitida pela água
Experienciador Processo Processo Fenômeno

(72) – Processo Emotivo:

Vamos enfurecer os peixes do mar mais hediondos
Processo Experienciador

(73) – Processo Cognitivo:

O peixe pensou que meu dedo fosse um verme
Experienciador Processo Fenômeno

(74) – Processo Desiderativo:

Como um peixe experiente como eu poderia querer nadar contra a correnteza?
Experienciador Processo Fenômeno

Em todos os exemplos, o Experienciador representa o mesmo ente, o peixe. A concepção semântica mais típica (frequência para a língua e frequência relativa aos tipos de texto) deste ente em português brasileiro é a de que este é um animal de consciência inferior; em outras palavras, que o peixe compartilha poucas faculdades mentais com os seres humanos.

Isto se pode ver no exemplo 71, no qual há duas orações com Processo: Mental: Perceptivo – ouvir e sentir – e ambos indicam apenas a capacidade de reagir a um estímulo externo do ente ‘peixe’ para que este seja realizado pela função de Experienciador (portanto, +*consciente*). É precisamente por este aspecto que o Experienciador é interpretado como uma função que realiza um ente de consciência inferior; no grupo nominal, Ente: Consciente: Inferior & Material: Animado: Animal (ver Figura 5.3).

O exemplo 72 traz um Processo: Mental: Emotivo – enfurecer – que ainda não solicita a racionalidade humanizada do ente ‘peixe’, mas apenas o tipo de consciência que, em certa medida, é capaz de conceber emoções (no caso, a fúria).

O exemplo 73 tem um Processo: Mental: Cognitivo que carece de um tipo de processamento mental mais complexo porque o Experienciador que o realiza deve possuir a capacidade de, a partir de sua característica +*consciente*, criar uma ideia: pensamento – neste caso específico, de produzir uma outra oração através de uma operação semiótica de projetar: “que meu dedo fosse um verme”. Neste caso, tem-se aí uma característica típica dos seres humanos, que é pensar. No exemplo, esta foi atribuída ao peixe. Gramaticalmente, o ente ‘peixe’ é realizado por um Experienciador cujo Ente do grupo nominal é Ente: Consciente: Superior & Material: Animado: Material. Este fato explica a tensão entre a semântica e a gramática do exemplo: “como um peixe pode pensar?” (ver Figura 5.10).

O exemplo 74 apresenta uma situação semelhante, no qual a ideia – mais especificamente, um desejo – é projetada ‘nadar contra a correnteza’, criada na ordem semiótica. Por este motivo, requer também um Ente: Consciente: Superior para operar na oração como Experienciador.

No que tange a ligação entre a língua e a consciência do mundo natural, Halliday (1978) destaca que a interpretação sistêmico-funcional desta relação permite estabelecer uma continuidade entre os estudos linguísticos e outros campos do conhecimento, como por exemplo a neurociência (cf. Halliday, 2002; 2003; Halliday e Matthiessen, 1999; Lamb, 1999; Edelman 1992; 2004). No campo da neurociência, Edelman (2004, p. 8-9) explica, do ponto de vista cerebral, os tipos de consciência superior e inferior. Este autor afirma que:

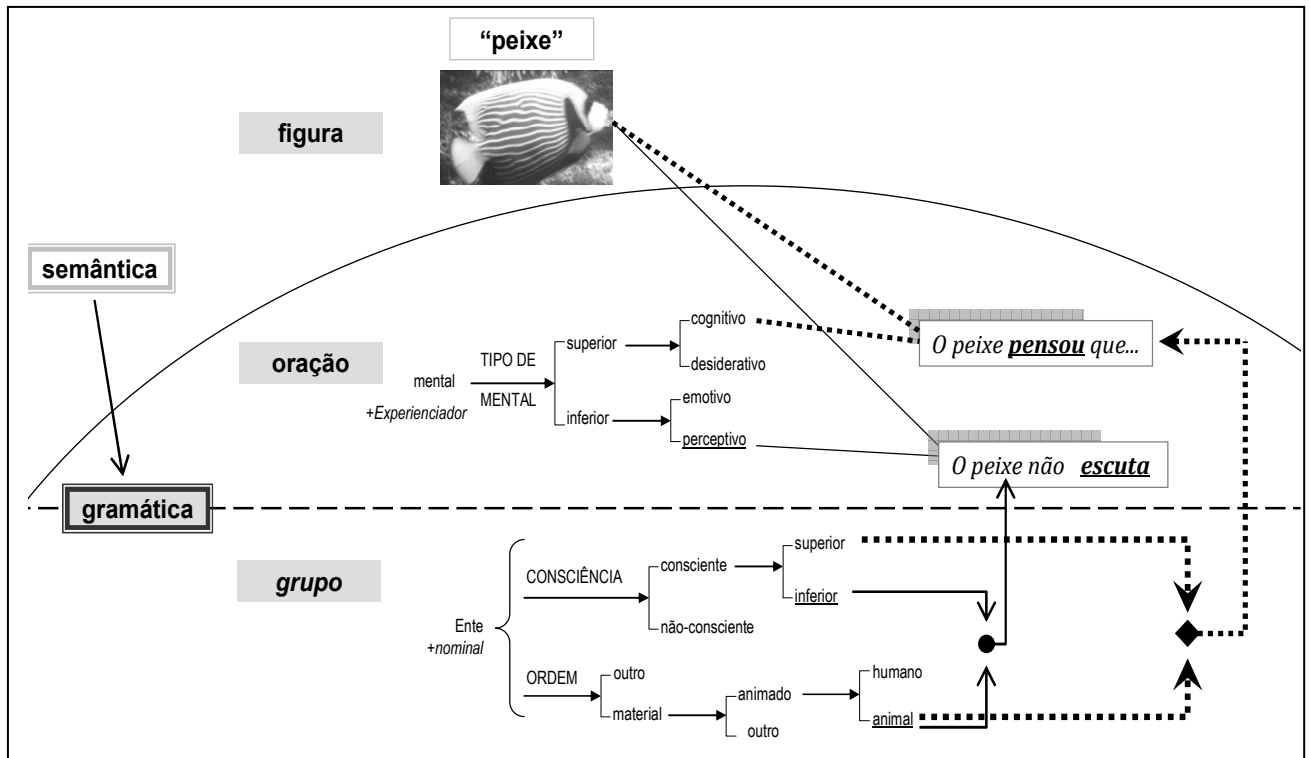


FIGURA 5.10 – Processos Mentais Inferior e Superior.

A consciência primária é o estado mental de se estar consciente sobre as coisas que existem no mundo, produzindo, portanto, imagens mentais destas. Esta consciência primária não é privilégio apenas dos seres humanos, mas também de outros animais que não possuem a faculdade linguística ou semântica, mas cuja organização cerebral se assemelha à nossa (...). Por outro lado, a consciência de ordem superior (...) permite a um ser pensante reconhecer os seus próprios atos e as suas próprias emoções. A consciência de ordem superior vem sempre acompanhada da capacidade de, no estado de vigília, recriar explicitamente eventos do passado, bem como planejar o futuro (...). Quando observada em sua forma mais desenvolvida, a consciência superior necessita da capacidade linguística, que se configura como o domínio de todo um sistema de símbolos e da gramática. Acredita-se que os primatas superiores, pelo menos em um nível básico, possuem esta capacidade. Mas é nos seres humanos que ela pode ser vista em sua forma mais evoluída.⁸⁸

A língua desempenha um papel fundamental no estabelecimento da consciência de ordem superior e, precisamente por esta característica, permite à língua criar uma ordem de realidade própria – a ordem semiótica, por meio da projeção. Por conseguinte, em termos da representação linguística, os Processos Perceptivo e Emotivo respondem, na maioria dos

⁸⁸ Primary consciousness is the state of being mentally aware of things in the world, having mental images in the present. It is possessed not only by humans, but also by animals lacking semantic or linguistic capabilities whose brain organization is nevertheless similar to ours (...). In contrast, higher-order consciousness (...) allows the recognition by a thinking Subject of his or her own acts and affections. It is accompanied by the ability in the waking state explicitly to recreate past episodes and to form future intentions (...). In its most developed form, it requires linguistic ability, that is, the mastery of a whole system of symbols and a grammar. Higher primates, to some minimal degree, are assumed to have it, and in its most developed form it is distinctive of humans.

casos, pela realização da consciência de ordem inferior; já aos Processos Cognitivo e Desiderativo cabe realizar a consciência de ordem superior (ver Figura 5.11).

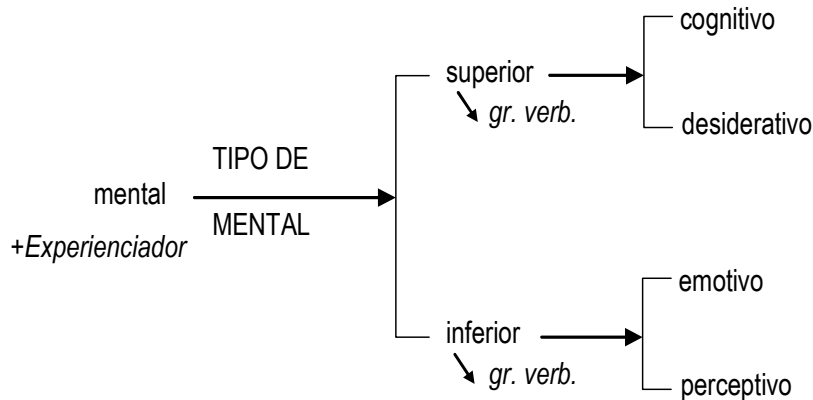


FIGURA 5.11 – Processos Mentais Inferior e Superior.

4.2 Relação com o Ambiente Material

Os Processos Perceptivos são delimitados pelos sentidos sensoriais. Neste aspecto, eles dependem do ambiente material em torno do Experienciador para que sejam representados. Portanto, no exemplo 71, o Processo ‘sentir’ só pode acontecer se o peixe estiver literalmente dentro da água.

Em geral, a experiência de um sentido não pode ser substituída por outra, por exemplo, o tato não pode substituir a visão. Isto implica em uma restrição ainda maior para o ambiente material no qual o Processo Perceptivo acontece. Gramaticalmente, o Fenômeno de Processo Perceptivo é realizado por um Ente concreto.

Os outros subtipos de Processos Mentais não dependem do ambiente material para acontecer, e um de seus traços é poder receber Entes abstratos como Fenômeno. No exemplo 72, ‘nós’ é o Fenômeno que faz o Experienciador participar do Processo Emotivo ‘enfurecer’. Neste caso, ‘nós’ não precisa estar fisicamente presente no ambiente material para que o Processo aconteça.

Desta maneira, quando orações com Processo Perceptivo e Emotivo são comparadas, vê-se que o Perceptivo faz sentido apenas se for interpretado no ambiente material, ao passo que no caso do Emotivo, o Fenômeno é sentido abstratamente (ver Quadro 5.14).

QUADRO 5.14
Exemplos de funções mentais na ordem da oração.

| Perceptivo | | Emotivo | |
|--------------|---------------------------|--------------|----------------------------------|
| <i>sentí</i> | <i>a vibração da água</i> | <i>sentí</i> | <i>o alvoroço da curiosidade</i> |
| Processo | Fenômeno | Processo | Fenômeno |

Nos exemplos 73 e 74, têm-se exemplos de ideias projetadas. Isto significa que o pensamento e o desejo nem sequer possuem existência material, mas apenas semiótica. Portanto, um ambiente material nem é considerado para a interpretação destas orações.

4.3 Desdobramento Temporal e Tempo Verbal Típico em Relação ao ‘Agora’

Em relação ao desdobramento temporal, os Processos Perceptivos necessitam concomitância entre dois eventos: (1) o Fenômeno estimulando a consciência do Experienciador e (2) a reação a este estímulo na forma de processamento consciente. Desta maneira, o tipo de desdobramento dos Processos Perceptivos é o *simultâneo*. Somando-se a isto, o tempo verbal típico em relação ao ‘agora’, ou seja, o tempo não marcado para os Processos Perceptivos, é o presente-no-presente. Em menor medida, o presente simples pode ocorrer com este tipo de Processo, mas apenas no caso de o desdobramento ser o *frequente*, quando pode ser acompanhado por Circunstâncias: Trajeto: Frequência. O desdobramento atual – que forma padrão com o presente simples – é utilizado quando indica capacidade ou atividade mentais. Por exemplo:

(75) Simultâneo:

Estou ouvindo ISDN do *The Future Sound of London*.

(75a) Frequente:

Ouçõ ISDN do *The Future Sound of London* [*todos os dias*].

(75b) Atual:

Eu ouço o que os animais estão pensando.

Os Processos Emotivos, em geral, se encontram no desdobramento atual, e a escolha do tempo é o presente simples. Estes podem se desdobrar como simultâneo, mas apenas quando se dá destaque ao tempo quando o Processo acontece. Neste caso, e apenas neste, a escolha é pelo presente-no-presente. Por exemplo:

(76) *ai eu-- quando eu vi que era o André Marques, eu, falei assim: “gente, deixa eu ir lá cumprimentar ele, né?”. Parei e falei: “oi André Marques é... eu gosto muito-- estou gostando muito do seu papel que você está fazendo na televisão, eu gosto de ver seu programa”.*

Os Processos Cognitivos possuem três subtipos diferentes em relação ao desdobramento temporal: (i) o grupo de Processos que se comporta de forma semelhante ao Processo ‘pensar’, (ii) o grupo que se comporta como o Processo ‘saber’, e (iii) o grupo semelhante ao Processo ‘sonhar’, tal como estes são realizados nos exemplos a seguir:

- (77) *Eu* *pensava* *que era uma festa*
 Experienciador Mental: Cognitivo Ideia: Pensamento
- (78) *Eles* *não* *sabem* *que meu palácio é na Eslovênia*
 Experienciador Mental: Cognitivo Ideia: Pensamento
- (79) *sonhei* *que a ex-mulher de meu marido morria*
 Mental: Cognitivo Ideia: Pensamento

O Tipo ‘pensar’ se caracteriza semanticamente por ter a capacidade de, verdadeiramente, criar um pensamento novo (em oposição à reconstituição de um pensamento, como acontece com os outros dois subtipos). Por este motivo, seu desdobramento tende a ser simultâneo; em menor proporção, este se desdobra como atual. Já o Tipo ‘saber’ possui um significado mais geral, por este motivo seu desdobramento é atual. Por fim, o Tipo ‘sonhar’ tende a se desdobrar como frequente.

O Quadro 5.15 apresenta contrastivamente as ocorrências típicas dos três subtipos quanto ao desdobramento no ‘agora’.

QUADRO 5.15
 Processo Cognitivo e o desdobramento no ‘agora’.

| | | | |
|-----------------------|----------------|--------------------------|-----------------------------|
| Eu | estou pensando | que é uma festa | <i>simultâneo</i> |
| | penso | | <i>atual</i> |
| | sei | que é uma festa | <i>atual</i> |
| | estou sabendo | | <i>simultâneo</i> |
| | sonho | que é uma festa | <i>frequente</i> |
| | estou sonhando | | <i>simultâneo</i> |
| Experienciador | Mental | Ideia: Pensamento | <i>Desdobramento</i> |

Vale destacar que, de um modo amplo, o tempo mais frequente para os Processos Cognitivos é o presente simples, pois estes tendem a ocorrer no desdobramento atual ou frequente.

Dentre estes, o Tipo ‘saber’, cujas orações são como “eu sempre sei quando é uma festa” não possuem desdobramento frequente, mas sim atual, uma vez que seu significado pode ser parafraseado como “eu tenho o conhecimento consolidado do conceito de festa”. Se o exemplo for comparado com o Tipo ‘sonhar’, “eu sempre sonho que é uma festa” vê-se que aqui o desdobramento é frequente, e a paráfrase seria “sempre quando eu tenho esse sonho, nele há um episódio que eu interpreto como sendo uma festa”.

O Tipo ‘pensar’, por sua vez, se distancia dos outros dois tipos por possuir tanto o uso do tempo no presente simples quanto no presente-no-presente. Este último uso se dá quando o foco no processo é dado à criação do pensamento – aproximando este recurso da configuração dos Processos Materiais Criativos. Assim, a oração “eu estou pensando que é uma festa” pode ser parafraseada como “estou criando uma ideia neste momento; ela é: isto é uma festa”. Apenas o Tipo ‘pensar’ encontra a forma não marcada no presente-no-presente. Assim, a oração do Tipo ‘saber’ “ela está sabendo que é uma festa” pode ser interpretada de duas formas, a primeira, como tendo o desdobramento incoativo: “ela está passando a compreender que isto é uma festa”; ou então desdobramento com foco no passado-do-presente: “ela já sabe que isto é uma festa”.

Os Processos Desiderativos se desdobram quase que exclusivamente como atual. A seleção do tempo é o presente simples. Ao que parece, esta realização gramatical indica que, semanticamente, não há frequência (hábito) no desejo, da mesma forma que não há frequência (hábito) nas emoções. Por este motivo, os Processos Desiderativos não se desdobram como frequente. São raras as ocorrências deste tipo de Processo selecionando o presente-no-presente, pois quase nunca se desdobram como simultâneo. O único exemplo de Processo Desiderativo se desdobrando como simultâneo encontrado no corpus é apresentado no exemplo 80, extraído do texto 5.6. Este texto foi retirado de um roteiro de programa de televisão:

TEXTO 5.6:

XENA: Ele provavelmente a vendeu em algum outro lugar e está bebendo dos meus lucros. Ladrões sujos... nós simplesmente não podemos confiar neles.... Você sabia.

GABRIELLE: Eu te disse! (tomando Xena pelo braço) Venha comigo.

Ela a leva para OUTRO COMERCIANTE e o observa por um segundo.

GABRIELLE: Ele está desejando que pudesse fechar mais negócios. (Ela dá um pequeno empurrão em Xena na direção do segundo comerciante). Vá lá. Pergunte a ele!

(80) *Ele* *está desejando* *que pudesse fechar mais negócios*
 Experienciador Processo Fenômeno

Como é possível observar, o contexto é bem específico, no qual o Experienciador está fazendo, inclusive com o corpo, os votos para que seus negócios melhorem.

O Quadro 5.16 apresenta exemplos do desdobramento temporal e da localização temporal em relação aos subtipos de Processo Mental.

QUADRO 5.16
 Desdobramento temporal, localização temporal e subtipos de Processo Mental.

| | | Cognitivo | Desiderativo | Emotivo | Perceptivo |
|-------------------|---------------------------------------------------|--------------------------------------------------|----------------------------|-------------------------------|-----------------------------------------|
| <i>atual</i> | <i>Presente</i> | a empresa planeja adquirir um aparelho importado | Queremos chegar a Salvador | Argentinos adoram olhar turfe | Eu ouço o que os animais estão pensando |
| <i>frequente</i> | | Gau, sempre planeja a próxima aventura | --- | --- | Q som vcs ouvem? |
| <i>simultâneo</i> | <i>Presente</i> <i>-no-</i> <i>Presente</i> | O senhor está planejando realizar um casamento | --- | tô gostando de fazer a prova | estou ouvindo ISDN |

4.4 Direcionalidade

A análise do cópús mostrou que a correspondência entre as variantes emanente e impingente é maior entre os Processos Emotivos. Uma grande parte destes possui para cada Processo emanente a contrapartida impingente. O Quadro 5.17 traz a seleção de exemplos de verbos que operam como estes tipos de Processo Emotivo encontrados no cópús.

QUADRO 5.17
 Exemplos de Processos Emotivos: emanente e impingente.

| Processos Emotivos | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Emanente | Impingente |
| temer, curtir, repudiar, gostar, adorar, sofrer, amar, lamentar, sentir, estranhar, rezear, odiar | assustar, amedrontar, surpreender, interessar, espantar, enojar, agradar, encantar, envergonhar, doer, emocionar, assombrar, divertir, contentar |

Os Processos Cognitivos são, periféricamente, bidirecionais. Apenas alguns exemplos da variante impingente podem ser encontrados, como:

(81) *Me* *parec-e* *que foi bastante expressivo o valor apurado*
 Experienciador Processo [impingente] Ideia

(82) *Ocorr-eu* *-me* *também* *que podiam ser eleições*
 Processo [impingente] Experienciador Ideia

Não foram encontrados exemplos de Processos Perceptivos ou Desiderativos bidirecionais.

4.5 Potencial para Criar o Fenômeno

No que diz respeito à criação do Fenômeno, cabe aos Processos Inferiores reagir a algum impacto externo, tanto material (realizados gramaticalmente por Entes concretos e Macrofenômenos) – como é o caso dos Perceptivos; ou abstrato (realizados gramaticalmente por Entes abstratos e fatos) – no caso dos Processos Emotivos. Esta observação indica que os Fenômenos dos Processos Inferiores devem pré-existir ao quantum de mudança mental para, por meio do impacto à consciência do Experienciador, fazer o Processo acontecer.

Somente os Processos Mentais Superiores possuem a capacidade para criar o Fenômeno (realizados na gramática por pensamentos – oração hipotática indicativa; e desejos – oração hipotática subjuntiva). Neste caso, o Fenômeno não pré-existe ao Processo, mas é criado por ele. O Quadro 5.18 apresenta exemplos contrastivos dos subtipos.

QUADRO 5.18
Exemplos contrastivos de Fenômeno criado e pré-existente.

| | | Fenômeno criado | Fenômeno pré-existente |
|-------------------|--------|-------------------------------|--------------------------------|
| Perceptivo | Viu | --- | que ainda não eram onze horas |
| Cognitivo | Viu | que ainda não eram onze horas | --- |
| Emotivo | Sentiu | --- | que este era o possível marido |
| Cognitivo | Sinto | que o mercado vai se expandir | --- |

Mais especificamente com relação aos subtipos de Processos Cognitivos, estes criam o Fenômeno de duas maneiras, dependendo do subgrupo. O Tipo ‘pensar’ cria o Fenômeno “no mesmo momento que o pensamento”. Este é o motivo pelo qual a seleção não marcada para o tempo é o presente-no-presente e seu desdobramento ser simultâneo.

Os outros dois subtipos, apesar de a ideia ser criada junto com o Processo, ela é concebida pela gramática como uma “re-criação” de uma ideia. Isto se realiza na gramática não apenas pela seleção do tempo para a localização do Processo – presente simples – como também por estes Processos raramente criarem Fenômenos simples (salvo quando o Processo é realizado por verbos de uso geral e frequente como ‘saber’). No corpus, em sua maioria assumem como alcance do Processo o Assunto ou a Projeção.

Desta maneira, quanto ao tipo de Fenômeno que participa nos subtipos, o Tipo ‘pensar’ é, novamente, a exceção. Este é capaz de criar uma gama grande de Fenômenos, como o Fenômeno simples e a Projeção, mas também – assim como o Processo Emotivo – frequente o Metafenômeno. Além disto, podem ter como conteúdo a Circunstância de Assunto (ver Quadro 5.19).

QUADRO 5.19
Subtipos de Cognitivo e tipos de Fenômeno.

| | Tipo ‘pensar’ | Tipo ‘saber’ | Tipo ‘sonhar’ |
|-------------------------|---------------------------|---------------------------------|-----------------------------------------|
| Simple | Imaginem vocês um homem | ele sabe os objetivos didáticos | --- |
| Meta (fato) | imagino ele navegando | --- | --- |
| Projeção (ideia) | Suponho que eu o amo | Lembro que eu quase tive fé | Verifiquei então que não a conhecia |
| Assunto | Nunca pensava em fracasso | Ele entende desse negócio | Andróides sonham com ovelhas elétricas? |

4.6 Fenômeno e Hiperfenômeno

A natureza do Ente que opera como Fenômeno depende do subtipo de Processo Mental. Isto significa que a mesma expressão pode estar realizando diferentes funções, dependendo da configuração mental na qual toma parte. Por exemplo:

(83) *Imaginei bandas de música*
Processo Fenômeno

(83a) – Mudança no Processo do exemplo (83):

Vi bandas de música
Processo Fenômeno

No exemplo 83, o Processo ‘imaginar’, do Tipo ‘pensar’ possui um Fenômeno de natureza abstrata, o que implica em o Experienciador não precisar estar diante de uma banda de música, mas, de algum modo, criar uma “imagem” (ou um “filme”) da banda de música em sua consciência. Já no exemplo 83a, existe um Fenômeno concreto, indicando que o Experienciador estava, com efeito, colocando os olhos sobre um grupo de músicos.

O contraste do significado destes dois exemplos mostra que os Processos Perceptivos só podem assumir Entes concretos ou abstrações materiais como Fenômeno. Por outro lado, os Processos Cognitivos assumem Entes abstratos como Fenômeno. O mesmo acontece com os Processos Emotivo e Desiderativo, que também assumem Entes abstratos como Fenômeno (ver Quadro 5.20).

QUADRO 5.20
Natureza do Fenômeno e Subtipos de Processo Mental.

| | | Fenômeno de natureza concreta | Fenômeno de natureza abstrata |
|---------------------|---------------------------------------|--------------------------------------|--------------------------------------|
| Perceptivo | Ver Ouvir Notar | a banda de música | --- |
| Emotivo | Gostar Adorar Odiar Repudiar | --- | [d]a banda de música |
| Cognitivo | Imaginar Avaliar Apreciar | --- | a banda de música |
| Desiderativo | Querer Desejar Escolher | --- | a banda de música |

No que diz respeito à hiperfenomenalização, os Processos Perceptivos assumem os Macrofenômenos. Os Emotivos assumem Metafenômenos, os Cognitivos pensamentos e os Desiderativos desejos (ver Quadro 5.21).

QUADRO 5.21
Hiperfenomenalização e Subtipos de Processo Mental.

| | | | Hiperfenomenalização | |
|------------|---------------------|---------------|--------------------------------------|-------------------|
| (a) | Perceptivo | <i>Viu</i> | <i>que a banda de música tocava</i> | Macrofenômeno |
| (b) | Emotivo | <i>Adorou</i> | <i>que a banda de música tocasse</i> | Metafenômeno |
| (c) | Cognitivo | <i>Pensou</i> | <i>que a banda de música tocou</i> | Ideia: pensamento |
| (d) | Desiderativo | <i>Quis</i> | <i>que a banda de música tocasse</i> | Ideia: desejo |

Estruturalmente, estas orações são semelhantes: grupo nominal ^ grupo verbal ^ oração ‘que’. Contudo, funcionalmente, são todas diferentes. Cada uma tem motivação semântica distinta, que por sua vez é realizada de modo particular pela gramática.

As duas primeiras orações possuem Processos Inferiores. Consequentemente, o Fenômeno pré-existe ao Processo Mental. Na oração (a), observa-se um Macrofenômeno (concreto), o que implica em o Experienciador estar olhando literalmente para os músicos. A concordância do tempo (*tense concordance*) realiza a concomitância entre o Processo Mental e o Processo Material dentro do Macrofenômeno: viu (ver-PASSADO) e tocava (tocar-PRESENTE-NO-PASSADO). Na oração (b), o Processo Emotivo ‘adorar’ se estende a um Metafenômeno, sugerindo que o Experienciador não precisa estar diante da banda para adorá-

la. Além disto, o Fenômeno é uma oração encaixada operando como Qualificador de um fato: “adorou o FATO de que a banda tocasse”.

As duas últimas orações têm Processos Superiores, portanto, criaram os seus Fenômenos. Na oração (c), é possível que a banda do mundo material nunca tenha tocado, mas sua concepção linguística é como se tivesse, pois faz parte de uma ideia criada pelo Processo Mental Cognitivo. Em outras palavras, a concepção de banda existe como projeção de uma proposição na esfera semiótica, e por isto não possui uma existência material própria. Igualmente, a oração (d) é apenas o desejo de a banda tocar. Ela não possui existência material, nem pré-existência ao Processo Mental. Ao contrário, ela é a projeção de uma proposta que é produzida semioticamente como uma hipótese, realizada pela oração hipotática com o modo verbal subjuntivo.

4.7 Oração Mental e Oração Hiperfenomênica

Os Processos Perceptivos têm no Macrofenômeno o seu Hiperfenômeno. Como foi dito anteriormente, o Macrofenômeno se caracteriza por ser o resultado de um Macroente do mundo exterior impactar a consciência do Experienciador. Por conta disto, o Ente que opera como Experienciador é raramente o mesmo Ente que opera como o Participante da oração mudada de ordem, precisamente pelo fato de a fonte do estímulo ao qual a consciência reage ser externo a ela própria. Os exemplos de (47) a (56) apresentados anteriormente todos possuem um Experienciador diferente do Participante no Macrofenômeno. Cabe ressaltar que em exemplos como:

| | |
|---------------------|------------------------|
| (84) <i>Assisto</i> | <i>-me endoidecer.</i> |
| Processo | Macrofenômeno |

é possível observar tanto o Experienciador quanto o Participante mudado de ordem dentro do Macrofenômeno sendo realizados, semanticamente, pelo mesmo ente. Contudo, neste caso, estes, aparentemente estão desvinculados um do outro; afinal, não há como alguém assistir a si próprio.

Somando-se a isto, o fato de que os Macrofenômenos são concretos implica em que, caracteristicamente, estes (o Processo dentro deles) sejam percebidos pela consciência no mesmo tempo em que o evento mental acontece. Isto significa que não é possível existir um Macrofenômeno no passado, nem no futuro do Processo Mental. Gramaticalmente, isto se realiza pela seleção do tempo para o grupo verbal que realiza o Processo Mental e o grupo verbal da oração mudada de ordem realizando o Macrofenômeno. O tempo para o grupo

verbal realizando o Processo Mental pode ser qualquer um, mas o tempo do grupo verbal do Macrofenômeno tem de ser infinitivo, gerúndio ou algum outro tempo que seja imperfectivo⁸⁹, indicando que o evento do Macrofenômeno está atrelado ao evento do Processo Mental. Por exemplo:

(85) *eu mesmo o vi comprar na casa do (...) joalheiro*
 Experienciador Macro- Processo -fenômeno

(86) *Já ouvi alguém dizendo que dormir significa descansar*
 Processo Macrofenômeno

(87) *eu senti que se roçava em mim (...) um bebê*
 Experienciador Processo Macrofenômeno

É interessante notar que as orações mentais podem apresentar um grupo verbal perfectivo no Macrofenômeno quando o estímulo é concebido como a interrupção de um estímulo anterior. Por exemplo:

(88) *vi que estacou o passo*
 Processo Macrofenômeno

Neste exemplo ‘ver que estacou o passo’ é concebido como a percepção da interrupção do estímulo: o que o Experienciador viu foi a interrupção do que estava vendo (o estacar do passo), por isto é realizado na gramática pelo grupo verbal perfectivo (estacar-PASSADO).

Os Processos Emotivos têm o Metafenômeno como Hiperfenômeno. Diferentemente do Macrofenômeno, que acontece ao mesmo tempo que o Processo, o Metafenômeno pré-existe ao Processo Mental. Em outras palavras, ele pode se localizar em qualquer tempo – presente, passado ou futuro – em relação à localização temporal do desenvolvimento do evento mental. Isto significa que os Fenômenos abstratos não estão atrelados à temporalidade material e assim podem ser incluídos em um maior número de ambientes do processamento mental.

Gramaticalmente, estes se realizam pela escolha do tempo nos grupos verbais dos Processos mudados de ordem das orações que operam como Metafenômeno. Estes podem ser realizados por infinitivo, gerúndio, ou grupos verbais imperfectivos e perfectivos:

(89) *Mas os vencidos não se contentaram de dormir sobre os louros do vencedor*
 Experienciador Processo Metafenômeno

(90) *não tinha por costume nem gostava de trabalhar pela noite dentro*
 Processo Metafenômeno

⁸⁹ Na forma marcada, os grupos do Macrofenômeno são perfectivos, para indicar desdobramento frequente.

(91) *lamentou* *que o primeiro-ministro tenha «estilhaçado» a posição europeia*
 Processo Metafenômeno

Com os Processos Emotivos, o Experienciador pode também, frequentemente, ser o Participante na oração mudada de ordem do Metafenômeno. Isto se reflete nas opções possíveis para a realização do Metafenômeno, que podem ser (i) oração não-finita no infinitivo; (ii) oração não-finita no gerúndio; e (iii) oração ‘que’.

Contudo, diferentemente dos Macrofenômenos, estas opções não são intercambiáveis em todas as situações. A diferenciação entre estímulo do mundo interno e estímulo do mundo externo restringem as possibilidades para a oração no gerúndio e a oração ‘que’ acontecerem. Isto explica por que orações como ‘eu gosto que eu coma frutas’ tenha ocorrido menos no corpus do que orações como ‘eu gosto de comer frutas’, e não tenha havido ocorrências para o tipo ‘eu gosto comendo frutas’.

As ideias: pensamento são o conteúdo dos Processos Cognitivos. Estas projetam uma oração ‘que’ quando a oração é factual. O termo factual implica em uma proposição de natureza declarativa: afirmativa de polaridade positiva e não-modalizada (esta é tipicamente realizada pela morfologia verbal indicativa). Por outro lado, se a oração projetada não for factual, mas sim hipotética – proposição de natureza declarativa: interrogativa, com polaridade negativa, ou modalizada – é tipicamente realizada pela morfologia verbal subjuntiva, ou por uma oração não-finita. O Tipo ‘pensar’ é aquele capaz de projetar ideias hipotéticas. Os Tipos ‘saber’⁹⁰ e ‘sonhar’ projetam ideias factuais (ver Quadro 5.22).

QUADRO 5.22
 Ideias projetadas – orações não-finitas e finitas.

| | <u>Tipo ‘pensar’ – hipotético</u> | <u>Tipo ‘saber’ – factual</u> |
|------------|------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------|
| não-finita | <i>Eu suponho existir esta relação</i> Exp. Processo Ideia | --- |
| finita | <i>eu suponho que exista essa relação</i> Exp. Processo Ideia | <i>Eu acho que existe essa relação</i> Exp. Processo Ideia |

As ideias: desejo – o conteúdo dos Processos Desiderativos – são sempre hipotéticas. Por esta razão, podem ser realizadas por orações não-finitas quando o Experienciador é o mesmo Participante da oração projetada, ou por uma oração ‘que’ quando estes são diferentes. Por exemplo:

⁹⁰ Pelo fato de ser usado em muitos ambientes, o Processo ‘saber’ pode também projetar orações não-finitas.

(92) *Quero andar de carro*
Processo Ideia

(93) *Quero que me deem o ouro que tiverem*
Processo Ideia

Contudo, é possível, em alguns casos, que a oração ‘que’ possa ocorrer quando os Participantes se referem ao mesmo ente.

(92a) *Quero que eu ande de carro*
Processo Ideia

É possível interpretar a ideia do exemplo (92) como algo que o Experienciador quer, “andar de carro”. Contudo, no exemplo (92a), a oração pode ser interpretada um pouco diferentemente. Neste caso, a ideia ainda é um desejo, mas com o sentido de algo que se espera acontecer, podendo ser parafraseada como “espero que eu ande de carro”. Assim, é possível identificar para os Processos Desiderativos também uma subdivisão. O primeiro subtipo, Tipo ‘querer’, indica uma ideia que é realizada na gramática pela oração não-finita tendo como Participante o mesmo elemento que é realizado pelo Experienciador; o segundo, indica uma ideia que se espera acontecer, o Tipo ‘esperar’ – realizada por uma oração ‘que’ e o grupo verbal com morfologia subjuntiva.

Além do Fenômeno, os Processos Desiderativos podem também envolver um outro Participante, com a função de Beneficiário, que seria o recebedor do desejo ou dos votos, o que não é possível perceber com os outros subtipos de Processo Mental⁹¹, por exemplo:

(93) *Sonhava para o filho a universidade*
Processo Recebedor Fenômeno

4.8 Verbos que Operam como Subtipos

O Quadro 5.23, apresentado a seguir, mostra os verbos que mais frequentemente operam como Processos Mentais. Cumpre alertar que este quadro funciona apenas como um guia baseado na frequência de ocorrências, e que de forma alguma deve ser entendido como uma classificação fixa. Por este motivo, um mesmo verbo pode operar como mais de um tipo de Processo, como ‘ver’ que pode ser tanto Perceptivo quanto Cognitivo; ou ‘sonhar’ que pode ser tanto Cognitivo quanto Desiderativo.

⁹¹ O verbo ‘sonhar’ pode no exemplo ser substituído por ‘pensar’ ou ‘ver’; mas ainda assim, neste ambiente oracional, estes cumprem a função de Processo Desiderativo.

QUADRO 5.23
Verbos que operam como Processo Mental.

| | | |
|---------------------|----------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Perceptivo | | assistir, conhecer, enxergar, escutar, notar, observar, olhar, ouvir, reparar, sentir, ver |
| Emotivo | Gostar | admirar, adorar, afeiçoar, afligir, agoniar, agonizar, aguentar, amar, apaixonar, apreciar, compadecer, contentar, desapreciar, desaprovar, desdenhar, desgostar, desesperar, deslumbrar, desprezar, detestar, estranhar, gostar, hesitar, idolatrar, invejar, lamentar, lastimar, regozijar |
| | Agradar | aborrecer, acalmar, afrontar, agitar, agradar, alarmar, alegrar, alentar, aliviar, alucinar, amargurar, amedrontar, amolar, angustiar, animar, apavorar, apetecer, aprazar, aterrorizar, cativar, chatear, comover, consternar, decepcionar, desagradar, desalentar, desanimar, desapontar, desassossegado, desatinar, desconsoar, descontentar, desesperar, desgostar, desesperar, distrair, emocionar, empolgar, encantar, entediar, entusiasmar, envaidecer, envergonhar, espantar, extasiar, frustrar, inquietar, interessar, irritar, maravilhar, ofender, orgulhar, preocupar, sofrer, surpreender, surpreender, temer |
| Cognitivo | Pensar | aceitar, acertar, acreditar, adivinhar, admitir, aferir, analisar, apreciar, arquitetar, arrepender, avaliar, averiguar, calcular, concatenar, concordar, confabular, confundir, conscientizar, considerar, consentir, deduzir, definir, desconfiar, desconsiderar, entender, estimar, filosofar, idealizar, identificar, ignorar, imaginar, julgar, maquinar, matutar, meditar, merecer, notar, parecer, pensar, planejar, preconceber, prejudicar, premeditar, presumir, prever, raciocinar, racionalizar, reavaliar, recalcular, recluir, refletir, reparar, sentir, suspeitar, teorizar, tramar |
| | Saber | achar, antever, apreender, assumir, compreender, conceber, concluir, confiar, constatar, contemplar, convencer, decifrar, decorar, descobrir, desconhecer, determinar, distinguir, entender, enxergar, esquecer, interiorizar, interpretar, lembrar, memorizar, negligenciar, observar, ocorrer, parecer, perceber, pressentir, reaprender, reconhecer, recordar, repensar, saber, sonhar, ver, verificar, vislumbrar, visualizar |
| | Sonhar | delirar, esquecer, lembrar, olvidar, recordar, relembrar, sonhar, verificar |
| Desiderativo | Querer | ambicionar, ansiar, carecer, cobiçar, decidir, desejar, necessitar, objetivar, precisar, preferir, pretender, querer, tencionar, visar |
| | Esperar | almejar, anelar, ansiar, aspirar, esperar, sonhar |

Tendo como base as características apresentadas acima, o Quadro 5.24 resume os subtipos de Processos Mentais. O símbolo ‘√’ indica a presença de uma característica; o símbolo ‘[√]’ indica que a presença da característica é restrita. Por exemplo, ‘*tempo verbal característico no ‘agora’ → presente-no-presente*’ é uma característica dos Processos Cognitivos, mas restrita ao Tipo ‘pensar’.

QUADRO 5.24
Principais características dos subtipos de Processos Mentais.

| | | | cognitivo | desiderativo | emotivo | perceptivo |
|--------------------------------------|----------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------|-------------------------------|-------------------------------|---------------------------------------------|------------|
| Experienciador +consciente | <i>consciência superior</i> : gr. nom. | | √ | √ | [√] | |
| | <i>consciência inferior</i> : gr. nom. | | | | √ | √ |
| Processo Mental | <i>tipo de evento</i> | <i>processo superior</i> : gr. verb. | √ | √ | | |
| | | <i>processo inferior</i> : gr. verb. | | | √ | √ |
| | <i>direcionalidade</i> | <i>tipo 'emanente'</i> : Fen./Alcance | √ | √ | √ | √ |
| | | <i>tipo 'impingente'</i> : Fen./Agente | [√] | | √ | |
| | <i>desdobramento temporal</i> | <i>atual</i> | √ | √ | √ | [√] |
| | | <i>frequente</i> | [√] | | | [√] |
| | | <i>simultâneo</i> | [√] | | [√] | √ |
| | <i>tempo verbal característico no 'agora'</i> | <i>presente</i> | √ | √ | √ | |
| <i>presente-no-presente</i> | | [√] | | | √ | |
| Fenômeno | <i>não-fenom.</i> | <i>assunto</i> : fr. prep. | √ | √ | | [√] |
| | <i>Fenômeno simples</i> | | <i>Ente: concreto</i> | | | √ |
| | | | <i>Ente: abstração</i> | √ | √ | √ |
| | <i>Macro-Fenômeno</i> +concreto | : oração mudada de ordem expandindo um ato : modo verbal indicativo | | | | |
| <i>Meta-Fenômeno</i> +abstrato | : oração mudada de ordem expandindo um fato : modo verbal subjuntivo | | | | √ Adorou (o fato) de que a banda tocasse | |
| Ideia | <i>proposta projetada</i> | : oração 'β subjuntivo | | √ Quis que a banda tocasse | | |
| | <i>proposição projetada</i> | : oração 'β indicativo | √ Pensou que a banda tocou | | | |

A Figura 5.12, apresentada a seguir, traz os sistemas de funções gramaticais mentais do português brasileiro.

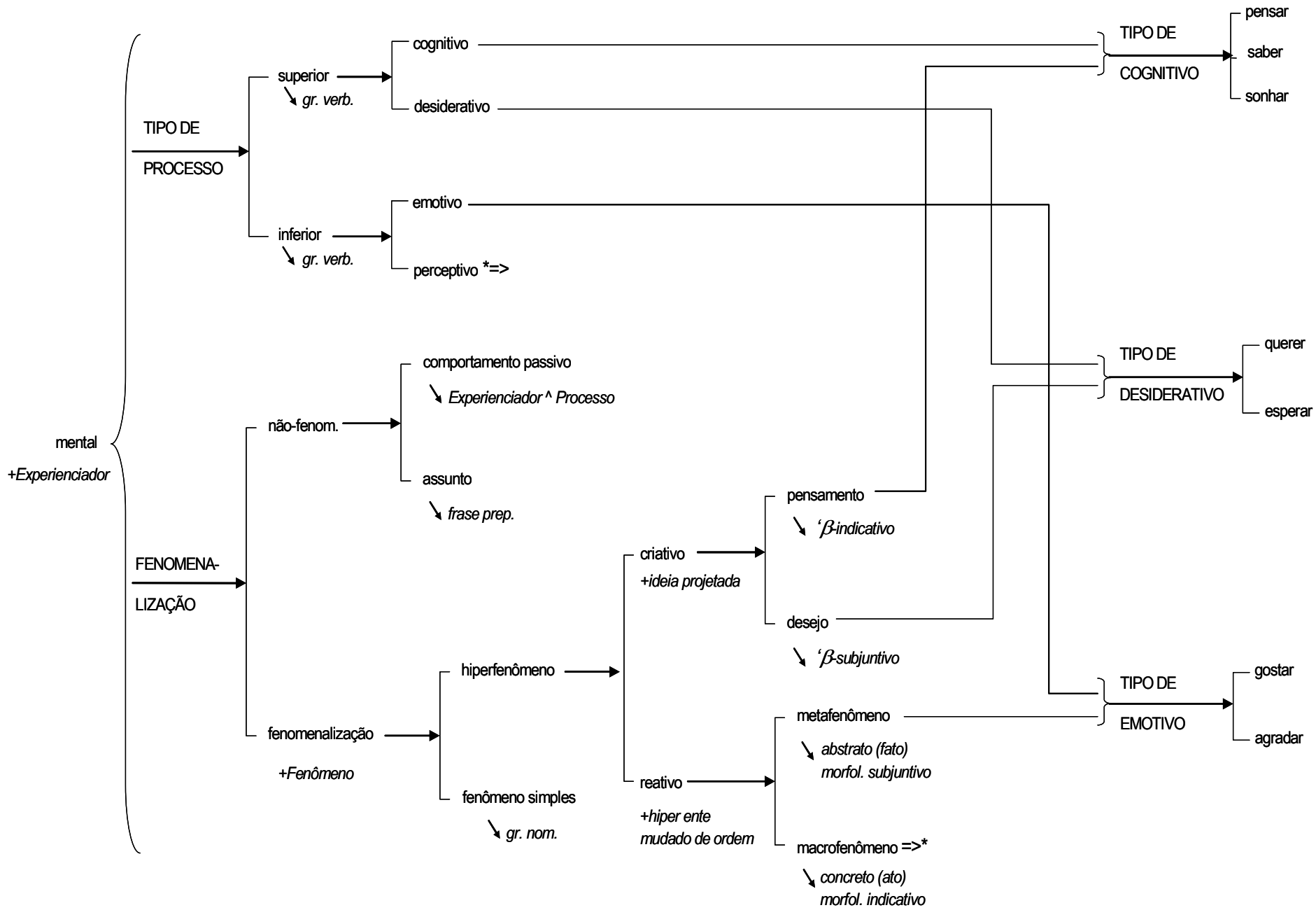


Figura 5.12 – Sistemas da oração mental

CAPÍTULO 6

TEORIA LINGUÍSTICA, ESTUDOS DA TRADUÇÃO E ESTUDOS MULTILÍNGUES

INTRODUÇÃO

Após a apresentação do percurso teórico desta tese, que se localiza na interface entre os estudos da tradução e da descrição linguística, de base sistêmico-funcional, do português brasileiro, este capítulo tem como objetivo geral mostrar como a teoria linguística, os estudos da tradução e os estudos multilíngues podem ser relacionados, de forma a contribuírem uns com os outros na elucidação e explicação de fenômenos de linguagem. Em específico, este capítulo objetiva mostrar como os estudos da tradução podem ser vistos de forma complementar aos estudos linguísticos (incluindo a descrição), podendo tomar parte em estudos mais amplos do contato linguístico.

Este capítulo está organizado da seguinte forma. A seção 1 apresenta o panorama geral da descrição metafuncional do português brasileiro, revelando o potencial da descrição para os estudos que envolvem a produção linguística, incluindo o contato linguístico. A seção 2 mostra como trabalhos de descrição linguística como esta tese podem contribuir para os estudos linguísticos da tradução, tal como apontaram os autores que refletem sobre contatos linguísticos, os quais, para este trabalho, serviram de base (Catford, Ivir e Matthiessen). Em seguida, se dá seguimento às questões apresentadas por Catford (1965), Ivir (1981) e Matthiessen *et al.* (2008), em relação ao estudo do contato linguístico, que envolve a tradução, a comparação, o contraste e a tipologia, bem como os conceitos empregados para explicar a natureza destes tipos de contato, como correspondência, equivalência e mudança. Por fim, será apresentado um exemplo que aborda a tradução a partir da descrição e do contato linguístico de acordo com a proposta delineada nesta tese.

1 O PERFIL METAFUNCIONAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO SOB UMA PERSPECTIVA TIPOLÓGICA

Nos capítulos de 3 a 5, foram apresentados os principais sistemas que caracterizam o estrato gramatical do português brasileiro, a saber, TEMA, MODO e TRANSITIVIDADE (especificamente com relação aos Processos Mentais).

Tendo como base a teoria sistêmico-funcional (cf. Matthiessen e Halliday, 2009), sob uma perspectiva tipológica, mostrou-se aqui como é possível interpretar de modo funcional a organização da gramática do português brasileiro. Isto foi feito dando-se maior foco à sua organização paradigmática, uma vez que um dos principais parâmetros teóricos que orientaram esta tese foi a organização da língua como um sistema de opções, que evoluiu junto com as comunidades de falantes para desempenhar determinadas funções na organização dos fenômenos do mundo natural e no estabelecimento das relações sociais (cf. Halliday, 1978).

Mediante a adoção da metodologia de descrição sistêmico-funcional (cf. Halliday, 2002; Caffarel *et al.*, 2004), foram respondidas aqui a perguntas relativas à motivação para se postular e descrever funções gramaticais, bem como sua realização e relação com outras funções.

Desta maneira, partindo-se da teoria sistêmico-funcional – cujo delineamento geral foi apresentada no capítulo 2, com referência à metodologia de descrição, e, de forma mais específica, ao logo dos capítulos de 3 a 5 – foi possível não só apontar as funções gramaticais, mas também como estas se relacionam umas com as outras: (i) *em oposição*, dentro de um mesmo paradigma, como por exemplo nas opções de Modo Indicativo e Modo Imperativo no sistema de TIPO DE MODO; (ii) *em complementação*, na constituição de um sintagma, como por exemplo uma opção do sistema de SUJEITABILIDADE Responsável: Recuperado: Ouvinte seguida de uma opção no sistema de TIPO DE MODO Imperativo: Jussivo: Insistente: Singularizado, constituindo a estrutura Sujeito ^ Predicador; e TIPO DE MODO Imperativo: Jussivo: Insistente: Negociado, constituindo a estrutura Predicador ^ Sujeito.

Como resultado, foi possível, aqui, realizar esta introdução ao perfil metafuncional da gramática do português brasileiro, multidimensional, procurando-se observar a organização sistêmica como um todo e contemplando a articulação das diferentes dimensões.

Com relação à dimensão do eixo paradigmático, foram apresentados os sistemas que estão “na origem” das funções, isto é, aqueles que organizam os conjuntos de opções disponíveis, bem como qual o seu trabalho na composição geral da gramática. Por exemplo, o sistema de TEMA INTERPESSOAL, apresentado na Figura 6.1, reproduzida da Figura 3.15, apresentada no Capítulo 3:

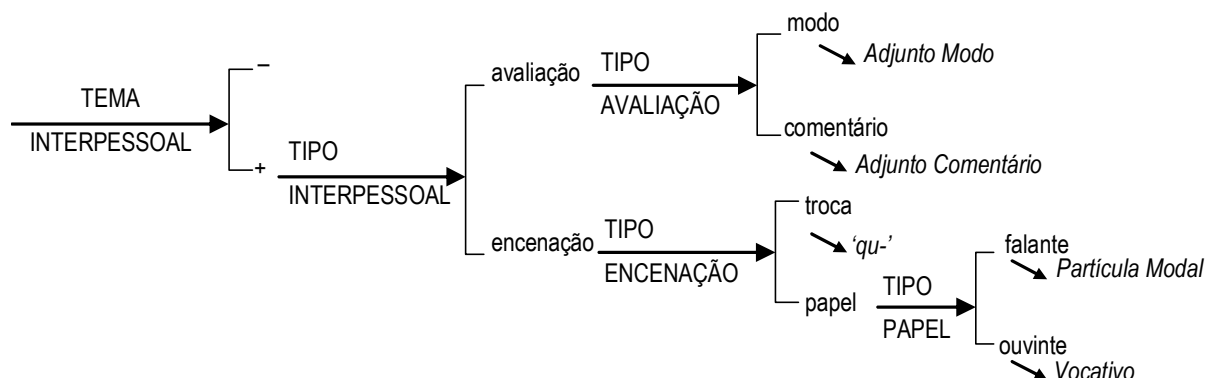


FIGURA 6.1 – TEMA INTERPESSOAL

Fonte: Figura 3.15, Capítulo 3.

Este sistema apresenta as opções (funções) de ‘Modo’ e ‘Comentário’, cujo valor (*valeur*) está na sua oposição, mas que por sua vez são a manifestação mais delicada da opção (função) ‘Avaliação’, que está em oposição à função de ‘Encenação’. Estas duas últimas formam a oposição funcional da opção ‘Mais Tipo de Interpessoal’, em oposição à ‘Menos Tipo de Interpessoal’, que por sua vez é uma das opções do sistema de TEMA INTERPESSOAL.

Desta forma, vê-se que opções como Modo, Comentário, Encenação, Papel, etc. não são todas opções em um mesmo conjunto. Ao contrário, há uma hierarquia entre elas de acordo com o princípio de delicadeza, da mesma forma como há oposição entre elas de acordo com sua orientação paradigmática. Coube, desta maneira, à descrição, buscar, mediante a análise de padrões, identificar e descrever – buscando a generalização mais ampla – a delicadeza e o paradigma “na origem” das funções encontradas; em outras palavras, o *sistema* que organiza estas funções.

A seguir é apresentada uma síntese das descrições desta tese.

1.1 O sistema de TEMA

O Capítulo 3 apresentou a interpretação do sistema de TEMA em português brasileiro. A abordagem do Tema “de baixo” possibilitou entender tanto a forma como o Tema é realizado, quanto a forma como pode ser identificado.

Em português brasileiro, o Tema é realizado por uma configuração estrutural na qual o elemento que cumpre a função de Tema é colocado na primeira posição da estrutura oracional, denominada posição temática. Além disto, alguns tipos específicos de Tema – Predicação e Equativo – são realizados por, além da posição temática, estruturas especiais. O

Tema Predicação por ‘*ser + Elemento + que*’, ‘*Elemento + ser + que*’ ou ‘*Elemento + que*’. O Tema Equativo é realizado por ‘*qu- + oração nominalizada (+ nominalização)*’.

A realização gramatical das funções pode acontecer como *realização aparente*, na qual um elemento das ordens inferiores na escala de ordens gramatical, ou uma configuração estrutural constituem a realização, como por exemplo o imperativo em português brasileiro (realizado pelo morfema do tempo verbal imperativo: ‘dissolva’ → ‘-a’ 3P-SING-IMP), ou a Pergunta-Finito (realizada pela estrutura *Adjunto de Polaridade ^ Finito*: ‘Vai caber ali, não vai?’ → ‘*não vai?*’). Por outro lado, a realização também pode ser *criptotípica*, a qual acontece por uma ‘síndrome’ de recursos de áreas aparentemente não relacionadas na gramática (cf. Whorf, 1987). como por exemplo o Processo: Mental: Cognitivo: Pensar. Este é, na maioria dos casos, realizado por *Experienciador: Ente: Consciente & Fenômeno: Ente: Abstrato & Evento: Superior & morfologia verbal indicativa & oração hipotática ‘que’ & presente-no-presente para o ‘agora’ & desdobramento simultâneo & [em alguns casos] bidirecional*.

O Tema em português brasileiro possui realização aparente e, por consequência, a sua identificação se dá pela primeira posição na estrutura. Além disto, um grupo de Temas – as opções que não são Default – também possui uma expressão fonológica distinta, assumindo para si um movimento tônico próprio (na escrita, são separados por vírgula).

Abordando o Tema sob uma perspectiva “ao redor”, isto é, como função habilitadora da oração, foi possível compreender como esta função textual, em particular o Tema Ideacional, contribui, de forma decisiva, para a conversão da oração em mensagem. Na condição de função habilitadora, o que o Tema faz é selecionar um elemento da metafunção ideacional e um elemento da metafunção interpessoal e colocá-los na posição temática para que operem tanto como o ponto de partida da mensagem (a partir do qual o restante da oração será interpretado), quanto para estabelecer a perspectiva do falante sobre o que está sendo dito.

Logo, a seleção temática não é uma função simples (seleção por um termo do sistema). De outra maneira, ela é o resultado da operação complexa de seleção de termos em vários sistemas. Organizado a partir da função habilitadora, a condição de entrada do sistema de TEMA em português brasileiro gera três subsistemas no primeiro nível de delicadeza, a ORIENTAÇÃO MODAL, a ORIENTAÇÃO TRANSITIVA e a SELEÇÃO TEMÁTICA. No segundo nível de delicadeza, as opções de cada um destes sistemas são cosseleccionadas e geram novos subsistemas.

Conforme a natureza das funções deste segundo nível de delicadeza, pode-se dizer que estes sistemas se apresentam em um contínuo. Em um dos pólos do contínuo estão as seleções

temáticas orientadas tanto para o MODO quanto para a TRANSITIVIDADE. Isto significa que o Tema, na qualidade de função habilitadora, escolhe como ponto de partida para mensagem um elemento crucial da organização interpessoal (Sujeito ou Predicador para as orações imperativa ou existenciais) e um elemento crucial da organização transitiva (o Participante ativo no Processo: a fonte para o *quantum* de mudança).

Nos pontos intermediários do contínuo, encontram-se as funções temáticas que selecionam um elemento crucial da organização interpessoal ou transitiva e um elemento secundário (não-crucial), como o fazem o TEMA ELEMENTAL (elemento crucial interpessoal: ‘qu-’, que realiza a opção Indicativo: Interrogativo: Elemental; e elemento secundário ideacional: Circunstância de Localização, Causa, etc.) e o TEMA ÂNGULO (elemento crucial ideacional: a fonte para o quantum de mudança mental ou verbal; e elemento secundário interpessoal: Adjunto Circunstancial).

No outro pólo do contínuo estão as opções que não selecionam os elementos cruciais. Interpessoalmente, selecionam Complemento, Predicador [indicativo], Adjuntos. Ideacionalmente, selecionam Participantes secundários, Processo, Circunstâncias.

Quanto à marcação temática, sugeriu-se nesta descrição que o conceito de marcação abrange mais de uma função temática, configurando-se como um traço semântico, e não como uma função gramatical sistêmica. Assim, o que se chama na descrição de outras línguas (cf. Halliday e Matthiessen, 2004; Caffarel *et. al.* 2004) de ‘Tema Marcado’, não encontra motivação gramatical para ocorrer (= ser gerado por um sistema) em português brasileiro. Do ponto de vista do discurso, a marcação temática implica em uma mudança no assunto do texto – a reorientação do campo, “sobre o que se fala”. Contudo, em português brasileiro, qualquer função temática pode, dado o desenvolvimento de um texto, cumprir esta função.⁹²

1.2 O sistema de MODO

Com base na literatura sobre o papel fundamental desempenhado pela língua na criação e na manutenção dos relacionamentos por meio da troca de significados interpessoais, o Capítulo 4 apresentou uma interpretação dos recursos gramaticais mais importantes que respondem pela realização da troca em português brasileiro. A descrição se concentrou na descrição da gramática da oração, mas também se voltou tanto “para cima”, examinando a

⁹² Assim como o sistema gramatical de MODO realiza um sistema semântico, as FUNÇÕES DISCURSIVAS, e o sistema de TIPOS DE PROCESSO realiza o sistema semântico de FENÔMENO (cf. Halliday e Matthiessen, 1999), a análise textual indica que o sistema de TEMA realiza, igualmente, um sistema semântico, denominado TESSITURA ESTRUTURAL (cf. Figueredo, em preparação).

semântica dos argumentos e da negociação, quanto “para baixo” relativamente à gramática dos grupos.

Para que isto fosse feito, a descrição partiu da investigação de “cima”, observando como os interlocutores assumem os papéis (fornecer/demandar) e as mercadorias (informação/bens-e-serviços) da troca em português brasileiro, bem como a maneira pela qual estas são codificadas na língua por meio do sistema de FUNÇÕES DISCURSIVAS. Em seguida, as FUNÇÕES DISCURSIVAS foram descritas na forma como são realizadas pelo MODO.

Dando maior foco ao estrato gramatical, foram analisados os tipos de MODO. Na descrição aqui apresentada, sugeriu-se que a conjugação das funções interpessoais que realizam os diferentes tipos de MODO forma o núcleo dos significados interpessoais na oração – onde se encontra a argumentação – a qual denominou-se Negociador. Em português brasileiro, o Negociador inclui as funções que realizam a responsabilidade modal, a finitude (tanto o tempo primário quanto a modalidade), a avaliação e a polaridade.

A abordagem “ao redor” mostrou como a responsabilidade modal é realizada pelas seleções no sistema de SUJEITABILIDADE, que gera as opções de Sujeito, incluindo os traços de responsabilidade, pressuposição, número, pessoa e polidez.

A finitude é realizada pelas opções no sistema de DÊIXIS INTERPESSOAL, que gera o Finito. Esta função codifica o tempo primário e a modalidade, circunscrevendo assim as proposições no tempo em relação ao ‘agora’ do evento discursivo. Por isto, ela é fundamental para a realização do sistema de TIPO DE MODO INDICATIVO.

O Predicador é crucial para a troca de propostas. Devido ao fato de estas não estarem circunscritas ao tempo, o Predicador é empregado, juntamente com o Sujeito, para negociar a proposta e o alvo dos comandos. Por conseguinte, o Predicador é fundamental para a geração do sistema do TIPO DE MODO IMPERATIVO.

As Partículas Modais são os elementos que compõem as funções do sistema de VALIDAÇÃO. Estas funções são empregadas pelo falante como parte importante da estratégia de fazer o ouvinte validar a avaliação que o falante, enquanto papel de fornecer/demandar.

“De baixo”, foram apresentados os elementos da ordem do grupo que realizam as funções interpessoais da oração. O Sujeito é caracteristicamente realizado pelo grupo nominal, e o Finito pelo verbo alfa no grupo verbal. A morfologia verbal também é importante, uma vez que as diferenças nos significados da DÊIXIS (tempo e aspecto; modalidade), concordância do Sujeito e TIPO DE MODO (modos verbais) são todos

realizados pelos morfemas de Finito, no caso das orações indicativas, e morfemas do Predicador, no caso das orações imperativas.

Por fim, após a caracterização do Negociador, foi possível olhar desde a gramática para a semântica (a semântica “de baixo”), observando da perspectiva da língua em ação, dinamicamente, a forma como as funções da gramática interpessoal realizam o desenvolvimento do diálogo.

Neste aspecto, esta descrição mostrou que, para as orações indicativas, o Predicador é tipicamente necessário para o primeiro argumento inicial, juntamente com o Sujeito e o Finito, uma vez que o Predicador conflui com o conteúdo experiencial do Processo (ambos realizados pelos elementos dependentes do grupo verbal), sendo portanto fundamental para a construção da proposição inicial. Porém, uma vez que a proposição inicial é posta à negociação, a troca se põe em movimento, e pode ser realizada por completo exclusivamente pelo Negociador.

No diálogo – isto é, na negociação de significados interpessoais – é possível ver um incrível equilíbrio entre as funções que constituem o Negociador. Por um lado, na organização interna da oração, o Sujeito e o Finito estabelecem as proposições (em termos de responsabilidade, modalidade e tempo); o Sujeito e o Predicador estabelecem as propostas (em termos do comando e do recipiente do comando). Por outro lado, na organização da oração como um todo, as Partículas regulam os papéis do falante e do ouvinte (em termos de validar o status de fornecer e demandar).

Desta maneira, o Negociador é capaz de (i) trocar proposições e propostas, atribuindo responsabilidade e regulando o espaço semiótico entre os interlocutores, além de aumentar a chance de acontecer um argumento respondente esperado, e (ii) os falantes podem negociar seu papel de falante (fornecer e demandar) através das Partículas Modais por meio da validação de seus ouvintes.

1.3 O sistema de TIPO DE PROCESSO: MENTAL

Terminando as descrições desta tese, o Capítulo 5 apresentou a descrição dos Processos Mentais em português brasileiro. Uma escolha importante para dar início à descrição da organização experiencial do sistema linguístico foi começar justamente por onde começa a representação da experiência como um todo, uma vez que, independente da representação ser mental, relacional, verbal, etc., ela é, em primeiro lugar, uma representação, o que a constitui, semanticamente, como um fenômeno que acontece na consciência de um participante (cf.

Halliday e Matthiessen, 1999). Diante disto, a descrição teve início apresentando a natureza dos elementos que participam da oração mental, começando pelo Experienciador.

Assim como nos dois capítulos anteriores, o início da descrição sempre dá ênfase à abordagem “de cima”, buscando compreender as funções gramaticais segundo, precisamente, a sua função – que deve se referir sempre ao texto. O Experienciador foi caracterizado segundo a sua função de representar o participante consciente, o que possibilitou compreender a natureza do ente que o realiza em relação a outros tipos de ente. Esta operação se repetiu para o Processo e para o Fenômeno, que foram caracterizados segundo a sua função de representar a experiência mental semântica.

A abordagem “de baixo” mostrou como estas funções são realizadas. O Experienciador e o Fenômeno em relação às funções do grupo nominal, em particular os Entes: Conscientes para o primeiro e os Entes: Abstratos e orações nominalizadas para o segundo. Com relação aos Processos, o exame “de baixo” se deteve na forma como a sua localização e o seu desdobramento temporais acontecem, em particular no que diz respeito à sua realização, que se dá pela morfologia verbal.

Para o exame “ao redor”, investigou-se a configuração oracional, que revelou dois subtipos de Processos Mentais, segundo o tipo de experiência que constroem: Superior (Cognitivo e Desiderativo) e Inferior (Emotivo e Perceptivo). Cada um destes foi descrito, especificamente, em relação ao tipo de Fenômeno que podem assumir.

* * * * *

Assim como todo trabalho de descrição linguística, esta interpretação metafuncional do português brasileiro pode ser importante como fundamentação e subsídio para pesquisas futuras em campos nos quais a linguagem possui papel fundamental que têm na língua um elemento importante, tais como o ensino, a análise do discurso, a linguística computacional e a tradução. Mais especificamente, umas das motivações principais para a pesquisa aqui apresentada é exatamente a contribuição que pode oferecer para os estudos da tradução. Mais especificamente, para a visão de tradução desenvolvida pela análise linguística da tradução a partir das abordagens sistêmicas (cf. PAGANO e VASCONCELLOS, 2005). Uma vez realizada a descrição, é possível, então, passar à abordagem do contato linguístico.

2 O ESTUDO DO CONTATO LINGUÍSTICO

No Capítulo 1 foi apresentado o percurso teórico ao qual esta tese se afilia. A sua localização está na interface entre os estudos linguísticos e os estudos da tradução.

Do ponto de vista linguístico, esta tese contribui com a interpretação sistêmico-funcional da gramática do português brasileiro. Procurando ser o mais abrangente possível – tal como requerem tanto a metodologia de descrição sistêmico-funcional quanto a complexidade das diferentes áreas de aplicação.

Do ponto de vista dos estudos da tradução, autores tanto dos estudos linguísticos, como Catford, quanto dos estudos da tradução, como Ivir, apontam que há necessidade de descrições linguísticas capazes de explicar a complexidade da produção e comparação de textos em mais de uma língua. Por esta razão, a justificativa para esta interpretação sistêmico-funcional da gramática do português brasileiro reside na sua perspectiva tipológica, apta ao estudo do contato linguístico, incluindo a tradução, as comparações e contrastes com outros sistemas linguísticos descritos sob esta mesma perspectiva.

Dentre as razões para se tomar uma perspectiva tipológica (cf. Caffarel *et al.*, 2004), a mais relevante para este trabalho é o oferecimento de um arcabouço teórico comum para todas as descrições (que é portanto coerente e amplo). Tal oferecimento possibilita não só articular a interpretação dos vários fenômenos de uma mesma descrição, mas, da mesma forma, de outras descrições dos mesmos fenômenos, ou até de outros fenômenos que ainda serão descritos. Em específico, a perspectiva tipológica permite articular descrições de mais de uma língua sob um mesmo referencial (cf. Matthiessen 2004; Matthiessen *et al.* 2008).

Complementarmente, os estudos da tradução de base sistêmica podem contribuir para um tipo de descrição mais elaborado, no sentido de ampliar a base tipológica pela qual a descrição se pauta. A tradução pode, por exemplo, servir como teste para funções gramaticais distintas que possuem a mesma realização.

Esta seção 2 tem por objetivo introduzir a tradução e o contraste como partes do estudo mais abrangente do contato linguístico, seguindo o percurso dos estudos multilíngues, desde Catford (1965), passando por Ivir (1981) até Matthiessen *et al.* (2008).

É importante destacar que esta introdução da tradução e do contraste dentro dos estudos multilíngues só é possível se tiver como base a descrição das línguas em contato, dentro de um mesmo arcabouço teórico (de orientação tipológica).

2.1 O percurso dos estudos multilíngues: Catford (1965), Ivir (1981) e Matthiessen *et al.* (2008)

O percurso no qual esta tese se insere tem início com o estudo linguístico da tradução de base sistêmico-funcional tal como foi sistematizado por Catford. Ganham destaque o fato de Catford colocar o sistema linguístico no centro da teoria, revelando a sua importância para os

estudos da tradução e a importância da descrição linguística para a formulação de uma teoria de tradução.

Com isto, todos os conceitos apresentados e articulados por Catford na sua teoria de tradução – tais como a correspondência, a equivalência e a mudança – são explicados em relação a operações linguísticas. Seguindo Catford, assim como as abordagens sistêmicas da tradução, esta tese adota a visão linguística para a interpretação da tradução, entendendo que a língua deve ser colocada no centro do modelo de uma teoria da tradução.

Contudo, do ponto de vista dos estudos da tradução, o fato de Catford situar a pesquisa em tradução dentro da linguística não possibilita que a tradução se desenvolva de forma a explicar outras questões importantes a ela inerentes (mas não aos estudos linguísticos como um todo), como por exemplo o papel do tradutor, ou o fenômeno representado pela metáfora da ‘substituição’.

A proposta de se pensar a tradução de Ivir examina as questões relativas à interseção entre tradução e língua do ponto de vista dos estudos da tradução, o que, em grande medida, expande as possibilidades de interpretação apresentadas em Catford.

Ivir aponta a necessidade de se expandir a relação entre as línguas para além do estrato gramatical, bem como a importância do tradutor para o modelo de tradução. Além disto sugere a possibilidade de se conciliarem os estudos contrastivos e os estudos da tradução. Com isto, Ivir mostra a importância de seu trabalho ao antever passos importantes para a pesquisa em tradução (alguns dos quais seriam retomados quase trinta anos depois, como por exemplo, o conceito de ‘estudos multilíngues’).

Um exemplo claro da relevância do trabalho de Ivir é sua argumentação sobre a maneira como uma língua pode possuir não só um equivalente, mas vários, da mesma forma como podem existir mais correspondentes para um elemento da língua fonte. Assim, Ivir (1981) antecipa (cf. Matthiessen, 2001) o que as abordagens sistêmico-funcionais de tradução denominam ‘agnação em tradução’:

Na busca pela comunicação, na situação comunicativa da língua alvo, de uma mensagem equivalente àquela recebida na língua fonte, o tradutor – como foi apontado anteriormente – tem ao seu dispor um conjunto potencial de diferentes recursos linguísticos que é distinto daquele utilizado para a codificação da mensagem na língua fonte. Portanto, em um determinado texto traduzido, algumas unidades linguísticas do texto fonte não irão possuir correspondentes formais, ao passo que os correspondentes formais de outras unidades linguísticas irão, inevitavelmente, carregar significados, em certa medida, também diferentes. Isto se deve ao fato de que as línguas possuem recursos diferentes para expressar de maneira diferente as relações

do mundo real, e certamente nem todas conseguem expressar todos os aspectos do significado com a mesma naturalidade (p. 56).⁹³

Outro exemplo representativo da importância do trabalho de Ivir está no fato de ele afirmar que a tradução deve servir como um método importante para a descrição linguística, ainda que não havendo, à época da exposição de suas ponderações sobre a tradução, um amadurecimento teórico que caminhasse neste sentido.

Se um entendimento comum nos estudos da tradução de base linguística é o emprego de descrições realizadas pelas teorias linguísticas na tradução (cf. Malmkjær, 2005), Ivir (1981) afirma que a pesquisa em tradução pode também ser empregada pelas descrições linguísticas:

Cabe ressaltar que a multiplicidade de correspondentes formais é um indicador analítico importante para as distinções de significado na língua fonte, as quais os falantes de língua materna podem não se dar conta. Daí decorre a importância da tradução e da análise contrastiva para a descrição da língua materna (p. 56).⁹⁴

Com o passar dos anos, as pesquisas sobre o contato linguístico evoluíram e se desenvolveram, particularmente dentro da teoria sistêmico-funcional, em relação às dimensões necessárias para a formulação de um modelo mais amplo do contato linguístico (em particular, um modelo de tradução).

Assim temos hoje formulações teóricas que faltavam a Catford e a Ivir à época de seus modelos puderam ser melhor investigadas. Em virtude deste desenvolvimento teórico, algumas observações são feitas a seguir, objetivando contextualizar na época atual os modelos desses autores, especificamente em relação à estratificação, à noção de ‘texto’, à instanciação e ao conceito de tradução.

2.1.1 Estratificação

No modelo de tradução postulado por Catford, devido ao menor desenvolvimento da teoria sistêmico-funcional, não se encontra uma descrição do estrato semântico. Por este motivo, a tradução é explicada exclusivamente em relação à gramática.

⁹³ In seeking to communicate, in the target-language communicative situation, a message equivalent to the one received in the source language, the translator – as noted earlier – has at his disposal a different potential set of linguistic devices than that used for the coding of the message in the source language. Therefore, in a given translated text, some linguistic units of the source text will have no formal correspondents, while the formal correspondents of others will inevitably carry somewhat different meanings. (This is due to the fact that languages are differently equipped to express different real-world relations, and they certainly do not express all aspects of meaning with equal ease.)

⁹⁴ It should be noted in passing that such multiple formal correspondents are important analytical pointers to distinctions of meaning in the source language of which native-speakers may be unaware. Hence the importance of translation and contrastive analysis for native language description.

Em termos sistêmico-funcionais, seria preciso entender o papel do estrato semântico dentro do modelo de Catford, para que os conceitos de correspondência e equivalência se aplicassem não somente à ordem da oração, mas também ao nível do texto.

Diferentemente também do pensamento de Ivir, do ponto de vista sistêmico-funcional, o que se considera língua não são apenas os estratos gramatical (morfemas, palavras, grupos e orações) e da expressão (fonemas e grafemas) em conjunto com a estrutura.

O que Ivir chama de mensagem é, do ponto de vista sistêmico-funcional, o texto (linguagem em contexto). O caminho percorrido pelo emissor desde a ida do texto fonte até a configuração extralinguística seria a subida na estratificação com objetivo de se compreender tanto a semântica do texto quanto o seu contexto no texto original para assim produzir um texto equivalente (mensagem constante, nos termos de Ivir) na língua alvo.

2.1.2 Texto

Como foi visto ao longo desta tese, os diferentes estratos, as metafunções, o potencial sistêmico e suas instâncias também fazem parte do sistema linguístico. Tanto em Catford, quanto em Ivir, não há clara uma articulação entre a língua e o texto.

No caso de Catford, o texto é, em grande medida, a soma de todo o material textual, mas não se configura como uma unidade semântica, ou tampouco como uma unidade de tradução. Matthiessen (2001) aponta que Catford ainda tinha a oração como unidade semântica de análise, e não o texto, como entende a linguística sistêmico-funcional. Assim, Catford sugere o *cotexto*⁹⁵ como fator de condicionamento da probabilidade de equivalências, quando, na verdade, o condicionamento se faz pelo contexto de situação e sua realização nos estratos semântico e gramatical.

Por causa da noção limitada de texto, a equivalência no modelo de Catford acontece entre unidades das ordens gramaticais. No entanto, Ivir aponta que a relação equivalente deve fazer referência à unidade semântica, a saber, aos textos inteiros (textos equivalentes em tradução).

Em Ivir, o texto é a codificação da mensagem, que é extralinguística. Quando Ivir interpreta o processo de tradução, em particular o elemento comum de comparação, relativamente ao sistema semântico, do ponto de vista sistêmico, este está incluído na língua.

Devido ao entendimento de Ivir de que texto e mensagem pertencem a ordens diferentes, o estudo da tradução deve, necessariamente, se separar dos estudos contrastivos. Contudo, o

⁹⁵ Por *contexto* entendemos "contexto de situação", isto é, os elementos da situação extratextual que estão relacionados com o texto como sendo linguisticamente relevantes; por isso *contextuais*. Por *cotexto* entendemos itens do *texto* que acompanham o item em discussão: por isso, *cotextuais* (Catford, 1980, p. 31).

entendimento do texto como sendo a língua funcionando no contexto permite a esta tese endossar o pensamento de Matthiessen *et al.* (2008), no qual tanto os estudos da tradução, quanto a linguística contrastiva podem fazer parte de um olhar mais amplo sobre o contato linguístico.

Do ponto de vista do estudo do contato linguístico, a proposta de Matthiessen *et al.* representa um avanço importante para a construção de pesquisas mais amplas e articuladas. O trabalho de Matthiessen *et al.* consegue, graças ao desenvolvimento do arcabouço teórico linguístico, interpretar, por meio da instanciação, como o texto pode ser explicado em função do sistema linguístico, da mesma forma como a soma de todo material textual pode ser explicada em função do texto.

2.1.3 Instanciação

Os modelos de tradução de Catford e de Ivir localizam o contraste linguístico e a tradução apenas na dimensão da estratificação, em virtude de não contemplarem a relação instancial entre o potencial do sistema e a materialização do texto.

Ivir afirma que a equivalência de ‘um para muitos’ está condicionada às diferentes situações; isto é, a quantidade dos ‘muitos’ depende da quantidade de situações. Por outro lado, o contato entre as unidades linguísticas se manifesta apenas de duas formas: a correspondência formal ou a equivalência de tradução. Assim, o reconhecimento de correspondência ou equivalência se torna uma questão de agnação: se há formas agnatas, há correspondência ou equivalência; se não há formas agnatas, não há. Este é o motivo pelo qual Catford lança mão do conceito de ‘mudança’, que seria uma forma de nomear as relações linguísticas que escapam à visão a partir da estratificação.

Como forma de ampliar esta discussão, Matthiessen *et al.* propõem o exame da estratificação em conjunto com a dimensão da instanciação. Ao afirmarem que os estudos da tradução e os estudos contrastivos diferem mais nos objetivos de pesquisa do que nos fenômenos investigados, Matthiessen *et al.* apontam que, do ponto de vista da instanciação, tanto a correspondência, quanto a equivalência, podem ser dispostas em diferentes pontos do contínuo de instanciação, bem como se estabelecerem em diferentes níveis de delicadeza.

Portanto, o contraste tipológico – visto do ponto de vista do potencial/instância – pode mostrar mais claramente os diferentes graus de correspondência ou equivalência entre as línguas, dependendo da delicadeza da análise, para qualquer estudo do contato linguístico. Neste caso, a correspondência ou a equivalência podem se estabelecer entre quaisquer níveis de delicadeza entre os sistemas. Então, pode ser que em um nível mais indelicado se observe

equivalência entre duas unidades, porém, em um nível mais delicado, pode não ser possível observar equivalência, mas apenas correspondência formal.

2.1.4 O conceito ‘tradução’

Para a formulação de uma teoria de tradução, é produtivo que esta possua uma formulação do conceito ‘tradução’. Igualmente, este conceito deveria estar articulado tanto com outros conceitos da teoria quanto representar linguisticamente o fenômeno de, nas palavras de Ivir, o “mundo real” que é interpretado. Os trabalhos de Catford e de Ivir definem claramente o seu conceito ‘tradução’; para o primeiro, é a operação linguística de substituição e, para o segundo, o processo de transmissão de mensagem.

Contudo, é possível observar que a interpretação do fenômeno do “mundo real” chamado ‘tradução’ não está separada da formulação do conceito ‘tradução’ articulado dentro dos modelos. Nestes autores, a tradução é tanto o fenômeno do “mundo real” quanto o conceito teórico, que serve ora para explicar o que faz o tradutor, ora para o que investiga o analista. O Quadro 6.1, apresentado a seguir, traz exemplos da tradução concebida como fenômeno e como conceito em Catford e em Ivir.

Quadro 6.1
A tradução como fenômeno e conceito em Catford e Ivir.

| | | Exemplos | |
|-----------------------|-----------------|-------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Catford (1965) | Fenômeno | tradução plena | <i>Numa tradução plena, o texto inteiro é submetido ao processo de tradução (1980, p. 23).</i> |
| | | tradução parcial | <i>Numa tradução parcial, parte ou partes da LF não se traduz(em) (1980, p. 23).</i> |
| | | equivalência de tradução | <i>Aqui estamos interessados apenas na equivalência de tradução como fenômeno empírico (1980, p. 29).</i> |
| | | equivalente textual | <i>Um equivalente textual de tradução é, pois, qualquer forma da LM (texto ou porção de texto) que se observe ser o equivalente de determinada forma na LF (texto ou porção de texto). A descoberta de equivalentes textuais baseia-se no conhecimento de um informante ou tradutor bilíngue competente (1980, p. 29).</i> |
| | Conceito | tradução total (e tradução não limitada) | <i>Por tradução total entendemos o que mais habitualmente se entende por "tradução"; isto é, tradução em que todos os níveis do texto da LF se substituem por material da LM (1980, p. 24).</i> |
| | | tradução restrita (e tradução limitada à ordem) | <i>Por tradução restrita entendemos substituição de material textual da LF por material textual equivalente na LM, a apenas um nível (1980, p. 24).</i> |

| | | | |
|--------------------|-----------------|--------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | | correspondência formal | <i>um correspondente formal é qualquer categoria da LM que se possa dizer que, tão aproximadamente quanto possível, ocupa na economia da LM o “mesmo” lugar que a categoria considerada da LF ocupa na LF” (Catford, 1980, p. 35).</i> |
| | | equivalente textual | <i>Um equivalente textual de tradução é, pois, qualquer forma da LM (texto ou porção de texto) que se observe ser o equivalente de determinada forma na LF (texto ou porção de texto). A descoberta de equivalentes textuais baseia-se no conhecimento de um informante ou tradutor bilíngue competente (1980, p. 29).</i> |
| Ivir (1981) | Fenômeno | equivalência de tradução | <i>A equivalência de tradução não é vista como uma relação estática entre pares de textos em línguas diferentes, mas como o produto do processo dinâmico de comunicação entre o emissor da mensagem original e o receptor final, através do tradutor, da mensagem traduzida (p. 52).⁹⁶</i> |
| | | correspondência formal | <i>O par de elementos ligados pela correspondência formal constitui a base do triângulo da comunicação através da tradução e serve como a base para o estabelecimento da equivalência de tradução. O tradutor inicia a sua busca pela equivalência de tradução pela correspondência formal. É somente quando o correspondente formal de significado idêntico não está disponível, ou não consegue assegurar a equivalência que o tradutor recorre a outros correspondentes formais com o significado não-exatamente-idêntico, ou a mudanças estruturais e semânticas que destroem a correspondência formal por completo (p. 58).⁹⁷</i> |
| | | Tradutor | <i>O tradutor, mais especificamente, não parte direto do texto fonte rumo ao texto alvo. Ao contrário, ele vai do texto fonte na direção da configuração extralinguística que o emissor original procurou comunicar como sua mensagem (p. 52).⁹⁸</i> |

⁹⁶ (...) it sees translation equivalence not as a static relationship between pairs of texts in different languages but rather as a product of the dynamic process of communication between the sender of the original message and the ultimate receivers of the translated message via the translator, who is the receiver of the original message and the sender of the translated message. Messages are configurations of extralinguistic features communicated in a given situation.

⁹⁷ The contrastive pair of formal correspondence links forms the base of the triangle of communication by translation and serves as a basis for the establishment of translation equivalence. The translator begins his search for translation equivalence from formal correspondence, and it is only when the identical-meaning formal correspondent is either not available or not able to ensure equivalence that he resorts to formal correspondents with not-quite-identical meanings or to structural and semantic shifts which destroy formal correspondence altogether.

⁹⁸ The translator, in particular, does not proceed directly from the source text to the target text: rather, he goes from the source text back to that configuration of extralinguistic features which the original sender has tried to communicate as his message.

| | | | |
|-----------------|--|--------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | | Mensagem | <i>Segundo esta conceitualização, o que permanece constante (equivalente) não são os textos, mas sim as mensagens. É para as mensagens que os participantes se voltam em cada um dos passos do processo comunicativo (p. 52).⁹⁹</i> |
| Conceito | | correspondente formal | <i>Os correspondentes formais (para modificar a definição de Catford, apresentada anteriormente) seriam todos os elementos linguísticos isoláveis que ocupam posição idêntica (isto é, que servem como a expressão formal de unidades de significado idênticas) em seus respectivos textos (equivalentes em tradução) (p. 55).¹⁰⁰</i> |
| | | correspondência formal | <i>A correspondência formal é um termo usado na análise contrastiva, enquanto a equivalência de tradução pertence à metalinguagem da tradução (p. 52).</i> |
| | | equivalência de tradução | |

Ao definirem a tradução, Catford e Ivir assumem uma visão *ad hoc* tanto para a forma como a tradução acontece, quanto para o papel de cada elemento presente em suas propostas de modelar a tradução. Por exemplo, os elementos ‘texto original/fonte’, ‘texto traduzido/meta’, ‘equivalência’, ‘tradução’ e ‘tradutor’ não são explicados segundo a teoria que subjaz os modelos de tradução (a teoria hallidayana, no caso de Catford, e a teoria comunicativa, no caso de Ivir), mas são assumidos como conhecimento dado (i.e., nos modelos de Catford e Ivir não há uma explicitação das diferenças entre o que entendem por ‘texto original/fonte’, ‘texto traduzido/meta’, ‘equivalência’, ‘tradução’ e ‘tradutor’ que se destaca da visão do senso comum).¹⁰¹

Por conseguinte, os pressupostos formulados, igualmente, tornam-se assumidos, como é o caso da ‘equivalência de tradução’. Em Catford, a equivalência está calcada no significado de ‘**mesma**’ (mesma economia), e em Ivir no significado de ‘**idêntica**’ (unidades de significado idênticas), mas o teor da equivalência de ‘mesma’ ou de ‘idêntica’ não é explicado em termos teóricos. O que se teoriza sobre equivalência é apenas a forma como esta deve ser estabelecida na análise, visando propor uma metodologia mais objetiva.

⁹⁹ Under this view, what is held constant (i.e., equivalent) are not texts but rather messages, and it is messages that the participants return to at every step in the process of communication.

¹⁰⁰ Formal correspondents – to modify Catford's definition given above -would be all those isolable elements of linguistic form which occupy identical positions (i.e., serve as formal carriers of identical units of meaning) in their respective (translationally equivalent) texts.

¹⁰¹ Dicionário Aurélio – Século XXI, entrada ‘traduzir’:

Definição 1. transpor, trasladar de uma língua para outra (cf. Ivir: processo de transmissão).

Definição 4. trasladar de uma língua para outra; verter (cf. Catford: trabalho de substituição).

Esta concepção prévia dos conceitos importantes para a teoria de tradução se reflete tanto na forma metafórica como estes autores os definem (tradução = substituição; tradução = transmissão), quanto na não-separação entre o fenômeno “real” e o conceito teórico. Em decorrência disto, ela gera, mais adiante, problemas para o desenvolvimento do próprio modelo, como por exemplo:

- (a) a incapacidade de produzir um modelo de avaliação em tradução que não seja baseado em valores subjetivos;
- (b) a falta de compreensão do tradutor como um produtor de significado, como uma pessoa socializada em uma comunidade discursiva, que passou por um processo de aprendizado de produção de significado (às vezes mais complexo e mais rico que aqueles do ‘emissor do texto original’ e dos ‘receptores do texto alvo’), e não como um simples transmissor; um mensageiro.
- (c) a impossibilidade de o texto ‘traduzido’, neste tipo de modelo, poder ser analisado em si próprio, pois sempre se referencia ao texto ‘original’, uma vez que a existência do texto traduzido está condicionada à existência do texto ‘original’ por meio dos elos de correspondência e equivalência;
- (d) a incapacidade de prescindir, apesar do estabelecimento *ad hoc* do conceito ‘tradução’, do *tertium comparationis*, que sempre escapa às metáforas de substituição e transmissão.
- (e) a impossibilidade de se lidar com o fato de as línguas produzirem significados diferentes até na ordem mais baixa da gramática (por exemplo, na morfologia), e não apenas nos níveis complexos, como a organização textual, ou a organização das diferentes culturas.

Catford (1980, p.29) afirma que “*cada língua é em última análise sui generis – definindo-se as suas categorias segundo as relações que se mantêm dentro da própria língua*”. Ivir (1981, p. 57), ao analisar a relação entre o inglês e o serbo-croata, afirma: “*o que importa é que o significado não é exatamente o mesmo, porque a expressão de uma determinada mensagem em inglês revela algum aspecto do mundo real que o serbo-croata não revela*”¹⁰². Apesar de identificar algum nível de “originalidade” no texto traduzido, Catford e Ivir nomeiam ocorrências nas quais “o significado não é exatamente o mesmo” com o rótulo de ‘mudança’. No entanto, a mudança se encontraria fora do escopo da análise da tradução; i.e., a mudança de tradução não é explicada com relação ao texto original, mas sim a partir da relação entre a unidade traduzida e a língua meta.

¹⁰² What does matter is that the meaning is not quite the same, because in expressing this particular message English reveals an aspect of the real world which Serbo-Croatian does not.

Igualmente, do ponto de vista da conceituação dos tipos de contato linguístico, Matthiessen *et al.* (2008), em grande medida, adotam as concepções de outros autores sobre o que são os tipos de contatos linguísticos e como acontecem. Isto se deve, principalmente, ao fato de estes autores, pelo mesmo modo, não estabelecerem uma separação clara entre a tradução enquanto fenômeno e a tradução enquanto conceito. Daí decorre o fato de a tradução ser definida teoricamente como a versão mais instancial da linguística contrastiva e da tipologia. Ao compararem um texto em inglês e sua tradução para o francês, Matthiessen *et al.* (2008) afirmam:

A partir dos exemplos apresentados no Quadro 6.3, como já era esperado, é claro que as diferenças instanciais nas escolhas dos sistemas interpessoais acontecem no curso da tradução. Uma questão interessante, relacionada diretamente à coerência dos estudos multilíngues enquanto um campo disciplinar unificado, seria se estas diferenças são puramente instanciais ou se elas refletem diferenças mais sistêmicas. Sem dúvida, quando examinam-se textos paralelos, será encontrada uma mistura das diferenças que vai desde as ocorrências totalmente instanciais até aquelas que são sistêmicas, incluindo as diferenças que são sub-sistêmicas, ou seja, restritas a determinados registros.¹⁰³

Como se vê nesta passagem, que faz parte da análise de um par de textos em relação de tradução (textos paralelos), para os autores, a relação entre tradução e contraste se dá somente pelo ponto de entrada na dimensão da instanciação.

Para Matthiessen *et al.* a tradução só se separa dos outros tipos de contato linguístico quanto à metodologia e objetivo da pesquisa, mas não quanto à porção da realidade que tenta explicar. Assim, se por um lado Catford e Ivir necessitam de lançar mão de conceitos como ‘tradução’, ‘texto original’, ‘equivalência’, ou ‘*tertium comparationis*’ e o fazem a partir de conhecimento dado, Matthiessen *et al.* não se preocupam em lidar com questões que são prementes para o estudo específico da tradução. É muito importante que a tradução seja estudada dentro de um escopo mais amplo do contato linguístico, mas, talvez pudesse ser importante que esta inclusão não se desse pelo seu apagamento.

* * * * *

¹⁰³ From the examples in Table 6.3, it is clear – and not unexpected – that instancial differences in the selections within interpersonal systems occur in the course of translation. One interesting issue that relates directly to the coherence of multilingual studies as a unified field of research is whether such differences are purely instancial or reflect more systemic differences. When we examine parallel texts, we will no doubt find a mixture of differences that range from purely instancial ones to systemic ones – including differences that are sub-systemic ones, i.e., confined to particular registers.

Diante destas observações, esta tese permite elucidar as propostas de Catford, Ivir e Matthiessen *et al.* como sendo mais aplicáveis aos estudos contrastivos do que à tradução propriamente dita.

Esta elucidação se apoia: primeiramente, no fato de que elementos envolvidos na tradução, tais como o tradutor, o processo de tradução, texto fonte e texto alvo, equivalência, *tertium comparationis*, não são articulados como conceitos dentro dos modelos de tradução, mas sim são pressupostos como dados. Em segundo lugar, a necessidade de relacionar a tradução com os outros tipos de contato linguístico não revela muito de particular sobre a tradução, salvo pela inserção de elementos que a ela são específicos (como o tradutor e o texto original), o que, como foi dito, não se dá unicamente pela via da formulação teórica.

Nesta tese, adota-se a visão sistêmico-funcional da tradução – embasada na teoria sistêmico-funcional – como forma de contribuir para uma maior elucidação destas questões. A próxima seção dá início à esta contribuição apresentando a relação entre a descrição linguística e os estudos multilíngues.

2.2 Descrição linguística e os estudos multilíngues

A pesquisa sobre tradução na visão sistêmico-funcional carece da descrição, em termos sistêmicos, das línguas entre as quais se dá a tradução. A descrição que é objeto desta tese, está pautada pela teoria geral de descrição (Halliday, 2002, entre outros), que parte de categorias teóricas capazes de servir como base para a formulação e a aplicação de categorias descritivas particulares ao sistema que se descreve. Uma maior ênfase é dedicada à matriz de função-ordem (funções dos sistemas de TEMA, MODO e TRANSITIVIDADE; ordem da oração), objeto desta tese, bem como à importância da descrição desta matriz para futuros estudos da tradução.

Halliday (2002) constata que a descrição de um item só pode fazer sentido quando articulada com a organização geral do sistema. Uma consequência deste fato é que a compreensão da descrição de um aspecto do item só passa a fazer sentido quando somada às descrições dos outros aspectos. Por exemplo, na descrição de um item ao longo do contínuo de delicadeza (as opções sucessivamente mais específicas dentro de um sistema), a descrição do nível mais delicado só se torna compreensível quando pode ser somada à descrição do nível mais indelicado.

Assim, quanto maior for a capacidade de uma descrição, maior será sua abrangência em relação ao sistema. Neste sentido, a maior capacidade de descrição depende de um ponto de partida amplo no sistema. Como consequência, a opção por um ambiente de descrição mais

amplo que, ainda assim, seja restrito, não é capaz de articular descrições parciais na organização do sistema como um todo.

No que tange à tradução, devido ao fato de a língua criar contexto (cf. Halliday, 1978) e de tanto o potencial quanto o texto não serem fenômenos separados, mas manifestações de um mesmo fenômeno (cf. Halliday, 2003), é possível vislumbrar o estudo da tradução para além da comparação entre duas instâncias textuais específicas (o texto fonte e o texto alvo).

Tradicionalmente, grande parte dos estudos da tradução são entendidos como um tipo de linguística contrastiva entre textos (cf. Munday, 1998; Malmkjær, 2005), como é o caso dos trabalhos de Catford, Ivir e Matthiessen *et al.* Contudo, Halliday (2003) afirma que instância e sistema não são fenômenos linguísticos distintos, mas manifestações distintas de um mesmo processo, de produção de significado. Com isto, todo estudo contrastivo, incluindo a tradução, implica em algum grau de contraste tipológico.

Por um lado, a necessidade de incluir o contraste tipológico como parte da tradução (devido ao processo de instanciação) pode levar a ideias como a de Matthiessen (2001), na qual esse autor afirma que as diferenças entre estes campos disciplinares (estudos da tradução e tipologia) se dão menos no objeto de sua investigação e mais na forma como observam o mesmo objeto. Em outras palavras, o estudo da tradução comumente se diferencia da tipologia pelo número de línguas tradicionalmente investigado, ou pelo fato de os textos estarem mais próximos ao pólo da instanciação.

Por outro lado, contudo, cabe aqui sugerir uma outra possibilidade de entender estas análises. Quando o registro é examinado a partir do pólo do potencial, é entendido como um subsistema (cf. Halliday, 2003, capítulo 12; Halliday e Matthiessen, 2004, capítulo 1), uma vez que inclui um determinado número de sistemas que por um lado é mais reduzido que o número total de sistemas de todo o potencial e, por outro lado, seus sistemas são específicos a um contexto de situação. Por conseguinte, seria possível entender a instância textual como um “sub-subsistema”, com um número mais restrito ainda de sistemas que o registro, dentro de um contexto mais restrito que o contexto de situação, que seria o contexto específico de produção de cada texto (cf. Matthiessen, 1995, para o conceito de ‘sistemas instanciais’). Desta forma, o contraste entre textos poderia, de outra forma, ser abordado desde o potencial do contínuo da instanciação.

Um passo importante nesta direção foi dado pelo desenvolvimento das pesquisas em tradução de base sistêmico-funcional. Estas se revelam bem-sucedidas ao explicar a produção de significado por meio da tradução do ponto de vista da instanciação (Teich, 1999, 2001, 2003; Steiner, 2001, 2005). Estes estudos conseguiram localizar a tradução no contínuo da

instanciação e a incluíram em outros tipos de relação entre sistemas, tais como a tipologia contrastiva e a variação de registro. Diferentemente de outras abordagens linguísticas da tradução, estes trabalhos procuraram precisar até onde um estudo da tradução pode “subir” no contínuo da instanciação, bem como buscar os recursos tipológicos que poderiam aumentar a riqueza da análise.

Neste ponto é possível perceber que o modelo de tradução não se restringe apenas ao contato entre textos, mas envolve um grau maior de abstração na direção do potencial do sistema linguístico. Como foi apontado anteriormente, é precisamente a falta desta ampliação que limita o escopo das ponderações de Catford e Ivir, tornando-os restritos a operações entre as unidades encontradas no texto, sem poder se referir às línguas como um todo. Já no caso de Matthiessen *et al.* parece ter sido uma escolha destes autores delimitar a tradução às unidades encontradas no texto, reservando as relações de maior abstração na direção do potencial para os estudos de linguística contrastiva e de tipologia.

Uma preocupação fundamental das pesquisas em tradução de base sistêmico-funcional é se pautar pela descrição (Teich, 1999) para assim se produzirem interpretações de “alto nível” (Steiner, 2002) sobre a tradução. Diante disto, um passo necessário para se alcançar este objetivo – basear a tradução na descrição – é relacionar a dimensão da instanciação à dimensão do sistema (eixo paradigmático). Esta tese propõe uma das formas de se relacionar estas duas dimensões como sendo a seguinte (cf. Halliday e Matthiessen, 2004): o pólo do potencial no contínuo de instanciação se relaciona aos sistemas mais gerais; o “meio” do contínuo – os registros – se relaciona aos sistemas mais específicos; e o pólo da instância se relaciona às opções escolhidas na ponta mais delicada dos sistemas (ver Figura 6.2).

Se a noção de texto como “sub-sistema”, tal como sugerido acima, for acrescentada a este modelo, então, à pergunta “como um modelo de tradução se relaciona com outras formas de contato linguístico, tais como a linguística contrastiva e a tipologia?” podem se somar outras duas, a esta complementares: “até aonde deve ‘descer’ um estudo da tradução no contínuo da instanciação?” e “até que ponto um texto pode ser sub-sistêmico?”. Além disto, quando a relação entre a instanciação e o sistema é considerada, faz-se importante também perguntar: “em que medida a análise de um texto não é apenas a análise tipológica mais delicada?” e “em que difere a natureza da tradução em relação a esta análise tipológica mais delicada?”.

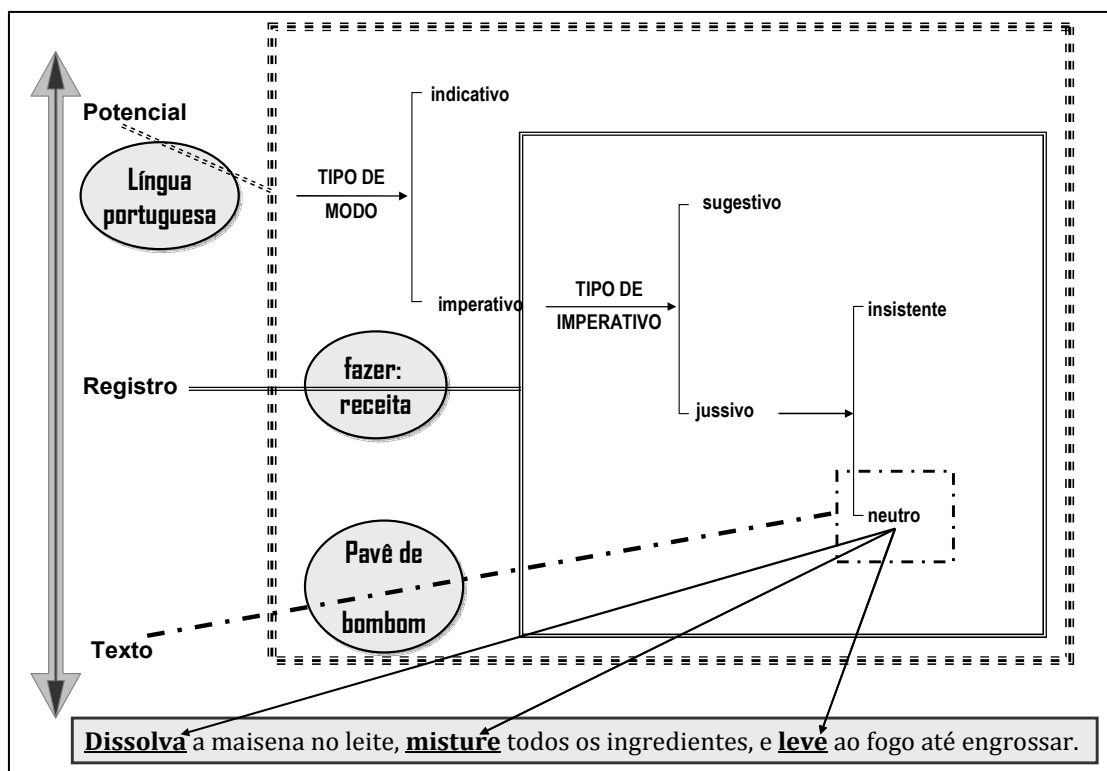


FIGURA 6.2 – Instanciação e eixo paradigmático.

Neste momento, para que estas perguntas sejam respondidas, ou mesmo para que sejam feitas, cumpre destacar o papel fundamental da descrição do potencial linguístico para que as análises de contraste e de tradução ocorram. Igualmente, é importante compreender como estas duas dimensões se relacionam com a estratificação, uma vez que é no estrato gramatical que os recursos se apresentam para a produção dos textos.

Isto significa que é necessário compreender quais n-estratos do sistema se relacionam com os n-estratos do sistema em outra língua, bem como estas relações acontecem, em face à descrição destes estratos. Dependendo da variação na realização de determinado significado, pode-se perguntar se estas relações se dariam por analogia contextual (mudança em tradução)? Por “equivalência funcional” semântica? Por agnação na gramática (correspondência formal)? Por similaridade fonológica/grafológica? A figura 6.3 a seguir traz um exemplo retirado de um *website* multilíngue (francês, espanhol, inglês, holandês, alemão) de turismo sobre a cidade de Porto Alegre.

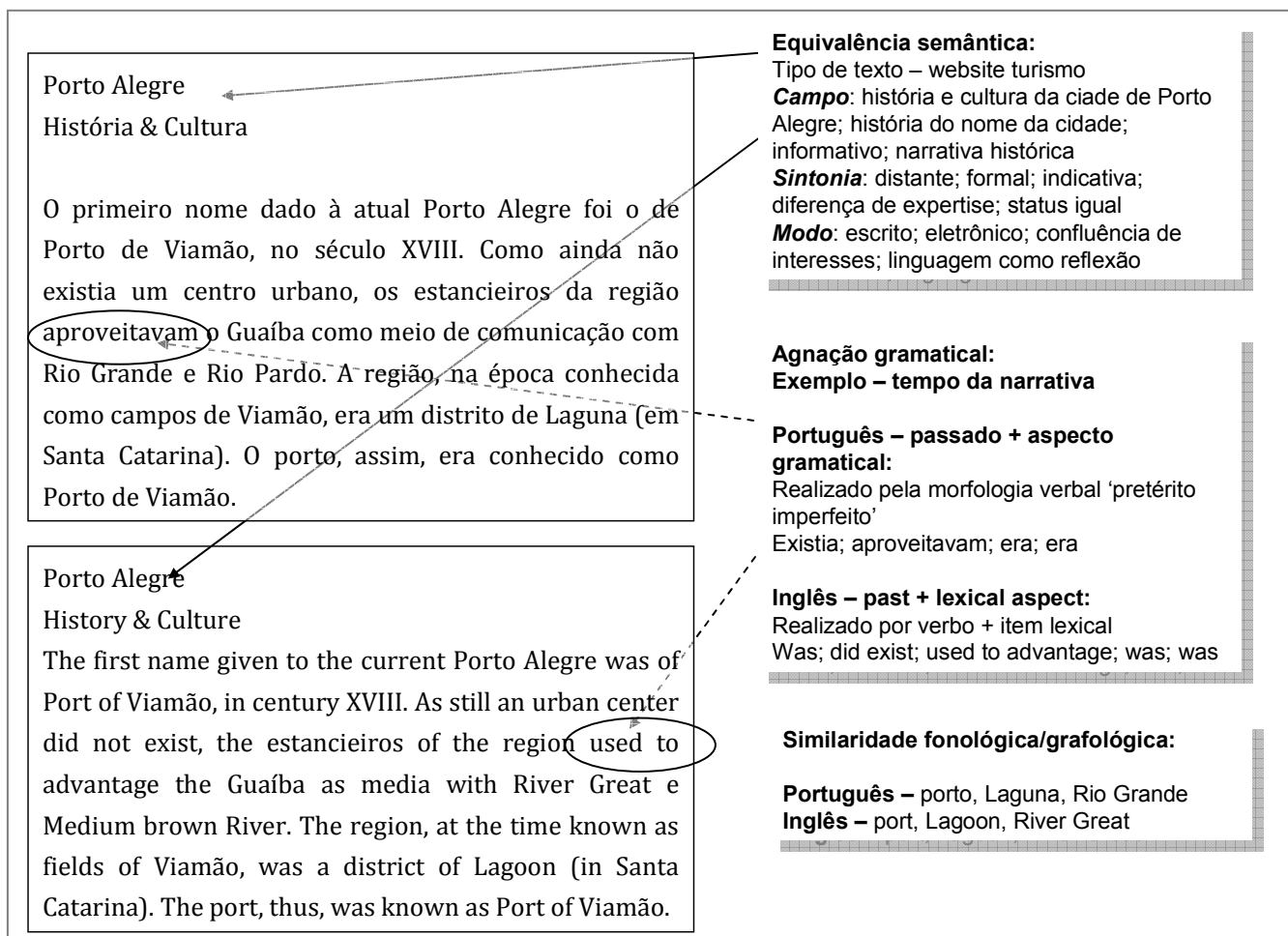


FIGURA 6.3 – Equivalência semântica, agnação gramatical e similaridade fonológica no texto 'Porto Alegre'.

Devido ao fato de a gramática ser a maior fonte de construção de significado no sistema linguístico (Halliday, 1978; 2002), mais importante ainda para os estudos multilíngues seria perguntar: quão delicada deveria ser uma descrição para que pudesse explicar como a gramática em determinada instância – ou instâncias – quer relacionadas pelo contraste, quer relacionadas pela tradução, opera para produzir significado? Até que ponto seria necessário ser delicado na descrição para que as instâncias possam ser analisadas do ponto de vista da tradução (ver Figura 6.4 e o texto 6.1, apresentado a seguir, que foi analisado na tese e que serviu para construir a descrição)?

TEXTO 6.1:

Pavê de bombom

*Creme: **Dissolva** a maisena no leite, misture todos os ingredientes, e leve ao fogo até engrossar.*

Claras: bata as claras em ponto de neve. Coloque o açúcar aos poucos, continue batendo. Misture o creme de leite às claras, delicadamente.

Montagem: molhe os biscoitos no licor (Eu coloquei água para não ficar muito forte). Arrume os biscoitos no fundo do refratário, coloque o creme, mais biscoitos e mais uma camada de creme. Coloque a mistura de claras por cima, e salpique com os bombons picados.

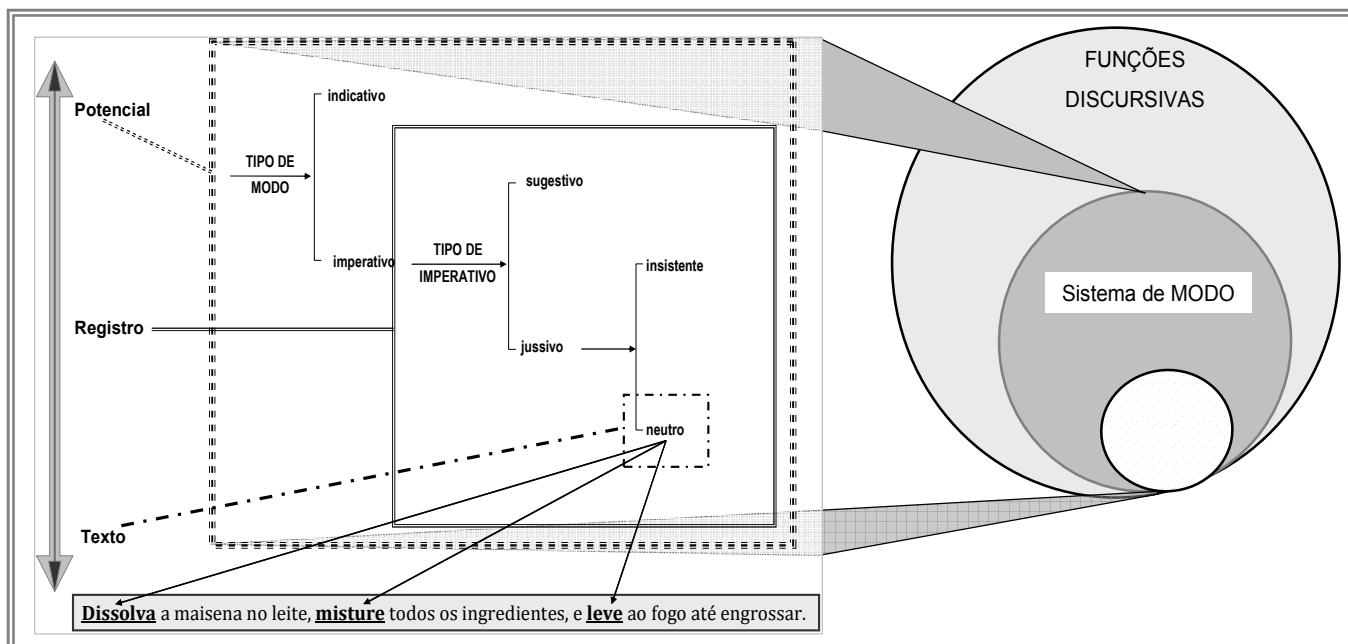


FIGURA 6.4 – Instanciação, eixo paradigmático e estratificação (estrato gramatical).

2.3 A representação gramatical da tradução como um passo natural em direção à teorização da tradução

Como foi dito anteriormente, um possível problema para os modelos de tradução seria tomar como dado elementos do modelo que deveriam ser formulados como conceitos teóricos, tal como é o caso da ‘tradução’, ‘equivalência’, ‘idêntico’, ‘tradutor’, entre outros.

Um trabalho importante que ajuda a compreender este movimento pode ser visto no capítulo de Matthiessen escrito em 2001 intitulado ‘Environments of translation’. Neste capítulo sobre os ambientes da tradução, Matthiessen (2001) desenvolve uma ideia fundamental sobre a forma como a tradução é concebida dentro da gramática experiencial na condição de representação da tradução no mundo.

Ao examinar as ocorrências do lema ‘transl*’ no Córpus LOB (Lancaster-Oslo/Bergen) (Matthiessen, 2001, p. 43), o autor constatou que: “*a lexicogramática do inglês oferece, portanto, dois modelos complementares da tradução – um ‘material’ enquanto fazer; como transformação ou conversão. Outro ‘relacional’ como ser; como designação de significado*” (Matthiessen, 2001, p. 47). Por conseguinte, a forma como a tradução é representada na gramática (e a forma como nós, falantes, a experienciamos) produz impacto na forma como a tradução é teorizada – tanto pelo senso comum quanto pelo conhecimento especializado – o que determina, em certa medida, a forma como se pesquisa a tradução.

É interessante observar que esta complementaridade pode ser vista no próprio desenvolvimento dos estudos da tradução: nos estudos de processo a tradução é construída materialmente, como “eu traduzo”; nos estudos de produto a tradução é construída relacionalmente, como “x é a tradução de y” (Matthiessen, 2001).

Os estudos sistêmico-funcionais da tradução não são exceção neste cenário. Alguns estudos são mais voltados para a perspectiva material (como, por exemplo, Halliday, 2001) ao passo que outros vão ao encontro da perspectiva relacional (como, por exemplo, Steiner, 2001); há ainda outros que se localizam em algum ponto intermediário, buscando exatamente evidenciar esta complementaridade (como por exemplo Catford, 1965). Contudo, apesar de todos observarem a necessidade de um modelo teórico para a tradução, a visão do senso comum parece estar presente sem que sobre ela se faça uma reflexão mais aprofundada.

De certa forma, parece ser difícil contemplar ambas as representações dentro do modelo de uma só teoria (o tipo (iii) dos estudos da tradução apontados por Malmkjær, 2005). Isto porque a teoria deve lidar com questões complexas, que vão desde o estudo da influência da consciência (Edelman, 2004) superior no processo de tradução até questões sociais e de mercado (Lefevere, 1992).

Neste sentido, como foi dito, a tradução é entendida nesta tese (seguindo a concepção de Matthiessen, 2001) como sendo uma relação entre sistemas semióticos superiores – isto é, línguas capazes de não só transmitir, mas criar significados – que merece a mesma complexidade de estudos como aqueles apontados por Halliday (1978, p. 11) para a linguagem em geral (ver Figura 6.5).

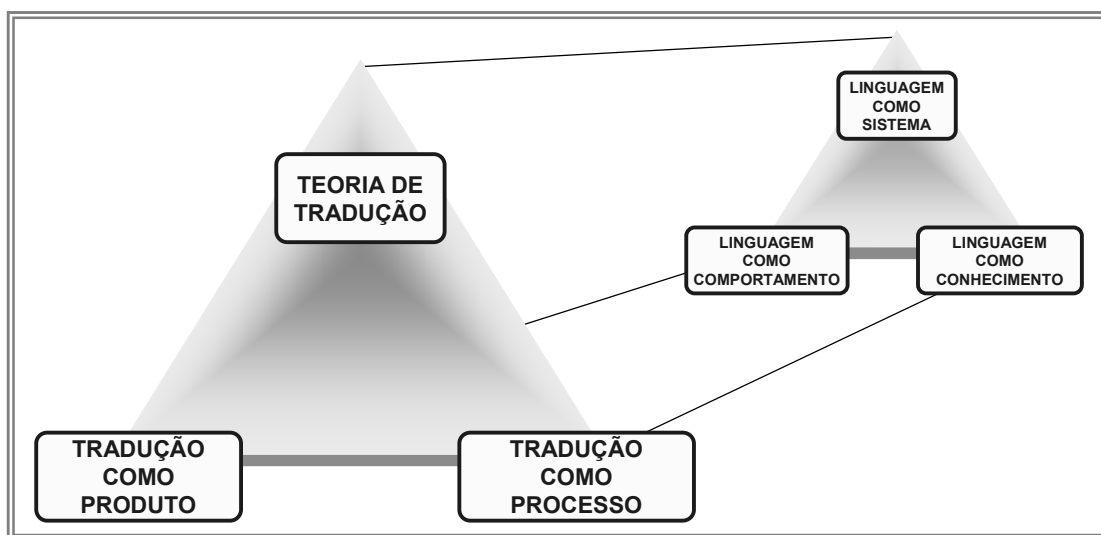


FIGURA 6.5 – Tradução como produto, processo e teoria.

O Quadro 6.2, apresentado a seguir, traz algumas implicações para os dois modelos complementares de se abordar a tradução. Nele são apresentados alguns pontos que podem contribuir para a complementaridade entre os dois modelos.

QUADRO 6.2

Alguns aspectos materiais e relacionais na teorização sistêmico-funcional de tradução.

| MODELO DE TRADUÇÃO | | | |
|---------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------|--|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | Material | | relacional |
| 1 | Recriação de significado | | Criação de significado |
| 2 | Fenômeno empiricamente observado | | Relação criada na comunidade de falantes |
| 3 | A pesquisa se relaciona mais proximamente ao processo de tradução | | A pesquisa se relaciona mais proximamente ao produto da tradução |
| 4 | Um processo de três fases: Texto Fonte-Processamento cognitivo- Texto Alvo | | Dois processos: Produção de um texto na língua X; Produção de um texto na língua Y |
| 5 | O falante é concebido como tradutor que faz escolhas | | O texto é entendido como uma unidade de significado fruto dos condicionamentos sistêmicos (de registro; de gramática; de contexto; etc.) |
| 6 | Contraste com o texto fonte | | Contraste com o potencial de significado |
| 7 | O texto X é a fonte para o texto Y | | O texto X é uma das fontes para o texto Y |
| 8 | Os contextos de situação são comparáveis | | O contexto é exclusivo do texto Y |
| 9 | A tradução é um registro | | A tradução se localiza em toda parte do sistema |
| 10 | Ensino de tradutores | | Ensino de produção textual |
| 11 | Os problemas de tradução são problemas de conhecimento (cujas soluções podem ser ensinadas) | | Os problemas de tradução são problemas do potencial de significação (que pode ser expandido) |
| 12 | A tradução é vista como transferência | | A tradução é vista como uma relação de identidade Símbolo / Valor |
| 13 | Os problemas são vistos como erro de tradução | | Contínuo de instâncias possíveis e disponíveis |
| 14 | Adapta-se ao sistema | | Coloca pressão sobre o sistema |
| 15 | <i>Tertium Comparationis</i> | | Sistema de realização Y : X |
| 16 | Teoria de uma boa tradução | | Formas agnatas disponíveis e escolhidas |
| 17 | Avaliação da tradução | | Análise textual e análise do discurso |
| 18 | Redes de sistema multilíngues | | Redes de sistema contrastáveis |
| 19 | Negociação de valor (tradução eficiente, produtiva, boa, ruim, etc.) | | Validação (status igual para todos os textos) |
| 20 | Expertise em tradução | | Expansão do potencial coletivo de |

| | | |
|----|-----------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------|
| | | produção de significado |
| 21 | O conceito de 'tradução' é pressuposto – tomado como dado | O conceito de 'tradução' é exploratório – questionado de forma crítica |
| 22 | Entendimento e metaforização | Interpretação |
| 23 | Orientado para a solução de problemas | Orientado para a produção textual |
| 24 | Necessita de descrições | Necessita de descrições |
| 25 | Potencial para empregar resultados de estudos multilíngue | Potencial para empregar resultados de estudos multilíngue |

2.4 Contrastes tipológicos

Ao ser relacionada à tradução, a descrição linguística pressupõe o seguinte entendimento do conceito 'multilíngue': este é visto do ponto de vista da produção de um texto específico (uma macro-unidade de significado) e que, portanto, abre espaço para se encontrarem produções funcionalmente equivalentes desde que sejam observados critérios formais (Catford, 1965; Matthiessen, 2001) a saber, aqueles que deram origem à própria descrição.

A noção de tradução para a teoria sistêmico-funcional é, em grande medida, baseada nos ensaios de Catford (1965), os quais estabelecem a possibilidade de se encontrar correspondência probabilística relacionável entre os elementos dos sistemas linguísticos. Com isto, promove-se, mediante uma lista de todas as correspondências probabilísticas, estabelecer por um lado as variações de registro e por outro o contraste tipológico entre os recursos das línguas.

Catford (1965) conceitualiza a tradução como uma forma de se compreender como as línguas operam nas diferentes ordens e estratos, nos casos em que seria possível manter ou substituir elementos textuais na língua alvo. O entendimento das operações linguísticas que a tradução envolve seria uma ferramenta necessária para se construir um banco de dados (conjunto de generalizações advindo das análises) capaz de oferecer as opções de tradução segundo as diferentes probabilidades.

Contudo, pensar em probabilidades implica em entender a tradução como um tipo particular de estudo multilíngue. Portanto, cabe neste momento explicitar as formas como o contraste pode acontecer, de modo a verificar a pertinência de se estudar a tradução em si própria.

No caso dos estudos tipológicos, estes podem ser agrupados basicamente de duas formas: tipologia de contraste estático e tipologia de contraste equivalente. A tipologia de contraste estático se refere ao contraste entre recursos linguísticos com base em uma mesma

teoria base, fruto de uma descrição que segue os mesmos passos metodológicos. No caso específico da tradução, este tipo de contraste se associa à ‘correspondência formal’ de Catford (1965). Aqui se verificam quais categorias, características e funções que estão presentes em uma língua, mas que podem estar ou não presentes em outra. Por exemplo, Halliday e Matthiessen (2009) fazem a comparação entre os sistemas de MODO em chinês, inglês e japonês:

No ponto menos delicado da gramática, tanto o chinês, quanto o inglês e o japonês possuem sistemas de MODO semelhantes. Todos distinguem orações indicativas das imperativas e, no universo das indicativas, declarativas e interrogativas, sendo que estas últimas ainda possuem dois subtipos, um para interrogar sobre elementos faltantes e a outra para interrogar sobre a polaridade. O quadro abaixo traz exemplos destas configurações:

| | | | Chinês | inglês | Japonês |
|------|-----------|-------|---------------------------------------|---------------------------------------|----------------------------------------------|
| ind. | decl. | | Tailang shang xue qu | <u>Taro is going</u> to school | Taroo wa gakkoo e <u>ikimasu.</u> |
| | interrog. | elem. | Tailang dao nali qu? | Where is <u>Taro going?</u> | Taroo wa doko e <u>ikimasu ka?</u> |
| | | polar | Tailang shang xue qu ma? | <u>Is Taro</u> going to school? | Taroo wa gakkoo e <u>ikimasu ka?</u> |
| imp. | | | Shang xue qu! | <u>Go</u> to school! | Gakkoo e <u>ike!</u> |

Porém, apesar de os três sistemas de MODO se mostrarem congruentes até o ponto na delicadeza apresentado no quadro, estes se diferenciam em regiões mais delicadas. Por exemplo, em chinês mandarim, as interrogativas polares se diferenciam ainda mais conforme a expectativa do falante no que diz respeito à polaridade da proposição: estas podem ser tendenciosas (positiva ou negativamente) ou neutras. Por exemplo, ‘você quer?’, com tendência positiva, ‘ni yao ma?’, tendência negativa ‘ni buyao ma?’, ou neutra, ‘ni yao buyao?’. Já o inglês possui apenas as formas de tendência, a positiva (semanticamente neutra) ‘did you see him?’, negativa (semanticamente tendência positiva) ‘didn’t you see him?’. Em inglês não há a forma neutra, salvo a forma extremamente marcada ‘did you see him or not?’ (p. 48-49).¹⁰⁴

¹⁰⁴ At the least delicate end of the grammar, Chinese, English, and Japanese have similar MOOD systems. All three distinguish 'indicative' vs. 'imperative' clauses, and within the former, 'declarative' vs. 'interrogative', with one interrogative subtype for querying elements and another for querying polarity. Examples are tabulated below:

But while the three MOOD systems are congruent up to the point in delicacy shown in the table above, they also differ from one another in more delicate terms. For instance, in (Mandarin) Chinese, 'polar' interrogatives are further differentiated according to the speaker's expectation regarding the polarity of the proposition: they are biased (positive or negative) or unbiased; e.g. 'Do you want it?', positive bias *Ni yao ma?*, negative bias *Ni buyao ma?*, unbiased *Ni yao buyao?*. English has only the biased forms: positive (semantically neutral) *did you see him?*; negative (semantically, positive bias) *didn't you see him?* English has no unbiased form, other than the highly marked (peremptory) *did you see him or not?*

Por sua vez, a tipologia de contraste equivalente implica no fato de uma categoria de uma língua operar funcionalmente de forma equivalente na outra. Apesar de este tipo de contraste ter como base a descrição gramatical, os dados gerados não dependem somente desta, uma vez que a busca pela equivalência na funcionalidade carece de análises textuais e de discurso por um lado, bem como de bancos de dados de probabilidades por outro (o informante bilíngue de Catford). Ao explicar este tipo de contraste para a tradução, Catford (1980) o entende como ‘equivalência textual’ e afirma:

3.1 Deve-se fazer uma distinção adicional entre equivalência textual e correspondência formal. Um equivalente textual é qualquer texto ou porção de texto da LM que, pelos métodos abaixo descritos, se observe ser numa ocasião específica o equivalente de determinado texto ou porção de texto da LF. Por outro lado, um correspondente formal é qualquer categoria da LM (unidade, classe, estrutura, elemento de estrutura, etc.) que se possa dizer que ocupa, tanto quanto possível, na “economia” da LM o “mesmo” lugar que determinada categoria da LF ocupa na LF. Como cada língua é em última análise *sui generis* – definido-se as duas categorias segundo as relações que se mantêm dentro da própria língua -, é claro que a correspondência formal é quase sempre aproximada.

3.2 Um equivalente textual de tradução é, pois, qualquer forma da LM (texto ou porção de texto) que se observe ser o equivalente de determinada forma da LF (texto ou porção de texto) (p. 29).

É por conta destes dois tipos de contraste – estático e equivalente – que se sugeriu anteriormente que os modelos de Catford, Ivir e Matthiessen funcionariam melhor para os estudos contrastivos do que para a tradução. Diferentemente desta conceitualização, o estudo da tradução se torna estudo multilíngue levando em conta não apenas a comparação entre textos, mas, livre no contínuo de instanciação, entre sistemas dentro das línguas.

Um exemplo de estudos contrastivos – que não incluem a tradução – feitos a partir desta perspectiva pode ser encontrado em Pagano e Figueredo (2011), no qual os autores contrastam o potencial das línguas espanhola e portuguesa aplicado à gramática que constrói a experiência de dor.

Tanto o sistema linguístico do português brasileiro, quanto o sistema linguístico do espanhol possuem no sistema de TIPO DE PROCESSO as opções Material e Mental. Em ambas as línguas, os Processos Materiais podem ser Material: Fazer e Material: Ocorrer, assim como os Processos Mentais podem ser Mental: Cognitivo, Mental: Emotivo, etc.

Nesse trabalho, Pagano e Figueredo (2011) apontam que, quando a dor é representada por processos, o que se vê é um emprego mais frequente de processos mentais emotivos em espanhol, ao passo que em português brasileiro quase não há representação significativa por

processos. Quando há, são os processos materiais de acontecer os mais frequentes. Isto pode ser visto nas tabelas apresentadas a seguir.

TABELA 6.1
Ocorrências do lema ‘dor’ em português
Fonte: Pagano e Figueredo (2011).

| <i>Função</i> | <i>Número de ocorrências</i> | <i>Frequência relativa quanto ao número de ocorrências</i> | <i>Frequência relativa quanto ao número total de itens para a língua</i> |
|---------------|------------------------------|------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------|
| Participante | 177 | 98,88% | 1,48% |
| Processo | 2 | 1,12% | 0,01% |
| Total | 179 | 100% | 1,49% |

TABELA 6.2
‘Dor’ como participante pleno na estrutura de transitividade em português
Fonte: Pagano e Figueredo (2011).

| <i>Tipo de participante segundo o processo</i> | <i>Número de ocorrências</i> | <i>Frequência relativa quanto ao número de ocorrências</i> | <i>Frequência relativa quanto ao número total de itens para a língua</i> |
|------------------------------------------------|------------------------------|------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------|
| Material | 73 | 49,33% | 0,61% |
| Relacional | 55 | 37,16% | 0,46% |
| Mental | 18 | 12,16% | 0,15% |
| Existencial | 2 | 1,35% | 0,02% |
| Total | 148 | 100% | 1,24% |

A Tabela 6.1 mostra que em português, a grande maioria das ocorrências de dor (177 ocorrências; 98,88%) acontecem tendo a dor como Participante. Apenas em 2 ocorrências (1,35%), a dor é representada como Processo. Por exemplo:

- (1) *Eu nunca tive dor de cabeça... sempre via as pessoas se queixando mas nunca entendia como era ter uma dor de cabeça... no natal de 2003 tive uma crise tão forte que perdi o sentido de locomoção, nunca havia sentido uma dor igual.*
- (2) *Uma dica boa é trocar ideia com a galera que escala a mais tempo, mostrar aonde e como que dói.*

Dentre estas 177 ocorrências, em 73 (49,33%) a dor é um Participante de Processo Material, como em:

(3) *Não se preocupe, a dor vai passar logo.*

Em espanhol, a representação da dor é diferente.

TABELA 6.3
Ocorrências do lema ‘*dolor*’ em espanhol
Fonte: Pagano e Figueredo (2011).

| <i>Função</i> | <i>Número de ocorrências</i> | <i>Frequência relativa quanto ao número de ocorrências</i> | <i>Frequência relativa quanto ao número total de itens para a língua</i> |
|---------------|------------------------------|------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------|
| Participante | 123 | 76,40% | 1,03% |
| Processo | 38 | 23,60% | 0,32% |
| Total | 161 | 100% | 1,35% |

TABELA 6.4
‘*Dolor*’ como processo em espanhol
Fonte: Pagano e Figueredo (2011).

| <i>Tipo de processo</i> | <i>Número de ocorrências</i> | <i>Frequência relativa quanto ao número de ocorrências</i> | <i>Frequência relativa quanto ao número total de itens para a língua</i> |
|-------------------------|------------------------------|------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------|
| Mental | 30 | 78,95% | 0,25% |
| Material | 8 | 21,05% | 0,07% |
| Total | 38 | 100% | 0,32% |

A dor como Processo tem frequência relativa maior (23,60%), além de a maioria das ocorrências ser de Processo Mental (78,95%), e não de Processo Material (21,05)%. Por exemplo:

(4) *Al comienzo me dolían los empeines externos*

(5) *¿Le duelen las mandíbulas después de comer?*

Assim, apesar de ambas as línguas, sob o contraste estático, possuírem os mesmos recursos (Processos Mentais: Emotivos e Processos Materiais: Ocorrer), o que se observa não é a correspondência entre as funções, mas, como previra Catford (1965), a equivalência (ver Figura 6.6).

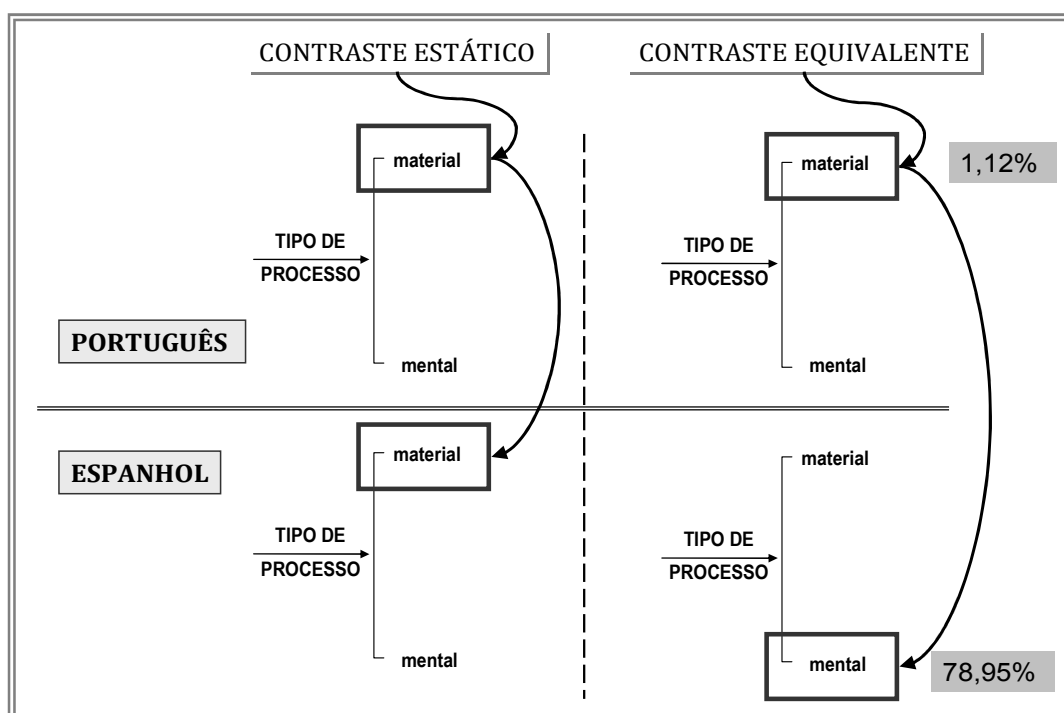


FIGURA 6.6 – Contraste estático e equivalente para a gramática da dor em português e espanhol.

Contudo, os contrastes estático e equivalente, apesar de contribuírem substancialmente para a compreensão da tradução, não se caracterizam como tal. Por isto, o conceito de tradução de Catford (1965) foi ampliado por Matthiessen (2001), de forma que a tradução passa a ser compreendida como uma relação entre sistemas; está localizada também na dimensão da instanciação e adota uma visão particular de um fenômeno mais amplo: a produção multilíngue de significado.

Esta visão particular se relaciona ao tipo de contraste realizado durante a investigação da tradução. Se a tipologia se ocupa do contraste estático, e as análises comparadas entre línguas se ocupam do contraste equivalente, a tradução, diante do cenário atual tal como é entendida nesta tese, se ocupa da *tipologia de contraste dinâmico*. Os pressupostos para este entendimento da tradução são apresentados na seção seguinte.

2.4.1 A teoria sistêmico-funcional como o espaço para a conceitualização da tradução como um tipo particular de contato linguístico

Devido aos pressupostos que dão base à teoria sistêmico-funcional, a saber, (1) a língua como sistema semiótico de quarta ordem superior que evolui com a espécie humana conforme a funcionalidade, (2) a organização primordialmente paradigmática do sistema linguístico (3) a relação natural entre o contexto e a língua e (4) a divisão do estrato do conteúdo que

possibilita à língua criar seu próprio contexto, esta teoria ganha uma multiplicidade de pontos de vista para a análise, bem como uma complexidade para a explicação de fenômenos semióticos que a tornam uma teoria capaz de lidar com a igual complexidade de fenômenos e relações envolvidos na tradução.

Desta forma, como foi dito em outros momentos nesta tese, adota-se a teoria sistêmico-funcional como o espaço semiótico para a descrição linguística, os estudos da tradução e os estudos multilíngues. Para tanto, é preciso voltar à relação entre as dimensões da estratificação e da instanciação, à relação destas com o eixo paradigmático e o eixo da individuação, e às contribuições que esta compreensão pode oferecer para a tradução.

2.4.1.1 A relação entre as dimensões da estratificação e da instanciação

Sob um primeiro olhar, a noção de instanciação pode aparentar ser a conversão do potencial em texto como um único processo. Da mesma forma, a análise de um texto pode parecer um processo único a caminho da investigação do potencial. No entanto, o processo de instanciação/generalização é mais complexo. Esta complexidade se deve à relação entre a instanciação e a estratificação, a saber, todos os estratos instanciam (cf. Martin, 2008).

Para melhor entender esta relação, é preciso voltar ao conceito de texto para a teoria sistêmico-funcional. Do ponto de vista da estratificação, o texto é uma (macro) unidade de significado. Portanto, seu endereço semiótico é no estrato semântico. Esta localização implica em o texto não ser simplesmente a soma dos significados das unidades gramaticais, mas também a organização destas unidades.

Apesar de ser composto por orações, seu significado é dado pela tessitura, ou a ligação entre suas partes. Assim, do ponto de vista da metafunção, o texto é a unidade linguística caracterizada pela tessitura (cf. Halliday, 2002b). A tessitura se divide em estrutural, que é realizada pelo TEMA e pela INFORMAÇÃO, e responde pela organização e o “gerenciamento” do fluxo discursivo; e tessitura não-estrutural, realizada pela COESÃO, cujo trabalho compreende construir a ligação, por meio de elos coesivos, entre as partes.

Do ponto de vista do eixo paradigmático, o texto é composto pelo conjunto de opções sistêmicas mais delicadas que nele foram selecionadas. Estes sistemas são relativos a todos os estratos e a todas as metafunções.

Devido a esta complementaridade, do ponto de vista da instanciação, o texto é a sobreposição do processo de conversão do potencial linguístico de cada estrato em instâncias particulares, aliado à seleção mais delicada dos sistemas, para todas as metafunções. Em outras palavras, o texto é a instanciação do potencial contextual em uma instância contextual;

sobreposto à instanciação do potencial semântico em uma instância semântica; sobreposto à instanciação do potencial gramatical, a assim sucessivamente. Martin (2009) afirma:

É importante ressaltar, como forma de contemplar a complementaridade entre a realização e a instanciação, que todos os estratos ao longo da hierarquia de realização instanciam. Descer o eixo de realização, desde o gênero até a grafologia/fonologia, não faz aproximar das instâncias do uso linguístico, uma vez que a realização se ocupa em modelar padrões (de padrões) no pólo do sistema do contínuo de instanciação (p. 558).¹⁰⁵

Por este motivo, a análise de um item do texto (podendo este item ser qualquer unidade de material textual, como um correspondente formal, um equivalente textual, uma função gramatical ou semântica, ou uma unidade de tradução, entre outros) significa examinar este item não apenas com relação a um estrato, a uma opção sistêmica, ou dentro de uma metafunção. Ao contrário, quando se tem por parâmetro a compreensão da dimensão instancial, um item do texto é capaz de contar a sua “história sistêmica”¹⁰⁶ (Halliday, 2003, p. 336), pois encerra o potencial contextual instanciado como instância contextual; o potencial semântico instanciado como instância semântica, e assim por diante (ver Figura 6.7).

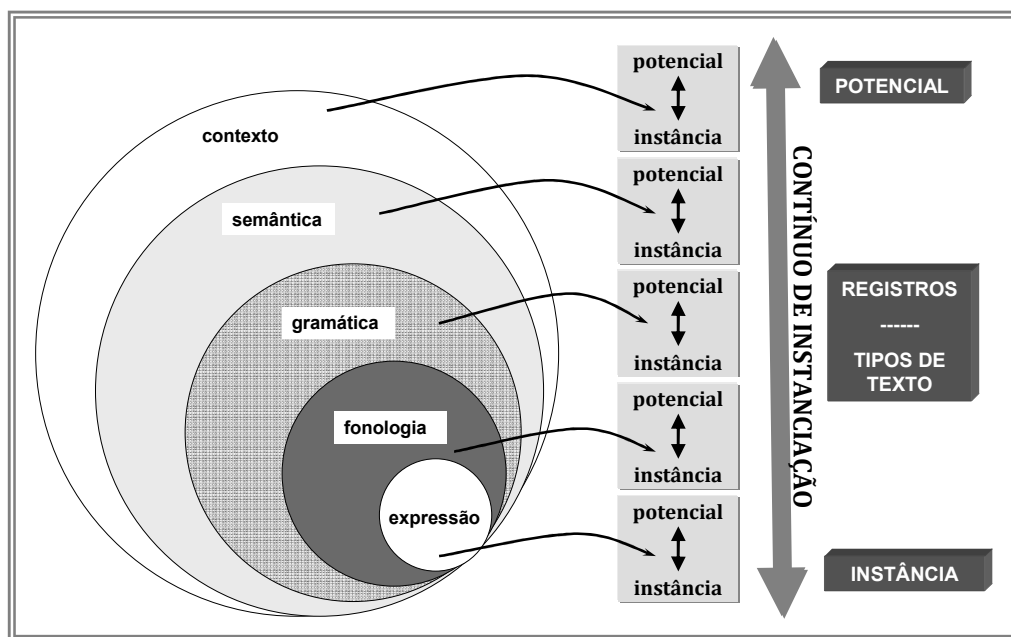


FIGURA 6.7 – A instanciação em relação à estratificação.

Fonte: Adaptada de Martin (2008, p. 55).

¹⁰⁵ It is also important to remind ourselves here, by way of appreciating the complementarity of realisation and instantiation, that all strata along the realisation hierarchy instantiate. Moving down through realisation from genre to graphology / phonology in other words brings us no closer to an instance of language use, since realisation is concerned with modeling patterns (of patterns) at the system end of the instantiation cline.

¹⁰⁶ Systemic history.

Tomando o estrato gramatical como ilustração, é possível observar que este possui um potencial de produção de significado relativo a cada uma das metafunções. No caso da metafunção interpessoal, tem-se, por exemplo, o sistema de MODO IMPERATIVO. Este sistema, enquanto potencial, pode ser instanciado como Imperativo Sugestivo, ou Jussivo: Neutro ou Jussivo: Insistente. Dependendo do texto, qualquer uma destas opções pode ser instanciada (ver Figura 6.8).

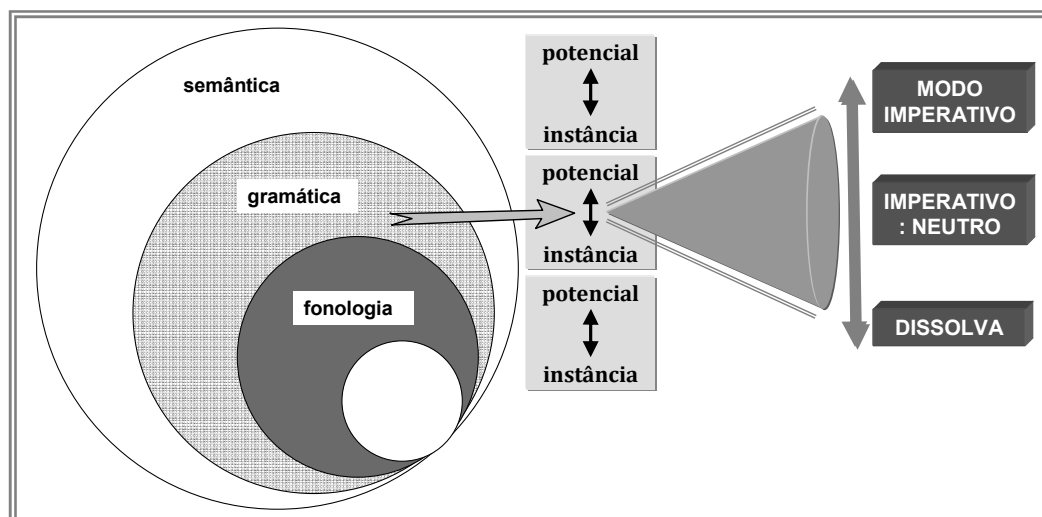


FIGURA 6.8 – Contínuo de instanciação gramatical (interpessoal: imperativo).

2.4.1.2 A relação entre estratificação, instanciação e eixo paradigmático

Para as análises linguísticas como um todo, mas principalmente para as análises que envolvem a tradução como forma de contato linguístico, o processo de descrição e interpretação das unidades segundo todas estas dimensões é importante porque revela aspectos da construção do texto que acontecem na complementaridade dos olhares sobre elas (ver Figura 6.9).

Igualmente, este tipo de análise produz duas consequências importantes para os estudos da tradução: a primeira se refere à noção apresentada em Matthiessen *et al.* (2008) sobre a tradução, na qual ela se difere dos outros tipos de contato linguístico pelo número de línguas envolvidas e pela sua maior proximidade do pólo da instância. Contudo, se a tradução for analisada se pautando por esta compartimentalização, a interpretação pode ficar aquém de uma outra análise realizada a partir da visão dinâmica e complexa que a análise da tradução assume quando entende que o contato entre textos em relação de tradução encerra o potencial de dois sistemas linguísticos.

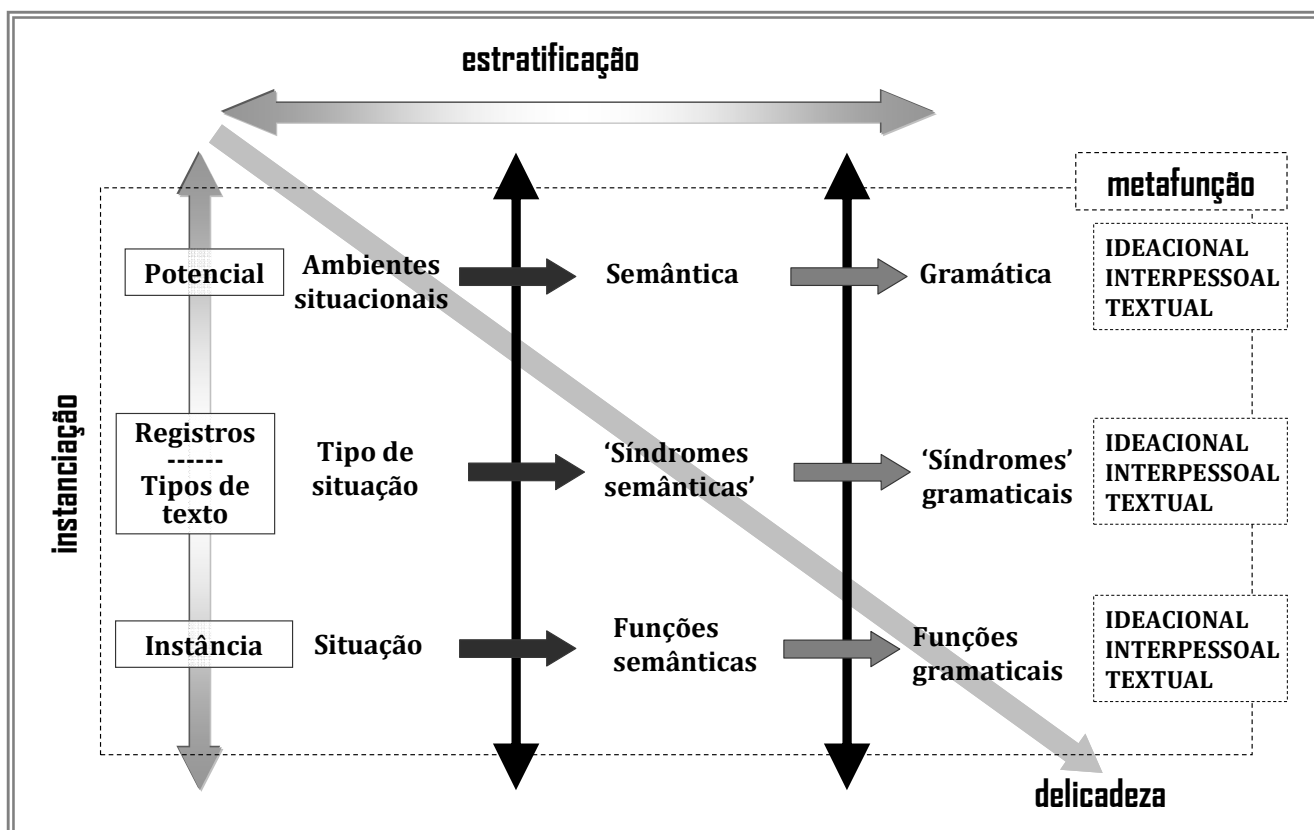


FIGURA 6.9 – Instanciação, realização, eixo e metafunção.

Do ponto de vista da análise da tradução, realizada dentro dos estudos da tradução, não se resume à análise de instâncias. Tampouco a sua subida no contínuo da instanciação somente a aproxima da tipologia contrastiva (isto é apenas uma opção metodológica, como no caso de Teich, 1999 e Matthiessen, 2001; mas não um impedimento teórico), porque as instâncias não são, em sua natureza, diferentes do potencial.

A segunda consequência se refere ao fato de o estrato do conteúdo, em particular a gramática, ser o principal responsável pela produção de significado, uma vez que cria o contexto, mediante a realização, a partir do qual os significados linguísticos são interpretados. A Figura 6.10, apresentada a seguir, traz a análise do primeiro item da oração ‘*Dissolva a maisena no leite*’, pertencente ao texto 6.1.

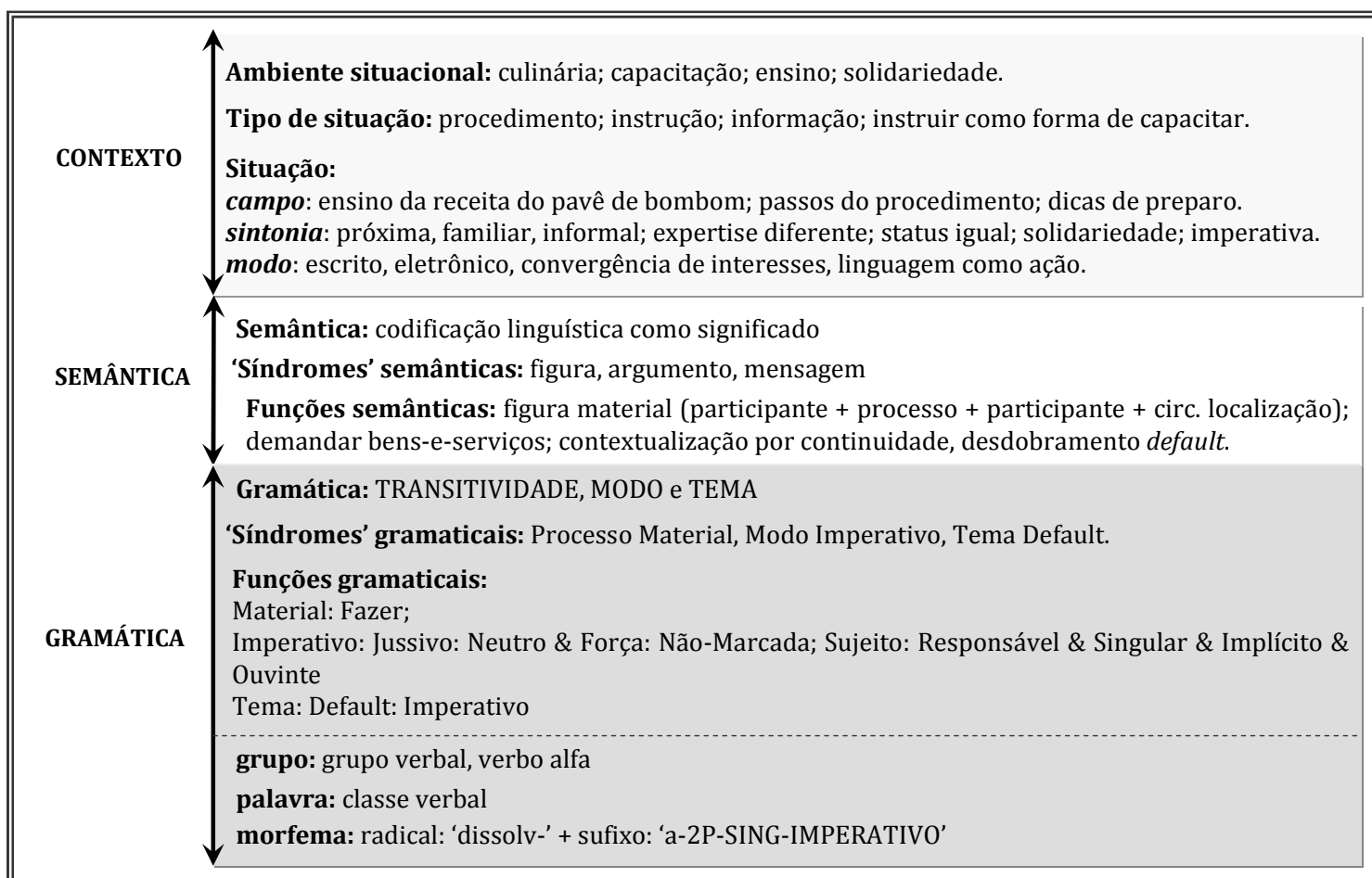


FIGURA 6.10 – Instanciação de ‘dissolva’ [a maisena no leite].

Sendo uma instância a configuração complexa e multidimensional, uma alteração na sua configuração no estrato gramatical pode gerar um impacto semântico e contextual de forma a alterar significativamente elementos mais abstratos, como o registro, ou a relação do texto com o seu tipo de texto.

Por exemplo, se a primeira oração do texto 6.1 começasse assim: “*favor dissolver* a maisena no leite”, a mudança no significado não é apenas o acréscimo de um item lexical. Por outro lado, ela gera impacto em todo o processo de instanciação, que por sua vez ocorre como decorrência de uma mudança na realização, com implicações para diferentes sistemas linguísticos, de diferentes regiões metafuncionais. Neste caso, o ambiente situacional não seria mais de capacitação ou de solidariedade; a sintonia não seria próxima, familiar, ou informal; as opções nos sistemas de TEMA, MODO e TRANSITIVIDADE seriam diferentes, e assim por diante.

Neste sentido, a análise complexa e multidimensional contribui com a tradução precisamente por evidenciar todas estas possíveis mudanças ao longo do processo de

instanciação, que alteram a configuração fonológica, gramatical, semântica e contextual de um texto.

2.4.1.3 A relação entre estratificação, instanciação e individuação

Na dimensão da estratificação, a língua é modelada como diferentes graus de abstração que se realizam uns nos outros desde o ponto mais abstrato ao mais concreto. Na dimensão da instanciação, o foco passa da abstração para a generalização, uma vez que uma instância textual é padronizada junto com outras instâncias semelhantes, formando tipos de texto que, por sua vez, ao serem agrupados, formam o potencial do sistema linguístico. Para uma melhor formulação acerca da tradução ainda é preciso olhar o sistema linguístico de um terceiro ponto de vista.

Se por um lado nem a linguística contrastiva nem a tipologia necessitam de compreender o processo de produção de significado, uma vez que seu trabalho se restringe à comparação e ao contraste de material textual já produzido nas diferentes línguas sob investigação, a tradução, por outro lado, necessita de se referir ao processo de tradução, que pode ser entendido como uma forma de contraste dinâmico.

Do ponto de vista linguístico, uma parte do processo pode ser explicada segundo a dimensão da instanciação. Contudo, a instanciação se refere ao processo de produção de significado, mas não aos seus produtores. Por este motivo, consoante com a proposta desta tese, de articular conceitos que comporiam um modelo de tradução de forma teórica (em oposição à forma dada), cabe entender como os produtores de significado, tais como ‘falante’ e ‘tradutor’, comporiam parte do modelo.

As pessoas (i.e., indivíduos socializados – cf. Halliday, 1978) necessitam de utilizar a linguagem (representar e organizar o mundo e se relacionar com outras pessoas) para viver; “(...) *para a gramática oferecer uma concepção da experiência que seja adequada – uma gramática que seja rica o suficiente, mas também fluida o suficiente, para que com ela os seres humanos possam viver*” (Halliday e Matthiessen, 1999, p. 561).¹⁰⁷ Quanto a este entendimento, Martin (2009) afirma:

deve-se mudar o foco dos usos para os usuários da língua, e trabalhar com a especificação do potencial de significação em uma cultura em termos da

¹⁰⁷ ...for the grammar to offer a plausible construal of experience — one that is rich enough, yet fluid enough, for human beings to live with.

individuação – que é a terceira hierarquia complementar, juntamente com a realização e a instanciação (p. 563).¹⁰⁸

Na perspectiva da individuação, esta se constitui como um contínuo de utilização dos recursos de produção de significado relativamente às diferentes formas como são distribuídos entre os falantes, os usuários destes recursos.

Desta forma, um fator determinante para as pessoas utilizarem a língua é seu próprio repertório de produção de significado. O tamanho e a riqueza deste repertório depende de fatores de socialização, do contato com a língua e do processo de aprendizagem de cada pessoa (o desenvolvimento ontogenético – cf. Halliday e Matthiessen, 1999). Outro fator determinante é o reservatório a partir do qual as pessoas irão construir seu repertório. Assim, o conjunto de recursos disponíveis no sistema linguístico determina as próprias condições de seu uso (cf. Martin, 2009). A relação entre o repertório e o reservatório constitui uma dimensão do sistema, que por sua vez pode ser disposta no contínuo de individuação (ver Figura 6.11).

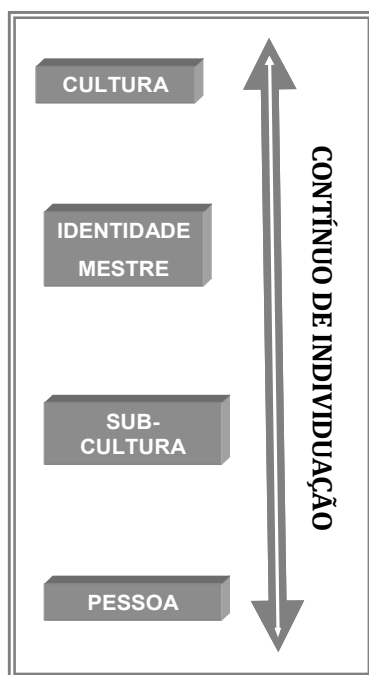


FIGURA 6.11 – O contínuo de individuação.

Do ponto de vista da pessoa em relação à cultura, a afiliação de uma pessoa à determinada comunidade de falantes a faz, por um lado, aumentar seu repertório e, por outro lado, a condiciona a pertencer a uma determinada sub-cultura, e assim sucessivamente até

¹⁰⁸ we have to switch focus, from uses to users of language, and think about the specification of meaning potential in a culture in terms of individuation – a third complementary hierarchy, alongside realisation and instantiation.

chegar à cultura. Do ponto de vista da cultura em relação à pessoa, a individuação do reservatório de uma cultura se fragmenta em várias identidades mestre, e assim sucessivamente até chegar à pessoa.

Do ponto de vista da individuação, o texto é o processo que vai desde o reservatório de uma cultura até o repertório de uma pessoa. Neste sentido é possível dizer que todos os estratos individuem (ver Figura 6.12).

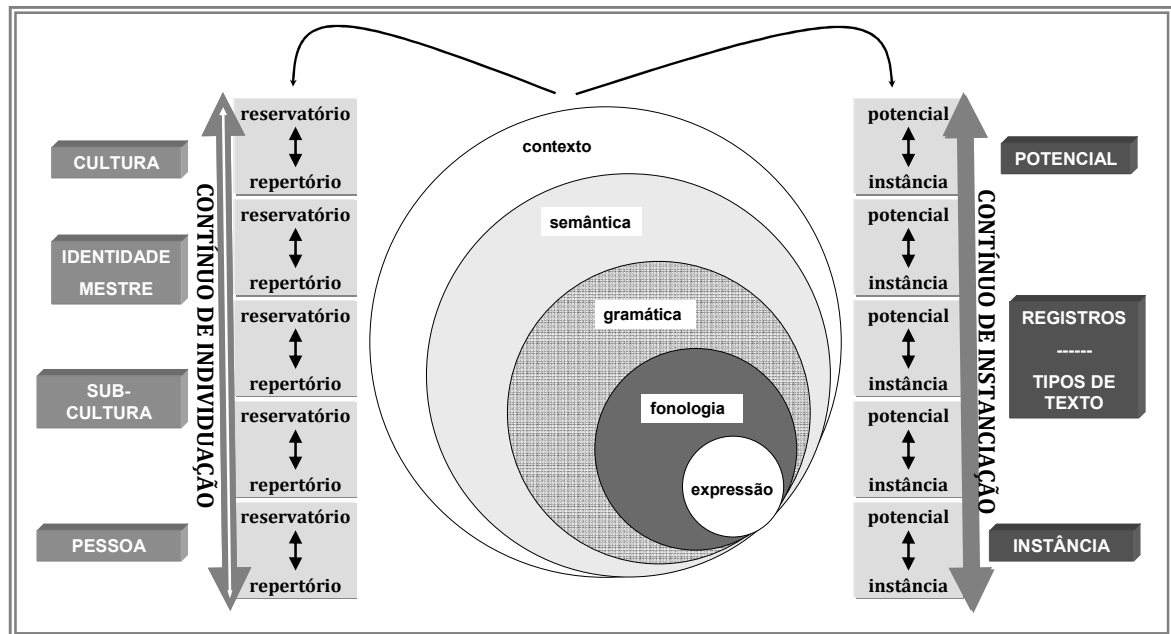


FIGURA 6.12 – Realização, instanciação e individuação como dimensões complementares.

Fonte: Adaptada de Martin (2008, p. 54).

Condicionada pelo processo de individuação, quando uma pessoa utiliza a língua para viver, deve, necessariamente fazê-lo dentro de um ambiente linguístico. O termo ‘ambiente’ é um conceito teórico que se refere ao contexto instancial que motiva os falantes para produzir significados linguísticos (metafuncionais) e compreende a descrição dos recursos linguísticos (eixo paradigmático) para a produção de determinado texto (realização) somada à forma como estes recursos se transformam em texto (instanciação) conforme o repertório de seu produtor (individuação). Como afirma Martin (2009, p. 565): “*analisar todas as três hierarquias é um grande desafio; mas nós sempre individuíamos, ao mesmo tempo em que instanciamos, ao mesmo tempo em que empregamos os recursos de realização da nossa cultura*”.¹⁰⁹ Em outras

¹⁰⁹ Taking all three hierarchies into account is a challenging task; but we always already individuate as we instantiate as we re/deploy the realisation resources of our culture.

palavras, o ambiente linguístico acontece na complementariedade entre as dimensões da estratificação, instanciação e da individuação, que são perpassados pelo espectro metafuncional, organizados segundo o princípio de delicadeza; seria, por assim dizer, a instanciação particularizada dos recursos linguísticos de cada falante (ver Figura 6.13).

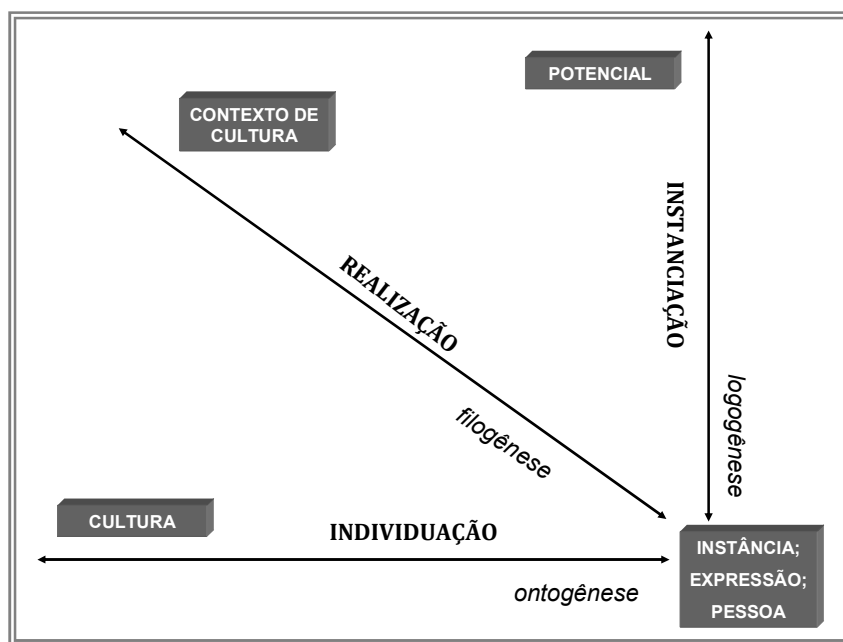


FIGURA 6.13 – Hierarquias complementares.
 Fonte: Adaptada de Martin (2008, p. 55).

2.4.2 A tradução

O espaço semiótico denominado aqui de ‘ambiente linguístico’ pode ser monolíngue, quando apenas os recursos de um sistema linguístico são utilizados (i.e., a representação e organização do mundo, bem como a relação com outras pessoas se dá pela produção de significados a partir deste sistema linguístico). Por outro lado, o ambiente pode ser multilíngue. Neste caso, o que se estabelece é um contínuo – regulado pelas variáveis contextuais e pelos recursos dos sistemas em questão (restrições de instanciação e de individuação) – que determina a contribuição de cada sistema linguístico.

Por exemplo, em um e-mail (texto do processo sócio-semiótico compartilhar) trocado entre amigos, falantes bilíngues, é possível que sejam utilizados igualmente os dois sistemas linguísticos para produzir significado. Assim, o texto instanciado ora emprega recursos de um sistema, ora de outro:

(6) *Hi, TJ:*

Vou escrever um pouco mais tarde. Fim do mês tudo o mundo quer custos, produção e todos as problemas resolvidas no mesmo hora.

That was a real boring e-mail you sent. Have you ever thought of taking drugs to put more colour into your humdrum life.

I'm teaching people to swear at FELCO, fuck you shit, cocksucker etc.

All day long they keep repeating these words.

I'll write mais tarde.

K.

Neste exemplo, é possível observar o ambiente no qual se produziu um texto a partir de contribuições dos sistemas do inglês e do português brasileiro, com uma contribuição maior dos recursos do inglês.

O falante K, como parte das suas necessidades de viver (organizar o mundo e manter suas relações sociais, etc.), por meio da produção de significado linguístico, escreveu este texto valendo-se dos recursos que para ele estão disponíveis neste contexto, para este tipo de texto, uma vez que, neste contexto específico (compartilhar, status igual, familiaridade próxima, histórico de produção bilíngue entre os falantes, etc.) é possível estabelecer este tipo de ambiente multilíngue.

O próximo exemplo se encontra em outro ponto do contínuo. Este se trata de uma mensagem destinada a estudantes que queiram participar de um estágio:

(7) *Repasse de mensagem, favor divulgar aos possíveis interessados.*

A empresa Telecom Itália (TIM Brasil) fez acordo com o Ministério das Comunicações do Brasil para prover um estágio de seis meses em Veneza na Itália para cinco estudantes em fim de doutorado (...). Os pesquisadores bolsistas vão trabalhar no "Future Centre" da Telecom Itália e se envolverão em um dos projetos: – Future of Energy – Future of Retail – Future of Tourism – Other subjects are possible. De acordo com os organizadores: "One of the objective of their staying with us is to work out possible trials ideas to be implemented in Brasil. We are looking for people doing their PhD or having completed their University track, with background in economics and interest in technology or background in technology (computer science, telecommunications) and interest in economics(...).

Data: 23 de fevereiro de 2010 Hora: 10h Local: Sala 2077 do prédio do ICEx

Obs: no início da tarde o Dr. Saracco ficará disponível para conversar com os interessados.

Neste texto é possível observar mais de um sistema linguístico contribuindo para a produção de significado instanciada no texto. Assim como no exemplo (6), o falante pode lançar mão dos recursos dos sistemas linguísticos do português brasileiro e do inglês, pois o

contexto (habilitar, informar, interesses comuns, estágio no exterior, etc.) permite que a produção parta do ambiente multilíngue.

O próximo exemplo localiza-se ainda em um outro ponto do contínuo. Este exemplo foi retirado da obra de divulgação científica, na área de astronomia, *Nossa Visão do Universo*, de Stephen Hawking (1988).

(8) *No longínquo ano de 340 antes de Cristo, o filósofo grego Aristóteles, em seu livro Sobre o firmamento, foi capaz de evidenciar dois bons argumentos para sustentar a crença de que a Terra era uma esfera e não um corpo achatado. Em primeiro lugar, perceber que os eclipses da Lua eram causados pelo posicionamento da Terra ao se colocar entre o Sol e a Lua. A sombra da Terra projetada na Lua era sempre redonda, o que seria verdadeiro apenas no caso de a Terra ser esférica. Se fosse um disco, sua sombra seria alongada e elíptica, a menos que o eclipse sempre ocorresse quando o Sol estivesse diretamente sob o centro do disco.*

Mesmo tendo sido produzido em um ambiente multilíngue, o que é característico deste texto é a necessidade de utilizar os recursos de apenas um dos sistemas linguísticos envolvidos na produção de significado para a instanciação do texto.

Assim como toda produção linguística, monolíngue ou multilíngue, a produção deste texto é motivada por dois fatores principais: a necessidade do falante de produzir significado para viver e as condições de produção determinadas pelo contexto (= contexto de situação + restrições sistêmicas + restrições de subpotencialização + restrições de individuação).

No caso do exemplo (8), ao que tudo indica, as relações sociais só se estabelecem com falantes socializados no contexto do Brasil, que possuem apenas (ou preferencialmente) os recursos linguísticos do português brasileiro para produzir (e interpretar) significados. Então o texto instanciado deve se valer (exclusivamente, sempre que possível) dos recursos deste sistema linguístico. Geralmente, quando isto acontece, o texto instanciado é denominado **tradução** (ver Figura 6.14).

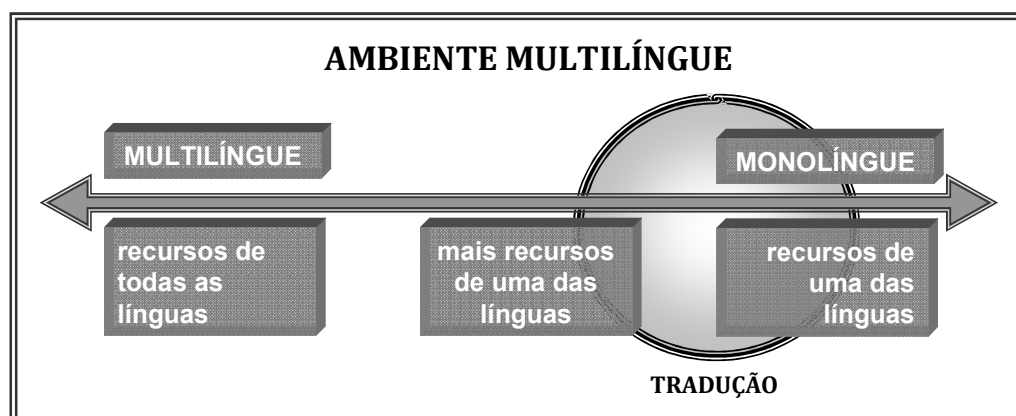


FIGURA 6.14 – Contínuo do ambiente multilíngue.

Portanto, é neste ponto que podemos, definir a tradução como um conceito teórico:

A tradução é a produção diacrônica de textos no ambiente multilíngue, funcionando em contextos comparáveis, mais próximamente ao pólo monolíngue do contato linguístico.

Nesta tese, ‘tradução’ é empregado como um termo técnico para uma operação bastante específica. Apesar de, em muitos momentos se relacionar com a visão do senso comum da tradução (“eu traduzo”; “x é a tradução de y”), assim como com a tradição linguística dos estudos da tradução (correspondência formal; equivalência textual), o termo ‘tradução’ refere-se aqui à análise da abstração da atividade linguística relativa a determinado registro e processo sócio-semiótico, juntamente com a descrição dos recursos linguísticos empregados, no ambiente multilíngue em que acontece a produção de textos.

Além disto, a tradução não pode ser determinada de forma dicotômica (é tradução / não é tradução), mas disposta no contínuo do ambiente multilíngue, que vai, no limite extremo de um pólo, do emprego de proporções iguais dos recursos de cada uma das línguas envolvidas no ambiente para a instanciação do texto, até o limite extremo do outro pólo, quando os recursos de apenas um sistema linguístico são empregados na instanciação do texto.

Assim, quanto mais próximos ao pólo de instanciação monolíngue estiverem os textos (o que só se pode saber por meio da análise) maior a chance de o texto ser chamado de “boa tradução”; ao contrário, quanto mais recursos de mais de um sistema linguístico forem utilizados, maior a chance de o texto ser chamado de “má tradução”.

O exemplo (9), apresentado a seguir, se encontra em um ponto mais intermediário do contínuo, Este texto foi retirado de uma página eletrônica sobre turismo em Porto Seguro.

(9) *In the next day, April 23th, started the search of the marine environment and some ships landed in front of the glorious Atlantic Forest. Probably the captain Nicolau Coelho should be the first portuguese to step on this new continent and to communicate with a small group of tupiniquins Indians that appeared at the beach. In the next nine days, in the generous bays of Bahia, the 12 ships of the biggest army sent to India through the route discovered by Vasco da Gama still recognizing the new land and its residents. The first contact, friendly with the others happened already on thursday, April 23th. The captain Nicolau Coelho, a veteran from India and friend of Vasco da Gama, went to land, in a small boat and met 18 men “brown, nude and holding bows and arrows”.*

Este texto também foi produzido em um ambiente multilíngue, uma vez que, dada a sua função de informar turistas, os organizadores da página eletrônica tiveram que disponibilizar textos em várias línguas. Contudo, apesar de a expressão (grafológica) se valer basicamente dos recursos da língua inglesa, é possível observar, mediante a análise dos estratos do

conteúdo e do contexto que muitos recursos gramaticais e semânticos foram empregados a partir do potencial do português brasileiro (ver Figura 6.15). Por exemplo:

(10) ***In the next nine days, in the generous bays of Bahia**, the 12 ships of the biggest army sent to India through the route discovered by Vasco da Gama still recognizing the new land and its residents*

[TEMA: Tema diminuendo. Não-Orientado & Não-Direcional & Seleção Proeminente:
Perspectiva: Intesificação]

(11) *In the next day, April 23th, [?] started the search of the marine environments*

[MODO: Sujeito: Menos Sujeitabilidade;
ou Sujeito: Responsável & Singular & Não-Recuperável & Não-Interlocutor]

(12) *a small group of tupiniquins Indians that **appeared** at the beach.*

[TIPO DE PROCESSO: Existencial]

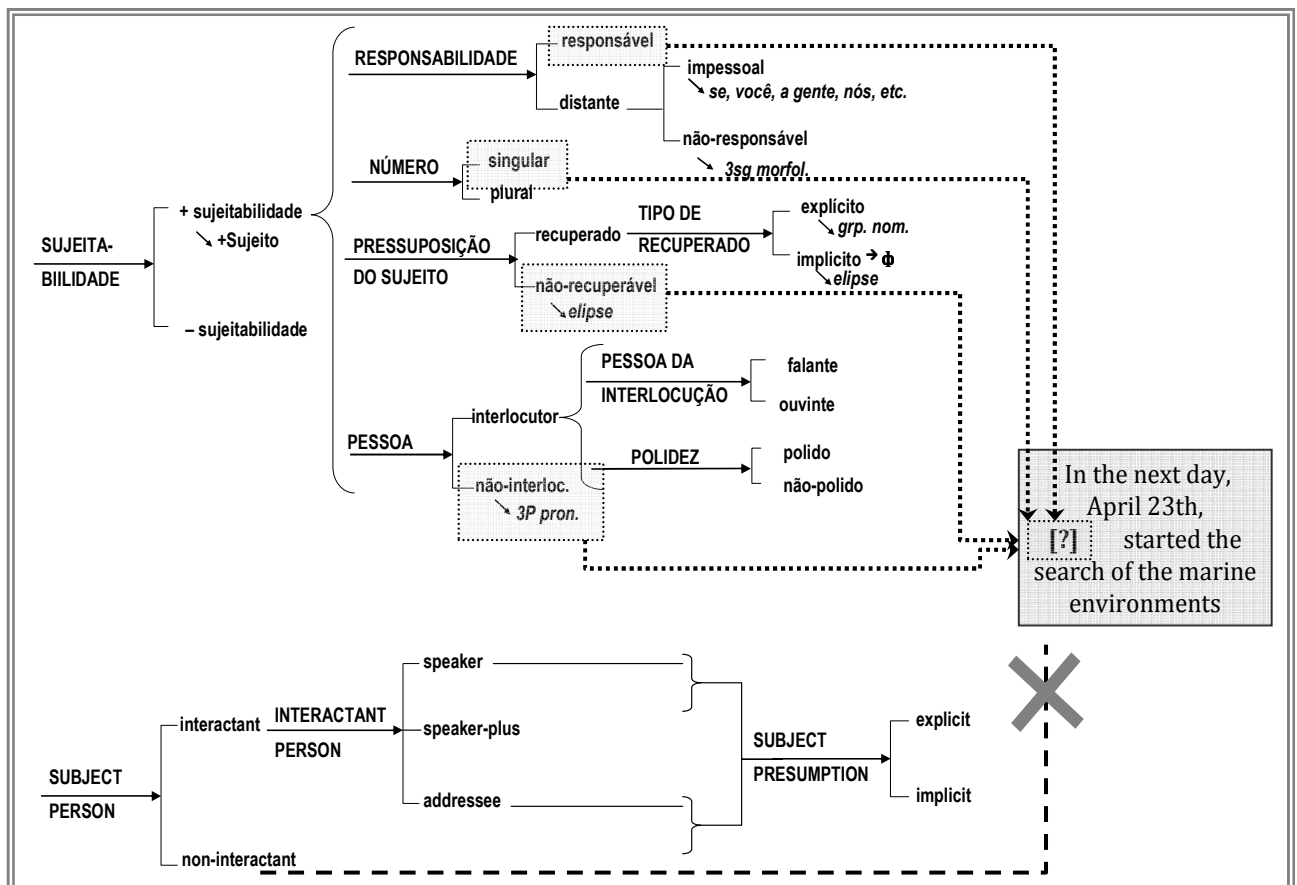


FIGURA 6.15 – Recurso da gramática interpessoal do português brasileiro empregado em um texto pautado pela instanciação em inglês.

Assim, se o objetivo para a produção deste texto fosse utilizar apenas os recursos do sistema linguístico do inglês, este poderia ser considerado mais como uma “má tradução” do que como uma “boa tradução”:

Devido ao número de implicações que gera o entendimento da tradução como uma representação da tipologia dinâmica, cabe um maior detalhamento dos outros conceitos presentes na definição de tradução.

A produção multilíngue: esta (atividade de traduzir) compreende o processo executado por uma pessoa (indivíduo socializado em uma comunidade discursiva), ou por computador (programado por uma pessoa), para se produzir um texto meta/traduzido. ‘Texto meta/traduzido’ é, igualmente, um termo técnico que implica em (a) ser produzido pautando-se por determinado registro, ou registros, (o qual deve ser descrito), (b) instanciar recursos semânticos e gramaticais que realizem o registro, ou registros (que também deve ser descrito), (c) ter sido produzido num ambiente multilíngue (que envolve a descrição contextual e linguística dos outros textos que compõem este ambiente).

Como mostram os estudos de processo, a produção possui diferentes fases (orientação, redação e revisão) que se constituem como etapas do processo de instanciação, e se complementam com os estudos de produto, que descrevem como o processo de instanciação aconteceu, em relação à estratificação, à metafunção e ao eixo paradigmático.

O tradutor: Ao falar sobre a relação da constituição das pessoas do ponto de vista sócio-semiótico, Martin (2009) afirma:

Na condição de linguístas funcionais, é importante que evitemos a interpretação (neuro)biológica dos indivíduos e das comunidades, e favoreçamos a interpretação sócio-semiótica. Como alerta Firth, o nosso trabalho não é investigar os seres psico-biológicos, mas os conjuntos de personas incorporados nestes seres e a forma pela qual estas personas estabelecem as comunidades discursivas. Em outras palavras, nós não examinamos os indivíduos interagindo em grupos, mas as pessoas e as personalidades que se comunicam no discurso (p. 563).¹¹⁰

Assim, para a interpretação da tradução apresentada nesta tese, ‘tradutor’ é um termo técnico da teoria que complementa o conceito de ‘produção multilíngue’. O tradutor é o produtor multilíngue. Este termo se refere a uma pessoa “incorporada” em um indivíduo, cuja

¹¹⁰ One thing we have to guard against here as functional linguists is a neuro/biological interpretation of individuals and communities instead of a social semiotic one. As Firth warns, it is not psycho-biological entities we are exploring, but rather the bundles of personae embodied in such entities and how these personae engender speech fellowships. We’re not, in other words, looking at individuals interacting in groups but rather at persons and personalities communing in discourse.

interpretação sócio-semiótica leva a entendê-la como um tipo específico de produtor de significado dentro do ambiente multilíngue.

No caso da produção multilíngue, esta seria melhor investigada do ponto de vista da instanciação. Já o trabalho do tradutor é melhor investigado do ponto de vista da individuação. Isto porque cabe ao tradutor definir, segundo o seu repertório de membro socializado em uma comunidade de falantes, em que ponto do contínuo de ambientação multilíngue deve se localizar a sua produção linguística. Cabe ressaltar que esta definição do tradutor está determinada, do ponto de vista da individuação, pelo tamanho de seu repertório.

A diacronia: este conceito sugere haver, no ambiente multilíngue, uma diferença de tempo entre as produções textuais. Isto permite que o texto que foi produzido antes seja denominado ‘texto fonte’, e as outras produções ‘textos meta’. Isto gera duas implicações importantes: a primeira é que não existe qualquer supremacia (de originalidade) do texto fonte – ele é mais um conjunto de significados presente no ambiente multilíngue; a segunda é que um texto meta pode se tornar o texto fonte de outros textos, como no caso das traduções indiretas.

Os contextos comparáveis e o contraste dinâmico: os contextos comparáveis são aqueles mediante os quais os falantes utilizam os recursos linguísticos na mesma região dos registros (do ponto de vista da instanciação) e dos processos sócio-semióticos (do ponto de vista da estratificação) – quando as línguas em questão são funcionalmente próximas o bastante para os possuírem.

Assim, como no caso da tradução, ‘comparação’ é aqui empregado em um sentido técnico específico. Ela compreende a descrição dos recursos linguísticos da língua meta referentes as instanciações do texto fonte e do texto meta, acrescida de uma explicação de seu papel funcional no contexto em que foram produzidos. Em outras palavras, o escopo da funcionalidade efetiva dos textos entre si. A comparação deve ser entendida como um dos conceitos fundamentais para o estudo da tradução.

Cabe ainda ressaltar que a tradução é diferente da tipologia quanto à sua natureza. Enquanto a tipologia se ocupa do estudo multilíngue de sistemas comparáveis (estático e equivalente) nas línguas, a tradução se ocupa da análise de sistemas comparáveis nos contextos comparáveis em línguas diferentes.

Deste modo, o contraste tipológico pode explorar os recursos linguísticos em várias línguas. Os sistemas, as opções dentro dos sistemas e os elementos funcionais, por exemplo,

da gramática experiencial mental em uma língua podem ser contrastados com os sistemas, as opções dentro dos sistemas e os elementos funcionais da gramática experiencial mental em outras línguas.

Foi sugerido aqui que os trabalhos de Catford e Ivir são mais produtivos para a análise contrastiva do que para os estudos da tradução, pelo fato de entenderem o contraste de forma estática. Ainda que Ivir entenda a equivalência como um processo dinâmico, a dinamicidade só é válida para as unidades no texto alvo, pois o texto fonte, pelo fato de não ser compreendido como um termo técnico, é tomado como original. Desta forma, a análise é feita somente a partir da dimensão da estratificação, e a diferença entre a análise da tradução e a análise contrastiva só se dá quanto ao nível de abstração: língua → mensagem (ver Figura 6.16).

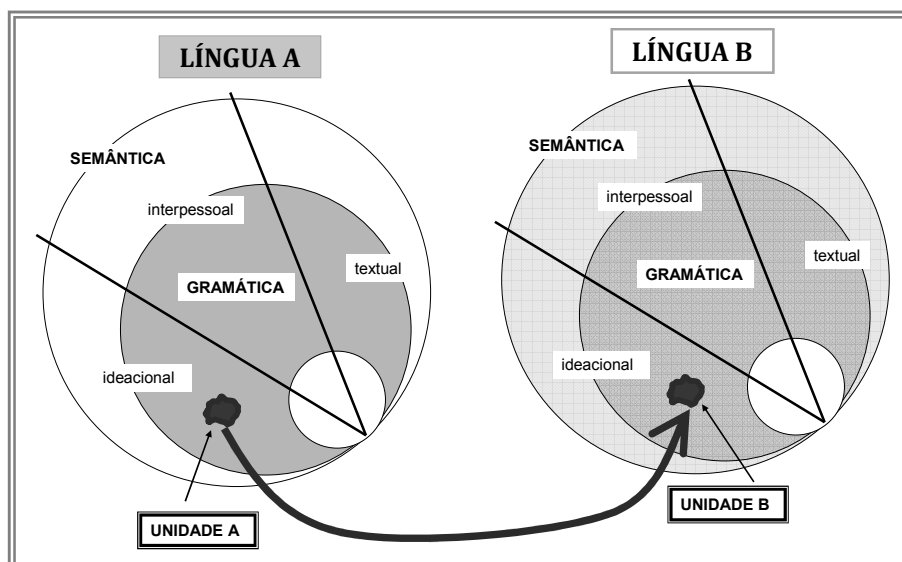


FIGURA 6.16 – Estudo da tradução unidimensional.

Diferentemente, a investigação da tradução procuraria descrever o trabalho realizado, por exemplo, pela gramática experiencial mental em um contexto específico em uma língua – a língua fonte – e explorar os recursos de outras línguas – as línguas alvo – que são usados, em relação ao contexto específico destas línguas alvo, incluindo as escolhas que determinaram o desenvolvimento do próprio texto.

Com isto, os recursos das línguas alvo poderiam ser retirados, por exemplo da gramática experiencial mental que estas têm disponíveis, como também de recursos de outras regiões gramaticais – da gramática material, relacional, etc., ou mesmo dos conjuntos de recursos da língua fonte (como no caso do exemplo (9), o texto sobre Porto Seguro).

Em princípio, este tipo de utilização de recursos não faz parte do contraste tipológico, mas em termos de tradução, o faz. Neste sentido, a tradução é, por assim dizer, a versão “no contexto” da tipologia; daí o tipo de contraste realizado no estudo da tradução ser denominado contraste dinâmico.

Observar dinamicamente como ocorre a tradução implica em examinar a produção do texto alvo a partir do ponto de vista da instanciação, uma vez que, é no processo de restrição do potencial (subpotencialização) que é possível compreender quais as escolhas dentre todas as disponíveis para a língua alvo foram de fato utilizadas. Para que a análise instancial consiga iluminar o aspecto dinâmico da tradução, é importante que o texto fonte não seja tomado de saída como o “texto original”. Nesta tese, entende-se que para um texto ser denominado ‘texto fonte’, basta apenas que esteja presente no ambiente multilíngue a mais tempo que o texto que está sendo produzido.

O texto fonte é importante para a análise da tradução (tanto para o analista, quanto para o tradutor) na medida em que revela quais os recursos que uma das línguas do ambiente multilíngue utilizou para produzir determinado texto. Caso a língua alvo possua contextos comparáveis (isto é, semelhança genética, tipológica, cultural, etc.) com a língua fonte, então pode ser que o texto alvo apresente semelhança (genética, tipológica, cultural, etc.) com o texto fonte, que será determinada, como foi dito anteriormente, (i) pelo contexto (= contexto de situação + restrições sistêmicas + restrições de subpotencialização + restrições de individuação); e, por conseguinte, (ii) pelo tradutor (ou pelo analista, no caso da análise da tradução), segundo o seu repertório de membro socializado em uma comunidade de falantes, em que ponto do contínuo de ambientação multilíngue deve se localizar a produção do texto alvo.

Se, ao contrário, o texto fonte for entendido como “texto original”, então a análise da tradução acaba sendo a análise da adequação do texto alvo ao texto original, medido pelo *tertium comparationis* (que no caso das abordagens linguísticas da tradução acaba sendo o papel da teoria linguística). Quanto ao tradutor, quando é mencionado, torna-se, inevitavelmente, um mensageiro.

Por exemplo, no caso de Catford, o material do texto alvo é correspondente (correspondência formal), equivalente (equivalência de tradução), ou diferente (mudança de tradução) do texto fonte “original”, medido pela teoria linguística. No caso de Ivir, a “originalidade” do texto fonte se estabelece da mesma maneira, salvo pelo *tertium comparationis*, que é dado pela mensagem extra-linguística.

Assim, mesmo quando existe a compreensão da dimensão instancial, se um texto for tomado como original (parte de uma língua original), o potencial analítico da instanciação pode acabar diminuindo (ver Figura 6.17).

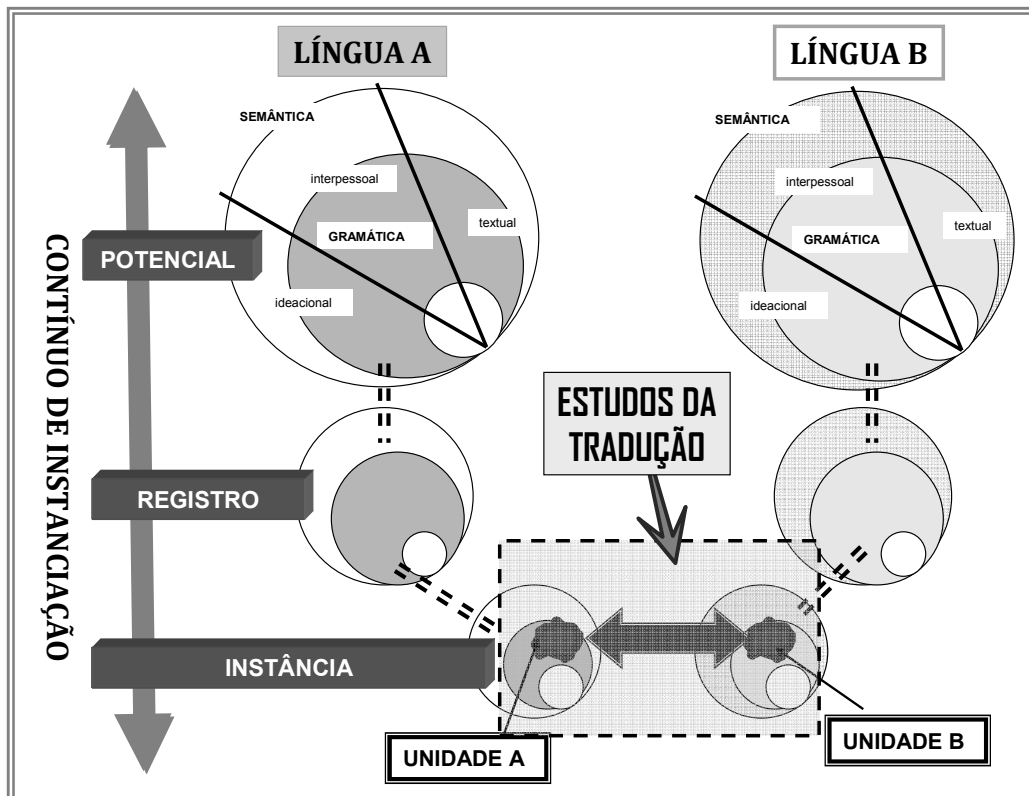


FIGURA 6.17 – A tradução como relação entre texto original e texto traduzido.

Se, por outro lado o ambiente multilíngue como um todo for tomado como o local de produção de linguagem, então pode-se considerar as outras dimensões como parte do modelo de análise da tradução (ver Figura 6.18)

Modelo material e relacional da tradução: do ponto de vista do modelo material de tradução, o entendimento desta como tipologia dinâmica pode contribuir não para a “teoria de uma boa tradução”, mas de uma tradução mais efetiva. Assim, diante do que foi colocado nesta seção, a “tradução efetiva” pode ser definida como a produção de um texto – o texto alvo – diacronicamente relacionado a outro texto em uma língua diferente, cuja produção implica em levar em conta não somente a relação formal ou equivalente do potencial dos sistemas linguísticos em questão, mas também a correspondência dinâmica do desenvolvimento da construção do texto.

Do ponto de vista do modelo relacional de tradução, a tipologia dinâmica contribui por estabelecer um novo banco de dados de relação entre as línguas que pode contribuir para explicar novos fenômenos, sistemas e funções das línguas.

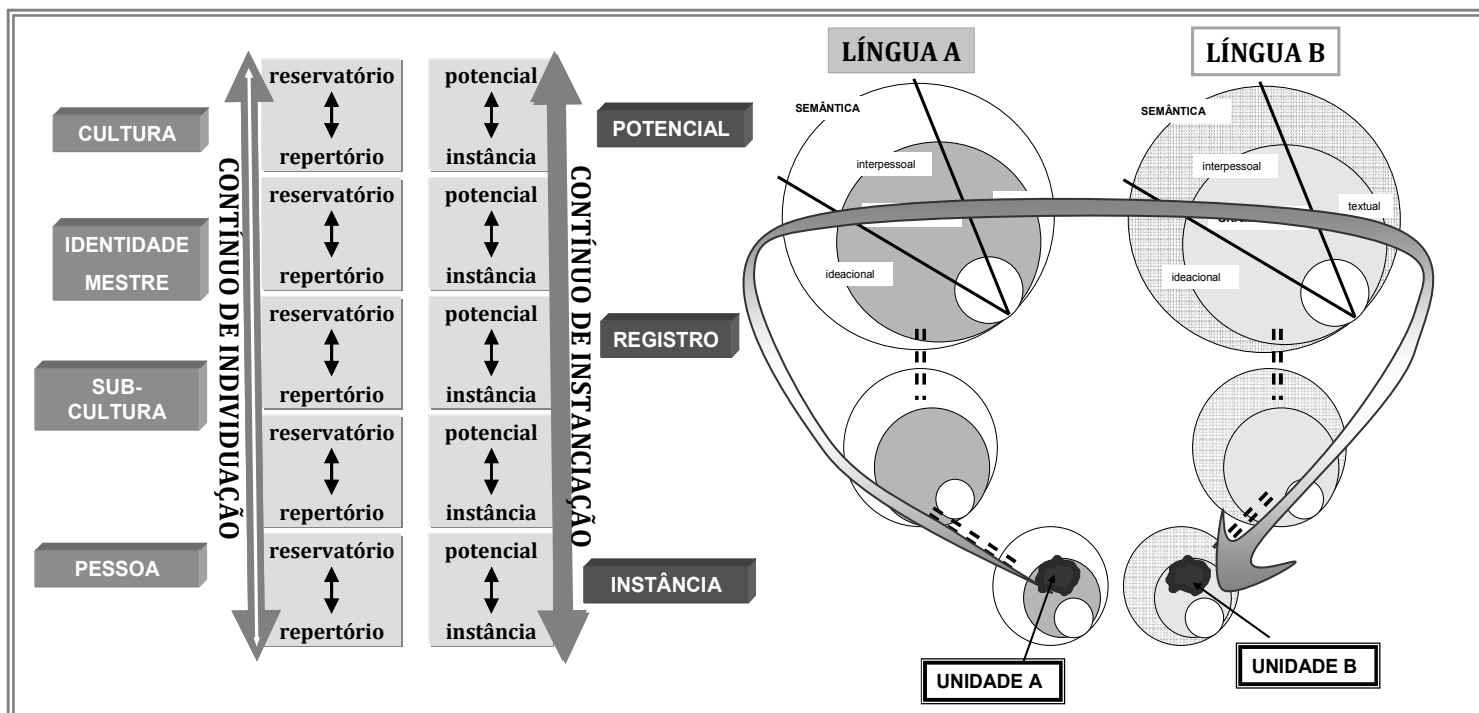


FIGURA 6.18 – A tradução a partir da complementaridade multidimensional.

3 EXEMPLO DE ANÁLISE

A análise de traduções requer, como primeiro passo, o estabelecimento da relação de tradução entre os textos analisados. Como foi dito anteriormente, a tradução só pode ser identificada mediante a análise, daí a necessidade desta tese de formular os elementos envolvidos na tradução (tais como ‘texto original’, ‘tradutor’, ‘tradução’, entre outros) como conceitos teóricos. A identificação da tradução pode se dar de duas formas: na análise do processo de tradução; ou na análise do produto.

A análise do processo é feita pelo tradutor (i.e., a personalidade de uma pessoa “incorporada” em um indivíduo, que o torna um tipo específico de produtor de significado dentro do ambiente multilíngue)¹¹¹ que, no ambiente multilíngue, estabelecerá a “originalidade” de um ou mais textos – em uma ou mais línguas – segundo a sua necessidade (por exemplo, necessidade de trabalho, de comunicação, etc.) de produzir significado, pelo critério da diacronia e, em seguida, estabelecerá a “tradução” procurando, segundo as restrições do contexto (contexto de situação + restrições sistêmicas + restrições de subpotencialização + restrições de individuação), produzir significado utilizando preferencialmente apenas os recursos de um dos sistemas linguísticos.

¹¹¹ Mesmo em condições experimentais, não é o pesquisador dos estudos da tradução de orientação processual quem identifica a tradução no processo; pois o faz a partir dos dados do processo, obtidos mediante o experimento, que incluem o elemento ‘tradutor’; neste sentido, dentro da visão apresentada nesta tese, os estudos do processo de tradução seriam, por assim dizer, os estudos do produto do processo de tradução.

A análise do produto é feita pelo analista¹¹². Na condição de pesquisador, este irá, segundo seus interesses de análise, estabelecer uma relação de igualdade entre textos, na qual um texto (ou textos) desempenha a função de Símbolo (*Token*), o texto “original”, e outro texto (ou textos) desempenham a função de Valor (*Value*), a “tradução” (cf. Matthiessen, 2001). Em outras palavras, o valor de um texto como “texto original” só lhe é conferido diante da tradução (cf. Quadro 6.2).

Isto é necessário porque assumir os elementos da tradução como dados, se constitui como uma “metodologia” de análise da tradução. No entanto, tal metodologia é igualmente aplicável a qualquer análise contrastiva. Além disto, o fato de a tradução ser considerada como o produto do original, faz com que a agnação se estabeleça, como aponta Ivir, de um para muitos. Matthiessen (2001) define a agnação como:

A agnação é sempre definida sistemicamente em relação à organização ao longo do eixo sistêmico, ou paradigmático, na unidade em uma dada ordem (...) em algum estrato (...) em algum ponto da instanciação (...). A agnação é representada por meio da rede do sistema (...) e esta rede define os diferentes graus de agnação. Duas expressões podem estar relacionadas de maneira muito próxima em um sistema de opções com alto nível de delicadeza na rede, ou podem estar menos relacionadas em um sistema de opções com baixo nível de delicadeza. Podem mesmo não estar relacionadas em um ambiente específico e se relacionarem apenas em um ambiente amplo. Por exemplo, duas expressões podem não ser agnatas no estrato lexicogramatical, mas apenas semanticamente (...); ou podem não ser agnatas no estrato semântico e ser agnatas apenas no contexto (p. 81-2).¹¹³

Na análise do contraste entre as línguas, o princípio de agnação é muito importante, pois revela o potencial de cada língua para produzir determinado significado. No entanto, a importância da agnação interlinguística é maior para a comparação e o contraste linguístico do que para ajudar a compreender a natureza da tradução. Como foi apontado anteriormente, a produção da tradução deve, por restrições contextuais, procurar empregar os recursos de produção de apenas um dos sistemas linguísticos envolvidos no ambiente multilíngue. Assim,

¹¹² Uma vez que a tradução não é de interesse específico dos pesquisadores, mas de outras pessoas, em maior ou menor grau, em várias comunidades discursivas, qualquer pessoa (indivíduo socializado), ainda que não seja especialista, pode, em alguma situação, ter o interesse de investigar a condição de ‘tradução’ de um texto, tornando-se, pois, analista.

¹¹³ Agnation is always defined systemically by reference to organization along the systemic or paradigmatic axis within the unit at some rank (...) within some stratum (...) at some degree of instantiation (...). Agnation is represented by means of the system network (...) and this system network defines different degrees of agnation. Two expressions may be closely related within a very delicate system of options in the network or they may be more distantly related within a very indelicate system of options. They may even be unrelated within a particular environment and only be related within a wider environment. For example, two expressions may not be lexicographically agnate, only semantically agnate (...); or they may not be semantically agnate, only contextually agnate.

não há como se estabelecer a relação de agnação interlinguística na tradução, mas apenas nos estudos comparativos e contrastivos. Para a tradução, a importância da agnação reside em maior grau no tipo de escolhas que, ao longo do texto, vão restringindo (i.e., subpotencializando e individuando) as opções sistêmicas logogeneticamente.

Como ilustração de análise, apresentam-se os textos 6.2 e 6.3, a seguir. Os textos 6.2 e 6.3 compreendem os dois primeiros parágrafos do romance *Things fall apart*, e *O mundo se despedaça*, em inglês e português, respectivamente. Estes dois textos pertencem ao processo sócio-semiótico recriar.

TEXTO 6.2

Okonkwo was well-known throughout the nine villages and even beyond. His fame rested on solid personal achievements. As a young man of eighteen he had brought honor to his village by throwing Amalinze the Cat. Amalinze was the great wrestler who for seven years was unbeaten, from Umuofia to Mbaino. He was called the Cat because his back would never touch the earth. It was this man that Okonkwo threw in a fight which the old men agreed was one of the fiercest since the founder of their town engaged a spirit of the wild for seven days and seven nights.

*The drums beat and the flutes sang and the spectators held their breath. Amalinze was a wily craftsman, but Okonkwo was as slippery as a fish in water. Every nerve and every muscle stood out on their arms, on their backs and their thighs, and one almost heard them stretching to breaking point. In the end Okonkwo threw the Cat.*¹¹⁴

TEXTO 6.3

Toda a gente conhecia Okonkwo nas nove aldeias e mesmo mais além. Sua fama assentava em sólidos feitos pessoais. Aos dezoito anos, trouxera honra a sua aldeia, ao vencer Amalinze, o Gato, um grande lutador, campeão invicto durante sete anos, em toda a área desde Imuófia até Mbaino. Amalinze recebera a alcunha de o Gato porque seu dorso jamais tocara o solo. E foi ele quem Okonkwo derrotou, numa luta que, na opinião dos mais velhos, fora das mais renhidas desde a travada, durante sete dias e sete noites, entre o fundador da cidade e um espírito da floresta.

*Os tambores rufavam. As flautas cantavam. Os espectadores prendiam a respiração. Amalinze tinha destreza manhosa, mas Okonkwo era tão escorregadio quanto um peixe dentro d'água. Todos os nervos e todos os músculos estufavam em seus braços, em suas costas e em suas coxas, e quase se podia ouvi-los a se distenderem como se fossem arrebentar. Finalmente, Okonkwo derrubou o Gato.*¹¹⁵

Na condição romances, estes textos (em particular nos seus primeiros parágrafos), tendem a começar o estabelecimento da realidade que está sendo (re)criada. Neste sentido, apresentar os personagens e construir o tempo da narrativa parecem ser padrões importantes

¹¹⁴ ACHEBE, Chinua. *Things Fall Apart*. New York: Anchor Books, 1994 [1959].

¹¹⁵ ACHEBE, Chinua. *O mundo se despedaça*. Trad. Vera Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Ática, 1983.

para este tipo de texto (cf. Hasan, 1989). Assim, para este exemplo de análise, o subpotencial de criação destes significados, pertencente ao tipo de texto recriar & escrito & monólogo: romance será tomado como o ponto mais abstrato do sistema a ser considerado. Na estratificação, serão considerados os estratos semântico e gramatical; na instanciação será considerado como ponto mais alto os subpotencial deste tipo de texto.

Do ponto de vista da estratificação, tanto a apresentação dos personagens, quanto o estabelecimento do tempo da narrativa, são significados semânticos (padrões de padrões) realizados por diferentes funções gramaticais. Do ponto de vista da instanciação, é possível entender como os potenciais semântico e gramatical selecionaram funções – produzindo significados – que contribuem para a produção final do texto; no caso específico deste exemplo de análise, os significados de apresentação de personagens e construção do tempo da narrativa.

A análise gramatical das funções relevantes, textuais e ideacionais, é apresentada a seguir. Ela tem início pelo texto em português.

O texto em português pertence ao processo sócio-semiótico recriar e foi produzido em um ambiente multilíngue no qual estão presentes os potenciais de produção de significado do inglês e do português, este último produzido em um momento posterior no tempo. Contudo, devido às restrições contextuais, coube à tradutora empregar, na maior medida possível, os recursos do português.

Pelo fato de o texto ser, assim como no inglês, o início de um romance, e em português existir o subpotencial necessário para a produção deste tipo de texto, é possível, em termos analíticos e teóricos compará-lo com o potencial da língua inglesa para produzir textos funcionando na mesma região de processos sócio-semióticos. Neste sentido, é possível entender o texto 2 como uma tradução, uma vez que pode ser caracterizado como a produção diacrônica no ambiente multilíngue, funcionando em um contexto comparável ao do texto em inglês, mais próximamente ao pólo monolíngue (língua portuguesa) do contato linguístico.

Devido ao fato de, nesta tese, não se entender o texto fonte como “original”, uma vez que ambas as línguas envolvidas no ambiente multilíngue possuem recursos necessários para produzir os textos nesta região dos processos sócio-semióticos, é fundamental analisar o texto em português em relação à estratificação e a instanciação interentes a este sistema, segundo as descrições disponíveis (o que, nesta tese, será feito com base nas descrições apresentadas anteriormente nos Capítulos 3, 4 e 5).

A título de ilustração, serão investigados, assim como será feito para o texto em inglês,

os significados linguísticos relativos: à apresentação dos personagens e à construção da narrativa. A ênfase será dada, do ponto de vista da estratificação, ao estrato gramatical em relação à semântica que realiza. Do ponto de vista da instanciação, a forma como os potenciais gramatical e semântico são instanciados.

QUADRO 6.3
Análise de *O mundo se despedaça*

| | TEXT. | INTER. | IDEACIONAL | REMA |
|----|--------------------|--------------|---------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1 | | | Toda a gente [Default] | conhecia Okonkwo nas nove aldeias e mesmo mais além. |
| 2 | | | Sua fama [Default] | assentava em sólidos feitos pessoais. |
| 3 | | | Aos dezoito anos, [Perspectiva] | trouxera honra a sua aldeia, ao vencer Amalinze, o Gato, um grande lutador, campeão invicto durante sete anos, em toda a área desde Imuófia até Mbaino. |
| 4 | | | Amalinze [Default] | recebera a alcunha de o Gato porque seu dorso jamais tocara o solo. |
| 5 | E | | foi ele quem [Predicação] | Okonkwo derrotou, numa luta que, na opinião dos mais velhos, fora das mais renhidas desde a travada, durante sete dias e sete noites, entre o fundador da cidade e um espírito da floresta. |
| 6 | | | Os tambores [Default] | rufavam. |
| 7 | | | As flautas [Default] | cantavam |
| 8 | | | Os espectadores [Default] | prendiam a respiração. |
| 9 | | | Amalinze [Default] | tinha destreza manhosa |
| 10 | mas | | Okonkwo [Default] | era tão escorregadio quanto um peixe dentro d'água. |
| 11 | | | Todos os nervos e todos os músculos [Default] | estufavam em seus braços, em suas costas e em suas coxas |
| 12 | e | quase | se [Default] | podia ouvi-los a se distenderem como se fossem arrebentar. |
| 13 | Finalmente, | | Okonkwo [Default] | derrubou o Gato. |

| | | | |
|----------------|----------|----------|-------------------------------------|
| Toda a gente | conhecia | Okonkwo | nas nove aldeias e mesmo mais além. |
| Experienciador | Mental | Fenômeno | Localização |

| | | |
|----------|------------|-----------------------------|
| Sua fama | assentava | em sólidos feitos pessoais. |
| Portador | Atributivo | Atributo Circunstancial |

| | | | | |
|-------------------|----------|-------|---------------|--------------------------------|
| Aos dezoito anos, | trouxera | honra | a sua aldeia, | ao vencer Amalinze, o Gato, um |
|-------------------|----------|-------|---------------|--------------------------------|

| | | | | |
|-------------------|----------|------|------------|---------------------------------------------------------------------------------------------|
| | | | | grande lutador, campeão invicto durante sete anos, em toda a área desde Imuófia até Mbaino. |
| Circ. Localização | Material | Meta | Recipiente | Maneira |

| | | |
|------------|----------|---------------------|
| Amalinze | recebera | a alcunha de o Gato |
| Recipiente | Material | Meta |

| | | | | |
|--------|-----------|--------|----------|---------|
| porque | seu dorso | jamais | tocara | o solo. |
| ----- | Ator | ----- | Material | Escopo |

| | | | |
|----------------|---------|-----------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| E foi ele quem | Okonkwo | derrotou, | numa luta que, na opinião dos mais velhos, fora das mais renhidas desde a travada, durante sete dias e sete noites, entre o fundador da cidade e um espírito da floresta. |
| Meta | Ator | Material | Circ. Localização |

| | |
|-------------|----------|
| Os tambores | rufavam. |
| Ator | Material |

| | |
|------------|-----------|
| As flautas | cantavam. |
| Ator | Material |

| | | |
|-----------------|----------|---------------|
| Os espectadores | prendiam | a respiração. |
| Ator | Material | Meta |

| | | |
|----------|------------|-------------------|
| Amalinze | tinha | destreza manhosa, |
| Portador | Atributivo | Atributo de Posse |

| | | | |
|-------|----------|------------|-------------------------------------------------|
| mas | Okonkwo | era | tão escorregadio quanto um peixe dentro d'água. |
| ----- | Portador | Atributivo | Atributo |

| | | |
|-------------------------------------|-----------|-------------------------------------------------|
| Todos os nervos e todos os músculos | estufavam | em seus braços, em suas costas e em suas coxas, |
| Ator | Material | Localização |

| | | | | |
|------|-------|----------------|------------|-------------------------------------------------|
| e | quase | se | podia ouvi | -los a se distenderem como se fossem arrebentar |
| ---- | ----- | Experienciador | Mental | Macrofenômeno |

| | | | |
|-------------|---------|----------|---------|
| Finalmente, | Okonkwo | derrubou | o Gato. |
| ----- | Ator | Material | Meta |

Observando-se o desenvolvimento do discurso, o Tema 1 (*Toda a gente*) obedece a ORIENTAÇÃO MODAL e a ORIENTAÇÃO TRANSITIVA, portanto a SELEÇÃO DO TEMA é Default. Em português, a função do Tema: Default é dar seguimento a uma fase

discursiva, ou introduzir uma nova fase quando conflui com outras funções do sistema de INFORMAÇÃO ou do sistema de IDENTIFICAÇÃO. Neste caso, pelo fato de ser o primeiro Tema do texto, dá início a uma nova fase, pois conflui com um elemento “não-rastreado” do sistema de IDENTIFICAÇÃO (cf. Martin e Rose, 2007, Capítulo 5 – Tracking participants). Quanto à apresentação dos personagens, ‘toda a gente’ não é propriamente um personagem da história, uma vez que o Ente do grupo nominal que o realiza é a generalização do Ente: Consciente & Humano. Igualmente, ‘toda a gente’ não é retomado ao longo da narrativa. Por outro lado, nesta primeira oração, o personagem Okonkwo é introduzido da seguinte forma. Este é realizado em posição remática, confluindo com o Fenômeno do Processo: Mental ‘conhecia’. Desta forma, a generalização ‘toda gente’, que semanticamente inclui em potencial todos os personagens Ente: Consciente & Humano do romance, participam neste Processo.

O Tema 2 é realizado pela função Default. Em termos textuais, é a repetição, por meio do Dêitico de Proximidade que retoma Okonkwo, juntamente com a ‘fama’ que retoma o Processo Mental (conhecia). Em termos experienciais, o Tema conflui com a função de Portador. De uma certa forma, a atribuição funciona como forma de caracterizar, embora indiretamente, o personagem Okonkwo.

Já o Tema 3 apresenta organização distinta. Este Tema se constitui como a seleção da não-orientação para o MODO e a não-orientação para a TRANSITIVIDADE. Pelo fato de o Tema ser a confluência de um Adjunto e uma Circunstância: Intensificação, este cumpre a função de Tema Perspectiva. Do ponto de vista do discurso, este Tema em português tem a função de apresentar uma perspectiva da fase, acrescentando informação por intensificação (*enhancement*). No Rema, novamente é apresentado um personagem, neste caso, Amalinze, grupo nominal dentro da oração mudada de ordem ‘...ao vencer Amalinze...’ que funciona como uma Circunstância de Localização Temporal. Por fim, introduzindo em posição temática o personagem Amalinze, o Tema 4 o traz como Tema: Default, retomado a partir do Rema da oração anterior.

O Tema 5 se constitui como uma opção pela não-orientação, do tipo intensivo; é um Tema: Predicado. A função deste tipo de Tema em português é destacar um elemento para assim cumprir a função de contraste, ou de isolamento deste elemento em relação ao fluxo do discurso. Neste caso específico, o Tema 5 se encaixa na segunda função, uma vez que isola o elemento Amalinze como o ponto de partida da mensagem.

O Tema 6 dá início a uma nova fase discursiva. Apesar de a seleção ser pelo Tema: Default, o fato de introduzir um elemento novo no texto (Sujeito/Ator realizado pelo grupo

nominal ‘os tambores’) cumpre a função semântica de reorientação para o campo. Este padrão se repete nos Temas 7 e 8, os quais introduzem novos Participantes de maneira isolada. No entanto repetindo a configuração gramatical, sendo todos Participantes em orações materiais. O significado de apresentação dos personagens é retomado nos Temas 9, 10 e 11, os quais têm Amalinze e Okonkwo em posição temática, confluindo com Portadores.

O Tema 14 é múltiplo, pois é realizado pelo Tema Textual: Continuativo (Finalmente), seguido pelo Tema Ideacional: Default (Okonkwo). A função do Tema: Continuativo é ligar uma mensagem ao discurso precedente. Neste sentido, funciona como o fechamento desta segunda fase, que retoma a relação entre Okonkwo (em posição temática) e Amalinze (em posição remática).

Ao se observar o desenvolvimento temático, em conjunto com as funções experienciais que confluem com o Tema, é possível observar que, por um lado, os significados semânticos realizados por estas funções promovem a continuidade, como a retomada no Tema 2 do Rema 1, o Tema 3, que é Perspectiva, e a retomada no Tema 4 do Rema 3.

Do ponto de vista da apresentação de personagens, em particular de Okonkwo, é possível observar que, tendo como foco o Tema – a função a partir da qual a mensagem é interpretada – o personagem Okonkwo só ocupa o Tema por rastreamento na segunda oração. Já Amalinze, apesar de aparecer em primeira vez em posição remática, ocupa o Tema na oração seguinte.

Do ponto de vista da narrativa, os elementos experienciais em posição temática são um Experienciador, um Portador e uma Circunstância: Localização Temporal e um Recipiente. Uma vez que não se apresentam recursos de rastreamento, nem padrões gramaticais que se repetem, salvo pela falta de padrão – tanto textual quanto ideacional, é possível observar que a mensagem parte de pontos distintos a cada nova mensagem (ver Figura 6.19). Isto fica mais claro na segunda fase do texto, a partir do Tema 6, quando se vê a sucessão de apresentações de Participantes, como uma sequência de desenvolvimento no tempo.

A grande quantidade de recursos gramaticais no texto, somados ao fato de que não se repetem, realiza um potencial semântico que não se padroniza pela repetição, apresentando personagens separadamente da construção da narrativa. Assim, não havendo um padrão de padrões, a sucessão de eventos da narrativa se sobrepõe à apresentação dos personagens, que são, de saída, introduzidos como parte da história. Esta padronização culmina na oração 14, a qual traz os personagens integrados completamente à narrativa.

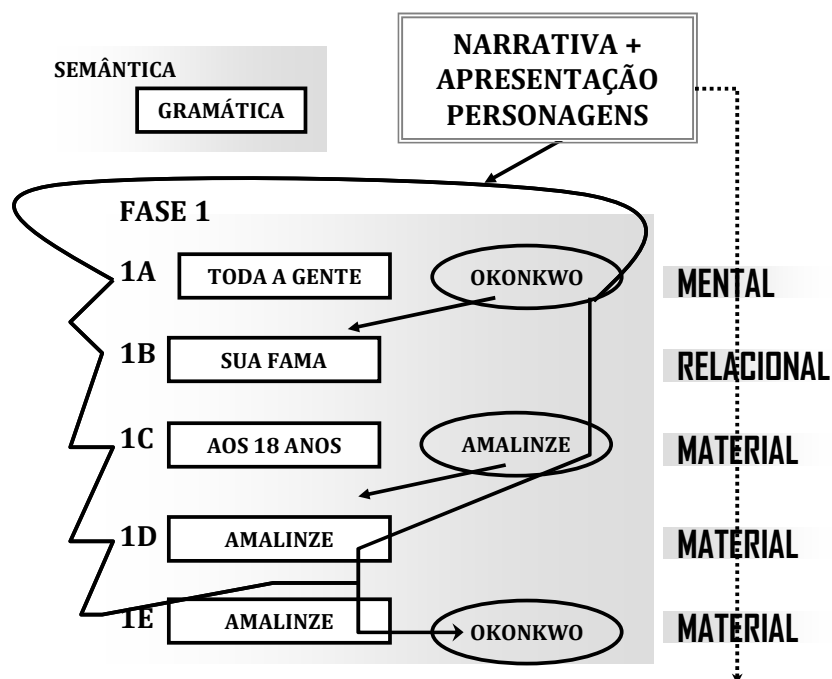


FIGURA 6.19 – Desenvolvimento do discurso no texto 6.2.

Passa-se agora à análise do texto em inglês.

QUADRO 6.3
Análise de *Things Fall Apart*

| | TEXTUAL | MARCADO | NÃO-MARCADO | REMA |
|----|-----------------------|-------------------------------------------------------------|-----------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1 | | | Okonkwo | was well-known throughout the nine villages and even beyond. |
| 2 | | | His fame | rested on solid personal achievements. |
| 3 | | As a young man of eighteen [Circumstantial: Role] | | he had brought honor to his village by throwing Amalinze the Cat. |
| 4 | | | Amalinze | was the great wrestler who for seven years was unbeaten, from Umuofia to Mbaino. |
| 5 | | | He | was called the Cat because his back would never touch the earth. |
| 6 | | It was this man that [Predicated] | | Okonkwo threw in a fight which the old men agreed was one of the fiercest since the founder of their town engaged a spirit of the wild for seven days and seven nights. |
| 7 | | | The drums | beat |
| 8 | and [conj.] | | the flutes | sang |
| 9 | and [conj.] | | the spectators | held their breath. |
| 10 | | | Amalinze | was a wily craftsman, |
| 11 | but | | Okonkwo | was as slippery as a fish in water. |

| | | | | |
|----|-----------------------|----------------------------------------------------|-------------------------------------|-----------------------------------------------------------|
| | [conj.] | | | |
| 12 | | | Every nerve and every muscle | stood out on their arms, on their backs and their thighs, |
| 13 | and [conj.] | | One | almost heard them stretching to breaking point. |
| 14 | | In the end [Circumstantial: Location] | | Okonkwo threw the Cat. |

| | | | |
|----------|------------|------------|-----------------------------------------------|
| Okonkwo | was | well-known | throughout the nine villages and even beyond. |
| Portador | Atributivo | Atributo | Trajeto |

| | | |
|----------|------------|---------------------------------|
| His fame | rested | on solid personal achievements. |
| Portador | Atributivo | Atributo Circunstancial |

| | | | | | |
|----------------------------|------|-------------|-------|----------------|-------------------------------|
| As a young man of eighteen | he | had brought | honor | to his village | by throwing Amalinze the Cat. |
| Circ. Papel | Ator | Material | Meta | Recipiente | Maneira |

| | | |
|----------|----------------|------------------------------------------------------------------------------|
| Amalinze | was | the great wrestler who for seven years was unbeaten, from Umuofia to Mbaino. |
| Símbolo | Identificativo | Valor |

| | | |
|---------|----------------|---------|
| He | was called | the Cat |
| Símbolo | Identificativo | Valor |

| | | | | | |
|---------|----------|-------|-------|-------|------------|
| because | his back | would | never | touch | the earth. |
| ----- | Ator | Mate- | ----- | -rial | Escopo |

| | | | |
|----------------------|---------|----------|------------|
| It was this man that | Okonkwo | threw | in a fight |
| Meta | Ator | Material | Trajeto |

| | | |
|-------|----------------|--------|
| which | the old men | Agreed |
| ----- | Experienciador | Mental |

| | |
|----------------|---------------------|
| Was | one of the fiercest |
| Identificativo | Valor |

| | | | | |
|-------------|---------------------------|----------|----------------------|----------------------------------|
| since | the founder of their town | Engaged | a spirit of the wild | for seven days and seven nights. |
| Localização | Ator | Material | Metal | Trajeto |

| | |
|-----------|----------|
| The drums | beat |
| Ator | Material |

| | | |
|-------|------------|----------|
| And | the flutes | Sang |
| ----- | Ator | Material |

| | | | |
|------|----------------|----------|---------------|
| And | the spectators | Held | their breath. |
| ---- | Ator | Material | Meta |

| | | |
|----------|------------|-------------------|
| Amalinze | was | a wily craftsman, |
| Portador | Atributivo | Atributo |

| | | | |
|-----|----------|------------|---------------------------------|
| But | Okonkwo | Was | as slippery as a fish in water. |
| --- | Portador | Atributivo | Atributo |

| | | | |
|------------------------------|-----------|----------------|----------------------------------|
| Every nerve and every muscle | stood out | on their arms, | on their backs and their thighs, |
| Ator | Material | Localização | Localização |

| | | | | |
|-------|----------------|--------|--------|----------------------------------|
| and | one | almost | Heard | them stretching to braking point |
| ----- | Experienciador | ----- | Mental | Macrofenômeno |

| | | | |
|-------------------|---------|----------|----------|
| In the end | Okonkwo | threw | the Cat. |
| Circ. Localização | Ator | Material | Meta |

Em inglês, o desenvolvimento temático acontece pela conjugação de Temas não-marcados, que dão continuidade à fase, Temas não-marcados que introduzem novos participantes e por isto podem dar ou não continuidade à fase e Temas marcados que provocam alguma mudança na fase. Aliados a estes, os Temas Textuais, especialmente os Conjuntivos e Continuativos, contribuem para estabelecer a relação entre as mensagens.

Neste tipo de texto, esta conjugação é importante para apresentar os personagens e estabelecer o tempo da narrativa. Como função habilitadora, é possível compreender o papel do Tema na apresentação dos personagens desta narrativa. O primeiro Tema (*Okonkwo*) é a confluência entre a função interpessoal de Sujeito – o responsável modal pela proposição – e a função experiencial de Portador – ao qual se confere, numa relação de atribuição, um Atributo. É desta forma que o personagem Okonkwo é apresentado em inglês. É o primeiro Tema, a partir do qual a mensagem (primeira oração), mas também, numa perspectiva da estrutura macrotemática, a partir do qual todo o restante do texto será interpretado, o responsável modal pelo primeiro argumento do texto e o Portador da atribuição de notoriedade ‘*well-known*’.

O segundo Tema (*his fame*) é, semanticamente, a retomada da mensagem anterior, incluindo-se o Tema e o Rema, que por sua vez se realiza na gramática por meio de diferentes recursos. Do ponto de vista do Tema como função habilitadora, este é a confluência da função interpessoal de Sujeito, ideacional de Portador, retomando os padrões gramaticais interpessoal e ideacional da oração anterior. Do ponto de vista da tessitura, este Tema é

rastreado a partir do Tema ‘Okonkwo’ (cf. Martin e Rose, 2007, Capítulo 5), realizada pelo dêitico de proximidade do grupo nominal (*his*) e a repetição do Rema (*was well-known throughout...*), realizada pelo Ente do grupo nominal (*fame*). Assim, estes dois primeiros Temas, conseguem, por meio de vários recursos gramaticais realizar a função semântica de apresentação do personagem.

O terceiro Tema (*As a young man of eighteen*) é a confluência entre a função interpessoal de Adjunto e a função ideacional de Circunstância: Papel, sendo, na oração, um Tema marcado. A função deste tipo de Tema para a organização do fluxo do discurso é promover uma mudança na fase e, de fato, é isto o que se observa. A função deste Tema, diferentemente dos dois anteriores, não é mais apresentar o personagem Okonkwo, mas, ao localizar a origem da fama que o caracteriza no tempo – quando tinha dezoito anos – estabelece o início do tempo da narrativa. A narrativa se refere a Okonkwo, realizada no Tema por mais de um recurso. Textualmente, ela é o rastreamento de Okonkwo, realizado pela repetição no grupo nominal (*young man*); ideacionalmente, por conseguinte, Okonkwo é Ente do grupo nominal na frase preposicional (preposição + grupo nominal) que realiza a função de Circunstância: Papel em posição temática.

Assim, se por um lado o Tema marcado promove a mudança de fase no fluxo do discurso – da fase de apresentação do personagem para a fase da história do personagem (a narrativa propriamente dita) – por outro lado, recursos de tessitura (rastreamento) e ideacionais (estrutura experiencial do grupo nominal) retomam o elemento na posição temática da fase anterior. Após a apresentação de Okonkwo, é por meio desta função textual que, por assim dizer, a sua história começa. Esta sobreposição de padrões leva, semanticamente, à compreensão de que, apesar de o assunto ter mudado (com uma reorientação para o campo), trata-se de um desenvolvimento do mesmo texto.

Os Temas 4 e 5, em grande medida, repetem os padrões dos Temas 1 e 2 para a introdução de outro personagem, Amalinze. Cabe destacar o fato de, ao ser apresentado, de início, já faz parte da narrativa. Por este motivo, Amalinze é retomado a partir do Rema da terceira oração, não havendo a necessidade de, nesta transição, serem utilizados os recursos de rastreamento de um Tema para o outro.

O sexto Tema, na qualidade de Tema marcado, possui função de mudança na fase. No entanto, a sua função se relaciona mais à organização interna de uma fase do que o desenvolvimento do fluxo discursivo (Matthiessen, 1995; Martin e Rose, 2007), devido ao fato de realizar a função semântica de contraste, por meio do Tema Predicado, selecionando Amalinze tanto como Tema (*this man*) quanto Rema (*that* – pronome relativo). A predicação

deste Tema, realizada pela oração encaixada ‘*Okonkwo threw in a fight...*’ traz como Tema/Sujeito/Ator mudado de ordem Okonkwo. Com isto, na organização interna desta fase, cabe a esta mensagem ser o seu encerramento, realizando na posição temática Amalinze e na sua predicação Okonkwo.

O sétimo Tema é a confluência das funções de Sujeito e Ator, configurando-se como um Tema não-marcado. No entanto, introduz uma nova fase, assim interpretada pelo emprego de três recursos: (1) a realização do Tema Predicado na oração anterior, que ao relacionar as duas subfases (apresentação de Okonkwo e início da narrativa) encerra a primeira fase; (2) apesar de ser um Tema não-marcado, o grupo nominal que o realiza representa um novo participante na história (*the drums*), mencionado por primeira vez, portanto interpretado no desenvolvimento do texto como “não-rastreado”; (3) na expressão grafológica, tem-se início a um novo parágrafo.

Por meio do Tema Textual: Conjuntivo, as duas orações seguintes se ligam a esta primeira. Esta ligação também se faz pela repetição do padrão gramatical (Sujeito/Ator; elementos “não-rastreados”). Desta forma, estas se incluem na mesma subfase. É interessante observar que esta segunda fase repete o padrão de desenvolvimento da primeira fase, que introduziu o personagem Okonkwo por meio da atribuição e o personagem Amalinze por meio da identificação. Contudo, neste caso, a apresentação não é de um personagem, mas de uma situação – a luta – portanto colocando na posição temática Participantes de Processo: Material.

Este fato contribui, igualmente, para o desenvolvimento da narrativa. Se na primeira fase esta foi realizada gramaticalmente pela colocação em posição temática da Circunstância: Papel e pela descrição dos personagens, na segunda esta se dá pelas ações (figuras de ocorrer realizadas por orações materiais).

No décimo e décimo primeiro Temas, tem-se, mais uma vez, a repetição do padrão anterior, Temas não-marcados introduzindo personagens não-rastreados a partir da mensagem anterior. Portanto, estes realizam uma nova reorientação do campo, dando início à nova subfase. Contudo, estes retomam – tanto por rastreamento, quanto por padrões de Tema/Sujeito/Portador – Okonkwo e Amalinze. O Tema Textual em 11 realiza textualmente, novamente, a oposição entre estes dois personagens.

Ao final do texto, o Tema 14 realiza o final desta segunda fase. Este conflui as funções Adjunto/Circunstância: Localização Temporal, sendo portanto um Tema marcado. Nesta condição, provoca uma mudança na fase e, assim como aconteceu ao final da fase anterior, este Tema marcado, repetindo o padrão, encerra a fase. É interessante observar que, tanto no

fim da primeira, quanto no fim da segunda fase, observa-se o rastreamento da mesma parte da mensagem em posição remática ‘Okonkwo threw [Amalinze] in a fight...’ e ‘Okonkwo threw the Cat’.

O desenvolvimento do discurso no texto 2 é apresentado na Figura 6.20, a seguir.

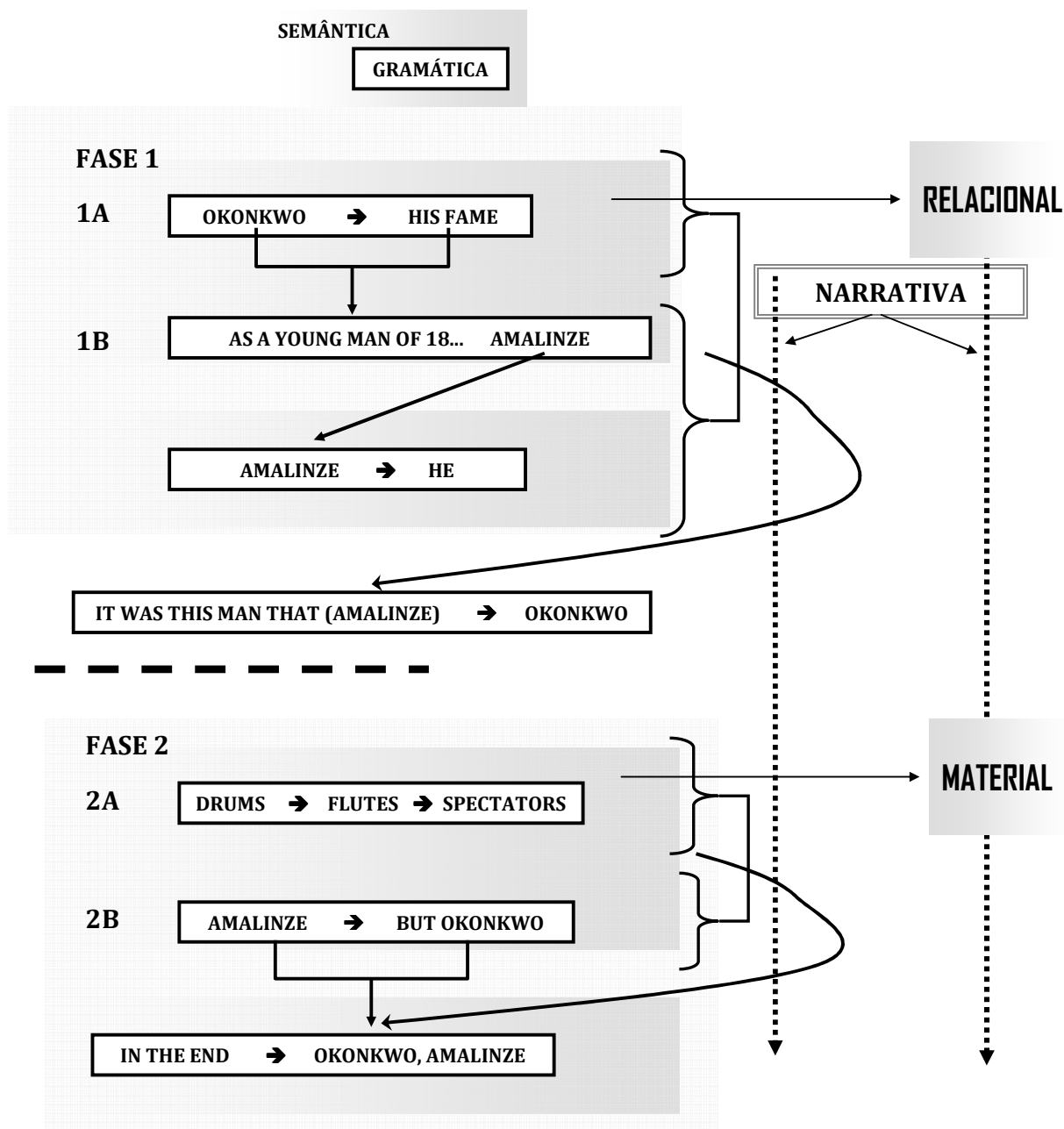


FIGURA 6.20 – Desenvolvimento do discurso no texto 6.3.

A partir desta análise do texto em inglês, focada no desenvolvimento textual e complementada pela análise das outras metafunções foi possível observar como o potencial

gramatical do inglês nas funções de Tema não-marcado, Tema marcado, Tema textual, Sujeito, Ator, Portador, entre outras, é instanciado para produzir os significados do texto que, no caso desta análise, foram evidenciados na apresentação dos personagens e na construção da narrativa.

Igualmente, é possível observar como o potencial semântico, relativo ao tipo de texto, é realizado pelas diferentes funções gramaticais e, desta maneira, constrói padrões mais complexos para produzir o texto. Por exemplo, a utilização da repetição dos padrões de mensagens e fases anteriores, forma um padrão (um padrão de padrões) que contribui para o desenvolvimento no fluxo discursivo apresentando mudanças, mas, ao mesmo tempo, conserva a unidade textual. Este padrão de padrões é uma das realizações mais importantes do significado de narrativa: uma sucessão de mudanças, porém conservando a unidade.

Focando o desenvolvimento ideacional, observa-se na primeira fase do texto um padrão de apresentação dos personagens por meio de orações relacionais, de atribuição para Okonkwo e de identificação para Amalinze. Além disto a Circunstância: Papel contribui para o início da narrativa. Na segunda fase do texto, o emprego de orações materiais contribuem para o desenvolvimento da narrativa.

CONCLUSÃO

Afiliando-se aos estudos da tradução e aos estudos linguísticos, esta tese assumiu como objeto de estudo a língua na sua manifestação como produção linguística. Mais precisamente, esta tese partiu da interseção entre os estudos da tradução e os estudos linguísticos, buscando compreender a produção linguística relativa à tradução – em particular quando o português brasileiro está envolvido.

Nos estudos da tradução, esta tese faz parte das abordagens sistêmicas da tradução, que se preocupam em investigar o fenômeno e as relações tradutórias do ponto de vista linguístico, mas considerando como elemento fundamental a sua relação com o contexto e com a cultura. Nos estudos linguísticos, esta tese adotou a teoria sistêmico-funcional como base, por ser uma teoria linguística que se ocupa desde estruturas e sistemas presentes na organização interna do sistema linguístico até as questões mais amplas de cultura e ideologia.

A motivação para a pesquisa aqui apresentada teve como base uma questão importante apontada pelas abordagens linguísticas da tradução realizadas no Brasil – a necessidade de descrições mais amplas e articuladas do português brasileiro, de forma a possibilitarem a análise de fenômenos linguísticos mais complexos.

A partir destes dois olhares, esta tese procurou estabelecer a complementaridade entre os estudos da tradução e os estudos linguísticos de duas formas. Primeiramente, utilizando a visão dos estudos da tradução para contribuir com a descrição linguística sob uma perspectiva tipológica, entendendo a tradução como uma forma de produção linguística importante que pode, tal como foi mostrado nesta tese, contribuir para a análise – no ambiente monolíngue ou multilíngue – das diferentes línguas. Em segundo lugar, mostrou como a descrição, e principalmente as condições teóricas que levaram à descrição, podem contribuir para a compreensão da tradução como uma forma particular de produção de significado ao mesmo tempo em que toma parte no contexto maior de contato linguístico.

A pesquisa apresentada nesta tese se organizou da seguinte forma.

No Capítulo 1 foram apresentados os pressupostos básicos dos estudos da tradução, evidenciando um percurso dos estudos da tradução de base linguística que dão foco ao contato entre línguas, levando aos estudos multilíngues. O Capítulo 2 apresentou a metodologia de descrição sistêmico-funcional e os pressupostos básicos da teoria necessários para a análise dos dados. Neste capítulo também foi incluída a forma de coleta do corpus, de extração e

análise dos dados – quantitativa, por meio da utilização de programas computacionais e qualitativa, conduzida manualmente.

Os Capítulos 3, 4 e 5 perfazem a introdução ao perfil metafuncional do português brasileiro, descrevendo os principais sistemas gramaticais das metafunções textual, relativamente ao TEMA; interpessoal, relativamente ao MODO; e ideacional, relativamente ao TIPO DE PROCESSO (que se limitou ao Processo: Mental). Nesta descrição cabe destacar:

(i) Esta foi uma descrição realizada de forma tipológica, cujas categorias teóricas são aplicáveis a várias línguas e, portanto, propiciam os estudos de contato linguístico, tais como a tradução e a tipologia.

(ii) Esta descrição se constitui como uma interpretação do português brasileiro realizada a partir da funcionalidade encontrada na análise do corpus – portanto não foi, em qualquer medida, uma transposição das descrições de outras línguas para o português. Assim, se é possível afirmar que esta ou aquela função ou sistema é “igual” a funções ou sistemas em outras línguas, isto se deve a fatores relativos à própria interpretação sistêmico-funcional ou à semelhança entre as línguas. Como mostram as ponderações sobre o contato linguístico apresentadas nesta tese, “igual” não é um conceito teórico aplicado a línguas diferentes.

(iii) Procurou-se aqui articular as descrições textual, interpessoal e ideacional. Assim, a interpretação textual encontra consonância com a interpessoal e ideacional, e assim por diante. Este fato é considerado nesta tese como sendo de muita importância para análises complexas, que envolvem mais de uma metafunção, em mais de um estrato, ou em diferentes regiões do contínuo de instanciação (registros diferentes).

Uma vez realizada a descrição, foi possível voltar à relação entre a produção linguística e a tradução, apresentadas no Capítulo 6. Este capítulo mostrou como é possível investigar a tradução a partir das ponderações apresentadas nesta tese.

Dentre as suas principais características destacam-se o entendimento de todos os elementos presentes na tradução como conceitos que devem ser formulados teoricamente e articulados entre si. Por exemplo, na seguinte constatação “para que um texto seja identificado como traduzido é preciso que um tradutor esteja presente”, os termos ‘texto’, ‘tradução’ e ‘tradutor’ são entendidos tal como formulados conceitualmente, e não tomados como dados. Dentre estes conceitos, merece destaque nas ponderações apresentadas nesta tese o conceito de ‘ambiente multilíngue’, o qual compreende a soma de todo o potencial multilinguístico disponível para os falantes, delimitado pelo contexto.

Outra característica importante que merece destaque é a necessidade analítica de não se conferir “originalidade” ao texto fonte. O fato de um texto da relação tradutória ser tomado como original implica em este se tornar referência para a análise do texto traduzido. Assim, elementos que, aparentemente formam parte da descrição da tradução, tais como a correspondência formal, a equivalência de tradução e a mudança de tradução se tornam, na prática, passos da metodologia de análise: o texto traduzido (ou a unidade traduzida) é correspondente ao original; é equivalente ao original, é uma mudança em relação ao original.

É fundamental ressaltar que a comparação e o contraste são operações de muita importância para qualquer análise multilíngue, incluindo a tradução. Isto porque estas são capazes de revelar formas de produção dos sistemas linguísticos que, de outra forma, seria muito mais difícil compreender. Um exemplo importante, por exemplo, está no ensino e formação de tradutores. Entendendo o ensino como uma forma de expansão do potencial de significação, a análise da correspondência formal, da equivalência e da mudança de tradução representam formas de se compreender as diferentes características dos sistemas linguísticos, bem como estes utilizam seus recursos.

Por outro lado, entender o texto (ou textos) fonte e o texto (ou textos) alvo presentes no ambiente multilíngue como instâncias do potencial linguístico humano de produzir significado implica em analisá-los todos, por assim dizer, como “originais”.

De um modo geral, a análise dos sistemas linguísticos e textos presentes no ambiente multilíngue (principalmente, devido à sua riqueza e amplitude de base sistêmico-funcional) permite entender como o potencial multilíngue é utilizado para construir textos. Como foi sugerido, um texto não necessariamente utiliza recursos exclusivos de apenas um sistema linguístico, pois, uma vez no ambiente multilíngue, todo o potencial está disponível.

Obviamente, cada contexto irá determinar qual parte do potencial está disponível para registros e tipos de texto específicos, ou situações específicas, como é o caso da tradução. Esta tem como uma das características principais a restrição de, apesar de tomar parte no ambiente multilíngue, utilizar na produção textual os recursos de apenas um sistema linguístico.

Desta forma, na tradução, o entendimento de como o potencial multilíngue foi utilizado para formar os textos (fonte e alvo) permite, de fato, compreender como o potencial de cada língua é empregado em cada contexto. Por exemplo, nos textos 6.2 e 6.3 foi possível entender como os sistemas linguísticos do português e do inglês constroem os significados de ‘narrativa’ e ‘apresentação dos personagens’. No caso do português, a introdução dos personagens se deu

como elementos em uma sequência de eventos, compondo parte da narrativa. Em inglês, a apresentação dos personagens se deu de forma independente da narrativa.

Focando na função de Tema, o potencial do português (Tema Textual, Tema Interpessoal; e Tema Default, Elemental, Ângulo, Perspectiva e Intensivo) foi instanciado intercalando Tema Default, confluído com diferentes funções ideacionais e Tema Perspectiva. Por outro lado, o potencial do inglês (Tema Textual, Tema Interpessoal; e Tema não-marcado e Tema marcado) foi instanciado por Tema não-marcado confluído com funções ideacionais relacionais para apresentar personagens, e Tema não-marcado confluído com funções materiais e Tema Marcado para mudança na fase discursiva, contribuindo para o desenvolvimento da narrativa.

O que é importante desta análise, e este é o ponto central das ponderações sobre tradução apresentadas nesta tese, é que esta instanciação não é a única possível em português, e, dentre todas as possibilidades, foi esta que ocorreu no ambiente multilíngue, segundo as determinações contextuais, revelando, assim, a natureza da tradução.

Voltando aos objetivos que foram propostos para esta tese, é possível afirmar que esta pesquisa se encerra cumprindo seus objetivos gerais, pois:

- Contribuiu para os estudos da tradução, em análises de comparação e motivação tradutória, bem como para uma futura teoria de tradução.
- Contribuiu para a descrição sistêmico-funcional do português brasileiro.
- Contribuiu com os estudos sistêmico-funcionais aplicados ao português brasileiro.
- Corroborou os resultados alcançados pelas abordagens à tradução de base sistêmico-funcional.
- Contribuiu para a ampliação das pesquisas desenvolvidas no âmbito do Laboratório Experimental de Tradução da Faculdade de Letras da UFMG.

Quanto aos objetivos específicos, é possível concluir que estes, também, foram cumpridos, uma vez que:

- Promoveu a identificação e propôs uma descrição sistêmico-funcional dos sistemas de TEMA, MODO e TRANSITIVIDADE (limitando-se às orações mentais).
- Contribuiu para uma maior elucidação da interface entre os estudos da tradução e os estudos linguísticos, por meio de sua relação no ambiente multilíngue do contato entre línguas.

- Utilizou as ponderações apresentadas na tese como parte do método de descrição linguística tipológica e, complementarmente, empregou a descrição como base para a análise da tradução.

Entendendo que os objetivos a que esta tese se propôs foram cumpridos, cabe destacar que ainda são necessários mais trabalhos nesta interface entre estudos da tradução e estudos linguísticos. Assim, como sugestão para pesquisas futuras aponta-se a descrição de outros sistemas gramaticais e a complementação dos sistemas descritos nesta tese.

É também necessária uma descrição dos sistemas semânticos, principalmente em relação à sua realização gramatical, uma vez que é preciso ligar de forma mais consistente a descrição gramatical ao discurso, incluindo os diferentes tipos de texto. A descrição semântica é fundamental para os estudos da tradução, uma vez que nestes, a principal unidade de análise é o texto.

É preciso um aprofundamento maior na descrição do ambiente multilíngue, tanto na forma como este se constitui, quanto nas variáveis contextuais que o delimitam. Para isto são necessárias pesquisas sobre instanciação, de forma a se descrever com maior precisão como o potencial linguístico se torna texto. Em particular para o estudo do tradutor é necessário pesquisar de forma mais detalhada o processo de individuação, que pode contribuir para melhor entender as escolhas restritas pelos sistema e aquelas que são particulares de cada tradutor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, D. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. *Aspectos da representação do discurso em textos traduzidos os verbos de elocução neutros*. 2006. enc. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais.

ALVES, F.; STEINER, E. *et al.* *Uma abordagem do texto traduzido com vistas à modelagem computacional: o fenômeno da (des)metaforização no processo tradutório de tradutores expertos*. Programa Probral (Capes/DAAD) (Brasil/Alemanha) Edital – CGCI – n. 013/2007 PROJETO DE PESQUISA. 2007.

ARAÚJO, C. *O sistema semântico de PROJEÇÃO e sua dispersão gramatical em português brasileiro: uma descrição sistêmico-funcional orientada para os estudos linguísticos da tradução* 2007. 133f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

ARÚS, J. *Hacia una especificación computacional de la transitividad en el español: estudio contrastivo con el inglés*. Tese (Doutrado em Linguística) – Universidad Complutense de Madrid. Madri, 2003.

ASSIS, R. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. *A transitividade na representação de Sethe no corpus paralelo Beloved-Amada*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/ PosLin, 2005. (Dissertação, Mestrado em Linguística Aplicada, inédita).

BAKER, M. *In other words: a coursebook on translation*. London: Routledge, 1992.

BERRY, M. *An Introduction to Systemic Linguistics: Structures and Systems*. London: Batsford, 1975.

BIBER, Douglas. *Variation across speech and writing*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1991.

BROWNE, W.; ALT, T. *A handbook of Bosnian, Serbian and croatian*, 2004. Disponível em <http://www.seelrc.org:8080/grammar/pdf/compgrammar_bcs.pdf>. Acesso em 20 de agosto de 2010.

BUTT, D.; FAHEY, R.; FEEZ, S., SPINKS, S.; YALLOP, C. *Using functional grammar: an explorer's guide*. Sydney: National Centre for English Language Teaching and Research Macquarie University, 1994.

CAFFAREL, A.; MARTIN, J.; MATTHIESSEN, C. (Eds.) *Language typology: a functional perspective*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004.

CAFFAREL, A. *Metafunctional profile of the grammar of french*. In CAFFAREL, A.; MARTIN, J & MATTHIESSEN, C. (Eds.): 77-137, 2004.

CAFFAREL, A. *A systemic functional approach to grammar of French: From grammar to discourse*. London and New York: Continuum, 2006.

CATFORD, J. *A linguistic theory of translation: an essay in applied linguistics*. London: Oxford Univ., 1965. 103p.

CATFORD, J. *Fundamental problems in phonetics*. Indiana: Indiana University Press, 1977.

CATFORD, J. *Uma teoria linguística da tradução: um ensaio de linguística aplicada*. São Paulo: Cultrix, 1980.

CHRISTIE, F. Systemic functional linguistics and a theory of language in education. *Ilha do Desterro* (Florianópolis), 2004, v. 46, p. 13-40.

CRUZ, O. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. *Harry Potter and the chamber of secrets e sua tradução para o português do Brasil: uma análise dos verbos de elocução com base na linguística sistêmica e nos estudos de corpora*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/ PosLin, 2003. (Dissertação, Mestrado em Linguística Aplicada, inédita).

DOURADO, M., GIL, G., VASCONCELLOS, M. L. *Contributions of systemic linguistics to translation studies*. Anais do XIII Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua Inglesa – ENPULI, Rio de Janeiro: Editora da PUC, 1995.

EDELMAN, G. *Bright air, brilliant fire: on the matter of the mind*. New York: Basic Books; London: Allen Lane, 1992.

EDELMAN, G. *Mais vasta do que o céu: O dom fenomenal da consciência*. Trad. de Jorge Falcão Barbosa e Madalena Falcão Barbosa. Lisboa: Relógio D' Água Editores, 2005.

EGGINS, S.; SLADE, D. *Analysing casual conversation*. London: Cassell, 1997.

ELLIS, J. *Towards a general comparative linguistics*. The Hague: Mouton, 1966. 170p.

FAWCETT, R. What makes a good system network? In: Benson, J.; Greaves, W. (Eds.). *Systemic functional approaches to discourse*. Norwood: Ablex, 1988.

FAWCETT, R. The English personal pronouns: An exercise in linguistic theory". In: Benson, J.; Cummings, M.; Greaves, W. (Eds.). *Linguistics in a Systemic Perspective*, 1988.

FEITOSA, M.; PAGANO, A. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. *Uma proposta de anotação de corpora paralelos com base na linguística sistêmico-funcional*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/ PosLin, 2005. (Dissertação, Mestrado em Linguística Aplicada, inédita).

FIRTH, J. *Papers in Linguistics – 1934-1951*. Oxford: Oxford University Press. 1957

FIGUEREDO, G. *Uma descrição sistêmico-funcional da estrutura do grupo nominal em português orientada para os estudos linguísticos da tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/ PosLin, 2007. (Dissertação, Mestrado em Linguística Aplicada, inédita).

FIGUEREDO, G. *A systemic functional description of MOOD in Portuguese*. In: YAN, F.; WU, C. (Eds.). *Challenges to Systemic Functional Linguistics: Theory and Practice*. Pequim: Tsinghua Printing House, 2010.

FIGUEREDO, G. *Uma interpretação do sistema de TEMA em português: da organização oracional ao fluxo do discurso*. Em preparação.

FIGUEREDO, G.; ARAÚJO, C.; PAGANO, A. *Principles underlying the experiential and the logical structures of the nominal group in Portuguese*. In: The 19th European Systemic Functional Linguistics Conference and Workshop, 2008, Saarbrücken. The 19th European Systemic Functional Linguistics Conference and Workshop, 2008.

FIGUEREDO, G. ; PAGANO, A. *They shoot horses, don't they? e sua tradução para o português, sob a perspectiva da organização temática*. *Graphos* (João Pessoa), v. 11, p. 85-103, 2009.

FRANÇA, J.; VASCONCELLOS, A. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

FREITAG, R. *Estratégias gramaticalizadas de interação na fala e na escrita: marcadores discursivos revisitados*. *Revel*, vol. 7, n. 13, 2009. [www.revel.inf.br], 2009.

FRIES, P. *On the status of theme in English: arguments from discourse*. Hamburg: Forum linguisticum 6.1 Revisado and reprinted in Janos S. Petöfi & Emil Sozer (Eds), *Micro and Macro Connexity of texts*, Hamburg: helmut Buske Verlag, 1993. (1981)

HALLIDAY, M. A. K. *Categories of the theory of grammar*, *Word* 17.3: 241-292, 1961.

Halliday, M.A.K. 'Notes on Transitivity and Theme in English', parts 1, 2 and 3, *Journal of Linguistics* 3(1): 37-81; 3(2): 199-244; 4(2): 179-215, 1967/68.

HALLIDAY, M. A. K. *Language structure and language function*. In: LYONS, J. (Ed.). *New horizons in linguistics*. Middlesex: Penguin Books Ltd, 1970.

HALLIDAY, M. A. K. *Linguistic function and literary style: an enquiry into the language of William Golding's The Inheritors*. In: *Explorations in the functions of language*. London: Edward Arnold, 1973.

HALLIDAY, M. A. K. *System and function in language*. London: Oxford University Press, 1976.

HALLIDAY, M. A. K. *Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning*. London & Baltimore: Edward Arnold & University Park Press, 1978.

HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. 1 ed. London: Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. *The construction of knowledge and value in the grammar of scientific discourse, with reference to Charles Darwin's the origin of species*. In: COULTHARD, M. (Ed.). *Advances in written text analysis*. London and New York: Routledge, 1994.

HALLIDAY, M. A. K. *Things and relations: regrammaticising experience as technical knowledge*. In: MARTIN, J., VEEL, R. (Ed.). *Reading science: critical and functional perspectives on discourses of science*. London and New York: Routledge, 1998. p. 185-235.

HALLIDAY, M. A. K. *Towards the theory of a good translation*. In: STEINER, E.; YALLOP, C (Ed.). *Exploring translation and multilingual text production: beyond content*. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 2001. p. 13-18.

HALLIDAY, M. A. K. *On grammar*. London: Continuum, 2002. (The collected works of M. A. K. Halliday, v. 1).

HALLIDAY, M. A. K. *Linguistic studies of text and discourse*. London: Continuum, 2002b. (The collected works of M. A. K. Halliday, v. 2).

HALLIDAY, M. A. K. *On language and linguistics*. London: Continuum, 2003. (The collected works of M. A. K. Halliday, v. 3).

HALLIDAY, M. A. K. *The language of early childhood*. London: Continuum, 2004. (The collected works of M. A. K. Halliday, v. 4).

HALLIDAY, M. A. K. *The language of science*. London: Continuum, 2004b. (The collected works of M. A. K. Halliday, v. 5).

HALLIDAY, M. A. K. *Computational and quantitative studies*. London: Continuum, 2005. (The collected works of M. A. K. Halliday, v. 6).

HALLIDAY, M. A. K. *Studies in English language*. London: Continuum, 2005b. (The collected works of M. A. K. Halliday, v. 7).

HALLIDAY, M. A. K. *Studies in Chinese language*. London: Continuum, 2006. (The collected works of M. A. K. Halliday, v. 8).

HALLIDAY, M. A. K. *Language and education*. London: Continuum, 2007. (The collected works of M. A. K. Halliday, v. 9).

HALLIDAY, M. A. K. *Language and society*. London: Continuum, 2007b. (The collected works of M. A. K. Halliday, v. 10).

HALLIDAY, M. A. K. *Complementarities in language*. Beijing: The Commercial Press, 2008.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London and New York: Longman, 1976.

HALLIDAY, M. A. K.; MARTIN, J. *Writing science: literacy and discursive power*. London and Pittsburgh. University of Pittsburgh Press, 1993.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. *Construing experience as meaning: a language based approach to cognition*. London: Cassell, 1999.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. *An introduction to functional grammar*. 3a ed. London: Edward Arnold, 2004.

HALLIDAY, M. A. K.; McDONALD, E. *Metafuncional profile of the grammar of Chinese*. In: CAFFAREL, A.; MARTIN, J.; MATTHIESSEN, C. (Eds.) *Language typology: a functional perspective*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004.

HALLIDAY, M. A. K.; McINTOSH, A.; STREVENSON, P. *The linguist sciences and language teaching*. London: Longmans, 1964.

HASAN, H. *Linguistics, language, and verbal art*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HASAN, R.; CLORAN, C.; BUTT, D. *Functional descriptions: theory in practice*. Amsterdam; Philadelphia: J. Benjamins Pub., c1996. 381 p.

HATIM, B. *Teaching and researting translation*. Harlow: Longman, 2001.

HATIM, B.; MASON, I. *Discourse and the translator*. London ; New York: Longman, 1993.

HAWKING, S. *A brief history of time from the big bang to black holes*. London, Auckland: Bantam Press, 1988.

HAWKING, S. *Uma breve história do tempo: do big bang aos buracos negros*. Trad. Maria Helena Torres. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

HERKE-COUCHMAN, M. *SFL, corpus and the consumer: an exploration of theoretical and technological potential*. Sidney: Departamento de Linguística da Macquire University, 2006. (Tese de doutorado).

HOUSE, J. *A model for translation quality assessment: a model revisited*. Tübingen: Gunter Narr, 1997.

HUNSTON, S., THOMPSON, G. *Evaluation: an introduction*. In: HUNSTON, S., THOMPSON, G. (Eds.) *Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2001. cap. 1, p. 1-27.

IVIR, V. *Poetics today, Vol. 2, No. 4, Translation theory and intercultural relations* (Summer-Autumn, 1981), pp. 51-59.

KRESS, G.; van LEEUWEN, T. *Reading images*. Geelong: Deakin University Press, 1996.

KUMAR, A. *Mood, Transitivity and Theme in Bajjika in a typological perspective: a text based-description*. Sydney: Departamento de Linguística da Macquire University, 2009. (Tese de doutorado).

KWORK, H. *Sentence particles in Cantonese*. Hong kong: Centre of Asian Studies, University of Hong Kong, 1984.

LAM, M.; FIGUEREDO, G.; ESPÍNDOLA, E. *An SFL Contrastive Analysis of Interpersonal Particles in Cantonese and Portuguese*. In: 36th International Systemic Functional Congress,

2010, Pequim. Challenges to Systemic Functional Linguistics: Theory and Practice. Pequim : Tsinghua Printing House, 2010.

LAMB, S. *Pathways of the brain: the neurocognitive basis of language*. Amsterdam: Benjamins, 1999.

LEFEVERE, A. *Translation, rewriting and the manipulation of Literary Fame*. London and New York: Routledge, 1992.

MAGALHÃES, C. *Da coesão como recurso de continuidade do discurso*. In: ALVES, F., MAGALHÃES, C., PAGANO, A. (Org.). *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004. p. 210-245.

MALMKJÆR, K. *Linguistics and the language of translation*. Edinburgh: Edinburg University Press, 2005.

MARTIN, J. R. *English text: system and structure*. Philadelphia and Amsterdam: Jhon Benjamins Publishing Company, 1992.

MARTIN, J. R. *Analysing genre: functional parameters*. In: CHRISTIE, F., MARTIN, J. R. (Eds.) *Genre and institutions: social processes in the workplace and school*. London & New York: Continuum, 1997. p. 3-37.

MARTIN, J. R. Interpersonal grammaticalization: mood and modality in tagalong. *Philippine Journal of Linguistics* 21.1, 1990.

MARTIN, J. R. Grammatical conspiracies in Tagalog: family, face and fate - with reference to Benjamin Lee Whorf. In: Benson, J.; Cummings, M.; Greaves, W. (Eds.). *Linguistics in a Systemic Perspective*. Amsterdam: Benjamins, 1988.

MARTIN, J. R. Transitivity in Tagalog: a functional interpretation of case. In: Berry, M.; Butler, C.; Fawcett, R.; Huang, G. (Eds.). *Meaning and form: systemic functional interpretations*. Norwood, N.J.: Ablex (Meaning and Choice in Language: studies for Michael Halliday), 1996.

MARTIN, J. R. *Beyond exchange: appraisal systems in English*. In: HUNSTON, S., THOMPSON, G. (Eds) *Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2001. cap. 8, p. 142-175.

MARTIN, J. R. *Sense and sensibility: texturing evaluation*. In: FOLEY, J. (Ed.) *Language, Education and Discourse: functional approaches*. London and New York : Continuum, 2004.

MARTIN, J. R. Grammatical structure: what do we mean? In: Coffin, C.; Hewings, A.; O'Halloran, K. (Eds.). *Applying english grammar: functional and corpus approaches*. London: Arnold. 2004b.

MARTIN, J. R. Tenderness: Realisation and instantiation in a Botswanan Town. In: Nørgaard, N. (Ed.). *Systemic Functional Linguistics in Use*. 2008 (Odense Working Papers in Language and Communication, v. 29)

MARTIN, J. R. Realisation, instantiation and individuation: some thoughts on identity in youth justice conferencing. D.E.L.T.A., (São Paulo) 25:ESPECIAL, 2009.

MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. Systemic typology and topology. In: Christie, F. (Ed.). *Literacy in Social Processes: papers from the inaugural Australian Systemic Linguistics Conference, held at Deakin University, January 1990*. Darwin: Centre for Studies in Language in Education, Northern Territory University. 1991.

MARTIN, J.; MATTHIESSEN, C.; PINTER, C. *Working with functional grammar*. London: Arnold, 1997.

MARTIN, J., ROSE, D. *Working with discourse: meaning beyond the clause*. London: Continuum, 2003.

MARTIN, J.; ROSE, D. *Working with discourse: meaning beyond the clause*. 2. ed. London: Continuum, 2007.

MARTIN, J.; WHITE, P. *The language of evaluation : appraisal in English*. London: Palgrave, 2005.

MATTHIESSEN, C. "Interpreting the textual metafunction." In: DAVIES, M.; RAVELLI, L. (Eds.). *Advances in systemic linguistics*. London: Pinter. 37-82, 1992.

MATTHIESSEN, C. *Register on the round: diversity in a unified theory of register analysis*. In: GHADDESSY, M (Ed.). *Register analysis: practice and theory*. London: Pinter, 1993.

MATTHIESSEN, C. Letter to Mark Durieix. 1994. Disponível em <http://www.ling.mq.edu.au/nlp/network/debates/Matthiessen_Durieix94.html>. Acesso em 25 de abril de 2007.

MATTHIESSEN, C. *Lexicogrammatical cartography: English systems*. Tokyo: International Language Science Publishers, 1995.

MATTHIESSEN, C. Construing processes of consciousness. From the commonsense model to the uncommonsense model of cognitive science. In: MARTIN, J., VEEL, R. (Eds). *Reading science: critical and functional perspectives on discourses of science*. London and New York: Routledge, 1998. p. 327-356.

MATTHIESSEN, C. Lexicogrammar and collocation: a systemic functional exploration. In: *Issues in English grammar*. Hyderabad: Central Institute of English and Foreign Languages, 1998b.

MATTHIESSEN, C. *The system of transitivity: an exploratory study of text based profiles*. Functions of language, nº 6 (1), p. 1-51, 1999.

MATTHIESSEN, C. The environments of translation. In: STEINER, E. YALLOP, C. (Eds.). *Exploring translation and multilingual text production, beyond content*. Berlin & New York: Mouton de Gruyter, 2001. p. 41-124.

MATTHIESSEN, C. *Descriptive motifs and generalizations*. In: CAFFAREL, J. MARTIN & MATTHIESSEN, C. (Eds.). *Language typology: a functional perspective*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2004.

MATTHIESSEN, C. Lexicogrammar in Systemic Functional Linguistics: descriptive and theoretical developments in the “IFG” tradition since the 1970s. In: HASAN, R.; MATTHIESSEN, C. & WEBSTER, J. (Eds.). *Continuing discourse on language*. London: Equinox, 2005b. Volume 1.

MATTHIESSEN, C. The “architecture” of language according to systemic functional theory: developments since the 1970. In: HASAN, R.; MATTHIESSEN, C. & WEBSTER, J. (Eds.). *Continuing discourse on language*. London: Equinox, 2005b. Volume 2.

MATTHIESSEN, C.; HALLIDAY, M. A. K. *Systemic functional grammar: a first step into the theory*. Beijing: Higher Education Press, 2009.

MATTHIESSEN, C.; TERUYA, K.; WU, C. Multilingual studies as a multi-dimensional space of interconnected language studies. In: WEBSTER, J. (Ed.). *Meaning in Context: implementing intelligent applications of language studies*. London and New York: Continuum, 2008.

MATTHIESSEN, C.; WU, C. *Computational tools for linguistic description and analysis*. Maquire University.

MUNDAY, J. *Problems of applying thematic analysis to translation between spanish and english*. Cadernos de tradução, Florianópolis, n° 3, p. 183-214, 1998.

MUNDAY, J. *Introducing translation studies: theories and applications*. London & New York: Routledge, 2001.

MUNDAY, J. *Systems in translation: a systemic model for descriptive translation studies*. In: HERMANS, T. (Ed). *Cross-cultural transgressions: research models in translation studies II. Historical and ideological issues*. Manchester, UK/ Nothampton, MA: St. Jerome: 76-92, 2002.

NEVES, M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

OCHI, A.; LAM, M. A systemic functional study of particles in japanese and cantonese: an initial exploration. "Proceedings of JASFL". vol.4, October 2010. p. 41-58.

O'DONNELL, M. *The UAM CorpusTool: software for corpus annotation and exploration*. In: Bretones Callejas, Carmen M. *et al.* (Eds.) In: *Applied Linguistics Now: understanding language and mind / la lingüística aplicada hoy: comprendiendo el lenguaje y la mente*. Almería: Universidad de Almería. p. 1433-1447, 2008.

PAGANO, A. *Organização temática e tradução*. In: ALVES, F., MAGALHÃES, C., PAGANO, A. (Org.). *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005. p. 247-299.

PAGANO, A.; FIGUEREDO, G. Gramaticalização da dor em português e espanhol: uma abordagem comparada com subsídios da linguística de córpus e da linguística sistêmico-funcional In: VIANA, V.; TAGNIN, S. (Orgs.). *Córpura no ensino de línguas estrangeiras*. São Paulo: HUB Editorial, 2011, p. 269-300.

PAGANO, A.; VASCONCELLOS, M. L. *Explorando interfaces: estudos da tradução, linguística sistêmico-funcional e linguística de córpus*. In: ALVES, F., MAGALHÃES, C., PAGANO, A. (Org.). *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005. p. 177-207.

QUIROZ, B. *Towards a systemic profile of the Spanish MOOD*, University of Sydney, 2010.

RODRIGUES, R.; PAGANO, A. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. *A organização temática em “A hora da estrela” e “The hour of the star”*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/ PosLin, 2005. (Dissertação, Mestrado em Linguística Aplicada, inédita).

ROSE, D. Some variations in Theme across languages. *Functions of Language* 8.1: 109-145, 2001.

ROSE, D. *Pitjantjatjara: a metafunctional profile*. In Caffarel, A.; Martin, J. & Matthiessen, C. (eds.) *Language Typology: a functional perspective*. Amsterdam: Benjamins, 2004, 479-537

STEINER, E. *A Functional perspective on language, action, and interpretation*. Berlin et al.: Mouton de Gruyter, 1991.

STEINER, E. *Grammatical metaphor in translation – some methods for corpus-based investigations*. In: HASSELGARD, H.; JOHANSSON, S.; BEHRENS, B. & C. FABRICIUS-HANSEN. (Eds.), *Information structure in a cross-linguistic perspective*. Amsterdam: Rodopi, 213-228, 2002.

STEINER, E.; RAMM, *On theme as a grammatical notion for german*. *Functions of Language* n° 2 (1), p. 57-93, 1995.

STEINER, E. (Translated and otherwise Interlingual) Texts Work is our Way into what, why and to what Effects. *Target. International Journal of Translation Studies* 13 (2), 343-348 (2001).

STEINER, E.; YALLOP, C. (Eds). *Exploring translation and multilingual text production, beyond content*. Berlin & New York: Mouton de Gruyer, 2001.

STEINER, E.; TEICH, E. *Metafuncional profile of the grammar of german*. In: CAFFAREL, A.; MARTIN, J.; MATTHIESSEN, C. (Eds.) *Language typology: a functional perspective*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004.

STEINER, E. *Explicitation its lexicogrammatical realization, and its determining (independent) variables – towards and empirical and corpus-based methodology*. Saarbrücken: Institut Fur Angewandte Sprachwissenschaft Sowie Übersetzen und Dolmeteschen – Universität des Saarlandes, 2005.

TEICH, E. *Contrastive linguistics and translation studies revisited*. In: GIL, Alberto (Org.) *Modelle der Translation: Grundlagen für Methodik, Bewertung, Computermodellierung*. Frankfurt am Main & Berlin: Lang, 1999.

TEICH, E. *Towards a model for the description of cross-linguistic divergence and commonality in translation*. In: STEINER, E. YALLOP, C. (Eds.) *Exploring translation and multilingual text production, beyond content*. Berlin & New York: Mouton de Gruyter, 2001.

TEICH, E. *Cross-linguistic variation in system and text: a methodology for the investigation of translations and comparable texts*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 2003.

TERUYA, K. *Metafunctional profile of the grammar of Japanese*. In: CAFFAREL, A.; MARTIN, J.; MATTHIESSEN, C. (Eds.) *Language typology: a functional perspective*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004.

TERUYA, K. *A systemic functional grammar of Japanese*. London: Continuum, 2007.

TERUYA, K. AKEREJOLA, E.; ANDERSON, T.; CAFFAREL, A. LAVID, J.; MATTHIESSEN, C.; PETERSEN, U.; PATPONG, P. and SMEDEGAARD, F. *Typology of MOOD: a text-based and system-based functional view*. In: HASAN, C. MATTHIESEN, C. and WEBSTER, J. (Eds.) *Continuing Discourse on Language. A functional perspective 859--920*. London: Equinox, 2007.

THOMPSON, G. *Introducing Functional Grammar*. London: Arnold, 2002.

TOURY, G. *Descriptive translation studies and beyond*. Amsterdam: 1995. 311p.

TRAVAGLIA, L. *O aspecto verbal no Português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

TUFANO, D. *Gramática e literatura brasileira: curso completo*. São Paulo: Paulus, 2005.

URBANO, H. *Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos*. In: NEVES, M. H. M. *Gramática do português falado*. Vol. VII Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1999.

URE, J. Practical registers (Part 1). *English language teaching*, nº 23 (2), p. 107-114, 1969a.

URE, J. Practical registers (Part 2). *English language teaching*, nº 23 (3), p. 207-215, 1969b.

WHORF, B. L. *Language, thought, and reality*. Cambridge: MIT, 1987. 278p.